

**UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA HUMANA**

ANA SYLVIA MARIS RIBEIRO

O colapso da Revolução: Crítica categorial e catástrofe capitalista em Cuba

Versão corrigida

São Paulo

2024

ANA SYLVIA MARIS RIBEIRO

O colapso da Revolução: Crítica categorial e catástrofe capitalista em Cuba

Versão corrigida

Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-graduação em Geografia Humana da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, da Universidade de São Paulo, como parte dos requisitos para obtenção do título de Doutora em Geografia.

Orientador: Prof. Dr. Anselmo Alfredo

São Paulo

2024

ENTREGA DO EXEMPLAR CORRIGIDO DA DISSERTAÇÃO/TESE

Termo de Anuência do (a) orientador (a)

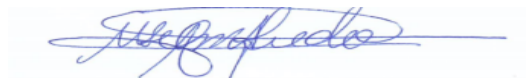
Nome do (a) aluno (a): Ana Sylvia Maris Ribeiro

Data da defesa: 21/12/2023

Nome do Prof. (a) orientador (a): Anselmo Alfredo

Nos termos da legislação vigente, declaro **ESTAR CIENTE** do conteúdo deste **EXEMPLAR CORRIGIDO** elaborado em atenção às sugestões dos membros da comissão Julgadora na sessão de defesa do trabalho, manifestando-me **plenamente favorável** ao seu encaminhamento ao Sistema Janus e publicação no **Portal Digital de Teses da USP**.

São Paulo, 16/02/2024



(Assinatura do (a) orientador (a))

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Catálogo na Publicação
Serviço de Biblioteca e Documentação
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo

R482c	<p>Ribeiro, Ana Sylvia O colapso da Revolução: Crítica categorial e catástrofe capitalista em Cuba / Ana Sylvia Ribeiro; orientador Anselmo Alfredo - São Paulo, 2023. 356 f.</p> <p>Tese (Doutorado)- Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. Departamento de Geografia. Área de concentração: Geografia Humana.</p> <p>1. Cuba. 2. Revolução cubana. 3. Crítica categorial. 4. Cotidiano. 5. Colapso da modernização. I. Alfredo, Anselmo, orient. II. Título.</p>
-------	--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

RIBEIRO, Ana Sylvia Maris. **O colapso da Revolução:** Crítica categorial e catástrofe capitalista em Cuba. Tese apresentada à Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo para obtenção do título de Doutora em Geografia.

Aprovado em:

Banca Examinadora

Prof. Dr. _____ Instituição _____

Julgamento _____ Assinatura _____

Prof. Dr. _____ Instituição _____

Julgamento _____ Assinatura _____

Prof. Dr. _____ Instituição _____

Julgamento _____ Assinatura _____

Prof. Dr. _____ Instituição _____

Julgamento _____ Assinatura _____

Dedico esse trabalho aos meus pais, Marlene e Pedro, com muito amor e gratidão. Agradeço por tudo, inclusive por terem me proporcionado o hábito da crítica.

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer, primeiramente, a todas amigas e amigos cubanos que fiz ao longo desses anos, que me acolheram, me mostraram e me esconderam a realidade do país de muitas formas. Por uma questão de segurança, porque o contexto cubano não é brincadeira, não poderei nomeá-los, mas quero dedicar meu mais profundo sentimento de gratidão e solidariedade.

Agradeço ao Anselmo, por todos esses anos de instigante orientação e amizade, além da confiança e respeito que vem depositando em meu percurso de pesquisa, desde o mestrado.

Não poderia deixar de agradecer à Vivian, do setor de intercâmbio da FFLCH, que me auxiliou gentilmente na abertura do convênio entre a *Universidad de La Habana* e à Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas – USP.

Agradeço muito à Joana, em vários aspectos, vou citar apenas alguns: por ter me ajudado a organizar o seminário “Interloquções Brasil-Cuba: Diálogo entre pesquisadores”, em 2021, e ter me apresentado a vários pesquisadores da área; Por manter uma discussão de conjuntura cubana via WhatsApp, enquanto eu estava em trabalho de campo em Cuba, em plena pandemia; e agradeço por sua importante e vasta pesquisa, que serviu de base para uma parte considerável das discussões e crítica categorial do capital, a partir da análise da particularidade da modernização cubana, que aqui proponho. A crítica teórica não invalida o respeito e admiração que tenho pelo seu trabalho.

Agradeço aos participantes do seminário Brasil-Cuba: Mariana, Silvia, Gabriel, Vanessa, Aline, Giselle, Júlio, Alexsandro e Thiago por terem compartilhado um pouco de sua pesquisa sobre Cuba. Aprendi muito com todos e com todo processo.

Agradeço ao prof. Fabio Santos da UNIFESP e do PROLAM – USP, por ter me convidado a palestrar em seu curso oferecido pelo Centro de Pesquisa e Formação do SESC – SP, entre abril e maio de 2022, e a escrever um artigo sobre o cotidiano em Cuba e suas “lutas”, como parte do segundo volume da coleção “Cuba no Século XXI: Dilemas da Revolução”, a ser lançado brevemente.

Agradeço muitíssimo a professora Amélia, por me ensinar tanto ao longo desses 21 anos de geografia e ser uma inspiração de pessoa e pesquisadora. Aprendi a fazer trabalho de campo com ela.

Agradeço ao Carlão e aos meus amigos de pós-graduação, tanto do grupo de sexta, quanto do grupo Marx e da dissociação: Fabião, Juliana Henrique, Anselmo Barreto, Luciana,

Talita, Anderson, Guilherme, Wesley, Ceci, Tatá, Daniel, Milena, Renato, Ladis, Emerson, Sara, Felipe, Rinaldo, Walid, Matheus, Arthur... tem mais gente...

Agradeço ainda aos meus amigos de longa data, alguns desde a infância, que sempre me apoiaram e torceram por mim nessa caminhada, que implica tantas ausências. Primeiramente Fábio Lyra, obrigada por ser a “lira” do meu dia a dia e compartilhar o lar e a reprodução do cotidiano capitalista comigo ao longo desses anos. Agradeço por me propor e embarcar em constantes desvios dentro do mesmo, que deixam nossa jornada mais prazerosa. Mafuane e Elissa pelo amor e amizade desde o ensino médio. Júlia, Luíz, César, Bruna, Paulinha, Teresa, Maíra, Tuti, Déia, Vacão, Rosana, Isa, agradeço pelo amor, carinho e pela força!

Agradeço ao meu irmão e à minha cunhada por estarem comigo e ressignificarem os laços familiares. Agradeço ao meu marido, Carlos, por enfrentar fronteiras internacionais para fluir ao meu lado.

Agradeço, por fim, com muito amor, aos meus pais – principalmente à minha mãe Marlene – que infelizmente não estão mais aqui, mas continuam vivendo em mim.

Esta pesquisa contou com o apoio financeiro da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES).

“O pensamento não-ingênuo sabe o quão pouco alcança o que é pensado, e, no entanto, sempre precisa falar como se o possuísse inteiramente. Isso o aproxima de uma cena de *clowns*.”

Theodor W. Adorno

RESUMO

RIBEIRO, Ana Sylvia Maris. **O colapso da Revolução:** Crítica categorial e catástrofe capitalista em Cuba. 2023. 315 f. Tese (Doutorado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2023.

A presente pesquisa de doutorado discute a forma particular de existência e reprodução crítica das categorias capitalistas em Cuba, desde a Revolução. Desse modo, o dinheiro, o trabalho e a mercadoria são investigados enquanto formas sociais capitalistas que mediam a sociabilidade cubana de forma particularmente crítica, submetidas à centralização estatal e à Revolução como processo de modernização periférica socialista. A crítica ao processo de modernização ensejada pela Revolução cubana, por sua vez, articula-se à crítica ao capitalismo como contradição em processo, com a consideração da dinâmica de acumulação e crise do bloco soviético socialista como parte integrante da totalidade capitalista, fragmentada e contraditória. A crítica às categorias do capital em Cuba passa pela discussão da tentativa do Estado revolucionário em monopolizá-las e geri-las, e se combina à crítica ao patriarcado que se estabeleceu no país, sobretudo associado a políticas de coerção ao trabalho, impostas como momento constitutivo da modernização. A partir da consideração do cotidiano como dimensão contraditória da reprodução social, e da crítica do valor dissociação como perspectiva teórica, a pesquisa caminha por níveis da cotidianidade que se apresentam como “interferências” à escrita formal e ao corpo do texto. Tais “interferências” sinalizam a dimensão do colapso da Revolução que escapa à crítica teórica lida estruturalmente. Diante do recrudescimento da crise do capitalismo em nível mundial, nas últimas décadas, a pesquisa se desdobra na discussão sobre o caráter catastrófico da reprodução econômica e social cubana na atualidade. Assim, o espetáculo e o capital fictício são analisados enquanto formas de mediação necessárias à manutenção da reprodução social nos termos capitalistas, frente à impossibilidade da exploração rentável da força de trabalho na ilha, que aponta para o colapso da Revolução cubana e para crise mundial do capital como processo de valorização.

Palavras-chave: Cuba. Revolução cubana. Crítica categorial. Cotidiano. Colapso da modernização.

ABSTRACT

RIBEIRO, Ana Sylvia Maris. **The collapse of the Revolution: Categorical critique and capitalist catastrophe in Cuba 2023.** 315 f. Tese (Doutorado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2023.

This doctoral research discusses the particular form of existence and critical reproduction of capitalist categories in Cuba since the Revolution. In this way, money, work and merchandise are investigated as capitalist social forms that mediate Cuban sociability in a particularly critical way, subject to state centralization and the Revolution as a process of peripheral socialist modernization. The critique of the process of modernization brought about by the Cuban Revolution, in turn, is linked to the critique of capitalism as a contradiction in process, taking into account the dynamics of accumulation and crisis of the Soviet socialist bloc as an integral part of the capitalist totality, which is fragmented and contradictory. The critique of the categories of capital in Cuba includes a discussion of the revolutionary state's attempt to monopolize and manage them, and is combined with a critique of the patriarchy that was established in the country, above all associated with policies of coercion of labour, imposed as a constitutive moment of modernization. Based on the consideration of everyday life as a contradictory dimension of social reproduction, and the critique of the value of dissociation as a theoretical perspective, the research moves through levels of everyday life that present themselves as "interferences" to the formal writing and the body of the text. These "interferences" signal the extent of the Revolution's collapse, which escapes theoretical criticism that is read structurally. Faced with the resurgence of the crisis of capitalism worldwide in recent decades, the research unfolds in a discussion about the catastrophic nature of Cuban economic and social reproduction today. Thus, the spectacle and fictitious capital are analyzed as forms of mediation necessary to maintain social reproduction in capitalist terms, given the impossibility of profitable exploitation of the workforce on the island, which points to the collapse of the Cuban Revolution and the global crisis of capital as a process of valorization.

Keywords: Cuba. Cuban revolution. Categorical critique. Everyday life. Collapse of modernization.

SUMÁRIO

<u>Apresentação e método</u>	13
-------------------------------------------	-----------

Capítulo 1: Do colonialismo ao Imperialismo: a modernização da produção açucareira e das relações de produção em Cuba

<u>1.1 – Introdução</u>	20
<u>1.2 – Desenvolvimento das forças produtivas e tensões na passagem do trabalho escravo para o trabalho livre na produção açucareira cubana</u>	20
<u>1.3. – A modernização imperialista de Cuba</u>	31
<u>1.4 – Breve exposição teórica sobre a contradição do desenvolvimento das forças produtivas</u>	52
<u>1.5 – O imperialismo para além dos interesses de classe</u>	58

Capítulo 2: A Revolução cubana como modernização periférica

<u>2.1 – Introdução</u>	70
<u>2.2 – Revolução cubana: Reformas, nacionalizações e horizontes</u>	73
<u>2.3 – Estrutura de propriedades e relações de produção após a primeira reforma agrária cubana: Discussão a partir da pesquisa de Vasconcelos</u>	86
<u>2.4 – As diferenças entre o Sistema Orçamentário de Financiamento e o Cálculo Econômico, segundo a exposição de Guevara</u>	93
<u>2.5 – A ofensiva revolucionária</u>	98
<u>2.6 – O “homem novo”, as “enfermidades sociais” e o projeto de masculinização nacional</u>	105
<u>2.7 – As UMAPs e o trabalho forçado em Cuba</u>	121
<u>2.8 – Crítica à economia política socialista enquanto mercado planejado, segundo Robert Kurz</u>	136

Capítulo 3 - Espetáculo midiático cubano: A Revolução enquanto representação e sua crise

<u>3.1 - Prelúdio</u>	149
<u>3.2 – Aproximações e tensões entre os pressupostos do marxismo tradicional presentes na</u>	

<u>sociedade do espetáculo e a crítica do valor dissociação</u>	154
<u>3.3 – O monopólio estatal dos meios tradicionais de comunicação</u>	167
<u>3.4 – A internet em Cuba, o espetáculo concentrado e a "queda dos referenciais"</u>	182
<u>3.5 — “La dictadura del algoritmo”</u>	194

4 - Crise fundamental do capital e o caráter catastrófico da reprodução social cubana

<u>4.1 – O chamado Período Especial</u>	212
<u>4.2 – Da revolução energética às termoeletricas flutuantes: expansão e crise do capital fictício em Cuba</u>	227
<u>4.3 – Breve análise sobre a nova Constituição cubana</u>	232
<u>4.4 – O trabalho <i>cuentapropista</i> e o turismo em Cuba</u>	244
<u>4.5 - A liberação da compra e venda de imóveis no país</u>	269
<u>4.6 - Investimentos estrangeiros em Cuba</u>	276
<u>4.7 - A criação da ZED e o porto de Mariel</u>	279
<u>4.8 - O fim da dupla moeda e a <i>Tarea Ordenamiento</i></u>	296
<u>4.9 – Mercadoria e dinheiro em Cuba: a "luta" cotidiana pelo acesso a bens de consumo</u>	301
<u>4.10 – Crise de superprodução e exportação de trabalhadores complexos</u>	329
<u>4.11 – Os aspectos catastróficos da reprodução social cubana, ou, a catástrofe como forma de reprodução social</u>	332

Considerações finais	347
-----------------------------------	------------

Referências bibliográficas	353
-----------------------------------------	------------

Apresentação e método

Não vou negar que a escolha pelo estudo da particularidade cubana frente à crise do capitalismo e colapso da modernização, na presente tese, foi movida por paixões. Paixão pelo estudo, por Cuba, pela ideia de socialismo como possibilidade de transformação do mundo... Tais paixões impulsionavam meu interesse pela crítica do capital e do capitalismo como forma de dominação social. Porém, se a escolha por criticar o capitalismo e suas categorias a partir da investigação da vida cotidiana em Cuba foi movida por essas e outras tantas paixões, o caminho de seu desenvolvimento, seu processo, foi de muitos lutos.

Dessa maneira, a crítica categorial do capital em Cuba teve que passar necessariamente pelo momento de “digestão da experiência de sofrimento no capitalismo de crise” (KURZ, 2007), como crítica da ontologia capitalista e do caráter destrutivo dessa forma de mediação social, que o socialismo e a política cubana não lograram suprimir. E nem poderiam.

A princípio, quando comecei a elaborar o projeto do doutorado, em 2016, Cuba vivia o auge da expansão do turismo promovido pela aproximação das relações com os Estados Unidos, durante o governo de Barack Obama. Sem contar que o país experimentava intensas mudanças nas relações de propriedade, trabalho e capital, que sinalizavam sua abertura econômica em direção ao mercado mundial capitalista, além da ascensão social de uma camada da população dedicada ao trabalho *cuentapropista*¹. No entanto, primeiro com a eleição de Trump e o retrocesso nas relações entre os dois países e, posteriormente, com a crise mundial desdobrada com a pandemia de COVID 19, a pesquisa teve que se transformar...

A construção das discussões aqui propostas se faz fundamentada no resgate da teoria da crise de Marx, bem como nas elaborações de autores que procuraram desenvolver essa teoria com base nos desdobramentos históricos e contraditórios do capitalismo nos séculos XX e XXI. Nesse sentido, considere as discussões de Kurz (1993; 2014) sobre a crise fundamental do capital e colapso da modernização, além da teoria das catástrofes, trazida a ciências sociais por Lefebvre (2009), no intuito de mover o entendimento e a crítica em relação à crise e reprodução do capital e de suas categorias. A preocupação com a crítica categorial do capital, por sua vez, se estabelece devido ao aprisionamento da reprodução social a tais formas categoriais, as quais atuam como formas de mediação social que conformam o sistema social como totalidade capitalista.

¹ As transformações nas relações de trabalho, propriedade e capital que ocorriam em Cuba naquele momento foram orientadas pelos *Lineamientos de la política económica y social del Partido y la Revolución*, aprovados em 2011. Abordaremos essa questão no capítulo 4.

A crítica do valor, como relação social que fundamenta a mercadoria, o dinheiro e o trabalho, estabelecidos como formas sociais modernas, combina-se à crítica da dissociação (SCHOLZ 2008), enquanto momentos obscurecidos da sociabilidade capitalista necessários à sua reprodução. Tais categorias, enquanto formas sociais, têm uma forma particular de existência em Cuba, uma vez que o país não está fora dessa totalidade. É por meio do estudo e crítica categorial da particularidade cubana que propomos avançar com a crítica à totalidade capitalista, como patriarcado produtor de mercadorias.

A totalidade é uma categoria importante para a Geografia brasileira pelo menos desde a década de 1970, com as elaborações de Milton Santos acerca das especificidades do processo de modernização dos países considerados subdesenvolvidos e, posteriormente, em sua conhecida crítica à globalização perversa².

A Revolução cubana teve grande impacto na geopolítica mundial e especial influência nos países latino-americanos. Intelectuais marxistas brasileiros na Geografia, mas não só, partilhavam das esperanças que a Revolução e o socialismo florescentes na Ilha representavam, enquanto forma possível de desvendamento do futuro e da “nova época de civilização” na América Latina. Na Geografia brasileira o socialismo, ou mesmo a social-democracia, continuam sendo colocados como horizonte de transformação social para superar as desigualdades internas e o subdesenvolvimento em relação aos países centrais do capitalismo. Contudo, o colapso da URSS no final da década de 1980, e o fim do socialismo real, sobretudo nos países do leste europeu na década de 1990, marcou o fim de uma época à perspectiva marxista tradicional e uma crise qualitativamente nova na economia e reprodução social cubana. Do ponto de vista da América Latina e do mercado mundial, a crise também se desdobrava, sinalizando a dimensão e os termos da crise do capital em sua globalidade.

A persistência de Cuba como regime socialista, para além do colapso da URSS e do chamado Período Especial, ressalta a particularidade da forma de reprodução social cubana diante da crise mundial e dos processos chamados neoliberais, que se estabeleceram na América Latina na década de 1990. O fim do socialismo real na maior parte dos países que o adotaram foi entendido pelo senso comum e por alguns intelectuais como uma vitória do capitalismo. Uma vitória que aparentemente pegou de surpresa até os chamados “vencedores”³. Pensando o movimento de crítica às categorias da economia política desenvolvida por Marx,

²Sobre o assunto, ver: SANTOS, Milton. **Por uma Geografia Nova: da crítica da Geografia a uma Geografia Crítica**. 3ª edição. São Paulo: HUCITEC, 1986; SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização – do pensamento único à consciência universal**. Rio de Janeiro: Record, 2006.

³Essa discussão é desenvolvida por Robert Kurz em seu livro “O colapso da modernização: da derrocada do socialismo de caserna à crise da economia mundial” (3ª ed. São Paulo, Paz e Terra, 1993).

principalmente em *O Capital*, adotei a perspectiva da crítica do valor-dissociação como possibilidade de compreender a particularidade da crise categorial do capital em Cuba, presente desde a década de 1970, mas que se manifestou mais intensamente na década de 1990, levando o país e a Revolução ao colapso na segunda década do século XXI. Nesse sentido, o exercício da dialética negativa, numa aproximação cuidadosa em direção ao pensamento de Adorno (2009), poderia nos levar a desdobrar a diferença entre a particularidade categorial cubana e a totalidade capitalista, cujas determinações internas à reprodução social são ditadas pela totalidade. A particularidade não é idêntica ao todo, pelo contrário, ela aparece como fenômeno que nega sua essência universal.

A preocupação com a totalidade enquanto categoria constitutiva do capitalismo – assim como o entendimento de suas fases históricas – esteve presente nas discussões marxistas entre as mais variadas formas do conhecimento científico e teve como principal ponto de partida da análise os esquemas de reprodução desenvolvidos por Marx no volume II d'O Capital. Sob o contexto de guerras e crises econômicas que caracterizavam o chamado Imperialismo na primeira e segunda década do século XX, a constituição da metafísica real do capital e o problema posto à sua reprodução enquanto sistema social global passa a ser objeto de análise e crítica de autores marxistas clássicos como Rosa Luxemburgo e Lenin. O desenvolvimento crítico e contraditório do capitalismo pressupunha, segundo Mandel, a "criação de um meio sócio-geográfico adequado a suas necessidades", o mercado mundial⁴. A temática da dependência e dominação surge, assim, como questão que ultrapassa os limites disciplinar da Geografia, mas que não deve ser deixada de lado por ela, sob risco desta ciência produzir e legitimar os fundamentos desta forma de dominação⁵.

Em vista disso, a crítica categorial aqui desenvolvida objetivou ir além da análise da luta de classes como fundamento do capitalismo, se voltando para o aspecto fetichista do capital e de suas categorias: valor, mercadoria, dinheiro e trabalho, principalmente. Tais categorias não são “neutras”, e não se encontram simplesmente a espera de serem manipuladas politicamente. Elas constituem uma forma de dominação social que parece escapar ao domínio dos homens e das instituições, inclusive estatais, ainda que estes atuem em nome dessas formas.

A transformação da sociedade cubana aponta para o caráter negativo da reprodução do sistema produtor de mercadorias como um todo, com a produção de novas desigualdades, crise do trabalho, crise política, crise social e sanitária e morte de uma parcela significativa da

⁴Sobre o assunto, ver: MANDEL, E. **Capitalismo tardio**. 2ª ed. São Paulo, Nova cultural, 1985.

⁵Sobre o papel histórico da ciência geográfica nos processos de dominação social ver: LACOSTE, Yves. *geografia – isso serve, em primeiro lugar, para fazer a guerra*. Campinas: Papirus, 1988. 240p.

população mundial, para além da pandemia de COVID 19. Nesse sentido, é preciso dizer que o nosso pressuposto teórico é a crise da modernização, enquanto dinâmica histórica capitalista movida pela contradição em processo das relações de dissociação-valor. Discutiremos os sentidos dessa formulação ao longo de toda tese. Entretanto, longe de querermos reafirmar este pressuposto teórico como lei ou modelo instrumentalizado de pesquisa, os sentidos da crise como contradição em processo do patriarcado capitalista apontam para a necessidade da crítica às formas sociais que mediam as relações entre pessoas e destas com as coisas – estas últimas constituídas na forma fantasmagórica das mercadorias e refletidas no brilho ofuscante do dinheiro (Marx, 1988). Assim, a tese se constitui como crítica às formas de mediação social do dinheiro, da mercadoria, do trabalho e do patriarcado, principalmente, segundo a forma como elas aparecem no estudo da particularidade cubana.

O estudo da particularidade cubana, por sua vez, é mediado pela nossa confrontação com teorias que versam sobre a história de formação do país, sobre a Revolução de 1959, e sobre a crise do chamado *Período Especial*. Tal confronto e enfrentamento não poderia ser realizado sem ser mediado com a experiência obtida em trabalho de campo. Nossa experiência em campo fundamenta-se em seis momentos que visitamos a ilha, permanecendo alguns meses no país em cada ocasião: a princípio, em 2009 e 2015, na condição de viajante e turista; em 2019, 2021, 2022 e 2023, na condição de turista pesquisadora.

A condição de turista, mesmo nos momentos formais, durante os meses de trabalho de campo, nunca me deixou, nunca foi superada, sobretudo enquanto identificação imediata e fenotípica. Isso ocorreu, em parte, pela própria relação que Cuba, enquanto Estado Nacional, estabeleceu nas três últimas décadas com o turismo, enquanto agenciamento da visita estrangeira como principal fonte de ingresso de divisas no país, seja como turismo caribenho de lazer (o principal), mas também turismo de negócios, de eventos e, não menos importante, o turismo acadêmico e de formação em diversas áreas, sendo medicina e cinema as que mais observei em campo.

Durante o trabalho de campo, recorri a experiência que obtive nos anos de formação no curso de Geografia da Universidade de São Paulo, onde caminhei principalmente pelas problemáticas anunciadas pela geografia urbana de viés crítico e tributária da obra de Henri Lefebvre, que tem como questão fundamental a análise crítica à vida cotidiana. A consideração do cotidiano como categoria do capital e de análise, se estabelece, nessa tese, enquanto tentativa de desvendamento das relações de produção e, sobretudo, de reprodução capitalistas, que estão postas para além da fábrica, nas cidades e nos espaços-tempos do não trabalho. Ultrapassando

a dimensão fenomenológica do cotidiano, a posição crítica em relação à socialização primária promovida pela família, bem como pelo dinheiro, nos possibilita pensar nas formas abstratas que atravessam a cotidianidade, no atual momento de crise fundamental do capital.

O momento de crise fundamental do capital exige diferentes aproximações para promover a crítica às contradições próprias à forma de reprodução do capital financeiro e fictício. Em vista disso, considere o cotidiano, em consonância com as elaborações de Lefebvre (1969, 1991) como categoria constitutiva do capitalismo e momento necessário para discutir a relação contraditória entre os tempos de trabalho e não trabalho, postos à sociedade cubana. A medida da riqueza da sociedade, retendo seu caráter contraditório, não se constitui mais como a exploração abstrata de trabalho social, mas sim como produção de tempo livre, pois tudo virou uma condição de reprodução do capitalismo, inclusive o não-trabalho, o que, segundo Lefebvre (1991), leva à constituição do cotidiano, um tempo livre que não aparece como desenvolvimento pleno do “humano”. A limitação da crítica à vida cotidiana, segundo o autor, se dá porque todos os indivíduos se encontram ao nível da sobrevivência mediada pelo dinheiro. Entretanto, a crise econômica (que é tratada aqui como uma crise fundamental do capital) obscurece a crítica à vida cotidiana, pois a crise social não expõe a necessidade de se fazer à crítica a essa dimensão, somente a alcançá-la. Nesse sentido, para Lefebvre (1991), a satisfação real, superada em fruição, mesmo sob o regime socialista, não ocorre porque não há a superação do trabalho. Todo tempo se torna tempo de produção e reprodução. Dessa forma, a racionalidade burguesa, seus termos enquanto universalidade, se estende para além do espaço-tempo do trabalho, porque o burguês, para o autor, enquanto personificação, ou ainda, a moral burguesa, se constitui na moral do Estado e, enquanto normalidade, na moral do trabalho (1969).

Debord (2011) também realiza a crítica a esse novo momento do capitalismo, chamando a atenção ao processo de fragmentação das formas sociais que vão constituir uma cisão na proximidade. O autor aponta para a “colonização” da vida cotidiana pelo espetáculo e pela mercadoria, em que as coisas não se explicariam por elas mesmas, chamando atenção para a natureza do processo que se expressa, mas que ao mesmo tempo se esconde quando lido sistemicamente (DEBORD, 1997). A cotidianidade, portanto, apresenta um dilaceramento, se coloca como totalidade cindida que tem uma certa pulsão, mas que deve ser lida negativamente. Todo esse movimento é simultaneamente ligado à lógica formal que serve à lógica da mercadoria – lógica tautológica do capital – e essa se generaliza como forma de conhecimento científico, que carece de ser negado por um movimento de crítica não mais afirmativa do

capital, mas negatória em seu sentido categorial, “como digestão da experiência de sofrimento no capitalismo de crise” (KURZ, 2007) e crítica à totalidade capitalista.

É claro que a minha presença “turística”, durante o trabalho de campo no país, de alguma forma, alterava o cotidiano das pessoas e o contexto no qual estava inserida. Por isso, adotei algumas estratégias para acessar e criticar a vida cotidiana em Cuba. Essas estratégias não são aleatórias: elas encontram e, ao mesmo tempo, desviam da noção de “níveis” elaborada por Lefebvre, ao considerar o cotidiano como dimensão fundamental e contraditória da reprodução social capitalista, em diversos momentos de sua obra. A consideração de “níveis” do cotidiano – mais do que responder às reflexões do autor em relação ao vivido, percebido e concebido, postos como prática espacial, espaço de representação e representação do espaço, enquanto movimento histórico de uma tríade dialética – ocorre devido a possibilidade de crítica ao conceito de sistema e ao estruturalismo da linguagem, que essa abordagem promove.

A partir da consideração do cotidiano como dimensão contraditória da reprodução social, e da crítica do valor dissociação como perspectiva teórica, a pesquisa caminha por níveis da cotidianidade que se apresentam como “interferências” à escrita formal e ao corpo do texto. Tais “interferências” abalam a certeza objetual que vem da linguagem “cujas estruturas se identificam com o ‘real’” (LEFEBVRE, 1991, p. 13). Nesse sentido, os diferentes níveis do cotidiano não necessariamente se articulam, sendo, antes, marcados por desníveis, rupturas que se negam e contradizem a coerência formal da escrita. Esse movimento não é por acaso, visa tensionar a linguagem como momento estrutural e fetichista do mundo das mercadorias e do capital, cuja realidade é constantemente identificada com a narrativa. Assim, as “interferências” presentes na escrita monográfica sinalizam a dimensão do colapso da Revolução que escapa à crítica teórica lida estruturalmente.

A primeira estratégia de “captação de interferências” foi pensada em 2019, diante da dificuldade formal e política de encaminhar o trabalho de campo com entrevistas, mesmo que não diretivas, assim como gravar conversas e elencar interlocutores. Na época, estava tentando um estágio na Faculdade de Geografia da *Universidad de La Habana*, e a professora que seria minha supervisora me alertou sobre a necessidade de autorização oficial para a realização de entrevistas e registros fotográficos e em áudio dos trabalhos de campo. O estágio acabou não ocorrendo. Ainda assim, frente à saga e desgosto com os processos oficiais em Cuba, me concedi a licença literária e filosófica, quiçá pouco poética, de reproduzir e recriar trechos de minhas anotações e diários de campo na forma de interferências. Algumas anotações são mais literais, outras transitam por ruídos, ecos, ruminações, perseguições, sensações e emoções que

de modo algum excluem a minha subjetividade e as identidades que me assombram enquanto sujeita pesquisadora, mulher, branca, estrangeira e prenhe de contradições, em cada experiência relatada. Dessa maneira, me incluo criticamente ao tratar do nível vivido do cotidiano, para contar sobre ele. Toda essa experiência carrega a riqueza de ser altamente questionável e aberta a crítica e à negação.

Outro nível do cotidiano tratado como interferência, e de igual importância crítica, corresponde a trechos da programação televisiva cubana, como tentativa de abordar a concepção estatal em relação ao processo crítico de reprodução social no país. Por fim, também recorri a fragmentos do livro *“El nido de la serpiente”* de Pedro Juan Gutiérrez (2016), com intuito de retratar parte da percepção cotidiana na década de 1960, do ponto de vista da crítica ao processo social revolucionário que se estabelecia em Cuba, enquanto momento de modernização periférica socialista.

É preciso dizer que a não tradução das falas, escritos, informes etc. que estão em língua espanhola foi proposital: ela compõe o “jogo” experimentado durante o trabalho de campo, estudo e escrita da tese, entre a confluência de duas línguas próximas, mas com rítmicas completamente diferentes. O espanhol como idioma revela os sentidos perdidos ou escondidos pela língua portuguesa, e vice-versa.

Por fim, essa tese não carrega a pretensão de esgotar o assunto sobre a crise cubana ou ainda dizer sobre a verdade das coisas e da realidade no país. Procurei, antes, tecer um caminho de crítica e questionamentos de alguns enunciados que reafirmam, de diferentes formas, o socialismo e o cotidiano em Cuba como “o outro” do capitalismo. Nesse sentido, busquei explorar as diferenças próprias a particularidade cubana como momento negativo das categorias e reprodução global capitalista, segundo os termos da contradição que move a dialética negativa e destrutiva do capital.

Capítulo 1: Do colonialismo ao Imperialismo: a modernização da produção açucareira e das relações de produção em Cuba

1.1 – Introdução

Antes de tratarmos do período revolucionário, realizaremos uma breve discussão categorial acerca do momento colonial e da república submetida ao imperialismo estadunidense, antes da Revolução. Esse resgate se dá na tentativa de apreender o movimento categorial do trabalho e da produção açucareira – sendo o açúcar a principal mercadoria cubana – em processo contraditório de formação, reprodução e crise. Nesse aspecto, partimos da sugestão teórica de Robert Kurz ao propor um movimento de pensamento que se afaste da contraposição de “modelos abstratos de sociedade”: “capitalista vs. socialista, democrático vs. totalitário, concorrencial vs. estatista, burguês vs. proletário etc.” (Kurz, 1993, p. 9-10). Tampouco o afastamento de contraposições significa o estabelecimento de identidades imediatas e positivas entre particularidades. Procuramos considerar, em conformidade com o autor, porém sob a consideração da particularidade cubana em relação às categorias do capital, o movimento contraditório que conforma a totalidade capitalista fragmentada, como sistema mundial e patriarcal produtor de mercadorias.

1.2 – Desenvolvimento das forças produtivas e tensões na passagem do trabalho escravo para o trabalho livre na produção açucareira cubana

Nas últimas décadas do século XIX, os Estados Unidos era o principal importador dos produtos cubanos – quase 10 vezes mais que a Espanha. Esta última ficava com os ganhos fiscais dessas exportações, de caráter fundamentalmente açucareira. Dessa forma, Oliva (2015, p. 10) afirma que Cuba se tornou colônia econômica dos Estados Unidos quando politicamente ainda era colônia da Espanha.

A economia cubana, desde pouco antes da independência lograda com a intervenção dos Estados Unidos em 1898, consistia na produção açucareira destinada às refinarias norte-americanas⁶. Ao mesmo tempo, dos Estados Unidos provinha cerca de 20% das importações

⁶ O açúcar cubano destinado ao mercado estadunidense nas últimas décadas do século XIX não era um produto final, sendo de fato refinado apenas nos Estados Unidos. Segundo Oliva (2015, p. 10): “*Los modernos centrales, en su conjunto, producían más azúcar que los anteriores, con costes competitivos y un producto calidad muy*

cubanas (FERNANDES, 2007, p. 57). O comércio de Cuba com a Espanha, no final do período de colonização, se restringia a produtos tradicionais, sendo o ganho metropolitano concentrado principalmente na cobrança de impostos (OLIVA, 2015, p. 10). Fernandes (2007, p. 40) resume a transição da dominação colonial espanhola em Cuba, para a dominação imperialista estadunidense da seguinte forma:

Temos, assim, um longo período de dominação colonial espanhola, que chega aos fins de 1898 e não dá início a um Estado soberano (ou “nacional”) propriamente dito. As pressões abertamente anexionistas dos Estados Unidos cristalizaram-se nos fins do século 19 e foram endossadas pelos interesses espanhóis. Estes, “com o ânimo de conservar uma boa parte do predomínio alcançado em Cuba, preferiram aliar-se ao jovem e agressivo imperialismo estadunidense” [...]. (FERNANDES, 2007, p. 40)

Antes de analisarmos a modernização do capitalismo pós-colonial em Cuba, sob julgo imperialista estadunidense, discutiremos brevemente as contradições e tensões que envolveram a passagem do trabalho escravo para o trabalho livre, na produção açucareira cubana, além do desenvolvimento das forças produtivas e centralização dos capitais na colônia, impulsionados pelo capital financeiro norte-americano. Embora já houvesse trabalho livre em Cuba no período colonial – principalmente nas *haciendas* tabaqueiras e manufaturas urbanas (FERNANDES, 2007, p. 44-47) – coexistindo com o trabalho escravo, a ponta de lança da economia colonial no século XIX foi a produção açucareira baseada no trabalho escravizado.

Segundo Fernandes (2007, p. 47), a escravidão era “a base fundamental da exploração colonial da Espanha, contra a qual era delituoso atentar”⁷. A implantação da escravidão negra em Cuba, embora tenha ocorrido desde o princípio da colonização espanhola, atingiu seu ápice no século XIX, atrelada ao sistema de *plantation*, que por sua vez, se valia “dos privilégios decorrentes do monopólio da terra e dos direitos conferidos pela Coroa” às *haciendas* e aos *hacendados*⁸ (FERNANDES, 2007, p. 44).

superior. Pero los granos de sacarosa extraídos de la caña estaban cubiertos de azúcares no cristalizables. No eran un producto final y requerían ser depurados para lograr blancos cristales de azúcar puro. La isla se convirtió en el gran suministrador de las refinerías norteamericanas que ganaron el valor agregado de esta fase final productiva”.

⁷ Fernandes (2007, p. 47) nessa passagem e em outras ao longo de sua obra, elabora suas reflexões sobre colonialismo em Cuba fundamentado nos estudos de história e etnografia de Fernando Ortiz.

⁸ As *haciendas* eram grandes propriedades de terras destinada a monocultura de produtos tropicais da época colonial, concedida aos *hacendados* pela Coroa espanhola, que produziam segundo o esquema de *plantation*,

Nesse sentido, Oliva (2015, p. 9-10) aponta, em conformidade com Fernandes (2007), que o boom açucareiro cubano baseado no trabalho escravo estava, por sua vez, relacionado à formação de uma sacarocracia local, que chamou de “criolla”. Para o autor, o desenvolvimento dos engenhos “primitivos”, no final do século XVIII e princípio do século XIX, foram responsáveis por gerar os primeiros núcleos urbanos da Ilha.

Diferentemente de Oliva (2015, p. 10), que em seu ensaio histórico econômico, afirma o caráter de dominação colonial indireta exercido pela Espanha no século XIX em Cuba, por meio da cobrança de tributos fiscais e ganhos burocráticos administrativos, Fernandes (2007, p. 48) ressalta a dominação direta espanhola e a indisponibilidade dos “estamentos privilegiados” cubanos “de uma base material para desafiar a dominação colonial e tentar deslocá-la em proveito próprio”. No entanto, Fernandes reconhece que a metrópole espanhola foi obrigada a ceder em relação ao “pacto colonial exclusivo, permitindo a Cuba, em 1818, vender seu açúcar aos Estados Unidos” (2007, p. 57). Segundo o autor:

A Espanha demonstrou certa flexibilidade na condução de seus negócios econômicos e dos seus assuntos políticos, o que se tornou possível graças à colaboração ativa ou passiva dos estratos mais importantes dos estamentos proprietários. Muitas alterações entraram na categoria dos fatos consumados. Outras nasceram como imposições das próprias alterações socioeconômicas, que não poderiam ser detidas: o impulso capitalista vinha rente à revolução econômica dentro da ordem colonial e não havia como detê-lo. A Espanha teve de avançar para prevenir o pior, através de concessões ou de inovações que pressupunham mudanças político-legais funcionais para ajustar a dominação direta aos avanços realizados ou em processo, pelos quais os estamentos privilegiados ganhavam maior autonomia relativa e Cuba podia aproveitar melhor os novos fluxos do capitalismo comercial, nas relações com os países europeus e, principalmente, com os Estados Unidos. (FERNANDES, 2007, p. 51)

baseada principalmente na exploração de trabalho escravo. Segundo Fernandes (2007, p. 44-45) [...] Castela procurou impedir uma estrutura fundiária feudalizante e, por isso, os privilégios decorrentes do monopólio da terra e dos direitos conferidos pela Coroa não passavam de uma ou duas gerações, Contudo, os hacendados contaram com a franquia ou a imunidade de suas propriedades agrárias [...] Só em 1848 é que se tornaria possível renunciar a tal privilégio; e é somente de 1865 em diante que os novos engenhos deixam de gozar do “benefício” ou imunidade legal [...]. Por conseguinte, o desaparecimento do “privilégio imobiliário e industrial” do hacendado marca uma etapa na penetração do capitalismo mercantil no controle global da produção dos engenhos. ((marca em realidade, as determinações do capital monopolista financeiro estadunidense que estava comprando terras.

As “alterações socioeconômicas” e “impulso capitalista” a que se refere Fernandes dizem respeito ao crescimento da população escravizada, ao mesmo tempo em que ocorria uma “revolução tecnológica” na produção de açúcar em Cuba no século XIX (FERNANDES, 2007, p. 48-56)

Oliva (2015, p. 9) relaciona o desenvolvimento da produção intensiva de açúcar de beterraba na Europa como um momento concorrencial fundamental para o desenvolvimento das forças produtivas de Cuba na produção de açúcar de cana. Nesse sentido, o autor descreve brevemente o processo que enseja a modernização da produção açucareira cubana, ainda no século XIX. Nessa descrição, Oliva menciona as inovações aplicadas ao processo de produção e refino do açúcar, bem como o desenvolvimento da ferrovia como sistema de transporte açucareiro, além das inovações técnicas e científicas que possibilitaram uma “revolução tecnológica” na produção açucareira cubana⁹:

En el entorno de 1800 ya se coqueteaba con la aplicación del vapor a los trapiches de caña. Aparecieron los molinos horizontales dispuestos en tándem. El cuello de botella que ello origino en la casa de calderas tuvo solución con los equipos al vacío e intercambio de calor. En 1840 se creó la centrifuga capaz de separar, eficazmente y en pocos minutos, la miel del azúcar cristalizado. El último punto de estrangulamiento de aquel modelo se trasladó al transporte de la caña que finalmente fue resuelto con la aplicación del ferrocarril en el último cuarto del siglo XIX. No debe confundirse la aplicación de este medio en el transporte de azúcar, carga y pasajeros, que en Cuba tuvo lugar tan temprano como en 1837. El acarreo de caña desde los campos hasta el central se aplicó después de la revolución tecnológica que convirtió a los ingenios primitivos en centrales. O sea, ya en la segunda mitad del siglo XIX. (...) También se desarrollaron medios de medición, control y análisis que permitieron tecnificar la producción. Con esta nueva tecnología se lograba una sacarosa de calidad muy superior y a más bajo costo. Pero los esclavos eran incapaces de operarla eficientemente. Se requería mano de obra asalariada. (OLIVA, 2015, p. 9)

⁹ Fernandes (2006, p. 54) traz dados sobre o aumento exponencial da produção de açúcar em Cuba, advindo da “revolução tecnológica” do setor: “[...] sua produção durante 1780-1789 atingiu cerca de 1 milhão de arrobas por ano, 2 milhões no período 1790-1799, e praticamente dobrou a cada década até que, por volta de 1850, a ilha produzia quase 30 milhões de arrobas por ano.

Ao caminhar pelo raciocínio do desenvolvimento técnico e tecnicista do processo de modernização da produção do açúcar em Cuba no século XIX, Oliva elabora um argumento racista sobre a passagem da mão de obra escravizada para a mão de obra livre, requerida largamente nas fases iniciais dessa atividade. Para este autor, a mão de obra escravizada era incapaz de manejar eficientemente a nova tecnologia instalada no beneficiamento da cana de açúcar.

Gott (2006), por sua vez, constrói suas reflexões sobre o último século de colonização espanhola não pelos números da produção de açúcar, e pela análise direta do desenvolvimento das forças produtivas da indústria açucareira, senão pelas tensões postas, social e politicamente, em relação à força de trabalho, ou melhor, ao trabalho escravizado. Ao longo do século XIX, a elite cubana açucareira, representada pela *Sociedad Económica* de Cuba, defendia o comércio e a continuidade do sistema escravista, segundo uma posição conservadora, atrelada aos interesses coloniais e temerosa com a ruptura colonial, pois dependiam do apoio da Espanha para “sustentar o sistema escravista que dava suporte ao seu poder econômico” (GOTT, 2006, p. 69). Ao mesmo tempo, para a metrópole, de acordo com o autor, a produção e comércio escravista era uma forma de manter as elites presas às formas coloniais e não aderirem a ideais separatistas e de independência que rondavam a América Latina, sobretudo após a Revolução haitiana e os avanços de Simón Bolívar com o processo de descolonização no continente. Nesse aspecto, Gott argumenta:

O debate sobre raça foi central na história cubana do século XIX. Os negros de Cuba eram vistos como uma ameaça à elite branca e para a sua ideia futura de comunidade na ilha. A prosperidade, no entanto, dependia do suprimento constante de força de trabalho negra para as plantações de açúcar. Como seria possível sustentar essa lucrativa indústria e ao mesmo tempo garantir a segurança dos brancos? Essa foi a preocupação obsessiva da elite ao longo de muitas décadas, e numerosas possibilidades estiveram sob o exame constante. (GOTT, 2006, p. 70)

Fernandes, preocupado em discutir a formação nacional cubana do ponto de vista da soberania econômica, menciona que, além do aumento expressivo da população escravizada, a coexistência do trabalho livre, dos chamados *monteiros*, *sitieros* e *guajiros* – sobretudo na produção de tabaco – agravava as tensões em relação ao trabalho escravo. A possibilidade de fuga dos escravizados era uma realidade em Cuba: o fugitivo era chamado de *cimarón*, que

geralmente buscava ajuda e era abrigado em *palenques*¹⁰(2007, p 58-59). Ademais, foram frequentes revoltas de escravizados nas plantações e engenhos, que exigiam a “liberação do trabalho açucareiro” (Ibid. p. 60-61).

Segundo Gott (2006, p. 71), o enfrentamento dessas tensões por parte da elite canavieira, representada pela *Sociedad Económica* de Cuba, cujo porta-voz durante décadas foi Francisco Arango, envolveu a construção de mecanismos de promoção de imigração branca à Cuba. Sobre o raciocínio que permeava as discussões promovidas pela *Sociedad Económica*, Gott escreve:

A sociedade enfatizava a importância de dar continuidade ao comércio de escravos. Controle em vez de abolição era o mote: [Arango]“É necessário proceder com cautela – com os números do censo na mão – não apenas para impedir que o número de negros exceda o de brancos, mas para não permitir que o iguale”. Tratava-se de uma aritmética racista que iria dominar a ilha ao longo do próximo século e além. (2006, p. 71)

Nesse sentido, o autor aponta para a contradição que a utilização da mão de obra negra escravizada trazia para o desenvolvimento das forças produtivas que estava posto na produção de açúcar, mas não no corte e plantio da cana. A modernização dos engenhos e dos canais de transporte do complexo açucareiro voltados à exportação exigia o aumento constante de braços no trabalho rural. No entanto, o aumento da população negra escravizada representava um risco real de revolta e paralização da produção. Assim, Gott descreve como a concepção de “povoados rurais repleto de colonizadores brancos” de Arango e da *Sociedad Económica* foi bem recebida e posta em prática a partir do governo de Luis de las Casas, capitão-geral de Cuba na década de 1790 (2006, p. 71.). Em 1817 a imigração branca tomou novo fôlego com a criação da *Junta de Población Blanca*, fundada pelo novo capitão-geral José Cienfuegos (Ibid.). Segundo Gott:

O governo de Madri apoiou a imigração branca com concessões de terras e isenção de impostos, e o programa se viabilizou financeiramente por um imposto especial de seis pesos sobre a importação de escravos negros, pagáveis à Junta de Población. Como cerca de 56 mil escravos desembarcaram

¹⁰ Em Cuba e na Colômbia, principalmente, os chamados “palenques” tinham uma estrutura e funcionavam de modo similar aos quilombos brasileiros.

em Havana entre 1818 e 1821, não faltou dinheiro para financiar a imigração branca (GOTT, 2006, p. 71).

Em vista disso, a *Junta de Población* criou, a partir de 1817, um mecanismo fiscal, com apoio da metrópole, que atrelava o tráfico escravista ao financiamento imigração branca em Cuba. De acordo com Fernandes, o número de escravizados chegados na colônia aumentou de maneira extraordinária no século XIX¹¹. Em Cuba, a população negra e mestiça foi superior em quantidade à população branca até o censo de 1860-1861 (GOTT, 2006, p. 88). Gott menciona um novo impulso migratório na década de 1850, que possibilitou a virada na estrutura da população: “O aumento da imigração durante a década de 1850 tinha expandido a força de trabalho branca sem chamar a atenção, e os brancos passaram a somar 716 mil habitantes contra um total de 643 mil negros” (ibid)

Pressionada pelos abolicionistas estadunidenses e britânicos, em 1867 a Espanha suprimiu o comércio escravista (GOTT, 2006, p. 87). Tal medida fez com que a elite açucareira buscasse mão de obra indígena *yucateca* e sobretudo oriental, que supostamente trabalhavam por contrato, mas que seguiam submetidas a violências de ordem extraeconômica. Sobre essa busca por mão de obra não escravizada no período colonial, por parte dos produtores de açúcar, Gott escreve:

Eles procuraram primeiro em Yucatán, seguindo a trilha deixada deixada pelos primeiros colonizadores espanhóis no século XVI. Milhares de yucatecas, a maioria indígenas maias de sangue puro, foram trazidos para Cuba entre 1848 e 1861, trabalhando sob contrato nas propriedades açucareiras. Em seguida, os plantadores voltaram-se para a China, e o “comércio de cules” trouxe cerca de 130 mil trabalhadores chineses para a ilha entre 1853 e 1874. Cerca de 95 mil entre eles vieram do continente chinês, carregados em navios na colônia portuguesa de Macau. Outros vieram de outras partes da Ásia, da colônia espanhola das Filipinas, da colônia britânica de Hong Kong, da colônia francesa da Indochina. Eles viajavam em condições assustadoras, semelhantes àquelas dos africanos, e muitos eram amarrados durante a viagem. As velhas

¹¹ Citando Pierre-Charles, Fernandes escreve: “O número de escravos chegados à ilha se eleva de forma extraordinária: passou de 3.271 anuais no período de 1796-1800, a 7 mil anuais até 1805, alcançando entre 1816-1820 a média de 17 mil anuais, ou seja, em torno de meio milhão de escravos na primeira metade do século 19. (...) O censo de 1827 (...) continha as seguintes cifras: população total, 704.487 pessoas; brancos 311.051 (44%); negros e mestiços, 393.436 (56%), dos quais 106.454 livres (15%) e 286.942 escravos (41%). A proporção de escravos na população negra e mestiça era, aproximadamente, de 77%.” (2006, p. 54)

firmas comerciais negreiras tratavam do seu transporte e redigiam os seus contratos de trabalho. No fim do século, os chineses chegavam a 14.863 habitantes, ou cerca de 1 por cento da população cubana. (2006, p. 88)

Gott conta, ainda, que em 1873 o império chinês proibiu e acabou com o tráfico de cules. Muitos chineses permaneceram escondidos na ilha, depois que seus contratos acabaram, migrando para os núcleos urbanos e realizando trabalhos como domésticos, no comércio ou em pequenos negócios próprios (ibid).

Após a suspensão do comércio escravista, a produção açucareira cubana entrou em crise. Segundo Oliva (2015, p. 9), o açúcar cubano deixou de ser competitivo no mercado internacional, em termos de qualidade e preço, e muitos produtores se viram arruinados pelos comerciantes espanhóis e capitais estadunidenses, que penhoravam suas colheitas. A crise impulsionou as três guerras de libertação de Cuba do domínio Espanhol, que ocorreram entre 1868 e 1902.

Embora Fernandes afirme que a abertura de concessões aos estamentos privilegiados da produção de açúcar, por parte da Espanha, possibilitou a colônia de aproveitar os fluxos do capital comercial da época, gostaríamos de chamar atenção para o caráter financeiro do capital, que se formava, e que fomentou o avanço do desenvolvimento das forças produtivas em Cuba no século XIX. É o próprio Florestan quem aponta para o caráter financeiro do capital, embora siga considerando essas relações como estritamente mercantis. A partir de uma citação de J. le Riverend, Fernandes escreve:

Pode-se assegurar que o primeiro grande mercado do nascente capitalismo estadunidense foi Cuba. Quando, nos meados do século 19, os Estados Unidos eram um país no qual se faziam fortíssimas inversões britânicas, os comerciantes de Baltimore, Nova York e Boston tinham muitos capitais empregados no crédito açucareiro de Cuba. Esse crédito era concedido fundamentalmente para a aquisição de escravos com prazo determinado, aquisição de maquinaria e antecipações (verdadeiras penhoras) sobre o açúcar que os comerciantes estadunidenses compravam em Cuba para abastecer o mercado do Leste dos Estados Unidos; também era usado para favorecer a importação de produtos estadunidenses em Cuba. Estas relações mercantis propiciaram o estabelecimento em Cuba de cidadãos estadunidenses que compravam e operaram alguns engenhos. (2007, p. 64)

Além das informações sobre a presença de créditos estadunidenses na modernização colonial da produção açucareira cubana do século XIX, Fernandes resalta também as transformações da relação entre Cuba e os Estados Unidos nas últimas décadas deste século. Segundo o autor, em 1880 “a indústria de refino do açúcar do Leste dos Estados Unidos se concentra do ponto de vista financeiro e orienta-se para obtenção em Cuba do açúcar cru, que lhe servia de matéria-prima” (FERNANDES, 2007, p. 64). Nesse sentido, Fernandes aponta para um movimento de centralização dos capitais financeiros estadunidenses. Tal centralização se refletiu na produção açucareira cubana, de modo que, segundo Oliva (2015, p. 9), após a abolição da escravidão no país, em 1886, os cerca de 2000 engenhos primitivos que existiam foram substituídos por 200 engenhos centrais. Para Fernandes (2007), este movimento, impulsionado pela independência “submetida” de Cuba, marca a passagem da dominação direta – colonial espanhola – para a dominação indireta – neocolonial e imperialista – dos Estados Unidos sobre Cuba.

A respeito do momento colonial, não temos condições de discutir sobre a produção de valor especificamente em Cuba, sob o sistema escravista, uma vez que o movimento de valorização do valor, de maneira geral, pressupõe uma relação social entre o capital, na figura do dono dos meios de produção, e o trabalho, na figura do trabalhador livre¹² (MARX, 1988, p. 137). Entretanto, em relação à formação e contradição categorial do trabalho abstrato, assim como da terra e do capital, a “colônia revela o segredo da metrópole”, conforme já discutiu Marx (1988) em “A teoria moderna da colonização” e foi retomado por Heidemann et. al (2014, p. 58). O segredo a que se refere Marx diz respeito ao processo de imposição social do trabalho, seu processo histórico negativo de separação do trabalhador dos meios de produção e da terra. Sobre isso, Heidemann afirma:

[...] a colônia é escravista, pois o acesso à terra é difícil de limitar e, por isso, revela o segredo da metrópole, onde o trabalhador expropriado dos meios de produção não produzidos (a base fundiária) é obrigado a vender sua força de trabalho no mercado, sob o imperativo da concorrência e da superpopulação relativa. (Heidemann et. al., 2014, p. 58)

¹² O capital “[...] só surge onde o possuidor de meios de produção e de subsistência encontra o trabalhador livre como vendedor de sua força de trabalho no mercado, e esta é uma condição histórica que encerra uma história mundial. O capital anuncia, portanto, de antemão, uma época do processo de produção social.” (MARX, 1988, I, v. I, t. I, p. 137)

Nesse sentido, como a terra no sistema colonial cubano não está a princípio submetida a um mercado imobiliário de compra e venda, sendo antes propriedade da Coroa, concedida a colonos brancos e à elite produtora, o trabalho é cativo, como forma de garantir a produção de mercadorias tropicais para exportação. Em Cuba, o privilégio de concessão de terras passa a ser alterado apenas em 1865 (FERNANDES, 2007, p. 45), dois anos antes da Espanha suprimir o comércio escravista. Com a limitação do acesso à terra, o trabalho pôde ser livre, uma vez que, aos indivíduos livres – libertados, imigrados e/ou expropriados – não lhes resta outra coisa a fazer, para garantia de sua própria reprodução no sistema produtor de mercadorias, do que vender-se como força de trabalho. Essa seria então a dupla liberdade dos sujeitos mobilizados para o trabalho – liberdade positiva e negativa – descritas por Gaudemar:

Liberdade positiva: a força de trabalho é uma mercadoria que pertence, como bem particular, ao trabalhador, que pode dela dispor à sua vontade: o trabalhador é então considerado como ator da sua própria liberdade. Liberdade negativa: o trabalhador não tem diante de si outra hipótese que não seja vender ou não a sua força de trabalho; não tem mais nada para vender, e na prática ou vende sua força de trabalho para viver, ou não a vende e morre. (GAUDEMAR, 1977, p. 189-190)

Nas próximas páginas, veremos a questão do acesso à terra por parte dos trabalhadores rurais, no período da república submetida e no período revolucionário, com intuito de debatermos sobre os processos de violência econômica e extraeconômica que atuaram como fator de mobilização para o trabalho canavieiro e na produção açucareira.

Ainda que não possamos afirmar a produção ou não de valor pelo sistema colonial cubano, podemos considerar as determinações da produção de valor em nível mundial, como lógica contraditória e fantasmagórica, que determinava os sentidos da produção de mercadorias em Cuba, sobretudo do açúcar. Ademais, problematizando a reprodução e transformação das relações de trabalho na ilha, é possível inferir sobre o processo de “internalização no/pelo próprio trabalhador da violência que obriga ao trabalho, naturalizando o trabalho como sua condição de reprodução individual e/ou familiar aparentemente apartada da totalidade social” (Heidemann et. al., 2014, p. 58). Sobre a relação entre violência econômica e extraeconômica no processo de imposição social do trabalho abstrato, Marx escreve:

Não basta que as condições de trabalho apareçam num polo como capital e no outro polo, pessoas que não têm nada para vender a não ser sua força de trabalho. Não basta também forçarem-nas a se venderem voluntariamente. Na evolução da produção capitalista, desenvolve-se uma classe de trabalhadores que, por educação, tradição, costume, reconhece as exigências daquele modo de produção como leis naturais evidentes. A organização do processo capitalista de produção plenamente constituído quebra toda a resistência, a constante produção de uma superpopulação mantém a lei da oferta e da procura de trabalho, e, portanto, o salário em trilhos adequados às necessidades de valorização do capital, e a dura coação das condições econômicas sela o domínio do capitalista sobre o trabalhador. Violência extraeconômica direta é ainda, continua, é verdade, empregada, mas apenas excepcionalmente. Para o curso usual das coisas, o trabalhador pode ser confiado às “leis naturais da produção”, isto é, à dependência do capital que se origina das próprias condições de produção, e por elas é garantida e perpetuada. (MARX, 1988, p. 267).

As contradições da formação das categorias do capital em Cuba, atreladas ao capitalismo mundial enquanto totalidade fragmentada, fizeram com que o auge da produção açucareira no século XIX coincidissem com a sua crise, enquanto economia colonial (FERNANDES, 2007, p. 53). O desdobrar histórico dessa contradição culminou na modernização imperialista em Cuba, permitindo que, no século XX, o capitalismo, enquanto patriarcado produtor de mercadorias, pudesse se reproduzir por suas próprias bases no país, ainda que determinado pelo capital financeiro estadunidense, como a forma de ser do imperialismo.

Considerando a totalidade capitalista como mercado mundial, podemos refletir sobre o momento colonial apenas na dimensão do lucro (ou saque¹³) que o comércio escravista gerava para a metrópole, e para os senhores de escravos, o qual apoiava o processo produtivo açucareiro (GOTT, 2006). Também podemos pensar nos ganhos (ou saques) obtidos pelos financiadores estadunidenses, ao emprestar dinheiro para o desenvolvimento das forças

¹³ Robert Kurz considera que, no momento da formação categorial do capital, não há a produção de valor sobre suas próprias bases, isto é, exploração abstrata da força de trabalho que garanta a o lucro como a forma de ser da mais-valia apropriada. Nesse sentido, os supostos lucros do capital comercial, seriam, em realidade, um mecanismo de saque e centralização dos meios de produção. No caso de Cuba, preferimos deixar essa questão em aberto. Sobre o assunto, ver, KURZ, R. Dinheiro sem valor. Linhas gerais para uma transformação da crítica da economia política. Antígona, Lisboa, 2014.

produtivas açucareira e aquisição de mão de obra escravizada em Cuba, conforme mencionamos anteriormente.

1.3 – A modernização imperialista de Cuba

A última guerra de independência cubana terminou em 1898, com a intervenção militar dos Estados Unidos. Após quatro anos de governo militar estadunidense na ilha, iniciou o período da “pseudo-república” em Cuba, em maio de 1902. (GOTT, 2006, p. 134).

Oliva (2015, p. 11) chama o período de 1902 a 1929 de república submetida, em que Cuba se converteu em um “apêndice produtivo dos Estados Unidos”, uma vez que eram condicionadas a produzir açúcar “cru” para as refinarias estadunidenses. O autor também descreve brevemente a modernização processada no período:

Se levantaron numeroso centrales, algunos los mayores del mundo en su época. Se vertebró el ferrocarril que enlazaba toda la isla. Otras mejoras también contrastaban con el pobre desempeño del dominio español. Al mismo tiempo se entronizaron las luchas politiqueras, el fraude y la corrupción. (OLIVA, 2015, p. 11)

O ciclo da submissão completava-se, segundo Oliva (ibid), com o consumo preponderante de produtos norte-americanos por parte dos cubanos. Fernandes, por sua vez, considera esse momento da história cubana como período modernização da colonização, em que o desenvolvimento capitalista no país recém independente “se enlaça à inviabilidade da emancipação nacional, produzindo uma situação neocolonial permanente” (2007, p. 67). Segundo o autor, os Estados Unidos modernizaram a colonização, levando-a “até o fundo”, ajudado por estratos privilegiados da população cubana:

Hacendados poderosos, grandes comerciantes e vários tipos de especuladores, a alta burocracia civil e militar embotellada, os políticos reacionários e corruptos, os intelectuais orgânicos da ordem etc. cooperaram de modo ativo para arruinar o “projeto nacional” cubano. (FERNANDES, 2007, p. 70)

Além destes setores da população, Fernandes também cita a “prodigiosa burguesia compradora” – a maior da América Latina no momento – como também responsável pelo

fracasso do projeto nacional de desenvolvimento (Ibid.). Tal situação produziu, de acordo com o autor, uma “satelização política de Cuba” entorno dos Estados Unidos¹⁴ (FERNANDES, 2007, p. 69). Do ponto de vista econômico, Fernandes afirma que o país foi convertido “em apêndice segmentar e especializado dos Estados Unidos” (Ibid. p. 73). Ao mesmo tempo, a frustração experimentada nas guerras de independência de Cuba, seguida da dominação imperialista estadunidense, de acordo com Fernandes, constituiu a questão nacional – atrelada a soberania política e econômica do país – como paradigma na luta anticolonial e anti-imperialista. Segundo o autor:

Essa formação societária [neocolonial], na medida em que o desenvolvimento capitalista engrena-se, a partir de dentro e a partir de fora, com a expansão das grandes corporações e do imperialismo, torna-se crescentemente mais espoliativa, odiosa e inexecuível. Em vez de tornar obsoletas as idéias de nação e de revolução nacional, ela as recupera e as projeta na consciência social como alvos supremos, a serem atingidos através ou contra o capitalismo, o que redimensiona o nacionalismo como ideologia básica da luta contra o neocolonialismo (2007, p. 68)

Nesse sentido, Fernandes (2007, p. 66) considera que a intervenção estadunidense no processo de independência cubana abortou a “revolução nacional”, enquanto transição da situação colonial para o “desenvolvimento capitalista” nacional dependente, tal como ocorreu no Brasil e em outros países da América Latina. Ao invés do desenvolvimento capitalista independente, Cuba teria desenvolvido, segundo o autor, um capitalismo neocolonial, “extra e antinacional, sob vários aspectos; e prolongado, quanto à duração”. A respeito da relação entre neocolonialismo e a questão nacional cubana, Fernandes reitera:

O máximo de modernização foi combinado com o máximo de preservação e de continuidade da velha ordem colonial. O problema da independência passava a ser, de novo, uma realidade explosiva e algo a ser conquistado a

¹⁴ Segundo Fernandes: “Essa disposição coletiva predominante nos estratos privilegiados era tão forte que, de 1902 a 1959, eles se empenharam em ativar os dispositivos intervencionistas do governo estadunidense — ora em defesa dos “princípios liberais”, ora para proteger os “ideais conservadores”. O que prevalecia era a mais pura orientação reacionária e contra-revolucionária. Portanto, fatores internos propiciavam suporte material, ideológico e político estável ao novo centro imperial. Se os estadunidenses precisavam de uma ampla reprodução de estruturas da velha ordem colonial, para dar continuidade à modernização e ao aprofundamento da colonização, os estratos privilegiados precisavam da mesma coisa para restringir e dificultar a descolonização. Para eles, a vitória de uma autêntica revolução nacional equivalia a um risco catastrófico”. (FERNANDES, 2007, p. 72)

partir de e contra a ordem social neocolonial em elaboração (FERNANDES, 2007, p. 66)

Próximo a esse caminho de análise, Vasconcelos (2017, p. 21-22), por sua vez, respaldada na teoria do excedente de Celso Furtado, e na análise do subdesenvolvimento enquanto “modernização das heranças coloniais”, considera o período de 1902 a 1958 como momento da “modernização da plantation colonial” na produção de açúcar. A partir dessa perspectiva teórica metodológica, a autora busca compreender os sentidos históricos do processo de reforma agrária promovido pela Revolução cubana. Dessa maneira, Vasconcelos põe a questão da ausência de “formação nacional” cubana como fator característico do subdesenvolvimento, que propiciou um desenvolvimento capitalista periférico não voltado para as necessidades locais, senão ditado pela “satisfação de vontades estrangeiras”. Para Vasconcelos:

O subdesenvolvimento foi historicamente determinado pela modernização das heranças coloniais, que potencializou o soerguimento de estruturas produtivas alheias às necessidades da coletividade. Neste sentido, é um reflexo da ausência da “formação nacional”, isto é, a inexistência de um sistema econômico integrado às demandas e identidades da população, bem como a perpetuação de abismos sociais que fragmentam irremediavelmente a coletividade nacional. Em outras palavras, o subdesenvolvimento é o resultado da incapacidade do capitalismo dependente para criar as bases econômicas adequadas à satisfação das necessidades internas do país, que fossem orientadas por valores socialmente compartilhados. Uma vez que as sociedades periféricas são dotadas de estruturas produtivas voltadas para a satisfação de vontades estrangeiras, não estão formadas as condições materiais e culturais da soberania nacional, permanecendo estas vulneráveis aos ditames do capitalismo central (inclusive de suas teorias). A ausência da formação nacional torna estreita a possibilidade das sociedades periféricas controlarem os rumos e os ritmos de seu desenvolvimento, predominantemente determinados pelas condições externas. Neste sentido, não conseguem controlar seu próprio tempo histórico, ou seja, para onde caminham e com qual passo, estando permanentemente sujeitas a reversões estruturais determinadas de fora para dentro. (VASCONCELOS, 2017, p. 22)

A autora retoma as discussões acerca do subdesenvolvimento e da dependência externa – reflexões presentes no contexto de constituição da CEPAL¹⁵ – para analisar o imperialismo, atrelado a noção de ausência de formação nacional, em Cuba. Além de considerar o subdesenvolvimento cubano como continuidade das “heranças coloniais” modernizadas, Vasconcelos (2017) – fortalecendo os laços com as análises de economia política elaboradas por Furtado – utiliza o conceito de modernização do autor, também relacionado à difusão de padrões de consumo de luxo por parte das elites cubanas:

A segunda determinação histórica do subdesenvolvimento foi sintetizada a partir do conceito de “modernização”, isto é, a permanente sofisticação dos padrões de consumo das elites das sociedades periféricas pela imitação dos padrões de consumo das elites do centro, aprofundada por um processo histórico de absorção assimétrica de meios técnicos modernos elaborados também no capitalismo central (Furtado, 1974). Essa assimilação desigual de tecnologia estrangeira carregaria consigo a penetração de valores e identidades alheios à coletividade, incorporados apenas para satisfazer as pulsões de consumo de elites aculturadas e carentes de sentimento nacional. A face inevitável da heterogeneidade tecnológica resultante da “modernização” foi o desemprego estrutural. (VASCONCELOS, 2017, p. 30)

Nesse sentido, a difusão de padrões de consumo aparece como impulso às determinações da produção, relacionado à “absorção assimétrica de meios técnicos modernos”, também ditados pelos países centrais. A noção de “imitação” dos padrões de consumo do centro pelas elites dos países periféricos aproxima-se, assim, das análises da teoria da difusão e do “efeito-demonstração”, utilizadas por Milton Santos no alvorecer de sua teoria espacial, a partir das teses de Furtado, como artifício teórico para se compreender o consumo do ponto de vista das necessidades¹⁶ (RIBEIRO, 2015, p. 112). Sob esse pressuposto teórico, a análise de Vasconcelos, a todo momento, ganha a forma polarizada entre o que se apresenta como os elementos e fatores nacionais (internos) e internacionais (externos).

Francisco de Oliveira, voltado para análise do processo de modernização no Brasil, em

¹⁵ CEPAL é a sigla de Comissão Econômica para a América Latina e o Caribe.

¹⁶ Milton Santos utiliza as formulações de economia política de Furtado para construir sobretudo sua teoria sobre os dois circuitos da economia urbana dos países subdesenvolvidos. Sobre o assunto, ver: RIBEIRO, A. S. M. “Vai crédito hoje?”: do “curto-circuito” ao blackout da reprodução crítica do capital fictício em São Paulo. 2015. (Mestrado em Geografia Humana) - *Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas*, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015. 213p.

sua “Crítica à razão dualista” (2003), apresenta um desvio fundamental em relação à visão do subdesenvolvimento e de modernização de Celso Furtado, apresentada pela autora. Segundo Oliveira, concordando com a crítica de Marx, o desenvolvimento capitalista – ao contrário do que afirmava a concepção cepalina do processo de modernização – não estava baseado na expansão do consumo, enquanto necessidades que orientam o processo produtivo e a apropriação de excedentes, mesmo nos países do centro do capitalismo, mas sim na acumulação capitalista (2003, p. 49). Grandes foram os esforços em relação a essa questão – no contexto do CEBRAP¹⁷ e do debate marxista latino-americano –, para se compreender o “subdesenvolvimento” como a “produção da expansão do capitalismo”, estabelecido no Brasil e nos países periféricos (Oliveira, 2003, p. 32). Pensamos que tais formulações apontam questões importantes para se discutir o processo de modernização do capitalismo em Cuba, sob o imperialismo estadunidense.

Segundo Marx, o sentido do sistema capitalista não é a simples produção de mercadorias para a satisfação de necessidades, mas sim a produção de valor, ou ainda, a valorização deste no processo produtivo, por meio de extração de mais-valia, como exploração produtiva de trabalho abstrato (MARX, 1988, p. 148)¹⁸. Menegat (2019), aponta que o capitalismo não é somente uma força social, mas é também uma forma social, conforme reconhecida por Marx em *O Capital*.

A fórmula geral do capital, $D - M - D'$ representa: Dinheiro – Mercadoria – Dinheiro acrescido de mais-valia. De acordo com Marx, “o valor originalmente adiantado não só se mantém na circulação, mas altera nela sua grandeza de valor, acrescenta mais-valia ou se valoriza. E esse movimento transforma-o em capital.” (MARX, 1988, p. 124). Nesse sentido, o trabalho abstrato, enquanto substrato social que constitui a forma valor como tempo de trabalho socialmente necessário, para se realizar precisa passar por suas diferentes formas no processo de produção e circulação do capital.: forma monetária, forma mercadoria – processo produtivo desta, com emprego de capital constante e variável – forma monetária acrescida de mais-valia. A passagem contínua do valor de uma forma a outra na circulação, Marx nomeou de metamorfoses. As metamorfoses do capital, como repetidas e simultâneas mudanças de forma do substrato social, se realizam inconscientemente enquanto “sujeito automático” do capital, e isso se aproxima das formas naturais sob a perspectiva da substância, como aquilo que existe

¹⁷ CEBRAP é a sigla de Centro Brasileiro de Análise e Planejamento.

¹⁸ Retomaremos a discussão sobre o processo de valorização e sua crise ao longo da tese. A passagem contínua do valor de uma forma a outra – identificada por Marx como as metamorfoses do capital, que configura as relações de valor como lógica tautológica do sistema capitalista – será retomada especificamente no capítulo 3.

por si mesmo. Segundo Menegat (2019, p. 21), o termo metamorfose vem das ciências da natureza como um conceito teleológico, no sentido de possuir uma finalidade de “permanente expansão e aperfeiçoamento”, a partir de formas que se sucedem infinitamente. Porém, o valor como substância social não pode assegurar esse caráter teleológico, enquanto finalidade determinada pela satisfação de necessidades ou ainda como progresso civilizatório¹⁹.

Em vista disso, estamos de acordo com a perspectiva da crítica do valor de Marx, desdobrada teoricamente por Robert Kurz (1993, p. 166), de que as necessidades e desejos humanos e da coletividade não criam nenhum mercado, nem impulsionam o desenvolvimento das forças produtivas em nenhuma localidade²⁰. De acordo com Kurz, na modernidade “a relação mundial é realmente objetivada pelo princípio abstrato da forma do valor e do dinheiro” (2014, p. 81). Assim, compreendemos que a reprodução do capital, e do capitalismo em nível mundial, é, antes, determinada pela sua negatividade categorial, desenvolvida historicamente enquanto contradição em processo.

A perspectiva da ausência de formação nacional em Cuba após a independência, trazida por Vasconcelos (2017), parece considerar a formação do mercado interno como objetivo posto fora da economia capitalista, mas a partir das categorias do capital – trabalho, mercadoria, dinheiro – como mediação social. Nesse aspecto, a análise localiza o consumo e a satisfação de necessidades como finalidades que aparecem fora da lógica de valorização e da produção de mercadorias, como aspectos próprios à formação do Estado nacional, desvinculados do capital como forma social. Tal concepção reflete a “estrutura polar dualista do sistema social moderno” que pressupõe uma “igualdade hierárquica” entre dois polos, representados pelo Estado e pelo mercado capitalista, ou ainda, pela política e a economia (Kurz, 1994, sem paginação). Entretanto, Kurz aponta para o fato de que esses polos não são “hierarquicamente iguais”, pois a economia, o mercado mundial, apresenta um predomínio “socialmente real” em relação ao político e aos desígnios do Estado. E isso ocorre, segundo o autor, porque o Estado não possui meios de atuação social, nem “meio de regulação primária”, que não passe pelo dinheiro e pelas

¹⁹ Segundo Menegat: “(...) a expansão do trabalho abstrato e suas metamorfoses, até a transformação em capital, e as respectivas metamorfoses deste, estão longe de ser uma progressão infinita, como fica evidenciado pela contradição imanente ao próprio processo de produção.” (MENEGAT, 2019, p. 21). Nesse sentido, o autor se refere à contradição posta na forma mercadoria, entre valor de uso e valor, bem como em relação ao desenvolvimento das forças produtivas, enquanto expulsão do trabalho vivo dos processos produtivos, que compromete historicamente a valorização do valor em nível mundial. Retomaremos essa discussão ao longo da tese.

²⁰ Segundo Kurz: “[...] as necessidades sensíveis e os desejos humanos não fazem surgir nenhum mercado ou, em outras palavras, nenhuma capacidade aquisitiva produtiva. Esta pode apenas nascer da exploração em empresas de força de trabalho humana, realizadas no nível mundial da produtividade. Mas essas condições prévias do próprio sistema são sistematicamente ignoradas nos condescendentes sermões dominicais dos especialistas e ideólogos ocidentais.” (KURZ, 1993, p. 166)

categorias do capital, como salário, preço e lucro. Até para exercer medidas de violência extraeconômica, a atividade militar do Estado precisa ser financiada (Ibid.). Embora a economia apresente estruturalmente um predomínio sobre a política, a relação entre as duas dimensões, mediada por dinheiro, acaba por encerrar uma contradição histórica no âmbito do Estado, assim descrita por Kurz:

O dinheiro é, portanto, o meio universal e total (simultaneamente, o fim em si da modernidade, tão abstrato quanto absurdo), que abrange também o pólo estatal-político. Ocorre que o Estado não possui nenhuma faculdade de criação de dinheiro, mas depende estruturalmente de que a sociedade civil ganhe uma quantidade suficiente de dinheiro "no mercado", de modo que se possa financiar também a atividade crescente do Estado. Só no processo cego do mercado, que, além disso, se deixa restringir cada vez menos à área de soberania em questão ou à "economia nacional" do respectivo país (globalização), "surge" o dinheiro através do trabalho abstrato e da sua "realização". Mas isso produz não apenas a dominância estrutural fundamental do mercado, como também uma contradição sistêmica interna igualmente fundamental, pois o Estado entra em contradição consigo mesmo, na medida em que os seus ordenamentos e atividades, por um lado, não têm outra finalidade senão fomentar o sistema de mercado da produção de mercadorias no seu território e mantê-lo em funcionamento. Por outro lado, o Estado precisa "retirar" (*abschöpfen*) o dinheiro necessário para o financiamento precisamente dessas atividades do processo do mercado, restringindo, assim, a economia de mercado e agindo, por conseguinte, contra a sua própria finalidade, precisamente para cumpri-la. (KURZ, 1994, sem paginação)

Kurz identifica, dessa maneira, a questão da soberania nacional no âmbito da contradição entre economia e política, em que o próprio Estado depende da produção de valor e dos mecanismos de mercado para se financiar; ao mesmo tempo que sua atuação política está presa à finalidade abstrata da produção de mercadorias enquanto valores²¹. No caso de Cuba, diferente em parte da particularidade brasileira, a cadeia da produção de açúcar e da suposta criação de valor pelo setor açucareiro não se completava no próprio país, sendo o refino e beneficiamento final realizado nos Estados Unidos. Nesse sentido, o que está explícito ou

²¹ Nos capítulos 2 e 4 retomaremos a discussão da contradição entre mercado e Estado, do ponto de vista da crise do socialismo cubano.

implícito no argumento de Fernandes (2007), Oliva (2015) e Vasconcelos (2017), é que essa dinâmica de produção impossibilitou Cuba de se industrializar, ou pelo menos industrializar outro setor que não fosse o açucareiro, uma vez que as relações econômicas entre os dois países – como dominação imperialista ou neocolonial – também envolvia a importação de mercadorias estadunidenses. Ademais, a produção açucareira cubana estava sendo financiada por créditos e investimentos diretos estadunidenses, conforme veremos nas próximas páginas. O que estava em questão nas análises, era o processo de industrialização nacional cubana, como momento de modernização capitalista: a “revolução burguesa”, nos termos de Florestan Fernandes (2007), que não aconteceu, ou não aconteceu como esperava a perspectiva desenvolvimentista de Estado nação.

Em acordo com Oliveira (2003), consideramos que o subdesenvolvimento posto aos países periféricos não é resultado de resquícios de um passado arcaico ou de “herança colonial”, mas fruto de relações modernas de exploração capitalista, ditadas por processos simultâneos de acumulação e crise de valorização, enquanto produção de riqueza social abstrata. Em Cuba, as contradições da expansão e modernização capitalista surgem, entre o século XIX e XX, atreladas ao desenvolvimento das forças produtivas e centralização da produção açucareira pelo capital financeiro estadunidense. Ao mesmo tempo, as formas de exploração da força de trabalhos envolviam migrações sazonais de trabalhadores (“braceros”) jamaicanos e haitianos nas épocas da safra, além de trabalhadores rurais, identificados por Fernandes (2007) como “semi-livres”, conforme veremos adiante.

Segundo Fernandes (2007, p. 74-75), entre as duas últimas décadas do século XIX e as duas primeiras do século XX, houve investimentos direto na produção açucareira cubana, que a revolucionou como negócio, “originando várias alterações em cadeia na organização e nas escalas da produção, no transporte, na comercialização, na exportação, controles de mercado e na especulação financeira” (Ibid). Nesse aspecto, com base nos estudos de Fernando Ortiz, Moreno Fragnals e J. de Riverend – autores considerados clássicos na história dos engenhos e produção açucareira cubana – Fernandes descreve o movimento de transformação mecânica dos engenhos e centralização dos capitais açucareiros que resultaram na formação do “supercentral”. Se no final do século XIX o capital financeiro estadunidense financiou a “revolução tecnológica” da produção de açúcar (OLIVA, 2015, p. 8), no século XX, Fernandes aponta para a formação de trustes açucareiros com capital e propriedade direta de norte-americanos:

[...] pode-se estimar que no período 1896-1900 os Estados Unidos receberam quase 92%, em média, do açúcar exportado por Cuba (op. Cit., quadro VI, p. 77). A concentração da indústria açucareira realizou-se, pois, sob a égide dos trustes, que se lançam à compra de terras, à refundição dos engenhos, à invasão de terras novas em províncias não açucareiras e à refinação do açúcar bruto cubano nos Estados Unidos. A tarifa MacKinley, de 1890, abriu o caminho para a exclusão dos melhores tipos de açúcar cubano do mercado estadunidense e para o monopólio de fato desse mercado pelos trustes. (...) Os *hacendados* cubanos que não podiam fornecer o tipo de açúcar bruto exigido pelo truste tendiam a ser eliminados, seus engenhos acabando nas refundições em processo. Nasce também o superengenho ou supercentral, como o engenho Washington, que em 1910 contava 2.2 mil *caballerias*²² e que chegaria mais tarde a 6 mil. (2007, p. 75)

Fernandes complementa a análise da formação e atuação dos trustes açucareiros recorrendo a dados trazidos por Friginals, o qual afirma que em 1905 "existiam 29 engenhos de propriedade estadunidense, cuja produção constituía 21% das safras cubanas" (2007, p. 75). Para se ter uma ideia da continuidade e extensão do processo de centralização e controle da economia cubana pelos Estados Unidos, Vasconcelos (2017, p. 33) afirma, a partir dos dados da CEPAL, que em 1958 "40% da produção açucareira cubana era comandada por proprietários estadunidenses". Ou seja, em menos de 60 anos, a propriedade direta da produção açucareira cubana por estadunidenses praticamente dobrou. Fernandes (2007, p. 75) também descreve, a partir dos estudos de Ortiz, as transformações dos engenhos e da estrutura de transportes, advindas da mecanização e introdução de máquinas no processo produtivo e circulação do açúcar para exportação.

O maquinismo triunfa de maneira total. As fainas manuais desaparecem e o maquinismo altera por completo a estrutura industrial, jurídica e política da economia do açúcar (...). Com o supercentral vêm o desenvolvimento do superlatifúndio, o deslocamento do centro agrário de Cuba para as províncias de Camagüey e Oriente, o tráfico de trabalhadores braçais, o crescimento da pobreza e da miséria etc. "O engenho já é algo mais que uma simples *hacienda*; em Cuba já não existem verdadeiros *hacendados*. O central

²² Segundo Vasconcelos (2017, p. 42), *caballería* é uma medida de mensuração de terra que equivale a 13, 42 hectares.

moderno não é uma simples exploração agrária, sequer uma fábrica com a produção de suas matérias-primas ao lado; hoje, é todo ‘um sistema de terras, máquinas, transportes, técnicos, trabalhadores, dinheiros e população para produzir açúcar’; é todo um organismo social, tão vivo e complexo como uma cidade ou município, ou um castelo feudal com sua comarca cheia de vassalos, solarengos e tributários.” (FERNANDES, 2007, p. 75-76)

Dessa maneira, Fernandes descreve a complexa estrutura que se constituiu entorno dos supercentrais, que não estava somente baseada no latifúndio, embora o tenha aprofundado como “base territorial de um imenso complexo”, pois concentrava, ao mesmo tempo, “a produção e a indústria” (ibid). Citando mais uma vez Ortiz, Fernandes afirma que o supercentral era composto por gigantescos canaviais, seguidos da “enorme fábrica” que, por sua vez, era composta pelas “máquinas de prensar, evaporação, cristalização, centrifugação e transporte” do açúcar cru, além do “núcleo urbano, casario ou cidade” que se formava entorno do engenho, chamado de “batey”, sendo este último formado por “barracões, vivendas, oficinas, armazéns, estábulos e outros serviços” (2007, p. 76).

O processo de centralização da terra e dos capitais em Cuba, durante as primeiras décadas da república, é considerado por Vasconcelos enquanto “ciclos de intensa acumulação por espoliação”, identificados pela autora em dois momentos: durante “a ocupação militar estadunidense de 1898 a 1902 e a crise financeira da Dança dos Milhões de 1920”. Tais ciclos caracterizariam o regime de propriedades da chamada “plantation modernizada” (Vasconcelos, 2017, p. 33). Segundo Vasconcelos:

A espoliação estrangeira de enormes superfícies rurais foi marcada pela desapropriação de camponeses, que foram forçadamente deslocados para as piores terras e, em muitos casos, passaram a depender do assalariamento e viver em minifúndios arrendados. Desta espoliação surge a estrutura latifúndio-minifúndio. A absorção assimétrica do progresso técnico estrangeiro na cadeia produtiva do açúcar ampliou a capacidade da indústria em relação à da agricultura, transferindo poder do latifúndio canavieiro para as centrais (como se chamam em Cuba os engenhos). Isso exacerbou as assimetrias de produtividade dentro da cadeia, favorecendo pequenos circuitos especulativos na estrutura agrária. (VASCONCELOS, 2017, p. 33)

A autora chama atenção para “assimetrias do progresso técnico” que levaram a “assimetrias de produtividade”, tendo em vista o processo de expropriação dos camponeses da terra. Nesse sentido, Fernandes (2007, p. 76) afirma que a concentração fundiária tende a eliminar o pequeno proprietário de terra, transformando-o em trabalhador assalariado. Contudo, ambos autores apontam para a particularidade cubana em relação à força de trabalho na produção de açúcar durante a república submetida: A primeira delas, conforme mencionamos anteriormente, é a utilização de mão de obra sazonal de estrangeiros (“*braceros*” antilhanos) no período da safra; a outra está relacionada à mão de obra cubana, que parece ser, simultaneamente, camponesa e assalariada.

Os *braceros* são os “trabalhadores braçais das migrações temporárias” (FERNANDES, 2007, p. 76), principalmente haitianos e jamaicanos, que chegavam a Cuba no período da safra, retornando ao seu país de origem no final da colheita²³. Vasconcelos e Fernandes analisam as características do trabalho tanto dos *braceros*, quanto dos trabalhadores rurais cubanos, a partir da dinâmica entre a safra e o chamado “*tiempo muerto*”²⁴ na produção açucareira. Vasconcelos (2017, p. 74), acusa o Estado cubano de seguir o projeto das elites, garantindo “um regime de trabalho marcado pela extração violenta do excedente”. Segundo a autora, a “importação de mão de obra antilhana para Cuba”, realizada “pelas grandes empresas açucareiras e sucessivamente incentivadas pelos governos”, consistia em uma “política para ampliação do desemprego estrutural” no país. Dado o longo período de *tiempo muerto*, Vasconcelos (2017, p. 74) considera a realidade cubana, antes da Revolução, como “um país de desempregados”, uma vez que “durante oito meses ao ano (...) quase meio milhão de trabalhadores se tornavam desnecessários para o canavial, tendo que encontrar formas improvisadas de sobrevivência”

²³ Vasconcelos traz informações importantes para se ter em conta a dimensão dos trabalhadores temporários na produção açucareira: “Em 1912, o presidente José M. Gómez autorizou a “importação” de 1.400 haitianos pela United Fruit Company, o que inaugurou um período de 30 anos de fluxo substancial de *braceros* antilhanos para Cuba (Acosta, 1973, p. 54). Na sequência, o presidente Mario García Menocal, entre 1913 e 1921, permitiu que as companhias açucareiras estadunidenses introduzissem 156 mil trabalhadores das Antilhas em Cuba (Pino-Santos, 1983, p. 304). Segundo os dados de Ramiro Guerra, entre 1912 e 1925, 140 mil haitianos e 100 mil jamaicanos foram “importados” para as plantações de cana-de-açúcar em Cuba, ampliando o desemprego e garantindo o rebaixamento dos salários (Acosta, 1973, p. 54). Entre 1928 e 1940, esta política permaneceu ativa: 100 mil *braceros* jamaicanos e haitianos foram trazidos para as plantações cubanas, o que correspondia a quase um terço do total de cortadores de cana existentes na ilha (Edquist, 1985, p. 25)” (VASCONCELOS, 2017, p. 73). As cifras que traz Friginals são ainda maiores: “Entre 1913 y 1929, entraron en Cuba alrededor de 280.000 haitianos y jamaicanos.” (FRAGINALS, p. 327)

²⁴ Segundo Vasconcelos (2017, p. 21), “*tiempo muerto* era o nome dado ao período da entressafra canvieira durante oito meses ao ano, usualmente de abril a novembro”, antes da Revolução. Entretanto, Fernandes (2007, p. 76) ressalta a redução do tempo da safra e aumento do *tiempo muerto* com a modernização e centralização das forças produtivas impulsionada pelos capitais estadunidenses: “(...) a diminuição crescente da duração da safra iria ampliar o *tiempo muerto*: de um semestre, essa duração reduz-se a 100 dias ou menos”.

(ibid. p. 21). Ao mesmo tempo, a autora afirma que o desemprego gerava uma pressão para o rebaixamento dos salários e para a “superexploração do trabalho”:

O volume de desemprego permanente gerava uma pressão de rebaixamento salarial, fragilizando as possibilidades de negociação dos trabalhadores rurais. É certo, portanto, que a superexploração do trabalho em Cuba era uma das alavancas fundamentais da geração de excedente. (VASCONCELOS, 2017, p. 74)

Segundo Marx (1988b, p. 190), uma vez estabelecido o sentido do modo de produção capitalista, como o processo de acumulação e de centralização do capital, o desenvolvimento das forças produtivas, sobretudo como desenvolvimento da maquinaria, impõe a expulsão do trabalho vivo do processo produtivo como necessidade lógica contraditória de reprodução do capital²⁵. Com os constantes processos de expropriação e mobilização da força de trabalho, no movimento de produção e reprodução capitalista, é produzida assim uma população supérflua adicional, isto é, uma “superpopulação relativa” que se estabelece como pano de fundo da superfície social da oferta e procura de força de trabalho, no mercado de trabalho. A massa de desempregados que se forma exerce, por sua vez, uma pressão social aos ainda empregados, obrigando-os ao sobretrabalho²⁶ (Ibid.).

A manutenção dos salários ao mínimo possível é garantida, dessa forma, pelo estabelecimento da “superpopulação relativa” que constantemente é, ora expulsa, ora incorporada ao processo produtivo, compondo assim, enquanto “exército industrial de reserva”, uma massa de pessoas constantemente desempregadas, porém submetida às necessidades de valorização do valor e reprodução crítica do capital. Longe de ser uma população simplesmente sobrando, de acordo com Marx, existe uma relação estrita entre a constituição da “superpopulação relativa” e as condições de pobreza do trabalhador: o salário pago à força de trabalho seria determinado pelos movimentos de expansão e contração do “exército industrial

²⁵ Segundo Marx: “Toda a forma do movimento da indústria moderna decorre [...] da constante transformação de parte da população trabalhadora em braços desempregados ou semi-empregados.” (MARX, 1988b, p. 150)

²⁶ De acordo com Marx: “Se os meios de produção, ao crescer em volume e eficiência, se tornam meios de ocupação dos trabalhadores em menor grau, essa mesma relação é modificada de novo pelo fato de que, à medida que cresce a força produtiva do trabalho, o capital eleva mais rapidamente sua oferta de trabalho do que sua demanda de trabalhadores. O sobretrabalho da parte ocupada da classe trabalhadora engrossa as fileiras de sua reserva, enquanto, inversamente, a maior pressão que a última exerce sobre a primeira obriga-a ao sobretrabalho e à submissão aos ditames do capital. A condenação de uma parcela da classe trabalhadora à ociosidade forçada em virtude do sobretrabalho da outra parte e vice-versa torna-se um meio de enriquecimento do capitalista individual e acelera, simultaneamente, a produção do exército industrial de reserva numa escala adequada ao progresso da acumulação social. (MARX, 1988b, p. 194)

de reserva”, bem como a migração de trabalhadores de uma esfera à outra da produção, atraídos pelo acúmulo de capital adicional e por salários momentaneamente mais altos pagos pelos capitais de maior acumulação (Marx, 1988b, p. 195-196). Nesse sentido, o desemprego estrutural seria o resultado histórico do desenvolvimento das forças produtivas e a substituição da força de trabalho viva pelas máquinas, no processo produtivo, sendo o salário mantido a níveis mínimos graças a existência e manutenção de uma “superpopulação relativa”.

Embora às explicações de Vasconcelos referente ao desemprego estrutural cubano se assemelhe à formulação de Marx sobre a produção da superpopulação relativa e constituição do exército industrial de reserva, as particularidades da mobilidade do trabalho em Cuba apresentam pelo menos duas questões: Primeira, o trabalhador rural assalariado, não se encontra totalmente “livre” da terra, vivendo em sua maioria, em minifúndios arrendados, conforme descreve Vasconcelos (2017, p. 49-50). Segunda, o desenvolvimento das forças produtivas ocorreu no processamento e transporte da cana, no engenho que formava e fortalecia núcleos urbanos, em contrapartida, o cultivo era extensivo e o corte era muito pouco, ou nada, mecanizado. Estamos tratando, portanto, de uma realidade que é comum aos países considerados subdesenvolvidos e que remete a uma contradição entre campo e cidade no processo de modernização capitalista periférica.

Fernandes (2007, p. 79-80) destaca que a “carga” da reprodução ampliada do capital, enquanto “padrão neocolonial de desenvolvimento capitalista”, recaía “nos ombros dos trabalhadores das várias categorias e nos setores mais pobres da população.”. Nesse sentido, o autor afirma que a maior parte do proletariado rural cubano entrava na categoria de “trabalho semilivre”, caracterizado por Ortiz como “peonagem miserável”, sendo que, “mesmo os operários semiquilificados do campo e da cidade”, também se encontravam nessa categoria. Em relação a questão da exploração do trabalho, Fernandes considera que, na produção açucareira agroindustrial cubana, “a empresa era capitalista na organização da produção, na tecnologia e nas práticas comerciais ou financeiras, mas pré-capitalista — ou seja, especificamente colonial — quanto à taxa de exploração da mais-valia”. Nesse aspecto, é possível pensar que o autor se refere às baixas taxas de exploração da mais-valia, dada a pouca mecanização do trabalho canavieiro, fora do engenho. Será? De qualquer forma, Fernandes identifica as péssimas condições de trabalho e de existência do trabalhador, assim como a política de migração de trabalhadores temporais no setor açucareiro, com a condição neocolonial da reprodução do capital em Cuba. Sobre as condições do trabalhador atribuídas ao neocolonialismo, o autor escreve:

[...] um nível de vida extremamente baixo, em crônico desafio aos mínimos vitais (os “mínimos da decência” só valem para as nações capitalistas ricas), o qual atestava que a carga pela reprodução social do trabalho recaía inteiramente sobre os trabalhadores. Se o trabalho livre fosse universal e a ordem capitalista valesse para todos — e, portanto, para o capital e para o trabalho — isso não sucederia. Às sequelas se configuravam sob formas cruéis, descritas por todos os estudiosos de Cuba: miséria, fome, doença, falta de instrução etc. Não se tratava de um “fenômeno incipiente” e transitório. Essa era uma das estruturas coloniais persistentes e ela só seria eliminada depois de 1959. (FERNANDES, 2007, p. 80)

Fernandes atribui a pobreza da população cubana à persistência de estruturas coloniais, em outras palavras, à falta de desenvolvimento capitalista. Pressupor que o desenvolvimento capitalista e a instituição total do trabalho livre garantam a ampla sobrevivência da população, na forma da eterna produção e consumo de mercadorias como satisfação de necessidades, é desconsiderar as contradições internas do capital, assim como de sua reprodução.

É importante observar que a concepção de história de Fernandes segue a tradição do materialismo dialético presente nas correntes do marxismo leninista, em que, a relação entre lógica e história estabelecida usualmente pode ser encontrada em Marx, mas está presente sobretudo nas notas e intervenções de Engels nos volumes II e III de *O Capital* e em suas obras autorais. Kurz (2014, p. 33-34), ao discutir a relação entre o lógico e o histórico na formação categorial do capital, aponta para o fato de que Engels afirma a unidade entre esses dois termos. Em outras palavras, Engels, na recensão da *Contribuição para a Crítica a Economia Política* de Marx, escreveu acerca da identidade entre o lógico e o histórico, no seguinte sentido: “Ali onde começa a história também deve começar o raciocínio, cujo desenvolvimento será apenas o reflexo, em forma abstrata e teoricamente conseqüente do devir histórico” (ENGELS 1968/1859, p. 474 apud. KURZ, 2014, p. 33). De acordo com Kurz, essa argumentação sobre a unidade identitária dos termos, em Marx e principalmente em Engels, deriva da lógica e da metafísica da história de Hegel:

Em Hegel, essa unidade do lógico e do histórico designa a continuidade interna do espírito do mundo a tomar consciência de si próprio no meio da história. A história está subordinada à lógica em processo, sendo o processo histórico

apenas o desenvolvimento interno de um princípio trans-histórico. (KURZ, 2014, p. 34)

Em vista disso, Kurz analisa como essa premissa da unidade do lógico e histórico, fundamental ao marxismo tradicional enquanto ortodoxia recente, conduz a uma interpretação das formas capitalistas sob o viés trans-histórico do “nexo formal entre a mercadoria e dinheiro” (Ibid.). Nesse sentido, de acordo com o aditamento de Engels ao terceiro volume de *O Capital*: “(...) a lei do valor vigorou, pois, durante um período de cinco a sete milênios”, ao longo do período da “produção simples de mercadorias, ou seja, até a época em que esta sofre uma modificação pela entrada do modo de produção capitalista” (ENGELS 1965/194, p. 909 apud. KURZ, 2014, p. 34).

A compreensão formal da unidade entre o lógico e o histórico permanece como fundamento de importantes reflexões de autores marxistas, sobretudo daqueles que se debruçam sobre a contradição e crise do capitalismo. Pachukanis, por exemplo, ao discutir as relações entre a forma jurídica do direito como forma social do valor, assume o pressuposto de que o valor é um conceito histórico resultado da “evolução das relações humanas que progressivamente fizeram deste conceito uma realidade histórica” (Pachukanis, 1988, p. 31-32). Nesse sentido, para o autor, a “evolução dialética dos conceitos corresponde à evolução dialética do próprio processo histórico” até o sistema jurídico atingir e refletir uma “totalidade orgânica²⁷” (Ibid. p. 35-36). A história, segundo essa acepção, é interpretada como uma sucessão de formas sociais que vão das mais simples até as formas mais evoluídas e abstratas: não há uma contradição interna ao conceito, em que a história se realiza como negatividade, como processos de ruptura: o movimento histórico é considerado processo positivo de abstrações, embora Pachukanis, como exceção dentro do marxismo-leninista, se aprofunde em vários aspectos do fetichismo do capital enquanto fetichismo da forma jurídica.

Assim teria surgido a relação de capital, segundo a concepção marxista de identidade entre o lógico e o histórico, começando por “protoformas da Modernidade”, em que a forma de circulação de mercadorias – enquanto reprodução simples, $M - D - M$ ²⁸ –, representou um determinado momento histórico, como estágio inicial de desenvolvimento das relações

²⁷ Retomaremos a discussão de Pachukanis sobre valor e forma jurídica em 4.3: Breve análise sobre a nova Constituição cubana.

²⁸ $M - D - M$ corresponde a mercadoria – dinheiro – mercadoria, enquanto troca e reprodução simples de mercadorias, em que o dinheiro ainda não representa capital e a valorização do valor. (MARX, 1988, I, p. 94).

de troca, pré-capitalistas. No entanto, Marx (1988, p. 128) aponta para a troca como momento da circulação do capital, sendo a reprodução simples a forma de aparência fetichista necessária à sua reprodução ampliada. Isso ocorre porque o momento da circulação do capital, enquanto suposta troca de equivalentes, mascara a extração de mais-valia por meio da exploração abstrata do trabalho (Ibid.). Contudo, é justamente a forma valor que permite que as mercadorias sejam trocadas como equivalentes, por estabelecer a forma abstrata da equivalência, como tempo social médio de trabalho abstrato presente nas mercadorias. A materialidade produzida pelo trabalho abstrato reflete como materialidade (valor-de-uso) algo que é uma abstração, o tempo de trabalho social médio.

A análise histórica a partir da noção de produção e distribuição de excedentes, tributária da economia política de Furtado, presente em parte em Fernandes (2007) e totalmente em Vasconcelos²⁹ (2017), fundamenta-se, dessa maneira, em categorias trans-históricas, baseadas na concepção ontológica de trabalho concreto³⁰. Nesse sentido, a contradição do capital como modo de produção desaparece, junto com o desaparecimento da contradição entre concreto e abstrato presente na modernidade capitalista, uma vez que o problema a ser perseguido passa ser a forma de distribuição e apropriação dos excedentes e não a forma abstrata e absurda da produção de riqueza, enquanto valorização do valor, por meio de extração de mais-valia, e sua crise, imanente e histórica. A periferia, e os processos que nela ocorrem, é vista como o outro do capitalismo

Segundo a crítica de Kurz (2014, p. 34), essa reflexão designa uma identidade ideológica da ontologia com o processo histórico, isto é, a unidade do lógico e do histórico leva a argumentação à crença do “desenvolvimento trans-histórico de condições ontológicas ou antropológicas” das categorias do capital, por meio de um “desenvolvimento sequencial de determinações formais que já não é o do capital, mas da história no seu todo”.

A interpretação do processo histórico enquanto ontologia do trabalho pode ser

²⁹ O posicionamento de Vasconcelos em relação a escolha pela teoria do excedente de Furtado aparece claramente em nota de rodapé, em que a autora explica rapidamente as duas posições no debate econômico de Preobrajensky e Bukhain, calcados na lei do valor, e o porquê assume outros pressupostos teóricos: ”partindo da análise histórico-concreta, pensamos que a teoria do excedente que sustenta o conceito de subdesenvolvimento e a economia política estruturalista latino-americana, tal como formulada por Celso Furtado, é mais capaz de explicar os problemas específicos da América Latina e, por conseguinte, de Cuba. (...) a noção de excedente é mais ampla que a de mais-valia, uma vez que pode ser utilizada para a investigação de formas não capitalistas de produção, isto é, nos permite percorrer diferentes transformações revolucionárias sem abandonarmos a precisão conceitual, sem nos perdermos em rotulações inadequadas e, finalmente, sem a necessidade de ressalvas teóricas abstratas sobre a maior ou menor validade da lei do valor nas economias de transição – o que estaria muito além do objetivo deste trabalho. Por estes motivos, a teoria do excedente se revelou mais adequada ao nosso objeto” (2017, p. 25).

³⁰ Retomaremos a crítica da ontologia do trabalho concreto no capítulo 2.

encontrada em Engels e também era partilhada por Marx³¹, transformando-se em entendimento corrente do materialismo histórico, como “sequência intrinsecamente lógica e historicamente necessária de formações sociais (ou seja, aquela simples inversão da metafísica da história de Hegel)” (KURZ, 2014, p. 35). Entretanto, Marx analisa exceções a essa concepção, e sua análise categorial do capital aponta para o caráter moderno de tais formas e relações. Ademais, principalmente em *O Capital*, Marx discute sobre os sentidos críticos do capitalismo que constituem seu caráter de forma social fetichista. Nesse sentido, as categorias modernas do capital, mercadoria, dinheiro, trabalho etc., expressas enquanto economia política, detém uma objetividade fantasmagórica que historicamente tem conduzido as sociedades não em direção à revolução ou superação, mas à crise fundamental dessa forma social, e à sua reprodução cada vez mais catastrófica. Uma das consequências das análises trans-históricas e ontológicas das categorias do capital é a positivação do capitalismo enquanto processo civilizacional, em que as contradições do capital são reduzidas à “enunciados que ainda são compatíveis com a razão iluminista do capitalismo”³² (KURZ, 2014, p. 337).

Voltando à questão das relações de trabalho em Cuba antes da Revolução, de acordo com Vasconcelos (2017, p. 45-46), “a modernização da plantation em Cuba gerou um regime de propriedades de tipo latifúndio-minifúndio”, sendo que tal regime também foi definido por Furtado para definir a estrutura agrária da América Latina. O minifúndio seria a base da agricultura de subsistência:

Considera-se como de subsistência a unidade em que dois terços ou mais da produção são para autoconsumo, mesmo se aqueles que nela trabalham derivam uma renda complementar de atividade exterior. Por vezes as unidades de subsistência vivem em simbiose com a agricultura comercial. É esse o caso do binômio minifúndio-latifúndio característico da estrutura agrária de grande parte da América Latina (Furtado, 1981, p. 97 apud. Vasconcelos, 2017, p. 45).

³¹ Marx, principalmente em *O Capital*, afirma, mas também nega a ontologia do trabalho e a existência trans-histórica das categorias do capital. Abordaremos as contradições de Marx, enquanto “duplo Marx”, no capítulo 3.

³² Segundo Kurz (2014, p. 337): “A história é atirada para a prisão categorial da relação formal lógico-ontológica do “trabalho abstrato”, da forma do valor e do dinheiro, sendo considerada não mais que uma evolução ou desenvolvimento dessa mesma relação. Como coroação de tal metafísica da história, este processo global da bárbara “pré-história” (Marx), da qual também ainda faz parte o fetiche do capital, aparece então como “processo civilizacional” (Norbert Elias). Não seria possível trocar de modo mais cruel das miríades de vítimas desta “história de progresso”. As contradições na argumentação teórico-histórica de Marx são, assim, como em qualquer outro aspecto, mais uma vez reduzidas unilateralmente àqueles enunciados que ainda são compatíveis com a razão iluminista do capitalismo, ao passo que todos os outros enunciados que são incompatíveis com a metafísica da história burguesa são pura e simplesmente ignorados.

Nesse sentido, a autora – refletindo sobre a realidade cubana – afirma que os minifúndios eram “a forma territorial do *tiempo muerto*, pois eram a única possibilidade de subsistência para a maioria dos cortadores de cana dispensados todos os anos de abril a novembro” (VASCONCELOS, 2017, p. 46). A partir da análise de uma “complexa cadeia de arrendamentos e subarrendamentos” que envolviam os minifúndios, Vasconcelos (Ibid) considera que a articulação desta com os latifúndios – expressão da grande concentração fundiária em Cuba – determinava “a essência especulativa do regime de propriedades da plantation modernizada”. Tais relações de propriedade, para a autora, sustentavam “circuitos de especulação” entorno da renda da terra, ou ainda, da “prática rentista”, conforme designou:

Os subarrendatários, parceiros e precaristas somavam aproximadamente 100 mil pessoas nos anos 1950 (Pericás, 2004, p. 35). Sobre eles se erguiam os circuitos de especulação que oxigenavam o regime de propriedades da plantation modernizada, conectando o latifúndio ao minifúndio pela prática rentista. Existiam três regimes regulamentados de concessão rentista da terra: o arrendamento, o subarrendamento e a parceria. Os subarrendatários ocupavam 4,4% do número de propriedades e deveriam pagar as rendas em dinheiro para arrendatários intermediários ou finais. Muitas vezes, entre o último subarrendatário e o proprietário havia uma porção de intermediários que sacavam suas rendas sem plantar um hectare sequer. Já os parceiros, que ocupavam 20,7% das unidades produtivas, estavam obrigados a pagar pelo uso da terra em espécie, renda que poderia chegar à metade ou um terço da sua produção total. Os parceiros estabeleciam uma relação contratual com o arrendador, mas sem mediação monetária, e sua lavoura estava submetida aos interesses cíclicos da safra canavieira. Por fim, havia ainda um regime sem regulamentação: os precaristas, que ocupavam 8,6% do número de propriedades. Eles sequer possuíam um contrato, e estavam plenamente desprotegidos de qualquer legislação trabalhista, geralmente em posse ilegal de um pequeno terreno para produção de subsistência. Justamente pela ausência de contrato, estavam mais suscetíveis às explorações da cadeia de intermediários (Valdés Paz, 1997, p. 13). (...) No total, 90% dos minifúndios menores que 1,8 caballerías eram ocupadas por arrendatários, subarrendatários, parceiros e precaristas. E as terras dos subarrendatários, parceiros e precaristas somadas não alcançavam mais do que 11,2% da superfície agrícola da ilha (VASCONCELOS, 2017, p. 49)

Com essa importante descrição, Vasconcelos identifica a estrutura de mobilização do trabalho canavieiro mediada por formas rentabilizadas de acesso à terra³³. A autora ressalta a pressão para o rebaixamento das condições de reprodução da classe trabalhadora própria à estrutura agrária cubana, chamada por Vasconcelos (2017, p. 50) de “camponês-proletário”. Nesse aspecto, afirma que, no período da república de Cuba, havia nos minifúndios uma “simbiose” entre o proletariado rural (assalariado no período da safra açucareira) e o camponês (que produzia em parte para seu próprio consumo familiar, e parte para pagar o arrendamento da terra durante o *tiempo muerto*)³⁴. Segundo a autora:

Assim, nos minifúndios ocorria a simbiose do assalariado agrícola com o camponês. O subarrendatário, parceiro ou precarista tinha essa dupla origem social: por um lado, era o pequeno camponês desapropriado que havia sido deslocado para as piores terras e estava sempre à procura de um salário e, por outro, era o assalariado eventual que durante a entressafra buscava alternativas de sobrevivência nos minifúndios. Desta simbiose surgiu, na estrutura agrária cubana, uma classe social particularmente híbrida, o camponês-proletário, que era assalariado de dezembro a março e sobrevivia em um minifúndio entre abril e novembro. Assim, a manipulação especulativa da terra por parte do grande proprietário e dos intermediários oprimia as margens de sobrevivência do camponês-proletário e reproduzia a segregação social na agricultura no mesmo ritmo dos ciclos sazonais de desemprego. Segundo o censo oficial de 1946, a diferença da renda familiar mensal de um camponês com até 10 hectares (0,75 caballerías) e de um latifundiário com mais 1.000 hectares (74,5 caballerías) podia alcançar até 90 vezes (Valdés Paz, 1997, p. 32). Se entre o latifúndio e o minifúndio havia esta cadeia especulativa local, a plantation

³³ Reconhecemos que em relação as formas de arrendamento, subarrendamento e parcerias descritas por Vasconcelos, haveria um importante debate a ser feito entorno da renda da terra, de acordo com o exposto no livro III de *O Capital*. Entretanto, isso exigiria um aprofundamento da pesquisa a respeito da história agrária cubana, que vai além do propósito desta tese.

³⁴ Vasconcelos (2017, p. 50) descreve o movimento de expropriação camponesa em Cuba, e sua proletarianização paulatina e parcial, da seguinte maneira: “A vida dos subarrendatários, parceiros e precaristas nos minifúndios estava diretamente identificada com a do proletariado rural, pois todos se encontravam à deriva das ondas sazonais de desemprego. Este campesinato sem posses sofrera historicamente com desapropriações decorrentes da expansão do capitalismo no campo, sendo deslocado para as piores terras da fronteira agrícola e submetido a estes regimes de concessão rentista. Não por acaso os camponeses que habitavam a Sierra Maestra apoiaram ativamente a guerrilha: tanto eles, quanto seus antepassados chegaram àquelas terras coagidos pela Guarda Rural, corpo armado criado durante a ocupação estadunidense de 1902 a serviço da concentração fundiária. Esta fração despossuída da classe camponesa foi paulatinamente se proletarizando”.

modernizada se conectava organicamente aos largos canais especulativos do mercado financeiro mundial, conexão cuja história remonta as origens da heterogeneidade estrutural (VASCONCELOS, 2017, p. 50-51)

Sob o argumento da “absorção assimétrica de tecnologia”, que resultava na manutenção da “heterogeneidade estrutural”, Vasconcelos apoia-se em um argumento dualista sobre o processo de modernização cubana, ao considerar a diferença de produtividade agrícola e industrial enquanto coexistência de um setor atrasado e outro moderno na produção açucareira do país³⁵. No entanto, aponta que o próprio setor moderno, enquanto indústria açucareira cubana, estava “tecnicamente atrasada” em relação ao nível mundial de desenvolvimento das forças produtivas do setor (Vasconcelos, 2017, p. 52).

A partir da descrição das relações de propriedade e trabalho no sistema minifúndio-latifúndio, Vasconcelos identifica, dessa maneira, dois circuitos de especulação: um que se estabelece sobre a cadeia de arrendamentos e subarrendamentos dos minifúndios; e outro que articulava a produção açucareira cubana com o mercado financeiro mundial. Este último circuito seria impulsionado pela vasta capacidade ociosa do setor, que além de manter terras improdutivas, também deixava parte da cana – cerca de 20% – sem cortar, como reserva de mercado, na espera especulativa por melhores preços³⁶.

³⁵ Vasconcelos (2017, p. 51-52) cita Juan Noyola, economista da CEPAL que esteve em missão técnica em 1959 em Cuba, para sustentar o argumento dualista da modernização: “O resultado natural do estabelecimento de relações entre um país chamado subdesenvolvido e um país industrial é a divisão da economia do primeiro em dois setores: um setor moderno, no qual inclusive se utilizam as técnicas mais modernas e eficientes que se conhecem, e um setor arcaico, cujo desenvolvimento se vê obstaculizado menos por qualquer trava de caráter interno do que, precisamente, pela existência do setor moderno controlado pelo imperialismo (1978, p. 115)”. Tal argumento, conforme exposto anteriormente, foi rebatido e criticado por Francisco de Oliveira (2003).

³⁶ A autora descreve a concorrência estabelecida entre proprietários de terras: os *hacendados* – donos dos engenhos (centrais e supercentrais) – e colonos arrendadores. O resultado histórico foi a centralização do capital e aquisição de terras por parte dos centrais, que passaram a plantar as chamadas “canas de administração”, livrando-se em parte dos supostos preços especulativos impostos pelos colonos, que acabaram como “elo mais fraco da burguesia agrária”: “Com a modernização das centrais e aumento exponencial de capacidade produtiva industrial, os colonos manipularam a elevação especulativa dos preços da cana. Diante disso, os proprietários de central assumiram uma política ofensiva de aquisição de terras em larga escala, onde pudessem plantar as chamadas canas de administração, controlar as ferrovias de transporte da cana e assim evitar os altos preços especulativos dos colonos. (...) Com o surgimento das canas de administração e o prejuízo dos colonos, os proprietários de centrais passaram a preferir arrendar suas terras ao invés de administrá-las diretamente, fundindo as canas de administração aos sistemas de arrendamentos e subarrendamentos. Dessa forma, os *hacendados* não só obtinham ganhos mais fáceis, como evitavam o contato direto com os trabalhadores e suas incômodas reivindicações, que recaíam sobre colonos arrendatários. A renda da terra foi uma ferramenta de dominação entre as frações da classe dominante, isto é, o colono arrendatário sofria prejuízos devido ao controle monopolista da central açucareira por parte de uma oligarquia financeira muitas vezes estrangeira. (...). As canas de administração, por exploração direta ou arrendamento, mantinham o proprietário da central protegido das flutuações do mercado mundial. Ademais, a progressiva centralização das centrais nas mãos das oligarquias financeiras conectava os estreitos canais especulativos do arrendamento das canas de administração aos largos corredores especulativos dos grupos financeiros de Wall Street, o que por sua vez explica a ampliação progressiva da superfície ociosa e da mão de

O que dinamizava a estrutura latifúndio-minifúndio era a especulação e a subutilização das capacidades produtivas. Em uma palavra, se o corpo do regime de propriedades latifúndio-minifúndio foi formado pela absorção assimétrica de progresso técnico no setor açucareiro, a especulação era sua alma. A especulação ocorria em dois planos. No plano macro, através da subutilização geral das capacidades produtivas: ociosidade da terra, capital inativo e desemprego da força de trabalho. No plano micro, como exposto anteriormente, através de um complexo sistema de arrendamentos e subarrendamentos, pequenos vasos de transmissão do grande fluxo especulativo atrelado à ordem econômica internacional (VASCONCELOS, 2017, p. 57).

Nesse sentido, ao não considerar as contradições entre crise e acumulação postas enquanto valorização do valor do capital como totalidade mundial, bem como a relação entre o capital financeiro e produtivo no momento imperialista, a autora reduz a crítica ao capitalismo a processos especulativos de drenagem de “excedentes” (?) de um circuito pelo outro. Ao não reconhecer a valorização do valor como exploração abstrata de trabalho, o lucro da produção açucareira cubana é visto como resultado de atividade especulativa. Não há nenhum questionamento sobre a forma abstrata da exploração do trabalho relacionada à produção de valores que, submetida à necessidade crítica de reprodução e realização da mais-valia em nível mundial, determinavam o processo social enquanto modernização periférica. Ao invés disso, a crítica se fixa na dominação de classes expressa na constituição de circuitos especulativos que visavam alimentar os interesses da burguesia estadunidense e, ao mesmo tempo, impediam o desenvolvimento das forças produtivas em outros setores da economia cubana. A crítica ao capitalismo, nesse sentido, se reduz à crítica distributivista.

O termo “camponês proletário” utilizado por Vasconcelos parece ser uma contradição que remete à forma particular de exploração e modernização capitalista dos países periféricos, principalmente em Cuba. O acesso à terra – mediado pela cadeia de arrendamentos e subarrendamentos descritos pela autora – seria uma forma de reduzir os custos da reprodução dos trabalhadores rurais cubanos empregados parte do ano na produção açucareira? O que os baixos níveis de rendimentos provindos de salário e de consumo, por parte desses trabalhadores,

obra desocupada (Pino-Santos, 1983, p. 213, 278-279, 426-9, 434). Segundo Oscar Zanetti Lecuona, 12 em 1952, a concentração fundiária havia aumentado enormemente a distância econômica e social entre os grandes e pequenos colonos. Enquanto 730 grandes colonos, que representavam 0,01% do total, cultivavam 29% das canas moídas, uma massa de 40 mil colonos pequenos (61% do total) moíam apenas 8,6% de sua produção (Lecuona, 2009, p. 81)”. (VASCONCELOS, 2017, p. 54-55).

poderia nos dizer a respeito da constituição da dependência reificada enquanto forma de desenvolvimento e reprodução capitalista?

1.4 – Breve exposição teórica sobre a contradição do desenvolvimento das forças produtivas

Segundo os termos contraditórios da produção de valor e da reprodução das relações capitalistas de produção pensados por Marx (1988b, p. 242), o aumento da produtividade se constitui necessariamente como dispensa de trabalho vivo do processo produtivo e o consequente barateamento das mercadorias e da mercadoria força de trabalho³⁷.

O desenvolvimento das forças produtivas estabelece uma contradição: quanto mais produtivo é o trabalho, mais mercadorias são produzidas em menos tempo e menor é a quantidade de valor em cada mercadoria. Daí decorre a constante necessidade de expansão do consumo concomitantemente à produção, na tentativa de realizar a mais-valia produzida através da produção e venda de quantidades cada vez maiores de mercadorias. Tal dinâmica se coloca como sentido da reprodução ampliada do capital, enquanto contradição em processo, aparentemente remediada, nas primeiras décadas do século XX, pelo “mecanismo de compensação relativa” característico da expansão fordista da produção de mercadorias (Scholz, 2016, sem paginação).

Em acordo com Marx, podemos pensar que a concorrência entre os diversos capitais impõe a necessidade de se reduzir o preço das mercadorias, a fim de serem mais competitivas frente a outras mercadorias. O salário, como valor mínimo da reprodução da força de trabalho, aparece enquanto custo de produção das mercadorias que precisa ser igualmente reduzido. Nesse sentido, se constitui uma tendência do capital produtivo de investir cada vez mais em capital constante, sobretudo em capital fixo³⁸, e diminuir os investimentos em capital variável (força de trabalho), sendo esse o movimento de constituição da mais-valia relativa, que se torna possível a partir da grande indústria.

Ao analisar a acumulação do capital como sentido lógico do mesmo, nos deparamos com uma questão: a criação de valor se dá por meio da extração da mais-valia, quando a relação entre capital constante e variável, a chamada composição orgânica do capital, (Marx, 1988), proporciona uma taxa de lucro que permite a reprodução ampliada do capital em seus próprios

³⁷ De acordo com Marx, o valor pago em salários – o chamado capital variável – aparece ao capital, e ao capitalista individual, como custo de produção. Dessa maneira: “[...] é impulso imanente e tendência constante do capital aumentar a força produtiva do trabalho para baratear a mercadoria e, mediante o barateamento da mercadoria, baratear o próprio trabalhador” (MARX, 1988b, p. 242). Retomaremos esse assunto nos capítulos 2-3.

³⁸ Explicaremos adiante o sentido do chamado capital constante e fixo.

termos, isto é, a partir da exploração abstrata da força de trabalho. Marx procura expor as possíveis situações em que o capital, ao desenvolver suas forças produtivas, aumentando assim a extração de mais-valia relativa, desenvolve sua capacidade de explorar mais trabalho em relação ao tempo de trabalho necessário à reprodução do trabalhador, ou seja, extrair muito mais valor do que este receberá em forma de salário³⁹ (MARX, 1988). Esse processo vai se configurar num astronômico aumento na quantidade de mercadorias, isto é, um aumento da massa de valor, mas relativamente menos valor por mercadoria produzida, o que conduz a crises de superprodução.

Em vista disso, é possível afirmar que existe uma contradição posta no plano da produção do capital, que se desdobra simultaneamente para uma contradição em sua reprodução, em que, dada a pressão da concorrência, os diferentes capitais se veem impelidos a desenvolver sua maquinaria (capital fixo, parte do capital constante), mas não só, desenvolver toda uma série de medidas estruturais a fim de economizar trabalho vivo e reduzir os custos de produção, barateando as mercadorias e a força de trabalho. Esse processo leva à constante expulsão de trabalhadores do processo produtivo (Marx, 1988). Nesse aspecto, tal contradição pode ser entendida como crise imanente do capital, que se desdobra enquanto contradição em processo, uma vez que esse movimento engendra outras contradições, simultâneas a esta, no plano da circulação e reprodução do capital como um todo, do capital em geral. O aumento histórico da composição orgânica do capital (relação entre o capital constante e o capital variável) foi uma temática debatida teoricamente por Marx n'*O Capital* (1985, v.II, cap. XXI) e nas *Teorias Sobre la Plusvalia* (1969) frente à crítica ao pensamento fisiocrático e da economia política clássica, sobretudo representada por Adam Smith (MARX, 1969).

Segundo Marx, o capital variável corresponde à força de trabalho, e é chamado de variável porque é a forma do capital que valoriza o valor no processo de produção de mercadorias. Já o capital constante corresponde as demais formas necessárias à produção de mercadorias, tais como matérias-primas, maquinaria, ferramentas etc. São chamadas de capital constante porque apenas transferem seu valor à mercadoria, mantendo seu valor constante no produto acabado. (MARX, 1988, v.I, cap. VI). Além dessa distinção das formas do capital, Marx ao longo de sua obra estabelece outras, que são importantes para mover dialeticamente suas categorias. Podemos dizer, resumidamente, segundo Mandel, que:

³⁹ Nesse caso talvez faça algum sentido falar em excedente, em trabalho excedente, não como materialidade, mas como mais trabalho, isto é, tempo de trabalho abstrato realizado além do que o trabalhador irá receber como salário. Esse “trabalho excedente” constitui a mais-valia, enquanto trabalho não-pago, que por sua vez está relacionada à produtividade e tempo social médio mundial da produção de mercadorias.

Ele (Marx) agrupa todas as firmas em duas categorias, as que produzem meios de produção (Departamento I) e as que produzem bens de consumo (Departamento II). Todos os produtores à disposição da sociedade, que se vêem obrigados a vender sua força de trabalho, são analogamente repartidos por essas duas esferas. A mesma divisão é aplicada à massa de meios de produção de que dispõe a sociedade, sejam fixos (máquinas, construções) ou circulantes (matérias-primas, fontes de energia, elementos auxiliares) ⁴⁰ . (MANDEL, 1985, p. 16)

A reprodução ampliada do capital enquanto capital constante e fixo, nesse debate, coloca, dentre outras questões, a contradição posta pela impossibilidade do lucro e dos salários anuais comprarem todas as mercadorias produzidas anualmente, uma vez que tanto a mais-valia, enquanto lucro, como o capital variável, enquanto salário – dado o caráter simultâneo do capital em que cada momento deste se constitui como o capital como um todo – comportam o capital constante e a necessidade contraditória de reproduzi-lo de forma ampliada (MARX, 1969). Nesse sentido, o desenvolvimento das forças produtivas se institui como lógica contraditória inevitável graças, principalmente, ao poder da concorrência e à necessidade de aumentar a extração de mais-valia relativa.

No entanto, um ponto fundamental da crítica à economia política realizada por Marx é a diferenciação categorial entre valor e preço. Segundo Marx,

O preço é a denominação monetária do trabalho objetivado na mercadoria. Por isso, a equivalência da mercadoria e do quantum de dinheiro, cuja denominação é o preço dela, é uma tautologia, como a expressão relativa de valor de uma mercadoria por si é sempre a expressão da equivalência de duas mercadorias. Mas se o preço como expoente da grandeza de valor da mercadoria é expoente de sua relação de troca com o dinheiro, não se segue, ao contrário, que o expoente de sua relação de troca com o dinheiro seja necessariamente o expoente de sua grandeza de valor. (MARX, 1988, p. 91)

⁴⁰ É preciso lembrar que o próprio capital variável é considerado, por Marx, como capital circulante. Além disso o caráter fixo e circulante do capital está em relação negativa com a materialidade do objeto, já que o que determina se um componente é um ou outro é o valor que este transmite à mercadoria no processo produtivo por meio da exploração de trabalho vivo. O capital fixo transfere apenas parte de seu valor a cada mercadoria em cada processo produtivo, *i. e.*, a parte que foi desgastada no processo. Já o valor do capital circulante entra todo no valor das mercadorias a cada ciclo produtivo. (MARX, 1988, l. II). Marx também estabelece diferenciações internas entres esses departamentos, como subdepartamentos I e II, os quais não são objetos de estudos nessa pesquisa.

Marx aponta para a forma monetária como terceiro momento simultâneo em relação ao valor e a mercadoria. O preço, enquanto expressão da forma monetária, pode imputar – no processo de circulação do capital – a qualquer forma, objeto, ação, a forma mercadoria, pois tudo acaba tendo um preço, mesmo que não tenha valor. Entretanto é inerente a sua forma a possibilidade de não coincidência entre o preço e aquilo que ela reflete: a grandeza de valor, em outras palavras, faz parte da natureza do preço a possibilidade de este não coincidir com o valor da mercadoria a qual representa. Na exposição lógica sobre a diferenciação entre preço e valor, Marx anuncia a possibilidade de autonomização entre esses dois termos, que mantém negativamente sua relação de necessidade lógica.

A forma preço, porém, não só admite a possibilidade de incongruência quantitativa entre grandeza de valor e preço, isto é, entre grandeza de valor e sua própria expressão monetária, mas pode encerrar uma contradição qualitativa, de modo que o preço deixa de todo de ser a expressão do valor, embora dinheiro seja apenas a forma valor das mercadorias. Coisas que em si e para si, não são mercadorias, como por exemplo consciência, honra etc., podem ser postas à venda por dinheiro pelos seus possuidores e assim receber, por meio de seu preço, a forma mercadoria. Por isso, uma coisa pode, formalmente, ter um preço, sem que tenha um valor. A expressão do preço torna-se aqui imaginária, como certas grandezas da Matemática. (MARX, 1988, I, v.I, t. I, p. 91-92)

O preço se constitui como um dos âmbitos, se não o principal, da linguagem das mercadorias. O dinheiro na forma preço, se expressa como a riqueza social e abstrata do sistema produtor de mercadorias, possibilitando a constituição de uma visão estrutural a respeito do plano econômico da sociedade, que não comporta a crise e contradição imanente entre essa forma e a forma valor. Em sua crítica ao valor, Marx reconhecia o caráter fantasmagórico do dinheiro, em que o fetichismo dessa forma é, em verdade, o fetichismo da mercadoria tornado visível e ao mesmo tempo ofuscante:

As mercadorias encontram, sem nenhuma colaboração sua, sua própria figura de valor pronta, como um corpo de mercadoria existente fora e ao lado delas [...]. Daí a magia do dinheiro. A conduta meramente atomística dos homens em seu processo de produção social e, portanto, a figura reificada de suas próprias condições de produção, que é independente de seu controle e de sua

ação consciente individual, se manifesta inicialmente no fato de que seus produtos do trabalho assumem em geral a forma mercadoria. O enigma do fetiche do dinheiro é, portanto, apenas o enigma do fetiche da mercadoria, tornado visível e ofuscante. (MARX, 1988, I, v.I, t. I, p. 84,85)

Grande parte das análises marxistas se estabelece ao nível dos preços, sem considerar o lucro, e a formação da taxa de lucro, como categoria fetichista da aparência. Segundo Marx a taxa de lucro é calculada com base na relação entre a mais-valia e o capital total investido ($l' = \frac{m}{c+v}$)⁴¹, já a taxa de mais-valia é calculada baseada na relação entre a mais-valia produzida e o capital variável empregado no processo ($m' = \frac{m}{v}$) (1986, p. 33). Nesse sentido, entendemos que uma das determinações que constitui o lucro enquanto categoria fetichista é o fato deste representar a forma de consciência do capitalista que calcula seus ganhos em relação ao seu investimento total gasto em cada ciclo produtivo, em capital constante e variável, e não em relação somente a seu capital variável, na medida em que explora trabalho, embora uma coisa não esteja separada da outra. Entretanto, do ponto de vista do capital global e de sua reprodução geral, a determinação do processo recai sobre a produção de mais-valia, sobre a relação de exploração de trabalho vivo que, segundo o autor, em certo nível de desenvolvimento das forças produtivas e aumento da composição orgânica do capital, se expressa – como desdobramento histórico da contradição simples da forma valor e da reprodução do capital – na forma da queda tendencial da taxa de lucro. (MARX, 1986, III, cap. XIII)

Como a massa de trabalho vivo empregado diminui sempre em relação à massa de trabalho objetivado, posta por ele em movimento, isto é, o meio de produção consumido produtivamente, assim também a parte desse trabalho vivo que não é paga e se objetiva em mais-valia tem de estar numa proporção sempre decrescente em relação ao volume de valor do capital global empregado. Essa relação da massa de mais-valia com o valor do capital global empregado constitui, porém, a taxa de lucro, que precisa, por isso, cair continuamente. (MARX, 1986, p. 164)

⁴¹ Essa fórmula está descrita no livro III de “O capital” e significa, literalmente: taxa de lucro é igual a mais-valia sobre capital total, igual a mais-valia sobre capital constante mais capital variável.

Ao discutir o papel da concorrência na reprodução ampliada crítica do capital como valorização do valor, a partir do estudo da obra de Marx, Kurz (1995) chama atenção para a contradição capitalista que decorre no âmbito da produção da mais-valia relativa e de sua apropriação, na esfera da circulação, pelos diferentes capitais. Essa contradição se estabelece em função da constituição de uma base de produtividade social média que irá determinar uma transferência de mais-valia aos capitais mais produtivos (MARX, 1986, III, v. IV, t. I, cap. IX). Dessa maneira, o processo de valorização e reprodução do capital se realiza mediado pela concorrência entre os mais diferentes capitais, em que os capitais menos produtivos, os que detêm menor composição orgânica do capital e que, portanto, produzem com uma taxa menor de mais-valia, mas uma quantidade relativamente maior de mais-valia por unidade de mercadoria, transferem, no momento da circulação, parte de sua mais-valia aos capitais mais produtivos, que produzem com taxas maiores de mais-valia, porém com menor quantidade de mais-valia por unidade de mercadoria produzida (MARX, 1986, III, v. IV, t. I, cap. IX). Esse processo é possível na metamorfose do valor da mercadoria para a forma preço, no momento da circulação do capital.

Entendemos, nesse sentido, que o valor das mercadorias é determinado em seu processo produtivo, no entanto, é na circulação, onde todas as mercadorias e capitais se confrontam, que vai ser formado o preço a partir de uma média social entre esses capitais. O apagamento desse processo advém do próprio fetichismo do dinheiro, enquanto fetichismo do capital, que na circulação precifica todas as formas e tempos sociais de produção na forma da mercadoria e do tempo social médio:

Como ao dinheiro não se pode notar o que se transformou nele, converte-se tudo, mercadoria ou não, em dinheiro. Tudo se torna vendável e comprável. A circulação torna-se a grande retorta social, na qual lança-se tudo, para que volte como cristal monetário. (...) Como no dinheiro é apagada toda diferença qualitativa entre as mercadorias, ele apaga por sua vez, como *leveller*⁴² radical todas as diferenças. (MARX, 1988, I, t. I, p. 111)

Na transmutação do valor em preço, no mercado, na circulação, é formada a taxa de lucro média a partir da formação do tempo social médio necessário à produção de mercadorias, com a confrontação de diferentes capitais com diferentes composições orgânicas, que produziram as

⁴² Nivelador (N. dos T,- MARX, 1988, I, t. I, p. 111).

mercadorias em diferentes tempos sociais. Assim, a taxa de lucro, bem como a taxa de juros, embora apareçam como determinantes para a efetivação de um capital, de um empreendimento, se formam *a posteriori* do processo produtivo, embora sejam calculadas antecipadamente pelo capitalista. Esse processo, enquanto formação de um tempo médio social, torna improdutivos os capitais que não se encontram no tempo social médio de produtividade, capitais com composições orgânicas inferiores, sendo esse o caráter “cego” da produção e reprodução capitalista, que retomaremos adiante. A média social, enquanto tempo médio necessário à produção de mercadorias, é estabelecida no momento da circulação e da realização do capital, em que os diferentes capitais não têm como se certificarem na produção se se encontrarão nessa média, esperando apenas uma remuneração de acordo com o capital total investido.

Esse é o caráter do “salto mortal da mercadoria” (MARX), a qual, uma vez na circulação, não tem garantia se será realizada, dependendo para isso, que seu tempo de produção esteja em conformidade com o tempo médio social. Assim, a capacidade de realização da mercadoria e da mais-valia nela contida dependeria não da capacidade de consumo da classe trabalhadora, mas se a mercadoria foi ou não produzida no tempo médio social, o que garantirá a reprodução ampliada desse capital. Entendemos que esse é um aspecto da discussão lógica que está posta n’*O Capital* (MARX, 1985,1988).

1.5 – O imperialismo para além dos interesses de classe

Tendo em vista nossa breve exposição lógica do movimento das categorias do capital, gostaríamos de nos ater nesse momento para a relação entre os dois departamentos, do ponto de vista das relações internacionais, como momento imperialista de acumulação e crise. O processo de modernização de Cuba, entre o final do século XIX e início do século XX, poderia estar relacionada à crise de superprodução do departamento I estadunidense. A maneira imperialista de mover a crise de superprodução dos países centrais se realizaria na exportação de capitais, na forma de máquinas, mas principalmente na forma monetária de capital a juros, além de outros bens de capital, que impõe o desenvolvimento do capitalismo periférico de modo particular, tal como ocorreu em Cuba. Lenin (1979) aponta para o caráter financeiro do imperialismo, estabelecido enquanto processo de elevada acumulação de capital:

O imperialismo é o capitalismo chegado a uma fase de desenvolvimento onde se afirma a dominação dos monopólios e do capital financeiro, onde a exportação dos capitais adquiriu uma importância de primeiro plano, onde

começou a partilha do mundo entre os trustes internacionais e onde se pôs termo à partilha de todo o território do globo, entre as maiores potências capitalistas. (LENIN, 1979, p. 88)

A formação de monopólios – tal como os grandes trustes açucareiros em Cuba – segundo o autor, seria “consequência da concentração da produção” e da reunião necessária do capital produtivo com o bancário, enquanto movimento de centralização do capital financeiro (LENIN, 1979, p. 20). O capital financeiro tornado disponível aos empreendimentos do capital industrial dos países centrais, como os Estados Unidos, passa a ser exportado aos países periféricos, na busca de maiores taxas de lucro e juros (LENIN, 1979, p. 30), ou ainda, na busca de um “superlucro” do capital monopolista (MANDEL, 1985). Entendemos que a queda da taxa de lucro é um momento fundamental deste processo.

Em relação à formação monopolística, Marx discute o processo de centralização do capital, no qual os capitais maiores derrotam os menores. (1988c, p. 283). A concorrência opera no sentido de arruinar diversos capitais menores, que se transferem para os maiores, ou ainda, se destroem. O crédito tem importância fundamental nesse movimento do capital:

[...] com a produção capitalista constitui-se uma potência inteiramente nova, o sistema de crédito que, em seus primórdios, se insinua furtivamente como modesto auxiliar de acumulação, levando por fios invisíveis recursos monetários, dispersos em massas maiores ou menores pela superfície da sociedade, às mãos de capitalistas individuais ou associados, mas logo se torna uma nova e temível arma na luta da concorrência e finalmente se transforma em enorme mecanismo social para a centralização dos capitais (MARX, 1988b, p. 188).

Marx ainda ressalta que a centralização é um processo muito mais rápido do que a acumulação, a qual se apresenta efetivamente mais lenta para os termos do capitalismo de sua época, e que, graças a esse primeiro processo, foram dados inúmeros saltos tecnológicos, principalmente mediante as sociedades por ações. Nesse aspecto, o desenvolvimento do capital financeiro acompanha o desenvolvimento das forças produtivas, embora o movimento de centralização dos capitais, segundo Marx, prescindia do crescimento positivo do capital social enquanto exploração de mais-valia:

À medida que se desenvolve a produção e acumulação capitalista, na mesma medida desenvolve-se concorrência e crédito, as duas mais poderosas alavancas da centralização. [...] Mas, embora a expansão relativa e o ímpeto do movimento centralizador sejam determinados até certo ponto pela grandeza já atingida da riqueza capitalista e pela superioridade do mecanismo econômico, o progresso da centralização não depende, de nenhum modo do crescimento positivo da grandeza do capital social. E especialmente isso diferencia a centralização da concentração, que é apenas outra expressão para a reprodução em escala ampliada. A centralização pode ocorrer por meio de mera mudança da distribuição de capitais já existentes, mediante mudança simples do agrupamento quantitativo dos componentes do capital social. O capital pode crescer aqui numa mão até formar massas grandiosas, porque acolá ele é retirado de muitas mãos individuais. (MARX, 1988b, p. 188)

Uma vez que o processo de centralização do capital não corresponda ao desenvolvimento capitalista em termos de exploração de mais-valia, o movimento de expropriação dos capitalistas pelos próprios capitalistas, e a pressão que isso exerce sobre os trabalhadores rurais em Cuba, aparece para Vasconcelos (2017) enquanto circuitos especulativos de preços e “acumulação por expropriação”, conforme abordamos anteriormente. Contudo, por mais que a burguesia agrária cubana especule sobre o preço da terra e da produção canavieira, esse fato não elimina as determinações fetichistas do movimento de valorização do valor e sua crise, conforme expusemos anteriormente. Nesse sentido, o movimento de centralização posto pelo capital financeiro não está livre da dinâmica dos processos “cegos” e mecanismos que se passam “às costas” dos sujeitos produtores de mercadorias, sendo estas as expressões que Marx usa em “O capital” para dizer sobre a forma contraditória com que a mais-valia se realiza e se reproduz no cotidiano, como diferenciação entre preço e valor e como imposição da exploração abstrata de trabalho, enquanto fim em si mesmo do capital⁴³(MARX, 1985, 1988). Nesse sentido, por mais que o processo capitalista passe pela consciência dos sujeitos⁴⁴, estes não têm controle dos resultados da produção e da centralização do capital.

⁴³ Retomaremos as discussões sobre os processos “cegos” do capital, atrelado a sua tautologia e à contradição entre concreto e abstrato que se estabelece na modernidade nos capítulos 3 e 4.

⁴⁴ A determinação dos ditames da valorização aparece na consciência tanto dos trabalhadores quanto dos capitalistas, seja precisando ofertar seu tempo como mão de obra no mercado de trabalho para acessar dinheiro, no caso dos primeiros, ou ainda esperando uma remuneração segundo seu capital inicial investido e especulando sobre os preços, no caso da burguesia, o que poderá não se efetivar no processo capitalista. Nesse aspecto, a forma do sujeito moderno corresponde à forma de valor, “sendo esta subjetividade sempre inconsciente relativamente à

A análise da competição entre os diversos capitais – monetário, produtivo e mercadoria – na busca pela realização e apropriação da mais-valia socialmente produzida é substituída, na teoria do excedente utilizada por Vasconcelos (2017), pela ideia de “circuito especulativo”, uma vez que não há diferenciação analítica entre estes capitais em sua formulação, nem a consideração de uma circulação formal do capital. A não consideração da produção de valor como processo contraditório em relação à forma preço, e a sua expressão em dinheiro, poderia conformar, nesse sentido, uma crença na expansão ilimitada do capital enquanto modo de produção, numa concepção do processo de acumulação *ad infinitum*, por parte da visão tradicional marxista baseada na análise da luta de classes e da produção e apropriação de excedentes. Em outros termos, podemos pensar que, sem a consideração da contradição entre dinheiro e valor, como mediação, todas as formas de manipulação de preços parecem possíveis e evidentemente postas.

Entretanto, segundo Lenin (1979), o capital monopolista, como o estadunidense, enquanto concentração e centralização do capital financeiro, define uma taxa de lucro e juros monopolistas justamente por controlar os preços de toda cadeia produtiva. Em vista disso, os bancos detêm o conhecimento de todo processo produtivo e passam a investir nos capitais que aparentemente possuem capacidade de pagar os juros de monopólio a partir de superlucros obtidos. Dessa forma, a fusão de capital bancário e industrial se torna uma necessidade. A união se concretiza nos empréstimos bancários e diversos diretores dos bancos, por vezes o próprio banco, como instituição financeira, passa a ser os mesmos diretores das empresas monopolistas. Assim, para se reproduzir o capital industrial é necessário se reproduzir o capital bancário, já que a concorrência entre esses capitais, posta pela reprodução do capital financeiro, leva à concentração do capital em poucos bancos. A concentração do capital nas mãos de poucos bancos conduz Lenin a realizar a crítica à burguesia dos países centrais enquanto oligarquia financeira e monopolista que vive de rendimentos, mas que, ao mesmo tempo, ocupa funções de gestão dos reinvestimentos dos ganhos em capital produtivo (1979, p. 46). Não obstante, o autor, mesmo fazendo a crítica à luta de classes e à oligarquia financeira, não deixa de reconhecer o âmbito da determinação crítica da relação entre o aumento da concentração do capital e a necessidade de obtenção de lucro na reprodução ampliada capitalista:

sua constituição” (SCHOLZ, 2008), isto é, a totalidade enquanto momento de mediação e socialização destes sujeitos e de suas formas estruturais de práxis, por mais que necessitem passar por sua consciência, se constituem como processos que se passam “as costas” (Marx) desses mesmos sujeitos (que são sujeitos à forma social).

Se os capitalistas partilham o mundo, tal sucede não em virtude de sua particular maldade, mas porque o grau de concentração já atingido os obriga a comprometerem-se nesta via a fim de obterem lucros; e partilham-no “proporcionalmente aos capitais”, “segundo as forças de cada um”, porque, em regime de produção mercantil e de capitalismo, não poderia existir qualquer outro modo de partilha. (LENIN, 1979, p. 74)

Mandel, por sua vez, em sua obra *O Capitalismo Tardio* (1985), apontou para a questão da expansão capitalista em países subdesenvolvidos enquanto processo marcado sobretudo pela acumulação de capital monetário, caracterizando uma forma de “subdesenvolvimento unilateral”, tendo em vista a simultaneidade do capitalismo enquanto sistema mundial produtor de mercadorias.

O que determinou o “subdesenvolvimento” unilateral do chamado “Terceiro Mundo” não foi a má-vontade dos imperialistas, nem qualquer incapacidade social – e muito menos “racial” – de suas classes dominantes nativas; foi um complexo de condições sociais e econômicas que, enquanto promovia a acumulação primitiva de capital monetário, tornou a acumulação de capital industrial menos lucrativa – e, de qualquer maneira, menos segura – (...), para não mencionar a colaboração com o imperialismo na reprodução ampliada do capital metropolitano. (MANDEL, 1985, p. 37)

Nesse sentido, ao invés de considerarmos o processo imperialista em termos de acumulação primitiva, podemos pensar que a modernização periférica cubana, como momento de expansão do capital financeiro estadunidense, estava relacionada à crise de superprodução do capital produtivo deste país. Na discussão realizada por Marx no livro II d’*O Capital*, sobre o processo de circulação do capital (1985), o autor demonstra que uma das formas de desdobramento da contradição lógica da reprodução capitalista seria uma crise marcada pela desproporcionalidade entre os dois departamentos da economia. Isso ocorreria porque o departamento I, uma vez que se trata da produção de mercadorias enquanto bens de produção, para poder realizar a mais-valia que produziu e se apropriar dela no processo de circulação do capital, deve necessariamente passar pela expansão de indústrias de bens de consumo, do departamento II, que se realiza mediante a venda direta aos consumidores, sobretudo à força de trabalho. Esse processo, segundo Mandel, levaria à superprodução de máquinas, de bens de produção, com a tendência ao aumento da composição orgânica de todos os capitais.

Um aumento da composição orgânica do capital [...] determina, entre outras coisas, um crescimento mais rápido do Departamento I do que no Departamento II. Pode-se ir ainda mais longe, e afirmar que as rupturas de equilíbrio, isto é, o desenvolvimento irregular, são características da própria essência do capital, na medida em que este se baseia na concorrência – ou, nas palavras de Marx, na existência de “muitos capitais”. (MANDEL, 1985, p. 17)

Com esse argumento, Mandel desconstrói a noção de equilíbrio própria à economia política clássica. Ademais, sinaliza em suas análises, como a questão da desproporcionalidade entre os departamentos não se constituiria como uma crise de subconsumo e sim de valorização do valor, na forma de crise de superprodução de todos os fatores do capital, dado pelo desenvolvimento histórico dessa contradição.

Em vista disso, pensamos que o desenvolvimento das forças produtivas do departamento I estadunidense, impulsionado principalmente pela concorrência entre os capitais e centralização do capital financeiro, conduziu a uma crise de superprodução, que o consumo e desenvolvimento das forças produtivas de seu departamento II não pôde realizar. Podemos pensar que essa desproporcionalidade levou ao imperialismo em sua forma de capital expandido extraterritorial. Nesse sentido, os trustes açucareiros cubanos eram formados pela união do capital financeiro com produtivo, sobretudo de companhias estadunidenses do departamento I, como a *West Point Iron Works*, *West Point Foundry*, a *Robert Deeley & Co.*, a *Colwell Iron Works*, a *Pioneer Iron Works* e a *Pioneer Foundry*⁴⁵.

Tais companhias de fundição de ferro, ferragens e máquinas, além de exportar bens de capital a Cuba desde o século XIX, também investiam seus capitais em terras, ferrovias e aquisição de engenhos, formando verdadeiros trustes financeiros-industriais dispostos a investir na produção de açúcar cubano, na busca de maiores juros e lucros do que os obtidos no mercado interno. As exportações e investimentos também ocorriam em outras ilhas das Antilhas, principalmente destinadas a Santo Domingos (atual República Dominicana). Entretanto, Cuba era o mercado mais importante. Friginals, identifica as relações com Cuba como vitais para o “germinar exportador” dessas empresas:

⁴⁵ A maioria dessas indústrias se localizava em Nova York, e todas nos estados do norte dos Estados Unidos. Acervo histórico de Maggie Blanck, disponível em <http://maggieblanck.com/BrooklynRedHook/Pioneer.html>, acessado em 3 de setembro de 2023.

Las ventas a Cuba fueron vitales para el germinar exportador de ciertas industrias mecánicas norteamericanas, y empresas como la West Point Foundry, la Fulton Iron Works y la Pioneer Foundry pudieron salir a competir al mercado mundial gracias a la manufactura azucarera cubana. (FRAGINALS, 2001 p. 261).

Assim como em outros autores, as exportações são identificadas por Friginals como momento de acumulação por parte dessas empresas, sem a consideração do caráter crítico associado a reprodução extraterritorial desses capitais monopolistas. Além disso, Vasconcelos (2017, p. 36) menciona a “colaboração do Estado cubano com o grupo financeiro mundialmente hegemônico dos Rockefeller”, que passou a ser preponderante na ilha após a crise da década de 1920, atingindo seu auge de investimentos e controle da produção açucareira no segundo governo de Fulgencio Batista (1952-1959).

Nesse sentido, podemos pensar que a desproporcionalidade entre os dois departamentos da economia estadunidense levou à modernização e centralização da indústria açucareira cubana, como forma desta realizar a mais-valia do departamento I dos Estados Unidos, na forma de pagamentos provenientes da produção açucareira e da renda da terra⁴⁶ enquanto lucro e juros do capital investido. Apesar do enriquecimento de determinados grupos financeiros, esse processo aprofundou a crise de reprodução do capital como um todo. Em Cuba, a crise apareceu em 1920-1921 como movimento especulativo identificado como “dança dos milhões” por Vasconcelos (2017, p. 63) e nos Estados Unidos, pouco depois, com o craque da bolsa de Nova York em 1929.

Vasconcelos (2017, p. 63-64) descreve a “dança dos milhões” enquanto processo que começou com o predomínio do mercado estadunidense como destino das exportações açucareira cubana. Em 1913, 87% do açúcar produzido em Cuba era exportado a esse país. Os preços do açúcar no mercado financeiro de capitais – na bolsa de valores de Nova York – continuava em ascensão, que se manteve durante o período da I Guerra Mundial. Com a fim da Guerra e retomada da economia mundial e produção de açúcar de beterraba na Europa, o preço do açúcar negociado na bolsa começou a cair. Entretanto, segundo Vasconcelos, entre 1918-

⁴⁶ Reconhecemos que essa discussão necessitaria de um aprofundamento que não podemos realizar nessa pesquisa, uma vez que nosso objetivo principal se constitui em tratar da crise categorial do capital no momento do colapso da modernização, isto é, a partir do Período Especial da década de 1990. Contudo, esse resgate teórico histórico do processo de modernização periférica de Cuba se faz necessário para analisarmos a crise categorial como contradição em processo. Portanto, neste momento, apenas anunciamos os caminhos do que pode se constituir como uma outra forma de entendimento, atrelada às contradições da valorização do valor, do imperialismo estadunidense em relação a Cuba.

1919 – anos em que 100% da safra açucareira cubana foi vendida aos Estados Unidos – iniciou-se um processo especulativo, entorno de uma “falsa informação a respeito de uma suposta onda de escassez de açúcar nos Estados Unidos”⁴⁷. Em vista disso, não só o preço do açúcar parou de cair como passou a apresentar um acelerado aumento, de modo que subiu “de 9 centavos de dólar a libra em fevereiro de 1919, para 23 centavos em maio. Entre maio e agosto, a especulação prosseguiu, e os produtores cubanos chegavam a projetar preços acima de 50 centavos de dólar a libra” (VASCONCELOS, 2017, p. 64). Contudo, as projeções não se concretizaram, e de maio a dezembro de 1919 o preço do açúcar caiu de 23 para 3 centavos a libra (Ibid).

Vasconcelos aponta que neste contexto de altas projeções do preço do açúcar, “a cidade de Havana se encheu de automóveis de último modelo, mansões se ergueram, e uma série de gastos suntuosos foi praticada descontroladamente pela sacarocracia cubana” (Ibid). No entanto, após a safra, o açúcar cubano “abarrotoou os mercados”, os preços despencaram e a sacarocracia cubana que consumiu as importações de capital financeiro, na forma de créditos para o consumo, acabaram com “dívidas impagáveis com bancos estrangeiros, e suas posses foram hipotecadas”. (Ibid) Dessa maneira, a autora relaciona a “origem da capacidade ociosa da indústria açucareira cubana” com a atividade especulativa de Wall Street, que ampliou a “função especulativa da terra e da indústria” em Cuba (Ibid).

De acordo com a crítica do valor que estamos propondo em nossas análises, podemos pensar que o quanto de capacidade produtiva – industrial e de terras cultivadas – posta em marcha a cada safra açucareira dependia da tendência de preços estabelecido no mercado financeiro de capitais, mais especificamente na Bolsa de valores de Nova York. A produção se dava até onde o preço do açúcar permitisse uma taxa de lucro que supostamente e cobrisse os juros esperado pelo capital financeiro investido, ou seja, pelo próprio preço do dólar empregado como meio de pagamentos de uma economia que se constituía de forma monopolista. Ao mesmo tempo, a formação dos preços, está relacionada à concorrência entre os diferentes capitais, produtivo e financeiro, que investem no desenvolvimento das forças produtivas como forma de produzir mercadorias mundialmente mais baratas, no caso açúcar, e assim se apropriar da mais-valia produzida pelos capitais menos produtivos. O movimento especulativo impulsionado por Wall Street na chamada “dança dos milhões” produziu um capital fictício que resultou na crise e centralização, de maneira nunca antes vista na história do país, dos capitais

⁴⁷ Segundo Vasconcelos: “Na virada de 1918 a 1919, a imprensa estadunidense alertou para uma crise de desabastecimento de açúcar no país. Todos os principais veículos de ampla circulação anunciaram que o produto acabaria em poucos dias, gerando uma descontrolada ‘fome de açúcar’” (2017, p. 63-64).

cubanos e espanhóis nas mãos do capital financeiro industrial estadunidense. No entanto, tal movimento aprofundou a crise de reprodução não só em Cuba, levando à crise do próprio capital financeiro estadunidense em 1929.

A nova fase do capitalismo, enquanto capital monopolista financeiro, não suprime a concorrência, já que, como observou Lenin (1979) o monopólio nunca é absoluto e acaba por travar uma luta concorrencial contra ele mesmo, contra a queda na taxa de lucro que tende a se estabelecer passado o primeiro momento de constituição aparentemente próspera dos monopólios fundamentados em superlucros do processo produtivo ou ainda, em juros do capital financeiro. Ademais, Mandel, atento à contradição posta entre produção e realização do valor, afirma que a constituição de superlucros não se dá necessariamente pelo aumento da produção de valor com o aumento da produtividade das empresas monopolistas, mas que passa por um processo de transferência de mais-valia no momento da circulação, momento esse que não gera valor algum:

O processo de nivelamento das taxas de lucro resulta necessariamente numa transferência de valor, uma vez que a soma dos preços de produção é igual à soma dos valores (visto que o nivelamento, isto é, a concorrência, isto é, os movimentos na esfera da circulação, não podem “criar” por si mesmos um único átomo de valor adicional). Portanto, se um ramo se apodera de parte da mais-valia produzida em outros ramos, isso só pode significar que esses outros ramos devem vender as mercadorias que produzem abaixo de seu valor. Marx expressamente enfatizou esse aspecto. Toda a transformação de valores em preços de produção se baseia numa transferência de mais-valia, isto é, de valor. Em outras palavras, baseia-se no fato de que mercadorias produzidas sob condições capitalistas geralmente não são vendidas por seus valores (MANDEL, 1985, p. 66-67).

Nessa dança dos milhões, que estava mais para corrida, foi o capital financeiro industrial dos Rockefeller que chegou na frente⁴⁸. Para Oliva (2015, p. 12) a crise e o craque da bolsa de

⁴⁸ Sobre os ganhos da família Rockefeller no período, Vasconcelos escreve: “O The National City Bank da família Rockefeller foi sem dúvida o maior beneficiário: tomou posse de dez centrais açucareiras da noite para o dia, e criou a General Sugar Company que comandava quatro empresas para administrá-los (Pino-Santos, 1983, p. 396). Em 1923, a ofensiva dos Rockefeller através do The National City Bank já havia conquistado o controle direto e indireto de 32 centrais, o que correspondia a 25% da safra do país (Pino- Santos, 1983, p. 407, 412). Outras grandes empresas que se beneficiaram da crise de 1920 foram a Compañía Atlántica del Golfo, a Cuban American Sugar Mills e, novamente, a United Fruit Company (Pino-Santos, 1983, p. 255). Em 1914, 38 centrais estavam

1929 marcaram o fim do período de relativa prosperidade experimentada por Cuba sob a tutela do imperialismo estadunidense. Antes, descreve brevemente o movimento da economia cubana após a crise e centralização dos capitais em 1921:

Después de 1922 hubo una endeble recuperación interna y continuaran las inversiones. En 1925 la superproducción europea, los mecanismos proteccionistas y la política monetaria adversa fueran antecesoras de la gran crisis mundial 1929-1934. Cuba que hasta el 1928 suministraba el 50% del azúcar consumido por Estados Unidos, en 1933 sólo exportaba el 25%. (...) La crisis mundial de 1929 puso fin a la relativa prosperidad disfrutada al socaire de la penetración norteamericana. El modelo económico se adaptó a las nuevas limitaciones, pero en cierta medida fue continuación del anterior. Estados Unidos dio protección a su industria azucarera al mismo tiempo que mantenía atada la economía cubana a través de un sistema de cuotas. (OLIVA, 2015, p. 12)

De 1930 a 1959 Oliva aponta para o momento das cotas açucareiras. Os Estados Unidos passam a comprar apenas o equivalente a 25% de seu consumo interno de açúcar de Cuba, proporção que antes das cotas alcançava 50%. Dessa maneira, protegia seus capitais da crise de superprodução que assolava o mercado internacional açucareiro.

Os primeiros anos da década de 1930 são marcados por instabilidade política, a destituição de Gerardo Machado em 1933, e a subsequente formação de um governo provisório – com a presença de Fugêncio Batista – que durou cem dias. Oliva (2015, p. 13) aponta que o governo provisório foi marcado por representantes que possuíam projetos e interesses heterogêneos: desde “*proyectos inmovilistas del ala derecha sometida a Washington y representada por Batista*” até a perspectiva revolucionária de Antonio Guiteras. Oliva descreve algumas medidas decretadas pelo governo provisório, que caracteriza como “radicais” e “insólitas” para a época:

[...] la implantación de la jornada laboral de 8 horas y del salario mínimo, la depuración de funcionarios y militares corruptos, el reparto de tierras, la

controladas pelos Estados Unidos, correspondendo a 40% da safra (Pino-Santos, 1983, p. 382). Em 1927, eram 75 centrais (de 185 ativos) de propriedade estadunidense, o que representava 62% da safra (Pino-Santos, 1983, p. 254). Além disso, em 1924, 60% do sistema bancário cubano pertencia a empresas estadunidenses (Lecuona, 2009, p. 243). Lecuona calculou um total de 48 centrais que passaram para os Estados Unidos entre 1920 e 1925 (2009, p. 27)” (2017, p. 64)

autonomía universitaria y rebajas de precios. Medida sobresaliente fue la reducción de la tarifa eléctrica y la osada intervención de la llamada Compañía Cubana de Electricidad, subsidiaria de la norteamericana Electric Bond & Share. Además promovió la convocatoria a una asamblea constituyente y la condonación de determinados gravámenes injustos. Fijo los límites de la usura, estableció la sindicalización forzosa y la responsabilidad patronal respecto a los accidentes del trabajo, así como la protección laboral a los menores. Concedió 1.000 matriculas universitarias gratuitas. Un decreto característico en aquel tiempo fue la llamada Ley de Nacionalización del Trabajo o del 50%, según la cual, de manera obligatoria, al menos la mitad de los trabajadores de negocios e instituciones debían ser cubanos. No serían las únicas y resulta sorprendente que tal hacer revolucionario fuera fruto de sólo 100 días de Gobierno (OLIVA, 2015, p. 13)

Além das medidas descritas por Oliva, na década de 1940, com a aprovação da nova Constituição, a importação de mão de obra estrangeira foi de fato proibida (Vasconcelos, 2017, p. 74). A queda da rentabilidade do açúcar, advindo com as flutuações de preço e aumento da concorrência mundial, fez com que os investimentos estadunidenses no setor reduzissem 46% entre 1929 e 1958 e as empresas norte-americanas passaram a liquidar seu capital açucareiro (Ibid, p. 67). Nesse sentido, o capital financeiro estadunidense foi sendo direcionado a outros setores da economia cubana, sendo que “o investimento em petróleo cresceu 170%, em serviços públicos se elevou 160%, e nos corredores comerciais 230%” no mesmo período (Ibid). Entretanto, o grupo Rockefeller e os Sullivan & Cromwell seguiam com capitais açucareiros que apoiavam o governo golpista de Fulgencio Batista⁴⁹.

Nos anos seguintes, até a Segunda Guerra Mundial, a produção e venda de açúcar passou por flutuações de preços, se desdobrando em processos inflacionários que acometeram a economia cubana (OLIVA, 2015, p. 14). Em 1952, Batista aplicou um golpe na política cubana:

⁴⁹ Segundo Vasconcelos (2017, p. 75): “O grupo Sullivan & Cromwell possuía célebre parentesco com um dos troncos da família Rockefeller (da Standart Oil Company), que por sua vez havia conquistado a hegemonia financeira da produção açucareira em Cuba desde 1920, devido à crise que sucedeu ao processo especulativo da Dança dos Milhões (Pino-Santos, 1983, pp.375-7). Os Rockefeller e os Sullivan & Cromwell estavam integrados financeiramente o bastante para serem considerados como um único grupo pela historiografia. Em 1952, as propriedades do grupo Rockefeller e dos Sullivan & Cromwell somadas controlavam 18 centrais açucareiras cubanas, organizadas em cinco grandes consórcios operados majoritariamente pelo The National City Bank, também propriedade do grupo Rockefeller. Com isso, os Rockefeller-Sullivan comandavam direta e indiretamente um total de 35.694 caballerías de terra (superfície equivalente à área de Trinidad y Tobago) e 79.460 trabalhadores apenas nas centrais, sem contar as plantações. Isso significa que por trás de Batista havia uma verdadeira potência financeiro-açucareira”.

o próprio Batista é apontado por Oliva (2015) e Vasconcelos (2016) como um empresário investidor conivente e subserviente aos interesses imperialistas. Em 1955, implantou um novo plano de desenvolvimento econômico, favorecido pela estabilização do preço do açúcar no mercado mundial, mas tal plano não pode conter a crise política e de reprodução capitalista que se aprofundava no país (Oliva, 2015, p. 14).

A Revolução cubana foi construída em cima da crítica ao imperialismo estadunidense, que por sua vez apresentava sinais de crise, na década de 1950, enquanto manutenção de um sistema produtivo financeirizado na ilha. A financeirização produzida pela economia açucareira cubana, nesse período, passava por outros caminhos, sob a personificação de figuras políticas e de setores da produção urbana, que resultou na estagnação do desenvolvimento das forças produtivas da indústria açucareira de Cuba. Nesse sentido, a Revolução vai enfrentar os desafios da modernização periférica cubana enquanto manutenção e reinvenção crítica de um sistema patriarcal produtor de mercadorias, centralmente orientado pelo Estado.

Capítulo 2: A Revolução cubana como modernização periférica

2.1 – Introdução

Nesse capítulo abordaremos a temática da Revolução cubana do ponto de vista da modernização periférica, isto é, como processo de mobilização das categorias do capital sob comando e projeto estatista de desenvolvimento nacional.

A noção de modernização periférica que aqui consideramos dialoga com os sentidos da “modernização retardatária” pensada por Kurz (2000, 2004) e pelas recentes pesquisas brasileiras sob a crítica da dissociação valor⁵⁰. A perspectiva da modernização retardatária tem em conta as “acentuadas disparidades” e “descompassos temporais” (KURZ, 2000), ou ainda, as chamadas “não-simultaneidades” (2004), na tentativa de crítica e entendimento do processo de industrialização e desenvolvimento das forças produtivas nos países socialistas e na periferia do capitalismo. Segundo Kurz:

A estrutura espacial das particularidades nacionais reciprocamente demarcadas estava também encadeada a uma estrutura temporal de etapas do desenvolvimento capitalista reciprocamente delimitadas. O universo das nações era um universo de não-simultaneidade histórica. Visto que o moderno sistema produtor de mercadorias só gradativamente havia se alastrado a partir da Europa, nos séculos 19 e 20 as diversas idades do capitalismo encontravam-se imediatamente umas ao lado das outras. O que ainda era futuro para uns era para outros o presente ou já mesmo o passado. Esse desnível do tempo histórico produziu como por si só o paradigma do "desenvolvimento", que nas categorias capitalistas se apresentava como corrida de recuperação dos retardatários históricos. (Kurz, 2004)

⁵⁰ No livro “O Colapso da modernização: Da derrocada do socialismo de caserna à crise da economia mundial” Kurz (1993) trata do assunto nos termos de “modernização recuperadora”. O próprio autor reconsidera essa formulação anos depois, adotando o termo “retardatária” para caracterizar as modernizações ocorridas após a revolução industrial europeia do século XVIII. Sobre o assunto ver: “Marx depois do marxismo” (Kurz, 2000). Algumas traduções de textos da década de 2000, todavia apresentam o termo “atrasada”, ao invés de retardatária. Contudo, o debate e interação do autor com o chamado grupo de sexta do LABUR (Laboratório de Geografia Urbana da FFLCH – USP) contribuiu para o fortalecimento da noção de modernização retardatária, inclusive para se pensar o processo brasileiro, resultando em significativa produção científica sobre o tema nos últimos anos. Sobre o assunto ver: Toledo, C. de A., Boechat, C. A., & Heidemann, H. D. (2012). VINTE ANOS DE UM GRUPO DE ESTUDOS DO LABUR – CRISE E CRÍTICA DO SISTEMA FETICHISTA PRODUTOR DE MERCADORIA E DA MODERNIZAÇÃO RETARDATÁRIA BRASILEIRA. *Revista Do Departamento De Geografia*, 154-170. <https://doi.org/10.7154/RDG.2012.0112.0009>

Compreendemos que ao falar de uma não-simultaneidade histórica em relação ao nível de desenvolvimento das forças produtivas e imposição generalizada do trabalho abstrato produtor de valor, o autor nos dá margem para pensar, contraditoriamente, em uma simultaneidade em relação à coexistência das formas de tempo aparentemente distintos, porém determinados pela crise de reprodução do capital em nível global, conforme veremos neste capítulo. Nesse sentido, os diferentes países, mobilizados categoricamente pelos ditames contraditórios da produção de valor e sua crise, se veem impelidos pela concorrência mundial a desenvolver suas forças produtivas e a seguir na “corrida” da acumulação, esta última sempre crítica.

Os capitais dos países periféricos – considerados de Terceiro ou Segundo Mundo na Guerra Fria, ou ainda subdesenvolvidos e dependentes, segundo perspectiva desenvolvimentista – dada a impossibilidade histórica em atingir os níveis de produtividade dos países centrais, vivenciam o processo de modernização sob forte influência estatista, que objetiva realizar “saltos” ou revoluções no desenvolvimento das forças produtivas. No entanto, mesmo que durante os anos de modernização esses países apresentem taxas de crescimento mais elevadas que os países centrais, situando-se aparentemente a frente destes, em termos de desenvolvimento das forças produtivas, sempre estarão nessa situação retardatária em relação aos níveis de produtividade mundial, ditado pelos países do centro. Dessa maneira, o termo “modernização recuperadora”, utilizada anteriormente pelo próprio Kurz (1993), não caberia à realidade dos países periféricos, uma vez que os níveis astronômicos de desenvolvimento das forças produtivas – sobretudo após a terceira revolução industrial – impossibilita, cada vez mais, a exploração rentável de força de trabalho prescindindo da ficcionalização do capital (KURZ, 1995).

A consideração da Revolução cubana enquanto processo de modernização periférica, além de ter em vista a contradição entre simultaneidade e não-simultaneidade categorial do capital, passa ainda por dois momentos que, ao nosso ver qualificam o termo periférico: o contexto latino-americano de capitalismo periférico e a generalização do trabalho não produtivo no processo de modernização posta pelo processo revolucionário⁵¹. Em relação a essa última questão, analisaremos a queda de produtividade do trabalho em Cuba após a Revolução, assim

⁵¹ Alfredo e Silva (2011, p. 181) consideram “a generalização do não trabalho”, ou ainda, “do trabalho improdutivo” como momento característico do processo de modernização periférica ocorrida no Brasil, em que a não produção de valor aparece, contraditoriamente, como forma de valorização. Nesse sentido, adotaremos essa noção com algumas ressalvas que serão exploradas ao longo deste capítulo.

como os mecanismos de imposição do trabalho abstrato como sentido do processo de modernização.

Interferência I

Alicia⁵² e eu viemos para Baire⁵³, passar o final de ano com a família dela. Pagamos uma passagem para viajarmos de Viazul⁵⁴ (56 dólares cada passagem), mas na hora de embarcarmos nos direcionaram para um ônibus nacional (que só podem viajar cubanos, ou aqueles que tenham um carnê de residente). A explicação que nos deram foi que compramos passagem para viajarmos em horário extra e por isso não havia ônibus da Viazul. Foi uma viagem longa – 16 horas de Havana à Baire – mas tranquila, embora os assentos fossem estreitos e não havia banheiro no ônibus, o que pode ter sido bom, afinal. Chegamos em Baire mais ou menos 15 horas. A família de Alicia nos esperava na rodovia. Havia uma dezena de crianças que nos olhavam ansiosas como se fossemos artistas. Chegamos na casa, atrás do cemitério. Uma casinha pequena – quarto, sala e cozinha juntos e banheiro – da família do irmão de Alicia, que ele mesmo construiu para viver com a mulher e com seus dois filhos, um de dez anos e outro de nove meses. A mãe de Alicia e outra sobrinha que vivem em Contramaestre também estavam lá e nos esperavam, além da família da cunhada dela, que também vive em Baire, todos no reparto⁵⁵ de “El transformador”. Neste reparto, que se constituiu antes da Revolução, não há água encanada, nunca teve, segundo me disseram, embora exista uma represa que não é longe daqui, chamada de “poson”. Da casa de Vitor, irmão de Alicia, visualizamos uma caixa d’água central que não abastece o povoado. De acordo com Orlando, tio de Vitor e Alicia, que também mora em Baire, a tubulação desta caixa chegava só até uma instituição médica próxima daqui, e agora não alcança mais nada porque a tubulação se danificou por falta de manutenção. As pessoas que vivem neste reparto tem que pagar, de tempos em tempos, tratores que carregam tanques pipas, ou caminhões pipas para encher o reservatório ou a caixa d’água de cada casa. Me disseram que custa cerca de 50 pesos um tanque de água. Vitor tem um trator que trazia um reservatório com água para encher sua própria “pipa”, mas agora o trator está quebrado.

Depois da janta do ano novo, ficamos conversando no quintal, diante da parcela sem plantação de Vitor. Orlando me disse que seu pai trabalhou a vida toda para o Estado, para a Segurança Nacional, e agora está aposentado, com fome e sem nada. Segundo Orlando, na época em que seu pai trabalhava, seu superior o mandava, junto a outros subordinados, saírem a noite em busca de homens, e as vezes até mulheres, para cortar cana. Os buscava de madrugada. Disse também que Baire é um povoado

⁵² Os nomes apresentados nas interferências são fictícios, para preservar a identidade das pessoas.

⁵³ Baire é um povoado que pertence ao município de Contramaestre, na parte oriental de Cuba.

⁵⁴ Companhia de transporte rodoviário cubana, destinada ao atendimento turístico, cuja compra e pagamento das passagens atualmente só pode ser realizado por meio de cartão de crédito internacional, via internet.

⁵⁵ Reparto é o nome que se dá aos bairros de cada município cubano.

formado por camponeses que desceram de Sierra Maestra pela fome e passaram a plantar na planície, mais próximo ao núcleo urbano. Sua vó falou que passou por 5 governos, e o da Revolução foi o único que passou fome. Orlando me contou também, assim como Jorge já havia me dito algo sobre isso em Havana, que uma determinada família que sempre viveu em Baire, e que tem filhos emigrados, tentou arrumar as ruas do pequeno reparto há alguns anos, mas foram impedidos pela Segurança de Estado, que alegou que as obras estruturais, de água, energia e manutenção de ruas e estradas não podem ser feitas por civis, devem ser realizadas pelo Estado, e este não o faz porque não lhes interessa. As principais obras só são feitas em grandes cidades. Afirmou ainda que aqui, muitos se foram para fora do país. Segundo ele, o sistema é único, de partido único e todos roubam e se corrompem para conseguir um pouco mais. Ele me contou que apresentou queixa devido a assédios que estava sofrendo em seu trabalho de coveiro no povoado, que seu superior queria que ele assinasse papéis que não correspondiam com o trabalho feito, e que depois disso passou a ser constantemente vigiado. Na primeira semana de pandemia, Orlando foi até o portão buscar um módulo de comida que vieram entregar em sua casa e com isso lhe aplicaram uma multa de 2 mil pesos, pois o Estado alegou que o município estava em toque de recolher e ele saiu de casa. Ele tentou protestar dizendo que só foi até o portão buscar os alimentos, mas foi em vão. Hoje Orlando encontra-se afastado do trabalho por problemas médicos, pulmonares. Para ele o problema maior é que não há nenhuma instituição que vigia o Estado, ou o partido. Todos têm medo. Todos, sem exceção, têm alguma justificativa para ser preso ou sancionado, em decorrência principalmente de como conseguem as coisas que lhes faltam, por meio do mercado paralelo⁵⁶. Porém, as pessoas não são incomodadas até que se queixem ou critiquem alguma coisa. Aí são sancionados com multas e podem até ser condenados a cumprir alguns anos de prisão. Para ele isso não é democracia.

Anotações de campo, janeiro de 2023.

2.2 – Revolução cubana: Reformas, nacionalizações e horizontes

A revolução cubana (1959) teve grande impacto na geopolítica mundial e especial influência nos países latino-americanos (FERNANDES, 2007, p. 22). Intelectuais marxistas brasileiros, mas não só, partilhavam das esperanças que a revolução e o socialismo florescentes na Ilha representavam, enquanto forma possível de desvendamento do futuro e

⁵⁶ Em Cuba, eles chamam o mercado paralelo, informal ou ilegal de “mercado negro”, como forma de conseguir as coisas “*por la izquierda*”.

da “nova época de civilização” na América Latina⁵⁷ (*Ibid.*). De acordo com Fernandes, a situação revolucionária cubana conferia a Ilha caráter “universal” no processo de modernização (2007, p. 25). Nesse sentido, a experiência cubana se colocava como exemplo a ser estudado e referência de mobilização proletária e camponesa na continuidade da revolução e do socialismo, como alternativa possível à crise do desenvolvimento capitalista que se aprofundava nos países periféricos a partir da década de 1960.

Diversas questões de caráter teórico, sob a perspectiva de luta política e de classes, se constituíram e desdobraram-se diante da experiência e análise do contexto da América Latina no momento histórico da chamada Guerra Fria, pois, segundo Fernandes (2007), frente às revoluções burguesas em atraso – entendidas como a forma do desenvolvimento do capitalismo dependente, no Brasil e na maioria dos países latino-americanos – a revolução socialista se declarava e mostrava-se em avanço em Cuba. Segundo o autor, na década de 1970, o subdesenvolvimento estaria sendo suplantado na Ilha gradualmente, através de grandes conquistas de Cuba em relação aos demais países da América Latina, tanto na educação, saúde, mas sobretudo no universo cultural e de consciência social do “homem médio cubano” (FERNANDES, 2007, p. 36).

Para Fernandes e Prado Jr (2007b), a revolução proletária de caráter socialista se constituía como desafio à instauração do socialismo no Brasil e nos países da América Latina, relegados às contradições do desenvolvimento do capitalismo dependente, como forma de modernização mais justa⁵⁸, rompendo as desigualdades históricas desses países, já que a democracia burguesa “não é bastante forte para conter os antagonismos gerados pela produção e desenvolvimento do capitalismo” (FERNANDES; PRADO JR., 2007b, p. 15).

Segundo Fernandes (2007b, p. 57), as revoluções ocorridas nos países capitalistas centrais tinham caráter burguês e representavam a necessidade de transformações estruturais

⁵⁷ Segundo Fernandes: “Temos de descobrir o que a civilização moderna, sob o socialismo revolucionário, reserva à América Latina e já pode ser constatado concretamente em Cuba, pelas transformações em processo.” (2007, p. 27).

⁵⁸ O socialismo foi considerado por Prado Jr. como a instituição da “(...) socialização dos meios de produção, na eliminação da exploração do trabalho e da divisão da sociedade em classes antagônicas, bem como nas demais consequências de toda ordem material e moral que daí decorrem” (2007b, p. 39). O socialismo visto como sistema alternativo ao desenvolvimento crítico do capitalismo também foi considerado por Konder em suas análises sobre “As ideias socialistas no Brasil”: “O socialismo surgiu como um continuador da luta contra as injustiças sociais, porém introduziu nessa luta um elemento novo: a proposta de uma transformação nas condições da produção e da apropriação da riqueza produzida pela sociedade. O programa político defendido pelos socialistas, em nome das necessidades vitais da comunidade, passou a impor restrições aos direitos dos proprietários particulares”. (2001, p. 7- 8). Ainda segundo este último: “Os ideais do socialismo, em princípio, são superiores à aceitação pragmática da desigualdade institucionalizada”. (*Ibid.* p. 67)

ligadas a expansão do capitalismo como expansão da ordem burguesa. Nos países de capitalismo dependente, como os países da América Latina e Cuba, essa tarefa revolucionária caberia ao desafio histórico da classe trabalhadora e despossuída, como forma de instauração de uma revolução de caráter democrático nacional que rompesse as amarras de estruturas imperialistas e coloniais de reprodução econômica e social.

A década de 1960 desenrolava-se sob o contexto político econômico turbulento da guerra fria, particularmente na América Latina. Movimentos de guerrilhas estouravam no Peru (1960), El Salvador (1977), Nicarágua (1979), entre outros, ao longo das décadas seguintes. Guerras civis e ditaduras militares tomavam países como Brasil (1964), Argentina (1966) e Chile (1973). Violentas transformações no território e nas relações sociais de produção realizavam-se fundamentadas em empréstimos e parcerias internacionais⁵⁹. Para intelectuais marxistas e grupos socialistas, a Revolução cubana parecia ensejar uma época de possíveis inflexões revolucionárias no continente: sob a crítica do imperialismo e da dominação estrangeira, Cuba e o socialismo cubano aparecem como “novo padrão de desenvolvimento econômico, social e político nas Américas” (FERNANDES, 2007, p. 21-22).

Assim, segundo Fernandes o sentido da revolução cubana foi de libertar-se da dominação capitalista “iniciar um processo de formação de um Estado democrático deveras soberano” (FERNANDES, 2007, p. 35). Entretanto, Guevara, então Ministro das Indústrias em Cuba (1961- 1964), reconhecia a determinação do que chamava de imperialismo em relação às dificuldades e erros cometidos pelo planejamento socialista:

No momento em que o imperialismo ou seus aliados internos atuam para mudar a situação econômica existente, devem-se tomar medidas de tal espécie que levam a contradições cada vez mais violentas e desencadeiam fatos cuja previsão não está nos marcos das tarefas revolucionárias. Vale dizer, nem todos os fatos falsos cometidos em torno da planificação se devem a escolhas

⁵⁹ Segundo Prado Jr. (2007b, p. 48-49), o avanço e promoção dos interesses do grande capital internacional se deram no Brasil a partir do governo de Juscelino Kubitschek (1956-1961) “(...) é na base do apelo aos grandes trustes internacionais e estímulo às iniciativas deles no Brasil que, fundamentalmente, se assentava o programa desenvolvimentista endossado pelo candidato. O que se comprovaria quando o presidente eleito viajaria pela Europa, antes da posse, entendendo-se com grandes grupos internacionais aos quais ofereceria com promessas formais de largo favorecimento por parte de seu próximo governo, generosa participação nas atividades econômicas brasileiras. E, depois de inaugurado o governo foi o que se viu (...). Nunca se vira, e nem mesmo imaginara tamanha orgia imperialista no Brasil e tão considerável penetração do imperialismo na vida econômica brasileira”.

nossas, mas se devem também à ação do imperialismo que obrigou a acelerar o processo além da possibilidade do ponto ótimo de nossos quadros (GUEVARA, 1982, p. 14).

Além dos problemas ligados ao planejamento e a formação do burocratismo em Cuba, denunciado por Guevara, outra questão surge no debate marxista acerca da revolução e do governo socialista: a necessidade da passagem da acumulação capitalista predatória para a acumulação socialista originária⁶⁰ (FERNANDES, 2007, p. 13). A particularidade cubana neste processo envolvia a reforma agrária encampada logo nos primeiros anos da Revolução com a mobilização a fundo do chamado campesinato. A revolução cubana, enquanto processo de modernização, passou por diferentes momentos de centralização e concessão de uso de terras, assim como relações de trabalho, produção e venda de mercadorias regulamentada pelo Estado.

A crítica proferida pelos autores marxistas, que entendem o sentido do Estado moderno sob a perspectiva teleológica de alcançar o socialismo, fundamentara-se na ideia de que o fim do período de colonização, sobretudo na América Latina, deveria marcar o fim da exploração enquanto produção e exportação determinada pela metrópole, em detrimento das produções locais. No entanto, diante da exploração chamada de imperialista, essa situação pouco se altera. Em outras palavras, a crítica girava em torno da condição de apêndice dos países centrais que a América Latina e outros países subdesenvolvidos eram postos, indiferentes às condições e demandas locais de produção e consumo (FERNANDES; PRADO JR., 2007b).

Para o marxismo tradicional, representado por tais autores, "a crise foi sempre um momento objetivo da caducidade histórica do capitalismo, um limite efetivo (ainda que não absoluto) cuja manifestação real só podia aproveitar à luta de classe operária pela eliminação do capital e instauração do socialismo" (KURZ, 2014, p. 323).

Assim, Vasconcelos, alinhada ao marxismo tradicional, também entende a Revolução cubana enquanto fenômeno histórico-cultural, que teve como objetivo combater as determinações históricas do subdesenvolvimento "através de um programa fundamentado em

⁶⁰ Segundo Preobrajensk (1979, p. 94-5): "Por acumulação *socialista* designamos a adição, aos meios de produção em funcionamento, de um sobreproduto que foi criado no interior de uma economia socialista já constituída e que não servirá para uma repartição suplementar entre os agentes da produção socialista e o Estado socialista, mas será empregado na reprodução ampliada. Ao contrário, qualificamos de acumulação socialista primitiva a acumulação nas mãos do Estado, dos recursos materiais extraídos total ou parcialmente de fontes situadas fora do sistema da economia estatal".

uma nova racionalidade substantiva, baseada no igualitarismo e na soberania nacional” (2017, p. 31). A suposta “nova racionalidade” se converteu, para a autora, em um “projeto socialista de desenvolvimento”⁶¹ anti-imperialista, “declarado a partir de abril de 1961” (Ibid).

Partilhando de um entendimento próximo ao de Vasconcelos em relação aos primeiros anos da Revolução, Oliva, por sua vez, afirma que a Revolução implementou uma modernização de caráter nacional, visando a “refundação da sociedade cubana”, em termos de soberania (2015, p. 15). Para o autor, a transição da Revolução para o socialismo se deu de forma coerente e natural com as ânsias dos que se juntaram entorno de Fidel e da Revolução:

Bajo los uniformes verde olivo de Fidel Castro y sus colaboradores se agrupaban progresistas, comunistas, socialistas o izquierdistas sin etiqueta. En los primeros momentos contaban con el apoyo de todo el pueblo, con la natural excepción de los fieles del tirano puesto en fuga. El propósito requería un modelo y el que más se le acercaba era el socialismo soviético. El hostigamiento del Establishment norteamericano actuó como catalizador en su adopción. El enemigo de mi enemigo es mi amigo y, en consecuencia, la URSS se convirtió en la aliada natural de los revolucionarios recién arribados al poder. Suplantó las relativas ventajas económicas retiradas por EEUU e incluso las mejoró. Su ayuda se manifestó en todas las esferas. (Oliva, 2015, p. 15).

Oliva descreve de maneira breve, e quase óbvia, a aproximação entre Cuba e a União Soviética. Entretanto, antes dessa aproximação, e a ligação intrínseca da economia cubana à potência socialista, houve, nos três primeiros anos da Revolução, um intenso debate econômico, além de medidas “eufóricas” de planejamento – liderado por Guevara – acerca da transição política econômica de Cuba (GOTT, 2006, p. 214). Gott resume as questões que permeavam o debate econômico da seguinte maneira:

Guevara não era economista, mas um autodidata brilhante com uma visão definitiva da necessidade de Cuba escapar do abraço econômico do

⁶¹ Segundo Vasconcelos (2017, p. 31): “Esse projeto demandava, por um lado, a modificação da racionalidade instrumental, ou seja, uma nova relação entre as estruturas de produtividade e as necessidades da população e, por outro, o enraizamento destas novas finalidades incorporadas como valores comuns da coletividade nacional. Sendo o subdesenvolvimento uma inadequação entre meios e fins que inviabiliza o controle social dos rumos e ritmos da mudança histórica, a tentativa cubana de superá-lo se deparou com desafios estruturais ligados a estes dois processos da criatividade”.

“imperialismo”. Da sua base no Banco Nacional após novembro de 1959, e como ministro da Indústria depois de fevereiro de 1961, ele estava encarregado da estratégia econômica. E queria que a ilha escapasse da tirania do açúcar e desenvolvesse uma economia independente com base na industrialização, mas o seu programa deixava muitas questões em aberto. O que significava uma economia independente, autarquia ou auto-suficiência, ou simplesmente a possibilidade de fazer comércio com vários parceiros? A diversificação além do açúcar parecia ser uma boa idéia, mas o que deveria ser cultivado? Todos acreditavam na industrialização, mas Cuba precisava de uma siderúrgica ou de pequenas fábricas para produzir bens de consumo? Fazer comércio com todos os que se apresentassem era claramente desejável, mas que produto Cuba haveria de produzir que de fato todos quisessem? (GOTT, 2006, p. 213)

Diante de tais questões de ordem prática, o autor aponta que Cuba solicitou auxílio à CEPAL, que não só enviou economistas ao país, como abriu uma oficina em Havana “e logo estavam ajudando a administrar o Banco Nacional, o Ministério do Comércio Exterior, o Ministério das Indústrias, o Ministério da Economia e a Juceplan⁶²” (GOTT, 2006, p. 214).

Vasconcelos ressalta que nos primeiros anos da Revolução, Fidel e os revolucionários procuraram pôr em prática o “Programa de Moncada”⁶³. Nesse sentido, uma série de medidas internas foram tomadas, independente, neste primeiro momento, do apoio soviético. Oliva (2015, p. 23) descreve resumidamente os logros revolucionários de 1959 a 1963:

El 17 de mayo de 1959 se dictó la Ley de la Reforma Agraria encaminada a erradicar el latifundio (en octubre de 1958, en medio de la lucha armada, se había llevado a cabo una reforma agraria limitada a los territorios en poder del Ejército Rebelde). Otras medidas trascendentes adoptadas el propio año fueron la reducción de las tarifas eléctricas y telefónicas y la disminución de

⁶² A JUCEPLAN foi a “Junta Central de Planificação” (GOTT, 2006, p. 214).

⁶³ O “Programa de Moncada” foi anunciado por Fidel Castro em sua autodefesa em 1953, após o ataque ao quartel de Moncada pelo Movimento Revolucionário 26 de julho (MR 26-7), do qual fazia parte. Segundo Vasconcelos, tal programa estava baseado em “duas novas finalidades para o excedente gerado na sociedade cubana, A primeira nova finalidade era o igualitarismo, através do qual se iria desmontar a estrutura social estratificada de apropriação do excedente e bloquear o esquema de reprodução do desemprego. Para realizar a finalidade igualitária, reconhecia-se a necessidade não apenas de redistribuir o excedente e utilizá-lo com propósitos sociais, mas também de ampliar a capacidade de geração, ou seja, reorientar o uso das forças produtivas para as reais necessidades da coletividade nacional. A segunda nova finalidade da utilização do excedente seria a soberania nacional, isto é, internalizar os centros de decisão e ampliar o controle da sociedade cubana sobre os rumos e ritmos de seu próprio desenvolvimento.” (2017, p. 93)

un 50% en los alquileres. No fueron únicas. En 1960 continuó la acometida revolucionaria. En julio se estableció el monopolio del comercio exterior. En agosto se nacionalizaron las refinerías de petróleo, las empresas de teléfonos y de electricidad, y 36 centrales azucareros de propiedad norteamericana. El 13 de octubre del propio año 1960 se llegó al clímax con la nacionalización de 382 grandes empresas, entre ellas 105 centrales azucareros. También se incluyeron todos los bancos cubanos y extranjeros. En el propio mes se aprobó la Reforma Urbana que traspasó a los inquilinos – con limitaciones – las propiedades que tenían alquiladas. El 16 de abril de 1961, en un acto masivo, Fidel Castro proclamó urbi et orbi el carácter socialista de la Revolución. Simplemente fue una oficialización. En ese mismo año culminó la campaña de alfabetización y Cuba se declaró libre de analfabetismo (OLIVA, 2015, P. 23).

Os primeiros anos da Revolução foram marcados, assim, pela primeira reforma agrária realizada em Cuba, reforma urbana, nacionalização das empresas, além do plano nacional contra o analfabetismo. Para Vasconcelos (2017, p. 111), a primeira reforma agrária paralisou os circuitos de especulação em Cuba, tanto interno quanto externo, por proibir os contratos de arrendamento e parceria de qualquer tipo, e abolir o mercado livre de terras⁶⁴. Essa lei, junto às demais leis de expropriação que encamparam as reformas e nacionalizações, segundo a autora, “compuseram as forças de desmonte da plantation modernizada” (2017, p. 116).

Entretanto, Vasconcelos aponta, em acordo com economista cubano Carlos Rafael Rodríguez, presidente do INRA (Instituto Nacional de Reforma Agrária), que as leis da primeira reforma agrária “viabilizavam o capitalismo e a propriedade privada no campo”, difundido a “propriedade privada da terra a mais de 200 mil famílias”⁶⁵. Nesse sentido, a lei de 17 de maio,

⁶⁴ De acordo com a autora: “As propriedades menores que 30 caballerías e submetidas a arrendamentos, subarrendamentos e parcerias também seriam desapropriadas nas áreas correspondentes, e seus proprietários ficariam com o restante. Nesse sentido, era uma lei particularmente punitiva para os “rentistas puros”, que não guardavam nenhuma porção de suas terras para uso próprio e utilizavam toda a superfície para fins especulativos, pois nesse caso seriam plenamente distribuídas em favor de quem As propriedades menores que 30 caballerías e submetidas a arrendamentos, subarrendamentos e parcerias também seriam desapropriadas nas áreas correspondentes, e seus proprietários ficariam com o restante. Nesse sentido, era uma lei particularmente punitiva para os “rentistas puros”, que não guardavam nenhuma porção de suas terras para uso próprio e utilizavam toda a superfície para fins especulativos, pois nesse caso seriam plenamente distribuídas em favor de quem” (VASCONCELOS, 2017, p. 110-111).

⁶⁵ Segundo Vasconcelos: “De fato, a reforma agrária viabilizava o capitalismo e a propriedade privada no campo. Como sustentou Carlos Rafael Rodríguez: “o limite de 30 caballerías estabelecido como máximo para a propriedade individual definia patentemente que a revolução cubana, nesta etapa, considerava aceitável a existência do capitalismo na agricultura” (Rodríguez, 1978, p. 136). A rigor, a primeira reforma agrária difundiu a propriedade privada da terra a mais de 200 mil famílias (idem, 1978, p. 35).” (2017, p. 115)

por um lado, visava a “eliminação do latifúndio”⁶⁶, por outro, permitiu duas formas de propriedade privada da terra, sendo uma delas atrelada a ideia de “mínimo vital”, representado por 2 caballerías por família de cinco pessoas⁶⁷.

Dessa maneira, a estrutura agrária cubana apresentou significativa mudança já nos primeiros anos da Revolução. Em maio de 1961, já tinham sido expropriadas um total de 374.071 caballerías, que correspondiam a 55% das terras agrícolas cubanas (VASCONCELOS, 2017, p. 119). Até esta data, as terras estavam distribuídas entre quatro formas de propriedades, sendo duas privadas e duas estatais. São elas, respectivamente: as pequenas propriedades privadas – com até 5 caballerías – concedida aos camponeses, que somavam 24% da superfície total agrícola; as propriedades de 5 a 100 caballerías – enquadradas nas exceções da lei para a preservação da economia de escala – correspondiam a 43% do total; as cooperativas canavieiras, correspondiam a 8% e, por fim, as Granjas do Povo, com 24% da superfície total agrícola (Ibid, p. 123).

Segundo Vasconcelos (2017, p. 126-127), o campesinato cubano que ocupava as propriedades consideradas “mínimo vital” possuía um “perfil proletário”, sendo esta característica fundamental para acelerar “sua inserção na nova economia estatal da revolução”. Não obstante, a própria autora reconhece a impossibilidade de reprodução social dessa camada da população ser alimentada somente com o cultivo das propriedades familiares:

Em 1965, 40 mil famílias beneficiadas com o mínimo vital não possuíam terras suficientes para gerar excedentes comercializáveis, o que provavelmente correspondia à dimensão do setor camponês que alternava seus cultivos de autoconsumo com o assalariamento estatal temporário. As outras 160 mil famílias gravavam excedentes comercializáveis e possuíam um modo

⁶⁶ Sobre a proibição dos latifúndios: “(...) o artigo 1º da Lei de 17 de maio proibia o latifúndio maior que 30 caballerías. O artigo 2º apresentava três exceções a esse limite máximo: as propriedades maiores que 30 caballerías com plantações de cana e arroz que apresentassem rendimentos maiores que 50% da média nacional na última colheita; as propriedades pecuaristas que possuíssem um mínimo de gado por hectare a ser definido pelo Instituto Nacional de Reforma Agrária (INRA); e as áreas cuja eficiência técnica e o rendimento econômico fossem gravemente prejudicados pela redução da escala. Em nenhuma das exceções, a lei permitia que a propriedade ultrapassasse a extensão de 100 caballerías” (VASCONCELOS, 2017, p. 110).

⁶⁷ Sobre o mínimo vital: “O mínimo vital era uma parcela de terra fértil de 2 caballerías para cada família de cinco indivíduos, cuja posse teria caráter inalienável (artigo 16º). Seu tamanho poderia variar de acordo com a fertilidade da terra, orientado para garantir uma renda mínima anual estabelecida pelo INRA. A lei declarava indivisíveis as novas propriedades distribuídas, evitando que as heranças para as gerações seguintes despedaçassem a escala mínima calculada.” (VASCONCELOS, 2017, p. 112). Segundo Vasconcelos, qualquer cidadão sem propriedades poderia requisitar o mínimo vital. Aqueles que já produziam em propriedades de até 5 caballerías, poderia adquirir mais 3, mediante “venda forçada”, ou ainda receber gratuitamente do Estado, dependendo da propriedade anterior constituída antes da lei (ibid).

de vida mais tipicamente camponês (Rodríguez, 1966, p. 41). (VASCONCELOS, 2017, p. 152)

Em vista disso, boa parte dos chamados camponeses eram, de uma forma ou de outra, obrigados a trabalhar nas “Granjas do Povo” parte do ano. Nesse aspecto, a autora procura justificar a necessidade de manutenção da forma abstrata da exploração do trabalho durante a Revolução a partir das “condições sociológicas e subjetivas” dessa camada da população, e não como continuidade de um processo crítico de imposição da forma social fetichista da valorização do valor e redução dos custos de reprodução da força de trabalho⁶⁸.

A Granjas do Povo eram as novas formas de propriedade estatal herdeiras dos latifúndios desapropriados pela reforma agrária⁶⁹ (VASCONCELOS, 2017, p. 127). Vasconcelos atribui a criação das Granjas à preocupação do governo revolucionário com certa manutenção da economia de escala, ligada a questões técnicas de tais latifúndios na produção extensiva da cana e na criação de gado bovino. Em relação à pecuária, a autora afirma que surgiu a necessidade econômica de “controlar o consumo de carne”, porque as vacas repartidas entre os pequenos camponeses pelo Exército Rebelde foram quase todas sacrificadas, comprometendo a produção leiteira (Ibid, p. 30). Visando combater uma “eventual crise pecuária”, gerada por “abates descontrolados” (Ibid) o Estado, desde então, controla rigorosamente a criação de gado e o consumo de carne bovina pelos cubanos⁷⁰.

Além da preocupação com a escala da produção, Vasconcelos também cita a influência marxista na “organização econômica” de Cuba, com a declaração do caráter socialista da Revolução. Nesse sentido, a autora ressalta o argumento de Marx sobre a importância da concentração do capital “como alavanca técnica e social da produtividade”. Segundo

⁶⁸ De acordo com Vasconcelos: “A tendência camponesa ao assalariamento criava as condições sociológicas e subjetivas para a política das Granjas do Povo, pela simples conversão de latifúndios privados em grandes unidades estatais, mais próximas do modelo econômico socialista.” (2017, p. 127)

⁶⁹ Segundo Vasconcelos: “As Granjas eram enormes fazendas estatais com trabalhadores assalariados, que guardavam maior similaridade funcional com as empresas capitalistas, já que possuíam um padrão formalmente centralizado de decisão econômica.” (2017, p. 130).

⁷⁰ Em 2021, pela primeira vez na história do governo revolucionário, foi regulamentada a possibilidade de sacrifício, consumo e comercialização de carne bovina por produtores privados, por meio da Resolução 139/2021. Disponível em [Gaceta Oficial pública resolución que autoriza comercialización de carne bovina, leche y derivados | Cubadebate](#). Até então, toda produção de carne bovina e leiteira, seja das Granjas ou de pequenos produtores e cooperativas, deveria ser entregue a matadouros e frigoríficos estatais, sendo controlada e gerida pelo Estado. O consumo de carne bovina e de leite de vaca, dessa maneira, compôs, durante a história do governo revolucionário, parte da política de racionamento e subsídios, sendo direcionada, em especial, a enfermos, idosos e crianças pequenas. Nesse sentido, o sacrifício de um boi criado em uma pequena propriedade ou mesmo a simples posse de carne bovina pelo cidadão resultavam em multas e prisões. No entanto, desde o final do Período Especial, com a ascensão do setor turístico e hoteleiro como forma econômica encontrada para a arrecadação interna de divisas, parte da produção de carne bovina, assim como boa parte da mirrada produção nacional, passou a ser destinada ao setor turístico e hoteleiro. Abordaremos essa questão no capítulo 3.

Vasconcelos (2017, p. 131), em artigo publicado no *The International Herald*, de 15 de junho de 1872, Marx “defendeu a superioridade da grande escala” em detrimento da “pequena propriedade privada”⁷¹. No trecho analisado pela autora, Marx expõe a contradição entre a nacionalização da terra – enquanto “progresso social” – e as pequenas propriedades fundiárias – “que exclui todas as aplicações de melhoramentos agrícolas modernos”. Tal contradição se desdobra, de acordo com o mesmo trecho citado, no antagonismo entre os pequenos proprietários fundiários e a “classe operária industrial” (Ibid). Diante disso, Vasconcelos identifica a tradição marxista leninista posta na concepção e legitimação das Granjas do Povo, enquanto forma que possibilita o “aumento de eficiência, rentabilidade e poder” (ibid, p. 132). A autora estabelece então, a partir das elaborações de Lenin sobre o capitalismo monopolista, a concepção do desenvolvimento socialista enquanto capitalismo de Estado:

Não seria à toa que o capitalismo monopolista, com superioridade técnica e vocação estatal-militar, suplantara historicamente o capitalismo concorrencial (Lênin, 1979). Como Marx, Lênin foi um crítico do capitalismo concorrencial de pequena escala, considerado o principal inimigo da transição ao socialismo na Rússia. Em 1921, Lênin defendeu que, nas circunstâncias da transição soviética, o capitalismo de Estado guardava afinidades consideráveis com o socialismo. A chave deste combate político era a luta entre a economia centralmente planejada e a economia autônoma especulativa. (VASCONCELOS, 2017, p. 132)

Guevara partilhava da defesa da concentração do capital na forma das Granjas do Povo, posição que ficou expressa em sua defesa pelo Sistema Orçamentário de Financiamento no debate econômico cubano de 1963 e 1964 (VASCONCELOS, 2017, p. 132). Nesse aspecto, relacionado ao pensamento de Lenin, a crítica e a luta socialista não se voltam contra o capitalismo, mas contra a pequena burguesia, enquanto pequenos proprietários, e o capitalismo privado, que supostamente impediam o desenvolvimento do socialismo como capitalismo de

⁷¹ A seguir, o trecho citado por Vasconcelos do artigo “A nacionalização da terra”, de 15 de junho de 1872, escrito por Marx ao *The Internacional Herald*: “Na França, é certo, o solo está acessível a todos os que o podem comprar, mas precisamente esta facilidade trouxe consigo uma divisão em pequenos lotes cultivados por homens com meios muito pequenos (...). Esta forma de propriedade fundiária e o cultivo retalhado de que necessita uma vez que exclui todas as aplicações de melhoramentos agrícolas modernos — converte o próprio lavrador [tiller] no mais decidido inimigo do progresso social e, acima de tudo, da nacionalização da terra (...). Agarra-se na mesma com apego fanático ao seu pedaço de terra e à sua condição de proprietário meramente nominal. Por este caminho, o camponês francês foi atirado para o mais fatal antagonismo com a classe operária industrial (Marx, 1982).” (VASCONCELOS, 2017, p. 131)

Estado. Em sua obra *O Estado e a Revolução*, Lenin (2007) ensina o que deve ser a estrutura de organização socialista:

Organizemos a grande indústria, segundo os modelos que o capitalismo oferece. Organizemo-la nós mesmos, operários, seguros de nossa experiência operária, impondo uma disciplina rigorosa, uma disciplina de ferro, mantida pelo poder político dos trabalhadores armados; reduzamos os funcionários ao papel de “contramestres” e “guarda-livros” modestamente pagos (conservando, evidentemente, os técnicos e especialistas de toda espécie e categoria) (...). (LENIN, 2007, p. 68)

O programa leninista de revolução deveria, assim, ser “aplicado na base da grande produção”, visando o definhamento de toda a burocracia, de modo a acabar com a concorrência de mercado. Nesse sentido, todos os trabalhadores deveriam realizar todas as funções da produção, além das atividades de fiscalização e contabilidade. Lenin considera o correio alemão como modelo a ser seguido pelas instituições socialistas. O correio como monopólio do Estado capitalista necessitaria, dessa maneira, apenas transformar seu caráter capitalista, em que o problema da burocracia burguesa seria resolvido pelos operários armados ao livrar esse mecanismo do “parasita” do capital, representada pela resistência dos seus exploradores (LENIN, 2007, p. 69).

Toda a vida econômica organizada à maneira do correio, na qual os técnicos, os fiscais e os guarda-livros, todos os funcionários, receberão um vencimento que não exceda o salário de um operário, sob a direção e controle do proletariado armado – eis o nosso objetivo imediato. Eis o Estado, eis a base econômica de que necessitamos. (LENIN, 2007, p. 69).

De acordo com o pensamento de Lenin “o mecanismo da empresa social está pronto”, embora os trabalhadores estejam “famintos e sobrecarregados de trabalho”, uma vez que a forma monopolista do capital já se encarregou historicamente de aumentar a produtividade e promover instituições do mesmo (*Ibid*). Assim, o momento fundamental à fase socialista seria aquele em que todos os cidadãos fossem empregados assalariados do Estado, “personificado, por sua vez, por operários armados”; operários de “um só truste universal de Estado” (LENIN, 2007, p. 118-119). Com isso, as funções de produção e reprodução da vida material deixariam de ser políticas para serem administrativas: “A sociedade inteira não será

mais do que um grande escritório e uma grande fábrica, com igualdade de trabalho e igualdade de salário” (LENIN, 2007, p. 119).

A análise de Lenin não contempla o fetichismo da mercadoria e do capital elaborada por Marx e de caráter fundamental à dinâmica e forma de ser do capitalismo como totalidade. Em vista disso, a violência assume lugar positivo na forma do materialismo dialético descrito por Lenin, herança que deixou ao marxismo tradicional. Em sua elaboração não há discussão sobre a opressão da forma social, só a violência da dominação e expropriação de uma classe pela outra. Não há, muito menos, a tematização das formas de dissociação enquanto processos burgueses patriarcais e racistas, inerentes a essa forma. Nem menção aos processos de alienação. Sobre o assunto, Kurz afirma:

No lugar de um conceito da forma do sistema produtor de mercadorias e de sua condicionalidade histórica aparece, dessa maneira, um conceito reduzido das "classes lutadoras", como a suposta razão última da socialização; o *constitutum* tornou-se *constituens*, o fenômeno secundário das classes sociais foi transformado num fato inquestionável. Assim, em vez de criticar o próprio capital, passou-se a criticar "os capitalistas" que tinham que aparecer como sujeitos pessoais da relação social da mercadoria, que na verdade não tem sujeito algum. As classes, mistificadas como meta-sujeitos sociais, assumiram assim um caráter estranhamente familiar, tal como o possuem os deuses da Antiguidade, que também se apresentavam como caracteres pessoais com comportamento muito humano. (KURZ, 1993, p. 48)

Conforme aponta Kurz (1993, p. 49), não há, na vasta obra de Lenin, nenhuma menção à noção de fetichismo e de valor, elaboradas por Marx. Ademais, não há crítica à forma mercadoria e à sociedade mobilizada para produzi-la, sendo as contradições advindas do fetichismo – entre essência e aparência, abstrato e concreto – eliminadas ou empurradas “para um além teórico e histórico”, consideradas “nebulosas”, ou ainda, degradadas “a um fenômeno mental puramente subjetivo” (Ibid, p. 48). Dessa maneira, o socialismo de tradição marxista-leninista aparece como “tarefa organizatória”, a partir do manejo das categorias do capital, “que tinha que ser realizada apenas pelo sujeito ‘certo’ em vez da aristocracia agrária e dos imperialistas”. (ibid, p. 50)

Assim, a classe trabalhadora cubana, incluindo os “campeiros”, aparece enquanto “sujeito mistificado” da modernização de caráter periférico socialista, representada pelo PCC

(Partido Comunista de Cuba). O Partido, por sua vez, se fundi com a “economia de guerra burocrática-estatista” (Ibid), requisitando à população para o dispêndio máximo abstrato de trabalho, necessário à manutenção e aumento de produtividade estabelecido pelo capitalismo enquanto mercado mundial, mesmo no contexto da Guerra Fria. Nesse sentido, Kurz faz uma crítica ferrenha ao socialismo como momento de modernização da estrutura burguesa categorial do capital, encarnada na figura do partido único:

Assim, "o" partido tornou-se a encarnação do sujeito-classe metafísico, e teria sido ideologicamente insuportável desmascará-lo como máquina burguesa de modernização: essa é uma das razões do terror sangrento stalinista contra a velha guarda dos bolcheviques (da qual quase cada um, e Trotsky em primeiro lugar, poderia ter-se tornado outro Stalin).

O partido, ao fundir-se com a economia de guerra burocrático-estatista, em parte já existente, em parte por ele criada, podia justificar, como vigário da classe trabalhadora na Terra, praticamente todas as suas ações, até as mais absurdas, sangrentas e repressivas. O partido que "sempre tem razão" criou assim uma nova sociedade socialista de acordo com sua autoconcepção, que na verdade nada mais é que o recrutamento coativo recuperador de uma classe trabalhadora moderna, sob a direção do Estado (KURZ, 1993, p. 50)

Kurz considera, dessa maneira, a modernização encampada pela União Soviética e pelos países socialistas, como a época de imposição do sistema produtor de mercadorias e não de sua supressão. Em relação à Cuba, no entanto, a estrutura da produção açucareira voltada à exportação, bem como um sistema urbano entorno dos centrais, já estavam montados, embora defasados e em crise, quando ocorreu a Revolução. A aliança de Cuba e a União Soviética, declarada em abril de 1961, teve como sentido a continuidade do sistema produtor de mercadorias já constituído em Cuba, agora voltado ao bloco socialista. Além disso, garantiu a constante mobilização social e coerção ao trabalho agrícola, sobretudo canavieiro, conforme veremos adiante. Sob a concepção leninista de transição ao comunismo, o horizonte da suposta emancipação social se constituía como mais intenso sistema de exploração do trabalho, glorificado como sociedade urbana industrial. Segundo Kurz:

A famosa fórmula de Lênin, do comunismo como "poder soviético e mais a eletrificação", não apenas revela uma compreensão superficial, tecnológica, de emancipação social, como também reflete uma contradição insuperável

naquela época: os "trabalhadores" como tais não podem "dominar" porque para isso não dispõem de nenhum fundo de tempo social e porque, para poder "dominar", é preciso primeiro parar de "trabalhar"; mas, se isso fosse possível, a "dominação" nem seria mais necessária, tornando-se absolutamente supérflua no sentido social. O "domínio da classe trabalhadora", independentemente de seu sinal ideológico, somente podia transformar-se, portanto, numa ditadura de modernização burguesa e jacobina (1993, p. 52-53).

Ao mesmo tempo em que Kurz tece uma dura crítica ao socialismo real na década de 1990, momento do colapso da URSS e das economias socialistas, identificando esse processo com o momento de crise fundamental do capital, o autor reconhece a ausência de outra “alternativa histórica” ao socialismo impulsionado como modernização periférica, ou retardatária⁷². Nesse aspecto, a supressão das leis coercitivas do capital e da forma mercadoria, não depende somente da vontade política do partido, pois são mediadas por formas abstratas e reais – abstrações reais (Kurz) – que condicionam a reprodução social como momento da totalidade capitalista. O horizonte de emancipação, segundo a corrente marxista-leninista que não se questiona sobre a “estrutura básica fetichista do sistema produtor de mercadorias” e do patriarcado, permanece, desse modo, preso aos ideais iluministas de liberdade, igualdade, fraternidade, travestidos de "autonomia da ação", "autonomia administrativa", "democracia de base" etc. (KURZ, 1993, p. 53-54). O caráter destrutivo de tais formas permanece obnubilado.

2.3 – Estrutura de propriedades e relações de produção após a primeira reforma agrária cubana: Discussão a partir da pesquisa de Vasconcelos

Nos últimos meses de 1962, ao fim do primeiro processo de expropriações realizado pelo governo revolucionário cubano, o estado detinha 41% das terras agricultáveis – distribuídas entre as Granjas do Povo e cooperativas agrícolas convertidas em Granjas – restando 59% ao setor privado – divididas em pequenas propriedades e latifúndios enquadrados

⁷² Segundo Kurz, “Os cétricos e críticos socialistas marxistas, que na União Soviética foram fisicamente liquidados pelo aparato stalinista à maneira jacobina, repetindo-se o exemplo da Revolução Francesa, nem tinham, no entanto, uma alternativa histórica a oferecer, nem estavam em condições de explicar em conceitos claros o processo social que estava se realizando diante de seus olhos. A tendência trotskista, que contava com uma "revolução proletária no Ocidente", por considerar impossível o socialismo em um só país e especialmente na Rússia "subdesenvolvida", enquanto o Ocidente cumpria as condições objetivas e subjetivas, foi uma mera ilusão” (1993, p. 50-51).

nas exceções da reforma agrária, conforme abordamos anteriormente (VASCONCELOS, 2017, p. 124).

As cooperativas agrícolas se constituíram na primeira reforma agrária, segundo Vasconcelos, a partir “das antigas canas de administração⁷³ e 45% dos canaviais do país, com as melhores terras”, formadas pelos trabalhadores assalariados que já trabalhavam nessas localidades, sendo convertidos “coletivamente” em “donos das parcelas de propriedade de seus (antigos) patrões” (2017, p. 128)⁷⁴. De acordo com a autora, embora as cooperativas agrícolas representassem “a transição entre a propriedade privada individual e a propriedade socializada, na qual os excedentes privados ainda cumpriam um papel de força motriz”, na prática elas eram controladas pelo INRA (Instituto Nacional de Reforma Agrária) e “extremamente dependentes do poder central”⁷⁵ (ibid). A estrita vinculação entre as cooperativas e o governo revolucionários também se realizava militarmente, uma vez que aos cooperativados foram concedidos armamentos, contra possíveis ataques contra a produção, e na defesa da Revolução. Os pequenos proprietários também foram armados pelo INRA no início da Revolução⁷⁶. Contudo, estes últimos estavam organizados sob outro braço do governo revolucionário, a ANAP (Associação Nacional de Agricultores Pequenos), que tinha como objetivo integrar os pequenos produtores “econômica e politicamente à revolução” (Ibid, p. 152)

Em setembro de 1962, as cooperativas agrícolas foram transformadas em Granjas do Povo, por meio da votação de “delegados” – representantes cooperados – ocorrida no Congresso Nacional de Cooperativas. (VASCONCELOS, 2017, p. 134). A aprovação da medida seguiu a orientação do Partido, sob o “argumento igualitarista de Fidel Castro”, o qual afirmava que “as cooperativas geravam desigualdades sociais a partir de diferenças naturais de fertilidade da terra, e isso não poderia ser aturado na nova sociedade socialista” (Ibid.).

⁷³ Ver nota 36.

⁷⁴ Em 1962, havia 622 cooperativas, que ocupavam 8% da superfície agrícola do país, com 122.448 cooperativistas e 46.614 trabalhadores temporários. (VASCONCELOS, 2017, p. 129)

⁷⁵ De acordo com Vasconcelos (2017, p. 128), as cooperativas estavam submetidas à direção do INRA e à planificação centralizada que estabelecia as prerrogativas da gestão da terra e inversão de recursos: “No Regulamento Geral de Cooperativas de Cana, aprovado em 3 de maio de 1960, definiu-se que, durante cinco anos, 80% dos lucros das cooperativas deveriam ser gastos em construções de casas e outros edifícios coletivos (instalações agropecuárias, serviços médicos, esportes, eventos sociais). Os outros 20% seriam distribuídos entre os cooperativados na forma de excedente privado (INRA, 1960a, p. 41-2). Os recursos para produção, afirmava o Regulamento, seriam distribuídos pela Administração Geral das Cooperativas de Cana do INRA. Além disso, determinava-se que 30% da superfície das cooperativas deveria ser destinada a cultivos não canavieiros, para alimentação dos cooperativados e para o mercado interno. Cada cooperativa recebeu do Estado 200 vacas leiteiras, 50 porcas e 1 touro para iniciar sua produção (Chonchol, 1963, p. 111).”

⁷⁶ Segundo Vasconcelos: “Tendo nascido do seio do Exército Rebelde, o INRA foi inicialmente um organismo militar, que expandiu seu poder mediante distribuição de armas aos beneficiários da reforma agrária, para que cada um deles a protegesse com as próprias mãos. (2017, p. 115)

A autora demonstra que os argumentos favoráveis à transformação das cooperativas em Granjas tinham como pano de fundo a concepção da “forma superior” da economia monopolística, que poderia ser aproveitada pela centralização e controle estatista, no mesmo “caminho dos *solkhozes* soviéticos, porém por motivação voluntária”. Nesse aspecto, Vasconcelos ressalta o “princípio da voluntariedade” em relação à coletivização da terra e ao trabalho requerido pelo governo revolucionário cubano, que o diferenciava do modelo soviético (2017, p. 153). Antes de abordarmos tal princípio, assim como a instituição do trabalho considerado voluntário em Cuba, discutiremos brevemente dois aspectos que se desdobraram com a chamada radicalização da Revolução e centralização estadista da terra, produção, circulação e trabalho: A queda e baixa produtividade das unidades produtivas e o caráter deficitário da produção estatal e cooperativada; a política de preços determinados à pequena produção, e subsidiados – segundo uma política de racionamento – ao consumo da população.

A crítica à conversão das cooperativas em Granjas do Povo, de acordo com Vasconcelos, considerava o “gigantismo” e concentração de terras característica a essa forma como problema posto à administração das unidades e manutenção e desenvolvimento da “qualidade técnica da produção”. Nesse sentido, ressaltava a questão da desigual distribuição de investimentos no território e falta de mão de obra técnica especializada para orientar a produção. Havia, por último, o problema do aumento dos custos de transporte e circulação, de mercadorias, mão de obra e técnicos administrativos⁷⁷ (VASCONCELOS, 2017, p. 142).

Vasconcelos aponta, em conformidade com as análises de Chonchol, que as Granjas eram deficitárias, do ponto de vista econômico, pois a política de emprego proposta pelo governo revolucionário como forma de acabar com o “desemprego”, desvinculava o salário da produtividade do trabalho, resultando em constantes inversões do Estado para suprir o déficit⁷⁸. Neste ponto, a crítica de Chonchol partilhada por Vasconcelos, coincidia com a crítica de René Dumont⁷⁹ em relação ao assalariamento igualitário. Este último identificava o assalariamento estatal igualitário como “fator inerente de indisciplina, negligência com os custos de produção, desperdício de recursos, e incapacidade contábil” (VASCONCELOS, 2017, p. 147).

⁷⁷ Tais argumentos correspondem a crítica tecida pelo engenheiro agrônomo Jaques Chonchol, técnico da FAO, que esteve em missão em Cuba “para auxiliar a reforma agrária” (VASCONCELOS, 2017, p. 46)

⁷⁸ Segundo Vasconcelos: “as granjas eram deficitárias por definição, uma vez que os salários não correspondiam à produtividade do trabalho e isso exigia que o Estado sempre arcasse com as diferenças, amortecendo o impacto social da falta de rentabilidade econômica. O déficit era uma condição inevitável da busca da soberania alimentar, como reconheceu o próprio Chonchol. Mesmo assim, o engenheiro defendia que houvesse maior correspondência entre salários e trabalho, para garantir um patamar mínimo de produtividade.” (VASCONCELOS, 2017, p. 145)

⁷⁹ René Dumont, assim como Chonchol, também era engenheiro agrônomo e acompanhou a reforma agrária cubana em 1960 (Vasconcelos, 2017, p. 146)

Em contrapartida, Vasconcelos também apresentou argumentos daqueles que foram favoráveis à conversão das cooperativas agrícolas em Granjas do Povo – em especial as apresentadas por Valdés Paz, sociólogo, professor e ex-dirigente agrícola de Cuba –, em relação aos problemas econômicos, administrativos e territoriais das cooperativas. Em primeiro lugar, as cooperativas também apresentavam problemas econômicos de autofinanciamento: “os cooperativistas não alcançavam os rendimentos necessários para que os 20% de excedentes privados previstos para utilização ‘livre’ fossem satisfatórios”. Ao mesmo tempo, as cooperativas apresentavam queda de rendimentos “devido à ineficiência econômica” (2017, p. 135). Nesse aspecto, a autora recorre a um argumento presente em diversos momentos de suas análises, dessa vez, entretanto, como reprodução da concepção de Valdés Paz, segundo o qual a queda de produtividade apresentada em diversos setores econômicos após a Revolução, incluindo nas terras cooperativadas, decorria de um “afrouxamento das condições de trabalho”. Nesse caso específico, a autora, em consonância com o sociólogo, atribui à questão a ausência do capataz “como força coercitiva de organização do trabalho”, enquanto um dos fatores da não manutenção da correspondência entre jornada de trabalho e salário⁸⁰ (ibid.). Além disso, Vasconcelos também aponta para a descontinuidade territorial como fator crítico à rentabilidade, e administração de tais unidades produtivas. O último ponto importante levantado pela autora para explicar a “ineficiência agrícola” das cooperativas, consistia na “diversificação agrária”, a princípio incentivada pelo governo revolucionário, mas que ocasionou a proliferação de “produções pequenas para autoconsumo”, em detrimento da produção de excedentes (Ibid.). Segundo Dumont, as cooperativas não apresentavam um balanço lucrativo por conta do centralismo que sufocava a iniciativa e desenvolvimento local⁸¹.

Os pequenos produtores organizados pela ANAP, por sua vez, apresentaram, em 1963, produtividade duas vezes maior que as Granjas, fato que, para os críticos do centralismo, desconstruía o mito da economia centralizada como “forma superior” de produção (VASCONCELOS, 2017, p. 147). Entretanto, a produção dos pequenos produtores também

⁸⁰ Segundo Valdés Paz, citado em nota por Vasconcelos (2017, p. 135): “Ao suprimir o capataz, essa função que era até simbolicamente a representação da exploração, rompemos com o elo que organiza o trabalho. Porque em trabalhos manuais em campo livre, a céu aberto, como a agricultura e a construção, a presença direta daquele que controla a força de trabalho é determinante. Senão, ninguém trabalha, porque a agricultura é muito dura e a construção também (Valdés Paz, 2012)”. Retomaremos essa questão mais adiante.

⁸¹ De acordo com afirmação de Dumont, apresentada por Vasconcelos, “em 1962, (...), das 622 cooperativas, apenas 3 obtiveram balanços lucrativos, um sintoma de problemas estruturais nas relações de produção (Dumont, 1970, p 51)” (VASCONCELOS, 2017, p. 146).

estava sujeita a determinações da política econômica estatal que visava regular os preços de produção e ao mesmo tempo garantir a compra de 75% da produção⁸².

Diante desse cenário agrário, entre 1961 e 1963, a produção de açúcar obteve considerável queda – de 24,7% de rendimentos –, apresentando produção muito aquém em relação a décadas anteriores⁸³ (VASCONCELOS, 2017, P. 176-177). As outras “produções industriais” voltadas à exportação – café, tabaco e algodão – também apresentaram queda de produção similares ao açúcar. No entanto, a produção de alimentos cresceu, fato que Vasconcelos atribui à diversificação agrícola “territorialmente desorganizada”, estimulada pelo governo no início da Revolução (Ibid, p. 175). Segundo a autora: “Por estar descoordenada com a intensificação canavieira, a política de diversificação agrícola começou a criar problemas estruturais relacionados à balança comercial, prejudicando a obtenção de divisas da venda de açúcar” (Ibid. p. 173).

Nesse sentido, Vasconcelos aponta para a concorrência entre cultivos, por superfície, que se estabeleceu com a diversificação agrícola extensiva, sem planejamento estatal (2017, p. 173), uma vez que o “novo regime de propriedades” possibilitava o aumento de “horas trabalhadas para autoconsumo” por parte do pequeno produtor, que eventualmente também trabalhava como assalariado nas Granjas do Povo. (ibid, p. 177). Em relação a esse último aspecto, a autora afirma o aumento da circulação monetária e crescimento da “poupança total

⁸² Sobre a administração dos preços e políticas de incentivos à produção, Vasconcelos explica: “Contra o problema da especulação comercial camponesa, a revolução propunha três políticas. A primeira era de uma administração de preços que estabelecesse patamares remunerativos ao pequeno produtor. A proposta se originava da percepção de que o preço, para o pequeno agricultor, cumpriria o mesmo papel estimulante que o salário para o trabalhador, e que era através do preço digno que o camponês amenizaria seu impulso especulativo e ampliaria a proporção de seus produtos vendidos às *Tiendas del Pueblo* estatais. A segunda política era de incentivos ao camponês para melhorar sua produtividade, através de uma gradação de preços diferenciais. Assim, o camponês que conseguisse produzir mais que 35 toneladas de cana/hectare venderia seus produtos ao Estado por melhores preços, e cada camponês que incrementasse sua produtividade em pelo menos 30% ao ano seria devidamente remunerado (Rodríguez, 1966, p. 41). A terceira medida era de crédito, assistência técnica, fornecimento de insumos, fertilizantes e sementes aos pequenos agricultores, tendo como contrapartida que estes vendessem 75% de sua produção ao Estado (Rodríguez, 1963a, p. 16)”. (VASCONCELOS, 2017, p. 155)

⁸³ Em relação ao impacto da queda da produção nos rendimentos provindo das exportações: “O açúcar, que antes representava 25,1% do setor industrial em 1961, passou a representar 15,8% em 1963 (CEPAL, 1964, p. 291). A queda da exportação de açúcar gerou queda da capacidade de importação, refletida no aumento do déficit comercial cubano nos anos 1962 e 1963. O déficit comercial cubano de 1960 alcançou 19,6 milhões de pesos. Em 1961, se ampliou para 76,6 milhões de pesos e, em 1962, saltou para 238,7 milhões de pesos. Em 1963, caiu para 116,9 milhões de pesos (CEPAL, 1964, p. 285). Por isso, a CEPAL chegou a diagnosticar uma “crise da produção açucareira em 1962 e 1963” (idem, 1964, p. 270). O principal motivo apontado pela CEPAL para tal crise foi a redução da superfície das plantações de história agrária da revolução cubana 177 cana em 9.687 a 14.903 caballerías, o que correspondia a quase 15% da superfície canavieira contabilizada em 1959 (CEPAL, 1964, p. 287; Chonchol, 1961, p. 4).” (VASCONCELOS, 2017, p. 176-177)

cubana”, como resultados da política de empregos⁸⁴ e distribuição de renda⁸⁵. Contudo, o que parecia constituir-se como avanços do governo revolucionário, carregava contradições que se desdobraram como problemas a ser enfrentado nos anos seguintes: primeiro, “o aumento do emprego foi acompanhado de uma redução da produtividade do trabalho”; segundo, o aumento da circulação e poupança monetária gerou “pressões inflacionárias” na economia interna cubana (VASCONCELOS, 2017, p. 169).

Frente a tais questões, em 3 de outubro de 1963 foi assinada a segunda lei de reforma agrária em Cuba, que estabelecia, no Artigo 1, a “nacionalização de todas as propriedades privadas maiores que 5 caballerías (67 hectares)”⁸⁶ (VASCONCELOS, 2017, p. 188), restando, dessa maneira, somente duas formas de propriedade como base agrícola e industrial cubana: “a granja estatal e a pequena propriedade privada” (Ibid. p. 190). Há que se destacar que as pequenas propriedades, por sua vez, estavam pressionadas por uma política de “coletivização voluntária”, incentivada pela ANAP⁸⁷.

A segunda reforma agrária estava articulada ao avanço do bloqueio estadunidense e ao segundo convênio⁸⁸ estabelecido entre Cuba e a União Soviética, em dezembro de 1963 (Ibid, p. 200). O convênio garantia a compra de “24, 1 milhões de toneladas de açúcar a 6,11 centavos de dólar a libra, escalonadas progressivamente a cada ano”, entre 1965 e 1970. O preço acordado estava acima do preço do açúcar no mercado mundial, que variou “entre 5,77 e 5,82 centavos de dólar a libra” em 1964 e obteve queda, chegando a 1,80 em 1966 e 1,90 em 1968,

⁸⁴ Sobre a política de empregos: “O uso da capacidade produtiva ociosa foi uma das políticas mais importantes para o desenvolvimento econômico e social após a revolução e, em termos de força de trabalho, refletia em uma política de emprego que buscava atrair os desempregados para o setor estatal. Os resultados foram muito rápidos: entre 1957 e 1963, os postos de trabalho aumentaram em 25%, o que absorveu mais de 50% da mão de obra cronicamente desempregada. Segundo a CEPAL, 425 mil pessoas ingressaram no mercado de trabalho entre 1957 e 1963. A rapidez sem precedentes com que o problema estrutural mais grave do subdesenvolvimento cubano foi combatido foi um exemplo histórico importante aos países latino-americanos (1964, p. 272)” (VASCONCELOS, 2017, p. 169).

⁸⁵ Segundo Vasconcelos: “Todas estas políticas de redistribuição de renda, junto da restrição estabelecida à importação de bens de luxo, geraram um enorme aumento da liquidez, que só poderia ser realizado através da ruptura dos nós do capitalismo periférico. Entre 1961 e 1963, a poupança total cubana cresceu de 465 milhões para 797 milhões de pesos; enquanto a circulação monetária cresceu de 630 a 709 milhões de pesos (CEPAL, 1964, p. 294).” (VASCONCELOS, 2017, p. 169)

⁸⁶ Vasconcelos aponta que havia dois casos que se enquadravam como exceções à nova lei da reforma agrária: “as propriedades exploradas em conjunto por familiares, contanto que as porções individuais de cada membro não fossem maiores que 5 caballerías (artigo 2); e as propriedades de alta produtividade, que já tinham demonstrado espírito de cooperação com os planos estatais, perpetuando a exceção da primeira reforma agrária (artigo 3)” (2017, p. 188)

⁸⁷ De acordo com Vasconcelos (2017, p. 159): “A coletivização voluntária poderia ser realizada, inicialmente, por três novas formas de propriedade agrária dos camponeses: as Sociedades Agropecuárias, as Cooperativas de Créditos e Serviços e as Brigadas de Ajuda Mútua”.

⁸⁸ O primeiro convênio se estabeleceu após à viagem de Guevara à União Soviética e países do bloco socialista no leste europeu, entre outubro e dezembro de 1960, e resultou na concessão de 142 milhões de pesos e 100 milhões de dólares em créditos à Cuba (VASCONCELOS, 2017, p. 200).

“enquanto o preço soviético se manteve” (Ibid, p. 201). O convenio previa a continuação dos termos de acordos anteriores, segundo o qual o pagamento pelo açúcar seria realizado 20% em “divisas conversíveis em outros países” e 80% em mercadorias soviéticas, principalmente petróleo (Ibid.)

Com a implantação da segunda reforma agrária e consolidação do convênio, a produção açucareira foi novamente priorizada em detrimento da produção para autoconsumo e da diversificação “desorganizada”, sendo esta última substituída por uma “diversificação especializada”, segundo planejamento estatal, que passou a permitir a administração regional das Granjas ao invés de centralização total da administração em Havana, como estava configurada até então (VASCONCELOS, 2017, p. 199/222). Concomitante ao convênio, em 1964, foi anunciada a campanha dos “10 milhões”, que estipulava a meta faraônica de produção de 10 milhões de toneladas métricas de açúcar para o ano de 1970 (Ibid, p. 201). Afirmava-se oficialmente que a produção açucareira seria a “pedra angular” da economia cubana, e a partir de seus ingressos acreditava-se que o país pudesse investir na criação de infraestrutura e posterior industrialização da ilha (OLIVA, 2015, p. 20). Vasconcelos pontua o caráter paradoxal da concentração de todos os investimentos e esforços na produção açucareira pelo governo revolucionário, que apostava na transmutação da condição de subdesenvolvimento em alavanca para o desenvolvimento. Segundo a autora:

[...] apesar do processo de geração do excedente permanecer hiperespecializado, a distribuição, e utilização estavam orientadas pelas novas finalidades do desenvolvimento: o igualitarismo, a soberania nacional e a construção de uma sociedade socialista. Apesar destas diferenças essenciais, a volta ao açúcar teve caráter paradoxal, porque adia uma etapa imprescindível do processo de desenvolvimento nacional: a internalização dos meios técnicos e econômicos adequados às novas finalidades da sociedade cubana. Desta feita, ainda que regida por outras determinações, perpetuava-se a dependência estrutural cubana às economias externas. Esta “dependência de novo tipo” se combinava com uma alta dose de soberania nacional e com a internalização relativa dos centros de decisão. Era, por assim dizer, uma “dependência planificada” que, por sua estabilidade, ampliava as margens de escolha do governo cubano em relação a toda sua história precedente. Cuba não estava mais refém das flutuações especulativas do mercado mundial, mas era dependente da própria existência do bloco soviético (VASCONCELOS, 2017, p. 204).

Por mais que Cuba estivesse “internalizando” os “centros de decisão” do processo produtivo, possibilitado pelo vantajoso acordo com a União Soviética, as “novas” escolhas estavam presas à manutenção da estrutura produtiva e a divisão social do trabalho no interior do bloco socialista. O aumento do controle e concentração do capital e das terras pelo Estado cubano – que chegou a deter 85% das terras no final da década de 1960 (Ibid, p. 294) – não permitiu o avanço da industrialização em Cuba, tampouco impediu a crise que a arrebatou com o colapso da União Soviética.

Após uma breve exposição teórica sobre o debate econômico cubano abordaremos a questão da queda da produtividade do trabalho, simultaneamente a instauração do trabalho voluntário em Cuba e o fechamento dos últimos negócios particulares pela chamada Ofensiva Revolucionária.

2.4 – As diferenças entre o Sistema Orçamentário de Financiamento e o Cálculo Econômico, segundo a exposição de Guevara

A exposição sobre a estrutura de propriedades e as relações de produção e trabalho fomentadas e reguladas pelo Estado revolucionário aponta para questões relacionadas ao “grande debate econômico”, ocorrido em Cuba entre 1963 e 1964, sobre as “formas de propriedade da transição ao socialismo” (VASCONCELOS, 2017, p. 36). Tal debate se constituía basicamente a partir de dois “modelos” econômicos distintos de gestão socialista das categorias do capital: O Sistema Orçamentário de Financiamento e o Cálculo Econômico. Guevara encampou esse debate a partir da defesa do Sistema Orçamentário de Financiamento (GUEVARA, 1982, p. 183-201). O sistema foi sancionado e “inaugurado no processo de trabalho interno do Ministério da Indústria”, quando Guevara era ministro (Ibid. p. 183).

Uma característica fundamental que diferenciava o Cálculo Econômico do Sistema Orçamentário, apontada por Guevara, era “o aspecto da auto-gestão financeira”, e o apoio a estímulos materiais como base da auto-gestão, própria ao primeiro modelo (Ibid.). Nesse aspecto, a autor faz várias citações do “jovem Marx”, e da *Crítica ao Programa de Gotha*, culminando nas teses de Lenin sobre a ditadura do proletariado e o capitalismo estatal, para ressaltar a questão da consciência do trabalhador, que seria a base sobre a qual o Sistema

Orçamentário de Financiamento deveria se mover no período de transição ao comunismo⁸⁹. Dessa maneira, Guevara afirmava a importância de se manter e aproveitar a estrutura técnica e produtiva promovida pelo imperialismo estadunidense em Cuba, sendo o Sistema Orçamentário de Financiamento a versão socialista, direcionada a outros fins⁹⁰, do capital monopolista imperialista. Segundo o autor:

Podemos dizer, pois, que como técnica, o antecessor do sistema orçamentário de financiamento é o monopólio imperialista radicado em Cuba, que já tinha sofrido as variações inerentes ao longo processo de desenvolvimento da técnica de condução e controle que vai desde o início do sistema monopolista até nossos dias, quando alcança seus níveis superiores. Quando os monopolistas se retiraram, levaram seus quadros superiores e alguns intermediários; ao mesmo tempo, nosso conceito imaturo da Revolução nos levou a arrasar com uma série de procedimentos estabelecidos, pelo simples fato de serem capitalistas. Por isso, nosso sistema não alcançou ainda o grau de eficiências que tinham as sucursais “criollas” dos monopólios, no que se refere à direção e controle da produção; por esse caminho seguimos, eliminando qualquer palavrório anterior. (GUEVARA, 1982, p. 188)

Em vista disso, Guevara considera que a técnicas e as formas de condução da economia deveriam “ser buscadas onde estejam mais desenvolvidas”, e ainda, que a tecnologia “desenvolvida pelo campo capitalista” poderia ser utilizada pelo socialismo “sem temor de ‘contágio’ da ideologia burguesa” (GUEVARA, 1982, p. 187). Desse modo, o autor pontua que a “diferença mais imediata” entre os dois sistemas reside na concepção de empresa: para o Cálculo Econômico uma empresa seria uma unidade produtiva “com personalidade jurídica própria”, como um central açucareiro, com fundos próprios “que permitem operar a unidade e suas relações com o banco”, sendo “similares às de um produtor privado em contato com bancos capitalistas, aos quais devem explicar exaustivamente seus planos de demonstrar a sua solvência” (ibid, p. 188-189). Já para o Sistema Orçamentário de Financiamento, uma empresa

⁸⁹ De acordo com Guevara, “O comunismo é uma meta da humanidade, que se atinge conscientemente; logo, a educação, a liquidação dos vícios da antiga sociedade na consciência das pessoas, é um fator de suma importância, sem que se esqueça, é claro, que sem avanços paralelos na produção não se pode chegar a tal sociedade” (1982, p. 187).

⁹⁰ Sobre a finalidade do Sistema Orçamentário de Financiamento, Guevara afirma: “(...) nós acreditamos que o esquema de ação do nosso sistema, convenientemente desenvolvido, pode elevar a eficiência da gestão econômica do estado socialista, aprofundar a consciência das massas e dar ainda mais coesão ao sistema socialista mundial, sobre a base de uma ação integral.” (1982, p. 188)

se constituiria num “conglomerado de fábricas ou unidades que têm uma base tecnológica semelhante, um destino comum para sua produção ou, em alguns casos, uma localização geográfica delimitada”. Nesse sentido, “todas as centrais açucareiras e outras relacionadas com o açúcar constituem a Empresa Consolidada de Açúcar”, em que o dinheiro, diferente do Cálculo Econômico que atua como meio de pagamento, no Sistema Orçamentário seria apenas “dinheiro aritmético, como reflexo, em preços, da gestão da empresa, que os organismos centrais analisarão para efetuar o controle de seu funcionamento” (Ibid.). Assim, Guevara explica:

Em conseqüência da forma de utilizar o dinheiro, nossas empresas não têm fundos próprios, no banco existem contas separadas para retirá-los o depositá-los, e a empresa pode retirar fundos segundo o plano da conta geral de despesas e da conta especial para pagar salários, mas, ao efetuar um depósito, este passa ao poder do estado automaticamente. (1982, p. 189)

Dessa forma, Guevara acentua que o Sistema Orçamentário “se baseia em um controle centralizado da atividade da empresa”, enquanto conglomerado, sendo gerida e controlada por “organismos centrais” e de “forma direta”, sem “fundos próprios”, nem “créditos bancários” (ibid). Como seria possível aproveitar a estrutura monopolista da produção herdada do período imperialista sem a presença do capital financeiro, na forma creditícia, e ainda sem a preocupação de constituição de um fundo de financiamento?

O modelo parecia destinado ao fracasso, uma vez que o nível de concentração do capital monopolista, conforme abordamos anteriormente, configura a reunião necessária do capital industrial com o financeiro. Isso ocorre porque, para se manter e renovar o desenvolvimento das forças produtivas da magnitude de tais empresas, é necessário financiamento bancário, já que o valor correspondente à renovação da maquinaria, por mais que seja resultado dos lucros obtidos pela empresa, não será produzido em apenas uma rotação do capital, configurando assim, um capital ocioso que, enquanto aguarda o montante requerido pela compra de novas máquinas, necessita ser reinvestido sob pena de sua desvalorização. Dessa maneira, os capitais ociosos exortados pela produção monopolista são direcionados a novos empreendimentos produtivos, ou de caráter financeiro, na busca de melhores taxas de lucro e juros em países periféricos, como forma imperialista crítica da reprodução ampliada do capital – conforme abordamos anteriormente. Essa dinâmica crítica foi destrinchada por Marx no volume II de O Capital, como um dos aspectos de seu processo de circulação. O pressuposto teórico subjacente

aos estudos marxistas é a de que a expansão capitalista na forma imperialista estaria resolvendo as contradições da reprodução do capitalismo dos países centrais, no caso aqui analisado, dos Estados Unidos. No entanto, para nossa pesquisa, importa nos questionarmos como as categorias do capital em Cuba expressam as contradições de sua reprodução ampliada, e não como as resolve.

Em relação a “lei do valor”, Guevara criticou o manual de Economia Política soviética, o qual afirmava que no capitalismo a lei atua como força cega, mas que, sob a economia centralizada e planejada, ela poderia “ser manejada ou utilizável pelo homem”. Ao invés disso, considerava a lei do valor em Cuba “parcialmente existente, devido aos restos subsistentes da sociedade mercantil”, que se refletia na relação do Estado como “fornecedor e consumidor”. Nesse sentido, a questão do financiamento industrial cubano seria tratada no âmbito do comércio internacional socialista, que necessitava se estabelecer de forma a diminuir “as diferenças entre países desenvolvidos e os mais atrasados”, permitindo “o financiamento dos investimentos industriais nos países em desenvolvimento, mesmo que isso infrinja os sistemas de preços existentes no mercado mundial capitalista”. Guevara citou os recentes acordos entre a URSS e Cuba como exemplo de relação econômica que permitia o desenvolvimento socialista rumo ao “internacionalismo proletário”⁹¹ (ibid, p. 194-195).

Dessa maneira, ao mesmo tempo que Guevara reconhecia a “lei do valor”, ele a negava, assim como a forma mercadoria, enquanto forma social que determinasse cegamente a economia cubana, ou que devesse ser manejada de modo a reproduzir as relações capitalistas de produção, mesmo com a mediação do Estado⁹². Ao invés disso, apelava às relações internacionais socialistas como forma de financiar o desenvolvimento das forças produtivas em

⁹¹ De acordo com Guevara: “acreditamos que, particularmente em uma sociedade de comércio externo muito desenvolvido, como a nossa, a lei do valor em escala internacional deve ser reconhecida como um fato que rege as transações comerciais, mesmo dentro do campo socialista e reconhecemos a necessidade de que este comércio passe já para formas mais elevadas nos países da nova sociedade, impedindo que aprofundem as diferenças entre países desenvolvidos e os mais atrasados pela ação do comércio. Vale dizer: é necessário encontrar formulas de comércio que permitam o financiamento dos investimentos industriais nos países em desenvolvimento, mesmo que isso infrinja os sistemas de preços existentes no mercado mundial capitalista, o que permitirá o avanço mais uniforme de todo o campo socialista, com as naturais conseqüências de limar asperezas e tornar coeso o espírito do internacionalismo proletário (o recente acordo entre Cuba e a URSS é uma mostra dos passos que podem ser dados neste sentido)” (1982, p. 194-195)

⁹² Sobre a negação de Guevara: “Negamos a possibilidade de uso consciente da lei do valor, baseados não na existência de um mercado livre que expresse automaticamente a contradição entre produtores e consumidores; negamos a existência da categoria mercadoria em relação às empresas estatais, e consideramos todos os estabelecimentos como parte da única grande empresa que é o Estado (embora, na prática, ainda não seja assim em nosso país) A lei do valor e o plano são termos ligados por uma contradição e sua solução, podemos, pois, dizer que a planificação centralizada é o modo de ser da sociedade socialista, a categoria que a define e o ponto em que a consciência do homem consegue, enfim, sintetizar e dirigir a economia em direção à sua meta: a plena libertação do ser humano no quadro da sociedade comunista” (1982, p. 195).

países periféricos como Cuba, como ação política de subversão econômica visando o fortalecimento do socialismo em nível mundial.

A suposta subversão econômica consciente da lei do valor proposto por Guevara enquanto Sistema Orçamentário de Financiamento não poderia completar-se como sistema social se não atingisse o preço e a circulação de mercadorias. Nesse sentido, o objetivo era estabelecer um “fundo mercantil” que se estabilizasse com a “demanda solvente”, através da intermediação do Ministério do Comércio Interior⁹³. Na prática, se estabeleceu uma política de preços subsidiados das mercadorias consideradas, pelo Estado, fundamentais para manutenção da vida dos cubanos. Essa é a concepção econômica do Sistema Orçamentário de Financiamento que está por traz da chamada *libreta*, ou cartilha de racionamento, presente até hoje como parte do consumo da população cubana⁹⁴. Em relação a *libreta*, Oliva escreve:

Tan temprano como en 1962 debutó el racionamiento de productos alimentarios y de higiene personal. Le siguieron otros productos y en 1971 prácticamente todos quedaron controlados. Se produjo, además, la congelación de los precios minoristas. La libreta, o cartilla de racionamiento cubana es la más amplia en productos y la más longeva mundialmente: un verdadero Record Guinness. Aún sobrevive precariamente (...). (OLIVA, 2015, p. 62)

A concepção econômica do Sistema Orçamentário de financiamento se completava, portanto, com o controle do que seria vendido, quanto seria vendido e a que preço. Em outras palavras, com o controle da circulação e do consumo, que o governo revolucionário procurou implantar ao longo da década de 1960. A implementação do sistema se intensificou com a segunda e terceira reforma agrária, além da chamada “ofensiva revolucionária” em 1968, conforme veremos adiante.

Por outro lado, Guevara também criticava os estímulos materiais como alavanca à produtividade do trabalhador, defendida pelo Cálculo Econômico. Nesse aspecto, o autor ressaltava a diferença entre os dois sistemas em relação à contratação e regime de trabalho:

⁹³ Segundo Guevara: “Consideramos que é necessária uma estabilização global do fundo mercantil e da demanda solvente: o Ministério do Comércio Interior se encarregaria de nivelar a capacidade de compra da população com os preços das mercadorias oferecidas, considerando sempre que toda uma série de artigos de caráter fundamental para a vida do homem devem ser oferecidos a preços baixos, embora em outros menos importantes, os preços sejam mais altos, ignorando manifestamente a lei do valor em cada caso concreto” (1982, p. 195).

⁹⁴ Retomaremos a questão da *libreta* como um dos momentos de consumo da população cubana no capítulo 4.

Quanto às normas de trabalho, as empresas do cálculo econômico usam o trabalho regulamentado por tempo e o trabalho por peça ou por hora (empreitada); nós estamos tentando levar todas as nossas fábricas a praticar o trabalho regulamentado por tempo, com prêmio de super-produção limitados pela tarifa (salarial) do escalão superior (Ibid).

Assim, o então ministro das indústrias de Cuba identificava os estímulos materiais ao trabalho como herança do capitalismo, devendo ser manejado de forma a não permitir sua configuração como “alavanca impulsionadora fundamental” da economia socialista (Ibid, p. 190). Em contrapartida, falava da consciência como termo contraditório aos estímulos materiais. Segundo Guevara, o desenvolvimento da consciência poderia contribuir mais para a produção e para o desenvolvimento geral da sociedade, rumo ao comunismo, do que os estímulos materiais. Tal desenvolvimento, faria com que o trabalho deixasse de “ser uma dura necessidade, para se converter em um agradável dever”⁹⁵ (Ibid). Guevara apostava, portanto, no desenvolvimento de “estímulos morais” para impulsionar a produtividade do trabalhador, incluindo o sistema de educação como importante momento de constituição do Estado socialista, no sentido de “liquidar os velhos vícios de uma sociedade que morreu” (Ibid. p. 191).

Segundo Vasconcelos (2017, p. 149), o debate econômico entre os dois modelos “permaneceu inconcluso”, sendo implementado ambos, em diferentes setores econômicos: o Sistema Orçamentário de Financiamento na indústria (que incluía a produção açucareira) e comércio exterior, enquanto o Cálculo Econômico se estabeleceu, durante um tempo, na pequena produção agrícola e comércio interno.

2.5 – A ofensiva revolucionária

⁹⁵ Segundo Guevara: “(...) para os partidários da auto-gestão financeira, o estímulo material direto, projetado no futuro e acompanhando a sociedade nas diversas etapas da construção do comunismo, não se contrapõe ao desenvolvimento da consciência, mas para nós sim. É por isso que lutamos contra seu predomínio, pois significaria o atraso do desenvolvimento da moral socialista. Se o estímulo material se opõe ao desenvolvimento da consciência, mas é uma grande alavanca para obter êxitos na produção, deve-se entender que a atenção prioritária ao desenvolvimento da consciência atrasa a produção? Em termos comparativos, em uma dada época, é possível, embora ninguém tenha feito cálculos pertinentes; nós afirmamos que, em um tempo relativamente curto, o desenvolvimento da consciência faz mais pelo desenvolvimento da produção que o estímulo material, e afirmamos isso baseados na projeção geral do desenvolvimento da sociedade para ingressar no comunismo, o que pressupõe que o trabalho deixe de ser uma dura necessidade, para se converter em um agradável dever. Carregada de subjetivismo, a afirmação requer a sanção da experiência, e nisso estamos empenhados; se, no decurso desta experiência, ficar demonstrado que é um freio perigoso para o desenvolvimento das forças produtivas, será necessário tomar a determinação de cortar o mal e voltar aos caminhos percorridos; até agora isso não ocorreu, e o método, com o aperfeiçoamento que vai ganhando com a prática, adquire cada vez mais consistência e demonstra sua coerência interna” (1982, p. 190).

Interferência II

“Yo vivía en la calle Magdalena, a una quadra de La Marina, el barrio de las putas, en Matanzas. Lo habían cerrado hacia dos o tres años. Todo cerrado: bares, burdeles, billares, casinos, clubes. Todo. Casi no había marineros por allí. El puerto de pronto se quedó semiparalizado y la atmósfera comenzaba a ponerse insípida y confusa. Era el año 1965. Nadie entendía muy bien qué coño pasaba ni hacia dónde iban las cosas. Era como un barco al garete dando bandazos en medio de una tormenta. (...)

– Compañeros, esto no puede seguir porque nos van a obligar a tomar medidas más fuertes. A todo esto le vamos a dar candela. El billar y los juegos están prohibidos y ustedes tienen que ayudar. Esta batalla contra el vicio y la corrupción y las lacras del pasado la vamos a ganar, compañeros. Aquí el que no trabaja no come. Ayuden a cargar todo esto en los camiones y vamos a sellar el local. (...)

Él padecía de una melancolía depresiva crónica desde que le intervinieron el negocio. Era distribuidor mayorista en la provincia de Matanzas de la mejor marca de helados. Nacionalizaron la fábrica en La Habana y al mismo tiempo cayeron los distribuidores en las provincias. De paso le confiscaron las dos cuentas bancarias porque estaban en bancos norteamericanos. Lo perdió todo en menos de un día. Lo dejaron de administrador pero no había helados. "Tenemos problemas con la materia prima, compañero", le dijeron. De un dinamismo positivo y contagioso pasó a la depresión, a jugar dominó todo el día, al silencio total y la haranganería indolente y negativa. Todo le daba igual. Era difícil sacarlo de ese mundo gris. Su salario era tan pequeño que no alcanzaba ni para una semana. Mi madre vendía de todo en el mercado negro. Desde porcelanas hasta ropa y cuchillas de afeitar. Hacía collares y dulce de coco. Lo que fuera. (...)

Al otro día el tren de las dos de la tarde para Caimanera pasó a las seis. Salió con retraso de La Habana y acumulaba más y más retraso. Le decían "El Lechero" porque paraba continuamente. En fin, no tenía prisa ni horarios. Tampoco tenía competencia así que si te gustaba bien y si no también. (...)

Ahora querían abrir de nuevo la tienda de los polacos. Hacía años que estaba cerrada y abandonada. Una tarde de 1961 los polacos se fueron, Aguantaron hasta que no pudieron más. Los vi cuando se iban, al atardecer. La polaca lloraba. El polaco padre y Alberto, el polaquito, cargaban unas maletas. No se despidieron. Fueron a pie hasta la terminal de ómnibus, y de ahí para el aeropuerto de La Habana, y a Miami. Pero nadie lo sabía.

Al día siguiente la tienda cerrada. Dejaron las cajas en los estantes, pero vacías. Así se fueron todos los polacos, los gitanos con sus pequeños circos, los americanos, los españoles. Todos. Solo se quedaron

unos pocos gallegos muy pobres que jamás levantaron cabeza y finalmente se murieron tristes, desnutridos e inyectados de rabia por su mala suerte. Y unas viejas francesas que vinieron de putas cuando eran jóvenes y la cosa estaba mala en Francia. (...) En el barrio quedaban algunas, decrepitas y casi mendigando en las calles.

Empezaron a limpiar la tienda de los polacos para instalar unas oficinas de control de las tarjetas de racionamiento de alimentos. Querían que todos comieran igual. Me metí a ayudar. Quizás encontraba algo que sirviera. Y sí. Al fondo de un estante encontré una caja con veinticuatro brújulas. Los que se iban clandestinos, en lanchas, necesitaban brújulas. Las escondí en los bolsillos y me las robé. Mejor dicho, me las llevé. En definitiva ya no eran de nadie. Nada era de nadie y todo de todos. Anulación de la propiedad privada. Un vacilón. El relajo total. Después las vendí poco a poco. Fueron gente hasta de La Habana a comprarme brújulas a precio de oro. Muy discretamente. Era mal visto tener brújulas, hablar inglés y escuchar a Los Beatles. Desviación ideológica. Tampoco se podía andar pelú y con pantalones apretados. Eso era cosa de maricones. Y ser maricón también era desviación ideológica. Había que ser macho. Y demostrarlo. (...)

Fui a la cafetería a pedir agua. No tenía nada. Ni agua ni vasos. Totalmente vacía y cubierta de polvo. Tampoco había empleados y parecía abandonada. Un letrero grandísimo pintado en la pared: ¡Viva el internacionalismo proletario! (...)

Metió un portazo rabioso. Siempre hacía igual. Nada de escuchar. Le aterraba la posibilidad de un hijo maricón. Era una idea que obsesionaba a todas las familias. Preferían tener un hijo que transmutara en El Hombre Lobo en las noches de luna llena. (...)

Ya me había anestesiado con tantos reproches. No podía estudiar piano porque era cosa de maricones. No podía coleccionar sellos porque era cosa de maricones. ¡¿Coleccionar mariposas?! ¡¡ahhhhhhhh!! No podía leer porque era cosa de maricones. Al parecer los maricones hacían todo lo bueno y para los machitos solo quedaba lo sucio: vender helados bajo el sol, pescar jaibas para ganar miseria y coger ladillas con putas viejas. Si se miraba bien, era mejor ser maricón que macho. Al menos uno podía hacer lo que le gustaba. (...)

Ideas demasiado diferentes para decirlas en voz alta. Hasta leer a Herman Hesse era un problema. Nietzsche y Sade nunca habían existido. La lista de libros "con problemas ideológicos" aumentaba. (...)

Mis tíos elegantes ya habían desaparecido. Eran los únicos distinguidos en la familia. Wango había sido gerente de una famosa marca de autos. Y José Luis se dedicaba al negocio inmobiliario y a la política. Los dos hablaban inglés, vivían en La Habana en residencias lujosas y tenían colecciones de

arte y de objetos precolombianos. Los admiraba. Eran los únicos que me escuchaban y me prestaban atención. Eran los típicos "self made men". De guajiros sembradores de tabaco en las vegas de Pinar del Río, a gerentes y ministros.(...)

– Te pueden recoger y mandarte para la UMAP. En definitiva, tú no estudias ni trabajas. (...)

– Has tenido suerte que no te han detenido por perturbación del orden público. Te agarran y vas directo para la UMAP. Por vago. Y no hay quien te saque. A la vez estás allá es por tiempo indefinido.”

Trechos do livro “El nido de la serpiente. Memorias del hijo del heladero”, de Pedro Juan Gutiérrez (2016)

A chamada ofensiva revolucionária foi anunciada em março de 1968 por Fidel Castro, enquanto desdobramento repentino de uma série de políticas de nacionalização que seriam levadas a cabo pelo governo revolucionário. Segundo Oliva:

Durante el discurso conmemorativo de la fecha histórica del 13 de marzo, Fidel Castro anunció una ofensiva contra los últimos vestigios del capitalismo y de la moralidad burguesa. Empleó términos agresivos y concluyó: De manera clara y terminante debemos decir que nos proponemos eliminar toda manifestación de comercio privado. Al día siguiente, de un golpe, fueron intervenidos sorpresivamente cerca de 60.000 negocios privados: barberías y peluquerías, comercios minoristas de todo tipo, imprentas, vendutas, zapateros remendones, sillones de limpiabotas, talleres de reparaciones diversos, etc. (2015, p. 23-24).

Dessa forma, ocorreu o fechamento ou a nacionalização de todas as formas privadas de trabalho que sobraram no país, entre serviços, pequenas lojas e até mesmo hortas familiares ainda cultivadas em Granjas estatais (PASCHOAL Apud. Santos (org), 2017, p. 100). A única camada proprietária que restou foram os pequenos produtores – que neste momento abarcavam 30% das terras cultivadas – e uma parte reduzida dos transportes que seguiu funcionando como propriedade pessoal, explorada diretamente por seus proprietários (OLIVA, 2015, p. 24). O

Estado se lançou sobre os últimos setores privados⁹⁶ em que ainda havia alguma concorrência, tornando-se, assim, o único e soberano empregador de todos os trabalhos da ilha.

As análises de Vasconcelos e Fernandes, acompanhando outros autores marxistas ligados a movimentos sociais⁹⁷, caminhavam no sentido de considerar os rumos centralizadores e de controle econômico do Estado cubano enquanto desafio posto à revolução na construção do socialismo como sistema igualitário e soberano. Nesse sentido, Vasconcelos considerou a ofensiva revolucionária como processo histórico que se iniciou em setembro de 1966, quando Fidel Castro “se posicionou pela primeira vez de modo cristalino em favor do sistema orçamentário de financiamento e dos incentivos morais” ao trabalho, em detrimento dos incentivos materiais (2017, p. 279). Para a autora, “o sistema de incentivos era uma das mais importantes dimensões do debate econômico cubano” que deveria ser levado em conta no entendimento das contradições enfrentadas pelo socialismo no país. Tais contradições se expressavam no dilema comum aos países de “segundo mundo”, que Vasconcelos identificou como a busca pelo aumento da produtividade e, ao mesmo tempo, a tentativa de aprofundar a “igualdade social” interna, problema agravado em Cuba pela herança do subdesenvolvimento (Ibid.). Segundo Vasconcelos:

Essencialmente, tratava-se de descobrir qual era a relação entre consciência e produtividade, entre ideologia e economia, na transição ao socialismo. Por um lado, indagava-se em que medida a força de trabalho mobilizada pela consciência revolucionária seria capaz de aumentar a produtividade ou, ao contrário, seria nociva à economia. Por outro lado, questionava-se se o uso do benefício material individual para aumentar a produtividade não seria um retrocesso, por fomentar um traço cultural tipicamente capitalista no seio da sociedade que se pretendia socialista. Fidel Castro, até então, adotara uma postura intermediária e distante da polêmica, tendo proposto a experiência da dualidade de modelos em 1964, respeitando o espaço de poder de Rodríguez e Guevara em seus Ministérios. (VASCONCELOS, 2017, p. 279-280)

⁹⁶ De acordo com Gott: “Milhares de membros do Partido secretamente em alerta em todo o país espalharam-se para confiscar os negócios privados”, segundo o relato de José Llovio-Menéndez. A medida afetou “bares, mercearias, pequenas lojas, as oficinas de artesãos autônomos e outros trabalhadores independentes, de carpinteiros a pedreiros e bombeiros” (2006, p. 279).

⁹⁷ Segundo Paschoal, para o Estado revolucionário cubano, naquele então, “a propriedade privada e as vantagens econômicas suscetíveis de aumentar as desigualdades eram incompatíveis com a criação do 'homem novo', um sujeito com fortes valores morais de solidariedade e fraternidade” (PASCHOAL *Apud.* Santos (org), 2017, p. 100). O autor apresenta uma visão bastante romantizada do processo, a qual discutiremos adiante.

Entretanto, compreendemos que o debate econômico em relação aos estímulos a serem empregados, tendo em vista o aumento da produtividade, colocava uma falsa questão, uma vez que – segundo a análise de Valdéz Paz exposta pela própria autora – não havia dinheiro, nem recursos, para sustentar um sistema de trabalho extensivo baseado em “estímulos materiais”⁹⁸ (VASCONCELOS, 2017, p. 285). Em outras palavras, na prática, não havia “capacidade aquisitiva produtiva”⁹⁹ (KURZ) necessária para incentivar materialmente todo um sistema de trabalhadores que não geravam lucro, os quais somente poderiam ser iguallados “nivelando por baixo”¹⁰⁰ as condições de reprodução social geral.

Nesse sentido, pelo menos duas questões fundamentais são perdidas, ou apenas mencionada com muitas ressalvas, pelas análises orientadas segundo o marxismo tradicional que se dedicaram a investigar a modernização cubana no período revolucionário: o sistema violento de coerção ao trabalho; e a repressão social, ambos montados sob a construção ideológica e moral do “homem novo”, enquanto base do projeto socialista de civilização.

A noção de “homem novo” foi veiculada em Cuba a princípio por Guevara, em carta escrita a Carlos Quijano, publicizada posteriormente com o título “O socialismo e o homem em Cuba”. Contudo, a noção foi ganhando espaço e sendo elaborada em vários escritos e discursos do revolucionário. Em conferência televisionada sobre “Economia e Planificação”, Guevara afirmou:

A construção de um país é o produto do trabalho de todas as horas do dia e de uma paixão depositada nessa construção; por isso é preciso sentir o que está fazendo. Não se pode construir um país em um trabalho de laboratório, frio, analítico. Constrói-se com a força do povo, unindo-se ao povo. (...)

Por isso estamos empenhados em criar completamente o novo. Isto é, o homem que provenha da classe operária, da classe camponesa, que seja um produto da Revolução (GUEVARA, 1982, p. 47)

⁹⁸ Segundo Valdés Paz, em nota citada por Vasconcelos (2017, p. 285): “ao contrario da teoria, nem o Che pode aplicar um sistema isento de estímulos materiais na indústria, nem a agricultura pode deixar de aplicar estímulos morais, porque não possuía recursos suficientes para basear o trabalho em um sistema puramente de estímulos materiais”.

⁹⁹ A capacidade aquisitiva produtiva é um termo que Kurz utiliza para designar a relação de exploração lucrativa da força de trabalho: “No mesmo grau em que mais ou menos trabalho vivo pode ser utilizado de forma lucrativa, resulta relativamente mais ou menos capacidade aquisitiva social em forma de salário e lucro” (1993, p. 105).

¹⁰⁰ Segundo Fernandes, “o igualitarismo cubano levou a duas compulsões características: o “nivelamento por baixo” e o combate ao “privilégio”. (FERNANDES, 2006, p. 222)

Nesse aspecto, o ideal de “homem novo” aparece nas análises de Fernandes e Vasconcelos atrelado à necessidade de desenvolvimento da base técnica e material do país, simultaneamente à consciência revolucionária dos indivíduos, voltada para o trabalho. Esse seria o caminho de construção do comunismo, que se realizaria junto com a transição ao socialismo em Cuba (VASCONCELOS, 2017, p. 282). Fernandes ressaltou a ideia de Che sobre o homem novo e a combinou, em suas análises, à perspectiva assumida por Fidel Castro sobre o tema. Segundo Fernandes:

“Para construir o comunismo, simultaneamente com a base material é preciso construir o homem novo”¹⁰¹ (...). As idéias expostas atraíram muita atenção, mas em termos de implicações gerais para o movimento socialista mundial. Teria sido melhor, porém, se elas fossem encaixadas no contexto histórico-social de Cuba no primeiro quinquênio da década de 1960 e se fossem vistas à luz dos obstáculos à transição para o socialismo. Elas revelam, a olho nu, a integridade política e a honestidade intelectual que prevaleciam, sem máculas, na vanguarda revolucionária. Indo-se ao âmago das coisas, o que se descobre é que a revolução cubana contava, de fato, apenas com dois elementos básicos fortes — sua vanguarda revolucionária e o entusiasmo das massas. (FERNANDES, 2007, p. 168-169)

(...)

Para chegar ao socialismo e ao comunismo é necessário combinar dois fatores essenciais: o desenvolvimento de um homem novo, com uma consciência e uma atitude novas diante da vida, e o avanço da técnica, capaz de multiplicar a produtividade e gerar a abundância de bens. Para alcançar esta meta elevada da sociedade humana é preciso exercer uma política consequente com os princípios do marxismo-leninismo (...).” (“Fidel Castro, Socialismo y comunismo, p. 142. op. cit. FERNANDES, 2007, p. 219)

A noção de “homem novo” desenvolvida por Guevara, por sua vez, tinha influência de Mao Tse-Tung e Nikita Khrushchov¹⁰². Segundo Madero (2022, p. 46) essa influência ficava explícita na concepção de trabalho como “instrumento reeducador e como dever social”,

¹⁰¹ Citação de Guevara presente na carta escrita à Quijano.

¹⁰² Segundo Madero (2022, p. 46) “*En 1961, la Editorial Nacional de Cuba, un proyecto creado p el gobierno revolucionario para distribuir masivamente materiales politicos y de propaganda, comenzó a difundir libros soviéticos y chinos que influyeron notablemente en el pensamiento de Ernesto Guevara y en el de otros líderes*”.

presente nos escritos de Mao, que formava a base do pensamento guevarista e da “pedagogia revolucionária” cubana. Madero explica que os discursos de Khrushchov também passaram a circular frequentemente em Cuba a partir de 1961, sendo que no *XXII Congreso del Partido Comunista de la Unión Soviética*, ocorrido em outubro deste ano, foi aprovado o *Código Moral del Constructor del Comunismo*, o qual ditava uma série de regras que versavam sobre a construção do sujeito ideal comunista (ibid, p. 47). Dentre essas regras, encontrava-se a célebre frase cotidianamente repetida em Cuba: “*el que no trabaja, no come*”. Além disso, o discurso do líder soviético e o código aprovado ressaltavam a importância da “educação laboral” como princípio da construção da moral comunista (ibid. p. 48). Madero afirma que esses fundamentos “foram copiados e reproduzidos de modo recorrente por manuais e meios oficiais” cubanos (ibid).

Longe da crítica da economia política e do valor, Madero (2022) analisa o governo revolucionário sob a óptica da instituição de um regime totalitário. Dessa maneira, deixa de considerar as contradições da forma social da mercadoria e da dominação social do capital em Cuba, e para além do contexto cubano. No entanto, traz elementos fundamentais para se pensar a negatividade e o terror da imposição e sujeição ao trabalho, e sua relação com o patriarcado, como forma social moderna, que se reiterava no país após a Revolução sob outros matizes, escondidos na figura do “homem novo”, conforme veremos a seguir.

2.6 – O “homem novo”, as “enfermidades sociais” e o projeto de masculinização nacional

Para compreendermos a crítica de Madero à noção de “homem novo”, que se instalou como motor ideológico na modernização periférica revolucionária, propomos começar pela análise de trechos do discurso de Fidel Castro que anunciou a ofensiva revolucionária em março de 1968, o qual identificava os últimos remanescentes do setor privado – “com pouco peso económico, mas grande número de empregados” – como parasitas que precisavam ser combatidos (GOTT, 2006, P. 279).

Decíamos que habíamos sido demasiado benévolos, demasiado, incluso, generosos, porque en nuestra sociedad mientras cientos de miles, incluso millones trabajan donde sea y se van a cortar caña o en el Cordón de La Habana o en cualquier parte a lo largo y ancho del país, hay todavía un considerable número de personas que no participa para nada en este esfuerzo. Y en cierto sentido, convocamos a la masa a trabajar para ella y también para

los que no trabajan, también para los vagos, también para los parásitos, también para los privilegiados, también para cierta modalidad de explotadores que aun subsisten en nuestro país.

Si de algo se puede reprochar a esta Revolución no es ni mucho menos de haber sido extremista sino en todo caso de no haber sido lo suficientemente radical. Y no debemos perder oportunidad ni dejar pasar la hora ni el momento de radicalizar cada vez más a esta Revolución. Y hay que acabar de hacer un pueblo revolucionario (APLAUSOS).

Subsiste todavía una verdadera nata de privilegiados, que medra del trabajo de los demás y vive considerablemente mejor que los demás, viendo trabajar a los demás. Holgazanes, en perfectas condiciones físicas, que montan un timbiriche, un negocito cualquiera, para ganar 50 pesos todos los días, violando la ley y violando la higiene, violándolo todo, mientras ven pasar los camiones de mujeres a trabajar al Cordón de La Habana o a recoger tomate en Güines o en cualquier parte (APLAUSOS).

Si mucha gente se preguntara qué clase de revolución es esta que permite semejante clase de parásitos todavía a los nueve años, tendría toda la razón de preguntárselo. Y creemos que debemos ir proponiéndonos, firmemente, poner fin a toda actividad parasitaria que subsista en la Revolución (APLAUSOS) (...)

Quien diga que el capitalismo se desalienta es mentira, el capitalismo hay que arrancarlo de raíz, el parasitismo hay que arrancarlo de raíz, la explotación del hombre hay que arrancarla de raíz (APLAUSOS)¹⁰³.

Segundo Madero (2022, p. 84), a noção de parasitismo já vinha aparecendo nos discursos e declarações oficiais, sendo que, anos antes, em setembro de 1961, Fidel declarou que a Revolução seria um “projeto vermífugo” contra parasitas, exploradores, ociosos e “boas-vidas”, associando, dessa maneira, o parasitismo à exploração de classes. Tal como Lenin (2007, p. 69) já havia considerado, os chamados “parasitas”, para Castro e Guevara, seriam resquícios da sociedade capitalista, que deveriam ser combatidos no período de transição ao comunismo.

¹⁰³ [DISCURSO PRONUNCIADO POR EL COMANDANTE FIDEL CASTRO RUZ, PRIMER SECRETARIO DEL COMITE CENTRAL DEL PARTIDO COMUNISTA DE CUBA Y PRIMER MINISTRO DEL GOBIERNO REVOLUCIONARIO, EN EL ACTO CONMEMORATIVO DEL XI ANIVERSARIO DE LA ACCION DEL 13 DE MARZO DE 1957, EFECTUADO EN LA ESCALINATA DE LA UNIVERSIDAD DE LA HABANA, EL 13 DE MARZO DE 1968.](http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/1968/esp/fl30368e.html) Disponível em <http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/1968/esp/fl30368e.html>. . Acessado em 3 de setembro de 2023.

Nesse aspecto, por um lado, os considerados “parasitas” correspondiam à pequena burguesia urbana; por outro, também se articulou um conceito de lumpen proletariado – assim como na União Soviética e demais países do bloco socialista – para identificar aqueles que eram considerados produtos da sociedade anterior, indesejáveis, supérfluos, sobre os quais recairiam os modelos pedagógicos de reeducação, pautados na noção de trabalho socialmente útil (MADERO, 2022, 47). De acordo com Madero “*alcohólicos, drogadictos, prostitutas y proxenetas comenzaron a ser etiquetados como sujetos de la sociedad anterior, como antisociales o enfermos*”, se convertendo em alvo das instituições de reeducação e trabalho (ibid). Em 11 de outubro de 1961, ocorreu uma ação policial que, segundo Miskulin (2019, p. 541), marcou o início da repressão do governo revolucionário à homossexuais e pessoas ligadas ao meio literário e artístico, bem como a suas produções. De acordo com a autora:

Em 11 de outubro de 1961, quando a polícia prendeu as prostitutas e os prováveis homossexuais que se encontravam em Havana velha, no bairro Colón, numa noite que ficou conhecida como “*la noche de las tres P*” (pederastas, prostitutas e proxenetas), marcou-se o início da repressão. Importante colaborador de *Lunes*¹⁰⁴ e diretor das *Ediciones R* (editora que pertencia ao grupo), Virgilio Piñera foi preso no dia seguinte, quando saía de sua casa na praia, bem distante do centro de Havana e foi libertado pouco depois, devido à intervenção de Carlos Franqui, diretor de *Revolución*. Alguns anos depois, a política de repressão aos homossexuais e a todos aqueles que tivessem uma “conduta imprópria” foi implementada com o surgimento de campos de trabalhos forçados, as Umaps¹⁰⁵ (...). (MISKULIN, 2019, p. 541-542)

Em consonância com a exposição de Miskulin, Madero (2022, p. 84) pontua que, no final do ano de 1961, as diferentes organizações sociais revolucionárias – principalmente o Comitê de Defesa da Revolução (CDR) – passaram a vigiar aqueles que frequentavam bares em horários de trabalho, ou ainda, que manifestavam hábitos de consumo em desacordo com a moral socialista. A partir daí se fundamentava o discurso, proferido por Fidel e dirigentes designados, do “parasitismo” social, que se articulava, segundo Madero, ao estabelecimento de uma teoria das “enfermidades sociais” (Ibid). De acordo com o autor, desde o princípio da

¹⁰⁴ *Lunes* era o suplemento cultural que saía as segundas-feiras no jornal *Revolución*, órgão do Movimento Revolucionário 26 de julho (MISKULIN, 2019, P. 537).

¹⁰⁵ Mais adiante abordaremos a questão das UMAPs (*Unidad Militar de Ayuda a la Producción*).

Revolução, os discursos médicos e psiquiátricos foram postos a serviço do novo poder estatal, contribuindo, dessa forma, à “*producción de estereotipos, a la politización de la sexualidad y a la legitimación de políticas de rehabilitación social*” que sustentou a pedagogia revolucionária (ibid. p.30-31). Nesse sentido, o autor afirma que a Revolução trouxe uma mudança no imaginário e na forma de representação da nação cubana. Segundo Madero:

Hasta entonces, Cuba era representada generalmente como un cuerpo femenino susceptible a la penetración imperialista estadounidense. Sin embargo, desde el triunfo de la Revolución se construyó también una imagen de la nación como un cuerpo enfermo. (2022, p. 30-31)

Madero (2022, p. 119-120), a partir das análises de Susan Sontag, afirma que a noção de enfermidade do corpo social se valia de uma linguagem militar e da “metáfora da invasão” para descrever como se dariam as formas de contágio, assim como os “mecanismos de defesa” e “imunização” do “corpo político”. Tal concepção contribuía para a “*estigmatización de ciertas enfermedades y, por extensión, de los enfermos*”. Nesse sentido, o autor pontua que os discursos oficiais reciclavam o jargão médico para falar da nação e do corpo social, utilizando “metáforas de guerra” e de “tipo sexual”, que refletiam a dualidade passivo x ativo construída entorno da relação e identidade de gênero heteronormativa. Para Madero:

Durante mucho tiempo, la retórica política trató de explicar la disidencia o las prácticas no normativas, como productos de la penetración cultural e ideológica. La penetración es una imagen sexual que sirvió para representar como pasivos a todos aquellos que no se ajustaran al régimen revolucionario (ibid, p. 120).

Nesse sentido, os enfermos seriam representados como “passivos”, suscetíveis à penetração cultural estadunidense, não produtivos ou distantes do “trabalho útil” necessário à construção da pátria revolucionária.

O discurso de combate ao “parasitismo” em Cuba se difundiu por meio de jornais, revistas e periódicos populares de editoras estatais e órgãos revolucionários. Em 7 de junho de 1965 a revista Mella, então dirigida pela *Asociación de Jóvenes Rebeldes*, publicou a seguinte charge (figura 1) sobre como lidar com os “parasitas sociais”:

Figura 1:



Figura 1: Charge publicada na revista Mella em 7 de junho de 1965, p. 20 (apud. MADERO, 2022, p. 152 e ARÚS, 2015, p. 248).

Figura 2



Figura 2: Caricatura “anti-intelectual” e “homofóbica”, nos termos de Madero, de O. Tejedor publicada em *Palante*¹⁰⁶ em 33 de março de 1963 (Apud. MADERO, 2015, p. 139).

As figuras 1 e 2 demonstram exemplos de como o discurso médico de combate às supostas enfermidades sociais contrarrevolucionárias circulou, baseadas na utilização do humor como dispositivo de apelo e controle social, conforme analisa Madero (2022). Nesse sentido, a noção de “saúde sociopolítica” se estabeleceu como discurso e metodologia na diferenciação do povo saudável e trabalhador, dos “*gusanos y lacras sociales*” resultado do capitalismo (MADERO, 2022, p. 61). No caso da figura 2, há a caricatura um operário olhando maliciosamente para a representação daqueles que foram chamados de “enfermitos” pelos meios oficiais de comunicação. Em ambos os casos estão veiculadas a noção de enfermidades herdadas da antiga sociedade, que se manifestavam como inimigas de classe e da Revolução, combatidas por representantes da classe trabalhadora cubana (Ibid.).

Madero explica que a designação de “enfermitos” foi atribuída a jovens “ocidentalizados”, com atitudes “elvispreslianas”, avessos ao trabalho braçal, enquanto identidade antagônica ao “homem novo” comunista (2022, p. 89-91). Nesse sentido, o autor aponta uma passagem contínua entre a noção de enfermidade social e diversionismo ideológico, como desvio do rumo socialista que deveria ser curado (ibid. p. 91-93).

Embora a incitação ao combate do considerado parasitismo social em Cuba fosse fundamentada no jargão médico, era no nível estético e cotidiano, do mundo público, segundo Arús (2015, p. 246-248), que se estabeleciam os critérios de identificação da enfermidade, como “o outro” do corpo são do trabalhador. De acordo com a autora:

Fue en el espacio público, y en particular en torno a los automóviles y la moda, donde el nuevo poder político cubano aplicó, con mayor sistematicidad y fuerza, interpretaciones denotativas de la cultura material que confirieron a los objetos significados vinculados de manera directa con actitudes revolucionarias o contra-revolucionarias, aunque sin alcanzar el carácter sistémico con que este tipo de lógicas se generalizó en la Rusia de la Revolución Cultural. (ARÚS, 2015, p. 246)

¹⁰⁶ Palante é um semanário humorístico cubano que está até hoje em circulação no país. Segundo Madero, Palante estava orientado “*al entretenimiento masivo y buscaba llenar con contenido político hasta los momentos de ocio de la población. Mediante la simplificación de los mensajes y la creación de una voz ideológica que se complementara con la retórica oficial, Palante se convirtió no solo en un instrumento para entretener y hacer crítica social controlado por el Estado, sino también en un arma política*” (2022, p. 139)

Nesse sentido, a autora ressalta que depois da proclamação do caráter socialista da Revolução, apareceram determinadas interpretações denotativas da cultura material nos discursos políticos, as quais, diferentemente dos países do leste europeu “*no se vincularon al modernismo formal ni a los movimientos de vanguardia cultural*”, e nem por isso deixaram de ser axiomáticas (ARÚS, 2015, p. 245). Outra característica do “peso normativo da lógica denotativa” própria ao contexto cubano, segundo Arús, foi que este não recaiu, num primeiro momento, tanto sobre o espaço doméstico como na União Soviética e demais países socialistas¹⁰⁷, mas sim sobre os vestuários e a moda identificados com valores e conforto burguês¹⁰⁸. Dessa maneira, Arús aponta que as diferenças estéticas passaram a ser consideradas discrepâncias políticas, com consequências graves aos acusados (Ibid).

Entretanto, após analisar a figura 1¹⁰⁹, presente em seu artigo, Arús afirma que não era tanto o vestuário do “burguês respeitável” – terno e gravata para os homens e vestido longo para mulheres – o alvo da “lógica denotativa” revolucionária, embora tenham sido descredibilizados como fator de hierarquização social, mas sim, os modos de vestir “*asociados con la vagancia y el ocio, la actitud diletante, el intelectualismo, la cultura extranjera primermundista, o la homosexualidad*”, sendo todos estes considerados “*indicadores de patologías conducentes a la contrarrevolución y el crimen*” que caracterizavam os chamados “enfermitos” (ibid, p. 247)

Fue, en cambio, en torno a estilos e influencias más contemporáneos, y con una marcada referencia a la masculinidad, o a su ausencia, que interpretaciones denotativas de la cultura material similares a las del régimen bolchevique se manifestaron en la moda durante los primeros quince años de socialismo en Cuba. Las melenas, sandalias masculinas, pantalones estrechos y de un largo no convencional, la ropa llamativa o excéntrica, o la de aspecto

¹⁰⁷ Arús afirma que graças ao controle estatal e lógica denotativa estarem voltados para o espaço público “*las casas de la antigua clase media y media alta que partió al exilio, repositadas por la nueva clase profesional, militar, administrativa y política, pudieron sin mayor inconveniencia ser entregadas a los nuevos inquilinos con todo el avituallamiento de sus antiguos dueños, sin que sus muebles y decoración fueran considerados “contaminantes” en términos de la moral política como sí preconizó la intelectualidad Bolchevique.*” (2015, p. 246).

¹⁰⁸ Segundo Arús, “*Todo parece indicar que fue la moda, esfera de gran impacto en el espacio público y en las dinámicas de formación y consolidación de la identidad individual y social, el área de la cultura material en donde el peso normativo de las lógicas denotativas cayó con mayor fuerza y regularidad, relacionando ciertas formas y estilos de vestir con valores políticos específicos, sobre todo durante los primeros quince años del socialismo cubano*”. A moral revolucionária, de acordo com a autora, “*prescinde de todo aquello considerado no esencial y, por lo tanto, ve con ojeriza la moda y el confort burgués*” (2015, p. 246).

¹⁰⁹ Sobre a figura 1, a autora descreve os tipos sociais com base nas roupas dos revolucionários representados: “*Se observan en la figura representantes de diversas clases, profesiones y razas. El “burgués con gafas” perseguido por los constructivistas soviéticos (Fitzpatrick, 1974) combate junto al campesino, el militar y el burócrata en guayabera, entre otros, la contrarrevolución.*” (ARÚS, 2015, p. 246).

“intelectualista,” o marcadamente sexual como la minifalda, se convirtieron en indicadores que permitían identificar “al otro,” al sujeto débil y políticamente marginal y, por tanto, contrarrevolucionario (ARÚS, 2015, p. 248).

O tipo de vestimenta era um critério preponderante na identificação dos chamados “enfermitos”, justificando a repressão sobre eles em termos de “sanidade moral” (Ibid.). Contudo, a “referência à masculinidade” mencionada pela autora, indica que a identificação dos enfermos sociais se constituía para além das vestes, conforme apontamos anteriormente, envolvendo determinadas atitudes, hábitos e gestual que deveriam estar de acordo com o gênero, ou ainda, com o ideal de masculinidade exigida. Nesse aspecto, Madero descreve que os gestos considerados efeminados¹¹⁰ eram vigiados não só em jovens e adultos, como também em crianças, sendo percebidos pelas instituições pedagógicas de psicologia e de psiquiatria¹¹¹ da época *“como un síntoma de debilidad y falta de carácter, como una proclividad hacia la homosexualidad, y fue interpretado como un problema, un ruido para el proyecto revolucionario”* (2022, p. 70). Segundo o autor:

Durante los años sesenta se recomendaba a los padres que, en caso de que observaran una cierta ‘anormalidad’, debían dirigirse a los médicos, ya fueran especialistas en endocrinología o psiquiatría infantil para que el menor comprendiera ‘su desviación desde un ángulo científico’. (...) Por eso se estableció todo un campo de estudios y se crearon grupos de trabajo para intervenir en esos cuerpos ‘extraños’ y ‘sospechosos’ (ibid)

¹¹⁰ Em Cuba, os jovens e crianças que apresentavam tais gestos eram chamados de “afeminados” ou “amaneirados”, segundo Madero (2022, p. 72).

¹¹¹ Segundo Madero, em maio de 1963 ocorreu em Havana a *Primera Conferencia de Instituciones Psiquiátricas*, reunindo profissionais de diversas áreas médicas, psicólogos, trabalhadores sociais e funcionários de instituições de educação, onde foram realizados debates que apontam para as “negociações” entre as “disciplinas científicas” e as instituições estatais. O autor cita um exemplo dos conteúdos debatidos que denota o nível de desenvolvimento da psiquiatria em Cuba nos primeiros anos do governo revolucionário: *“En una ponencia titulada «Estado actual y perspectivas de la labor de la higiene mental», el doctor Diego González Martín serefirió a la atención que la Revolución le prestaba a la psiquiatría, y aseguró que Cuba poseía en ese momento una cama psiquiátrica por cada mil habitantes, alrededor de 6 157. Estas cifras superaban a las de todos los países del área con excepción de Estados Unidos y Canadá. Además, el doctor elogió al Ministerio del Interior (MININT) por sus labores de «prevención de la delincuencia y predelinquencia, el tratamiento de los elementos antisociales y la reducción de las lacras dejadas por la sociedad capitalista, ejerciendo la reeducación de las prostitutas y proxenetas de los sectores desclasados y del lumpen». Es la sociedad misma, advertía González Martín, la encargada de corregir las lacras y reminiscencias dejadas por el capitalismo, liquidar a los enemigos de clase y reeducar a los inadaptados»* (2022, p. 62-63)

Em vista disso, Madero (2022, p. 70-71) afirma que a narrativa construída entorno do “*niño afeminado*» assim como da “*niña marimacha*» (menina com características masculinas), era associado à formação da delinquência juvenil, que culpava os pais e a família pela “*enfermidade*” adquirida. A ausência do pai, seguida da superproteção e histeria da mãe seriam fatores fundamentais a serem observados nesses casos, sobretudo do menino efeminado, segundo o discurso psicológico que permeava as instituições (Ibid). Nessa perspectiva, a criança era vista como parte de uma dinâmica familiar educativa falida, que justificava a “*intervención del Estado y la necesidad de su estudio, su rehabilitación y la corrección de sus gestos*” (Ibid). O controle sobre a sexualidade começava na escola, segundo Madero, sendo constituídas uma série de unidades educativas especiais – em especial as chamadas “*Escuelas de Conducta*” – para onde eram direcionadas as crianças, em especial os meninos, que apresentavam comportamento socialmente reprovado pelo governo revolucionário¹¹².

Por outro lado, sem estar desconectado da política anterior, no plano dos jovens e adultos desenvolveu-se a noção de “*extravagância*” para identificar o consumo, vestes e gestos em desacordo com os hábitos de consumo e atitudes socialistas, que estavam sendo estabelecidos enquanto racionamento e uniformidade, segundo uma concepção de cidadania baseada no trabalho e não no consumo (MADERO, 2022, p. 139). Segundo Madero, o termo “*extravagância*” tinha uma dupla função para a oficialidade: descrever sujeitos que tinham hábitos de consumo impróprios para o socialismo e, ao mesmo tempo, associá-los a “*prácticas sexuales no normativas, con la peligrosidad social y la haraganeria*”¹¹³ (ibid. p. 139-140). Assim, a extravagância também era considerada uma prática “*patológica*”, relacionada não só a enfermidade remanescente ao capitalismo, como também à noção de “*vício*”, que girava entorno da vida boémia de bares, casas de shows e da sexualidade. Nesse aspecto, Madero afirma que a “*retórica estatal*” nas décadas de 1960 e 1970, associava a homossexualidade à ostentação, exibicionismo e ao escândalo público, que deveriam ser contidos devido ao “*temor*

¹¹² Madero afirma que a utilização do trabalho como ferramenta pedagógica, criminal e econômica começou em Cuba em 1959, com a criação do *Departamento de Diagnóstico y Clasificación* associado ao *Instituto de Reeducación de Menores* e ao *Consejo Superior de Defensa Social*. Segundo o autor: “*Desde esa institución se pensó que el modelo de presidio y de reformatorios había fracasado en Cuba, de ahí que era necesario la creación de Colonias Penitenciarias de Rehabilitación para satisfacer las demandas económicas y morales de la nueva sociedad. La Ley N° 546 del 15 de septiembre de 1959, por ejemplo, disponía la creación de colonias agrícolas, talleres o casas de trabajo para aquellos ‘menores de doce a diez y seis años que habitualmente frecuenten los lugares públicos de reputación dudosa, o mantengan relaciones frecuentes con meretrices y tahúres y demás sujetos en estado peligroso de carácter análogo, o se dediquen a ocupaciones inmorales o impropias de su edad o sexo’.* En septiembre de 1959, también se promulgó la Ley N.º 548, que establecía la creación de Casas de Observación para reprimir la delincuencia juvenil, destinadas a la custodia provisional de menores de dieciocho años que hubieran cometido alguna fechoría por primera vez. Se trataba de proteger, educar y asistir a los menores” (2022, p. 256).

¹¹³ *Haraganeria* significa, em tradução livre, preguiça, falta de disposição para o trabalho.

ao contágio” (2022, p. 124) e risco de corromper o tecido moral da Revolução, nos termos de Arús. (2015, p. 249). Segundo Madero:

El exhibicionismo (...) era considerado una desviación sexual, junto a la homosexualidad y el travestismo, en la clasificación internacional de enfermedades psiquiátricas. Dentro de este enfoque, la homosexualidad era calificada como ‘un trastorno de la necesidad de reproducción’, mientras que el homosexualismo, ligado a una noción pública de la identidad homoerótica, era representado como una ‘alteración de la personalidad’, por lo que debía ser tratado como una psicopatía. (MADERO, 2022, p. 125)

Tal concepção respaldou a Lei N° 1249 do Código Penal cubano de 1973, “*que contemplaba la homosexualidad como un delito contra el normal desarrollo de las relaciones sexuales y contra la familia, la infancia y la juventud*”¹¹⁴(MADERO 2022, p. 125). O artigo 488 do Título XI da referida lei, estabelecia a sanção de privação de liberdade de três meses a um ano e multa, àqueles que se dedicassem a prática de atos homossexuais, ou fizesse pública a ostentação desta conduta, ou ainda que importunasse a terceiros com “grave escândalo” (ibid). Segundo o autor, a pretensão estatal era de que a identidade homoerótica ficasse circunscrita ao espaço privado (ibid, p. 126), sendo frequentes operações policiais em pontos de reunião de jovens. Nesse sentido, as cidades eram vistas como “*ambientes de corrupción y libertinaje*” em contraposição ao campo, que era representado como “*un espacio saludable y productivo*” que não gerava a homossexualidade¹¹⁵ (Ibid.p. 80).

¹¹⁴ Segundo Madero: “*Algunos aseguran que el proyecto de la ley se sometió a una consulta popular en la que partici- paron alrededor de dos millones de personas, y que fue aprobado por abrumadora mayoría*” (2022, p. 125)

¹¹⁵ Tal concepção pode ser observada em um trecho do discurso de Fidel de 13 de março de 1963: “*Muchos de esos pepillos vagos, hijos de burgueses, andan por ahí con unos pantaloncitos demasiado estrechos (Risas), algunos de ellos con una guitarrita en actitudes elvispreslianas, y que han llevado su libertinaje a extremos de querer ir a algunos sitios de concurrencia pública a organizar sus shows feminoides por la libre. Que no confundan la serenidad de la Revolución y la ecuanimidad de la Revolución con debilidades de la Revolución. Porque nuestra sociedad no puede darles cabida a esas degeneraciones. (Aplausos.) La sociedad socialista no puede permitir ese tipo de degeneraciones. ¿Jovencitos aspirantes a eso? ¡No! Árbol que creció torcido.... Ya el remedio no es tan fácil. No voy a decir que vayamos a aplicar medidas drásticas contra esos árboles torcidos, pero jovencitos aspirantes, ¡no! Hay unas cuantas teo- rías, yo no soy científico, no soy un técnico en esa materia (Risas.), pero sí observé siempre una cosa: que el campo no daba ese subproducto. Siempre observé eso, y siempre lo tengo muy presente. Estoy seguro de que independientemente de cualquier teoría y de las investigaciones de la medicina, entiendo que hay mucho de ambiente, mucho de ambiente y de reblandecimiento en ese problema. Pero todos son parientes: el lumpencito, el vago, el elvispresliano, el «pitusa». (Risas.)” Fidel Castro Ruz: «Discurso en la clausura del cuarto aniversario del Asalto al Palacio Presidencial, en la escalinata de la Universidad de La Habana, 13 de marzo de 1963». Departamento de Versiones Taquigráficas del Gobierno Revolucionario, <<http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/1963/esp/f130363e.html>, (apud. Madero, 2022, p. 79)*

Para Madero, as discussões sobre sexualidade que se instauraram nas duas primeiras décadas do governo revolucionário, canalizaram outros debates sobre política e ideologia, que se tornou a base da construção do “homem novo” como ideal normativo (2022, p. 73). Desse modo, o corpo e a subjetividade de jovens e crianças converteram-se em preocupação do Estado e das instituições de maneira nunca vista em Cuba. Madero analisa, assim, as formas pelas quais a noção de homem novo, fundamental à imaginação e teorização do socialismo cubano, “*formó parte de un proceso de masculinización nacional en el que se insertaron los campos de trabajo forzado y otras políticas diseñadas para corregir cuerpos ‘incorrectos’ y conductas ‘impropias’*”¹¹⁶ (ibid. p. 22). Em vista disso, o autor consegue estabelecer a relação não só entre o processo de masculinização e o trabalho, como também aponta para o caráter forçado que o trabalho assumiu nas primeiras décadas da Revolução. Essa relação é mediada pelo desenvolvimento da ciência médica e psiquiátrica e pelo discurso político ideológico do socialismo, enquanto construção de uma “nova” forma, para qual era exigida a construção de um “novo” homem. Madero compreendia esse processo como fundação de uma “ortopedia política” que visava garantir um controle mais eficiente sobre os inimigos, sendo a Revolução uma “*maquinaria biopolítica de corrección y normalización*” (2022, p. 31). Sua crítica se volta, nesse sentido, ao poder e autoritarismo do Estado como regime disciplinar de docilização de corpos para o trabalho, na esteira teórica de Foucault.

Para a crítica categorial do capital que aqui propomos, com base na investigação da particularidade da modernização revolucionária cubana, precisamos ressaltar que a forma social capitalista não envolve somente a perspectiva da propriedade, do trabalho e do dinheiro como momentos intrínsecos à produção de valor, mas também outros momentos da reprodução social obscurecidos enquanto contradição em processo que conformam a totalidade como patriarcado produtor de mercadorias. Nesse sentido, Scholz (2008) procura estabelecer a conexão entre a “contradição em processo” – movida pela dinâmica da dissociação valor, como contexto basilar fragmentário e contraditório no âmbito da totalidade concreta – à crise do capitalismo e ao colapso da modernização.

A crítica à forma valor como relação social que permite que coisas diferentes, enquanto forma mercadoria, sejam produzidas e trocadas por um fundamento comum (trabalho abstrato submetido ao tempo social médio necessário), bem como o fetichismo

¹¹⁶ “Conducta impropia” é também o nome do documentário de 1983, dirigido por Nestor Almendros, que traz diversos relatos de pessoas que passaram pela experiência de internação compulsória e trabalho forçado nas UMAPs. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=4KoqvBuk9mc&t=9s>. Acessado em 18 de setembro de 2023.

inerente ao dinheiro que precifica essa forma, combina-se à crítica a dissociação enquanto momentos obscurecidos da sociabilidade capitalista – que não é trabalho, que não produz valor –, mas são constitutivos à forma moderna capitalista como patriarcado e, portanto, são necessários à sua reprodução. Nesse sentido, a dissociação de gêneros se constitui como a dissociação fundamental, baseada na institucionalização do trabalho como esfera pública e a família (como instituição dominante) no âmbito da esfera privada. Porém, admitimos que a dinâmica da dissociação valor, como forma social fundamental moderna (Scholz, 2004), tende a produzir novas disparidades sociais para além da relação entre os gêneros, sendo o racismo, a homofobia, o antissemitismo e outros modos de discriminação, formas e resultados da produção social dos “outros”, aparentemente desvinculados do universalismo androcêntrico assente na forma valor. Assim o “outro” do valor, é frequentemente tratado como plano secundário da sociabilidade capitalista, sendo então “desvalorizados”, ou ainda “feminilizados”, na medida em que,

[...] esta forma necessita por seu lado de excluir e considerar como menos valioso o que está conotado com o feminino, nomeadamente o "trabalho" doméstico, a sensualidade, a emocionalidade, o não analítico, o não inequívoco, o que não possa ser claramente compreendido e localizado com os meios da ciência. (Scholz, 2004, sem paginação)

Enquanto universalismo androcêntrico assente na forma valor, Scholz (2004, 2008) e Kurz (2007, 2014) apontam para os sentidos sociais que a dissociação valor assume como forma social, uma vez que esta “contém na sua abstração aparentemente homogênea da 'individualidade em geral' uma particularidade historicamente bem relativa, nomeadamente a do sujeito masculino branco ocidental (MBO)¹¹⁷” (KURZ, 2005).

Podemos pensar que, no caso de Cuba, a contradição da dissociação valor enquanto processo de identificação de características imputadas historicamente às mulheres, como atributo do feminino – do âmbito do não trabalho, da extravagância, do consumo, ou ainda, da posição “passiva” na relação de gênero e sexo – passou a ser atribuída a homens “enfermos”, como a forma particular da produção de “outros” da modernização socialista cubana. A questão da feminilização dessa camada social estava diretamente relacionada à não pré-disposição ao

¹¹⁷ Sobre o assunto, segundo Kurz (2007): “Constitutivos do capitalismo são não apenas as formas político-econômicas com aparência sexualmente neutra do moderno sistema produtor de mercadorias, mas também, num sentido mais amplo, a relação de dissociação-valor como *Sexo do Capitalismo* (Scholz 2000), ou patriarcado produtor de mercadorias”.

trabalho, identificada pela oficialidade segundo critério estético e discurso ideológico que configurava o machismo de estado enquanto política pública. Nesse sentido, a violência intrínseca a esse processo, como tratamento da contradição¹¹⁸ movido pelo Estado cubano, é justificada com discurso médico de cura da nação, ou ainda, da construção de uma nova nação, mobilizando, dessa maneira, o machismo social como forma crítica de manutenção do patriarcado produtor de mercadorias sob o regime socialista.

As características femininas atribuída aos homens configurava a noção de “degeneração”, isto é, de homens “degenerados” que não cumpriam seu papel de gênero, segundo uma ordem heteronormativa do “novo” masculino, que deveria ser construída e reafirmada enquanto disposição para o trabalho braçal, forma característica da mão de obra exigida na produção açucareira e agrícola da modernização periférica cubana. No plano da reprodução social e da política de “controle de corpos”, a homossexualidade vista como “transtorno de reprodução”, conforme abordamos anteriormente, se combinava à pressão religiosa que subsistia à Revolução, e que, ao mesmo tempo, constituía a Revolução como nova religião de Estado e *ethos* do trabalho¹¹⁹ (KURZ, 1993, p. 23). Nesse aspecto, a preocupação com a escassez de mão de obra nos canaviais e na agricultura, apontada por Vasconcelos (2017) rondava não só a necessidade de mobilização urgente de mão de obra, como a crítica moral entorno da homossexualidade, que supostamente comprometia o ideal reprodutivo da sociedade, destruindo “a família” como instituição baseada na geração de filhos¹²⁰.

Em relação à questão da racialização e do racismo como momento co-constitutivo do movimento categorial do capital e a sua forma de expressão em Cuba, Gott afirma que, mesmo enfrentando resistência de muitos rebeldes e apoiadores brancos da Revolução, que se demonstravam contrários à suspensão da proibição da circulação de negros em determinados ambientes, Fidel Castro encampou uma campanha ampla contra a discriminação racial, proclamada em discurso em 22 de março de 1959 (GOTT, 2006, p. 200). Entretanto, o próprio autor reconhece que a Revolução proibiu a organização da população entorno da identidade negra, em qualquer instância: “Leal à tradição branca cubana, a Revolução não queria que os negros cubanos se organizassem como negros” (ibid, p. 202).

¹¹⁸ Kurz, 2007, sem paginação.

¹¹⁹ Segundo Kurz, “O socialismo do movimento operário nunca esteve muito distante desta criação fetichista da motivação do antigo protestantismo. Enquanto este colocou o trabalho abstrato a serviço da religião, aquele transformou o trabalho abstrato numa religião, da riqueza nacional endeusada, transcendendo os fins vinculados às necessidades humanas” (1993, p. 23).

¹²⁰ Essa crítica vai aparecer claramente décadas depois, partindo justamente da camada civil religiosa cubana, em 2018-2019, no debate entorno da aprovação da nova Constituição Cubana, conforme abordaremos no capítulo 4.

Madero, por sua vez, aponta que não só a Revolução proibiu as organizações negras, como dissolveu as existentes: “*Los clubes y asociaciones afrocubanas fueron disueltos y los debates en torno a la raza se silenciaron por decreto*” (2022, p. 49-50). Dessa maneira, o autor afirma que teoricamente o racismo havia sido eliminado no país, com a construção do ideal de “homem novo” pautado numa ideologia supostamente “sem cor” (ibid.). Nesse aspecto, Madero descreve o mecanismo de “discriminação positiva” que se instalou em relação à população negra cubana:

[...] el proyecto de creación del hombre nuevo se convirtió en una empresa acromática, sin color, que terminó por esconder bajo la alfombra grandes y complejas tensiones raciales. La categoría de raza, asociada sobre todo al color de la piel, constituía, de alguna manera, un ruido para el proyecto de homogenización social y un elemento disruptivo para fundir y templar el hombre nuevo en la gran fragua de la Revolución. La problemática racial terminó por diluirse dentro de una política de integración que estuvo orientada, entre otras cosas, a que los negros ocuparan puestos y cargos institucionales. A este tipo de intervenciones se le conoce como discriminación positivas. Sin embargo, al final los negros quedaron atrapados dentro de una retórica clientelar que los presentaba como deudores vitalicios de un gobierno que, supuestamente, había acabado con la discriminación racial. (MADERO, 2022, p. 49-50)

Em vista disso, a postura vigilante assumida pelo Estado revolucionário se redobrava em relação aos negros, que passaram a ocupar cargos institucionais de evidência social.

A construção da noção de “homem novo” esteve primeiro presente, de formas particulares, na União Soviética e na China, conforme abordou Madero (2022, p. 31-33), sendo importada e adquirindo novos sentidos em Cuba. A versão cubana do homem novo ressaltava o sujeito saudável e com alegria de viver (ibid. p. 33). Segundo Madero,

[...] la alegría fue entendida como un bien en sí mismo y llegó a constituirse en un valor normativo y obligatorio, porque la felicidad representaba un símbolo de salud y de bienestar en el socialismo. La Revolución cubana manejó el campo de los afectos y de las emociones como un espacio disciplinario. El entusiasmo y la felicidad, por ejemplo, se constituyeron en signos de lealtad que contrastaban con la tristeza y la apatía, síntomas de

debilidad y de descontento con el proceso revolucionario. El socialismo quiso construir un individuo tal y como lo diseñó Ernesto Guevara ‘que estuviera guiado por grandes sentimientos de amor’, alejado de los ugly feelings del capitalismo: envidia, avaricia, odio, entre otros (2022, p. 33-34).

A alegria assumiu, assim, caráter distintivo do “Homem Novo” cubano. No entanto, Madero aponta que a versão cubana se valeu da metáfora soviética da forja (*fragua*), advinda da indústria de aço e ferro para recriar a imagem da masculinidade revolucionária forjada, ou ainda “temperada”, pela Revolução (ibid, p. 34). Nesse sentido, o homem novo deveria ser “*forjado sobre el sacrificio*”, com caráter firme, modelado pela Revolução e, ao mesmo tempo, fundido à massa coletiva, ideal expresso no discurso de Raúl Castro em abril de 1965, recuperado por Madero:

El 17 de abril de 1965, en un discurso en la base aérea de San Antonio de los Baños, el Ministro de las Fuerzas Armadas Revolucionarias Raúl Castro Ruz afirmó que los objetivos de la Revolución solo se podían alcanzar con una juventud con un carácter templados¹²¹, con un ‘carácter firme’, ‘alejada de las «blandenguerías’, que no se inspirara ‘en los bailadores de twist ni de rock and roll, ni tampoco en las manifestaciones de alguna pseudointelectualidad’. En resumen, una juventud que se alejara ‘de todo lo que debilita el carácter de los hombres’. Dentro de esta lógica, el concepto de hombre nuevo funcionó como un molde, y quienes no se ajustaran a la horma eran considerados escorias o desechos de la fragua, es decir, contrarrevolucionarios y ‘blandengues’. (2022, p. 35).

O termo “*blandengue*”¹²² aparecia frequentemente nos discursos oficiais para caracterizar a postura dos intelectuais, a partir da ideia de que o marxismo deveria ser tratado de forma prática, uma vez que o intelectualismo passou a ser considerado fator que distanciava o sentido da Revolução das massas, criando “sentidos de elite” (ibid. p. 36). Ademais, a ideia de trabalho socialmente útil, também provinda do marxismo tradicional da luta de classes, foi

¹²¹ Segundo Madero, o verbo “templar” (temperar, ajustar, formatar, em tradução livre), carrega também conotação sexual, em Cuba. Aparte disso, afirma que o processo de “temperagem” dos metais se converteu em metáforas utilizadas para denotar a modificação do caráter e da personalidade dos sujeitos (2022, p. 35)

¹²² *Blandegue*, em tradução livre, significa molenga, débil, desinteressado, frouxo... Características que, mais uma vez, eram consideradas avessas à masculinidade, atribuídas a determinados homens como processo de degeneração, que os aproximava do feminino contraposto.

utilizada para justificar o rechaço em relação aos intelectuais. Nesse aspecto, Madero descreve a estigmatização do trabalho e do trabalhador intelectual que não se mostrasse diretamente conectado aos interesses e à estética da Revolução, incentivada sobretudo pela UJC (Unión de Jóvenes Comunistas) (ibid. p. 35). A discriminação à figura do intelectual passava, dessa forma, pelo cerceamento da construção de outros discursos, inclusive estéticos, que criticassem ou não coadunassem com os ideais necessários à modernização socialista periférica. Esse processo discriminatório fundamentou o envio de artistas e intelectuais cubanos às UMAPs e a outros campos de trabalho forçado em Cuba, nas décadas de 1960 e 1970, conforme abordaremos no próximo item.

Assim, a noção de “homem novo” em Cuba se assentava no *ethos* do trabalho, enquanto “idolatria fetichista do maior e mais intenso dispêndio possível de força de trabalho, além das necessidades concretas subjetivamente perceptíveis” (KURZ, 1993, p. 22), que deveria ser dedicado à construção da nação socialista e na defesa da Revolução. O pensamento de Guevara, conforme descreve Madero, afirmava o trabalho como dever social, fundamentado na apreciação do marxismo tradicional calcado na ontologia do trabalho, para o qual “*el hombre realmente alcanza su plena condición humana cuando produce sin la compulsión de la necesidad física de venderse como mercancía*” (2022, p. 44). Tal concepção serviu de base para a construção de uma teoria e de práticas político militares que legitimaram socialmente o trabalho forçado, enquanto trabalho voluntário e de reabilitação político pedagógica (ibid.). Segundo Madero:

El Estado terminó apropiándose de la fuerza de trabajo de millones de personas, y el sistema voluntario, además de ineficiente, se convirtió en un régimen compulsivo y disciplinario (2022, p. 44).

Em vista disso, Madero ressalta que, embora a noção de “homem novo” constituísse uma “*unidad ideológica que involucraba a ambos sexos*”, quase não havia referências às mulheres nesse quesito, nem projetos destinados à construção da “nova mulher” em Cuba (ibid). Citando a socióloga Marisela Fleites¹²³, o autor indica que o ideal feminino e de mulher, implícito às instituições e discursos em Cuba, estava realmente dissociado da noção de “homem novo”, uma vez que “*el modelo de mujer que se proponía dentro de las instancias de poder estaba orientado a formar y a educar al hombre nuevo, no a encarnar el modelo*” (ibid).

¹²³ Para Fleites, segundo Madero, o homem novo foi “*un ideal de ser humano basado en la experiencia masculina de los que se asumieron como líderes de la Revolución*”. (MADERO, 2022, p. 44)

Dessa maneira, o papel e a concepção da mulher na sociedade cubana foram legados ao momento de formação e reprodução social – enquanto cuidado, educação, sustento –, sendo obscurecidos em relação a idealização representada pela figura do “homem novo”, que deveria, por sua vez, ser determinada ao trabalho, à produção de valor e a “valorização” da Revolução. É preciso dizer que o fato de o governo revolucionário ter construído infraestruturas e mecanismo sociais – círculos infantis, escolas, centros culturais, asilos etc. – liberando as mulheres para o trabalho, isso não as livrou da carga da reprodução social, enquanto extenuante rotina de “dupla socialização¹²⁴”, a que estavam submetidas como mães e trabalhadoras. A dissociação de gênero está posta, portanto, inclusive nas relações de trabalho, já que a força de trabalho feminina é a mais empregada historicamente nos setores econômicos e cargos necessários à reprodução social, mas que não geram valor, sendo assim totalmente controlados e dependentes do orçamento do Estado¹²⁵. Ao mesmo tempo, o Estado revolucionário cubano, na década de 1960, estava “lutando” para constituir-se oficialmente como único empregador e patrão de Cuba.

2.7 – As UMAPs e o trabalho forçado em Cuba

As UMAPs (*Unidades Militares de Ayuda a la Producción*), segundo Madero (2022, p. 19-20), foram um “híbrido” entre unidades militares e campos de trabalho forçado, que funcionaram oficialmente entre 1965 e 1968. O autor, a partir de dados de instituições estadunidenses¹²⁶ e relatos de pessoas enviadas às unidades, calcula que funcionaram cerca de 160 acampamentos deste tipo, espalhados pelo país, montados pelo exército cubano, cuja sede localizava-se na cidade de Camagüey, conhecida como unidade 1015 (Ibid). Os trabalhos realizados nas Unidades consistiam predominantemente no corte da cana, mas também na

¹²⁴ Segundo Scholz (1998) a “dupla socialização” envolve a dupla função vivida e historicamente imputada às mulheres, do trabalho remunerado somada às atividades domésticas, necessárias à sua própria reprodução social, como força de trabalho, e de sua família.

¹²⁵ Sobre o assunto, Madero escreve: “*Aunque algunos programas estaban encaminados a la liberación de las mujeres, estas terminaron por diluirse en el discurso masculinizador y paternalista*” (2022, p. 44).

¹²⁶ A principal referência sobre os números da UMAP foi obtida por Madero com base em análises de documentos da CIA (*Central Intelligence Agency*), sobretudo o emitido em 4 de abril de 1967 (MADERO, 2022, p. 19). Tal referência se deve a ausência de dados e informações oficiais de Cuba sobre os “planos especiais”, no qual as UMAPs estavam inseridas. Abordaremos a questão dos “planos especiais” mais adiante. Madero descreve que, subordinado ao comando central em Camagüey, encontravam-se “*seis agrupaciones distribuidas en varias ciudades de la provincia. Cada agrupación estaba conformada por ocho oficiales, quince guardias y un oficial adoctrinador, quien tenía bajo su mando cinco batallones. En el ejército cubano, a este cargo se le conoce como ‘político’, y lo ocupan representantes del Partido Comunista. Cada batallón constaba de cuatro compañías. Por lo general, una compañía contiene ciento veinte hombres. Al frente estaban dos oficiales, seis sargentos, un instructor político y seis cabos. Los guardias, se agregan, estaban armados con fusiles checos M-52*” (Ibid.).

colheita de outros gêneros agrícolas e limpeza de terrenos com a retirada de “marabús”¹²⁷. No auge de sua existência, entre 1966 e 1967, chegou a internar cerca de 30 mil homens que apresentavam “conduta imprópria”, entre homossexuais, “hippies”, religiosos – principalmente Adventistas do Sétimo Dia e Testemunhas de Jeová¹²⁸ – intelectuais e artistas¹²⁹ (MADERO, 2022, p. 178).

A instalação das UMAPs se deu sob a cobertura da Lei 1129 de 26 de novembro de 1963, que instituía o Serviço Militar Obrigatório (SMO) de três anos para os homens com idade entre dezesseis e quarenta e cinco anos (ibid, p. 20). Dessa maneira, o trabalho forçado assumiu caráter militar, nas palavras de Madeiro, enquanto regime disciplinar (ibid). A obrigatoriedade do serviço militar se estabelecia como um dever de todos os cidadãos em servir à Pátria e defender a Revolução cubana (ibid). Dessa maneira, o discurso militar do serviço obrigatório se combinava ao discurso do trabalho no campo, no combate à homossexualidade e ao “diversionismo ideológico”, considerados como enfermidades:

Jesús Dueñas Becerra fue otro de los especialistas que consideraba que los homosexuales eran “lacras” que “solo tratan de llegar a los adolescentes por el interés mezquino de satisfacer su aberración sexual”. A su entender, el Servicio Militar Obligatorio (SMO) era “un magnífico canal” para encauzar a la juventud. Incluso llegó a decir que algunos jóvenes “se han salvado de caer en la más completa degeneración social por un oportuno reclutamiento militar”¹³⁰ (MADERO, 2022, p. 162)

¹²⁷ Marabú (*Dichrostachys cinérea*) é um arbusto espinhoso de origem africana, que pode chegar a 10 metros de altura. Foi introduzido no Caribe no período colonial com o objetivo de produzir carvão vegetal. Embora seja utilizado até hoje para esse fim em Cuba, o Marabú é uma planta altamente invasora, que domina milhares de hectares de terras e a paisagem rural cubana até hoje, principalmente ao longo das rodovias. Para se ter uma ideia pontual sobre a presença do arbusto nos campos e o problema que isso representa para a agricultura cubana, Oliva (2015, p. 22) expõe dados de 2007: “En dicho año 2007 Cuba disponía de 6.620 miles ha de tierra apta para el cultivo o pastos. El 55% de ella – 3.631 miles ha – sin cultivar. El marabú cubría 1,139 miles ha. Cuatro años más tarde, se habían limpiado 100.000 ha en toda la nación de manera que aún quedaría más de 1 millón ha infestadas e inutilizadas”.

¹²⁸ Segundo Madero, as pessoas adeptas dessas religiões foram perseguidas e submetidas ao regime de trabalho forçado, principalmente por conta das limitações que a religião impunha ao dispêndio trabalho em dias que deveriam ser dedicados ao descanso e às atividades religiosas. Além disso, a doutrina de tais religiões ainda condenava o manejo de armas e a adoração à símbolos pátrios e figuras seculares, fato que configurava atitudes contrarrevolucionárias, segundo a oficialidade (2022, p. 382).

¹²⁹ Segundo Miskulin (2019, p. 542): “Nas Umaps, também eram presos todos os dissidentes, os hippies, os jovens que queriam sair do país, os religiosos (seminaristas católicos e ministros protestantes de igrejas do interior), os estudantes “depurados” das universidades, os intelectuais, os camponeses jovens que se recusavam a integrar-se às cooperativas e os proprietários de pequenos negócios urbanos”.

¹³⁰ Jesús Dueñas Becerra: “El homosexualismo y sus implicaciones científicas y sociales”, *Revista del Hospital Psiquiátrico de La Habana*, vol. XI, n.º 1, enero-abril, 1970, p. 61 (Apud. MADERO, 2022, p. 162)

Sob essa ideologia, milhares de homens foram recrutados para o cumprimento do serviço militar obrigatório, a partir de 1965, sem, no entanto, integrarem as unidades regulares do exército, sendo diretamente direcionados às UMAPs. Madero afirma ainda que as UMAPs proporcionavam o isolamento dessa população, que ficava à mercê dos castigos e humilhações promovidos pelos guardas, além de serem submetidas aos estudos médicos e psiquiátricos que ali se procediam, principalmente entorno dos homossexuais e da homossexualidade¹³¹ (ibid. p. 19/162).

Embora as UMAPs tenham funcionado num período relativamente curto de tempo, Madero explica que esse programa compunha um amplo complexo de políticas públicas de militarização e instituição do trabalho compulsório no país, que se instalou antes e continuou depois de seu encerramento (2022, p. 11). Nesse sentido, ao contrário do argumento de Arús (2015) – para a qual o controle social após a Revolução se concentrou principalmente nos espaços públicos – Madero aponta para a sistemática intervenção que o Estado cubano exerceu em todos os níveis da vida cotidiana, incluindo o controle da sexualidade e o desenvolvimento da pedagogia revolucionária, que resultou em um amplo programa de reabilitação em campos de trabalho, que se estendia para além dos homossexuais¹³² (ibid). Tal controle era exercido sobretudo por meio dos CDRs, cujos informantes trabalhavam junto ao *Departamento de Seguridad del Estado* e com as Forças Armadas Revolucionárias, no recrutamento de homens para o Serviço Militar Obrigatório (ibid. p. 199).

Em março de 1962, o governo revolucionário promulgou a Resolução 934, que outorgava poder ao Ministério do Interior para a criação de *Granjas Agropecuarias de Rehabilitación Penal*, com objetivo de que os reclusos adquirissem “*hábito de trabajo y capacitación suficiente para reintegrarse al medio social y contribuir al incremento de la producción agropecuaria del país*”¹³³ (MADERO, 2022, p. 255). Dessa maneira, o trabalho obrigatório se implementava oficialmente no país como “*instrumento pedagógico de reeducación*” e reabilitação, aplicados àqueles que cometessem delitos, mas não só, aplicados

¹³¹ Segundo Madero (2022, p. 173): “*Otros exconfinados de las UMAP, por su parte, aseguran que el equipo de psicólogos hizo varios experimentos y pruebas de tipo conductista y reflexológico, en los que se llegó a emplear el electroshock. Héctor Santiago, por ejemplo, certifica que los doctores utilizaron shocks con electrodos y comas inducidos con insulina. Muchos homosexuales en las UMAP, asegura, fueron sometidos a experimentos pavlovianos que consistían en la aplicación de corriente alterna «mientras nos mostraban fotos de hombres desnudos para que en el subconsciente los rechazáramos, volviendo- nos a la fuerza heterosexuales» Esta descripción concuerda con varios artículos que describían este procedimiento y que circularon en revistas especializadas cubanas de psicología y psiquiatría durante los años sessenta*”.

¹³² Segundo Madero (2022, p. 11): “*La sexualidad, la religión, el origen de clase, la moda, entre otros, se convirtieron en variables que el régimen cubano manejó en sus políticas de control*”.

¹³³ Madero (2022, p. 255) cita outro trecho da Resolução, que afirma: “*Es deber de todo ciudadano contribuir al desarrollo de la producción nacional al objeto de cumplir las metas para el abastecimiento del país*”.

também àqueles que supostamente necessitavam de “*algún tipo de correctivo y castigo por distanciarse del ideal revolucionario, de modelo del hombre nuevo*” (ibid).

Boa parte da população enviada às Granjas de reabilitação nos primeiros anos da década de 1960 foram julgadas por Tribunais Populares, projeto oficialmente implementado por Fidel Castro em 1963, enquanto *Plan Especial*¹³⁴, também chamado de *Plan Fidel* (MADERO, 2022, p. 254). Os Tribunais Populares foram criados em zonas rurais e montanhosas, com intuito de julgar aqueles que cometessem pequenos delitos. Foram criados no contexto de depuração de antigos juízes e magistrados, sendo implantados como substituído institucional, a partir de uma concepção de justiça revolucionária, promovida pelo povo¹³⁵ (Ibid). Madero aponta que foi nessa instância de poder jurídico que se desenvolveu a noção de “*estado peligroso*”, para caracterizar supostas condutas antissociais que justificavam a política de “reabilitação” mediante trabalho forçado. Nesse sentido, o indivíduo nem precisava ter de fato cometido algum delito para ser encaminhado à reabilitação, bastando apenas apresentar indícios que o identificassem como “perigoso” para a sociedade e para a Revolução.

Anos depois, em 1971, quando os Tribunais Populares já haviam sido dissolvidos devido ao controle total das instituições sociais nas mãos do Estado, a noção de “*estado peligroso*” se desdobrou na figura jurídica do “*estado predelictivo*”, que possibilitava a sansão militar e a reclusão em centros de reabilitação, antes mesmo da pessoa cometer um delito. O “*estado predelictivo*” fundamentou a Lei Nº 1231 de 1971, conhecida como lei contra a vagabundagem (*Ley contra la vagancia*) (MADERO, 2022, p. 411), que levou, só nesse ano, 100.000 homens ao trabalho, sobretudo em Granjas estatais e “centros de reabilitações”¹³⁶ (VASCONCELOS,

¹³⁴ Vasconcelos (2017) considera que os chamados “planos especiais” ocorreram apenas a partir de 1967, como parte da Ofensiva Revolucionária, e não como uma política sistemática de expropriações e coerção ao trabalho. Nesse sentido, a autora afirma que a primeira “onda” de coerções e expropriações do campesinato cubano ocorrida entre 1960 e 1962 se deu por conta de equívocos de agentes da revolução, que logo foram retificados pelo governo revolucionário. Esses “erros”, segundo a autora, voltaram a ser cometidos em 1967, como nova “onda” de expropriações forçadas atreladas aos “planos especiais”, definidos como “(...)unidades experimentais de aplicação do modelo tecnológico intensivo, que ocorriam em projetos-piloto em localidades específicas da ilha, com vistas à expansão futura. Na realidade, o termo “planos especiais” foi utilizado para todas as experiências de aplicação do modelo tecnológico intensivo comandadas diretamente por Fidel Castro, por fora da estrutura institucional do INRA” (VASCONCELOS, 2017, p. 230). Entretanto, tanto Oliva (2015, p. 21), quanto Madero (2022, p. 254) apresentam outras versões, afirmando que os planos especiais foram adotados desde o princípio da Revolução até a saída de Fidel Castro do comando do país, em 2006, cujas características principais de tais planos, que ocorreram em vários setores econômicos, era o caráter secreto de divulgação de dados e a dimensão faraônica que pretendiam assumir. Ademais, os autores apontam que a curto e médio prazo, todos os planos fracassaram economicamente.

¹³⁵ De acordo com Madero: “*Los Tribunales Populares se crearon para ir suplantando poco a poco las funciones del sistema judicial tradicional y crear mecanismos más confiables y alineados a las necesidades del gobierno revolucionario*” (2022, p. 254).

¹³⁶ Vasconcelos (2017, p. 322-323) reconhece o caráter forçado do trabalho em Cuba restrito aos “centros de reabilitação” e em “casos extremos”, e só com muitas ressalvas econômicas e educativas associa o trabalho voluntário imposto oficialmente durante 30 anos no país, a uma “dimensão coercitiva”. Segundo a autora: “A

2017, p. 322-323). A Lei Nº 1231 previa, através do Inciso 3 do Artigo 4, a internação em estabelecimento de reeducação para todos aqueles que estivessem desvinculados do Sistema Nacional de Ensino ou se encontrassem sem trabalho, sem apresentar justificativa (Ibid, p. 83).

No entanto, Madero aponta que a captura e internação de pessoas sem ocupação em centros de trabalhos já havia se iniciado em Cuba antes da promulgação da Lei Nº 1231. Citando o livro “*Cuba: Socialism and Development*” do engenheiro francês René Dumont, Madero afirma que, após o discurso proferido por Fidel Castro na Universidade de Havana, em 13 de março de 1963¹³⁷, a polícia começou a realizar operações para capturar os considerados “vadios”¹³⁸ (MADERO, 2022, p, 83). Em novembro de 1968, os ministros do Trabalho e do Interior – Jorge Risquet e Sergio del Valle – assinaram uma “*Instrucción Conjunta*” que possibilitava a criação de contingentes de desocupados para serem enviados às Granjas de reabilitação, por no mínimo seis meses. Depois disso os internos passariam por avaliação, que poderia direcioná-los para postos de trabalho “*socialmente útiles*” ou, aqueles que demonstrassem comportamento hostil e recalcitrante, seriam mantidos no acampamento (ibid).

É preciso ressaltar que a declaração do caráter socialista da Revolução impulsionou o processo nascente de “depurações” e “expurgos” ocorridos em universidades, unidades de ensino pré-universitário¹³⁹, centros de trabalho e outras instituições públicas, daqueles indivíduos considerados “contrarrevolucionários”, dentre eles homossexuais e aqueles que apresentavam desvios em relação ao ideal normativo de sociabilidade que se constituía¹⁴⁰ (MADERO, 2022, p. 148). Os estudantes e trabalhadores “purgados” deveriam apresentar-se

necessidade de criar instrumentos de disciplina no trabalho gerou, posteriormente à safra, em 1971, a lei contra a vadiagem, através da qual todos os homens aptos ao trabalho, entre 17 e 60 anos, que se ausentassem de seus postos, teriam que trabalhar sob a vigilância de outro trabalhador ou das organizações de massas, e em casos extremos, teria que trabalhar em “centros de reabilitação” durante no máximo um ano (Silverman, 1978, p. 180). Eram centros de trabalho forçado. Como definiu Alberto Mora, defensor dos incentivos materiais, a economia moral significou: “substituição da motivação do lucro pela do poder” (apud Silverman, 1978, p. 184). Por isso, a face gêmea do trabalho voluntário foi a militarização da safra e o trabalho compulsório das “reabilitações”.

¹³⁷ Ver nota 113.

¹³⁸ Madero (2022, p. 83) escreve: “*De acuerdo con Dumont, la cerveza era uno de los productos que más escaseaba en ese momento en el país. Aprovechando esa coyuntura, las autoridades la utilizaron como cebo o carnada. Una vez que comenzaba la venta de cerveza en algún establecimiento y la voz se corría, todos los que iban en busca del preciado líquido eran seguidos por un «coche de la policía, y los que no podían demostrar un empleo regular, se les enviaba a trabajar a las granjas». Dumont conoció a muchos de estos sujetos en una estancia de Las Villas, adonde fueron a parar alrededor de mil ochocientos «vagos». A los reincidentes, agregó, se les deportaba a cayos cercanos*”. René Dumont: *Socialism and development*, Grove Press, New York, 1970, p. 131

¹³⁹ As escolas pré-universitárias em Cuba são o equivalente ao ensino médio e técnico no Brasil.

¹⁴⁰ Segundo Madero (2022, p. 148): “*En un comunicado publicado en la revista Mella el 31 de mayo de ese año [1965], la Unión de Jóvenes Comunistas conminaba a los militantes de la enseñanza media a expulsar de las escuelas a sus compañeros con presuntos indicios de homosexualismo, para impedir su ingreso a las universidades. Las depuraciones iban contra aquellos que mostraran síntomas de ‘desviaciones’, de apatía por ‘las actividades revolucionarias’ o ‘algún tipo de blandenguería pequeño-burguesa’*”. Madero explica que o processo de depuração ocorria por meio de assembleias que passaram a ser realizadas em centros de educação e trabalho, sendo os indivíduos depurados expostos a acusações e humilhações públicas antes da expulsão (ibid).

ao Serviço Militar Obrigatório, para, depois de cumprido, poder ingressar ou concluir seus estudos superiores, ou regressar a novos postos de trabalho (ibid). Conforme aponta Madero, após passar pelo processo de depuração, esses indivíduos ficavam “*expuestos y susceptibles para ser intervenidos por el Estado*”, cujo destino era as UMAPs ou granjas de reabilitação. No entanto, conforme discutimos, as depurações das instituições públicas não era a única forma de envio de jovens a campos de trabalho forçado. Se estabeleceram constantes operações policiais em locais de concentração de jovens, artistas e venda de cerveja. Além disso, Madero afirma que os CDRs realizavam “*censos para identificar a los jóvenes que no trabajaban ni estudiaban*”, enviando os resultados para o Ministério do Interior e ao exército, que se encargavam da captura de tais indivíduos (ibis, p. 151).

Segundo Madero (2022, p. 153) e Miskulin (2019, p. 545), as depurações seguiram durante toda década de 1960. Todavia, na década de 1970, o processo que era apenas incentivado por organizações estudantis e civis alinhadas à Revolução, tornou-se oficialmente uma política de Estado, com a direção de Pavón Tamayo afrente do Conselho Nacional de Cultura. A Resolução Nº 3 emitida em 10 de julho de 1972 definia uma série de parâmetros “ideológicos e morais” que deveriam ser seguidos por escritores e artistas, sendo a institucionalização desse regulamento popularmente chamada de “*parametrización*”. Segundo Miskulin:

A “*parametrización de la cultura cubana*” significou o estabelecimento de parâmetros ideológicos e morais que deveriam direcionar a conduta dos intelectuais. O diretor do *Consejo Nacional de Cultura*, Luis Pavón Tamayo, passou a impulsionar uma “campanha de saneamento”, em que muitos intelectuais e artistas foram expulsos de seus postos de trabalho, acusados de terem “conduta imprópria”. A partir desse momento, os intelectuais teriam de demonstrar “combatividade revolucionária”, ou seja, participar como um militante das tarefas da Revolução (Barquet, 1998b, p. 71). (MISKULIN, 2019, p. 545)

O processo de “depuração” se intensificou na década de 1970, e os sujeitos “depurados” eram encaminhados para trabalhos fora dos setores artístico, literário e de educação: a grande parte das “tarefas da Revolução” consistia em trabalho agrícola nas granjas estatais. O período de cinco anos em que Pavón esteve como diretor do Conselho Nacional de Cultura é conhecido como “*pavonato*” ou “*quinquenio gris*” (MADERO, 2022, p. 153).

A engenharia social montada pelo Estado revolucionário no controle e disciplinamento de corpos e subjetividades para o trabalho, dessa maneira, transcende as UMAPs como instituição militar de produção, constituindo-se como política sistemática de repressão social, dinamizada pela contradição capitalista em processo, enquanto relações de dissociação-valor. As UMAPs foram oficialmente dissolvidas por meio da Lei Nº 058-68 (ibid. p. 403). Madero (2022, p. 403) e Miskulin (2019, p. 543) apontam as “pressões internacionais”, principalmente entorno da perseguição e reclusão de escritores e artistas, como motivo que levou ao fim das UMAPs. Madero ainda pontua o “mal-estar” interno gerado no país, sobretudo em relação ao Ministério do Interior e ao exército, como outro motivo relevante do fim das unidades (ibid. p. 404).

Ao mesmo tempo que o trabalho forçado em Cuba estava atrelado a uma dimensão militar, jurídica, médica e pedagógica da sociedade, a legitimidade de sua existência social passava pela generalização do trabalho voluntário como imposição estatal e forma meritocrática de acesso à determinadas mercadorias e posições sociais. O trabalho voluntário como política estatal cubana assumiu várias formas, abarcando todo o funcionalismo público e parte do sistema educacional¹⁴¹, além de mobilizar, como força de trabalho, indivíduos que até então encontravam-se fora das relações formais de trabalho ditadas pelo Estado. O estabelecimento de jornadas extras de trabalho não pago aos funcionários estatais começou a ser implementada com Guevara à frente do Ministério das Indústrias, em fevereiro de 1961¹⁴² (MADERO, 2022, p. 344). Respalado teoricamente nas noções de “dever social” e de “estímulos morais”, como fundamentos do Sistema Orçamentário de Financiamento que se formava, o trabalho voluntário instituiu-se nos anos seguintes como mecanismo que qualificava trabalhadores e estudantes à ascensão a carreiras universitárias ou postos de trabalho superiores. Além disso, no caso dos trabalhadores, o cumprimento do máximo de horas de trabalho voluntário possível tornou-se critério para compra dos poucos bens de consumo que chegavam ao país, nos primeiros 20 anos do governo revolucionário em Cuba.

¹⁴¹ As “*Brigadas Juveniles de Trabajo Revolucionario*” e o “*Programa Escuelas al Campo*”, ambos desenvolvidos na década de 1960, foram exemplos de trabalho voluntário de caráter “educativo”, direcionados aos jovens entre quatorze e dezoito anos (MADERO, 2022). Este último programa funcionou até 2009, quando foi definitivamente encerrado pelas transformações da política econômica cubana ensejadas por Raúl Castro, que começou a enxugar gastos em relação à manutenção da força de trabalho estatal.

¹⁴² Madero cita Orlando Borrego, secretário de Guevara enquanto era ministro das Indústrias e seu sucessor no cargo de 1964 a 1968, para explicar a instituição do trabalho voluntário nos diferentes postos de trabalho controlados pelo Estado: “*De acuerdo con Borrego, durante el tiempo que Guevara al frente del Ministerio de Industrias, cada trabajador debía cumplir con doscientas cuarenta horas de ‘trabajo voluntario’.* Esa meta, recuerda, ‘era muy fuerte, muy difícil de cumplir porque había que ir casi todos los domingos y entonces qué tiempo se dedicaba a la familia. Por eso muchos compañeros hacían trabajo voluntario de noche’” (2022, p. 344).

Interferência III:

Hoje pela manhã, enquanto ajudava Violeta com a louça do café, ela me contou que nos anos 1960 e 1970 não havia lojas de eletrodomésticos domésticos em Cuba, só havia coisas para comprar pela libreta, que, naquele tempo, contemplava, além de comida e sabão, algumas coisas vendidas em lojas laborais do Estado, em geral poucas roupas, sapatos e um ou outro utensílio de casa e higiene. Os poucos televisores e geladeiras que chegavam ao país eram oferecidos nos postos de trabalho e só podiam ser adquiridos pelas pessoas por meio de “mérito laboral”. Havia um “escalafón” [escala] de desempenho de cada trabalhador, em que eram considerados a assiduidade e número de horas de trabalho voluntário realizados pelos trabalhadores, como critérios que os qualificavam para comprar o item disponibilizado. Mas também havia outras questões, que envolviam necessidades e problemas de saúde dos trabalhadores e suas famílias, por isso se realizavam reuniões, que duravam horas e avançavam pela madrugada, para decidir, por fim, quem compraria o que viesse a aparecer. Disse que seu pai era da comissão de decisão de mérito laboral, e a levava para as reuniões, quando criança. Nos anos 1980, Violeta contou que houve um “reflorescimento” da economia e do consumo, com abertura de lojas estatais com mais produtos, vindos da União Soviética e de outros países socialistas, que todos podiam acessar e comprar, sem terem a obrigatoriedade de estar vinculados a um centro de trabalho. Depois de um tempo, seu marido me disse que foi por conta de mérito laboral, por ter atuado em guerra e missões internacionais na Etiópia e no Iêmen, como médico cirurgião, que lhe foi concedido o direito de comprar um carro – um Lada 1979 que funciona até hoje – em 1980, e em 1989, lhe concederam também o direito da compra de um determinado apartamento em Havana. Seu Ramón contou que, graças ao carro, ele e sua família não passaram tanta fome durante o Período Especial, porque ele começou a fazer serviço de táxi e transporte particular, depois de seu horário de expediente no hospital. Ele tem 80 anos e trabalha até hoje como médico cirurgião num hospital de Havana.

Anotações de campo, dezembro de 2022.

Contraditoriamente, o chamado “trabalho voluntário” instaurou-se em Cuba como atividade compulsória, inclusive com o estabelecimento de metas a serem cumpridas. Vasconcelos (2017, p. 321) reconhece a “dimensão coercitiva” do trabalho voluntário posta em contradição ideológica com o “desenvolvimento da consciência revolucionária”. Segundo a autora:

[...] o trabalho voluntário, na realidade, ao tornar-se um "dever social", também respondia pela lógica da coerção. Enquanto o trabalho profissional

enfrentava obstáculos relacionados com a disciplina, o trabalho voluntário se tornou, simultaneamente, uma mobilização educativa e uma atividade compulsória. Na percepção do próprio Guevara, o trabalho voluntário era um meio de construção de homem novo, mas sendo um dever social, não estava isento da coerção. A dimensão coercitiva era inversamente proporcional ao desenvolvimento da consciência revolucionária (Vasconcelos, 2017, p. 321)

É preciso ressaltar que a dinâmica compulsória de trabalho em Cuba, embora tenha sido incentivada desde o princípio da Revolução, se intensificou e dominou as relações sociais controladas pelo Estado com o anúncio, em janeiro de 1964, da meta de produção de 10 milhões de toneladas de açúcar para a safra de 1970. Conforme mencionamos anteriormente¹⁴³, o plano faraônico que culminaria na safra de 1970 estava associado, por sua vez, ao segundo convênio estabelecido entre Cuba e a União Soviética, o qual apresentava preços mais vantajosos do que o mercado mundial para a compra do açúcar cubano, ao mesmo tempo que garantia a compra de praticamente toda a produção açucareira do país, excetuado o consumo interno, que foi reduzido em 50% em outubro de 1963 (VASCONCELOS, 2017, p. 193). Oliva (2015, p. 25-26) resume de forma brilhante o que significou essa política econômica que visava um salto fantasmagórico da produção, baseada não só num discurso de *ethos* do trabalho na figura do “homem novo”, como na mobilização de uma parte significativo dos fatores estruturais de produção em Cuba:

La antológica Zafra devino una obsesión. Pareciera que con ella se resolverían todos los problemas económicos del país en un horizonte tan cercano como 1970. La ambiciosa meta degeneró en una histeria que distorsionó la débil economía cubana. Llegado el momento de la verdad, todas las entidades de gobierno y organizaciones políticas y sociales abandonaron sus respectivas responsabilidades para hacerse cargo de posiciones puntuales en la zafra. Se trasladó caña entre provincias, se sacrificaron otras de la zafra anterior y de la posterior. Se movieron contingentes de hombres sustraídos a sus responsabilidades habituales en distintos campos. Se doblaron los turnos industriales para compensar la producción de lo movilizados. Grandes extensiones agrícolas quedaron sin atención para dedicársela a la caña. La Zafra de los 10 millones tuvo el sabor de un objetivo olímpico. Finalmente se logró una producción de poco más de

¹⁴³ Ver páginas 92-93.

8.4 millones TM¹⁴⁴, un record que superaba al de 7.2 millones TM alcanzado normalmente en el lejano año 1952. El valor preciso de cada tonelada de aquel azúcar no se conoce. Mucho menos se sabrá el costo de oportunidad que tuvo la economía del país en su ingente intento por materializar aquella ilusión productiva. La movilización general de hombres y recursos, como en una guerra, paralizó y desarticuló la economía. La capacidad y condiciones de la industria azucarera mejoraron, como lo evidencian las altas producciones alcanzadas en años bastante posteriores. Pero la imagen que prevaleció fue la del fracaso pírrico de aquella emblemática meta. (OLIVA, 2015, p. 25-26)

O fracasso da safra de 1970 não ocorreu apenas no sentido do não cumprimento da meta estabelecida. A mobilização da terra, do capital, e trabalho pelo Estado cubano preponderantemente para a produção açucareira implicou na queda da produção, industrial e agrícola, de outros setores, inclusive na produção de alimentos¹⁴⁵. O histórico de não cumprimento das metas de produção estabelecidas pelo planejamento do governo revolucionário é longo e acomete não só o setor açucareiro. No entanto, como a produção de açúcar era a base da economia socialista que conectava Cuba ao sistema mundial produtor de mercadorias, cujo sentido sem sentido é a valorização do valor, é fazer dinheiro virar mais dinheiro, por meio da produção e venda de mercadorias, a queda ou não produção esperada implicou, além de menos dinheiro, menor capacidade de importação de mercadorias de consumo primário¹⁴⁶. Em toda década de 1960, apenas em 1965 a meta anual de produção açucareira foi atingida (VASCONCELOS, 2017, p. 300). Nesse sentido, conforme aponta Vasconcelos, “A despeito de todo esforço sacrificante, a média da produção da década de 1960 atingiu apenas 300.000 toneladas a mais que a média açucareira da década de 1950” (2017, p.

¹⁴⁴ TM = Toneladas métricas.

¹⁴⁵ Segundo Vasconcelos (2017, p. 306), “No setor agrícola, foram poucos os cultivos que resistiram à avalanche canavieira. Segundo os dados compilados pela CEPAL e obtidos dos documentos oficiais da JUCEPLAN, entre 1966 e 1970, a produção de raízes e tubérculos caiu em 68,7%, sem incluir o autoconsumo estatal ou privado. No mesmo período, as hortaliças se reduziram em 42%; as frutas em 16%; a produção de café caiu em 3,9% e o tabaco em 38,5%. No setor pecuário, entre 1966 e 1970, a carne avícola se reduziu em 20% e a produção de leite fresco caiu em 35,2%. Por isso, a importação de leite em pó teve de aumentar em 12 milhões de dólares. A carne de porco encontrou seu pior índice em 1969, 69,2% menor que em 1966, mas se recuperou em 1970 (CEPAL, 1980, p. 68; Castro, 1980, p. 25)”.

¹⁴⁶ De acordo com Vasconcelos: “O déficit acumulado das metas não cumpridas desde 1966 equivaliam a 11,9 milhões de toneladas de açúcar não produzidos, sendo 11,5 milhões de toneladas não exportadas para a União Soviética a um rendimento agrícola médio de 46 toneladas por hectare e um rendimento industrial de 11,6. Considerando o preço de compra de açúcar pela União Soviética do Convênio de 1964, essa defasagem significou uma perda de mais de 1,4 bilhão de dólares em produtos soviéticos” (2017, p. 301).

301). A autora acentua que o rendimento industrial (relação entre toneladas de açúcar por toneladas de cana), em 1969 e 1970, foram os piores apresentados em 20 anos, sendo este setor o grande responsável pelo fracasso, uma vez que os rendimentos agrícolas (tonelada de cana por hectare) chegaram muito próximo da meta, atingindo, na safra de 1970, o melhor rendimento da década¹⁴⁷ (ibid). Vasconcelos traz dados importantes sobre a utilização de trabalho “voluntário” na safra de 1970:

Na safra de 1970, as frustrações da mecanização do corte da cana e a escassez de cortadores profissionais transformaram o trabalho voluntário em uma necessidade material, o que se somou à sua dimensão ideológica e moral. Segundo Sergio Roca, entre 60 e 65% da força de trabalho da safra de 1970 foi composta por trabalhadores voluntários (o que correspondia a cerca de 200.000 voluntários trabalhando simultaneamente). Apenas 20 a 25% dos cortadores eram profissionais (precisamente 79.752 pessoas) e outros 20% eram membros das Forças Armadas Revolucionárias. No ponto mais intenso da safra, 350.000 trabalhadores estiveram simultaneamente de facões em punho. Na média de todo o período, 250.000 trabalhadores/ ano se lançaram ao esforço canavieiro. No total, 1,2 milhões de pessoas cortaram cana voluntariamente entre julho de 1969 e julho de 1970, provenientes das mais diversas províncias, profissões e setores econômicos. (2017, p. 314)

Nesse sentido, observamos que mais da metade da mão de obra utilizada na safra de 1970 era composta de trabalhadores “voluntários”, isto é, trabalho realizado nos termos que analisamos criticamente anteriormente, como atividade extra compulsória atribuída a trabalhadores estatais, além de jovens e adultos em reabilitação e serviço militar obrigatório, capturados pelo aparato do Estado para trabalhar em campos de trabalho forçado. Madero afirma que o ausentismo e a baixa produtividade do trabalho em geral – profissional, voluntário” e abertamente forçado – constituíram-se como importante resistência civil e cidadã, empregadas pelos trabalhadores contra o sistema estatal cubano de coerção ao trabalho (2022,

¹⁴⁷ Sobre a relação entre o plano e a realidade, Vasconcelos (2017, p. 300) escreve: “O plano da safra previa que, para que fossem produzidas as 10 milhões de toneladas, seria preciso contar com 115.000 caballerías plantadas, 81,4 milhões de toneladas de cana cortadas, a um rendimento agrícola de 53 toneladas de cana por hectare e a um rendimento industrial de 0,123 toneladas de açúcar por toneladas de cana. O setor agrícola chegou mais próximo das metas estabelecidas. Num primeiro olhar, o verdadeiro "culpado" do fracasso da safra teria sido o setor industrial, cujos rendimentos ficaram 12,9% abaixo das expectativas, com um uso da capacidade industrial 25,5% menor do que o imaginado”. De acordo com a tabela apresentada pela autora, o rendimento agrícola no ano de 1970 atingiu 52,5 toneladas de cana por hectare.

p. 138). Vasconcelos (2017, p. 188) e Madero (2022, p. 138) descrevem que o absenteísmo era considerado um gesto antipatriótico e de sabotagem ao desenvolvimento da produção nacional, passando a ter punições previstas em lei após a aprovação da segunda reforma agrária, no final de 1963. Contudo, isso não impediu sua ocorrência em diversos setores econômicos. Em relação ao trabalho no corte da cana, Vasconcelos traz informações consideráveis sobre a dimensão da baixa produtividade do trabalho “voluntário”:

Desde 1965, em Camaguey a safra era executada com 63% de trabalho voluntário. Segundo Sergio Roca, a produtividade máxima de um trabalhador voluntário era de 200 arrobas ao dia, ou seja, metade da produtividade padrão de um profissional (400 arrobas/dia). A produtividade dos voluntários urbanos, como os estudantes e os operários da CTC, era baixíssima: 117 e 130 arrobas ao dia respectivamente (Roca, 1976, p. 46-47). A produtividade nacional da safra de 1970 foi comprometida por este fator. Como sustentou Roca: "É bem possível que o nível geral da produtividade de toda a safra não tenha excedido 200 arrobas por trabalhador/dia" (1976, p. 47). (VASCONCELOS, 2017, p. 319)

O sistema de trabalho voluntário foi bastante criticado por economistas implicados ao processo revolucionário cubano, mas isso não impediu que esse sistema de trabalho perdurasse de forma ampla por mais 20 anos, após o fracasso da safra de 1970. A crise que acompanhou o processo, se manifestou primeiro na indústria, em dezembro de 1969, atingido o sistema de transportes em fevereiro de 1970, que acabou por comprometer, dessa maneira, todo sistema produtivo e de circulação de pessoas e mercadorias no país. Segundo Vasconcelos, a crise da indústria açucareira ocorreu por conta da insuficiência de investimentos na primeira década da Revolução, que acarretou problemas técnicos, enquanto ausência de manutenção da maquinaria e falta de peças de reposição, levando a paralização, em fevereiro de 1970, de 23 centrais, “dentre os quais estavam 45% das unidades industriais mais produtivas da ilha”, do total de 154 centrais açucareiras do país (2017, p. 303). Em vista disso, a autora afirma que “pelo menos 4 milhões de toneladas de cana cortada tiveram seus trajetos alterados em direção a indústrias

muito mais distantes”, fato que comprometeu não só o rendimento industrial açucareiro como arrastou a crise a todos os setores da economia¹⁴⁸ (Ibid.).

A mudança no perfil de investimentos e importações da economia cubana de 1964 em diante, relatada por Vasconcelos¹⁴⁹ (2017, p. 237) – em que o governo revolucionário passou a destinar 60% de todo orçamento nacional na produção açucareira, além do aumento considerável da importação de bens de capital em detrimento da importação de bens de consumo – não foi suficiente para promover um salto no desenvolvimento das forças produtivas cubanas a ponto de obter o rendimento esperado e acompanhar o pouco produtivo, mas massivo, trabalho mobilizado na agricultura¹⁵⁰.

Nesse sentido, Vasconcelos, respaldada nas ideias dos economistas cepalinos sobre a “economia moral”, afirma que a radicalização da Revolução promovida pela segunda reforma agrária e pela ofensiva revolucionária implicou num movimento de “desmonetarização” da economia cubana (2017, p. 290). Tal movimento teria sido marcado fundamentalmente pela tentativa do Estado revolucionário de abolir a “sociedade de consumo”, controlando a importação de mercadorias destinadas a esse fim, além da desvinculação dos salários da produtividade do trabalho, concomitante ao fim dos “estímulos materiais” à produção (ibid.). Não obstante, a autora pontua a criação “de um robusto sistema igualitário de repartição do excedente através de bens e serviços estatais gratuitos”, enquanto contrapartida da redução do “benefício material individual” e da “relação monetária” (VASCONCELOS, 2017, p. 290). A esse sistema de seguridade social, Vasconcelos chama de “remuneração coletiva”, enquanto “benefício material coletivo”, nos termos definidos por Guevara (ibid.). Assim, a autora reconhece um tipo específico de materialidade existente na “economia moral” cubana, em que a renda monetária individual teria deixado de ser determinante no nível de vida da população, uma vez que havia poucas coisas para comprar e uma quantidade crescente de serviços públicos e sociais oferecidos gratuitamente ou a preços simbólicos (ibid. p. 291). Essa é a forma

¹⁴⁸ Sobre a crise que se alastrou com a necessidade de transporte da cana para centrais mais distantes, Vasconcelos (2017, p. 305) escreve: “Como confirmou Fidel Castro em sua autocrítica de 26 de julho de 1970, mais da metade da infraestrutura de transportes da ilha se responsabilizou pela safra, de modo que todos os ramos industriais foram atingidos pela crise: as matérias primas não chegaram, os estoques não se esvaziaram, e o reflexo da paralisação da indústria açucareira se disseminou em um dramático efeito dominó. No décimo sétimo aniversário do ataque ao quartel Moncada, Fidel admitiu: ‘realizou-se, com toda boa vontade do mundo, uma concentração nos transportes que se mostrou excessiva’ (1980, p. 36)”.

¹⁴⁹ De acordo com Vasconcelos, com base nos estudos de David Barkin, “(...) a proporção de investimento em bens de capital sobre o PIB cubano cresceu de 18% em 1961 para 24% em 1966 e o aumento planejado para 1968 era alcançar 31%. Entre 1959 e 1964, o valor das importações de capital fixo cresceram em 37,6%. Ao mesmo tempo, a porcentagem de investimento em bem estar social caiu 45% de 1961 a 1964, enquanto os investimentos industriais e agrícolas duplicaram em proporção ao fundo de investimentos global da economia” (2017, p. 236).

¹⁵⁰ Segundo Vasconcelos, na safra de 1970 apenas 1% do trabalho canavieiro era mecanizado (2017, p. 38).

econômica concebida pelo Sistema Orçamentário de Financiamento, pensada por Guevara e implementada de modo sistemático, pelo menos desde o final de 1963, em Cuba. Vasconcelos descreve o “descontrole contábil” que a implementação desse sistema gerou:

[...] a ofensiva revolucionária foi uma verdadeira avalanche igualitarista. A política de gratuidade dos bens e serviços estatais entrou em confronto direto com os mercados remanescentes. O problema foi que, ao moralizar a economia radicalmente e desvincular a produtividade do trabalhador dos rendimentos do trabalho (tanto do salário individual, quanto dos excedentes estatais coletivos), desprezou-se o cálculo dos custos reais do desenvolvimento, comprometendo os controles econômicos e a contabilidade social. Em 1965, o Ministério da Fazenda foi fechado e não foi substituído. Isso fez com que em 1967, a contabilidade já não existisse, de modo que também não poderia haver uma política coerente de redução de custos produtivos e rentabilidade mínima por unidade econômica (CEPAL, 1980, p. 187). (VASCONCELOS, 2017, p. 291).

Nesse aspecto, a autora cita a perspectiva do então presidente do INRA, de que o Estado Revolucionário estava fazendo uma escolha política, optando pela acumulação socialista em sacrifício do consumo individual (VASCONCELOS, 2017, p. 291). Contraditoriamente, a pressuposta acumulação se encontrava comprometida pela impossibilidade de dimensionar os custos de produção, que resultavam em gastos demasiados e desperdícios de recursos, que ocorriam em toda cadeia produtiva. Ademais, Vasconcelos pontua outra dimensão do descontrole da economia cubana, enquanto “perda da relação real entre valores e preços, o que no caso de bens importados (de consumo ou de capital) significava a impossibilidade de enxergar a quantidade de divisas investidas para adquiri-los” (2017, p. 293). Assim, a crise, nas análises de Vasconcelos (2017) – e, em certa medida, em Oliva (2015) – é interpretada como “desequilíbrio” e “distorções estruturais”, provocada, dentre outros fatores, pelo “descontrole contábil” resultante da “economia moral e centralização ideológica” exercida pelo Estado revolucionário (VASCONCELOS, 2017, p. 306). A despeito da vasta e profunda pesquisa de Vasconcelos sobre a história agrária da Revolução cubana, suas análises se fundamentam numa economia política desenvolvimentista, que confere uma aparente coerência formal e racionalidade sistêmica do capital, sem considerar a crise como forma de ser do capitalismo e da reprodução social cubana mediada por suas categorias, que o socialismo não logrou superar.

A tentativa de controle estatal da circulação e consumo cubano, bem como a escassez que caracteriza todo esse processo, gerou um mercado paralelo ilegal de mercadorias e serviços – em pleno funcionamento ainda hoje – fundamental à reprodução social individual e familiar, em que atuação do Estado, nesse sentido, assume uma postura contraditória de combate e proveito, conforme veremos no último capítulo. Diante da crise e ausência cotidiana de bens de consumo, diversas coisas que não são mercadorias, ou que não foram produzidas enquanto tais, assumem essa forma, sendo vendidas no mercado paralelo a preços frequentemente estabelecidos *ad hoc*, na negociação com o possível comprador. Inclusive o sexo, uma vez que a prostituição se constitui como um dos serviço-mercadoria ilegal que mais rápido circula numa economia de escassez. A “economia moral” cubana passava, desse modo, pelo controle da sexualidade, enquanto processo de “masculinização nacional” voltado à imposição e naturalização do trabalho forçado como sistema de exploração estatal, mas também pela tentativa de combate à prostituição – masculina e feminina – que se estabelecia como possibilidade de rendimento individual, ou explorado por outrem, ilegalmente¹⁵¹.

O fracasso da safra de 1970 aprofundou a crise de reprodução social, mediada pelas categorias do capital, que o Estado não podia dar conta de manejar. O Estado cubano, por sua vez, acirrou a repressão social e a política de trabalho forçado no país nos anos seguinte, respaldado institucionalmente pela lei contra a vagabundagem e pelos “expurgos” que se seguiram, conforme abordamos anteriormente. Ao mesmo tempo, se aprofundou a dependência econômica cubana em relação à exportação de açúcar¹⁵² e às importações, sobretudo de petróleo e alimentos, provindas do bloco soviético. Para Oliva (2015, p. 20) a década de 1970 é marcada

¹⁵¹ Sobre o combate à prostituição e ao proxenetismo, Madero escreve: “*Aunque la Ley N° 993 de 1961 hacía pública y oficial la postura del gobierno contra la prostitución y el proxenetismo, ya hacía mucho tiempo que esa política venía implementándose. Al tiempo que se cerraban los prostíbulos, se diseñaron programas de rehabilitación para proxenetas y meretrices. Para las trabajadoras sexuales se crearon granjas y escuelas en varios lugares del país, donde se las reclutaba y se las obligaba a aprender otros oficios.*” *Una de estas escuelas se estableció en el Guajay, a las afueras de la Ciudad de La Habana. Se le conoció como América Libre y ocupó los terrenos de la finca La Comparsa, propiedad del músico Ernesto Lecuona antes de ser confiscada por el gobierno revolucionario. Los proxenetas tuvieron otro destino. Se les envió a la Península de Guanahacabibes a trabajar de modo forzado en la siembra de eucaliptos, un árbol al que la prensa de la época le otorgó cualidades mágicas*” (2022, p. 258). A discussão sobre a prostituição em Cuba exigiria um estudo aprofundado de outros fatores, fundamentados nas relações de dissociação valor particulares à Cuba, que ficará como problemática de investigação futura.

¹⁵² Segundo Vasconcelos (2017, p. 312-313): “O fato é que o paradoxo do açúcar foi posto à prova, e ao invés de levar à diversificação, gerou o aprofundamento da dependência açucareira, análise apresentada também pela CEPAL. Na primeira metade da década de 1970, o aumento pronunciado da taxa de crescimento cubano ocorreu devido à alta nos preços do açúcar no mercado mundial, acompanhada pela União Soviética. Em 1974, a participação do açúcar na geração de excedente cubano havia crescido de 80% a 90%, enquanto o crescimento da produção total foi de 8% e da produtividade da mão de obra 6%. (CEPAL, 1980, p. 40). A estratégia cubana de superação do subdesenvolvimento aprofundou justamente uma das características que o estruturava”.

pela institucionalização de fato da economia centralmente planejada, que acabou com as grandes transformações impulsionadas pelo socialismo nascente no país. Segundo o autor:

Las grandes transformaciones cesaron una vez implantada formalmente la economía centralmente planificada. A partir de ese momento cabe hablar de evolución. Una Revolución permanente sería una contradictio in adjecto. En Cuba cesó una vez concluidas las transformaciones e implantada la economía centralmente planificada. La línea divisoria convencional es el año 1975. En lo adelante se aplicó un modelo económico extensivo apoyado en créditos blandos y mercados asegurados. La isla se convirtió en eslabón de una división del trabajo entre países socialistas y perpetuó su dependencia de las vulnerables exportaciones primarias. La tecnología asimilada no era, generalmente, de avanzada. Todo ello derivó en el retroceso de la productividad del trabajo. Se intensificó el nivel de dependencia de las importaciones alimentarias y adquirió mayor envergadura la asimetría creciente en las finanzas externas (OLIVA, 2015, p. 20-21).

As medidas contraditórias que envolviam a adoção de um socialismo cada vez mais próximo da União Soviética provocou uma queda gradual paulatina do apoio à Revolução, no país e internacionalmente, embora seus apoiadores internos continuassem sendo maioria, segundo Oliva (Ibid). Historicamente, a forma cubana encontrada para lidar com a pressão interna e evitar que a crise econômica se transformasse em crise política foi caracterizada por momentos pontuais de êxodo massivo, isto é, períodos curtos de intensa emigração. Retomaremos esse importante problemática no último capítulo.

No próximo item, realizaremos a crítica à modernização periférica socialista de Cuba a partir da crítica categorial do capital proposta por Kurz (1993), ao analisar o colapso da modernização atrelada ao fim da União Soviética e do socialismo real nos países do leste europeu.

2.8 – Crítica à economia socialista cubana enquanto mercado planejado a partir das elaborações de Robert Kurz

Nas elaborações de Guevara (1982) sobre o Sistema Orçamentário de Financiamento, e em parte dos marxistas que defendiam a gestão centralizada e a “economia moral”, a partir da

negação das categorias do capital, estava implícito o pressuposto teórico de primazia da política sobre a economia, que ganhou força sobretudo com os escritos de Lenin. A concepção de “mercado planejado” e de socialismo enquanto capitalismo de Estado, presentes nesses autores, deixavam de lado a crítica da Economia Política realizada por Marx, conforme observou Kurz (1993, p. 60). Nesse sentido, a concepção de uma economia não monetária confunde “a existência não propriamente dita das categorias de mercado com a inexistência destas”, interpretando o fim da concorrência capitalista no mercado interno como “pura economia distribuidora estatista” (ibid. p. 73), ou ainda, nos termos de Vasconcelos (2017, p. 291), enquanto “remuneração coletiva”, resultado da “economia moral” engendrada pelo Estado revolucionário. Conforme aponta Kurz (1993, p. 73), a tentativa de planejar a circulação e controlar o consumo da população não significa a abolição da economia monetária.

O elemento monetarista está atrelado à vinculação do dinheiro “ao mecanismo funcional da concorrência” (KURZ, 1993, p. 70). Os países socialistas, assim como seus ideólogos, segundo o autor, buscavam eliminar esse mecanismo por meio do planejamento. A concorrência era, e por vezes ainda é vista como algo puramente negativo na “ideologia do antigo movimento operário”¹⁵³ (KURZ, 1993, p. 70). Kurz relaciona, desse modo, a crítica moral – e de natureza empírica – dos efeitos negativos da concorrência às concepções de socialismo calcadas na ontologia do trabalho. Segundo o autor, além dessa crítica não ter contemplado o fundamento do sistema produtor de mercadorias – a saber, a produção de valor – também abandonou o horizonte de “emancipação social” da chamada “classe trabalhadora”, em relação aos imperativos categoriais do trabalho. O conceito de emancipação social ficou preso, de acordo com Kurz, ao “sistema de trabalho abstrato e somente podia ser definido com as categorias deste.” (1993, p. 71). O autor reconhece que essa relação, por sua vez, advém da contradição encontrada nos próprios escritos de Marx:

Sem dúvida, revela-se aqui um dilema até hoje insuperado no centro da teoria de Marx, que nas expressões de movimentos dos "trabalhadores", "posição do trabalhador", "posição de classe" etc, atravessa toda a sua obra, é na verdade

¹⁵³ Segundo Kurz: “Na ideologia do antigo movimento operário, a concorrência figurava como algo puramente negativo: por um lado, por motivos morais, como princípio social-darwinista e destrutivo da "luta de todos contra todos", e por outro lado, por motivos econômicos, como aquela famosa "anarquia de mercado" que tinha que ser substituída por um "planejamento" racional. Essa crítica econômica, apoiada por considerações morais, do princípio da concorrência, não penetrou, no entanto, na base do sistema produtor de mercadorias, e sobretudo excluiu sistematicamente a questão da emancipação social daquela "classe trabalhadora" que, segundo Marx, deveria ter-se comportado no sentido de sua auto-supressão, enquanto o movimento operário marxista real, muito ao contrário, chegou à auto-afirmação consequente do "trabalhador"” (1993, p. 70).

inconciliável com sua própria crítica da economia política, que desmascara precisamente aquela classe trabalhadora não como categoria ontológica, mas sim como categoria social constituída, por sua vez, pelo capital. Do mesmo modo que se excluem a ontologia do trabalho e a crítica do trabalho abstrato, excluem-se também a "posição do trabalhador" e a crítica da vida do trabalhador (KURZ, 1993, p.71).

Em vista disso, o autor chama atenção para o fundamento comum existente entre o socialismo, enquanto sistema centralmente planejado, e o capitalismo como economia de mercado. Para Kurz (1993, p. 70), o socialismo real, caracterizado pelo forte elemento estatista presente nesses países, foi historicamente baseado na economia de guerra, cujo objetivo é idêntico às economias capitalistas: “impor a sujeição das necessidades, finalidades e intenções humanas à riqueza nacional abstrata de um sistema produtor de mercadorias e ao aumento desta, em preparar os homens sistematicamente para esse fim que, como tal, não tem ‘sentido’ algum” (Ibid, p. 70).

O estatismo, nesse aspecto, é considerado elemento integrante do sistema produtor de mercadorias”, isto, é, como “estrutura contínua da modernidade”, na qual estão inseridas também as economias ocidentais, uma vez que estas, em outros momentos de sua história de constituição desde o iluminismo, também experimentaram o estatismo como momento modernizador. Dessa maneira, o autor identifica um “movimento pendular do capitalismo”, como processo histórico da modernidade, “entre momentos concorrenciais” (também chamado pelo autor de “monetaristas”) “e estatizantes” (Ibid, p. 15), ambos com a mesma finalidade fetichista.

A negação das categorias capitalistas realizada por Guevara, através do Sistema Orçamentário de Financiamento, nesse aspecto, não eliminou as contradições da produção e reprodução capitalista pelo planejamento. Tampouco a eliminação da concorrência mercantil e na produção cubana conduziu a população à emancipação social dos ditames do trabalho abstrato, pelo contrário: “Os trabalhadores continuavam sendo trabalhadores, sob o ditado da economia de mercado e de caserna do Leste muito mais do que na economia de concorrência do Oeste” (KURZ, 1993, p. 72). Essa afirmação de Kurz também é válida ao momento de modernização periférica de Cuba.

O Estado moderno, mesmo o socialista, se estabelece enquanto “recipiente institucional da riqueza nacional abstrata”, sendo o dinheiro precisamente a “existência encarnada” dessa

riqueza, “do trabalho morto que se multiplica”, “que por sua vez somente pode existir no contexto do mercado e da circulação” (KURZ, 1993, p. 74). Segundo Kurz:

Os produtos, em seu contexto social, já não representam aquilo que realmente são no sentido material-sensível; sua produção é, na verdade, produção de mais-valia. Sem dúvida, a troca no mercado continua apresentando-se como compra e venda de bens necessários concretos, sendo, porém, em seu contexto social efetivo apenas a realização da mais-valia encarnada nos bens, a transformação em sua forma verdadeira, a de dinheiro. Os bens de uso são degradados a um mero estado transitório no processo de mudança de forma do valor econômico abstrato. A concorrência é apenas a forma na qual esse automovimento do dinheiro impõe-se aos sujeitos como "lei coativa" externa (Marx), provocando assim uma dinamização social cujo caráter contraditório se explica pela relação entre produção e circulação dentro de um sistema produtor de mercadorias. (1993, p. 76)

O autor chama atenção para o dinheiro enquanto “abstração real” social, uma vez que, “o objetivo final de todo o processo (produtivo) já não é a mediação de bens concretos, mas sim a transformação de dinheiro em (mais) dinheiro” (ibid). Nesse sentido, aponta para a “estranha tensão e incongruência” que se estabelece entre a produção e a realização de mais-valia na esfera da circulação. Essa tensão é marcada pela “luta entre as unidades empresariais particulares pela realização da mais-valia”, pois as diferentes unidades não vão se apropriar necessariamente da mais-valia que produziram, tendo antes que disputar – por meio da venda, na esfera da circulação – uma parte da “forma-dinheiro social global da mais-valia”¹⁵⁴(KURZ, 1993, P. 77).

Dessa maneira, Kurz descreve, de acordo com as elaborações de Marx em O Capital, a separação lógica e prática existente entre produção e apropriação da mais-valia, i. e., “como

¹⁵⁴ Já discutimos previamente essa dinâmica entre produção e apropriação de mais-valia no item 1.4 - Breve exposição teórica sobre a contradição do desenvolvimento das forças produtivas. Sobre o assunto, Kurz escreve: “A unidade empresarial individual não recebe aquela quantia de mais-valia que incorporou, ela mesma e particularmente, a seus bens produzidos, como quantidades de horas e minutos de trabalho abstrato despendido. Pois não se trata mais de produzir sapatos, pão e carne, em proporções fixas, para a mediação no mercado, mas os bens de uso são atirados no dinâmico processo de automovimento do dinheiro. Por isso, a unidade empresarial não pode "trocar" pela quantia correspondente de dinheiro "sua" mais-valia, em forma de bens de uso, tal como o sapateiro trocava seus sapatos por pão e carne; ao contrário, tem que "lutar", na esfera da circulação, mediante a venda de seus produtos num mercado, por uma participação na forma-dinheiro social global da mais-valia (nascida de abstratos processos passados de exploração de trabalho vivo), mercado que, devido à mudança de sua finalidade, já não pode ser inflexível e garantido.” (1993, p. 77)

particularidade do produto e universalidade do dinheiro, como incongruência da forma material, de valor de uso, e da forma abstrata, de dinheiro, da mais-valia” (Ibid.). Segundo o autor, é justamente tal incongruência que dinamiza o processo de modernização capitalista, sendo a mais-valia um movimento que se constitui na contradição entre totalidade e particularidade, como sujeito automático do fim em si mesmo do capital:

A verdadeira mais-valia não é a simples soma dos excedentes particulares que resultam da exploração do trabalho vivo; não é nenhum fator fixo e inflexível, mas sim um fator móvel, vivo, oscilante, elemento em que se manifesta um processo social infatigável. (Ibid)

Desse modo é a partir da contradição entre produção e apropriação da mais-valia que “nasce a concorrência”, uma vez que os capitais mais produtivos, aqueles que conseguem produzir mais mercadorias em menos tempo, conseguem fazer “ofertas mais baratas”, aumentando sua possibilidade de venda e apropriação de quantidade maiores de mais-valia do que produziram, conforme abordamos anteriormente¹⁵⁵(ibid). A concorrência pela apropriação e realização da mais-valia – “por sua transformação na forma-dinheiro” – pelos diferentes capitais, forçou historicamente o aumento da produtividade e desenvolvimento das forças produtivas geral da sociedade. Dessa maneira, Kurz identifica a concorrência como “mecanismo social” que se estabeleceu na modernidade capitalista, dando “origem a um surto nunca visto, uma explosão enorme da produtividade, que dentro de um período historicamente minúsculo de menos de duzentos anos se intensificou mais do que em toda a história anterior” (1993, p. 78). Sobre a concorrência como mecanismo e dinâmica social, o autor afirma:

Precisamente essa dinâmica é o "sentido" secreto da concorrência. A crítica da economia política de Marx aponta isso claramente. Marx está muito longe de uma condenação apenas externa, em parte moral, em parte social tecnológica, da concorrência, tal como era corriqueira nas ideias do movimento operário. Pois para Marx, a concorrência no sistema produtor de mercadorias era historicamente necessária para iniciar, numa forma a princípio ainda inconsciente e fetichista, a emancipação humana dos fundamentos puramente naturais, do trabalho como labor, como sofrimento "com o suor do rosto" (1993, p.79)

¹⁵⁵ Ver item 1.4 - Breve exposição teórica sobre a contradição do desenvolvimento das forças produtivas.

Em vista disso, a Revolução de Outubro, segundo o autor, ensejou “um moderno sistema produtor de mercadorias, sem permitir que este seguisse seus próprios mecanismos funcionais”, substituindo a concorrência entre unidades produtivas pelo comando e planejamento estatal (1993, p. 83). A existência de um sistema produtor de mercadorias sem a dinâmica da concorrência, representa um “paradoxo lógico” que, por sua vez, iniciou-se enquanto “paradoxo histórico”, na segunda década do século XX (ibid.). O “paradoxo histórico” da União Soviética, enquanto modernização retardatária, estava relacionado à necessidade de abolição da concorrência interna como forma de “poder subsistir na concorrência externa com os países relativamente mais desenvolvidos do ocidente, para não ser absorvido por estes ou degradado a uma zona marginal subdesenvolvida” (Ibid).

O desvio estrategicamente "planejado" das massas de mais-valia da acumulação interna, forçadamente criada, para os setores centrais das indústrias básicas e da infra-estrutura somente era possível à custa da anulação do princípio funcional da própria produção de mais-valia. Mas essa eliminação paradoxal da concorrência interna no sistema da economia soviética conduziu necessariamente à situação de que o meio se virou contra o fim, não se dispondo, por outro lado, de nenhum outro meio para alcançar esse fim. A mesma razão que produziu a aplicação absoluta e petrificação do estatismo da economia de guerra, na União Soviética, tornou também este desesperadamente obsoleto (KURZ, 1993, p. 84).

Kurz considerava, assim, a eliminação da concorrência interna pela economia de comando estilo stalinista uma “lógica trágica”, que acabou derrubando, por meio da estagnação, tudo que construiu¹⁵⁶ (Ibid.). Foi o que aconteceu com Cuba. Se o Estado cubano quisesse mesmo abolir o dinheiro e a circulação, teria que destruir sua própria finalidade, enquanto patriarcado produtor de mercadorias.

¹⁵⁶ Sobre os logros dos primeiros anos da Revolução Russa, Kurz afirma: “(...) a primeira fase de expansão extensiva do sistema produtor de mercadorias soviético trouxe de fato bons resultados, isto é, altas taxas de crescimento. Não admira, pois as massas de camponeses foram "chicoteadas, marcadas a ferro e torturadas" – para empregar as expressões de Marx – para forçá-las ao dispêndio abstrato de sua força de trabalho. Massas enormes de produções em parte destinadas à mera subsistência, num nível de necessidade extremamente baixo, as quais nem poderiam aparecer numa estatística econômica moderna, foram pela primeira vez incorporadas à máquina de trabalho social e transformadas em processos industriais”. (1993, p. 84).

A concepção de igualitarismo que permeou a política salarial cubana, a despeito do reconhecimento de todos os trabalhadores “como cidadãos e homens equivalentes aos demais”, incluído aqueles dedicados ao trabalho duro e degradante do corte da cana, tinha como premissa oculta a “equivalência efetiva do trabalho abstrato e das mônadas que o realizam, como portadoras da mercadoria força de trabalho”, conforme observou Kurz (1993, p. 72), em relação ao discurso moral entorno do trabalho, que se estabeleceu nos países socialistas.

A crítica categorial do capital desenvolvida por Kurz conduziu sua teoria sobre o colapso da modernização, como momento de crise fundamental do capital e incapacidade deste em se reproduzir segundo suas próprias bases, a saber, a partir da exploração de trabalho abstrato em forma de empresa. A concorrência foi um fator determinante no desenvolvimento das forças produtivas que culminou nesse processo. De acordo com o autor:

A concorrência, depois de alcançar um grau mais alto de desenvolvimento e de libertar-se da economia de guerra e de crise, impeliu, sob a égide da Pax Americana, a novos surtos enormes o desenvolvimento das forças produtivas e a penetração das ciências, até a introdução mais recente da micro-eletrônica e dos computadores com seus potenciais de automatização antes inimagináveis em todos os setores da reprodução social. Para as unidades empresariais esse processo significa uma "coação muda" da concorrência, cada vez mais ligada ao mercado mundial, que obriga à intensificação do processo de produção, isto é, uma coação que atua no sentido de uma racionalização a cada vez renovada, penetração das ciências e automação. Nesse processo de dinamização social mundial do capitalismo da época pós-guerra, a intensificação da produção de mais-valia alcançou dimensões empiricamente nunca vistas. (KURZ, 1993, p. 85-86)

Diante do salto astronômico de desenvolvimento das forças produtivas, estabelecida com a chamada Terceira Revolução Industrial na década de 1970, os países socialistas enquanto “sistemas petrificados de economia de guerra da produção de mercadorias real-socialista”, não lograram mais acompanhar as economias capitalistas mediadas pela concorrência (ibid., p. 86). A produção extensiva de mais-valia, característica da modernização periférica cubana, e de outras economias “de comando e de caserna do sistema soviético”, dinamizadas por meio de decretos e políticas morais e repressivas de coerção ao trabalho, não poderia mais competir ou se igualar aos níveis de produtividade mundial que se estabelecia na década de 1970 (ibid.).

Nesse aspecto, o valor como relação global de síntese social que conforma a totalidade capitalista, se expressava negativamente em Cuba, enquanto “invalidação social mundial do dispêndio de força de trabalho” realizado no país, uma vez que “esse dispêndio estava ficando abaixo do padrão global da produtividade” (ibid.). Em outras palavras, para conseguir realizar e incorporar a mais-valia explorada extensivamente nesses países, o trabalho dispendido deveria encontrar-se na média social de produtividade mundial, o que não era o caso. No movimento global da economia mundial, determinada por relações de valor dissociação, os trabalhos executados fora da média social são convertidos em improdutivos, resultando em menor capacidade aquisitiva produtiva e crise de reprodução, por parte dos países detentores desses capitais. Nesse sentido, Kurz pontua que a modernização pautada no trabalho forçado do socialismo de caserna repunha uma forma ultrapassada de exploração capitalista, que se tornava obsoleta com o desenvolvimento informatizado e robotizado das forças produtivas (ibid. p. 88). Apenas nessa forma extensiva e improdutiva Cuba conseguiu garantir o “emprego total” e ainda reclamar da falta de mão-de-obra na agricultura. A defasagem em relação a produtividade também indica uma defasagem no processo de entrelaçamento da reprodução, conforme aponta Kurz (ibid.). A crise, nesse aspecto, não seria intrínseca ao socialismo, mas antes estaria vinculada à crise do trabalho imanente ao capitalismo, que se desdobrou historicamente com o desenvolvimento das forças produtivas, indicando um limite interno absoluto ao processo de valorização da economia mundial. Segundo o autor:

A crise da sociedade do trabalho do socialismo real marca a crise iminente da moderna sociedade de trabalho em geral, e isso precisamente porque os mecanismos de concorrência tiveram tanto êxito e minaram e debilitaram de fato os fundamentos do sistema produtor de mercadorias. Faz parte da lógica desse sistema o fato de que seus componentes mais fracos, no que se refere à produtividade e ao entrelaçamento, são os primeiros a cair no abismo de colapso do sistema; mas, mais cedo ou mais tarde, a penetração das ciências que passa dos limites lógicos do sistema produtor de mercadorias ocorrerá também no ocidente, sendo os indícios disso perceptíveis há muito tempo. (KURZ, 1993, p. 90).

Conforme já demonstramos, o mecanismo de realização da mais-valia pressupõe a existência de dinheiro e da circulação (mercado mundial). Podemos pensar, a partir das reflexões de Kurz (1993, p.93-94), que a intenção de “desmonetarizar” a economia cubana e

socializar o “excedente” na forma da criação de equipamentos públicos de seguridade social implicou uma contradição à determinação formal dos cubanos, enquanto sujeitos sociabilizados pelo trabalho. A socialização pelo trabalho pressupõe que os trabalhadores sejam sujeitos da troca, ora produtor, ora consumidor, sendo esses momentos mediados pelo dinheiro como encarnação da mais-valia. O sujeito da troca é, assim, o possuidor da mercadoria força de trabalho¹⁵⁷. No entanto, Kurz descreve a separação existente entre esses momentos, no que diz respeito aos interesses antagônicos dessa dupla personificação, manifestados na circulação do capital:

Apesar de cada indivíduo e cada empresa ser ao mesmo tempo tanto produtor quanto consumidor da riqueza social, sua existência e seus interesses de produtor e de consumidor separam-se de forma absurda. Como produtor, o sujeito-mercadoria ou sujeito da troca não está interessado no valor de uso de seus produtos, seja ele "trabalhador" ou "capitalista", seja gerente de empresa no capitalismo ou no socialismo real. Pois não se produz para o consumo próprio, mas sim para o mercado anônimo, e a finalidade do processo não é a satisfação de necessidades concretas, mas sim a transformação do trabalho em dinheiro (salário e lucro). Para o produtor e para os diversos funcionários de uma unidade produtora de mercadorias, os próprios produtos já estão perdendo suas qualidades sensíveis e se transformando naqueles "coágulos de trabalho" enquanto ainda se encontram em sua forma material e no processo de criação dessa forma, pois nada mais são que dinheiro potencial (KURZ, 1993, p. 93).

Nesse aspecto, o autor afirma que a indiferença por parte dos produtores, em relação ao conteúdo produzido – própria à contradição entre valor de uso e valor – é mediada, e de certa forma compensada, pelo interesse no dinheiro, na remuneração obtida com o salário ou com a venda da mercadoria no mercado. O “interesse abstrato em dinheiro”, assim como a mediação da concorrência, conforme menciona o autor, impele os produtores a produzir de maneira adequada, ou a trabalhar de forma esperada, como forma de atingir o “maior resultado monetário possível”. Ao mesmo tempo, enquanto consumidor, e todos os sujeitos e empresas passam pelo momento do consumo, seus interesses estão voltados ao conteúdo das mercadorias, isto é, ao valor de uso nelas contido. Isso estabelece uma “oposição recíproca constante” entre

¹⁵⁷ No capítulo 4 nos aprofundaremos sobre as questões que envolvem o sujeito moderno enquanto sujeito da troca.

produção e consumo, aplicado tanto aos indivíduos quanto às empresas (KURZ, 1993, p. 94). Nessa relação irracional de reprodução sob as categorias capitalistas, a concorrência se estabelece como fator que não elimina a irracionalidade do capital, mas “faz com que esta se manifeste numa forma que leva em conta, pelo menos como efeito colateral e coação secundária do mercado, os valores de uso e as necessidades” (ibid.). Entretanto, Kurz ressalta que, da mesma forma que a concorrência, enquanto “coação muda”, otimiza o desenvolvimento das forças produtivas do capital, ela também dinamiza as forças destrutivas, próprias ao sistema (como, por exemplo, a indústria bélica militar e de drogas), como característica da irracionalidade capitalista (ibid. p. 95).

A substituição da concorrência pelo comando estatista evidencia, desse modo, a “abstração destrutiva do valor de uso” das mercadorias, por parte de seus produtores. Nesse sentido, a baixa produtividade do trabalho canavieiro e agrícola em Cuba não ocorreu necessariamente pela falta do capataz, conforme apontou Vasconcelos (2017, p. 315), baseada nas afirmações de Valdés Paz. Como relação de socialização moderna, a “violência extraeconômica” (MARX, 1988b, p.) estatal, na relação de coação ao trabalho, não conseguiu substituir a “eficácia” da violência econômica, como impulso concorrencial, atrelado à lógica do dinheiro e da mercadoria, como forma de mobilização e aumento da produtividade do trabalhador¹⁵⁸. O capataz do trabalhador moderno é a dependência reificada. Sobre o assunto, Kurz afirma:

[...] com a eliminação do princípio da concorrência, desaparece também a coação objetiva de observar os critérios de valor de uso, precisa-se apelar aos produtores de "coágulos de trabalho", privado de suas qualidades sensíveis,

¹⁵⁸ No capítulo de “A assim chamada acumulação primitiva”, Marx (1988b, p. 267) afirma que o estabelecimento do capitalismo como modo de produção põe a violência econômica, exercida fetichistamente enquanto “leis naturais da produção”, como motor de sujeição dos indivíduos ao trabalho, sendo a violência extraeconômica só eventualmente requerida: “(...) a muda coação das condições econômicas sela o domínio do capitalista sobre o trabalhador. Violência extra-econômica direta é ainda, é verdade, empregada, mas apenas excepcionalmente. Para o curso usual das coisas, o trabalhador pode ser confiado às “leis naturais da produção”, isto é, a sua dependência do capital que se origina das próprias condições de produção, e que por elas é garantida e perpetuada. Outro era o caso durante a gênese histórica da produção capitalista”. Compreendemos que a semelhança dos processos de modernização periférica com a gênese do capital leva o pensamento marxista a afirmar constantemente a Revolução cubana como “acumulação primitiva”, ou ainda “acumulação socialista originária”, questão que no presente trabalho não pudemos nos aprofundar. Entretanto, consideramos que houve apenas um momento de acumulação primitiva, com caráter universal, que foi o ocorrido na Inglaterra e descrito por Marx n’O Capital, em que o capitalismo, já se organizando como sistema mundial, impunha processos contraditórios de produção de mercadorias nas colônias enquanto proletarizava e depauperava grande parte da própria população dos países centrais. Nesse sentido, o que é entendido como “acumulação primitiva” no século XX, estamos considerando como processos de modernização periférica, mobilizados não pela de acumulação originária, mas como dinâmica de crise de reprodução do capitalismo em nível global.

em campanhas eternamente repetidas que vacilam entre remuneração e castigo, para que assumam uma atitude "sensível" frente a seus produtos; precisa-se apregoar bom senso incessantemente às mônadas-dinheiro constituídas pelo fetichismo, o que obviamente não adianta nada. De fato, as possibilidades de sanções por parte do controle burocrático subjetivo de necessidades e valor de uso são limitadas e dificilmente podem ser levadas a sério. A "lei coativa da concorrência", sem sujeito, executa suas sentenças imediatamente, na forma de falência iminente ou manifesta. A instância controladora burocrática, pelo contrário, é ao mesmo tempo a proprietária geral abstrata de todas as empresas. Por isso, não pode castigá-las e muito menos liquidá-las (1993, p. 96).

O Estado cubano agia de forma a manter o máximo possível, mesmo que de forma precária e improdutiva, a produção em funcionamento, pois atuava na economia socialista “como instância que representa a vontade global de despender força de trabalho abstrata” (Kurz, 1993, p. 98). Nesse caminho, a contradição implicada ao processo de valorização, em que “toda empresa deve explorar abstratamente o máximo de trabalho e material, mas, ao mesmo tempo, economizar o máximo de trabalho e material”, longe de ser resolvida pelo comando burocrático estatal cubano, tornava trabalhadores e dirigentes culpados pelo desperdício e subutilização dos recursos¹⁵⁹, por meio de discursos que passavam pela noção de disciplina laboral. No entanto, Kurz, a partir das elaborações de Marx sobre a forma valor, analisada anteriormente, afirma que esse movimento contraditório atua como lei cega, em que a concorrência no mercado modula constantemente a reprodução desses capitais “mediante a expulsão do mercado de outras unidades (que, realizada em grande escala, já se torna um elemento de crise) ou, por outro lado, mediante a expansão do próprio mercado e, com isso, do modo de produção capitalista” (ibid.).

Em vista disso, o desperdício de recursos e de tempo de trabalho abstrato dedicados à produção corresponde a busca pela maximização do uso desses fatores enquanto “input abstrato”, condicionado como momento da criação de valor¹⁶⁰ (ibid. p. 101). Contudo, esse é apenas um momento, ou polo, da contradição da produção de valor, a qual determina, simultaneamente, a maior economia de recursos e trabalho, no sentido de tornar o capital

¹⁵⁹ Segundo Vasconcelos (2017, p. 292): “Ao ignorar os custos das peças de reposição, dos insumos, das matérias primas, e a dimensão contábil de cada um dos fatores, os administradores cometiam erros e frequentemente desperdiçavam esses recursos, ampliando a queda da produtividade do trabalho em termos nacionais”.

¹⁶⁰ O momento da criação de valores a que estamos nos referindo é expresso por Marx (1988, p. 49), e citado por Kurz (1993, p. 100), nos seguintes termos: “(...) quanto menor a força produtiva do trabalho, tanto maior o tempo de trabalho necessário para a produção de um artigo e maior seu valor.”

competitivo frente a outros na circulação (mercado), resultando na formação de um tempo médio socialmente necessário à produção de mercadorias, que por sua vez determina quais capitais conseguirão realizar e incorporar parte da mais-valia global. De acordo com Kurz:

[...] os materiais, as máquinas etc., uma vez fornecidos, entram formalmente como input da empresa na criação do valor, independentemente do fato e, sobretudo, da forma de sua utilização real-material. Tanto faz se a energia escapa pela chaminé ou se é realmente incorporada de forma ótima em processos de produção, e também se uma máquina é removida para algum depósito devido ao desgaste efetivo ou devido à deterioração passiva. Acontece, portanto, uma potenciação de todas as tendências da produção de mercadorias que atuam contra o valor de uso e as necessidades, em vez da superação desses elementos inerentes à forma-mercadoria. Não se opõe nenhum limite, na forma das "leis coativas da concorrência", à abstração destrutiva natural entre o produtor de mercadorias e o valor de uso dos produtos – e essa eliminação de todos os freios potencia-se ainda pelo imperativo burocrático de criar o maior valor possível, imperativo que também já não pode ser contraminado pela obrigação de produtividade e economia, imposta pela concorrência. Em virtude de suas metas planejadas, orientadas para um crescimento abstrato e para acumulação de valores, a burocracia está minando seu próprio papel de instância controladora, cumprindo as empresas, numa atitude esperta, ao pé da letra essas metas. O vencedor é aquele que trabalha devagar, desperdiça força de trabalho e material e pouco se importa com o valor de uso de seus produtos (KURZ, 1993, p. 101-102).

Kurz descreve, dessa maneira, como o socialismo, enquanto economia de comando e de caserna, levou ao extremo “todas as irracionalidades do sistema produtor de mercadorias”, cujo acirramento das contradições se manifesta, dentre outros fatores, “no sistema de formação de preços” e na “estrutura dos investimentos” desses países (ibid. p. 103). Retomaremos esse assunto no último capítulo, assim como as questões que envolvem o mercado paralelo e o sistema de preços em Cuba, que denotam a dimensão do colapso da Revolução como modernização periférica e a forma catastrófica da reprodução social mediada pelas categorias do capital. Nesse sentido, discutiremos a deterioração do sistema de preços subsidiados em Cuba, historicamente implementado pela política econômica centralizada proclamada

socialista, bem como o movimento do mercado paralelo de mercadorias e divisas, enquanto dialética negativa da reprodução social após a extinção do CUC, a moeda convertível que circulava de forma física no mercado cubano.

Capítulo 3 - Espetáculo midiático cubano: A Revolução enquanto representação e sua crise

3.1 – Prelúdio

Interferência IV:

“(Voz da repórter): *Una equipo del Libre Acceso salió en busca de la opinión del pueblo. ¿Que piensa los marianenses de su municipio?*

(Entrevistado 1 – um senhor na rua, próximo a um centro comercial em Marianao): *Me gusta todo, me encanta Marianao. Una ciudad prospera. Una ciudad que va pa’ arriba.*

(Voz da repórter): *Dicen que están haciendo un montón de obras sociales aquí, que se nota el progreso en Marianao, ¿es verdad?*

(Entrevistado 1): *Eso sí es verdad, en barrio mío la están haciendo.*

(Voz da repórter): *Cuál es su barrio?*

(Entrevistado 1): *El barrio mío es Palmar.*

(Voz da repórter): *Y están trabajando ahí?*

(Entrevistado 1): *Ahí lo que metan, están recogiendo basura, están haciendo de todo. De verdad que sí.*

(Entrevistados 2 – um casal em uma moto): *¡Marianao está rico! ¡Hay de todo, comida, hay agua, hay corriente, hay de todo! No se va la luz, tenemos agua 24 horas del día... ¡A la población el pollo nos dan cantidad, cantidad! Todo los días tenemos pollo. No tenemos cola. No hacemos cola. ¿La pintura? ¡Están pintando todo!*

(...)

(Entrevistada 5 – uma senhora em uma bodega praticamente vazia): *Bastante cosas que no se veía, pero ya ahora se están mirando todo lo que están haciendo por mano del Estado. El Estado nos está dando bastante poder, bastante ayuda.*

(Entrevistado 6 – o “bodegueiro”: trabalhador e responsável pela bodega em que se encontrava a entrevistada 5): *Realmente hay un avance que es bastante grande. No existía el desarrollo que existe ahora. (...)*”

Población Opina - Libre Acceso. Canal Habana. Ciber Cuba, 23 de julho de 2022

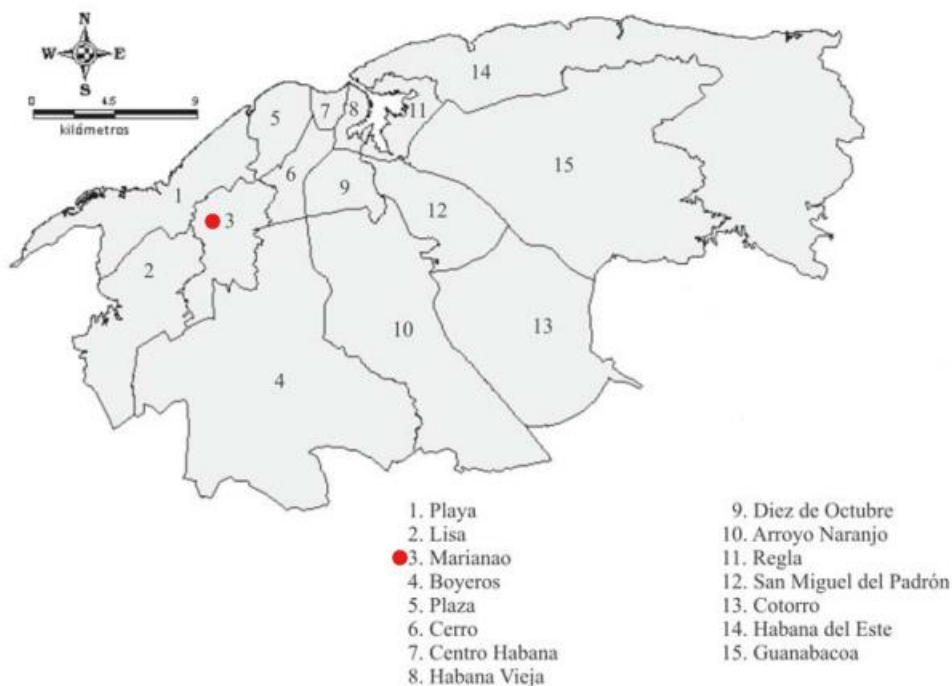
Reportaje de televisión cubana presenta a Marianao como un paraíso - YouTube

https://www.youtube.com/watch?v=507v_YaoNc. Acessado em 18 de fevereiro de 2023.

A interferência IV transcreve quase a totalidade de uma reportagem que foi transmitida pelo *Canal Habana*, no programa *Libre Acceso*, quadro *Población Opina*, em 21 de julho de 2022. Além de ter sido transmitido em horário nobre, às 20 horas e 30 minutos, o mesmo programa reprisou em outros horários durante a semana, prática comum à programação dos canais estatais cubanos.

A cidade de Havana, capital de Cuba – reconhecida desde 2010 como província *La Habana* – se divide administrativamente em 15 municípios. Marianao é um desses quinze municípios, que por sua vez se subdivide em bairros e *repartos*.

Mapa 1: Municipios de Havana



Mapa de los 15 municipios de La Habana. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/262591391_Efectividad_de_formulaciones_de_insecticidas_para_el_control_de_adultos_de_Aedes_aegypti_en_La_Habana_Cuba/download. Acessado em 11 de abril de 2023.

Modificado por Ana Sylvia Maris Ribeiro em abril de 2023.¹⁶¹

De maneira geral, é possível dizer que Marianao se constituiu historicamente como importante núcleo de povoamento, desde o período colonial, com a construção da Paróquia *San Francisco Xavier de los Quemados* – num contexto de aldeamentos indígenas e presença jesuítica – a princípio do século XVIII. No século seguinte esta localidade foi marcada pela presença de *fincas* aristocráticas, pelo engenho açucareiro *Nuestra Señora del Carmen* e famílias de trabalhadores livres e escravizados, principalmente na cadeia produtiva da cana de açúcar. Já no início do século XX, foi construído em Marianao o primeiro bairro operário de Cuba, mediado pela presença da família italiana Pogolotti, que deu nome a um dos principais bairros do atual município. O município conta, hoje, com quatro importantes hospitais, centro de esportes, grupos culturais – *campesino* e afrocubanos –, centro militar, além de escolas superiores de ensino, como o Instituto Superior Pedagógico, a cidade universitária José Antonio Echeverría (CUJAE), Instituto Técnico Militar, Escola de Música e *Academia Nacional de Bellas Artes San Alejandro*. Essas e outras grandes estruturas arquitetônicas e sociais foram construídas em cerca de 23 km², com uma população residente de pouco mais de 134 mil pessoas.¹⁶²

Interferência V

Hoje conheci Juan em uma cafeteria de Palmar, em Marianao, por intermédio de Alicia. Juan é natural da província de Pinar del Río, mas mora em Marianao há três anos. Veio à capital estudar no Instituto Superior de Artes e posteriormente trabalhar como professor de educação artística no ensino básico, nesse município. Além disso, trabalha no conselho nacional de artes cênicas de Cuba, cargo que exige com que ele se desloque ao Vedado de uma a duas vezes por semana. A opção por viver em Marianao apareceu por conta da disponibilidade de vaga para professor na localidade, e pelos aluguéis mais baratos em relação aos municípios e bairros mais centrais, segundo declarou. Depois de um tempo conversando, nos convidou, Alicia e eu, a visitar sua residência. Juan vive no segundo piso de um sobrado que dispõe de um quarto,

¹⁶¹ A literatura médica cubana possui e trabalha com ampla cartografia esquemática, funcional e acessível. Por isso a escolha de extrair o mapa dessa fonte, que evidencia a importância do sistema de saúde na configuração da nova regionalização de Havana.

¹⁶² Informações gerais e formais disponíveis em: <https://www.ecured.cu/Marianao>. Acessado em 12 de abril de 2023. Anuário estadístico de Cuba, 2021 – ONEI (Oficina Nacional de Estadística e Información), disponível em: <http://www.onei.gob.cu/>. Acessado em 12 de abril de 2023.

um banheiro e uma cozinha, com entrada independente através de uma escada construída recentemente, do lado de fora da casa, que deve certamente ter mais de 50 anos. Por esse espaço, Juan afirmou pagar 5 mil pesos mensais de aluguel, com as contas incluídas (cerca de 28 dólares no câmbio paralelo de então). O dinheiro dispendido com aluguel consome quase a totalidade de seu rendimento em salário, que afirmou ser de 6 mil pesos mensais. Com os mil pesos que sobram depois de pagar aluguel, Juan faz compra na bodega – pois conseguiu transferir sua libreta de Pinar del Río para Havana – e conta sempre com a ajuda de Alicia e outros amigos para comprar comida que lhe alimente durante o mês. Pelo trabalho no conselho afirmou que não é remunerado.

Marianao é bem verde, como quase toda Cuba, Juan me disse que a alcunha de Marianao é cidade jardim, justamente pela exuberante vegetação. As construções aqui me parecem muito com as de 10 de octubre¹⁶³, casas com aspecto colonial, pé direito alto e colunas grossas.

Juan falou que se sente tranquilo morando aqui, e que os problemas que percebe em Marianao são os mesmos que se passam em toda Cuba: Fila na bodega, sendo que os itens da libreta nem sempre estão disponíveis, o que faz com que tenha que pegar fila várias vezes ao mês ou até esperar pra receber duas cotas no mês seguinte, como aconteceu com o detergente em pó, que esse mês não chegou. O mesmo ocorre com os mercados que vendem em moeda nacional, em que chega um item por vez, uma vez por semana ou a cada dez dias e ele se vê obrigado a pegar fila várias vezes ao mês. E quando os produtos chegam no período da manhã e a venda não dura até a tarde, ele fica sem o produto, porque trabalha no período da manhã e nunca dispensam os professores para pegar fila, e como ele mora sozinho não tem que enfrentar a fila e compre os “mandados” por ele. Juan não tem conta em MLC. Além desses problemas, tem a questão dos apagões, que nos últimos dois meses diminuíram muito¹⁶⁴. Declarou que o que mais o vêm afetando nos últimos tempos é a questão do transporte. Segundo ele, Marianao é longe do centro. Como tem que ir ao Vedado esporadicamente, às vezes recebe uma ajuda de seus colegas do conselho para cobrir os custos de um carro compartilhado para chegar até o local, já que os ônibus coletivos que circulam por Havana estão superlotados e com grandes intervalos entre um e outro. As gazelas¹⁶⁵ demoram um pouco menos pra passar, mas estão sempre lotadas.

Um carro compartilhado que segue rotas específicas pela metrópole cobra de 50 a 200 pesos

¹⁶³Diez de octubre é outro município de Havana, que tivemos a oportunidade de conhecer em outro momento.

¹⁶⁴Nos meses que se seguiram, tivemos notícias de que os apagões voltaram.

¹⁶⁵Cooperativas estatais que começaram a trabalhar por fora durante a noite.

por viagem, dependendo da distância percorrida. De Marianao até Vedado, Juan declarou gastar de 200 a 300 pesos para ir e voltar de carro compartilhado, dependendo do horário que pegue. E ainda não é sempre que é fácil pegar um carro: tem muita gente querendo pegar e já chegou a ficar mais de horas para conseguir. Fora esse compromisso no Vedado, Juan afirmou que tem saído muito pouco de Marianao, primeiro por causa da pandemia e agora porque ficou muito trabalhoso ou impeditivamente caro se deslocar por Havana. Tenho sentido na pele essa dificuldade com transporte.

Depois de um momento de mal-estar compartilhado, terminamos esse assunto rindo, quando ele afirmou não se preocupar, porque afinal “¡Marianao está rico! Hay de todo, comida, corriente...”, em referência a reportagem da televisão cubana que virou meme nas redes sociais. “Descarados...” soltou Juan ao final.

Anotações de campo – janeiro de 2023.

A interferência V versa sobre as anotações de campo de nosso encontro com Juan, residente do município de Marianao, e nossa breve passagem pela localidade. A interação com Juan iluminou questões e situações do cotidiano que transcendem Marianao, ou seja, que não estão apenas ao nível do vivido nessa localidade. Questões que organizam a reprodução social cotidiana e que estão relacionadas com a mediação categorial do capital e a particularidade da crise dessas categorias experimentada pelos habitantes de Cuba. Dentre elas, estão a escassez e racionamento de bens de consumo básico, os longos períodos de ausência de energia elétrica (os chamados “apagões”) e a deterioração do transporte público coletivo – além do encarecimento e insuficiência da alternativa posta nos carros particulares que circulam como veículos compartilhados em rotas determinadas. A problemática do transporte urbano e interprovincial em Cuba vem se agravando nos últimos anos devido principalmente à escassez de combustíveis.¹⁶⁶

As questões apontadas por Juan descambaram em ironia, na fala do casal entrevistado no programa *Libre Acceso*, descrita na interferência V:

¡Marianao está rico! ¡Hay de todo, comida, hay agua, hay corriente, hay de

¹⁶⁶A escassez e racionamento de bens de consumo básico, bem como a forma particular da circulação de mercadorias e dinheiro em Cuba trataremos mais detalhadamente no capítulo 4. Nesse capítulo, também iremos abordar os “apagões”, e a problemática dos transportes na Ilha.

todo! No se va la luz, tenemos agua 24 horas del día... ¡A la población el pollo nos dan cantidad, cantidad! Todo los días tenemos pollo. No tenemos cola. No hacemos cola. ¿La pintura? ¡Están pintando todo!

Nas próximas páginas analisaremos a produção de um discurso espetacular por parte do Estado Cubano, como obscurecimento e ideologização da crise posta no cotidiano da população, tendo como ponto de partida as interferências IV e V. Antes, no entanto, realizaremos uma breve discussão teórica acerca das contradições entre a crítica do valor dissociação e a perspectiva do marxismo tradicional da luta de classes presente em *A sociedade do espetáculo* (DEBORD, 2011). Por fim, abordaremos a repercussão da reportagem televisada – sobretudo do caráter irônico expresso no trecho acima – e seu desdobramento crítico, principalmente no meio virtual, enquanto momento fundamental da disputa pela narrativa sobre a crise que tem se estabelecido entre o Estado e as críticas avultadas nas redes sociais. Através desse percurso de análise, esperamos apontar alguns sentidos da crise, revelados e obscurecidos tanto pelo espetáculo e propaganda estatal, quanto pelo espetáculo das redes como suposta projeção de discursos e críticas individuais.

3.2 – Aproximações e tensões entre os pressupostos do marxismo tradicional presentes na sociedade do espetáculo e a crítica do valor dissociação

Ao refletir sobre o movimento histórico da moderna sociedade produtora de mercadorias, Debord (2011) desenvolve o conceito de espetáculo como forma moderna, tautológica e fetichista, da reprodução social capitalista. Essa forma é tautológica, segundo o autor, principalmente em razão “de seus meios serem, ao mesmo tempo, seu fim” uma vez que o espetáculo “não deseja chegar a nada que não seja ele mesmo” (2011, p. 17). Já o caráter fetichista apresenta diversos matizes, fundamentados basicamente na noção de que na sociedade do espetáculo “tudo que era vivido diretamente tornou-se uma representação” (2011, p. 13).

Embora a crítica categorial aqui empreendida apresente divergências teóricas quanto a perspectiva lukacsiana de Debord, consideraremos suas importantes elaborações em virtude principalmente dessas duas características que ele atribui à sociedade do espetáculo – tautológica e fetichista – como forma social moderna. Pensamos que tais aspectos relacionam-se com o “fim em si fetichista do capital” (KURZ, 2010) enquanto valorização do valor, e sua crise fundamental, que recrudesce a contradição posta em suas categorias, inclusive na

mercadoria como forma social capitalista por excelência, reconhecida e desdobrada teoricamente por Debord, a partir dos escritos de Marx e Lukács.

Ademais, consideramos as elaborações sobre o caráter espetacular do capitalismo moderno fundamentais para se pensar o momento atual de crise como ficcionalização categorial do capital e predomínio do capital fictício enquanto forma colapsada e catastrófica de mediação da reprodução social. A consideração do espetáculo como a “principal produção da sociedade atual”, segundo Debord (2011, p. 17), parece ser de alguma maneira uma crítica adequada para se pensar o processo de “dessubstancialização” do capital (KURZ, 2004, 2012), ou desvalorização histórica do valor, que estamos aqui Tateando com o estudo da crise cubana enquanto particularidade da crise categorial e de valorização do capital em sua globalidade.

No caso de Cuba, no contexto de nossa pesquisa, as reflexões de Debord ganham importância sobretudo em relação ao “conjunto de novas técnicas de governo que acompanham” o “reino autocrático da economia mercantil” que constitui a sociedade do espetáculo, nas palavras do autor (2011, p. 168). Nesse sentido, a crítica à particularidade categorial cubana se volta para o que Debord chamou de “espetacular concentrado”, característica essencial que atribui ao “capitalismo burocrático”, presente em países de economia centralizada pelo Estado e de economia “mista” (2011, p. 42).

Antes de nos aprofundarmos nos aspectos espetaculares da sociedade, mais especificamente do Estado cubano, gostaríamos de pontuar brevemente nossas principais alianças e divergências teóricas em relação a perspectiva do marxismo ortodoxo, de tradição lukacsiana, trazida por Debord.

Estamos de acordo no que diz respeito a crítica de Lukács à mercadoria como “categoria universal do ser social total”, recuperada por Debord na epígrafe do tomo II – “A mercadoria como espetáculo” (2011, p. 27) e desdobrada enquanto crítica histórica determinada¹⁶⁷. Sob o império da mercadoria, segundo este último, o espetáculo se constituiria como nova forma de alienação social advinda do desenvolvimento histórico das condições de produção capitalista, em que reina o “monopólio da aparência”, sendo o espetáculo “o sol que nunca se põe no império da passividade” (2011, p. 17). Um dos aspectos fundamentais da crítica de Debord versa sobre a condição de passividade dos sujeitos, e sua atuação como meros espectadores

¹⁶⁷Eis a citação de Lukács recuperada na epígrafe do tomo II de “A sociedade do espetáculo”: “Porque apenas como categoria universal do ser social total é que a mercadoria pode ser entendida em sua essência autêntica. Apenas nesse contexto a reificação decorrente da relação mercantil adquire um significado decisivo, tanto para a evolução objetiva da sociedade quanto para a atitude dos homens a seu respeito, para a submissão de sua consciência às formas nas quais essa reificação se expressa... Essa submissão cresce ainda mais porque, quanto mais aumentam a racionalização e a mecanização do processo de trabalho, tanto mais a atividade do trabalhador perde seu caráter de atividade para tornar-se uma atitude *contemplativa*.” (DEBORD, 2011, p. 27).

diante das imagens-mercadorias e processos abstratos que dominam a vida cotidiana.

A sociedade do espetáculo tem como pressuposto o processo de separação – e a contínua produção das condições sociais da separação – entre o trabalhador e o produto de seu trabalho, que levaria a uma suposta “perda da unidade do mundo” (Debord, 2011, p. 23-25). Desse modo, tal processo de separação se constituiria como a “forma geral da cisão na sociedade”, isto é, enquanto “cisão generalizada do espetáculo”, “inseparável do Estado moderno”, ao mesmo tempo em que seria “a cisão consumada no interior do homem”, como “técnica de exílio” das potencialidades humanas (Debord, 2011, p. 19). Para Debord, essa cisão generalizada do espetáculo e da sociedade é “produto da divisão do trabalho social e órgão da dominação de classe” (2011, p. 20-21). A crítica à separação nesses termos é o pressuposto da crítica à alienação e à dominação de classes em Marx (2011) e em Lukács (1989).

É preciso reconhecer que um dos principais aspectos da crítica ao processo de separação social analisada por Debord segue a esteira teórica do marxismo tradicional fundamentado na ontologia do trabalho, sob o pressuposto de que “A apropriação social do tempo e a produção do homem pelo trabalho humano se desenvolvem em uma sociedade dividida em classes” (2011, p. 89). Entretanto, antes da luta de classes se constituir como o motor do desenvolvimento histórico ontológico identificado à lógica capitalista, o trabalho, segundo Lukács, emerge “em meio à luta pela existência”, enquanto “salto” qualitativo e evolutivo do ser orgânico para o ser social (2018, p. 9). O próprio Marx, no primeiro volume de *O Capital* (1988), descreve o que chamou de duplo caráter do trabalho representado nas mercadorias, em que o trabalho útil, concreto, produtor de valores de uso, é visto como processo de “metabolismo entre homem e natureza”:

Como criador de valores de uso, como trabalho útil, é o trabalho, por isso, uma condição de existência do homem, independente de todas as formas de sociedade, eterna necessidade natural de mediação do metabolismo entre homem e natureza e, portanto, da vida humana. (MARX, 1988, p. 50)

Por um lado, no primeiro volume de *O capital*, ao falar do duplo caráter do trabalho, Marx afirma uma das faces do trabalho como condição de existência do homem na natureza, como forma necessária de apropriação do meio natural. Por outro, sobretudo no volume III, nos convida a pensar no caráter puramente abstrato, negativo e moderno desta categoria, ao analisar o movimento do capital em sua totalidade, como “processo global da produção capitalista” (MARX, 1986).

As elaborações do próprio Marx possuem um caráter contraditório, identificado por diversos autores marxistas como “duplo Marx”¹⁶⁸. Admitindo que a contradição teórica perpassa toda sua obra, consideramos que o duplo não está posto entre os escritos do “jovem” e “velho” Marx, mas sim entre duas frentes teóricas que constituem simultânea e contraditoriamente seus escritos. Tais frentes foram identificadas por Kurz (2007) como “o Marx” teórico da modernização (exotérico) e o da crítica ao fetichismo da mercadoria e do capital (esotérico)¹⁶⁹. A contradição apresentada nos escritos de Marx não é apenas teórica senão também uma contradição real, que expressava as condições e contradições históricas da época em que viveu. Nesse sentido, questões referentes à dissociação de gênero, assim como ao racismo – relações estruturantes do capitalismo enquanto totalidade – passaram longe de sua teoria, sendo consideradas e estudadas sobretudo após a década de 1970, no momento de crise fundamental do capital.

Segundo Kurz (2007), enquanto teórico da modernização, Marx se preocupou em explicar “o capitalismo tanto como formação histórica ‘necessária’ e ‘progressista’, na metafísica da história hegeliana virada materialista, quanto como ‘modelo de desenvolvimento’ ainda não esgotado das forças produtivas no seu tempo”. Nessa perspectiva, se constitui no marxismo tradicional a noção de revolução proletária e estabelecimento do comunismo como teleologia da história, a partir da concepção de diferentes “modos de produção” que se sucedem e expressam a evolução social enquanto “grau” de apropriação da natureza e desenvolvimento técnico da sociedade¹⁷⁰. De acordo com essa concepção, as revoluções ocorrem no sentido de libertar a produção dos entraves das relações de classe, que dominam os meios de produção. A revolução proletária seria a última das revoluções, o fim da história como luta de classes e início da verdadeira história do homem¹⁷¹. Na geografia fundamentada por Milton Santos, por exemplo, essa visão se desdobra na consideração da história como evolução das técnicas, em que a sociedade, por meio do trabalho, se apropria da natureza e assim produz espaço geográfico

¹⁶⁸ A questão do duplo Marx foi, a título de referência, debatida por Althusser (2015), em sua coletânea de artigos “Por Marx”. De maneira distinta, a questão também foi discutida por Robert Kurz, em diversos textos, mas principalmente em “O duplo Marx” (KURZ, 2005).

¹⁶⁹ Sobre a discussão do Marx “exotérico” e “esotérico”, ver: KURZ, O duplo Marx, 2005. Disponível em: <http://www.obeco-online.org/rkurz8.htm>. Acessado EM 27 de setembro de 2023.

¹⁷⁰ Segundo Lenin, “[...] o comunismo nasce do capitalismo por via do desenvolvimento histórico, que é obra da força social engendrada pelo capitalismo. Marx não se deixa seduzir pela utopia, não procura inutilmente adivinhar o que não se pode saber. Põe a questão da evolução do comunismo como um naturalista poria a da evolução de uma nova espécie biológica, uma vez conhecidas a sua origem e a linha de seu desenvolvimento” (2007, p. 102-103).

¹⁷¹ Segundo Marx e Engels: “No lugar da sociedade burguesa surgiria uma “associação em que o livre desenvolvimento de cada um é a condição para o livre desenvolvimento de todos” (MARX & ENGELS, 2006, p. 62).

enquanto “meio” humanizado. Seguindo essa compreensão, o acúmulo e desenvolvimento histórico das técnicas leva à constituição do meio técnico científico informacional, nas últimas décadas do século XX¹⁷².

Em Debord (2011, p. 89) a ontologia do trabalho e a luta de classes como motor da história se expressam também como o embate e transformação do “tempo cíclico”¹⁷³ em “tempo irreversível”¹⁷⁴. Embora o autor pontue o caráter negativo do “homem” como supressão do “ser” (Ibid. p. 87), em que a história se apresenta “como um fator estranho, como aquilo que eles não quiseram e aquilo contra o que eles pensavam estar protegidos” (Ibid. p. 89) insiste na ideia de que o trabalho humano produz o homem, enquanto forma de apropriação social do tempo. A luta de classes, nessa concepção, se realiza como apropriação de “uma mais valia temporal” e o monopólio do “tempo irreversível” por uma classe (2011, p. 89). Em vista disso, Debord positiva e atribui um caráter transhistórico não só ao trabalho, mas a outras categorias modernas do capital, como a mais-valia. A concepção trans histórica das categorias do capital, recorrente no marxismo tradicional, se dá a partir do entendimento de um movimento histórico que vai das formas mais simples às mais complexas, tal qual foi apresentada na exposição categorial no volume I de *O Capital*. Nesse sentido, o espetáculo seria a forma historicamente mais complexa, derivada da forma mercadoria, de alienação social.

Concordamos com Kurz (2010) quando este afirma que o marxismo tradicional – e isso vale para as ciências humanas e sociais baseadas nesse marxismo – “transformou o conceito de trabalho abstrato, em Marx puramente negativo, crítico e histórico, numa definição positivista, reinterpretando-o como condição eterna da humanidade”. Nesse aspecto, o trabalho, como conceito, como trabalho humano em geral, já é uma abstração. Não é só uma abstração nominal, senão uma abstração real, pois o trabalho, como categoria moderna, justamente abstrai todas as qualidades específicas e particulares ao processo de trabalho, enquanto fundamento que permite

¹⁷²Tal noção foi elaborada por Milton Santos (1997), principalmente em sua obra “A natureza do espaço”, sendo adotada amplamente na geografia brasileira, inclusive em nível escolar. Sobre o assunto, ver: Ribeiro, A. S. M. (2022). Da unidade terrestre à totalidade capitalista: um ensaio crítico da geografia. *Boletim Paulista De Geografia*, 1(107), 96–120. Recuperado de <https://publicacoes.agb.org.br/boletim-paulista/article/view/1990>

¹⁷³O tempo cíclico, para Debord, está relacionado ao princípio do movimento propriamente histórico, de formação da “natureza real do homem” que vai formar uma “sociedade estática” no sentido da organização do tempo segundo “sua experiência imediata da natureza” (2011, p. 88). De acordo com o autor: “A passagem do nomadismo pastoral à agricultura sedentária é o fim da liberdade preguiçosa e sem conteúdo, o início do labor. O modo de produção agrária em geral, dominado pelo ritmo das estações, é a base do tempo cíclico plenamente constituído.” (2011, p. 88-89).

¹⁷⁴Sobre o “tempo irreversível”, Debord escreve: “Esse tempo, separado da organização coletiva do tempo que predomina com a produção repetitiva da base da vida social, transcorre acima de sua própria comunidade estática. É o tempo da aventura e da guerra, no qual os senhores da sociedade cíclica realizam sua história pessoal; e é também o tempo que aparece no choque das comunidades estrangeiras, no desarranjo da ordem imutável da sociedade.” (2011, p. 89).

que duas coisas sejam igualadas e trocadas, e que tenham seus valores representados em dinheiro. É através dessa, e somente através dessa relação, que o trabalho produz riqueza no capitalismo: riqueza social abstrata, como valor – como tempo de trabalho morto indiferenciado cristalizado nas mercadorias – representado no dinheiro.

Ao analisar a insuficiência da forma desdobrada do valor, enquanto troca infinita de mercadorias realizadas por produtores privados, segundo formas particulares de trabalho, Marx reflete sobre a forma valor geral como a metafísica social real do capitalismo, em que o valor contido nas mercadorias não provém das características físicas ou da sua utilidade, isto é, de seu valor de uso, do trabalho concreto, mas sim do tempo social médio de trabalho necessário à sua realização, do trabalho abstrato (MARX, 1988, p. 71). A forma mercadoria, segundo Marx, se estabelece de maneira fetichista, pois a relação entre os produtores aparece como sendo a forma de uma relação social entre os produtos do trabalho, ou seja, uma relação entre coisas e não entre pessoas, postas numa dada sociabilidade. Dessa maneira, a forma mercadoria, como a forma geral social capitalista, constitui-se a partir da contradição existente entre seus dois fatores: valor de uso e valor (MARX, 1988, p. 48). A forma valor carrega a forma abstrata de ser do trabalho e a forma abstrata da equivalência, o que permite que duas mercadorias diferentes sejam trocadas por meio de um fundamento comum, o trabalho: como trabalho simples e abstrato; como tempo social médio necessário à produção das mais diferentes mercadorias. Sob essa perspectiva, o trabalho se constituiria como uma categoria historicamente determinada, moderna, substância fetichista do valor.

Assim, qualificar o trabalho como trabalho abstrato seria um pleonasmo, conforme apontou Kurz (2004), “como falar cavalo branco branco”, uma vez que esta categoria já comportaria a abstração na sua própria constituição social. Quando Marx (1988, p. 51) descreve o trabalho enquanto dispêndio de “cérebro, músculos, nervos” não o faz de uma maneira fisiológica, imediatamente natural ou transhistórica, senão da forma abstrata e sem conteúdo que caracteriza o trabalho como a substância social fetichista do valor das mercadorias. Sobre essa questão, Kurz (2004) afirma:

[...] o dispêndio fisiológico de energia humana, em termos puramente "naturais", não pode ser separado da forma concreta desse dispêndio. Porém, é precisamente isso o que acontece socialmente na abstracção do trabalho. E este abstrair da forma concreta do dispêndio não é racional nem transhistórico. Se, por exemplo, disséssemos a um egípcio antigo que estivesse a pescar que não estava simplesmente a apanhar peixe, mas que estava a despende "nervo,

músculo e cérebro" em sentido abstracto, ele teria todos os motivos para duvidar da nossa saúde mental. Tal afirmação apenas faz "sentido" no contexto da abstracção real moderna.

Sob a análise do carácter abstrato do trabalho e do fetiche da mercadoria e do capital, constitui-se o Marx "crítico ao fetichismo", segundo Kurz (2007), pois sua teoria se volta à "crítica categorial da constituição fetichista moderna", bem como à "crítica da ideologia" enquanto "expressão teórica" da reprodução contraditória capitalista na economia política.

Nesse sentido, o próprio valor de uso é entendido a partir da simultaneidade da contradição com o valor, que compõe a mercadoria como forma social. Um aspecto é mediado pelo outro, sendo que o valor de uso fetichiza o valor, isto é, esconde as reais determinações da forma de ser da mercadoria. Kurz (2004) afirma que o valor de uso, pensado separado do valor, refere-se "a uma utilidade abstracta (mais uma definição realmente paradoxal) e nessa medida ela própria é parte integrante da abstracção real moderna". Desse modo, o valor de uso não seria um conceito apartado do capital, como forma de atender as necessidades que estão para além da economia capitalista. Antes, se constitui como "um conceito de representação da mediação da forma do valor (o valor de uso de uma mercadoria como forma equivalente apenas exprime o valor de troca da outra mercadoria)".

O sentido do capitalismo como forma de sociabilidade moderna, conforme já tratamos no capítulo 2, não é simplesmente a produção de mercadorias como coisas úteis, mas sim a produção de valor, ou ainda, a valorização deste no processo produtivo, por meio de extração de mais-valia, como exploração produtiva de trabalho abstrato. A fórmula geral do capital, $D - M - D'$ (Dinheiro – Mercadoria – Dinheiro acrescido de mais-valia, MARX, 1988, p. 124) expressa o dinheiro e a mercadoria funcionando "apenas como modos diferentes de existência do próprio valor, o dinheiro o seu modo geral e a mercadoria o seu modo particular, por assim dizer apenas camuflado, de existência" (MARX, 1988, p. 148). O valor, enquanto tempo de trabalho médio socialmente necessário, para se realizar, precisa passar por suas diferentes formas no processo de circulação do capital. O preço, enquanto expressão monetária do valor, pode imputar a qualquer forma, objeto, ação, a forma mercadoria, pois tudo acaba tendo um preço, mesmo que não tenha valor. Contudo, é inerente a essa forma a possibilidade de não coincidência entre o preço e a grandeza de valor que ele reflete, incongruência que vai se impor

como “lei cega” de valorização, conforme discutimos no capítulo 2 ¹⁷⁵.

Em vista disso, Alfredo (2010, p. 38) ressalta a contradição entre concreto e abstrato existente na sociedade moderna, em que o concreto “ainda que posto, é pressuposto para efetivar-se como fetiche de uma sociabilidade determinada por abstrações, por metafísicas”. Desse modo, afirma a necessidade de “uma nova leitura da relação entre sujeito e objeto” a partir da obra de Marx:

É desta maneira que se torna necessário, na exposição de *O Capital*, delinear os sentidos do fundamento ou da substância social, a força de trabalho, como trabalho abstrato. Ou seja, a expressão abstrato que se coloca aparentemente adjetivando trabalho, tão somente observa a condição inevitável que trabalho adquire como substância do processo social e moderno. Não se trata de mera contraposição ao trabalho concreto, mas de expressar que na sua inevitabilidade abstrata, o concreto fetichiza a sua própria substancialidade de modo que a necessidade de expressá-lo desta maneira é mais determinada pelo fetichismo de concretude, que incorpora o fetiche da mercadoria e do capital, do que pressupor uma distinção entre trabalho abstrato e trabalho concreto como formas de atividade entre trabalhador e meios de produção. Desta maneira, em acordo com Ruy Fausto (1997), a lógica de *O Capital* não põe uma contraposição entre trabalho concreto e trabalho abstrato, mas entre trabalho abstrato e matéria, porque é na materialidade física da mercadoria, enquanto forma fenomênica de ser da abstração trabalho, que se tem a consciência sobre um processo que não se apresenta enquanto processo, mas tão somente como valor-de-uso.

Alfredo chama atenção, em acordo com Ruy Fausto (1997), para o fetichismo posto por meio da materialidade, que nega o processo social abstrato que a determinou enquanto forma mercadoria. Dessa maneira, a condição coisificada própria ao mundo da generalização da mercadoria e do valor, como forma de mediação social, produz uma consciência fetichista em

¹⁷⁵De acordo com Marx: “Com a transformação da grandeza de valor em preço, essa relação necessária aparece como relação de troca de uma mercadoria com a mercadoria monetária, que existe fora dela. Mas essa relação pode expressar-se tanto a grandeza de valor da mercadoria como o mais ou o menos em que, sob dada circunstâncias, ela é alienável. A possibilidade de uma incongruência quantitativa entre preço e a grandeza de valor ou da divergência entre o preço e a grandeza de valor é, portanto, inerente à própria forma preço. Isso não é um defeito dessa forma, mas torna-a, ao contrário, a forma adequada a um modo de produção em que a regra somente pode impor-se como lei cega da média à falta de qualquer regra”. (MARX, 1988, p. 91)

relação não só ao trabalho, mas às categorias do capital que conformam a sociabilidade moderna enquanto totalidade capitalista.

Tanto nos *Grundrisse* (2011), assim como na “Lei Geral de Acumulação Capitalista” (Marx, 1988b), Marx discute o caráter duplamente contraditório que envolve a reprodução capitalista entre trabalho, como fundamento social que produz o valor, e dinheiro – que no processo produtivo é capital, que se valoriza através da extração de mais-valia. O aumento da produtividade, como movimento da mais-valia relativa, se constitui historicamente como dispensa de trabalho vivo do processo produtivo e o conseqüente barateamento das mercadorias e da mercadoria força de trabalho. Isso se coloca como o sentido lógico e contraditório do desenvolvimento das forças produtivas, em que a mais-valia gerada nesse processo, do ponto de vista do capital em geral, destina-se majoritariamente à reprodução ampliada do capital enquanto aumento de inversões em capital constante, como aumento da composição orgânica do capital, conforme exposto no capítulo 2. Dessa maneira, conforme a acumulação do capital ocorre, o trabalho vivo é substituído por máquinas no processo produtivo, tornando cada vez mais crítica a própria valorização capitalista. Marx (2011, p. 340) afirma que o aumento da produção é seguido pelo aumento de ramos produtivos, entretanto aponta para a constante desproporcionalidade gerada pela contradição entre o processo de produção e valorização, impulsionada pelo sentido de produção e apropriação cada vez maior de trabalho excedente, na forma de mais-valia. Tal movimento constitui o dinheiro e o preço da mercadoria como contradição que se coloca à reprodução social total do capital, aparecendo como queda tendencial da taxa de lucro. A passagem contínua do valor de uma forma a outra na circulação, atentando para a simultaneidade e concorrência posta pela circulação dos diferentes capitais particulares, confere um caráter de “sujeito automático” ao valor – enquanto forma social do capital – que busca compulsivamente explorar e apropriar-se de taxas cada vez maiores de mais-valia, processo movido pela crise posta enquanto queda tendencial da taxa de lucro¹⁷⁶.

Sob a perspectiva do valor como forma social, Postone discute os sentidos da dominação social moderna. Em acordo com Marx, o autor problematiza as relações sociais capitalistas “como um conjunto quase independente de estruturas que se opõem aos indivíduos, uma esfera de necessidade impessoal ‘coisal’ e ‘dependência coisal’” (2014, p. 149). Afirma, que a “dominação social característica do capitalismo não é abertamente social e pessoal” de modo

¹⁷⁶Sobre o movimento da mais valia como sujeito automático compulsivo do valor, Marx escreve: “(...) a natureza da mais-valia entra continuamente na consciência do capitalista, como sua avidez por tempo de trabalho alheio” (MARX, 1986, p. 35). Nesse aspecto, o capitalista, assim como o proprietário de terra, o possuidor de mercadorias etc. seriam as “máscaras de personagens econômicas” (1988, p. 122) referentes ao processo de personificação do capital como “sujeito automático” da valorização.

que os indivíduos são dominados por abstrações.

O valor enquanto relação social substancializada fetichistamente pelo trabalho abstrato, se coloca à sociabilidade e à reprodução social moderna como abstração real, como categoria social abstrata que se realiza objetivamente, enquanto “objetividade fantasmagórica” (MARX, 1988, p.). A qualidade fantasmática da objetividade social capitalista diz respeito à contradição entre concreto e abstrato que determina a forma da reprodução social, aparecendo como concreta, mas que é mediada por abstrações reais e pela produção de formas de consciência fetichistas, necessárias à reprodução e reposição, cada vez mais críticas, dessas formas. Nesse sentido, para Postone (2014), o próprio trabalho, como substância abstrata e fetichista do valor, se constituiria como a forma da dominação social moderna:

A forma de dominação peculiar ao capitalismo é também descrita por Marx como a dominação de pessoas pela produção “Os indivíduos estão subsumidos à produção social que existe fora deles como uma fatalidade; mas a produção social não está subsumida aos indivíduos que a utilizam como seu poder comum”. Esse trecho é de importância fundamental. Dizer que os indivíduos são incluídos sob a produção é dizer que são dominados pelo trabalho social. Isso sugere que a dominação social no capitalismo não pode ser suficientemente entendida como dominação e controle dos muitos e de seu trabalho por poucos. No capitalismo, o trabalho social não é somente o objeto de dominação e exploração, mas é, ele próprio, o terreno de dominação. A forma não pessoal, abstrata, “objetiva” de dominação característica do capitalismo está aparentemente relacionada à dominação dos indivíduos por seu trabalho social. Dominação abstrata, a forma de dominação que caracteriza o capitalismo, não pode ser simplesmente identificada com a operação do mercado; não se refere simplesmente à forma mediada pelo mercado em que se efetua a dominação de classe no capitalismo. Essa interpretação centrada no mercado admite que o terreno invariável de dominação social é a dominação de classe, e que o que varia é apenas a forma em que ela prevalece (diretamente ou via mercado). Essa interpretação é intimamente relacionada às posições que admitem que o “trabalho” seja a fonte de riqueza e constitua trans-historicamente a sociedade, e que só examinam criticamente o modo com que se efetua a distribuição do “trabalho” (POSTONE, 2014, p. 149-150).

Se, por um lado, Postone se aproxima da discussão sobre o processo de reificação em Lukács (1989), ao considerar a forma de objetificação da mercadoria como forma de subjetivação social posta aos indivíduos, bem como a dependência reificada advinda dessa sociabilidade, por outro, se distancia do autor e do marxismo tradicional ao pensar a dominação para além da forma mercantil. Lukács (1989, p. 99), em “A reificação e a consciência do proletariado”, analisa o processo histórico baseado nas elaborações de Marx acerca da forma da troca, a partir de uma perspectiva evolutiva, que vai da consideração das trocas como relações contingentes nas sociedades pré-modernas à sua generalização na modernidade capitalista. Desse modo, apresenta a evolução da forma mercantil como a “forma da dominação real” moderna, em que:

[...] a reificação surgida da relação mercantil adquire um significado decisivo, tanto para a evolução objetiva da sociedade como para a atitude dos homens em relação a ela, para a submissão de sua consciência às formas por que se exprime esta reificação. (LUKÁCS, 1989, p. 100)

Postone (2014), por sua vez, volta suas análises não somente para a forma mercantil como a forma abstrata da dominação, mas para o processo de produção que domina os homens. Nesse sentido, afirma que a economia política – embora tenha analisado o valor, mesmo que incompletamente – nunca se colocou a questão sobre o conteúdo abstrato das formas categoriais do capital e do porquê do trabalho se representar no valor e “a medida do trabalho, por meio de sua duração temporal, na grandeza de valor do produto do trabalho” (2014, p. 216).

As abstrações reais do capital – o trabalho, a mercadoria, o dinheiro – formas necessárias à metamorfose do capital no processo de valorização do valor, se constituem como a forma de mediação social moderna que conformam a realidade como totalidade capitalista. Postone afirma que tais formas são naturalizadas pela consciência burguesa como uma “necessidade natural”, e são pertencentes “a uma formação social em que o processo de produção domina os homens, e não os homens o processo de produção” (2014, p. 216). Em vista disso, o autor é direto em afirmar que “a maneira como se entende a dominação abstrata está intimamente ligada a como se interpreta a categoria de valor”. Assim, tenta demonstrar o problema do valor enquanto riqueza social “no centro das estruturas de dominação abstrata, cuja significância se estende além do mercado e da esfera de circulação (à esfera da produção, por exemplo)” (2014, p. 151). Com essa reflexão, Postone questiona a circulação do capital, enquanto processo de distribuição da mais-valia mediado pela luta de classes, como principal alvo da crítica do

marxismo tradicional à dominação social. Nesse sentido, o planejamento econômico também já se mostrou “submetido às exigências da dominação abstrata”:

[...] o planejamento público, por si só, não é suficiente para superar o sistema de dominação abstrata – a forma impessoal, não consciente, não volitiva, mediada de necessidade característica do capitalismo. Então, o planejamento público não deve se opor abstratamente ao mercado como o princípio do socialismo ao do capitalismo (POSTONE, 2014, p. 151).

Frente ao exposto, estamos em acordo com a crítica categorial do capital realizada por Postone, bem como ao trabalho enquanto forma da dominação social abstrata no capitalismo. Todavia, Scholz (2004) vai além na crítica ao “escândalo” da socialização moderna sob o valor e as categorias do capital, expressando a insuficiência da perspectiva do marxismo tradicional da luta de classes em abordar a questão do ponto de vista da dominação abstrata do valor e da dissociação como contradição em processo:

O que se passa com a categoria "classe", quando encarada do ponto de vista da teoria do valor-dissociação? Como já se disse, para a teoria do valor-dissociação não é simplesmente a apropriação privada da mais-valia que representa um escândalo – como, por exemplo, para os marxismos tradicionais – mas, de um modo muito mais fundamental, é a forma do valor como tal, o trabalho abstracto, ou seja, o fetichismo da mercadoria, sendo que a mais-valia apenas representa o movimento de reacoplamento do valor a si próprio (o "sujeito automático"). Assim, o tradicional antagonismo entre as classes nunca foi adequado para ultrapassar as relações capitalistas; antes, o movimento operário oposicionista foi, de certo modo, um sujeito portador da elevação do capitalismo a um patamar histórico superior, ainda que tenha tido uma opinião diferente de si próprio. Agora, na era da globalização, termina definitivamente a sociedade de classes (grandes grupos), sem que se ultrapasse o capitalismo, aliás, a sociedade do valor-dissociação. (Scholz, 2004 s.p.)

Dessa maneira, a crítica de Scholz se aproxima da crítica realizada por Postone em relação a consideração da dominação moderna enquanto dominação categorial do capital. Para a autora, o escândalo da socialização moderna estaria posto justamente no caráter tautológico e abstrato do capitalismo como patriarcado produtor de mercadorias. Ao mesmo tempo, Scholz

aponta para a obsolescência da crítica fundamentada na luta de classes, sobretudo na “era da globalização” – momento de crise fundamental do capital – em que a produção de mercadorias parece se autonomizar de vez da exploração abstrata de trabalho nos processos produtivos, sem que o trabalho tenha sido superado como forma de mediação social. E isso vale para as outras categorias capitalistas, as quais, no momento histórico de crise fundamental – do colapso da modernização, advindo com a terceira revolução industrial – se tornam obsoletas, do ponto de vista da valorização do valor, sem serem superadas enquanto forma social.

Com isso, não estamos negando completamente a luta de classes como forma de expressão das contradições modernas. Nem estamos nos posicionando contra uma política social distributivista que venha aparecer, em Cuba ou em qualquer lugar do mundo. Apenas estamos pensando os limites e insuficiências da crítica distributivista. No entanto, a luta de classes como toda forma de aparência, apesar de ter efetividade – ainda que fetichista – continua a esconder o fundamento fantasmagórico do processo social, atribuindo o problema da socialização capitalista unicamente à apropriação privada da produção social. Além disso, a perspectiva da crítica do marxismo tradicional da luta de classes, como separação dos trabalhadores dos meios de produção e do produto de seu trabalho, esconde também a crise que se desdobra historicamente como crise fundamental do capital no momento do colapso da modernização.

No próximo e último capítulo, aprofundaremos a discussão sobre a crise fundamental do capital enquanto colapso da modernização e processo de “dessubstancialização”. Essa discussão se dá mediada pela análise da crise social e colapso da revolução cubana enquanto particularidade da totalidade capitalista.

Por enquanto, retomaremos a análise da produção midiática estatal cubana sobretudo à luz dos escritos de Debord acerca da sociedade do espetáculo. Esse autor está entre os poucos que estabeleceu a identidade categorial entre a forma socialista e capitalista a partir da consideração da totalidade capitalista como sistema universal, enquanto mercado mundial. Segundo o autor:

As falsas lutas espetaculares das formas rivais de poder separado são ao mesmo tempo reais, na medida em que expressam o desenvolvimento desigual e conflitante do sistema (...). Da mesma forma, a gestão totalitária da economia por uma burocracia de Estado e a situação dos países que se viram colocados na esfera da colonização ou da semicolonização são definidas por particularidades consideráveis nas modalidades da produção e do poder. No

espetáculo, essas diversas oposições podem aparecer segundo critérios diferentes, como sociedades totalmente distintas. Mas, na condição real de setores particulares, a verdade de sua particularidade reside no sistema universal que as contém: no movimento único que transformou o planeta em seu campo, o capitalismo. (DEBORD, 2011, p, 38)

Embora detenham particularidades em relação a forma pela qual a sociedade se reproduz espetacularmente – diferenças que o autor qualificou como espetacular difuso e concentrado, segundo a forma capitalista ou socialista da sociedade – ambos apresentam como “modo de ser concreto”, a abstração (DEBORD, 2011, p.). Nesse sentido, o aparente complexo de oposições entre sistemas esconde a “unidade da miséria” presente como fundamento da reprodução social:

Sob as oposições espetaculares esconde-se a unidade da miséria. Se formas diversas da mesma alienação se combatem sob as máscaras da escolha total, é porque todas foram construídas sobre as contradições reais reprimidas. Conforme as necessidades do estágio particular da miséria que o espetáculo nega e mantém, ele existe sob forma concentrada ou sob forma difusa. Em ambos os casos, ele não passa de uma imagem de unificação feliz cercada de desolação e pavor; ocupa o centro tranquilo da desgraça. (DEBORD, 2011, p, 42)

Em vista disso, discutiremos nas próximas páginas alguns aspectos pelos quais a Revolução cubana, assim como todas as modernizações capitalistas – sobretudo na periferia do sistema– se constitui também como forma particular de representação e discurso, e o que acontece quando essa representação entra em crise.

3.3 – O monopólio estatal dos meios tradicionais de comunicação

“La prensa es el can guardador de la casa patria”
José Martí

O Estado cubano detém o monopólio dos meios tradicionais de comunicação no país. Por meio do *Instituto Cubano de Radio y Televisión* (ICRT) controla cinco canais analógicos terrestres de TV (Cubavisión, Tele Rebelde, Canal Educativo, Canal Educativo 2) e oito canais

digitais (Canal Caribe, Cubavisión Plus, Multivisión, Clave, Cubavisión Internacional, Mi TV, Canal HD3 y Canal HD4). Controla também 16 telecentros provinciais e 15 municipais, além da TV Serrana, produtora de vídeos comunitários em Sierra Maestra.¹⁷⁷ O ICRT comanda, ademais, o *Sistema Nacional de la Radio Cubana*, composto por 100 emissoras: 1 internacional, 6 nacionais, 19 provinciais e 74 municipais. Segundo informações presentes no site do Instituto:

*De las 100 emisoras, 95 transmiten audio en vivo por Internet. Este diseño organizativo se fortalece con 70 sitios web, de ellos, 40 en emisoras municipales, 26 en idioma inglés. En el caso de Radio Habana Cuba, sus publicaciones se realizan en cinco idiomas [...]; Complementan el trabajo de este sistema la Casa Productora Radio Arte y un Centro de Monitoreo.*¹⁷⁸

Além do ICRT e suas instituições associadas, a imprensa estatal cubana conta também com o diretório do *Cubadebate* na produção de seus conteúdos, domínio que inclui diferentes meios digitais, mídia impressa – revistas e jornais –, emissoras de televisão e rádio cubanas. O *Canal Habana* de televisão, telecentro provincial que produziu e transmitiu o programa referente à interferência IV, está sob o controle do diretório do *Cubadebate*.¹⁷⁹

A orientação política ideológica de defesa da Revolução é claramente expressa em ambas as instituições: O ICRT afirma que sua missão é “*ofrecer una programación radial y televisiva, portadora de valores políticos, ideológicos, sociales, éticos y estéticos, al servicio de la cultura, la recreación y la defensa de los intereses nacionales*”¹⁸⁰. Já o conselho editorial do *Cubadebate* expressa a preocupação em “*crear un espacio para la información y el intercambio sobre temas relacionados con las acciones de subversión y las campañas difamatorias organizadas contra Cuba*”¹⁸¹. Desse modo, o *Cubadebate* apresenta um direcionamento abertamente combativo em relação as ações da chamada “*contra-revolução*”¹⁸²:

¹⁷⁷Instituto Cubano de Radio y Televisión. TELEVISIÓN CUBANA. Disponível em: <https://www.icrt.gob.cu/tv/>. Acessado em 16 de maio de 2023.

¹⁷⁸Instituto Cubano de Radio y Televisión. RADIO CUBANA. Disponível em: <https://www.icrt.gob.cu/radio/>. Acessado em 16 de maio de 2023.

¹⁷⁹CUBADEBATE. Directorio Prensa. Disponível em: <http://www.cubadebate.cu/prensa-cuba/>. Acessado em 16 de maio de 2023.

¹⁸⁰Instituto Cubano de Radio y Televisión. TELEVISIÓN CUBANA. Disponível em: <https://www.icrt.gob.cu/tv/>. Acessado em 16 de maio de 2023.

¹⁸¹CUBADEBATE. Consejo Editorial. Disponível em <http://www.cubadebate.cu/editores/>. Acessado em 16 de maio de 2023

¹⁸²Expressão corrente dentre os teóricos da Revolução e nos meios de comunicação estatais.

*Cubadebate es además la voz del Círculo de Periodistas Cubanos contra el Terrorismo, organización creada para agrupar a los colegas residentes en la Isla, con el propósito de denunciar las acciones organizadas y financiadas por el gobierno de Estados Unidos contra nuestro país desde hace más de 50 años y que han ocasionado la muerte a más de 3000 inocentes.*¹⁸³

Criado como website em 2003, o Cubadebate surgiu como maneira de “atualizar” a forma da imprensa oficial cubana em reconhecer, produzir e combater velhos e novos supostos inimigos nacionais. Além disso, em especial o programa “Mesa Redonda” tem servido nos últimos anos como um dos principais veículos de informação oficial e debate acerca das transformações econômicas ditadas pela crise e geridas a reboque pela política nacional. Segundo Oliveira (2019, p. 156), jornalista e pesquisadora que investigou a entrada do Google em Cuba, o CubaDebate, apesar de ser oficial, “é um pouco mais aberto para cobrir pautas originais e tem um foco importante em tecnologia”.

Um dos aspectos fundamentais da programação da rede de televisão cubana, assim como as reportagens, notícias, dados e informações veiculadas pelas mais variadas formas de mídia estatal, consiste em constantemente enfatizar as obras públicas, os investimentos em polos produtivos e de desenvolvimento econômico nacional, além dos logros na área da saúde – principalmente durante a pandemia¹⁸⁴ – e acordos de cooperação e solidariedade internacional à Cuba. Palavras como soberania, sustentabilidade, revolução e continuidade são exemplos do léxico estatal proferido diariamente pelos meios de comunicação. Nesse sentido, a atual retórica do Estado passa pela noção de “atualização”¹⁸⁵ do modelo econômico cubano, posta em marcha há mais de uma década pelo governo de Raúl Castro¹⁸⁶, mas intensificada com as transformações previstas pela nova Constituição cubana – aprovada em 2019 – e com a infame reforma econômica implementada pela *Tarea Ordenamiento*. Praticamente todos os dias aparece nos noticiários de Cuba – principalmente no *Noticero Estelar* – representantes políticos, sobretudo o presidente, o vice-presidente e o primeiro-ministro, discursando em Assembleia

¹⁸³CUBADEBATE. Consejo Editorial. Disponível em <http://www.cubadebate.cu/editores/>. Acessado em 16 de maio de 2023

¹⁸⁴É preciso reconhecer que a política de vacinação contra COVID 19 em Cuba foi surpreendentemente exitosa, resultado do trabalho de uma equipe multidisciplinar, sendo diariamente atualizado os dados de contágio, internações e situação epidemiológica de diferentes regiões.

¹⁸⁵Noticero Estelar de 22 de abril de 2021. Fala de Manuel Marrero Cruz, primeiro-ministro de Cuba, na Assembleia Nacional do país.

¹⁸⁶*Lineamientos de la política económica y social del Partido y la Revolución*, aprovados em 2011 no VI Congresso do PCC. PCC: *Partido Comunista de Cuba*. Informações sobre os *Lineamientos de la política económica y social del Partido y la Revolución* disponíveis em <http://www.cuba.cu/gobierno/documentos/2011/esp/1160711i.pdf>. Acessado em 3 de setembro de 2023.

Nacional, ou em grupos de trabalho, sobre a responsabilidade e aperfeiçoamento dos “novos atores da economia”¹⁸⁷. Dessa maneira, o discurso político veiculado pela televisão cubana evoca constantemente esses supostos atores a apresentar trabalhos e soluções econômicas, sustentáveis e soberanas, às travas e obstáculos atribuídos à produção. Um componente fundamental não só dessa narrativa, mas do discurso oficial como um todo, é a valorização da “genialidade dos cientistas”, e das conquistas da ciência em geral¹⁸⁸.

Em contraposição às recentes transformações e aos discursos de responsabilização política e soluções “criativas” que mascaram o fracasso da reforma econômica e a crise capitalista em Cuba, o atual presidente Díaz-Canel é apresentado pela mídia oficial como a continuidade da revolução e do processo revolucionário. Oliveira menciona as mudanças advindas no processo de transferência de poder – do ponto de vista das tecnologias de informação e comunicação (TIC): “Eleito aos 57 anos (jovem para o padrão octogenário da Revolução), Díaz-Canel protagonizou a primeira campanha presidencial por redes sociais da história do país, amparada no paradoxal slogan #somoscontinuidad.” (2019, p. 170).

Nesse aspecto, embora seja flagrante as transformações sociais em vários sentidos, inclusive em relação a forma pela qual as informações e discursos circulam no cotidiano das pessoas, oficialmente tais mudanças se realizam pautadas na contínua exploração da imagem dos símbolos da Revolução, representados principalmente na figura de Fidel, na sequência Raúl Castro e, além deles, também é frequente a referência a José Martí. De maneira menos intensa, são exaltadas também outras personalidades da história revolucionária de Cuba, como Che Guevara e outros combatentes que até pouco tempo ainda compunham os quadros do partido. Ademais, não raro, a televisão resgata figuras envolvidas no processo de independência e abolição da escravidão em Cuba, como Antonio Maceo e Carlos Manuel Céspedes, todos representados enquanto revolucionários que fizeram a história do país. Em vista disso, as imagens e narrativas expressam implícita e explicitamente a necessidade de fidelidade do povo cubano ao presidente, ao partido e à Revolução.

¹⁸⁷ Os chamados “novos atores” da economia cubana consistem basicamente nos trabalhadores *cuentalpropistas* (autônomos) e as MIPYMES (micro, pequenas e médias empresas), retomaremos esse assunto no próximo capítulo.

¹⁸⁸ Segundo *Noticero Estelar*, programa apresentado em 24 de maio de 2021.

Imagem 1:



Imagem 1: Somos Continuidad. Portal Provincial de Ciego de Ávila, Cuba. Disponível em: <https://www.ciegodeavila.gob.cu/es/otras-direcciones-provinciales/planificacion-fisica/informaciones-planificacion-fisica/833-somos-continuidad#>. Acessado em 16 de abril de 2023. A imagem mostra, na sequência da esquerda para direita: Carlos Manuel Céspedes, José Martí, Fidel Castro, Raúl Castro e Miguel Díaz-Canel.

Além das constantes referências aos símbolos e personalidades da Revolução e exaltação dos grupos de trabalhos e incentivos à produção, a programação da televisão cubana também é recheada com propagandas de eventos culturais e artísticos do país, bem como propaganda de espaços – turísticos, residenciais e históricos de Cuba. O fato de não haver propaganda comercial de mercadorias ou anúncios privados não livrou a televisão cubana do formato propagandístico em relação aos anúncios oficiais. A interferência IV é um exemplo de como o espaço e a vida cotidiana muitas vezes viram notícias, veiculadas com tom de propaganda estatal sobre os logros da Revolução. Mas nesse caso específico, a ironia não passou despercebida. Retomaremos essa questão mais adiante.

Não poderíamos deixar de mencionar também a presença de programas esportivos, educativos, culturais, além da vasta exibição de novelas. Durante décadas as novelas brasileiras dominaram a programação televisiva cubana, com a exibição de ao menos três novelas diferentes ao dia. Hoje, as novelas brasileiras seguem na programação, mas disputam espaço com novelas e programas nacionais e sobretudo com novelas turcas. A narrativa e discurso estatal veiculados pelos meios de comunicação, no entanto, diante da crise econômica e social que assola o país, apenas alcançam alguma coerência com a atribuição incessante de um

antípoda nacional, culpabilizado pela crise em seus mais variados matizes: o bloqueio estadunidense à Cuba.

O bloqueio econômico e financeiro imposto pelos Estados Unidos é largamente explorado como narrativa de Estado para explicar a crise e apontar seu grande culpado. A denúncia sobre o bloqueio, além de aparecer constantemente no discurso televisionado dos dirigentes, aparece também como propaganda na televisão estatal cubana a todo momento. Durante a pandemia de Covid 19, por exemplo, houve a constante tentativa de aproximar o bloqueio à ideia de genocídio: “o bloqueio é como um vírus, ele asfixia e mata” era uma das mensagens explícita e constantemente propagadas pela televisão em 2021. Assim bloqueio é tratado como a raiz de todas as crises, que tem como pano de fundo a escassez generalizada de mercadorias e dinheiro, principalmente na forma de créditos internacionais.

Embora a narrativa seja claramente apelativa, as medidas de restrição econômicas são reais. O Estado cubano está endividado com vários países e grupos econômicos e não consegue crédito com nenhuma instituição financeira ou bancos internacionais, também por conta de uma série de restrições e sanções impostas pelo governo dos Estados Unidos às instituições financeiras estrangeiras. Os barcos que atracam em Cuba, por exemplo, não podem atracar, na mesma viagem, em nenhum porto estadunidense, nem para abastecer, fato que dificulta muito a logística de empresas importadoras dependentes de navios cargueiros e transatlânticos internacionais. No contexto atual da economia mundial financeirizada e ficcionalizada, o bloqueio estadunidense aparece como o principal impedimento para Cuba alavancar sua economia interna via créditos e acordos internacionais. Do ponto de vista estatal e para diversas análises marxistas a respeito da situação econômica e social de Cuba, a crise generalizada de abastecimento e escassez de alimentos, medicamentos, combustíveis, insumos agrícolas e industriais ocorre por conta do bloqueio estadunidense. Dessa maneira, todos os problemas internos vividos pelos habitantes de Cuba são atribuídos ao bloqueio e às “243 medidas de reforço do bloqueio dos EUA contra Cuba”, durante o governo Trump¹⁸⁹. Uma das propostas eleitorais de Biden ao concorrer à presidência era rever essas medidas. Depois de eleito ele respondeu por meio de porta-voz da Casa Branca que “Cuba não era prioridade”¹⁹⁰. No próximo item abordaremos a questão contraditória do bloqueio estadunidense em relação à implantação da internet em Cuba.

¹⁸⁹Informação comum aos discursos de dirigentes.

¹⁹⁰Para mais informações, ver: “Mudar política sobre Cuba não é prioridade para Biden, diz porta-voz”. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/efe/2021/04/16/mudar-politica-sobre-cuba-nao-e-prioridade-para-biden-diz-porta-voz.htm>_Acessado em 10 de junho de 2023.

A televisão reinou durante anos, em Cuba e no resto do mundo, como instrumento espetacular por excelência, em que as imagens e o discurso por ela apresentados não deixava espaço para respostas, conforme apontou Debord em seus “Comentários sobre a sociedade do espetáculo” – texto escrito em 1988, 21 anos após a primeira versão de seu livro (2011, p. 189). Em referência ao que chamou de autoridade espetacular, Debord escreve sobre a relação entre os fluxos de imagem e a experiência concreta da submissão, em que, na impossibilidade de resposta, ao espetáculo mesmo é assegurado o “direito” de se contradizer:

No plano das técnicas, a imagem construída e escolhida por outra pessoa se tornou a principal ligação do indivíduo com o mundo que, antes, ele olhava por si mesmo, de cada lugar aonde pudesse ir. A partir de então, é evidente que a imagem será a sustentação de tudo, pois dentro de uma imagem é possível justapor sem contradição qualquer coisa. O fluxo de imagens carrega tudo; outra pessoa comanda a seu bel-prazer esse resumo simplificado do mundo sensível, escolhe aonde irá esse fluxo e também o ritmo do que deve aí manifestar-se, como perpétua surpresa arbitrária que não deixa nenhum tempo para a reflexão, tudo isso independente do que o espectador possa entender ou pensar. Nessa experiência concreta da submissão permanente encontra-se a raiz psicológica da adesão tão unânime ao que aí está; ela reconhece nisso, *ipso facto*, um valor suficiente. O discurso espetacular faz calar, além do que é propriamente secreto, tudo o que não lhe convém. O que ele mostra vem sempre isolado do ambiente, do passado, das intenções, das consequências. É, portanto, totalmente ilógico. Como já ninguém pode contradizê-lo, o espetáculo tem o direito de contradizer a si mesmo, de retificar seu passado. (DEBORD, 2011, p. 188)

Nesse sentido, enquanto detentor dos meios de comunicação tradicionais, o Estado cubano deteve também o monopólio do falseamento midiático tradicional, segundo os termos pensados por Debord (2011, p. 180-181). De acordo com o autor, a sociedade do espetáculo não se constitui apenas como o mundo dominado por imagens, ou por um conjunto de imagens, “mas uma relação social entre pessoas, mediada por imagens” (DEBORD, 2011, p. 14). Em vista disso, Debord pensa nos termos de uma inversão produzida historicamente pelo espetáculo, a partir da consideração do desdobramento histórico da mercadoria enquanto categoria social moderna. O espetáculo seria então o capital “em tal grau de acumulação que se torna imagem” (Ibid. p. 25), a “inversão concreta da vida” (Ibid, p. 13), em que a “aparência

organizada socialmente” se coloca aos indivíduos como a “verdade geral” (Ibid. p. 16). Esse “colocar-se” opera por meio do que o autor chamou de “falsa consciência”, produzida pela sociedade do espetáculo e necessária à sua reprodução¹⁹¹. Desse modo, o espetáculo constitui-se como realidade efetiva, mesmo que fetichista, como “o âmago do irrealismo da sociedade real” (DEBORD, 2011, p. 14).

Considerado em sua totalidade, o espetáculo é ao mesmo tempo o resultado e o projeto do modo de produção existente. Não é um suplemento do mundo real, uma decoração que lhe é acrescentada. É o âmago do irrealismo da sociedade real. Sob todas as suas formas particulares – informação ou propaganda, publicidade ou consumo direto de divertimentos –, o espetáculo constitui o modelo atual da vida dominante na sociedade. É a afirmação onipresente da escolha já feita na produção, e o consumo que decorre dessa escolha. Forma e conteúdo do espetáculo são, de modo idêntico, a justificativa total das condições e dos fins do sistema existente. O espetáculo também é a presença permanente dessa justificativa, como ocupação da maior parte do tempo vivido fora da produção moderna (DEBORD, 2011, p. 14-15).

Em vista disso, o autor aponta para um movimento contraditório entre espetáculo e objetividade social, em relação à produção de ambas as formas, uma produzida pela outra e vice-versa. Segundo Debord:

Não é possível fazer uma oposição abstrata entre o espetáculo e a atividade social efetiva; esse desdobramento também é desdobrado. O espetáculo que inverte o real é efetivamente um produto. Ao mesmo tempo, a realidade vivida

¹⁹¹A noção de falsa consciência e de falseamento da vida está presente também, de maneira similar, em Adorno (2008) em sua obra “Mínima Moralía”. No entanto, Adorno vai mais além ao pensar concomitantemente um movimento de simplificação do pensamento e tradução de conceitos em símbolos primários: “Em meio à rede das abstratas relações dos homens entre si e com as coisas desaparece a capacidade de abstração. O alheamento dos esquemas e das classificações em relação aos dados a que se referem, o puro e simples volume do material trabalhado, que se tornou incomensurável ao círculo da experiência individual, conduz sem descanso à retradução arcaica em sinais sensíveis. Os homenzinhos e casinhas impingidos qual hieroglifos pelas estatísticas podem parecer recursos ocasionais de apoio. Mas não a toa se assemelham tanto à inumeráveis anúncios, estereótipos jornalísticos ou figuras de brinquedo. Neles a apresentação sobrepuja o apresentado. A facilidade de compreensão excessiva, simplista e por isso falsa reforça a incompreensibilidade dos próprios procedimentos intelectuais, que não pode ser dissociada da sua falsidade, da sua subsunção cega e não conceitual. As onipresentes imagens não o são, pois simultaneamente apresentam o mais geral, a média, o modelo padrão como único e particular em cada caso e assim deles escarnekem. Com malícia se faz o particular a partir da eliminação do particular. O anseio por isso já se sedimentou em necessidade, e em todo lugar é multiplicado pela cultura de massa segundo o modelo dos desenhos animados.” (Adorno, 2008, p. 137).

é materialmente invadida pela contemplação do espetáculo e retoma em si a ordem espetacular à qual adere de forma positiva. A realidade objetiva está presente nos dois lados. Assim estabelecida, cada noção só se fundamenta em sua passagem para o oposto: a realidade surge no espetáculo, e o espetáculo é real. Esta alienação recíproca é a essência e a base da sociedade existente. (2011, p. 15)

Tendo em vista essas elaborações sobre o caráter espetacular do real, Debord dá pistas acerca do movimento de falsificação da consciência e da realidade. Várias são as dimensões e níveis em que se produz o falseamento e, ao mesmo tempo, o falseamento produz o real. Marx já havia descrito no capítulo 8 do primeiro volume de “O capital” – principalmente na parte sobre “Ramos da indústria inglesa sem limites legais à exploração” (1988, p. 191) – a falsificação como prática corriqueira e lógica do capital de redução de custos na fabricação de mercadorias, sobretudo às destinadas ao consumo da classe trabalhadora¹⁹².

No caso de Cuba, com a justificativa da escassez decorrente do bloqueio estadunidense, o falseamento e adulteração de alimentos processados pelas empresas estatais é flagrante, como, por exemplo, o café vendido pela bodega que é misturado com ervilha, ou o “*picadillo*” de carne de ave, porco ou bovina, misturada com proteína de soja. Mais recentemente apareceram denúncias da mortadela e outros derivados de carne produzidos na ilha e vendidos em moeda nacional, os quais continham mais farinha, de arroz e de trigo, do que qualquer tipo de carne¹⁹³.

Debord, entretanto, afirma que a falsificação vai além da produção de “coisas banais”,

¹⁹²Marx menciona o caso da adulteração do pão vendido na Inglaterra na metade do século XIX – com a substituição de parte da farinha de trigo por rejeitos de materiais industriais, impróprios para o consumo humano – como exemplo de um movimento em curso em relação à falsificação de outras mercadorias de uso frequente: “A inacreditável adulteração do pão, especialmente em Londres, foi primeiramente desvendada pelo comitê da House of Commons [Câmara dos Comuns] ‘sobre a adulteração de alimentos’ (1855-1856) e pelo escrito do dr. Hassall, *Adulterations detected*. A consequência dessas revelações foi a lei de 6 de agosto de 1860: “for preventing the adulteration of articles of food and drink” [pela prevenção da adulteração de produtos alimentícios e bebidas], uma lei ineficaz, pois, como é natural, observa-se a mais alta delicadeza contra todo free-trader [livre-cambista] que se propõe, por meio da compra e venda de mercadorias adulteradas “to turn an honest penny” [ganhar um centavo honesto]. O próprio comitê formulou, mais ou menos ingenuamente, sua convicção de que o comércio livre significaria substancialmente o comércio com matérias falsificadas, ou, como os ingleses jocosamente os denominam “matérias sofisticadas”. De fato, essa espécie de “sofistas” sabe melhor que Protágoras como fazer preto de branco e branco de preto, e melhor que os eleatas demonstrar ad oculos [aos olhos] a mera aparência de todo real. (1988, p. 191)

¹⁹³Cuba usa harina de arroz para hacer embutidos y condimentos (directoriocubano.info). https://www.directoriocubano.info/actualidad/cuba-usa-harina-de-arroz-para-hacer-embutidos-y-condimentos/?__cf_chl_tk=I7H2QL4fqHZtGTfHMyeHymzFibNpGsZboKEwv4GUKdo-1686614208-0-gaNycGzNDBA. Utilización De Harina De Arroz En Mortadela (researchgate.net). https://www.researchgate.net/publication/318887914_Utilizacion_De_Harina_De_Arroz_En_Mortadela. A falsificação se dá também pelo roubo dos trabalhadores e funcionários das empresas estatais, cujo bem pilhado frequentemente é vendido como forma de complementar a renda obtida pelos poucos salários em relação ao custo da alimentação.

ou ainda, que, na sociedade do espetáculo, as coisas banais são proclamadas e vendidas como “bens extraordinários”, ao mesmo tempo em que “bens extraordinários” se passam como “coisas banais”, sendo essa inversão provocada pela produção espetacular de mercadorias (2011, p. 160). Nesse aspecto, pontua que é comum a conservação do nome e aparência de mercadorias já conhecidas, mas que passam a ser produzidas com outros conteúdos, num movimento de falseamento próprio à abstração real da forma social capitalista. E este movimento se estende a todos os domínios da vida, uma vez que a falsificação é rentável à economia capitalista no sentido da redução dos custos de produção das mercadorias.

De acordo com Debord, “O espetáculo apresenta-se ao mesmo tempo como a própria sociedade, como uma parte da sociedade e como instrumento de unificação”. Como parte separada da sociedade, o espetáculo “concentra todo olhar” enquanto “lugar do olhar iludido e da falsa consciência”. No entanto, enquanto totalidade, o espetáculo constitui-se como “visão de mundo que se objetivou”, como “linguagem oficial da separação generalizada” (DEBORD, 2011, p. 14). Pelo fato de Debord considerar o processo de separação do mundo, dos sujeitos em relação aos resultados da produção, e do processo de abstração acometido pelos trabalhos particulares, conforme já mencionamos anteriormente, ele considera também que o espetáculo é o instrumento da unificação, pois sua origem decorre da “perda da unidade do mundo” (DEBORD, 2011, p. 23). O autor afirma que:

No espetáculo, uma parte do mundo se representa diante do mundo e lhe é superior. [...] O que liga os espectadores é apenas uma ligação irreversível com o próprio centro que os mantém isolados. O espetáculo reúne o separado, mas o reúne como separado. (Ibid.)

As formas pelas quais parte do mundo representa o todo, a sua totalidade, foram analisadas criticamente por Lefebvre (2006) em relação a lógica própria à linguagem, enquanto recursos ligados a processos de metáfora e metonímia. Tais processos conformam contraditoriamente uma determinada sociabilidade que caracteriza o que o autor chamou de “espaço abstrato”. Nesse sentido, o espetáculo enquanto “lógica de visualização” – considerada pelo autor concomitantemente com os aspectos geométrico e fálico do espaço abstrato moderno –, submete toda prática social em detrimento de outros sentidos¹⁹⁴.

¹⁹⁴Lefebvre também partilha da concepção de falsa consciência abordada por Debord, sendo este falseamento produzido, dentre outros aspectos, pelo abuso das imagens e da visão como mecanismo do movimento de abstração

Estamos de acordo, em certa medida, com a crítica de Lefebvre (2006) sobre a “lógica de visualização” e com Debord (2011) acerca do movimento de falseamento da consciência e da realidade, fundamentada na noção de reunião do separado enquanto separado, através do espetáculo. Não tanto pela separação sujeito-objeto, como separação do trabalhador das coisas, produtos do trabalho, mas sim na medida em que ambos apontam para algo de fundamental da relação que é apagado ou obscurecido, que não aparece, na lógica da aparência que domina o mundo como representação e abstração real. Assim, as contradições postas aos sujeitos, à organização pública – como gestão catastrófica da crise – ao mercado mundial, e à reprodução em geral, são harmonizadas sob o discurso e o espetáculo da coerência, da positividade constante dos símbolos e representações em ruínas. Tais ruínas sinalizam a crise da forma fetichista do capital e de suas categorias, que se constituem como mediação social da totalidade capitalista. Nessa medida, a “falsa consciência” corresponderia à consciência fetichista, objetivada pelas formas fantasmagóricas¹⁹⁵ do capital que mediam a sociabilidade moderna e são necessárias à sua reprodução, cada vez mais crítica.

É possível pensar, em consonância com Robert Kurz (2007, sem paginação), o

próprio à modernidade: “A ‘lógica da visualização’, esta estratégia identificada por Erwin Panofsky a propósito das catedrais góticas, ganhou o conjunto da prática social. A transformação em escrita (Marshall McLuhan) e a transformação em espetáculo (Guy Debord) se submetem a esta lógica, a seus dois momentos ou aspectos, um metafórico (o escrever e o escrito, atividades subsidiárias tornadas essenciais, modelos e centros da prática), e outro metonímico (o olhar, o olhar, a coisa vista, cessam de passar por detalhes ou partes, e se transformam em sua totalidade). Ao longo do processo pelo qual o visual passa a dominar e toma a primazia em relação aos outros sentidos, o que vem do paladar, do olfato, do tato e até da audição, em primeiro lugar se esfuma, apaga-se em seguida perante a linha, a cor, a luz; uma parte do objeto e do que ele proporciona se percebe então pelo todo: este abuso normal (normalizado) se justifica em razão da importância social da escrita. Por assimilação, por simulação, tudo na vida social se torna decifração de uma mensagem através dos olhos, leitura de um texto; uma impressão diferente da ótica, tátil, por exemplo, ou muscular (ritmos), nada mais é que simbólica e transitória na direção do visual; o objeto palpado, provado pelas mãos, serve somente de “análogo” ao objeto percebido pela visão. A Harmonia, nascida pela e para a escuta, se transfere ao visual com a prioridade quase absoluta das artes da imagem: cinema, pintura. Ora, o olhar exila os “objetos” na distância, no passivo. O que é somente visto se reduz a uma imagem, a uma frieza congelada. O jogo do espelho se generaliza. O “ver” e o “visto” se misturando caem juntos na impotência. O espaço, no início deste processo só tem existência social através de uma visualização intensa, agressiva e repressiva. Trata-se portanto de um espaço visual, não simbolicamente, mas efetivamente. A predominância do visível envolve um conjunto de substituições e deslocamentos através dos quais o visual suplanta e substitui o corpo inteiro. Vê-se mal o que é apenas visto (e visível) mas se discursa cada vez melhor e se escreve cada vez mais a respeito” (2006, p. 390-392).

¹⁹⁵O caráter fantasmagórico da objetividade do capital foi primeiramente abordado por Marx para descrever o valor como “gelatina de trabalho humano indiferenciado”, forma fetichista cuja substância é o trabalho abstrato (1988, p. 47). Marx também utilizou esse termo para designar o caráter misterioso da forma mercadoria que reflete a relação social entre os homens como uma relação entre coisas. (Ibid, p. 71). Sobre o caráter fantasmagórico do espetáculo como categoria social moderna, Debord escreve: “As imagens que se destacaram de cada aspecto da vida fundem-se num fluxo comum, no qual a unidade dessa mesma vida já não pode ser restabelecida. A realidade considerada parcialmente apresenta-se em sua própria unidade geral como pseudomundo à parte, objeto de mera contemplação. A especialização das imagens do mundo se realiza no mundo da imagem autonomizada, no qual o mentiroso mentiu para si mesmo. O espetáculo em geral, como inversão concreta da vida, é o movimento autônomo do não vivo” (2011, p. 13)

movimento de falseamento da consciência e do real como momento de “tratamento da contradição” capitalista, inerente ao processo de reprodução social moderna. Para este autor, a reprodução capitalista envolve, por um lado, os imperativos de valorização do valor, como impulso histórico e concorrencial para o desenvolvimento das forças produtivas e dispensa de trabalho vivo na produção. Por outro, a dissociação sexual e de gênero, em que momentos da reprodução social, que não são produção de valor, mas são necessários à sua reprodução, vem sendo historicamente determinados como “feminino” e atribuídos em geral às mulheres (Ibid). A relação capitalista de valor dissociação se desdobra historicamente como contradição em processo, que confere os termos do patriarcado moderno objetivado nas formas capitalistas, constituindo a totalidade enquanto patriarcado produtor de mercadorias¹⁹⁶. Nesse aspecto, os momentos da dissociação são constantemente apagados ou obscurecidos da teoria social moderna, uma vez que, segundo Kurz (2007),

[...] toda a história da teoria desde o Iluminismo, incluindo o marxismo, está confinada no quadro de uma falsa universalidade assente na relação obnubilada de dissociação. A linguagem moderna da teoria, com seu aparelho conceptual, está ligada a esse quadro, ou seja, move-se num horizonte de conceptualização androcentricamente universalista. O alargamento da crítica do valor à crítica da dissociação encerra, portanto, a tarefa de rebentar o quadro conceptual moderno. Isto levanta enormes problemas de exposição, ainda longe de estarem resolvidos (KURZ, 2007, s.p.).

Desse modo, Kurz (2007) chama atenção para a “falsa universalidade” expressa pela linguagem moderna da teoria, cujo caráter androcêntrico – em que o universal é fundamentado na figura do macho branco ocidental –, em geral domina tanto a forma social quanto a conceitualização teórica, se passando por uma forma “neutra”.

Tendo em vista a contradição em processo dinamizada pelas relações de dissociação-valor na modernidade capitalista, Kurz (2007) afirma que as formas de tratamento da contradição envolvem “um conflito permanente em torno da “*interpretação real do próprio capitalismo*”. Isso significa que, enquanto contradição em processo, à reprodução social é posta

¹⁹⁶Sobre a crítica do valor dissociação, Kurz (2007) afirma: “[...] a crítica do valor continuou a desenvolver-se ao longo dos anos 90 no sentido da crítica da relação de dissociação associada ao valor. Segundo essa reflexão, a dissociação é ‘co-originária’ à relação de trabalho abstracto, isto é, ela não consiste num aspecto secundário nem derivado. Constitutivos do capitalismo são não apenas as formas político-económicas com aparência sexualmente neutra do moderno sistema produtor de mercadorias, mas também, num sentido mais amplo, a relação de dissociação-valor como *Sexo do Capitalismo* (Scholz 2000), ou patriarcado produtor de mercadorias”.

uma série de outras contradições próprias à reprodução do capital que se desenvolvem historicamente, dentre elas a contradição entre teoria e prática, ou ainda, nos termos do autor, entre teoria e práxis¹⁹⁷. De acordo com Kurz (2007), a teoria “é parte integrante e expressão reflexiva” do capitalismo, constituindo-se como práxis teórica¹⁹⁸ de “interpretação real”, fundamental à sua reprodução. A teoria moderna, desde o iluminismo, serve como “legitimação a priori do contexto da forma capitalista” e, além disso, atua como “fornecedora’ de ideias para a práxis capitalista de uma “*interpretação real permanente não apenas do mundo em geral, mas também do próprio capitalismo* em seu desenvolvimento progressivo” (KURZ, 2007, grifo do autor).

O processo de tratamento da contradição opera desde o âmbito governamental da gestão da crise, passando pelos seus instrumentos institucionais e pela mídia estatal – no caso de Cuba – até o âmbito individual, cuja mediação é a moderna “forma sujeito”. Tal processo corresponde ao confronto de padrões contraditórios de interpretação do capitalismo que se desdobra enquanto “digestão ideologicamente afirmativa das contradições”, resultantes da reprodução social sob as relações de valor dissociação (Kurz, 2007). Kurz aponta para a ideologia como “forma reflexiva de *tratamento afirmativo da contradição* na luta pela interpretação real do capitalismo” (Ibid. grifo do autor). Desse modo, enquanto momento reflexivo, a ideologia coloca os sujeitos como agentes em meio a uma realidade pré-formada, em que, em verdade, os padrões de ação e de interpretação já são determinados fetichistamente por formas abstratas¹⁹⁹.

¹⁹⁷Sobre a contradição entre teoria e práxis, Kurz (2007) afirma: “Isso não deve ser mal interpretado, como se a diferença e a tensão entre teoria e práxis deveriam ser eliminadas com um golpe de magia, numa rábula barata. A ‘práxis teórica’ confronta-se com a práxis nas relações sociais e no ‘processo de metabolismo com a natureza’, mas como um factor diferente e separado da própria práxis social. Poder-se-ia falar de uma práxis social de primeira ordem (reprodução material e social) e de uma práxis social de segunda ordem (reprodução da reflexão teórica), ou ainda de uma relação entre “práxis prática” e “práxis teórica”, separadas estruturalmente entre si. Também esta formulação pode parecer paradoxal ao senso comum quotidiano capitalista, mas aponta para o paradoxo real da relação social.”

¹⁹⁸Em relação a noção de práxis teórica, Kurz afirma: “Aqui o conceito de “práxis teórica” geralmente confunde-se com as próprias exigências da crítica social. Para se poder elaborar a diferença distintiva entre crítica e afirmação, é preciso em primeiro lugar determinar o estatuto da “práxis teórica” em sua imanência capitalista. Nessa medida, um aspecto essencial é o entendimento de que *a própria elaboração teórica representa um momento ou um campo específico de práxis social no capitalismo.*” (2007, grifo do autor)

¹⁹⁹Sobre a relação entre ação e reflexão, Kurz (2007) escreve: “[...] os padrões de acção já são estabelecidos *a priori* sem nenhum trabalho intelectual reflexivo e consciente e, por conseguinte, são quase *ontologicamente pressupostos* à reflexão. O que significa isso? Em relação a determinadas coisas ou circunstâncias em separado, o pensar, enquanto “concepção”, planeamento, construção intelectual etc., “na verdade” *precede* o agir (ou pelo menos assim deveria ser), como estabelece Marx no célebre exemplo da diferença entre a abelha e o mestre-de-obras. No tocante à relação *social* fetichista da dissociação-valor, todavia, dá-se exactamente o inverso: relativamente ao seu próprio contexto social e aos seus “processos de metabolismo com a natureza”, as pessoas não são mestres-de-obras, mas praticamente “abelhas”. Por meio dessa inversão, fabrica-se uma estrutura na qual já não há unidade entre “concepção” e “execução” na acção (nem mesmo “experimental”), pois esta última é

Tomando como referência as reflexões até agora expostas, podemos pensar o espetáculo do Estado cubano veiculado pela mídia oficial como movimento de tratamento da contradição capitalista, a partir da construção de padrões ideológicos de digestão da crise de reprodução. Nesse sentido, aspectos fundamentais da contradição e da crise capitalista particulares à Cuba – como a intensificação da desigualdade social interna movida pelo acesso à divisas, a escassez generalizada de mercadorias de uso corrente, a crise migratória dos últimos anos e o aumento das relações econômicas com os Estados Unidos, mesmo com o bloqueio, por exemplo – são apagadas, obnubiladas e falseadas por meio de uma narrativa androcêntrica sobre a Revolução, que positiva as contradições e se atualiza, sem conseguir escapar da crise.

A crise de representação do Estado se acentua e se transforma com a disseminação da internet – sobretudo das chamadas “redes sociais” no país. O desenvolvimento da internet nos últimos anos em Cuba criou uma ferramenta de disputa pelo falseamento do mundo, em relação ao espetáculo apresentado pelos meios tradicionais de comunicação e informação monopolizados pelo Estado. Mesmo tão diferentes entre si em vários aspectos, ambos mecanismos de falseamento – enquanto momentos distintos de tratamento da contradição – obnubilam a crise categorial mundial do capital, por meio da apresentação espetacular unificada da totalidade capitalista fragmentada. Embora a internet apresente outras ferramentas e dispositivos de interação individual – e o processo de individuação não é qualquer coisa – em relação aos meios tradicionais de informação e comunicação, a produção espetacular da sociedade segue reinando através do “monopólio da aparência” (DEBORD, 2011, p. 16)

Diante da inversão espetacular provocada pelo “monopólio da aparência” na sociedade atual, Debord afirma que “a verdade é um momento do que é falso” (2011, p. 16). Nesse sentido, nada parece ficar de fora do espetáculo, que “se apresenta como enorme positividade”, uma vez que as imagens autonomizadas²⁰⁰ dominam o mundo e as diferentes narrativas enquanto representações polarizadas em relação ao movimento contraditório inerente à reprodução social capitalista. Sobre o assunto, Debord escreve:

pressuposta *a priori* de acordo com sua forma, tal como no caso das abelhas. Sob essas condições, a reflexão (teórica) surge forçosamente como esfera *subordinada* à “práxis prática” e conseqüentemente dela *separada*. Por esse motivo, também se regista que as pessoas, embora ainda capazes de reflectir, desesperam-se com as conseqüências ecologicamente destruidoras das suas próprias acções compulsivas e apenas *a posteriori* susceptíveis de ser reflectidas e ‘trabalhadas’”.

²⁰⁰A noção de autonomização que aqui consideramos diz respeito a forma pela qual Marx (1988) elabora o movimento das categorias do capital. Nesse sentido, a autonomização constitui-se enquanto aparência de autonomia, não só do dinheiro, da mercadoria e do trabalho, como também das imagens em relação à forma social do capital enquanto contradição em processo da valorização do valor e da dissociação.

O conceito de espetáculo unifica e explica uma grande diversidade de fenômenos aparentes. Suas diversidades e contrastes são as aparências dessa aparência organizada socialmente, que deve ser reconhecida em sua verdade geral. Considerado de acordo com seus próprios termos, o espetáculo é a afirmação da aparência e a afirmação de toda vida humana – isto é, social – como simples aparência. Mas a crítica que atinge a verdade do espetáculo o descobre como a negação visível da vida; como negação da vida que *se tornou visível*. (DEBORD, 2011, p. 16)

Considerando o conceito de espetáculo elaborado por Debord, gostaríamos de voltar a análise da interferência IV. O que o casal entrevistado faz ao ironizar as condições de vida de Marianao no momento da reportagem é justamente negar o que está à vista de todos: a escassez de comida, a falta de energia elétrica, de água, a presença constante e compulsiva das filas, a deterioração material das construções e equipamentos urbanos. A fala extremamente positiva do casal atinge o âmago do espetáculo como “negação da vida que *se tornou visível*” (ibid.). Entretanto, praticamente toda programação televisiva cubana, conforme expusemos anteriormente, nega ou obnubila espetacularmente as condições negativas da reprodução social capitalista em Cuba. Por que essa matéria em especial, em formato de falsa enquete cotidiana, chamou a atenção das pessoas, já que a negação da vida visível se normalizou como discurso midiático do Estado?

Sem nenhuma dúvida podemos afirmar que as redes sociais funcionaram nesse caso, e vêm funcionando, como uma espécie de catalisadora da ironia social expressa pela mídia oficial. Nesse aspecto, os discursos e representações espetaculares da narrativa estatal midiática ganham outra dimensão a partir das projeções e questionamentos produzidos como conteúdo de redes sociais. Em vista disso, a crítica ao falseamento do mundo também é produzida como espetáculo. No caso da interferência IV, a ironia catalisada pela internet se transformou numa ampla gama de *memes*. A transformação da ironia e contradição social em um produto instantâneo de humor, isto é, a “memeficação” da realidade veiculada pelas redes sociais, parece ter se tornado uma tendência mundial supostamente crítica à ordem vigente, mas que serve, uma vez mais, à conformação da realidade falseada, como tratamento da contradição capitalista.

Analisaremos mais adiante (em 3.5 - "A ditadura do algoritmo"), alguns exemplos de memes – referentes à interferência 34 – que apontam, mesmo que de forma espetacular e humorística, para os conteúdos e particularidades da crise de reprodução social em Cuba. Abordaremos ainda as formas pelas quais todo conteúdo veiculado pela mídia – tanto a

tradicional, quanto as redes sociais – assumem a forma espetacular da construção de padrões ideológicos dicotômicos (KURZ, 2007), polarizando os conteúdos entorno principalmente de posições pró e contra o Estado. Tal polarização mascara a crítica e a crise categorial do capital enquanto colapso da revolução. Para essa análise, iremos considerar o movimento contraditório do espetáculo produzido pelo Estado, uma vez que, por um lado, há um esforço por parte deste em criticar a aparente neutralidade da internet e das redes sociais na produção e disseminação de conteúdos, que aparece como a nova forma tecnológica de ataque imperialista mobilizada pelos interesses dos Estados Unidos em destruir a Revolução. Por outro, a internet e as redes sociais também são utilizadas pelo aparato do Estado como ferramenta de falseamento do real e, além disso, como dispositivo de terror enredado nas tentativas de gestão da crise no país, que se desdobra como reprodução catastrófica.

Antes disso, abordaremos a seguir alguns momentos concernentes a implementação da internet em Cuba, bem como a noção de "espetacular concentrado" (DEBORD, 2011) e o desvio da noção de "queda dos referenciais" de Lefebvre (1991, 2009), com intuito de pensarmos a crise de representação que acomete o Estado cubano.

3.4 – A internet em Cuba, o espetáculo concentrado e a "queda dos referenciais"

A internet em Cuba, como ferramenta individual de acesso online através de aparelhos celulares, se intensificou principalmente a partir de dezembro de 2018, período em que a ETECSA²⁰¹ liberou o serviço 3G no país (OLIVEIRA, 2019, p. 158). Antes disso, o acesso à internet estava restrito à determinados ambientes *wi-fi* na Ilha, dentre eles alguns centros de trabalho, cibercafés, empresas públicas, rede hoteleira, e em algumas praças espalhadas por diversas cidades cubanas, popularmente chamadas de “parques *wi-fi*”²⁰². O serviço de *wi-fi* das praças e da rede hoteleira exigia a compra de cartões de conexão que disponibilizavam até duas horas de acesso, a preços que variavam entorno de 1 a 3 dólares a hora (na época o seu equivalente em CUC), dependendo de onde se comprava o cartão – nos quiosques oficiais da

²⁰¹A ETECSA é a *Empresa de Telecomunicaciones de Cuba S.A.*, cujo controle das ações estão repartidas inteiramente entre outras empresas estatais cubanas. Informações disponíveis em: <https://www.ecured.cu/ETECSA#Historia>. Acessado em 20 de junho de 2023.

²⁰²De acordo com Oliveira: “No segundo semestre de 2013, a ETECSA (Empresa de Telecomunicaciones de Cuba S.A.) iniciou a instalação de cibercafés nas principais cidades do país. Como a oferta ainda era inferior à demanda, a estatal passou a instalar alguns pontos *wi-fi* em praças e vias públicas, principalmente a partir de 2014. Em 2015, novos hotspots foram conectados em parques e outros espaços públicos, barateando em 25% a hora de conexão. Até o final de 2016, mais de 40 espaços públicos contavam com conexão em Havana. De acordo com dados da própria ETECSA, em março de 2019, o país contabilizava mais de 950 pontos públicos de acesso, 123 deles em Havana”. (2019, p. 150)

ETECSA ou com revendedores, oficiais ou não.

Oliveira (2019, p. 158) aponta para as transformações na paisagem cubana advindas do processo de implementação da internet no país. A princípio, em meados de 2014, as pessoas passaram a concentrar-se nas cercanias dos grandes hotéis com celulares e notebooks em mãos e nos “parques wifi”, durante praticamente todo o dia, em especial após o expediente corrente de trabalho – no final da tarde, e noite – a fim de utilizar a rede de conexão. Em 2017, com a restrição da internet da rede hoteleira a cartões exclusivos vendidos nesses estabelecimentos, a maioria dos cubanos deixou de se concentrar na frente dos hotéis, já que não tinham mais como acessar esse serviço. No final de 2018, com a disseminação do 3G, conforme mencionamos, a maioria das pessoas deixou de frequentar as praças com *wi-fi*²⁰³ (ibidem). De maneira muito interessante, a autora descreve também mecanismos e estratégias de compartilhamento offline desenvolvidos pela população cubana até a implantação do 3G – como por exemplo *El paquete*²⁰⁴ – além de formas de apropriação privada e coletiva da rede estatal de internet²⁰⁵.

Embora as conexões *wi-fi* via roteadores tenham aumentado nos últimos dois anos, sobretudo em bares, restaurantes, casas de *renta* e poucos lares cubanos, o acesso à internet por meio de dados móveis nos celulares continua sendo preponderante no país. Em 2022 e 2023 houve uma sensível queda na qualidade do serviço e diminuição da velocidade de transmissão da rede. Segundo informações oficiais, encabeçadas por Tania Velázquez Rodríguez – presidenta executiva da ETECSA – a lentidão e constantes interrupções da rede são ocasionados pelo aumento de usuários conectados, concomitantemente a dificuldades econômicas para expandir a infraestrutura, como a construção de novas antenas de transmissão, exigidas pela expansão do serviço²⁰⁶. Nesse sentido, o congestionamento das redes e as dificuldades de

²⁰³Segundo Oliveira (2019, p. 158): “Em dezembro de 2018, foi a vez dos parques equipados com wi-fi esvaziarem significativamente, depois que a ETECSA deu início ao serviço 3G pela Ilha, permitindo a compra de quatro diferentes pacotes de dados⁶⁵: 600 MB, por 7 CUC; 1 GB por 10 CUC; 2.5 GB por 20 CUC; ou 4 GB por 30 CUC⁶⁶. Só nos primeiros 40 dias do serviço, 1,8 milhão de cubanas e cubanos teve acesso ao serviço, que registrou cerca de 45 mil novos clientes por dia⁶⁷. Em 2019, Cuba conta 5,9 milhões de usuários da internet. Antes dos pacotes de dados móveis, 60% dos usuários acessavam a rede a partir dos seus locais de trabalho”.

²⁰⁴ De acordo com Oliveira (2019, p. 151): “O pacote semanal é composto por 1 terabyte de conteúdo, distribuído às segundas feiras em todas as regiões da Ilha. Este “pacote semanal” (tradução livre) conta com pastas repletas de novelas, filmes comerciais e de arte, criações audiovisuais independentes locais, músicas, aplicativos, softwares, além de um sistema de publicidade, que aparece inserido em alguns vídeos, em um modelo esteticamente similar ao do YouTube”.

²⁰⁵ A autora cita a SNET e o uso do aplicativo Connectify para exemplificar algumas estratégias de conexão offline. Sobre o assunto, ver Oliveira, 2019, p. 151.

²⁰⁶Segundo informações veiculadas pelo Cubadebate; “En 2022, creció en más de un millón la cifra de usuarios conectados a internet vía telefonía celular, llegando a 6.7 millones de clientes habilitados para navegar.” O maior crescimento se deu na rede 4G: mais de um milhão de novos usuários, o que refletiu no aumento do volume de dados processados, passando de 189 000 **terabytes** em 2021 a 309 000 em 2022. De acordo com Velázquez, “El crecimiento no solo demanda inversiones en la red de acceso, sino que nos obliga a hacer trabajos en otras capas

inversões no setor aparecem como explicação para os problemas de conexão no país.

Oliveira (2019) demonstra como a implementação da infraestrutura de telecomunicações em Cuba na década de 1990, não podendo mais seguir com parcerias e apoio da Rússia nem dos países que formavam o antigo COMECON, passou a contar com parcerias e acordos com capital e empresas estadunidenses e canadenses, apesar do bloqueio. De acordo com a autora, Cuba chegou a ser pioneira em técnicas pré internet, também graças a importância de técnicos e engenheiros cubanos. Nesse sentido, ela descreve como as próprias medidas de reforço do bloqueio – sobretudo a Lei Torricelli e Helms Burton – embora impusessem novas restrições e sanções econômicas à Cuba, possibilitaram acordos no setor de telecomunicações entre os dois países²⁰⁷.

O estabelecimento de parcerias com capital e empresas dos Estados Unidos, possibilitados pelas leis que recrudesceram o bloqueio em outros aspectos, é considerado por Oliveira como tentativa de “atualizar os métodos de penetração da política estadunidense na Ilha, tornando a ingerência mais discreta” (2019, p. 140). Ao mesmo tempo, a autora reconhece que os acordos favoreceram Cuba, não só do ponto de vista da aquisição e construção de infraestrutura, mas também financeiramente:

Ainda que a legislação estadunidense determinasse que Washington reteria a parte correspondente à Cuba do faturamento proveniente das conexões telefônicas particulares entre os dois países, a Lei Torricelli abriu precedente para que diversas companhias estadunidenses negociassem, diretamente com o governo cubano, acordos de exploração financeira das ligações. Havana seguiu denunciando a lei como “subversão ideológica”, mas, de acordo com

de la red que permitan el tránsito sin contratiempos de esa masa de datos que demandan los clientes. Igualmente, debemos tener en cuenta la salida internacional”. A reportagem ainda traz números absolutos da expansão do serviço no país: “Según cifras oficiales, al cierre de 2022 había 274 000 hogares conectados, con un crecimiento de 22 000 servicios en comparación con el año precedente”. ¿Qué pasa con la conexión?: Etecsa responde. Cubadebate – grifos da reportagem. Disponível em: <http://www.cubadebate.cu/noticias/2023/02/01/que-pasa-con-la-conexion-etecsa-responde/>. Acessado em 27 de setembro de 2023.

²⁰⁷Oliveira recorre à Bert Hoffman para explicar a contradição da Lei Torricelli em relação à investimentos nas áreas de telecomunicações em Cuba: (...) a "lei Torricelli" de 1992 pavimentou o caminho para a promoção de comunicações bilaterais individuais entre os Estados Unidos e a ilha, como forma de "buscar a transição pacífica para a democracia" (U.S. Congress 1992, Sec. 1703). Ao mesmo tempo em que reforçava as sanções dos EUA contra Cuba em outras áreas, a lei Torricelli suspendia seletivamente sanções até então existentes sobre as telecomunicações e o serviço de correios para a ilha, afirmando que: "Serviços de telecomunicações entre os Estados Unidos e Cuba devem ser permitidos. Infraestruturas de telecomunicações estão permitidas na quantidade e qualidade necessárias para providenciar serviços de telecomunicações eficientes e adequados entre os Estados Unidos e Cuba. (...) O serviço de Correios dos Estados Unidos devem tomar as ações que forem necessárias para providenciar um serviço postal direto de e para Cuba (...) (U.S. Congress 1992, Sec. 1705, e-f). Entretanto, estava explicitamente excluído do relaxamento das sanções qualquer "investimento dos Estados Unidos na rede doméstica de telecomunicações dentro de Cuba. (ibid.)". (HOFFMAN, 2004, p. 157-8, apud. Oliveira, 2019, p. 140)

Hoffman, o "acordo de compartilhamento de receitas acabou se tornando uma importante fonte de divisas para Cuba". (OLIVEIRA, 2019, p. 140-141)

Desde a implementação da internet em Cuba até 2020, a ETECSA apresentou ganhos crescentes com “exportação de serviços de telecomunicações”. Nos últimos anos esses ganhos escalaram, atingindo o patamar mais alto em 2020, com receita superior a 800 milhões de dólares, representando a segunda maior fonte de ingressos advindos de serviços exportados pelo país – cerca de 11,7% do total – ficando atrás apenas dos ingressos provindos de serviços de saúde e atenção social, serviço historicamente exportado por Cuba (ONEI. Anuário estatístico de 2020, p. 232). A maior parte deste serviço de telecomunicações exportado refere-se a recargas de linhas de celulares cubanas, feitas desde outros países. A ETECSA mantém oficialmente convênio com três empresas estrangeiras que viabilizam as recargas internacionais: Ding, Transfer To e Vox Telecom²⁰⁸. As recargas de celulares desde o exterior representaram, principalmente durante os anos de 2019 e 2020, importante via econômica não só para a ETECSA, como também para muitos cubanos, cuja recarga, fruto de ajuda de parentes e amigos emigrados, se transformava em dinheiro vivo nas mãos dos beneficiados. Entretanto, em 2021, com a implementação da *Tarea Ordenamiento*, e a consequente explosão do dólar no mercado paralelo cubano, os ingressos provindos desse serviço despencaram – de 807 milhões para 159 milhões de dólares (ONEI. Anuário estatístico de 2020, p. 232).

A desvalorização não oficial do peso cubano empurrou aqueles que dependiam da ajuda de familiares e amigos no exterior a buscar outras vias para o auxílio financeiro, uma vez que as recargas transformadas em pesos por meio do câmbio oficial operada pela ETECSA passou a apresentar enorme perda de dinheiro em relação ao mercado paralelo de dólares. É possível que em 2022 a ETECSA tenha recuperado parte dos ganhos perdidos, com o estabelecimento do novo câmbio oficial – de 110 pesos para compra de cada dólar e 120 pesos a venda – sendo que a ETECSA passou a operar com câmbio próximos a 120 pesos por dólar. Entretanto, até junho de 2023 a ONEI não havia ainda publicado os dados referentes às exportações cubanas processadas no ano de 2022.

O processo de implementação da infraestrutura necessária para o serviço de internet no país contou, em 1996, com o apoio da empresa estadunidense *Sprint Corporation*, que forneceu

²⁰⁸ Informações disponíveis no site da ETECSA: <https://www.etecsa.cu/es/promocion-cuenta-nauta>. Acessado em 27 de setembro de 2023.

a Cuba uma conexão via satélite de 64 kbps²⁰⁹. Posteriormente, com a aproximação dos governos de Cuba e Venezuela, foi realizado, em 2013, o projeto que interliga a rede de internet entre os dois países – além de conectar também a Jamaica – por meio de cabeamento submarino de fibra ótica:

Quem então assumiu o projeto foi o consórcio Alcatel-Lucent que, pago pela Venezuela, ligou o país a Cuba, aproveitando para conectar a Jamaica no caminho, a pedido do Parlamento de Kingston. O projeto passou cabos submarinos por uma distância de 1.552 km. A inauguração do equipamento estava prevista para 2011, mas só aconteceu em 2013. (OLIVEIRA, 2019, p. 146-147)

A partir deste feito avançou a internet distribuída individualmente em Cuba, via rede telefônica – a chamada internet “discada” –, além de impulsionar a instalação de pontos de conexão pública, mas não gratuita, em centros de trabalhos e praças do país.

Os atuais problemas de conexão na Ilha, atribuídos ao congestionamento das redes e necessidade de expansão da infraestrutura, conforme mencionamos anteriormente, visam ser amenizados com o outro projeto de cabeamento em andamento, chamado *Arimao*. Este projeto interliga, também por meio de cabeamento submarino, Cuba à Martinica. Segundo noticiado pelo periódico *Cubadebate* em janeiro de 2023:

Este proyecto se concreta a partir de un acuerdo entre Etecsa y la compañía francesa Orange, su instalación se llevó a cabo desde el barco cablero Pierre de Fermat, a través de dos mil 500 kilómetros, y de forma paralela a su instalación se llevó a cabo la construcción de una estación en Cienfuegos

²⁰⁹Oliveira conta que, antes disso, em 1992, já havia uma rede de conexão em operação em Cuba, graças aos acordos estabelecidos com os Estados Unidos, a chamada Infomed, que tinha por objetivo “garantir aos médicos cubanos acesso a artigos científicos e a um correio eletrônico que possibilitasse trocas e parcerias universitárias, em uma tentativa de segurar no país o capital humano, que emigrava maciçamente para escapar à crise dos anos 90” (2019, p. 141). A respeito do acordo com a empresa Sprint Corporation, a autora escreve: “Esse reordenamento do bloqueio abriu precedente para que, em 1996, o OFAC (Office of Foreign Assets Control) – a agência do Tesouro Estadunidense responsável pela fiscalização das restrições econômicas do embargo – desse autorização para que a Sprint Corporation (que se fundiria à Nextel em 2005) montasse a infraestrutura necessária para que Cuba tivesse acesso à internet. A condição era que tais conexões fossem exclusivamente dedicadas à troca de informações, ficando proibida sua utilização para a realização de transações financeiras. À época, a Sprint forneceu a Cuba uma conexão satelital de 64 kbps, a um custo mensal de US\$ 10 mil, em um acordo que deveria obrigatoriamente ser renovado a cada mês” (Ibidem.)

*para los servicios técnicos que le darán vitalidad a la conexión*²¹⁰.

A reportagem em questão noticia a chegada do cabo de fibra ótica a seu destino na Martinica. Ademais, destaca as declarações de Rodrigo Malmierca Díaz – ministro do *Comercio Exterior y la Inversión Extranjera* – via Twitter:

Instalación del cable submarino ARIMAO por empresa francesa Orange unirá #Cuba y #Martinica creando condiciones para mejorar servicios de @ETECSA_Cuba. Los que nos bloquean nos acusan de no llevar la Internet a población. #RevolucionCubana trabaja para el pueblo. #MejorSinBloqueo. (Ibidem.)

Ao mesmo tempo que o ministro ressalta a criação de condições para melhorar os serviços da ETECSA, ele se preocupa em responder as acusações de não levar a internet à população, feitas por aqueles que os bloqueiam, afirmando que a Revolução cubana trabalha para o povo. Para além da abstrata acusação a que se refere o ministro, há questões postas à implementação e disseminação da internet no país que podem ser abordadas por diversos prismas. Todos eles, no entanto, sinalizam para a contradição em processo no que se refere ao monopólio do Estado em relação ao controle de informações e mecanismos de falseamento do mundo, que se contradizem diante das formas de reprodução social cada vez mais crítica. Nesse sentido, a disseminação e desenvolvimento da internet no país aparece no discurso oficial como mais uma necessidade social dificultada pelo bloqueio, todavia, além de ser manejada como negócio pela ETECSA, é ideologicamente controlada como questão de segurança nacional.

Oliveira (2019, p. 143) lida com essa contradição recorrendo ao pesquisador e professor da Universidade da Califórnia Larry Press, o qual afirma que a questão do desenvolvimento da internet em Cuba aponta para o “dilema do ditador”, a respeito da “apreensão do governo em relação à livre circulação de informações”. Assim, tal dilema se constituiria no “desejo de usufruir dos benefícios da abertura da tecnologia comunicacional sem enfrentar a ameaça da instabilidade política” e completa: “Como dar às pessoas acesso à informação por uma melhor saúde, educação e comércio, enquanto se bloqueia a informação política?” (PRESS, 2011 apud. Oliveira, 2019, p. 143). Nesse aspecto, Oliveira afirma, de acordo com as informações

²¹⁰Autoridades de Cuba elogian avance de cable submarino hasta Martinica | Cubadebate. Disponível em: <http://www.cubadebate.cu/noticias/2023/01/10/llega-a-martinica-cable-submarino-emp-orange/>. Acessado em 27 de setembro de 2023.

apresentadas por Press, que em 1995, “o governo cubano teria optado por reduzir os investimentos em infraestrutura doméstica como forma de controlar o acesso à internet”. Essa medida difere do caminho tomado pela China, a qual investiu em infraestrutura de telecomunicações ao mesmo tempo em que desenvolveu “mecanismos de controle da internet” (ibid.). Oliveira destaca que isso foi possível no país asiático graças a sua “força econômica”. (Ibid.).

A temática do controle das informações e das redes de telecomunicações pelo Estado cubano – que perpassa a política econômica da ETECSA – encontra-se, dessa maneira, inserida na problemática do socialismo enquanto forma crítica de gestão concentrada do capital. Nesse sentido, Debord desenvolve a noção de “espetacular concentrado”, ressaltando seu caráter burocrático como uma espécie de “técnica de poder estatal” comum, mas não exclusiva, às economias socialistas (2011, p. 42):

O espetacular concentrado pertence essencialmente ao capitalismo burocrático, embora possa ser importado como técnica de poder estatal em economias mistas mais atrasadas, ou em certos momentos de crise do capitalismo avançado. De fato, a propriedade burocrática está concentrada, no sentido em que o burocrata individual só tem relação com a posse da economia global por intermédio da comunidade burocrática, como membro dessa comunidade. Além disso, a produção das mercadorias, ali menos desenvolvida, também se apresenta sob uma forma concentrada: a mercadoria que a burocracia controla é o trabalho social total, e o que ela revende à sociedade é a sobrevivência como um todo. A ditadura da economia burocrática não pode deixar às massas exploradas nenhuma margem significativa de escolha, pois ela teve de escolher tudo. Qualquer outra escolha que lhe seja exterior, referente à alimentação ou à música, representa a escolha de sua destruição completa. Essa ditadura tem que ser acompanhada de violência permanente. A imagem imposta do bem, em seu espetáculo, recolhe a totalidade do que existe oficialmente e concentra-se normalmente num só homem, que é a garantia da coesão totalitária. Com essa vedete absoluta é que todos devem identificar-se magicamente, ou desaparecer. Porque se trata do senhor de seu não consumo, e da imagem heroica de um sentido aceitável para a exploração absoluta, que é de fato a acumulação primitiva acelerada pelo terror. Se cada chinês tem de aprender Mao e, assim, tornar-se Mao, é porque não há outra coisa para ser. Onde o espetacular concentrado domina, a polícia também domina. (DEBORD, 2011, p. 42-43)

Embora não estejamos de acordo com a ideia de que a forma espetacular concentrada serve ou serviu à exploração do trabalho enquanto acumulação primitiva, o autor apresenta uma série de elementos importantes para se pensar a forma espetacular concentrada da reprodução socialista em Cuba.

A respeito da burocracia – objeto de crítica em vários autores, marxistas e neoliberais – Debord estabelece a relação entre o burocrata individual e a “comunidade burocrática”, a qual permite ao burocrata agir como detentor da economia global, legitimado pelo próprio aparato do Estado. O autor pontua que a principal mercadoria controlada pela burocracia é “o trabalho social total” (ibid.). Nesse sentido, é possível pensar o “trabalho social total” tanto em relação à força de trabalho cubana, quanto às mercadorias produzidas no país. Nas primeiras décadas da Revolução cubana, a descrição de Debord sobre a economia burocrática característica do espetacular concentrado parece explicar os sentidos tomados pelo Estado em relação a forma de controle social, sobretudo diante da chamada “ofensiva revolucionária”, realizada em 1968 pelo governo.

Debord não tem dúvidas em afirmar o caráter ditatorial da economia burocrática: se o espetáculo “considerado em sua totalidade” constitui “a afirmação onipresente da escolha já feita na produção, e o consumo que decorre dessa escolha”, em sua forma concentrada, é a própria economia burocrática quem escolhe pela população, sob o risco de outras escolhas representarem “sua destruição completa” (2011, p. 14-15). Nesse aspecto, o autor ressalta a “violência permanente”, inerente a esse sistema, acompanhada pela imposição da imagem espetacular “do bem” concentrada na figura de “um só homem” que garante uma “coesão totalitária” (ibid., p. 42). Debord cita Mao como exemplo dessa figura heroica, que configurou a forma espetacular concentrada da revolução chinesa, legitimando a “exploração absoluta” apresentada pelo processo de modernização da China. Analogamente, é possível pensar em Fidel Castro, como a representação heroica – a qual todos devem identificar-se – e, ao mesmo tempo, “senhor” do “não consumo” em Cuba. A representação de Fidel como líder máximo da Revolução cubana permanece sendo explorada pela mídia oficial, conforme mencionamos anteriormente, sobretudo pelo PCC, que procura ressaltar a todo momento sua orientação fidelista²¹¹. Passados 17 anos da transferência de poder de Fidel para Raúl Castro, e após 7 anos

²¹¹Conforme abordaremos no capítulo 4, a nova Constituição cubana aprovada em 2019 declara abertamente a identidade fidelista do PCC, em meio a referência martiniana – de José Martí – além do clássico par marxista e leninista, comum às economias concentradas: “*El Partido Comunista de Cuba, único, martiniano, fidelista, marxista*”

de sua morte (Fidel faleceu em novembro de 2016), o “senhor” do “não consumo” cubano desapareceu, sem, no entanto, desaparecer sua figura fantasmagórica como representação espetacular da Revolução. O que permanece desde os tempos de Fidel Castro, todavia, é o conteúdo negativo e fetichista da reprodução social cotidiana, que aparece continuamente enquanto escassez de mercadorias e de consumo. Díaz-Canel não pôde assumir o posto da vedete senhoril: ele é um burocrata individual reconhecido pela “comunidade burocrática”, escolhido por Raúl Castro e pelo PCC como continuador da economia concentrada, e só por isso “tem relação com a posse da economia global” (Debord, 2011, p. 43).

Em vista disso, a crise fundamental das categorias do capital em Cuba é acompanhada pela crise de representação do sistema socialista no país, que conferia algum sentido aos aspectos negativos da socialização espetacular concentrada. Dessa maneira, a dominação policialesca – própria a essa forma – vem à tona, junto com a escassez, como a principal referência de continuidade de um processo que a todo momento é chamado de revolucionário.

Lefebvre (2009) ao descrever o movimento teórico que vai da teoria das crises à teoria das catástrofes, referente ao modo de produção estatista moderno, menciona um processo que chamou de “queda dos referenciais”. Embora o autor situe historicamente esse processo do ponto de vista da totalidade mundial, como “o desabamento dos pontos de referência comumente aceitos pelo pensamento europeu desde 1910” (Lefebvre, 2009, p. 139)²¹², pensamos que suas elaborações trazem elementos significativos para se refletir sobre a crise de representação da Revolução cubana após a morte de Fidel e a saída da família Castro do comando político direto de Cuba. Sobre os efeitos sociais dessa perda, o autor escreve:

A queda dos referenciais certamente favoreceu a extensão da arbitrariedade do signo até a autonomia do linguístico, considerado como equivalente do mundo, com o “espetáculo colocado no lugar do real objetivo, tido como seu equivalente por convenção” (Cf. Introduction à l’analyse textuelle¹, por R. Laffont e F. Gardès, Madray,

y leninista, vanguardia organizada de la nación cubana, sustentado en su carácter democrático y la permanente vinculación con el pueblo, es la fuerza política dirigente superior de la sociedad y del Estado” . (Constitución de la República de Cuba, 2019)

²¹²Sobre os referenciais que entram em crise após 1910, Lefebvre (2009, p. 139) pontua: “[...] a tonalidade na música, como a perspectiva na pintura e o espaço euclidiano newtoniano; assim também a família com a imagem do Pai, como a história, como a cidade, como a cosmologia tradicional e a filosofia, com Deus e o Ser e a Verdade. O Logos entra no estado crítico. Até esse momento, as linguagens se implicavam na prática social com as referências. Desde então, a linguagem se destaca delas, adquirindo valor em si e por si. Assim se dissolvem as obras do Logos, pressagiando a dissolução do próprio Logos europeu”.

Paris, 1976). Essa mesma queda pôde facilitar a promoção do Estado moderno permitindo as substituições, os jogos de equivalências, as transferências de identidades, (...) privilegiando o discurso político. (LEFEBVRE, 2009, p. 140)

Desviando a noção de “queda dos referenciais” de Lefebvre (2009, 1991) enquanto movimento histórico da totalidade, podemos pensar a particularidade cubana, no sentido de que a Revolução estabeleceu um processo de modernização nacional que conferia determinada coesão e coerência formal ao discurso de Estado. Essa coesão era conformada na realidade por meio de uma política de preços subsidiados e gratuidades – em relação a mercadorias e serviços considerados básicos – que configuravam o caráter socialista do Estado cubano. O contexto social das primeiras décadas da Revolução se erigiu pautado em referenciais comunicáveis – ainda que fetichistas –, a partir do encadeamento de signos que denotavam um processo em curso no país. Nesse sentido, a figura de Fidel Castro foi se constituindo como signo central, desde a guerrilha, sendo orbitada pelas figuras de outros guerrilheiros, principalmente Camilo Cienfuegos, Che Guevara e Raúl Castro. Além dessas figuras, outros momentos da modernização cubana assumiram status de signos revolucionários, tais como a Sierra Maestra, 26 de julho²¹³, o iate Granma... A coerência formal das primeiras décadas da Revolução, é preciso salientar, foi mantida sob o terror da ameaça constante de invasão e guerra por parte de um inimigo externo – os Estados Unidos, no contexto da Guerra Fria – simultaneamente à produção de padrões sociais e signos internos conformados por meio de identidades forjadas na violência do trabalho e do patriarcado, mediadas pelo terror do Estado, conforme discutimos no capítulo 2.

O processo revolucionário das primeiras décadas, enquanto fundamento da modernização periférica cubana, culminou na transformação de diversos signos da revolução em símbolos pátrios, sobretudo frente às constantes crises que acometeram o país, até a queda da URSS. Dentre as notórias conversões ocorridas nesse processo está a cunhagem do peso cubano, primeiro com a figura de Camilo Cienfuegos – em 1961, nas notas de 20 pesos – e, em 1983, Che Guevara passou a estampar as notas e moedas de 3 pesos cubanos²¹⁴. A imagem cunhada nas notas de 3 pesos reproduz a icônica foto que Alberto Korda tirou de Che Guevara em 5 de março de 1960, na ocasião da explosão do barco francês *La Coubre* no porto de Havana.

²¹³ Movimento da juventude de Fidel Castro inspirado nas ideias de José Martí, que gerou o ataque ao quartel de Moncada, na província de Santiago de Cuba, em 26 de julho de 1953.

²¹⁴ Segundo informações do museu numismático de Havana.

Tal foto ganhou notoriedade mundial em 1967, cerca de um mês após a morte de Che, quando o editor italiano Gian Giacomo Feltrinelli apresentou em Milão a foto cedida por Korda em um poster de 1,70 metros. Após essa apresentação, o editor vendeu cerca de um milhão de exemplares da foto em 3 meses (ROSS, 2022).

Imagens 2 e 3:



Imagens 2 e 3: Foto da nota de 3 pesos com a imagem de Che Guevara emitida em 1983. Museu numismático de Havana. Por Ana Sylvia Maris, em 8 de junho de 2023.

No final da década de 1960, diante dos acontecimentos bélicos e protestos que ocorriam mundialmente em relação a guerras e invasões sob o pano de fundo da Guerra Fria, a imagem de Che Guevara capturada por Korda passou simbolizar uma perspectiva socialista, advinda sobretudo do movimento estudantil, que contrastava, em certa medida, com a posição soviética. Sobre o assunto, Gott escreve:

Os "acontecimentos de Paris", uma rebelião jovem que se espalhou por universidades em todo mundo, ecoava a militância da revolução cultural de Mao Tsé-tung, desencadeada na China dois anos antes. Centenas de estudantes foram mortos na Cidade do México em setembro, durante um ataque da polícia contra uma manifestação, antes da abertura dos Jogos Olímpicos. Essas revoltas tiveram causas específicas locais, mas a oposição à guerra norte-americana contra o Vietnã era um tema comum, assim como o apoio à Revolução Cubana de Castro, a Alexander Dubcek e à Primavera de Praga. Cartazes de Guevara eram uma presença notável em todas as manifestações estudantis de 1968. A foto de Korda do comandante guerrilheiro de boina tornou-se uma imagem icônica de protestos em escala global (GOTT, 2006, P. 267).

Em vista disso, a imagem de Guevara transcende o contexto cubano como símbolo espetacular da revolução. Em Cuba, a icônica imagem de Che Guevara passou a figurar nas notas de 3 pesos em 1983, conforme apontamos, no momento histórico em que a aproximação do país em relação à União Soviética começa a dar os primeiros sinais de crise, com a morte de Brejnev²¹⁵. Em 1993, em pleno Período Especial, essa mesma imagem – reproduzida em uma imensa escultura de aço de 16 toneladas – é afixada ao edifício do Ministério do Interior, situado na *Plaza de la Revolución* em Havana, com a conhecida frase do guerrilheiro: "*Hasta la victoria siempre*". Além de muros, esculturas, bandeiras e dinheiro – como signo de valor – a imagem de Guevara passou a ser reproduzida em uma miríade de souvenirs, dentro e fora de Cuba, mas principalmente dentro da ilha. Desde a década de 1990, com o desenvolvimento do turismo no país como alternativa econômica diante do colapso da URSS, camisetas, bonés, chaveiros, carteiras, dentre tantas outras mercadorias, passaram a ofertar essa imagem-símbolo enquanto possibilidade de consumo espetacular da revolução e do socialismo cubano em crise.

²¹⁵De acordo com Gott (2006, p. 307) esse período foi marcado pela perda da "garantia de defesa soviética, vigente desde a crise dos mísseis em outubro de 1962". Dessa forma, afirma: "Os problemas para os cubanos começaram com Andropov, líder soviético após a morte de Brejnev em novembro de 1982. Enquanto Brejnev investira na consolidação do relacionamento soviético com Cuba por mais de 20 anos, Andropov iria desfazer grande parte do seu trabalho". Gott explica que, ao mesmo tempo em que o sistemas de mísseis nucleares soviéticos foram excluídos junto com as estruturas militares das forças armadas soviéticas na Ilha, a URSS aumentou enormemente a entrada de armas convencionais soviéticas, graças a um acordo de fornecimento "a preços relativamente baratos". . Nesse sentido, o autor completa: "(...) carecendo de garantia soviética, Raúl começou a organizar a defesa cubana nos termos de uma 'guerra popular' de resistência a um possível ataque americano. Para a Revolução, a mobilização de toda a população substituiria a confiança antes depositada na ajuda soviética" (Ibid. p. 308).

A queda dos referenciais pensado por Lefebvre (1991, p. 122) inclui o advento da eletricidade, acompanhado de inovações aparentemente funcionais e técnicas que penetram a cotidianidade modificando-a, e modificando inclusive a própria percepção sobre ela. Nesse sentido, desviando uma vez mais da elaboração de Lefebvre, podemos pensar no processo de disseminação da internet em Cuba simultaneamente ao momento de crise fundamental do capital, em que a crise de representação que acomete o Estado cubano nos últimos anos escala e se potencializa. Ademais, tal noção nos permite refletir sobre as formas pelas quais as transformações das últimas décadas seguem reiterando e atualizando o discurso da Revolução, explorando-a como signo e manejando seus símbolos, a partir de um “jogo de equivalências” que preenche a narrativa política atual. Contudo, a impossibilidade da manutenção da política de preços subsidiados e a precarização absurda dos serviços gratuitos em Cuba, acirrada pela política econômica da *Tarea Ordenamiento*²¹⁶, implementada em 2021, levou à queda vertiginosa da Revolução e de seus símbolos como referencial cotidiano de coesão social. O discurso e narrativa de continuidade da Revolução, agora somente como discurso, visa garantir a permanência do Estado cubano, segundo uma política de partido único, cada vez mais violenta e controladora, no momento do colapso da revolução.

3.4 – “La dictadura del algoritmo”

*"O facto de eu ser paranóico está longe de querer dizer
que não esteja a ser perseguido".
(Woody Allen Apud. KURZ, 2007)*

A disseminação da internet em Cuba, conforme viemos apontando, encerra uma conflituosa contradição em relação à reprodução do capitalismo burocrático, enquanto espetacular concentrado reinante na ilha. Ao mesmo tempo que seu desenvolvimento aparece como ferramenta fundamental de trabalho, conexão, conhecimento e consumo inerentes ao mundo contemporâneo globalizado, sua disseminação individualizada aparece como risco à manutenção do discurso estatal historicamente hegemônico no país. Além disso, é possível reconhecer o temor do Estado Cubano a respeito de possíveis mudanças políticas advindas de processos catalisados pela internet. Tal temor se torna evidente no documentário intitulado de *"La dictadura del algoritmo"* produzido pelo Ministério da Cultura da República de Cuba,

²¹⁶ Trataremos desse assunto no próximo capítulo.

dirigido por Javier Gómez Sánchez, lançado nacionalmente na rede de televisão, e pelo canal do Cubadebate no Youtube, em 4 de junho de 2021, pouco mais de um mês antes dos protestos de 11 de julho que assolaram o país.

Antes de analisarmos brevemente o documentário, gostaríamos de retomar alguns poucos momentos em que a internet catalisou uma determinada crítica interna em relação ao discurso espetacular concentrado produzido pelo Estado cubano.

Em janeiro de 2007, Oliveira (2019, p. 148) aponta que ocorreu "um dos episódios mais emblemáticos da penetração dos meios virtuais na vida política cubana", evento que ficou conhecido como "guerra dos emails". Sobre o acontecido, a autora escreve:

[...] artistas cubanos promoveram um protesto virtual de extensão internacional contra uma homenagem promovida pela televisão estatal Cubavisión a Luis Pavón Tamayo, que havia comandado o Conselho Nacional de Cultura (CNC) entre 1971 e 1976, durante o chamado quinquênio cinzento, quando a censura se abateu fortemente sobre intelectuais e artistas da Ilha – não apenas sob acusações de atividade contrarrevolucionária, mas também por “desvios morais” como homossexualidade e “outras fraquezas ideológicas”. (OLIVEIRA, 2019, p. 148).

A chamada "guerra dos emails" impulsionou, dessa maneira, uma série de críticas ao governo revolucionário – sobretudo às primeiras décadas da Revolução – que estavam soterradas na memória e subjetividades forjadas positivamente pelo discurso totalitário e totalizante do Estado. Oliveira (Ibid.) considerou que a aparição de Pavón Tamayo foi decisiva para o que chamou de "uma série de revisionismos do quinquênio cinzento que vinha acontecendo desde o início de 2006". Tais revisionismos, de acordo com a autora, foram motivados pela aparição, ou ainda com a "reabilitação" midiática, de

[...] burocratas e censores como Jorge Serguera, ex-fiscal dos Tribunais Revolucionários e ex-diretor do Instituto Cubano de Rádio e Televisão, além de Armando Quesada, cuja função na época era o expurgo de dissidentes no meio teatral. (OLIVEIRO, 2019, p. 148)

Assim, após a aparição de Pavón Tamayo em programa de televisão, que intencionalmente ocultou os aspectos altamente repressivos do período conhecido como

"pavonato", exaltando espetacularmente "suas contribuições à cultura cubana" (OLIVEIRA, 2019, p. 148, El país), Oliveira conta que "intelectuais de esquerda, dentro da Ilha" se articularam, inclusive por via virtual, para "exigir um pedido oficial de desculpas do governo". De acordo com a autora, a mobilização via internet atuou como "um rastilho de pólvora" que extrapolou o país, obrigando o Secretariado da União de Escritores e Artistas de Cuba (SUEAC) "a emitir uma nota compartilhando da 'justa indignação de um grupo dos nossos mais importantes escritores e artistas, como consequência de recentes transmissões (...) da televisão cubana'" (Ibid. p. 149). Ainda segundo a autora, "a classe artístico-intelectual considerou insuficiente o posicionamento oficial e deu início a um processo de escrutínio, não apenas do quinquênio cinzento, mas do atual estado da Revolução Cubana". Em vista disso, a mobilização contra Pavón Tamayo foi o pontapé inicial para a construção de uma forma de crítica social interna que necessariamente teria de passar por meios virtuais, pelo ciberespaço da internet e, posteriormente, pelas chamadas "redes sociais", para se constituir como crítica. No entanto, os passos seguintes desse processo crítico, segundo Oliveira, foram fundamentados fora das redes, no Congresso de abril de 2008 da UNEAC (Unión de Escritores y Artistas de Cuba):

Os balanços críticos dos anos de chumbo (a “década cinzenta” de 1970) e a memória dos descontroles do “socialismo” real durante o Congresso da UNEAC em abril de 2008 foram os primeiros indícios deste despertar. Durante as 5 mil assembleias organizadas em centros de trabalho em 2007 se denunciou: a disparidade de recursos; o acesso ilegal a divisas; as dificuldades nos transportes públicos; a falta de professores e a precariedade de sua formação; a diminuição do número de médicos; a carência de serviços; a incompetência da administração pública; e a pequena corrupção “rasteira”. Expressou-se a exigência de uma maior participação popular nas decisões. As autoridades encorajaram estas críticas: “é assim que podemos avançar”, se dizia dentro do partido. (OLIVEIRA, 2019, p. 149).

Se num primeiro momento o partido pareceu acatar o processo crítico em marcha, sobretudo com as transformações da política econômica ensejadas por Raúl Castro, esse quadro se alterou sensivelmente uma década depois, com a eleição de Trump nos Estados Unidos e com a assunção de Díaz-Canel à presidência do Conselho de Estado e de Ministros em abril de 2018, ratificado como presidente da República de Cuba em 10 de outubro de 2019.

A crítica atual mais elaborada em relação a forma monopolística de controle estatal,

assim como a não garantia de direitos e liberdades individuais surgiu em 2018, sobretudo em oposição ao Decreto 349, a partir de um grupo de artistas, pensadores e profissionais independentes que formavam o chamado "Movimento San Isidro" ou "MSI"²¹⁷. Em linhas gerais, o Decreto 349 regulamenta contravenções “em matéria de política cultural e sobre a prestação de serviços artísticos” e impõe a presença de um “supervisor-inspetor” com poderes de suspensão dos eventos diante de supostas contravenções²¹⁸. Nesse sentido, ao questionar o decreto 349, o Movimento San Isidro questionava também o estancamento da política de liberação do trabalho por conta própria ensejada por Raúl Castro, principalmente em relação ao setor artístico, que se vê privado de vender livremente seus "produtos" e serviços artísticos, além de se encontrarem continuamente tutelados pelo Estado e sob censura, tal como nos primeiros anos da Revolução.

Em novembro de 2020, após a prisão e condenação sumária a 8 meses de detenção, por desacato, do cantor de rap e condutor de “bicitaxis”²¹⁹ Dennis Solís, alguns integrantes do Movimento San Isidro iniciaram uma greve de fome em protesto pela prisão, na sede do movimento, na rua San Isidro, em Habana Vieja. Conforme transmitido ao vivo nas redes sociais de alguns integrantes, além da confirmação da mídia independente cubana e internacional²²⁰, na noite do dia 26 de novembro, agentes da *Seguridad del Estado*, acompanhados de supostos funcionários da vigilância sanitária, invadiram a sede do movimento, sob alegação que havia ali uma pessoa chegada do estrangeiro que não estava cumprindo os protocolos de quarentena e cujo teste de PCR havia dado alterado. As cerca de 14 pessoas que estavam no local foram detidas, e Luis Manuel Otero Alcántara, artista visual considerado um dos líderes do movimento, foi mandado a um hospital em Havana. No dia seguinte, todos haviam sido liberados, com a exceção de Luis Manuel e Anamelys Ramos, que seguiam internados para realização de exames, no intento estatal de desmoralizar os

²¹⁷San Isidro é o nome de uma rua em Habana Vieja onde se concentrava a sede do movimento e onde residiam parte de seus integrantes.

²¹⁸Para mais informações, ver *Manifiesto San Isidro*, disponível em: https://www.14ymedio.com/cultura/Manifiesto-San-Isidro_CYMFIL20180917_0001.pdf. Acessado em 27 de setembro de 2023.

²¹⁹ “Bicitaxis” é um tipo de veículo muito comum em Habana Vieja e Centro Havana, além de outras cidades espalhadas pelo país, que consiste em dois assentos acoplados a uma bicicleta, conduzido por um homem, que oferece o serviço de transporte para pequenos percursos.

²²⁰ Sobre o assunto, ver: De la intervención policial en San Isidro a la protesta en el Ministerio de Cultura: 48 horas históricas en Cuba | e!TOQUE. Disponível em: <https://eltoque.com/de-la-intervencion-policial-en-san-isidro-a-la-protesta-en-el-ministerio-de-cultura-48-horas-historicas-en-cuba>. Acessado em 28 de setembro de 2023. Ver também: Lula em Cuba: Escassez econômica, êxodo migratório e repressão ameaçam ditadura castrista - Estadão (estadao.com.br). Disponível em: <https://www.estadao.com.br/internacional/lula-em-cuba-escassez-economica-exodo-migratorio-e-repressao-ameacam-ditadura-castrista/>. Acessado em 28 de setembro de 2023.

contestatários e demonstrar, por meio de análises clínicas, que eles não se encontravam em estado de inanição, e que a greve de fome era falsa.

No entanto, embora a internet no país tenha ficado instável em vários pontos da ilha na noite de 26 de novembro, a transmissão ao vivo da invasão policiaesca à sede provocou indignação popular, principalmente da camada artística, que se concentrou, no dia seguinte, em frente ao Ministério da Cultura em Havana, em protesto ao ocorrido. Os meios de comunicação independentes²²¹ apontam que cerca de 200 pessoas, dentre alguns artistas conhecidos, se encontravam diante do Ministério na noite de 27 de novembro, exigindo uma reunião com o Ministro da Cultura, Alpidio Alonso, que não estava em Havana no dia. Dessa maneira, esse novo movimento que começou como protesto e reivindicação pela soltura de Luis Manuel Otero e Anamelys Ramos, além de reafirmar a demanda pela libertação de Dennis Solis, se articulou a outras reivindicações, que passavam pela liberdade de expressão e de criação e fim da violência política à classe artística²²². Na madrugada do dia 28 de novembro, funcionários do Ministério da Cultura aceitaram receber uma comissão de 30 pessoas, representantes do movimento que ali se formou, para uma tentativa de diálogo²²³. Apesar do momento histórico inédito na vida política cubana desde o início da Revolução, o que parecia ser um avanço no sentido da luta por direitos, constituiu-se, no dia seguinte após a reunião da comissão artísticas com funcionários do ministério, uma campanha sistemática de ataques midiáticos e veiculação do movimento aos interesses estadunidenses de desestabilizar o país, empregada pelo Estado.

Anamelys Ramos e Luis Manuel Otero Alcantara foram libertados dias depois, no entanto, passaram a ser constantemente vigiados pela polícia e novas câmeras foram instaladas na rua San Isidro. Em janeiro de 2021 Anamelys Ramos emigrou para o México. No final do

²²¹ Ibid.

²²² Informações presente em artigo da mídia cubana independente El toque - DE LA INTERVENCIÓN POLICIAL EN SAN ISIDRO A LA PROTESTA EN EL MINISTERIO DE CULTURA: 48 HORAS HISTÓRICAS EN CUBA. 28 de novembro de 2020. Disponível em: <https://eltoque.com/de-la-intervencion-policial-en-san-isidro-a-la-protesta-en-el-ministerio-de-cultura-48-horas-historicas-en-cuba>. Acessado em 28 de setembro de 2023.

²²³ Segundo periódico El toque, os resultados da discussão com a comissão que adentrou ao Ministério, podem ser resumidos em sete pontos: “*Abrir un canal de diálogo entre las instituciones y los artistas; Las autoridades culturales se interesarán con urgencia sobre las situaciones de Denis Solís y Luis Manuel Otero Alcántara; Desarrollo de agenda de trabajo múltiple con todos los artistas; Revisión de la declaración de la AHS; Se declara una tregua con los espacios independientes donde se reúnen los artistas, que no serán hostigados; El ministro se reunirá con los artistas el jueves o viernes de la semana próxima; Las autoridades dan garantías de que no habrá consecuencias para los que han participado en la reunión frente al ministerio*”. El toque - DE LA INTERVENCIÓN POLICIAL EN SAN ISIDRO A LA PROTESTA EN EL MINISTERIO DE CULTURA: 48 HORAS HISTÓRICAS EN CUBA. 28 de novembro de 2020. Disponível em: <https://eltoque.com/de-la-intervencion-policial-en-san-isidro-a-la-protesta-en-el-ministerio-de-cultura-48-horas-historicas-en-cuba>. Acessado em 28 de setembro de 2023.

mês de abril de 2021, Alcántara declarou em suas redes sociais que se encontrava novamente em greve de fome, dessa vez por conta da destruição e confisco de algumas obras suas por autoridades do Estado, além do acosso e constante vigilância policial que vinha sofrendo²²⁴. A polícia chegou a interditar parte da rua San Isidro, impedindo o trânsito e entrada de não moradores. Pouco tempo depois, em 2 de maio, autoridades policiais e médicas invadiram a casa de Alcántara e o levaram ao hospital Calixto Garcia, em Havana, numa verdadeira operação de guerra que bloqueou durante dias, a principal via de acesso ao hospital.

Em 3 de maio de 2021, o *Noticero Estelar* (Canal *Cubavision*) reafirmou, por meio do apresentador Humberto López, que o Movimento San Isidro era composto de contrarrevolucionários financiados pelos Estados Unidos. Alcántara e Ramos foram acusados de fomentar uma “cultura democrática” que vai contra os princípios revolucionários do país, sendo pagos por agentes externos que, sob a justificativa dos direitos humanos, se portavam como “*amos de la verdad*”²²⁵. Anamelys Ramos foi identificada como “provocadora” e acusada de traidora da própria causa, uma vez que se foi de Cuba no princípio do ano e agora seguia, por meio das redes sociais, com a tentativa de derrubar a Revolução cubana. As denúncias contra Alcántara foram mais longe: Para provar a falsidade da greve de fome declarada pelo artista, o noticiário cubano expôs em rede nacional o que seria os resultados de análises clínicas realizadas em Luis Otero Alcántara. Segundo López, os resultados dos exames do artista falavam por si só: Alcántara se encontrava em ótimo estado de saúde, sem sinais de desnutrição:

²²⁴ *Luis Manuel Otero Alcántara: autoridades de Cuba irrumpen en la vivienda del artista opositor que realizaba una huelga de hambre y lo trasladan a un hospital* - BBC News Mundo. Disponível em <https://www.bbc.com/mundo/noticias-america-latina-56966449>. Acessado em 29 de outubro de 2023.

²²⁵ O discurso oficial do Estado cubano afirma que Luis Manuel Otero Alcántara, assim como outros integrantes do movimento San Isidro, são financiados e administrados pelo Instituto Nacional Democrático dos Estados Unidos, “um centro de estudos dirigido pela ex-secretária de Estado Madeleine Albright” (PRESS, 2021). Disponível em [Artista dissidente cubano recebe alta após 29 dias hospitalizado | Mundo | G1 \(globo.com\). https://g1.globo.com/mundo/noticia/2021/05/31/artista-dissidente-cubano-recebe-alta-apos-29-dias-hospitalizado.ghtml](https://g1.globo.com/mundo/noticia/2021/05/31/artista-dissidente-cubano-recebe-alta-apos-29-dias-hospitalizado.ghtml). Acessado em 28 de setembro de 2023.

Imagem 4

The image is a screenshot of a Facebook video. On the left, there is a black and white portrait of a man with a beard and a necklace, identified as Luis Manuel Otero Alcántara. To the right of the portrait is a list of clinical test results in yellow text on a dark blue background:

Hemoglobina	-	16.8
Glicemia	-	5.6
Ácido úrico	-	9.71
PH en sangre	-	7.15
(Acidosis en ayuna)		
Hematocritos	-	0.51
Plaquetas	-	300
Leucocitos	-	7.8
Eritro	-	5
Creatinina	-	NORMA

Below the list, a yellow box contains the text: "No se constatan signos de desnutrición". In the bottom left corner, there is a logo for "ESTELAR" with a blue and red arrow and the time "8:24:24". In the bottom right corner, there is a small inset image of a man in a suit.

Imagem 4: Captura de tela (24'14") do vídeo referente ao programa *Noticero Estelar*, transmitido no dia 3 de maio de 2021. Disponível em rede social oficial do Cubadebate:

<https://www.facebook.com/cubadebate/videos/210464970601296>. Acessado em 21/05/23.

Dessa maneira, o apresentador afirmava a existência de uma “farsa circense” que não se encerrava em Alcántara, se estendendo a todos que lhe faziam coro, os quais formavam um “rosário de manipulações”, enganos, pagamentos e subordinações a seus “amos” imperialistas. Além da exposição dos exames clínicos de uma pessoa sem o seu consentimento ser considerada uma violação de privacidade, prática condenável em vários países²²⁶, a afirmação do saudável estado de saúde de Luis Manuel se baseava, segundo o apresentador, no alto índice

²²⁶ Segundo informações presentes em, Luis Manuel Otero Alcántara: autoridades de Cuba irrumpen en la vivienda del artista opositor que realizaba una huelga de hambre y lo trasladan a un hospital - BBC News Mundo. Disponível em: <https://www.bbc.com/mundo/noticias-america-latina-56966449>. Acessado em 28 de setembro de 2023.

da hemoglobina. Entretanto, no país que apresenta mais médicos formados no mundo, em relação ao tamanho de sua população, o equívoco da interpretação e tentativa de manipulação dos resultados não tardou a aparecer nas redes sociais²²⁷.

Nesse sentido, principalmente a programação da televisão cubana, assim como outros meios de comunicação estatal, seguiram numa campanha agressiva contra os artistas contestatários, como forma de justificar as detenções, multas e coerções exercidas a quem se organizava criticamente.

É preciso lembrar que em 2021 a pandemia de COVID 19 assolava o mundo. A estratégia estatal cubana de enfrentamento da pandemia certamente impediu que o número de mortes fosse maior no país. Cuba produziu, neste período, cinco tipos de vacinas contra COVID 19 em menos de um ano, aplicadas à população como regime de intervenção sanitária²²⁸. A pandemia de COVID-19 revelou o avançado nível de desenvolvimento nas forças produtivas médicas científicas que Cuba se encontrava, a despeito da escassez de insumos e bloqueio econômico. O desenvolvido sistema de saúde cubano, do ponto de vista estrutural e enquanto lógica social, junto ao controle exercido pelo Estado no sentido de fechamento de fronteiras internas, suspensão de atividades escolares, acadêmicas e públicas em locais fechados, regulamentação de uma série de protocolos sanitários a ser seguidos por estabelecimentos abertos, aplicação de multas e sanções pelo não cumprimento das medidas e, principalmente, pela testagem em massa e isolamento obrigatório gratuito²²⁹ de infectados e suspeitos de contaminação, fizeram com que Cuba tivesse uma das menores taxas de infecção e mortes por essa doença no mundo, até o mês de julho de 2021. Entretanto, desde abril de 2021, a quantidade de contaminados e mortos começou a subir num ritmo acelerado e, nas primeiras semanas de julho, os casos de contaminação mais do que dobraram em relação a maio de 2021. Para se ter uma ideia da escalada da pandemia no país, em 2020 morreram ao todo 145 pessoas por COVID

²²⁷ De acordo com o que me explicou seu Ramon, próxima à interpretação crítica apresentada em diversos *posts* em redes sociais, é que o nível em 7,15 do PH sanguíneo é um indicador muito preocupante, que caracteriza acidose sanguínea, um distúrbio de acidez metabólica, que pode gerar várias complicações ao funcionamento do corpo, sobretudo nos rins e coração. A acidose detectada, pode ter relação com longos períodos de inanição, segundo o que me informou o médico cirurgião cubano.

²²⁸ As vacinas cubanas desenvolvidas contra COVID 19 foram: Soberana 1, Soberana 2, Soberana Plus, Abdala e Mambisa. Tanto a Soberana plus quanto a Abdala completaram a fase de testes e ensaios em 2021 e passaram a ser aplicadas na população, mesmo sem registro mundial, como medida necessária de intervenção sanitária, dado o aumento da contaminação e número de mortes no país. Sobre o assunto, ver: <http://mesaredonda.cubadebate.cu/noticias/2021/06/03/hoy-en-la-mesa-redonda-ensayos-clinicos-estudios-e-intervencion-sanitaria-con-candidatos-vacunales-cubanos/>. Acessado em 28 de setembro de 2023.

²²⁹ Em 25 de agosto de 2021, Cuba contava com mais de 50 mil pessoas, entre casos positivos de COVID e suspeitos, isoladas em hotéis, alojamentos esportivos e universitários, dentre outras dependências estatais transformadas em centros de isolamentos, totalmente custeados pelo Estado. Informações disponíveis em <http://www.cubadebate.cu/noticias/2021/08/25/cuba-reporta-8-637-nuevos-casos-de-covid-19-y-96-fallecidos-video/>. Acessado em 28 de setembro de 2023.

19 em Cuba. Em 11 de junho de 2021 já havia morrido 1.057 pessoas pela doença e 8 pessoas só nesse dia. No dia dos protestos, em 11 de julho, o número de mortes por COVID já estava em 1.490, com 47 mortos só neste dia. Já em 11 de agosto, um mês depois, o número de mortes só nesse dia foi de 76, em um total de 3.608 falecidos no país em decorrência do coronavírus²³⁰.

No começo de julho de 2021, a província de Matanzas – onde fica *Varadero*, cidade com muitos hotéis e resorts que continuaram a receber turistas na pandemia, sobretudo russos – começou a dar sinais de colapso no sistema de saúde, com superlotação dos centros de isolamento, hospitais, escassez de insumos médicos, de remédios, inclusive de *Interferol*, poderoso retroviral cubano utilizado para tratamento dos enfermos por COVID 19. O número de mortos e contaminados disparou. Diante do colapso em Matanzas iniciou-se, por meio das redes sociais, primeiro uma campanha interna de mobilização supostamente para angariar alimentos e medicamentos para a província, mediante a hashtag SOS Matanzas. Em poucos dias essa hashtag evoluiu dentro e fora do país, virando #SOSCUBA. Como mecanismo de redirecionamento dos conteúdos que aparecem nas redes sociais, essa hashtag impulsionou as convocações para as manifestações e protestos do dia 11 de julho, que ocorreram em várias partes do país. O governo cubano acusa a utilização de *bots*, manipulação e interferência cibernética estrangeira e imperialista em tal ação virtualmente organizada.

O acesso à internet pelo celular, além de seguir uma clivagem financeira, dentre os que podem pagar por ela ou não, em alguma medida carrega também uma importante diferenciação etária, sendo os mais jovens muitas vezes os mais ativos usuários. A crítica ao sistema, ao Estado e ao Partido, aparecia principalmente na forma de *memes*, que satirizavam figuras públicas e a fala institucional, mas também em textos em redes sociais, em grupos de *Telegram* e em músicas e vídeos que circulavam no meio virtual. Uma música inclusive foi “lema” dos gritos populares durante os protestos de 11 de julho: “*Patria y vida*”²³¹. Aos gritos de “*Libertad*”, “*Abajo la ditadura*”, “*Patria y vida*”, “*Diaz-Canel singao*”, os manifestantes se concentraram e marcharam em pontos importantes de diversas cidades de Cuba. Além disso, houve também irrupções que resultaram em depredações e saques de poucos mercados em

²³⁰ Pesquisa feita segundo dados diários fornecidos pelo Ministerio de Salud Pública de Cuba, disponível em <https://salud.msp.gob.cu/>. Acessado em 2 de novembro de 2021.

²³¹ A canção “*Patria y vida*”, de Yotuel Romero, Descemer Bueno, Maykel Osorbo, Eliecer “el Funky” Márquez Duany, e o dueto reguetonero Gente de Zona, foi lançada em 16 de fevereiro de 2021. Além de ironizar o lema martiniano “*Patria o muerte*”, incorporado pelo socialismo, apresenta crítica aberta em direção ao fim do sistema e da chamada revolução. Videoclipe disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=pP9Bto5IOEQ>. Acessado em 28 de setembro de 2023. Em contrapartida, o Cubadebate, veículo estatal de comunicação, lançou o videoclipe da canção “*Patria o muerte por la vida*” como resposta artística ao pop rap criado após o evento de 27 de novembro de 2020. Este último está disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=Xu4Huw3i-IE>. Acessado em 28 de setembro de 2023.

MLC²³² ao longo do país, confronto com a polícia em várias cidades e intervenções do Comando Especial das forças de segurança interna do exército revolucionário, os chamados “boinas negras”, armados e preparados para atuar em situações de supostos conflitos internos e ações antirrevolucionárias.

No dia seguinte aos protestos, o presidente cubano convocou, em rede nacional televisiva, os revolucionários às ruas, para defender a revolução, o socialismo e a soberania do país, para horror da esquerda democrática internacional que esperava – e que ainda espera, prescrevendo em forma de análises – atitudes de escuta, por parte do governo, das demandas sociais trazidas pelas manifestações.

Pelo menos uma morte e centenas de prisões e espancamentos ocorreram no dia 11 e nos cinco dias que se seguiram aos protestos. Depois de mais de um mês do ocorrido, muitos presos foram liberados, graças às pressões feitas em redes sociais, segundo familiares dos detidos. Outros, porém, foram indiciados e seguiram presos até o julgamento. Segundo a ONG espanhola *Prisoners Defenders*²³³, de abril de 2021 a março de 2022, Cuba prendeu 1.027 pessoas por questões políticas, sendo 891 presas durante os protestos de 11 de julho. Na semana que se seguiu ao evento, o Estado chegou a prender 1.320 pessoas que foram às ruas, liberando uma parte depois de alguns dias, sem serem formalmente indiciadas. Um ano após os protestos de 11 de julho, 488 pessoas, dentre elas 55 jovens entre 16 e 18 anos de idade, haviam sido condenadas por delitos de sedição, desacato e desordem pública, sabotagem, roubo e atentado contra o Estado revolucionário e bens públicos, com penas que chegam a até 25 anos de reclusão²³⁴.

Após os protestos de 11 de julho, o Estado anunciou algumas medidas emergenciais para enfrentamento da crise: liberação (mediante pagamento de taxa fixa de 30 dólares por cada bagagem de 23 quilos) da quantidade de bagagens de viajantes que chegarem nos aeroportos de Cuba, até 31 de dezembro de 2021; liberação das *libretas* daqueles que se encontram fora de seu município de registro (cerca de 200 mil pessoas voltaram a ter acesso ao benefício); promoção de dados móveis vendidos pela ETECSA (como resposta às reclamações referentes aos cortes de internet); Aumento da cota de arroz da *libreta* até o final do ano; distribuição dos chamados “*módulos*” de comida para além da *libreta*, resultado de doações internacionais;

²³² MLC é a sigla de *Moneda Libremente Convertible*. Trataremos do assunto no próximo capítulo.

²³³ Informações disponíveis em: <https://www.prisonersdefenders.org/2022/04/07/1204-prisioneros-politicos-en-cuba-en-12-meses-presos-politicos/>. Acessado em 28 de setembro de 2023.

²³⁴ Informações obtidas em: Novos condenados por protestos em Cuba recebem penas de até 18 anos de prisão | Mundo | G1 (globo.com). Disponível em: <https://g1.globo.com/mundo/noticia/2022/06/22/novos-condenados-por-protestos-em-cuba-recebem-penas-de-ate-18-anos-de-prisao.ghtml>. Acessado em 28 de setembro de 2023.

aprovação de legislação contra o chamado "ciberterrorismo" e suspensão do preço fixo da carne de porco²³⁵.

Luis Manuel Otero Alcantára foi liberado depois de 29 dias de hospitalização, sendo mantido incomunicável durante todo período de internação, segundo a família. Em 11 de julho de 2021, quando estava saindo de casa para se juntar aos protestos, foi preso novamente e no ano seguinte sentenciado a cinco anos de prisão por "*delitos de ultraje a los símbolos de la patria, desacato y desórdenes públicos*". Outro integrante do movimento e um dos autores da canção "*Patria y vida*", Maikel "Osorbo" Castillo Pérez, detido dias antes dos protestos, foi condenado a nove anos de prisão pelos delitos de "*desacato, atentado, desórdenes públicos y difamación de las instituciones y organizaciones, héroes y mártires*"²³⁶.

Interferência VI

O Estado cubano não admite críticas e oposições internas, elas são imediatamente tratadas como contrarrevolucionárias, ligadas ao imperialismo norte americano: "Aquí solo hay negro o blanco, no hay gris"; ouvi essa frase de um jovem em Centro Habana quando conversávamos sobre o Movimento San Isidro, quando ele me explicava sobre a atitude do Estado em relação ao movimento e a necessidade do governo em transformar a todos que manifestam críticas internas como colados ao inimigo ianque primordial.

Anotações de campo, julho de 2023

Mesmo antes de acontecer os protestos de 11 de julho de 2021, a televisão cubana, além de acusar opositores de mercenários a serviço dos Estados Unidos, expondo dados pessoais e supostos documentos incriminatórios dos envolvidos, iniciou uma campanha do ódio e perseguição contra toda crítica à situação social cubana veiculada pela internet, via redes sociais ou imprensa independente.

No princípio de junho de 2021, a televisão cubana e os canais do Cubadebate nas redes

²³⁵ Desde a reforma de preços ditada pela *Tarea Ordenamiento*, em janeiro de 2021, a carne de porco encareceu no mercado paralelo, e depois desapareceu com a fiscalização estatal de preços, junto com o fechamento de várias carnicerias particulares que não estavam conseguindo se manter com os novos preços estipulados. Com a suspensão do preço fixo em agosto de 2021, a carne de porco assumiu o preço em que vinha sendo vendida no mercado paralelo, além de reaparecer como mercadoria vendida em carnicerias particulares reabertas. Sobre o assunto, ver: <https://noticiascubanas.com/2021/08/18/el-adios-a-los-precios-topados-cuba-prueba-a-medias-la-formula-vietnamita/>. Acessado em 28 de setembro de 2023.

²³⁶ Informações transmitidas em artigo do Cubadebate, disponível em: [/noticias/2022/06/24/informan-sobre-proceso-penal-donde-fueron-juzgados-los-ciudadanos-luis-manuel-otero-alcantara-y-maikel-castillo-perez/](https://noticias/2022/06/24/informan-sobre-proceso-penal-donde-fueron-juzgados-los-ciudadanos-luis-manuel-otero-alcantara-y-maikel-castillo-perez/). Acessado em 28 de setembro de 2023.

sociais apresentaram um vídeo documentário produzido pela empresa estatal RTV comercial, em parceria com o Ministério da Cultura de Cuba, intitulado “*La dictadura del algoritmo*”²³⁷. O documentário foi construído entorno de uma sucessão de falas de diferentes pessoas, dentre professores universitários e especialistas de diversas áreas do conhecimento, jornalistas, um músico, uma professora de artes do ensino básico, um estudante universitário, além do próprio Ministro da Cultura de Cuba. As falas organizadas constroem uma narrativa acerca da mudança da forma de comunicação interpessoal com o advento da internet e das redes sociais. Nesse sentido, o documentário vai pintando um cenário selvagem de disputas de narrativas que se estabelece nas redes sociais, em que pessoas se sentem confortáveis em atacar outras pessoas e instituições estatais, coisa que, ao vivo, não o fariam. As falas pontuam o caráter irracional das redes sociais, que buscam reações emotivas de seus usuários ao invés de promover reflexões aprofundadas. Com isso, é ressaltado que a maior parte dos usuários da internet apenas reproduzem conteúdos, sem terem consciência das agências e veículos de imprensa que financiam a produção desses conteúdos. Em vista disso, o documentário caminha para uma dupla crítica: por um lado, critica a aparência de livre circulação de informações e opiniões via internet, salientando a técnica algorítmica como produção de “bolhas” de conforto, em que os usuários são bombardeados apenas com conteúdos manipulados segundo seu perfil social; por outro, destaca que as informações veiculadas por organizações supostamente independentes circulam muito mais rápido e acessam uma quantidade maior de pessoas do que os conteúdos produzidos pelos órgãos e instituições estatais, uma vez que o volume de dinheiro investido por esses diferentes setores é extremamente desigual. Se pontua que os problemas sociais de Cuba, resultados do longo período de bloqueio econômico, são manipulados e utilizados como recurso para se intentar provocar e alimentar a insatisfação e desordem no país. Assim, o documentário repõe, agora em outros termos, a noção de que toda crítica à reprodução social cubana que circula na internet é mercenária, uma vez que há um investimento da CIA e de órgãos internacionais de imprensa interessados em desestabilizar o governo revolucionário cubano. Quem a reproduz está mal-informado, ou confundido, pelo bombardeio de mensagens que colonizam subjetividades, segundo a fala de Jorge Enrique Torralbas, psicólogo e professor da *Universidad de La Habana*. O documentário termina com a seguinte frase de Guevara, escrita em branco sobre fundo negro: “*Y no te olvides nunca que detrás de cada técnica hay alguien que la empuña, y que esse alguien es una sociedad, y que com esa sociedad se está, o se está*”

²³⁷ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=TVornWcWTA&t=17s>. Acessado em 28 de setembro de 2023.

contra a ella.”.

Diante do exposto, O documentário *La dictadura del algoritmo* procura atribuir ao algoritmo, como técnica desenvolvida pelas empresas capitalistas dos países centrais, sobretudo com sede nos Estados Unidos, a pecha de ditadura. Não há nenhuma fala desalinhada da narrativa central. Nesse aspecto, o documentário expressa a narrativa Estatal que justifica e legitima a política de controle aos conteúdos políticos que circulam nos meios virtuais, e que reconhece como jornalistas e profissionais de imprensa somente aqueles que trabalham para os meios estatais de comunicação. Além de ser transmitido em horário nobre na televisão cubana em junho de 2021, partes do documentário são constantemente reproduzidas por reportagens produzidas por veículos oficiais de imprensa, retransmitindo a fala de especialistas sobre a internet e o algoritmo como nova técnica imperialista de ataque à Revolução cubana.

Em agosto de 2021, Cuba aprovou o Decreto número 35 contra crimes cibernéticos, que regulamenta 17 tipos de delitos, segundo uma qualificação de “níveis de periculosidade”, que vão de “médio” a “muito alto”, dependendo do risco que a infração represente para a segurança nacional²³⁸. Segundo texto do decreto replicado pelo Cubadebate, um dos objetos de regulação do decreto visa:

*[...] elevar la ciberseguridad para salvaguardar que el uso de los servicios de telecomunicaciones/TIC y del espectro radioeléctrico no atenten contra la Seguridad y la Defensa Nacional, el Orden Interior o en acciones dirigidas a ocasionar afectaciones o perjuicios a terceros.*²³⁹

Nesse sentido, a “subversão social” é considerada um delito de altíssima periculosidade. Não há nenhuma menção em todo decreto sobre mecanismos a serem desenvolvidos sobre a verificação da veracidade das informações, ou ainda da possibilidade da constituição de qualquer organização civil que fiscalize os meios virtuais, somente as punições e sanções que podem ser atribuídas em caso de verificação de delito.

O decreto número 35 regulamentou a prática de controle e perseguição à produtores e reprodutores de conteúdos críticos ao governo cubano nas redes sociais que já vinha ocorrendo no país, desde 2020. Dessa maneira, o humor e zombaria a figuras políticas cubanas, que

²³⁸ Informações disponíveis em: LIMA, 2021 - 'Lei da mordaza?': as novas normas em Cuba que criminalizam quem fala mal do governo nas redes sociais - BBC News Brasil . Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-58280506>. Acessado em 28 de setembro de 2023.

²³⁹ Informações disponíveis em: <http://www.cubadebate.cu/especiales/2021/08/23/la-constitucion-y-el-decreto-ley-35-de-las-telecomunicaciones-primera-parte/>. Acessado em 28 de setembro de 2023.

todavia vinha se disseminando até então, passou a ser formalmente considerada um delito sujeito a sanções e prisão. O controle da internet e do ciberespaço, legitimada pela legislação contra ciberterrorismo, permitiu que a internet e as redes sociais atuassem como novos dispositivos de controle estatal. Contraditoriamente, o monitoramento das redes sociais e controle da conexão do país pela ETECSA fomenta a negatividade interna à cotidianidade, já sem canais de escape e expressão. Ademais, impulsiona também críticos ao governo cubano mundo a fora.

Após o recrudescimento das sanções aos usuários que veiculassem conteúdos de crítica política, os *memes* cubanos passaram a utilizar trocadilhos e expressar indiretamente o escárnio e crítica aos eventos cotidianos ditados pela crise de reprodução cubana.

Em relação à interferência IV que abriu o presente capítulo, os *memes* que satirizavam a reportagem sobre Marianao revelam os conteúdos do que tem se tornado uma alternativa catastrófica de reprodução social, para uma camada crescente da população, para enfrentar a crise e a repressão vividas em Cuba.

Figura 3:

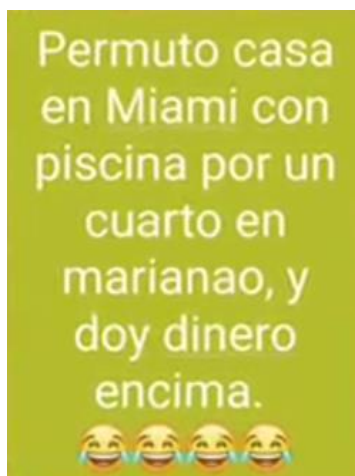


Figura 4:

Una duda, en que parte de Guyana queda la embajada de Mariano ??

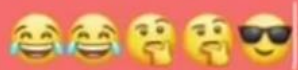


Figura 5:



Figura 6:

Primeros inmigrantes cruzando el RIO QUIBU , para entrar a MARIANAO!!!!



As figuras 3 a 6 são alguns exemplos do que estamos chamando de “*meme*”, que circularam nas redes sociais de alguns cubanos com os quais nos relacionamos no trabalho de campo, no contexto da popularização da sátira à reportagem apresentada na interferência IV. O conteúdo catastrófico que se apresenta como alternativa à reprodução social cubana, é a emigração, sobretudo para os Estados Unidos, em grande parte dos casos realizadas de forma ilegal por vias perigosas, que põe em risco a sobrevivência dessa população. A violência e o terror desse processo são expressos com humor, tragicômico, nas redes sociais daqueles que estão vivendo essa experiência de maneira pessoal ou bem próxima de seu cotidiano, uma vez que nos últimos dois anos a emigração de cubanos se converteu num processo massivo, no maior êxodo da história de Cuba desde a instauração do governo revolucionário. Marianao é retratada, tal como na reportagem do *Libre Acceso*, como uma alternativa de destino migratório, melhor que Miami e os Estados Unidos de forma geral. Além disso, também expressa a trajetórias daqueles que passam por vários países, buscando as embaixadas dos países de destino final em outros países pelos quais atravessam (figura 4).

No próximo e último capítulo retomaremos o processo de emigração dos últimos anos como momento fundamental do colapso da Revolução cubana, e do caráter catastrófico da reprodução social do país, após a pandemia.

4. Crise fundamental do capital e o caráter catastrófico da reprodução do capitalismo em Cuba

Interferência VII

Voltei de Cuba para o Brasil dois dias antes das manifestações que marcaram o domingo dia 11 de julho de 2021 em todo país, depois de quase 3 meses na Ilha fazendo trabalho de campo da minha pesquisa de doutorado. As notícias, imagens e vídeos dos protestos parecem ter me empurrado para o abismo que vislumbrava quando ainda estava em Cuba. Fiquei muito preocupada, sobretudo com meus amigos que moram em Centro Habana. O governo cortou a internet do país, durante ao menos cinco dias consecutivos, para tentar conter a organização dos protestos via redes sociais virtuais. Agora a internet está funcionando, com algumas suspensões esporádicas. A terrível sensação de incerteza e impotência compõe agora o caldo de reflexões que ainda fervem em mim.

[...]

A situação em Cuba está muito difícil, principalmente em Havana e nas grandes cidades. Acho que poderia nomear ao menos três páginas de dificuldades cotidianas enfrentadas só na capital do país (onde passei todo período dessa última viagem porque as fronteiras internas estavam fechadas devido à pandemia). Ouvi dizer que nas cidades menores a circulação das poucas mercadorias e serviços mediados pelo Estado está mais “organizada”; imagino que deve haver outros problemas, por agora não tenho como falar disso. A dificuldade mais geral e visível de todas é a escassez de comida pra comprar e aumento de preço dos itens da libreta. Escassez que fez com que, em alguns dias, meu amigo de Centro Habana e eu jantássemos arroz com manga e um copo de iogurte de soja. E foi nesse município de Havana que construí conversas e convivências mais profundas, mesmo estando formalmente hospedada em Cerro. Pra quem não tem ideia da geografia de Havana, Centro Habana faz fronteira com Habana Vieja, parte histórica e mais turística da capital, com a Plaza de la Revolución (mais especificamente com o bairro Vedado) e com o Cerro.

Havana foi uma cidade murada de 1671 até 1863. O famoso Cañonazo das 21 horas, que escutamos tão bem de Centro Habana, é realizado até hoje e historicamente marcava o horário de fechamento dos portões da cidade, que só reabriria as 4h30 da madrugada do dia seguinte. Naquela época, quem não entrasse até aquele horário teria de passar a noite fora da cidade, nas áreas rurais junto à população crioula, indígena e campesina, ou, a partir do século XVIII, na chamada cidade “extramuros”, que englobava zonas rurais empobrecidas, mas também fincas e solares aristocráticos, extensos trapiches com zonas de comércio de mel e rapadura ao redor, além de pequenos moinhos de tabaco e alambiques de cana-de-açúcar. Hoje, 21 horas é o horário do toque de recolher imposto pelo Estado para fazer frente à pandemia, mas em Centro Habana muitas pessoas continuam nas ruas depois das 21h, seja porque a casa é muito quente e pequena, seja por causa dos mosquitos, seja para conversar com os vizinhos, seja pelo puro prazer da insubordinação... Algumas determinações estatais são ali experimentadas como negação.

Centro Habana, município entre Havana Vieja e o Vedado, principalmente (este último tem esse nome porque até quase a metade do século XX era vedada a entrada de negros e pobres não serviçais), margeava o muro da cidade pelo lado de fora, e é, até hoje, o lugar mais degradado do ponto de vista arquitetônico e estrutural da cidade. Até a metade do século XIX nesta localidade havia majoritariamente casinhas de madeiras de serviçais e da mão de obra livre que trabalhava dentro e fora dos muros, além dos trapiches do século XVII e dos pequenos moinhos e alambiques do século XVIII. Depois vieram também as construções do período da

República Intervenida, as que mais rápido se deterioraram. Conheci pessoas em Centro Habana que moram em pequenas casas ou em edifícios de antigos hotéis da década de 1940, transformados atualmente em habitação popular privada, que não tem água encanada há 30 anos. Essas pessoas em geral são mulheres (a maioria negras), mães solteiras e seus filhos, já crescidos e com família, ou não, e idosos. Além de todas as dificuldades cotidianas, ainda há a dificuldade de acesso à internet, por ser cara e por exigir um aparelho celular minimamente moderno. A crise por lá, enquanto dificuldade de acesso a coisas, não é de agora. Era em Centro Habana que eu justamente conseguia me desconectar das redes no período em que estive pelo país. Primeiro porque a internet lá (3G e 4G) sempre pegava mal, segundo que não é todo mundo que tem internet ou tem celular. Era lá que as coisas eram vendidas nas ruas, e as pessoas estavam nas ruas atrás das mercadorias, nas filas, conversando, brigando e brincando em meio à crise e o cochambre. Foi lá que refugiei meu desejo pequeno burguês de repetição e cotidiano, que dão sensação de afeto, pertencimento e segurança, e também onde pude sentir o outro disso quando, por exemplo, houve uma denúncia (feita por um vizinho) de que havia duas casas em Centro Habana recebendo ilegalmente uma turista. Depois de uma resenha burocrática, consegui me explicar legalmente. Foi lá então que eu também senti medo e a opressão do estado policial segundo sua versão clássica socialista: a de vigilância e denúncia vicinal. Foi lá que eu vivi contraditoriamente o cotidiano confinado da pandemia, se é que aquilo se pode chamar de cotidiano e de confinamento: quiçá minha presença “turística” possa ter impossibilitado qualquer aproximação dessa experiência. Foi lá também que vi livros de Marx, Engels e as obras completas de Lenin jogados em uma lixeira, literalmente na lata do lixo da história. Resgatei alguns, os mais secos, o resto já tinha sido molhado pelo chorume.

Fragmento de texto-relato realizado após trabalho de campo em Cuba, entre abril e julho de 2021²⁴⁰.

4.1 - O chamado *Período Especial*

Com a dissolução da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS), ocorrida no início da década de 1990, e do socialismo em praticamente todos os países do leste europeu e

²⁴⁰ RIBEIRO, A. S. M. Sobre os protestos de 11 de julho em Cuba: Primeiras reflexões sobre a crise a partir do trabalho de campo, 2021. Disponível em: https://www.academia.edu/60882193/Sobre_os_protestos_de_11_de_julho_em_Cuba_Primeiras_reflex%C3%B5es_sobre_a_crise_a_partir_do_trabalho_de_campo. O texto foi disponibilizado para os participantes e ouvintes do seminário “Interloquções Brasil – Cuba: Diálogos entre pesquisadores” – realizado entre 27 de novembro a 7 de dezembro, em formato online, pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. Escrevi esse texto para servir de base à discussão apresentada por mim no evento.

do continente africano que o adotaram, Cuba experimentou uma profunda crise econômica e social denominada por Fidel Castro como *Período Especial em Tempos de Paz*, popular e internacionalmente conhecida apenas como Período Especial (GOTT, 2006, p. 325). A crise se manifestara de diversas formas na sociabilidade e território cubanos, principalmente na forma de escassez de alimentos, bens de consumo básicos, bens de capital, além da escassez de combustíveis fósseis. Segundo Carrazana (2016, p.9-12), no período de 1989 a 1993, cerca de 80% de toda importação cubana simplesmente desapareceu com o fim dos mercados tradicionais socialistas mediados pelo Conselho para o Auxílio Mútuo Econômico (CAME)²⁴¹.

Como país membro do CAME desde 1972, Cuba vinculava a sua economia estreitamente ao bloco soviético. (GOTT, 2006, 308). De acordo com o ex-ministro de Economia de Cuba, José Luís Rodríguez García, “os países socialistas forneciam 85% dos produtos importados por Cuba e eram o destino de 80% das exportações feitas pela ilha” (CARVALHO, 2017, p. 121). Com o colapso do bloco soviético, o PIB do país “diminuiu 2,9 por cento em 1990; 10 por cento em 1991; 11,6 por cento em 1992; e 14,9 por cento em 1993” (GOTT, 2006, p. 323), totalizando uma queda próxima a 35% em quatro anos. Nos anos seguintes, entre 1994 e 1995, a economia cubana contraiu cerca de mais 20% (IRAMINA, 2017, p. 45). A crise se desenvolveu, inicialmente, com a interrupção das importações de petróleo soviético, sendo flagrante no cotidiano e na paisagem do país as transformações advindas dessa forma:

A extensão da crise logo ficou visível nas cidades e nos campos de Cuba. Carroças puxadas a cavalo substituíram os carros e caminhões; meio milhão de bicicletas circulavam nas ruas de Havana, cortesia dos chineses; 300 mil juntas de bois substituíam 30 mil tratores soviéticos (GOTT, 2006, p. 323)

Houve escassez de todos os tipos de produtos: de gasolina para os ônibus e energia para as usinas – o que provocou apagões de dezoito horas por dia [...]. (IRAMINA, 2017, p. 45)

Grande parte das importações soviéticas para Cuba era de víveres: com seu colapso, Cuba foi obrigada a saldar as importações com este país, assim como com os outros antigos países membros do CAME, em dólares, de 1990 em diante. Frente a crise, a prioridade das

²⁴¹Internacionalmente chamado de COMECON (*Council for Mutual Economic Assistance*).

importações cubanas voltou-se sobretudo a alimentos e bens de primeira necessidade²⁴². Embora a importação de suprimentos essenciais de víveres tenha caído pela metade entre 1989 e 1993, a compra de alimentos no estrangeiro passou a absorver uma parcela crescente das divisas do país, enquanto as divisas destinadas a outras importações (fertilizantes, eletrodomésticos, peças de reposição, entre outros) diminuíram drasticamente. Mesmo assim, a subnutrição alastrou-se por Cuba (GOTT, 2006, p. 324).

Os feitos históricos da revolução e do socialismo cubano nas áreas de saúde e educação gratuitas se mantiveram criticamente, mas a austeridade econômica se abateu sobre toda a população, com racionamento de todos os tipos, fechamento de pequenas fábricas e usinas, e migração de milhares de cubanos das áreas urbanas para as rurais, a fim de se produzir comida nos campos em que antes se produziam açúcar e se criavam gado (*Ibid.*). As migrações em Cuba não ocorreram somente internamente: diante das dificuldades econômicas, muitos cubanos deixaram o país, emigrando principalmente para os Estados Unidos (IRAMINA, 2017, p. 45).

Em discurso à *Asemblea Nacional del Poder Popular* no final de 1993, Fidel Castro justificava a permanência do socialismo como sistema de governo no país principalmente com base nas críticas ao bloqueio norte americano²⁴³ e ao novo momento de crise do capitalismo presente na América Latina, denunciada pelo antigo chefe de Estado como imposição internacional de transformações de caráter neoliberais, cujo processo identificava-se com a chamada “globalização” (GOTT, 2006, p. 329). Segundo a acusação de Castro, esse processo fora responsável por aprofundar dramaticamente as desigualdades sociais nos países periféricos, empobrecendo a grande massa de trabalhadores (*Ibid.*).

Nesse sentido, Castro apontava o limite da dinâmica capitalista que se apresentava na era da chamada “globalização”, enquanto processos neoliberais. Tais processos correspondiam a fenômenos de crise inéditos, experimentados por Cuba, mas também pelos antigos países socialistas e pelos países da América Latina e outros considerados de “Terceiro Mundo”, “subdesenvolvidos” ou ainda, “periféricos”, de maneiras bastantes distintas da vivida na Ilha. As medidas de abertura econômica e política na direção de uma desregulamentação financeira diante do mercado mundial, na década de 1990, bem como outros fatores que envolviam endividamento público simultâneos a processos de privatização e cortes de orçamentos de áreas

²⁴²Em nossa segunda visita ao país, em 2015, um taxista que nos levara de Havana à Cienfuegos nos informou que, durante o Período Especial, ele chegou a dividir a escova de dentes com o irmão durante longo tempo, por conta da escassez de produtos de primeira necessidade.

²⁴³A política interna cubana nomeia como *El bloqueio* a série de embargos que os Estados Unidos decretaram a Cuba desde outubro de 1960. Bloqueio porque representa um “embargo total” por afetar por décadas as relações de Cuba com diversos outros países (SANTOS, 2017, p. 235).

sociais em todo o mundo, não conduziram os países a um ciclo superior de desenvolvimento mediado pela produção de mercadorias, mas a processos de autodestruição como “degradação das relações sociais subjacentes” e o “desmoronamento dos conceitos”, inclusive o de Estado, pelo qual esta ordem se faz representar (KURZ, 2003). Segundo Harvey, nas últimas décadas do século XX, muitos teóricos marxistas passam a reconhecer as "forças da globalização" na criação de uma situação histórica inédita que "exigia um novo quadro de análise" (2004, p. 16).

A crítica ao neoliberalismo e aos processos identificados à globalização é objeto de intenso debate no marxismo tradicional²⁴⁴ e na geografia, uma vez que esses processos são compreendidos, de maneira geral, como a nova forma da acumulação capitalista e da dominação social de classe, do capital financeiro atrelado ao Estado, que se desenvolve espaço-temporalmente desde a década de 1970 (HARVEY, 2004, 2011). Entretanto, a consideração da particularidade da inserção de Cuba, como economia nacional planejada em crise, no mercado mundial "globalizado", conduz nossa pesquisa a encarar o modo de produção capitalista como totalidade contraditória em processo (SCHOLZ, 2009). O colapso do socialismo real, no início da década de 1990, abria a ferida da crise do capitalismo aparentemente remediada pela chamada globalização. Segundo Kurz,

[...] aquilo que é apregoado, sob o rótulo da globalização, como uma mudança à escala mundial positiva e detentora de um grande potencial para o futuro há muito que pode ser decifrado como o processo de desagregação do modo de produção e de vida prevalecente, o qual se bifurca num capitalismo minoritário global em vias de rarefacção, por um lado, e os seus produtos de barbarização, por outro (2003, sem paginação).

A crise econômica, política e social pelo qual atravessou o Brasil²⁴⁵ no mesmo momento do auge da crise do Período Especial cubano (1990-1993), nos traz elementos para analisar a relação entre a particularidade dos processos críticos de formação e modernização nacionais de cada país, diante da universalidade da crise enquanto colapso da modernização e sua forma de aparência conceitual, a globalização.

²⁴⁴ Os fundamentos teóricos de tal crítica se remetem à forma contraditória do capitalismo posta entre produção e apropriação da riqueza social, segundo Harvey, “O brilho do método dialético de Marx, reconhecido por exemplo por Arendt, consiste em mostrar que a liberalização do mercado – o credo dos liberais e neoliberais – não produz uma situação harmoniosa em que a condição de todos é melhor. Produz em vez disso níveis ainda mais elevados de desigualdade social (como de fato tem sido a tendência nos últimos trinta anos de liberalismo, particularmente em países como a Inglaterra e os Estados Unidos, que seguiram mais estritamente essa linha política).” (2004, p. 120).

²⁴⁵ A passagem da década de 1980 a 1990 no Brasil foi marcada, de forma geral, por inflação galopante, quebra da indústria nacional, saque da poupança individual privada, aumento da pobreza e miséria no país e impeachment do primeiro presidente eleito democraticamente após constatados casos de corrupção.

Embora, do ponto de vista mundial, no início da década de 1990 tenha ocorrido novos tipos de conflitos “econômicos, culturais e guerras de escala global que já não podiam ser “descritos com os conceitos tradicionais das políticas econômica, interna e externa” (KURZ, 2003), a discussão sobre a globalização apresentou uma série desses novos fenômenos, sem, todavia, conseguir superar o horizonte da contradição categorial do capital.

Do ponto de vista econômico, a crise posta com o fim das relações comerciais do antigo bloco socialista manifestara-se em Cuba, dentre outros fatores, enquanto necessidade premente de entrada de divisas que substituísse os ganhos obtidos sobretudo no comércio internacional de açúcar²⁴⁶ – principal produto de exportação cubana desde o período colonial – responsáveis por remunerar grande parte das relações de produção e trabalho na Ilha (GOTT, 2006). Ademais, durante a Guerra Fria, não foi só em relação ao comércio exterior que Cuba se beneficiou com a aproximação da URSS e do CAME, mas também de seu apoio militar e geoestratégico. De acordo com Santos e Vasconcelos (2017) coordenadores do grupo de pesquisadores brasileiros envolvidos no programa de extensão “Realidades Latino-Americanas”:

Durante a existência da União Soviética, Cuba se aproveitou das vantagens geopolíticas que obtinha com a Guerra Fria, por estar no encalço do seu principal adversário. Recebeu oferta barata de crédito e preços favoráveis para o petróleo. Nesse período, a ilha desenvolveu uma “dependência de novo tipo” com Moscou. Era uma relação que garantia vantagens econômicas de curto prazo, além de certa proteção, mas implicava desvantagens preocupantes no longo prazo. Isso permitiu que Cuba vivesse uma momentânea “igualdade na abundância” nos anos 1970 e 1980. Porém, quando a União Soviética caiu, em 1990, a pobreza emergiu novamente, mostrando a fragilidade e os limites da Revolução Cubana e, ao mesmo tempo, sua fortaleza popular: enquanto o socialismo real desabava, a ilha resistiu.” (Santos & Vasconcelos, 2017, p. 34)

Segundo a perspectiva político-teórica implícita aos artigos que compõem a obra dos pesquisadores brasileiros acerca dos dilemas da revolução cubana no século XXI, desde o

²⁴⁶Segundo Gott, “O preço médio obtido por Cuba em 1990 (com o açúcar vendido tanto ao bloco soviético como no mercado mundial) foi de 602 dólares por tonelada. Em 1992, o preço médio caiu bruscamente de 277 dólares por tonelada (em 1990) para 200 dólares, preço pelo qual Cuba foi obrigada a vender praticamente toda sua safra. A dimensão do desastre econômico foi sem precedentes para Cuba” (2006, p. 322). A diferença entre o preço médio obtido por Cuba em 1990 (602 dólares por tonelada) diferencia-se sensivelmente do preço médio do açúcar no mercado mundial desconsiderando o preço pago pelo bloco socialista (277 dólares por tonelada)”.

colapso soviético, o socialismo cubano “deixou de avançar para se defender” (Santos, 2017, p. 211). Nesse sentido, segundo Goyanna, o socialismo teria permanecido como sistema político e econômico no país devido a dois fatores principais e inter-relacionados: primeiro, em decorrência da relativa autonomia espacial cubana em relação à URSS e aos demais países da chamada “cortina de ferro”; segundo, a “legitimidade e liderança forte” como “resultado de uma revolução popular e autônoma, que procurou desenvolver em sua sociedade valores humanitários de defesa e igualdade e da soberania popular” (2017, p. 39-40). Nessa perspectiva:

A legitimidade se relaciona com o apoio popular ao regime socialista e, conseqüentemente, com a consciência política da população, que entende a necessidade de enfrentar sacrifícios quando se identifica com a causa. A liderança se refere à competência da direção revolucionária, uma vez que não foi uma tarefa fácil conduzir o país naquele contexto e, depois, preservar as principais conquistas da revolução” (GOYANNA, 2017, p. 40).

Influenciada pelos ideais de José Martí, que no século XIX pregou a independência em relação aos Estados Unidos e aos demais centros capitalistas, Cuba, apesar de mais vulnerável, também nutria relativa autonomia de Moscou, diferentemente da tutela a que estavam submetidos os países da Cortina de Ferro” (IBID. p. 39)

A forma da exaltação da identidade nacional cubana, assim como aos chamados “valores da Revolução”, ocupa um lugar importante nos processos de elaboração acerca da particularidade da sociedade cubana como socialista. Entretanto, tal perspectiva, comum ao pensamento teórico de orientação socialista, obscurece a negatividade dos processos contraditórios que levaram a sociedade cubana a reafirmar o socialismo enquanto sistema político estatal centralizado, ao mesmo tempo que tomava medidas de abertura econômica, como veremos adiante.

A crise que impulsionava o fim do socialismo real, e que se mostrava como globalização, desdobrava-se na forma de uma “ruptura estrutural ao nível das relações mundiais de mercado (globalização do capital), mas igualmente como ruptura estrutural ao nível do sistema político mundial (fim da soberania e do direito internacional)” (KURZ, 2003) e, justamente por conta de tais rupturas, é que a história de Cuba apresenta sua “especificidade particular” (OLIVEIRA, 2004), em manter um controle político centralizado e uma abertura econômica formalmente

burocrática e regulada²⁴⁷. Nesse aspecto, é necessário se ater sobre a forma de mobilização militarizada que a sociedade cubana assumiu desde a Revolução de 1959, a qual tratamos nos capítulos anteriores.

As Forças Armadas de Cuba tiveram uma importância fundamental na participação de guerras e conflitos postos em decorrência de movimentos de libertação nacional pelo qual atravessou diversos países do continente africano e latino-americano. Nesse aspecto, além de açúcar, Cuba era o país que “exportava a Revolução” (GOTT, 2006), em vários níveis, sobretudo como apoio militar, mas também como envio de profissionais altamente qualificados, principalmente nas áreas da saúde e educação, mandados em missões pelo Estado cubano, que podiam ter a duração de meses ou poucos anos, em terras alheias. A relação entre o socialismo cubano e a superprodução de trabalhadores complexos como ponto fundamental do nexo das relações de produção em Cuba e da “geopolítica periférica” que se estabelecia nessas articulações com outros países, é um ponto importante a ser observado. É preciso reconhecer que a atuação do Estado cubano junto a outros países esteve durante décadas, baseada no apoio político, econômico e militar da antiga URSS.

O fim do apoio militar soviético a Cuba, 20 anos em vigor desde a crise dos mísseis em outubro 1962, foi anunciado já na década de 1980, no ano seguinte após a morte do presidente soviético Brejnev, em 1982 (GOTT, 2006, p. 307). Contudo, a partir de acordo formalizado entre esses países – baseada na contrapartida oferecida à retirada gradual do apoio militar oferecido pela URSS – um maior número de armas soviéticas foi despachado a Cuba entre 1983 e 1990, em relação aos anos anteriores que perdurou o apoio militar (*Ibid.*, p. 308). Internamente, Raúl Castro, então ministro e general máximo das Forças Armadas de Cuba desde 1959, vinha organizando a defesa cubana segundo uma lógica de guerra popular como resistência a possíveis ataques norte-americanos, que de fato ocorreram nas décadas anteriores²⁴⁸. Fortalecendo a mobilização de toda população como forma de confiança na Revolução, as Forças Armadas cubana mantiveram e reforçaram essa forma militarizada de gestão da população na década de 1980, de modo a substituir a confiança depositada na defesa soviética, antes garantida, pela mobilização interna entorno da manutenção da forma

²⁴⁷ É preciso reconhecer que a China parece ter assumido também esse caminho, sendo que a aproximação entre esses dois países se tornou mais intensa justamente no Período Especial cubano.

²⁴⁸ Segundo Gott, “Ao longo dos anos 1960, vários grupos abertamente contra-revolucionários, com o apoio do Estados Unidos, tomaram parte em atividades terroristas, sustentando uma forma de guerra encoberta que manteve a ilha em estado de alerta máximo, mas sem nunca chegar perto de alcançar o objetivo de derrubar o governo” (2006, p. 351). O mais emblemático ataque frustrado contra o governo revolucionário cubano, com apoio declarado da CIA, foi a invasão da Baía dos Porcos, em abril de 1961.

centralizada de produção. Externamente, boa parte dessas armas estava sendo direcionada a Angola por meio dos mais de 50 mil soldados cubanos que lá encontravam-se em combate, em defesa do governo de José Eduardo dos Santos representante da MPLA (Movimento Popular de Libertação de Angola)²⁴⁹.

A identidade negativa existente entre concorrência, política e guerra é fundamental à compreensão de Cuba no contexto do capitalismo mundial como moderno patriarcado produtor de mercadorias, bem como a disputa pela “hegemonia planetária” como a história do capitalismo, enquanto constituição de uma totalidade contraditória (KURZ, 2003). Nesse sentido, não é possível de modo algum desprezar a relação de Cuba com os Estados Unidos, que desponta criticamente desde o final do século XIX, ganhando novos sentidos na chamada “*República intervenida*”, nas primeiras décadas do século XX, e estabelecendo-se, enfim, como o arqui-inimigo histórico imperialista, que ameaça a soberania cubana e de sua revolução, após 1959.

Com o final da Segunda Guerra Mundial, os Estados Unidos acumularam cerca de “dois terços das reservas de ouro mundiais”, o que implicava uma superioridade monetária correspondente à superioridade industrial norte-americana, frente aos países e capitais europeus devastados pela guerra. (*Ibid.*). De acordo com Kurz,

Com esta esmagadora capacidade económica por detrás, emergiu a partir da Segunda Guerra Mundial a "economia de guerra permanente" dos EUA, cuja indústria de armamento, força militar, armamento tecnológico continuamente desenvolvido e presença militar global (hoje em 65 países em todos os continentes) se tornaram rapidamente inalcançáveis para as restantes potências do centro capitalista ocidental. (2003)

Frente ao exposto, é possível considerar que a chamada Guerra Fria se constituiu como expressão importante dessa “economia de guerra permanente”, posta pelo desenvolvimento das forças produtivas da indústria bélico militar, principalmente dos Estados Unidos, todavia seguida de perto pela antiga URSS, que apareceu como opositora e alternativa histórica ao capitalismo e seus processos de modernização. Por hora, é importante salientar a estreita relação

²⁴⁹As tropas cubanas estiveram em dois momentos em Angola. Primeiro em 1975, auxiliando junto as tropas soviéticas, a uma primeira derrota dos ataques sul-africano apoiado pelos Estados Unidos; a segunda, doze anos depois, com os exércitos e financiamento soviéticos em retirada, em 1987, contra o avanço das forças guerrilheiras da UNITA (União Nacional para a Independência Total de Angola) de Jonas Savimbi, que contava com os mesmos apoiadores históricos. A vitória em Cuito Cuanavale (cidade angolana) do MPLA, apoiada pelas forças armadas cubana, sobre o ataque sul-africano “pavimentou o caminho para o fim do próprio *apartheid* na África do Sul.” (GOTT, 2006, p. 311-312)

que a União Soviética estabeleceu com os países periféricos que fizeram “Revoluções”, as quais desembocaram em Estados socialistas distintos entre si, mas que orbitavam o eixo político e econômico formado pelo bloco soviético, sobretudo nas décadas de 1960 e 1970, em que Cuba atuava como país estratégico na articulação das intervenções em países africanos e latino-americanos que intentaram a revolução.

A década de 1970 foi o período de maior aproximação entre Cuba e a URSS. Entretanto, a economia cubana começou a perder força na metade da década de 1980, sobretudo com a entrada do presidente reformista Gorbachev, em 1985, deixando para trás sua média de 4% de crescimento ao ano vivida na década de 1970. Em resposta a crise que se anunciava, em 1986 Fidel Castro apresentou um programa econômico a Cuba considerado conservador e “de comando popular”, um programa de austeridade contraposto as reformas encabeçadas por Gorbachev, que em 1988 resultaram na *Glasnost* e na *Perestroika*²⁵⁰. O programa econômico anunciado por Fidel envolvia a suspensão dos serviços da dívida com a URSS, bem como mecanismos para reestabelecer o controle centralizado do comércio exterior, além de uma campanha cubana para promover a exportação de produtos não tradicionais, isto é, outros produtos além do açúcar. Em outras palavras, tal programa correspondia a uma rejeição das experiências reformistas vividas na década anterior no país, subsidiada pela política econômica soviética. Ademais, no plano político e social, foi retomada uma perspectiva guevarista de sociedade moral para enfrentar a redução dos subsídios soviéticos e a tentativa de uma postura mais competitiva frente ao mercado internacional.

A substituição dos incentivos materiais pelos de cunho moral na segunda metade da década de 1980, enquanto retomada dos discursos de Guevara acerca do “homem novo”, foi uma postura que o governo de Fidel Castro tomou diante da nova crise que se formava. Nesse sentido, várias medidas adotadas poucos anos antes, no final da década de 1970, referentes a liberação de pequenos comércios, “mercados livres” de agricultores e artesãos, “bônus de motivação” nos salários por aumento de produtividade, venda, aluguel e construção de moradias privadas, foram abolidas na década seguinte em Cuba. Em contrapartida, a retificação no programa político econômico implantado em 1986 tinha como objetivo principal a produção interna de alimentos a custos menores do que os produzidos pelos mercados livres cubanos (GOTT, 2006, p. 309). A produção de comida mais barata por meio da centralização forçada da produção cubana, ainda na década de 1980, impediu que o desastre, do ponto de vista alimentar,

²⁵⁰Medidas de reforma do socialismo soviético que envolviam processos de abertura política e econômica, respectivamente.

fosse ainda maior, diante do colapso na década de 1990, segundo Gott (ibid.). Essa postura de austeridade imposta em 1986 à sociedade cubana contrasta substancialmente com os processos vividos no mesmo momento pelos antigos países socialistas do leste europeu, que experienciavam a enunciação da crise com reformas econômicas que visavam a abertura política e abertura para o “mercado capitalista”, sobretudo financeiro.

A década de 1980 foi o período da crise da dívida dos países de “Terceiro Mundo” e do consequente decreto de moratória em relação à dívida externa em diversos países, inclusive no Brasil, em 1985. Nesse contexto, o Brasil também viveu processos de racionamento, sobretudo de alimentos, e de expansão histórica de pobreza no país.

Em 1988 Fidel expressara que Cuba seguiria um caminho distinto daquele orientado pelas reformas conduzidas pela política econômica da URSS para o fim da chamada Guerra Fria. Segundo o então comandante em chefe do país, em discurso proferido na reunião do CAME em Bucareste:

Nós apoiamos sinceramente a política de paz da União Soviética, mas a paz tem diferentes significados em diferentes países. É quase certo que a maneira como o império [americano] concebe a paz é com os poderosos: paz com a União Soviética, mas não com os pequenos países socialistas, revolucionários e progressistas – ou simplesmente independentes – do Terceiro Mundo (*Apud*. GOTT, 2006, p. 310).

Em sua primeira e única visita à Havana em 1989, Gorbachev assinou em público, junto a Fidel, um acordo de cooperação com validade de mais 25 anos, entretanto, informara particularmente ao Partido que a política de preços subsidiados estava encerrada e que a dívida cubana para com os russos seria cobrada no futuro em dólares norte-americanos. (GOTT, 2006, p. 310). Nesse sentido, a crise interna resultante do anúncio do fim dos subsídios e parcerias econômicas com o bloco socialista foi tratada como um “problema de segurança” nacional, no caso de Cuba, com um inimigo exógeno determinado, os Estados Unidos.

No entanto, internamente, a sociedade cubana também encontrara seus inimigos nacionais: em 1989 o governo cubano processou e prendeu 14 membros do alto e médio escalão do Partido Comunista de Cuba (PCC) e das Forças Armadas do país, dois deles foram executados sob acusação de corrupção e tráfico de drogas (da Colômbia, utilizando como entreposto o aeroporto de Varadero, em Cuba, de onde supostamente se enviava cocaína para a Flórida através de lanchas). O caso teve grande repercussão nos Estados Unidos. Em Cuba, os

procedimentos dos julgamentos eram gravados durante a tarde e passados a noite na rede cubana de televisão. Entre os executados, estava o general Arnaldo Ochoa, figura importante nas intervenções cubanas nos conflitos da Venezuela, Nicarágua, Angola e Moçambique (GOTT, 2006, p. 314). Tais eventos representaram um questionamento em relação a idoneidade da Revolução e de seus dirigentes, além de mobilizar a sociedade cubana entorno de rumores de tentativas de derrubada do governo de Fidel Castro diante da crise, com as reformas internacionalmente anunciadas pela *Glasnost* e *Perestroika*, em curso pelo governo soviético de Gorbachev. Em todo caso, desenvolvia-se na forma mobilizada militarmente da população cubana uma intensificação das formas públicas de gestão do medo diante da crise, direcionadas a um inimigo externo comum, os Estados Unidos e, internamente, àqueles considerados “dissidentes”.

A construção ideológica do inimigo interno cubano na época do Período Especial não passava mais pela figura fetichizada do homossexual, “*blandengue*” ou *enfermito*, uma vez que o trabalho forçado, assim como a exploração geral de trabalho abstrato, mostrava-se obsoleta e não rentável, diante da economia mundial globalizada e financeirizada. Contudo a noção de parasitismo social, permaneceu agora descolado do jargão médico, sobretudo por meio da identificação do “dissidente” como *gusano*²⁵¹. Era considerado “dissidente” em Cuba, no Período Especial, quem tentava a qualquer custo deixar o país, além daqueles que formavam uma certa oposição interna ao regime, geralmente membros de uma camada profissional altamente qualificada que permaneceu na ilha após a Revolução, e que estava sendo atingida pela deterioração das condições econômicas do Período Especial de forma nunca experimentada (GOTT, 2006, p. 351). Além da crítica às condições econômicas, essas pessoas reclamavam da falta de debate interno a respeito dos rumos do país frente ao colapso do socialismo, em outras palavras, denunciavam o que entendiam como uma repressão e falta de liberdade política no país. Dentre os dissidentes, encontrava-se um grupo de economistas que entregou um documento de crítica à estratégia econômica do governo em 1997, no quinto congresso do Partido Comunista de Cuba. Quatro críticos foram enquadrados pela legislação de 1976, que previa punições a posições contrarrevolucionárias e foram condenados a quatro anos de prisão em 1999, por “incitar a agitação pública” e pôr a economia nacional “em perigo” (*Ibid.* p. 352). Devido a pressões internacionais (do Vaticano, Canadá e México), três dos condenados foram presos e logo em seguida soltos, somente um deles permaneceu preso até 2002, Vladimiro Roca, declarando oposição política ao governo cubano, respaldado em sua

²⁵¹ Gusano significa verme, em tradução livre.

conversão à Igreja Católica. Durante sua prisão, outros grupos opositores surgiram, a maioria atrelados à Igreja Católica e também aos exilados cubanos em Miami. Em 2003, 75 cubanos considerados dissidentes e membros das novas organizações de oposição recentemente surgidas foram presos e acusados de “colaboração com a potência inimiga” (*Ibid.* p. 354). Esse evento, somado à condenação e execução de três cidadãos cubanos acusados de sequestrar um barco das Forças Armadas Cubanas para chegar à Florida (eles foram capturados no caminho, pois o barco ficou sem gasolina), no mesmo ano (2003), compõem a legitimação das afirmações em relação a violações dos Direitos Humanos pelo governo cubano, que se apresenta como um dos principais motivos que afastava a União Europeia do país e do enfrentamento conjunto diante do bloqueio econômico imposto pelos Estados Unidos à Ilha, segundo Gott (2006, p. 356).

De acordo com a “Lei de ajuste Cubano” estadunidense, em vigor desde 1966, os cidadãos cubanos detêm um sistema especial de concessão de visto e permanência em território estadunidense em relação aos cidadãos dos demais países da América Latina e do mundo. Ao acessar essa lei, o imigrante cubano pode conseguir o visto permanente estadunidense com apenas um ano de residência no país ou “sob palavra” (*parole*), a partir de autorização fornecida a critério do procurador-geral dos Estados Unidos (*Ibid.*). Segundo a análise do *Granma*²⁵²:

Este tratamento preferencial que o sistema de imigração dos EUA não concede a qualquer outra nacionalidade, na verdade visa incentivar a emigração ilegal com objetivos desestabilizadores e é um complemento da aplicação do bloqueio econômico, comercial e financeiro (GÓMEZ, 2016).

Em 1995, após mais uma grande onda migratória de cubanos em direção aos Estados Unidos, ocorrida em agosto de 1994²⁵³, o governo norte americano anunciou uma nova medida política a compor a Lei do Ajuste Cubano, que ficou popularmente conhecida como a política dos “pés secos, pés molhados”. Segundo tal medida, o cubano que fosse resgatado no mar, ou mesmo os *balseros*, atravessadores de emigrantes cubanos até os EUA, se interceptados pela marinha norte americana, seriam enviados de volta a Ilha. Já os cubanos que conseguissem chegar em terra poderiam acessar a Lei de Ajuste Cubano e, na maioria dos casos, conseguir asilo automático (GOTT, 2006, p. 335). Segundo Vieira, “articuladas em Washington, essas leis estimulavam a imigração ilegal, insegura e desordenada de cidadãos cubanos rumo ao território

²⁵² Jornal digital e impresso considerado a mídia oficial do comitê central do Partido Comunista de Cuba.

²⁵³ Analisaremos o fenômeno de emigração e as chamadas “ondas migratórias” de cubanos após a Revolução no item 4.10 do presente capítulo.

estadunidense” (2017, p. 93).

A política dos “pés secos, pés molhados”, fundamentada na Lei do Ajuste Cubano, diferenciava substancialmente o tratamento dado aos cubanos em relação a qualquer outro imigrante que solicitava asilo aos Estados Unidos, sobretudo no caso dos haitianos, que tal qual muitos cubanos, estavam se lançando ao mar, com destino principalmente aos Estados Unidos, em decorrência do golpe militar que o Haiti sofrera em 1991. Entre junho e julho de 1994, cerca de 11 mil haitianos tentaram a travessia até a costa estadunidense, constituindo o momento de maior crise migratória no país, posta pelo golpe militar. Grande parte dos haitianos resgatados no mar no mesmo período ou mesmo interceptados em solo norte americano, fora enviado à Guantánamo – base militar e prisão estadunidense em Cuba, desde 1902 – em trânsito para eventual retorno ao Haiti (*Ibid*).

A política dos “pés secos, pés molhados” visava limitar a emigração cubana para os Estados Unidos – a qual vinha crescendo vigorosamente desde 1990, diante da crise e de nenhuma medida de desencorajamento à emigração nesses termos por parte da guarda costeira cubana – que alcançava 20 mil pessoas por ano desde 1990

A crise do Período Especial se agravava com o aumento da hostilidade de políticas econômicas dos Estados Unidos em relação a Cuba, que resultara em formas de intensificação do bloqueio econômico, sobretudo com a respectiva aprovação de duas leis no congresso norte-americano: a Lei Torricelli (1992) e a Lei Helms-Burton (1996), que se articulavam com a pressão exercida pela Lei de Ajuste Cubano. As duas primeiras tinham o caráter de fortalecer punições e sanções econômicas a empresas, instituições financeiras e parceiros comerciais internacionais que estabelecessem relações com a Ilha. Ressaltam a exigência da instalação de um regime de democracia representativa em Cuba como forma possível de revisão de tais leis, uma vez que seus argumentos se sustentavam (e se sustentam, até o presente momento com a manutenção do embargo em diversos aspectos) principalmente na acusação de infração dos Direitos Humanos e de propriedade do povo cubano exilado nos Estados Unidos, por parte do governo revolucionário, desde 1959 (CARRAZANA, 2016, p. 9-12).

Os processos de mudanças e as transformações em processo em Cuba desde 1990, foram amplamente divulgadas e discutidas em postos de trabalho, escolas e principalmente nos CDRs (Comitê de Defesa da Revolução). Em 2017, existiam pouco mais de 133 mil CDRs espalhados pela Ilha, segundo diferentes níveis de articulação com o poder central da *Asemblea Nacional del Poder Popular* (municipal, distrital, provincial etc) que constituíam a suposta base da democracia cubana, segundo Goyanna (2017, p. 39). Segundo a autora, a criação dos CDRs

[...] radicalizou a revolução e construiu forte base de sustentação popular, diferente dos casos boliviano e nicaraguense, que foram cedendo espaço para os apoiadores da contrarrevolução, e acabaram derrotados. (Apud. Santos (org), 2017, p. 39)

Nesse sentido, para as análises marxistas apoiadoras da Revolução, os CDRs em Cuba representam a “forma de contato direto” entre o “Estado e a vontade popular”, de acordo com uma concepção diferenciada de democracia. A manutenção de direitos sociais aparece como o indicativo democrático dos processos de transformação em Cuba (MOREIRA & LIMA, 2017, p. 55):

[...] o descompasso entre uma estrutura burocrática cristalizada e uma população educada e politizada é relativizada com a catarse possibilitada por formas de contato direto entre os dilemas do Estado e a vontade popular. O exemplo mais atual é a reforma econômica, que tem sido discutida ao longo de 2017: reconhece-se a necessidade de abrir as estruturas comerciais e financeiras, mas sem prejudicar a capacidade estatal de garantir os serviços básicos de dignidade cidadã, em tempos em que os indivíduos procuram cada vez mais formas de trabalho fora da gama estatal (Ibid., p. 56-57)

Em vista disso, as transformações na sociedade cubana e em sua legislação têm sido respaldadas por procedimentos de consultas populares e referendos mediados por esse mecanismo próprio ao país que é o CDR. Frente a pressão europeia e estadunidense pela democracia, Cuba apresenta e defende sua própria definição de democracia.

Existe uma certa discordância na bibliografia que versa sobre o Período Especial cubano em relação ao seu fim. Embora em 1996 a economia cubana parou de retrair e o PIB do país voltou a crescer, as transformações impulsionadas pela crise neste período encontram-se ainda em curso. Tais transformações estão relacionadas a medidas de abertura da economia cubana que vêm sendo adotadas, desde a década de 1990, tendo em vista sobretudo o mercado turístico internacional, como nova forma de entrada de dinheiro estrangeiro no país, principalmente dólar. Nesse sentido, a adoção de um sistema de dupla moeda, a abertura ao capital e investimentos estrangeiros – medida que pretendia se aprofundar com o desenvolvimento da Zona Especial de Desenvolvimento em Mariel – a regulamentação dos trabalhadores

*cuentapropistas*²⁵⁴, o reconhecimento de novas formas de propriedades (não apenas a socialista), a liberação da compra e venda de casas e carros no país, além da restauração de edifícios históricos promovidos com rendimentos do comércio e serviços turísticos, geraram transformações flagrantes na paisagem urbana e no cotidiano da sociedade cubana que iremos analisar a seguir. No entanto, o que parecia ser um processo contínuo de transformação econômica rumo ao mercado mundial e a liberação do trabalho autônomo, encontrou seus limites com a redução do turismo, no final da década de 2010, agravada com a crise gerada pela pandemia de COVID 19 e a política econômica intitulada de *Tarea Ordenamiento*, no princípio de 2021.

Um momento fundamental para se discutir e analisar ditas mudanças inicia-se em 1998 com a ascensão e o desenvolvimento do chavismo na Venezuela, em que foi estabelecido uma estreita parceria econômica entre os dois países, com Cuba enviando, a princípio, 10 mil médicos e professores cubanos para atuar nas favelas venezuelanas, em troca da garantia de suprimento regular de petróleo (GOTT, 2006, p. 355). Mas a parceria de Cuba nas primeiras décadas do século XXI não se restringiu apenas à Venezuela. Nos próximos itens desse capítulo discutiremos as transformações internas de Cuba associadas a alguns acordos econômicos e sociais estabelecidos com outros países, principalmente da América Latina.

O colapso da Revolução cubana, dessa maneira, não é um processo linear de aprofundamento da crise que leva à dissolução do socialismo e da Revolução como sistema estadista de produção e controle. Antes, a crise fundamental do capital que caracteriza esse momento histórico mundial é marcada pelo movimento do capital fictício na primeira década do século XXI, que inflou o preço mundial das commodities no mercado de capitais, conferindo, dessa forma, uma sobrevida à Revolução cubana por meio de acordos com a Venezuela, conforme veremos a seguir.

A noção de ficcionalização do capital que tratamos aqui advém da crítica de Robert Kurz (1995) ao desenvolvimento histórico e contraditório da forma social capitalista enquanto totalidade, considerando os termos do capital fictício, primeiramente anunciado por Marx (1986) no livro III de O Capital. Marx aborda a questão do crédito e do capital fictício de forma a compreender estes relacionados “ao desenvolvimento do comércio de dinheiro” enquanto função particular da “administração do capital portador de juros ou do capital monetário” concentrada pelos comerciantes de dinheiro, no caso, os bancos (1986, III, v. IV, t. I, p. 303), sobretudo como adiantamentos presentes na circulação do capital e de sua forma monetária

²⁵⁴Trabalhadores por conta própria, autônomos.

entre Inglaterra, Índia e China no século XIX. Para Kurz, com a chamada terceira revolução industrial, a partir da década 1970, que resultou na redução absoluta mundial de postos de trabalho produtivo graças a níveis altíssimos de produtividade estabelecida pela microeletrônica e pela robótica, o capital em geral perde a capacidade de se reproduzir a partir de seus próprios termos, ou seja, pela exploração abstrata e rentável de trabalho vivo no processo produtivo, perdendo assim, a capacidade de valorizar o valor. Os capitais ociosos, exortados do processo de circulação graças os altos níveis de desenvolvimento das forças produtivas, passam a buscar remuneração em investimentos creditícios, como o mercado especulativo de ações, commodities, derivativos, entre outros, uma vez que a taxa de juros, mesmo com risco elevado, frequentemente apresenta-se maior do que as taxas de lucro do capital produtivo. Assim, a produção de mercadorias, por conta da incapacidade de valorização do valor, após a terceira revolução industrial, só pôde ser sustentada mundialmente através do capital fictício, já que o dinheiro como meio de pagamento (principalmente o dólar americano) pode ser utilizado para o pagamento das dívidas e contratação de novos créditos (mecanismo conhecido como rolagem de dívidas) sem que a valorização tenha ocorrido. Nesse aspecto, o dinheiro de crédito vai protelando a valorização como promessa futura, que não chegará a ocorrer. O aumento global do endividamento alimenta a crise, na forma da economia de bolhas, que aparece quando os credores não conseguem pagar o que devem e nem rolar suas dívidas com novos créditos.

4.2 - Da revolução energética às termoeletricas flutuantes: expansão e crise do capital fictício em Cuba

Segundo Oliva (2015, p. 28-31), após uma grave crise que afetou o Sistema Electro energético Nacional (SEN), em 2004 – provocado por danos na termoeletrica Antonio Guiteras, em Matanzas e pelo furacão Charley – o governo cubano empreendeu a chamada “revolução energética” como plano emergencial para conter a catástrofe elétrica que dominava o país.

Naquele momento, o país contava com 11 termoeletricas, sendo Antonio Guiteras uma das maiores e mais importantes de Cuba. A maioria funcionava há quase 20 anos sem manutenção efetiva, uma vez que possuíam tecnologia soviética, defasada e praticamente desaparecida no século XXI (Oliva, 2015, p. 28). Em agosto de 2004 o furacão Charley derrubou 22 torres de alta tensão em províncias ocidentais, agravando a crise energética inclusive em Havana. Os apagões, frequentes e quase diários durante toda década de 1990, ao

longo do país, persistiam e, em maio de 2004, chegaram a afetar mais de 120 indústrias cubanas (Ibid).

Na década de 1990, os apagões se davam principalmente pela escassez de petróleo, dada a dificuldade de Cuba em pagar os preços internacionais do barril sem os créditos e subsídios soviéticos. No entanto, em 2000, foi firmado o primeiro Convenio Integral de Cooperação entre Cuba e Venezuela. O convenio estabelecia, a princípio, o fornecimento de 53.000 barris diários de petróleo a Cuba, além de derivados, em troca de serviços médicos e de assistência à saúde a ser oferecidos à Venezuela. Ademais, em relação à contrapartida cubana, o convenio também envolvia assistência técnica à produção e modernização da agroindústria açucareira venezuelana, treinamento e formação turística e hoteleira a ser realizado em ambos os países, serviços de turismo educacional e técnico-científico em Cuba, assistência técnica e humana em diversas áreas do conhecimento com oferecimento de cursos de pós-graduação à venezuelanos interessados, além de cursos de capacitação docente, envios de professores alfabetizadores e mais de 3.000 profissionais esportivos, entre técnicos e treinadores²⁵⁵.

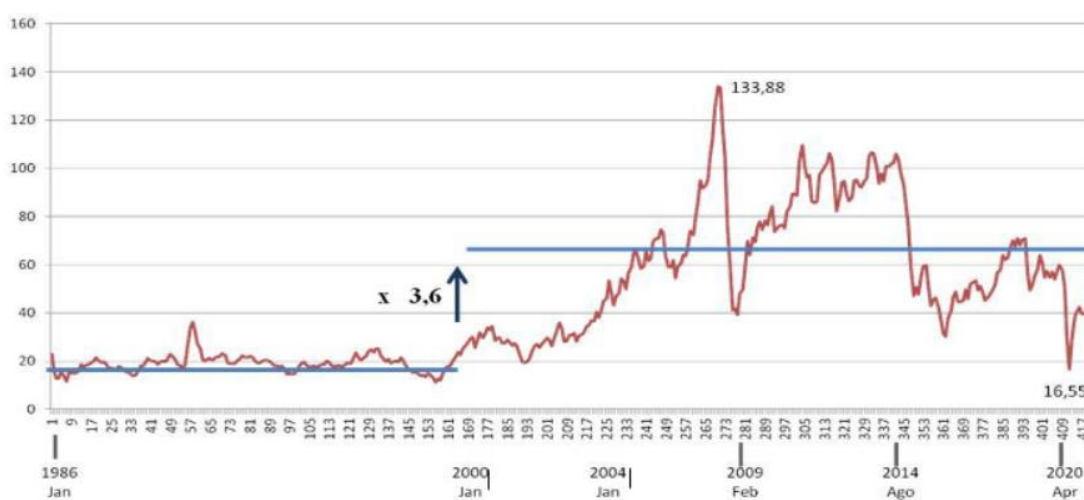
Com o fornecimento de petróleo venezuelano, o problema maior em relação ao sistema eletroenergético cubano passou a ser a deterioração das termoelétricas, devido à prolongada falta de manutenção e investimentos. Assim, em 2004, não havia mais condições de manutenções e reparos superficiais, uma vez que a própria rede de transmissão elétrica estava desgastada, física e moralmente. (Oliva, 2015, p. 29). Ao mesmo tempo, os eletrodomésticos de uso corrente no país – a maioria igualmente soviéticos, assim como as termoelétricas cubanas, também se encontravam obsoletos, apresentando supostamente alto consumo de energia. Além de ares-condicionados, geladeiras e televisores de mais de 40 anos, as lâmpadas incandescentes estavam generalizadas nas casas e sistema de iluminação pública. Nesse

²⁵⁵ Informações disponíveis em “Convenio Integral de Cooperación entre la República d Cuba y la República Bolivariana de Venezuela”: <https://docs.venezuela.justia.com/federales/leyes-internacionales/convenio-integral-de-cooperacion-entre-la-republica-d-cuba-y-la-republica-bolivariana-de-venezuela.pdf>. Acessado em 13 de agosto de 2023. Segundo veículo oficial cubano, em 30 de outubro de 2022 foi celebrado 22 anos do Convenio Integral entre os dois países, evento reconhecido por Maduro em suas redes sociais. A reportagem ressalta os logros obtidos pela população venezuelana com a integração: “*Datos oficiales revelaron que los proyectos de cooperación entre las dos naciones ascendían a mil 487 hasta octubre del pasado año, mientras 255 mil 300 colaboradores cubanos prestaron sus servicios en la República Bolivariana. La población venezolana recibió el beneficio de más de mil 496 millones de atenciones médicas y salvaron la vida más de un millón 490 mil personas, gracias a la atención brindada por los galenos cubanos. [...] Más de un millón 500 mil venezolanos analfabetos aprendieron a leer y a escribir con la implementación de programas como Misión Robinson, surgida de la estrecha colaboración entre La Habana y Caracas.*” Prensa Latina.Venezuela-Cuba: unidos a 22 años del Convenio Integral de Cooperación. Disponível em: <https://www.prensa-latina.cu/2022/10/30/venezuela-cuba-unidos-a-22-anos-del-convenio-integral-de-cooperacion>. Acessado em 15 de agosto de 2023.

O convenio segue vigente até a presente data, com o estabelecimento de novos termos entre os dois países, os quais, na presente tese, não poderemos abordar.

contexto, Fidel Castro lançou a chamada “revolução energética”, como plano emergencial diante da crise do setor (Ibid.). O desenvolvimento do plano no ano seguinte contou com os acordos firmados entre Cuba e Venezuela no contexto de formação da ALBA, chamada por Fidel Castro de “*Alternativa Bolivariana para las Américas*”(ibid.). O gráfico 1 demonstra a subida mundial do preço do barril de petróleo, em uma série que vai de 1986 a 2020:

Gráfico 1 - Preço médio mensal do óleo tipo WTI, mercado spot, US\$/barril, janeiro de 1986 a dezembro de 2020



Fonte: Preços de petróleo, volatilidade e incerteza econômica – 1ª Parte - Cenários Energia - Petróleo (editorabrasilenergia.com.br). Disponível em: https://cenariospetroleo.editorabrasilenergia.com.br/precos-de-petroleo-volatilidade-e-incerteza-economica-1a-parte/#_ftn1. Acessado em 28 de setembro de 2023.

O gráfico 1 aponta dois momentos na dinâmica do preço mundial do petróleo no mercado de commodities, conforme descreve Dutra (2021). De 1986 a dezembro de 2002, a média de preços do barril de petróleo variou entorno de US\$ 20. Entre janeiro de 2004 a dezembro de 2020, no entanto, essa média saltou para US\$ 68,29 por barril, apresentando maiores oscilações e fortes quedas (DUTRA, 2021). Dessa maneira, a média de preços mensal do barril de petróleo, neste segundo momento, subiu cerca de três vezes e meia em relação ao patamar estabelecido no momento anterior.

A subida de preço do petróleo no mercado mundial, a partir de 2004, permitiu a Venezuela apresentar-se como alternativa bolivariana de desenvolvimento em Cuba. De acordo com Oliva:

En el plano de la oferta se basaba en la introducción de grupos electrógenos de tecnología moderna (diesel y fuel oil), de fácil y rápida instalación modular, compactos, ahorrativos, atomizados a lo largo del territorio. Tal dispersión constituía un seguro contra los daños ocasionados por eventualidades climáticas y de otro tipo. Por otra parte su flexibilidad los convertía en reguladores de la carga pues pueden activarse con un toque de botón (...) Lo que es incuestionable es la ventaja de la dispersión y la rapidez en la instalación de la nueva capacidad. Comenzaron a aprovecharse los gases acompañantes del petróleo. En tal objetivo participó como asociada una empresa canadiense y se instalaron 405 Mw de potencia con un recurso antes dilapidado y contaminante. Como indispensable complemento se inició la rehabilitación y modernización de la red de distribución y la mejora en las plantas convencionales existentes (2015, p. 29-30).

Em vista disso, o autor descreve a entrada e expansão de geradores modernos na produção de energia em Cuba, importados da Alemanha e Canadá. Foram instalados 6.481 grupos de geradores que se somaram às 11 plantas termoelétricas existentes. Nesse aspecto, Oliva pontua que não se investiu na renovação produtiva das termoelétricas cubanas, embora estas tivessem sofrido alguma melhoria nesse período. Ao invés disso, foi adotada uma alternativa mais barata e rápida para a contenção dos problemas energéticos do país. Do ponto de vista da política interna cubana, a tarifa pelo consumo de eletricidade subiu, na tentativa de desestimular gastos excessivos, foram realizadas melhorias na rede de transmissão,²⁵⁶ além de ações de combate às redes ilegais (“gatos”), que haviam se constituído no Período Especial (Ibid.). Ademais, o governo lançou um plano de renovação das lâmpadas e eletrodomésticos presentes nos lares cubanos, com a intervenção de 35 mil trabalhadores sociais. Segundo Oliva (2015, p. 30-31), foram trocadas 9,4 milhões de lâmpadas incandescentes por outras mais econômicas, tanto em lares cubanos, quanto em vias públicas. Ao mesmo tempo, a partir de acordos com a China, uma série de eletrodomésticos, como painéis e fogões elétricos, aquecedores de água, geladeiras, televisores, ar-condicionados e outros, foram vendidos aos

²⁵⁶ De acordo com Oliva (2015, p. 30-31): “(...) fueron instalados más de 2.9 millones de interruptores y relojes contadores (faltaban aún 250.000 mas); se renovaron más de un millón de acometidas desde el poste hasta la vivienda (faltaban 1.2 millones más) y 19.000 conductores secundarios (faltaban 36.000). Se cambiaron 116.565 postes (faltan 120.00 o más) de los 1.180.000 existentes en el país, el 30% de madera. Se instalaron 26.600 transformadores y quedaban 16.260 por sustituir. La industria del país contribuyó con la ampliación y modernización de la fábrica de cables y otras industrias dedicadas a la producción de postes y accesorios eléctricos. Al cierre del año informado, se había dado solución al 75% de los casos (...) Los refrigeradores se vendieron en 6.110 pesos cubanos (244 CUC, o pesos convertibles), pagaderos en 120 cuotas de 59 pesos mensuales al 3% de interés”.

cubanos a crédito, e preços subsidiados segundo a *libreta*²⁵⁷. A revolução energética envolveu a expansão do crédito bancário cubano. Isso impulsionou, em 2007, a instalação de fornos elétricos em 962 padarias, 400 veículos de trabalho. Oliva afirma que os investimentos totais realizados por este amplo programa somavam entorno de 2 bilhões de dólares, empregados para enfrentar a descapitalização das instalações geradoras e transmissoras de energia, além de fomentar o consumo popular de bens duráveis (ibid.).

É preciso salientar que a partir de 1980, a União Soviética pagava à Cuba, em divisas convertíveis, todo petróleo que o país economizasse em relação ao convenio estabelecido entre os dois países. Assim, a União Soviética enviava o petróleo físico economizado a outros países, pagando a Cuba por ele. Esse ingresso entrava nas contas nacionais cubanas como exportações de petróleo (ibid.). Segundo Oliva, “*Estas reexportaciones tuvieron un peso decisivo en la balanza de pagos cubana y durante aquellos años llegaron a representar alrededor de la tercera parte, y más, de los ingresos totales en moneda convertible del país*” (ibid.). Em 1984 e 1985 o autor pontua que esses ingressos chegaram a corresponder a quase a metade dos ingressos totais advindos das exportações cubanas. Com o colapso da URSS, o mecanismo que permitia tais “reexportações” cessou e Cuba enfrentou uma amarga crise energética, com várias horas de apagões diários, até o fortalecimento da parceria com a Venezuela e a revolução energética, que resultou no fim, durante mais de uma década (2007-2019), dos apagões em Cuba. Até hoje a Venezuela exporta petróleo a Cuba a preços preferencias, não na mesma quantidade da primeira década dos anos 2000.

No entanto, a própria economia venezuelana entra em crise com os desdobramentos da crise financeira de 2008, e, desde 2013, a UNE (Unión Eléctra de Cuba), empresa estatal total de geração e administração energética, não apresenta recursos suficientes para realizar os ciclos de manutenções exigidos para o funcionamento das 20 termoelétricas existentes no país, associadas aos grupos de geradores²⁵⁸. As roturas e falta de manutenção da estrutura de

²⁵⁷ Segundo Oliva (2015, p. 30): “*Adicionalmente distribuyeron enseres menores incluidos en el programa, como ollas de presión, hornillas eléctricas, calentadores elementales de agua, etc. y brindaron seminarios sobre su utilización. La sustitución o entrega no fue gratuita pero los precios aplicados, en pesos cubanos, no incluían márgenes generosos como los de la red en divisas. También se dieron facilidades a través del crédito bancario. El programa destinó US\$4.9 millones para habilitar 600 talleres distribuidos a lo largo del territorio nacional (...) En el área doméstica se habían entregado 2,2 millones de refrigeradores a la población. Representaban el 83% del plan (...) Se habían sustituido 2,5 millones de cocinas de kerosene por las correspondientes hornillas eléctricas; 177.000 aires acondicionados; 73.000 televisores y numerosas bombas de agua. Todo ello (...) habría significado un ahorro diario de 2.500 TM de petróleo consumido: más de 1 millón US\$ diarios a los precios de la época*”.

²⁵⁸ Informações transmitidas por Eddier Guzmán Pacheco, através do programa Mesa Redonda, de 22 de agosto de 2022. Disponível em <https://www.youtube.com/user/mesaredondacuba>. Acessado em 28 de setembro de 2023.

produção e transmissão elétrica, além do déficit de combustível no país, são associados, pelo discurso oficial atual, à falta de financiamento por conta do bloqueio estadunidense.

Diante dos prolongados apagões que se intensificaram em Cuba em 2021, veículos de mídia independente acusam o governo cubano de manter a prioridade das inversões no setor turístico ao invés de setores básico e estratégicos de atendimento à população. A falta de energia tem levado a cada vez mais protestos pontuais espalhados pelo país, a despeito do esvaziamento dos movimentos sociais contestatórios de *San Isidro, 27N* (27 de noviembre) e *Archipiélago*, com o acirramento da repressão e controle social respaldado nas novas leis contra o ciberterrorismo.

Em 2022 o governo cubano alugou 7 termoelétricas flutuantes, vindas da Turquia que não foram suficientes para conter totalmente os apagões no país. Fora de Havana a situação é ainda mais dramática, com o retorno dos apagões diários, que não ocorriam em Cuba desde os anos 2000²⁵⁹.

4.3 Breve análise sobre a nova Constituição cubana

A *Asemblea Nacional del Poder Popular* de Cuba aprovou, nos dias 21 e 22 de julho de 2018, em sessão ordinária, seu novo projeto de Constituição. Nos meses seguintes, de 13 de agosto de 2018 a 15 de novembro do mesmo ano, o projeto foi submetido a ampla consulta popular, em que os cubanos puderam adquirir o exemplar do projeto gratuitamente pela internet²⁶⁰ ou sua versão impressa de 32 páginas, por 1 *peso*²⁶¹, em lojas, estabelecimentos do correio e por rede postal. De acordo com o Partido Comunista de Cuba (PCC), foram realizadas, neste período, mais de 130 mil reuniões para se debater a proposta entre os coletivos de trabalhadores, de camponeses, estudantes universitários, secundaristas, entre a população em geral e também entre cubanos que moram em outros países. O Partido estima que cerca de 9 milhões de pessoas foram ouvidas nesse processo. (*Granma*, 25 de fev. de 2019).

O texto do projeto original, depois do período de consulta popular, passou por alterações

²⁵⁹ Sobre o assunto, ver: Centrales flotantes turcas en Cuba, otro asunto «estratégico» del que poco se sabe | elTOQUE. Disponível em: <https://eltoque.com/centrales-flotantes-turcas-en-cuba-otro-asunto-estrategico-del-que-poco-se-sabe>. Acessado em 28 de setembro de 2023.

²⁶⁰ O site do *Granma* (jornal digital e impresso considerado a mídia oficial do comitê central do Partido Comunista de Cuba) disponibilizou o projeto de constituição para download gratuito em formato PDF. Disponível em: [http://www.granma.cu/file/pdf/gaceta/2018_07_25%2021_10%20Tabloide%20Constituci%C3%B3n%20\(sin%20precio\)%20B&N.pdf](http://www.granma.cu/file/pdf/gaceta/2018_07_25%2021_10%20Tabloide%20Constituci%C3%B3n%20(sin%20precio)%20B&N.pdf). Acessado em 3 de setembro de 2023. Disponível em: [http://www.granma.cu/file/pdf/gaceta/2018_07_25%2021_10%20Tabloide%20Constituci%C3%B3n%20\(sin%20precio\)%20B&N.pdf](http://www.granma.cu/file/pdf/gaceta/2018_07_25%2021_10%20Tabloide%20Constituci%C3%B3n%20(sin%20precio)%20B&N.pdf). Acessado em 3 de setembro de 2023.

²⁶¹ 1 CUP era equivalente a 0.04 centavos de dólar

que envolveram novas propostas, modificações, adições, eliminações e dúvidas, segundo o PCC (*Granma*, 25 de fev. De 2019). Em 5 de janeiro de 2019 foi disponibilizado à população cubana o novo texto modificado da Constituição, aprovado em dezembro de 2018 pela *Asemblea Nacional del Poder Popular* – com as mesmas possibilidades de consulta e acesso do projeto anterior por parte da população cubana. As mais de 783 mil propostas de modificações do projeto de Constituição surgidas no período de consulta popular resultaram em 760 mudanças em relação ao texto original, nas quais foram alterados 134 artigos e 3 foram eliminados, dos 224 artigos propostos²⁶² (Presse, 2019). A alteração também resultou numa diminuição do texto original: de 32 para 16 páginas, em que foram suprimidas as análises introdutórias sobre as principais mudanças estabelecidas pela Constituição nova em relação à anterior vigente, de 1976.

Em 24 de fevereiro de 2019 o texto modificado da Constituição cubana foi submetido a referendo popular e foi aprovado por quase 87% dos que exerceram seu direito ao voto, o que corresponde a pouco mais de 6,8 milhões de cidadãos cubanos. Cerca de 84% dos eleitores registrados compareceram às urnas. (*Granma*, 25 de fev. De 2019). A nova Constituição foi promulgada pela *Asemblea Nacional del Poder Popular* e publicada pela *Gaceta Oficial de la República* em 10 de abril de 2019, entrando assim em vigor.

A aprovação da nova Constituição foi altamente propagandeada pelo Partido Comunista de Cuba: quase todos os CDRs²⁶³ e estabelecimentos públicos do país apresentavam um cartaz com o dizer “Yo voto sí!”, em referência à resposta esperada da população em relação ao referendo. Segundo pesquisadores brasileiros envolvidos no programa de extensão “Realidades Latino-Americanas”, as mudanças institucionais experienciadas por Cuba encontram-se em processo nos últimos anos, sob o contexto de um dos “maiores debates públicos vividos em 58 anos de revolução” (Santos (org), 2017, p. 25).

O texto introdutório do projeto original da Constituição cubana ressalta o profundo trabalho de elaboração da nova Constituição que remonta a processos de mudanças que veem ocorrendo desde o chamado Período Especial, além da necessidade da legislação se adequar à realidade presente, “*el futuro previsible y las demás medidas que han sido aprobadas em los*

²⁶² O projeto original da Constituição, por sua vez, era composto por 224 artigos (87 a mais que a da Constituição ainda vigente de 1976), divididos em 11 títulos, 24 capítulos e 16 seções. Mantinha 11 artigos da Constituição vigente, modificando 113 e eliminando 13. Disponível em: [http://www.granma.cu/file/pdf/gaceta/2018_07_25%2021_10%20Tabloide%20Constituci%C3%B3n%20\(sin%20precio\)%20B&N.pdf](http://www.granma.cu/file/pdf/gaceta/2018_07_25%2021_10%20Tabloide%20Constituci%C3%B3n%20(sin%20precio)%20B&N.pdf). Acessado em 3 de setembro de 2023. Disponível em: [http://www.granma.cu/file/pdf/gaceta/2018_07_25%2021_10%20Tabloide%20Constituci%C3%B3n%20\(sin%20precio\)%20B&N.pdf](http://www.granma.cu/file/pdf/gaceta/2018_07_25%2021_10%20Tabloide%20Constituci%C3%B3n%20(sin%20precio)%20B&N.pdf). Acessado em 3 de setembro de 2023.

²⁶³ Comitês de Defesa da Revolução.

últimos años; teniendo como presupuesto esencial el pensamiento del líder histórico de la revolución cubana, Fidel Castro Ruz” (Proyecto de Constitución de la República de Cuba).

Um momento importante do reconhecimento institucional de tais mudanças ocorreu por meio dos acordos firmados no VI Congresso do Partido Comunista de Cuba em abril de 2011²⁶⁴, o qual aprovou os *Lineamientos de la política económica y social del Partido y la Revolución*. Estas diretrizes aprovadas em 2011, segundo Dessotti:

[...] parecen significar a recuperação e reorganização de uma série de medidas que já tinham sido implementadas em períodos anteriores, mas que, por serem emergenciais, precisariam ser orientadas por objetivos comuns, dando um sentido de planificação da economia na busca do crescimento econômico. Entre os aspectos centrais da atualização do modelo, destacam-se a busca de eficiência econômica e uma maior racionalidade dos gastos sociais. (DESSOTTI, 2017, p. 141)

Tanto as diretrizes traçadas e aprovadas no VI Congresso do Partido Comunista de Cuba, em 2011, quanto seus desdobramentos em grupos de trabalhos, medidas aprovadas e o atual projeto de Constituição, deixam registrado literalmente a orientação política e econômica socialista, assim como o reconhecimento dos valores e conquistas instaurados pela Revolução²⁶⁵. Entretanto, no texto original do projeto de Constituição, o comunismo como horizonte de orientação da sociedade socialista cubana havia sido eliminado da perspectiva constitucional. O sentido posto pelo comunismo, enquanto expressão reconhecida constitucionalmente, deu lugar, na primeira versão do projeto de Constituição, à incorporação do “concepto” de “*Estado socialista de derecho a fin de reforzar la institucionalidad y el imperio de la ley, dentro de ello la supremacía de la Constitución*”. (*Proyecto de Constitución de la República de Cuba*, grifo nosso).

²⁶⁴ Segundo Gladys Hernández, investigadora do Centro de Investigações da Economia Mundial: “As mudanças se fazem depois de uma grande discussão popular, onde se apresentaram sugestões, que começou da base, pelas organizações de massa, desde as empresas, os centros de trabalho’. As ideias básicas das medidas mais recentes partiram do 6º Congresso do Partido Comunista Cubano. As diretrizes foram apresentadas à população em novembro de 2010. Entre dezembro de 2010 e fevereiro de 2011 foram debatidas nas instâncias populares em 163.079 reuniões que envolveram 8.913.838 cubanos – a população total é de 11,2 milhões. Foram mais de 3 milhões de intervenções, agrupadas em 781 mil opiniões, das quais 395 mil foram aceitas e incluídas na reformulação das Diretrizes. As rejeições, alterações de conteúdo ou de redação e novas ideias que saíram desses debates foram discutidas na sequência pelo Congresso do PCC e confirmadas, enfim, pela Assembléia Nacional.” (HAUBRICH, 2013).

²⁶⁵ Segundo a Introdução as análises do projeto de constituição descritas no texto “*El proyecto reafirma el carácter socialista de nuestro sistema político, económico y social, así como el papel rector del Partido Comunista de Cuba*” (*Proyecto de Constitución de la República de Cuba*).

No bojo desta importante alteração estavam contidas outras que compõem os conteúdos atribuídos ao chamado “Estado de direitos”: o direito a defesa dos cidadãos e ao devido processo (a instauração da possibilidade de *habeas corpus* e a presunção de inocência); o direito à igualdade e a não discriminação por gênero, identidade de gênero, orientação sexual, origem étnico racial e necessidades especiais; o direito aos cidadãos a recorrer aos tribunais para reclamar a restituição de seus direitos, ou reparação ou ainda indenização por danos ou prejuízos gerados pela ação ou omissão dos órgãos do Estado; o direito ao matrimônio enquanto união voluntária entre duas pessoas e não mais estritamente entre homem e mulher; a incorporação da figura do Presidente da República como chefe de Estado e do Primeiro Ministro a frente do governo, eleitos pela *Asemblea Nacional del Poder Popular*, com mandato de cinco anos (*Ibid*).

Esta nova forma jurídica de Cuba – a qual reconhece o sujeito de direito e não apenas o sujeito coletivo, como classe trabalhadora, segundo os preceitos do marxismo leninista e da antiga legislação cubana – está fundamentada na relação de igualdade formal entre proprietários de mercadorias. Segundo Pachukanis, Marx relaciona “a ideia ética de igualdade das pessoas humanas com a forma mercantil, isto é, faz derivar esta ideia da equiparação prática de todas as variedades de trabalho humano entre si” (1988, p. 104):

O homem, efetivamente, enquanto sujeito moral, ou seja, enquanto pessoa igual às outras pessoas, nada mais é do que a condição prévia da troca com base na lei do valor. O homem, enquanto sujeito jurídico, ou seja, enquanto proprietário, representa também a mesma condição. Estas duas determinações estão, finalmente, estritamente ligadas a uma terceira na qual o homem figura como sujeito econômico egoísta.

(...)

Essas três determinações, que não são redutíveis umas às outras e que aparentemente são contraditórias, expressam o conjunto das condições necessárias à realização da relação do valor, isto é, de uma relação onde as mútuas relações dos homens, no processo de trabalho, aparecem como uma propriedade coisificada dos produtos trocados. (*Ibid*)

Nesse sentido, para Pachukanis, de acordo com a sua interpretação da teoria do valor de Marx, ao mesmo tempo que as mercadorias são revestimentos do produto do trabalho humano e por isso se tornam portadoras de valores, “o homem se torna sujeito jurídico e portador de

direitos”. O sujeito de direito seria, por sua vez, portador de vontades (Pachukanis, 1998, p. 71). Dessa forma, a constituição de um Estado de direito está intrinsecamente relacionada ao movimento de formalização de um poder de Estado abstrato que visa garantir a efetivação desses direitos como “garantia abstrata das condições de troca fundamentadas no valor” (*Ibid.*, p. 100).

A sociedade capitalista é, antes de tudo, uma sociedade de proprietários de mercadorias. Isto quer dizer que as relações sociais dos homens no processo de produção tomam uma forma coisificada nos produtos do trabalho que aparecem, uns em relação aos outros, como valores. A mercadoria é um objeto mediante o qual a diversidade concreta das propriedades úteis se torna simplesmente a embalagem coisificada da propriedade abstrata do valor, que se exprime como capacidade de ser trocada numa determinada proporção por outras mercadorias. Esta propriedade é a expressão de uma qualidade inerente às próprias coisas em virtude de uma espécie de lei natural que age sobre os homens de maneira totalmente alheia à sua vontade.

Porém, se a mercadoria conquista seu valor independentemente da vontade do sujeito que a produz, a realização do valor no processo de troca pressupõe, ao contrário, um ato voluntário, consciente, por parte do proprietário de mercadorias (...) (Pachukanis, 1988, p. 70)

Em vista disso, Marx afirma que as mercadorias não podem ir sozinhas ao mercado e nem se trocarem entre si, necessitando antes, de seus possuidores. Desse modo, o vínculo social entre os homens na sociedade capitalista, enquanto possuidores de mercadorias, vínculo coisificado nos produtos do trabalho, impõe a estes uma relação particular, cuja “vontade habita nas próprias coisas” (Marx *apud*. Pachukanis, 1988, p. 71). Nesse aspecto, o trabalhador se defronta no mercado também como possuidor de mercadoria, a única que tem pra vender, sua força de trabalho e está sujeito, desse modo, às leis de emigração e às mesmas “interdições, fixações de contingentes etc., que regem as outras mercadorias introduzidas no interior das fronteiras estaduais” (*Ibid.*).

A troca de mercadorias, segundo Pachukanis, pressupõe uma economia atomizada em que o vínculo entre as diferentes unidades econômicas, privadas e isoladas, é mantido a todo o momento graças aos contratos que se celebram (1988, p. 47). “O trabalhador assalariado (...) surge no mercado como livre vendedor da sua força de trabalho e, por esta razão, a relação de exploração capitalista se realiza sob a forma jurídica do contrato” (Pachukanis, 1998, p. 69). É

na relação jurídica do contrato, em que o trabalhador como sujeito de direitos aparece como formalmente igual ao empresário, que a exploração do trabalho se realiza de forma fetichista enquanto relação jurídica. Dessa maneira, de acordo com a interpretação que Pachukanis realiza acerca do fetichismo que constitui a forma mercadoria e a relação de valor em Marx, “ao lado da propriedade mística do valor aparece um fenômeno não menos enigmático: o direito”, dois aspectos abstratos fundamentais: um econômico e um jurídico (Ibid, p. 100):

A esfera do domínio, que envolve a forma do direito subjetivo, é um fenômeno social que é atribuído ao indivíduo do mesmo modo que o valor, outro fenômeno social, é atribuído à coisa, enquanto produto do trabalho. O fetichismo da mercadoria se completa com o fetichismo jurídico (Pachukanis, 1998, p. 75).

Como agente da troca, o sujeito personifica o que Pachukanis chama de caráter egoísta, uma vez que assume o “cálculo econômico” e do lucro como forma necessária de sociabilidade regida pelo valor. O princípio jurídico de igualdade certifica a forma social em que a variedade de trabalhos individuais é reduzida ao trabalho abstrato e os tempos, de produção e reprodução, ao tempo social médio: “A forma jurídica, com o seu aspecto de autorização subjetiva, surge numa sociedade composta de sujeitos com interesses privados egoístas e isolados”. (Pachukanis, 1998, p. 63). Dessa maneira, o sujeito egoísta, sujeito jurídico e sujeito moral constituem as três máscaras de caráter fundamentais do homem da sociedade da produção mercantil.

[...] os três princípios do egoísmo, da liberdade e do valor supremo da pessoa, estão indissolavelmente ligados uns aos outros e representam na sua totalidade a expressão racional de uma única e mesma relação social. O sujeito egoísta, o sujeito jurídico e a pessoa moral são as três máscaras fundamentais utilizadas pelo homem da sociedade de produção mercantil. (Pachukanis, 1998, p. 105)

Nesse sentido, o sujeito “ganha” “uma vontade juridicamente presumida que o torna absolutamente livre e igual a outros proprietários de mercadorias” (Pachukanis, 1988, p. 72). Tal liberdade representa a liberdade de mercado, numa “circulação alargada e sistemática de mercadorias”. Para Pachukanis isso ocorre quando o valor assume um significado econômico objetivo, necessitando para isso de um Estado “bem ordenado” para se realizar (*Ibid.*).

A concepção de Cuba como Estado socialista de direito se manteve no artigo 1 da

Constituição aprovada por referendo²⁶⁶, assim como o reconhecimento de novas formas de propriedade – da terra, dos capitais e do trabalho. De acordo com o artigo 18 da nova Constituição, a economia socialista está baseada na propriedade de todo povo sobre os meios fundamentais de produção, como a forma de propriedade principal, e a direção planificada da economia, por sua vez, tem em conta, regula e controla o mercado em função dos interesses da sociedade. (*Constitución de la República de Cuba*, 2019). Dessa forma, a nova Constituição cubana reconhece, no artigo 22, sete tipos de propriedades:

a) socialista de todo el pueblo: en la que el Estado actúa en representación y beneficio de aquel como propietario. b) cooperativa: la sustentada en el trabajo colectivo de sus socios propietarios y en el ejercicio efectivo de los principios del cooperativismo. c) de las organizaciones políticas, de masas y sociales: la que ejercen estos sujetos sobre los bienes destinados al cumplimiento de sus fines. d) privada: la que se ejerce sobre determinados medios de producción por personas naturales o jurídicas cubanas o extranjeras; con un papel complementario en la economía. e) mixta: la formada por la combinación de dos o más formas de propiedad. f) de instituciones y formas asociativas: la que ejercen estos sujetos sobre sus bienes para el cumplimiento de fines de carácter no lucrativo. g) personal: la que se ejerce sobre los bienes que, sin constituir medios de producción, contribuyen a la satisfacción de las necesidades materiales y espirituales de su titular. (Constitución de la República de Cuba)

Em relação a instituição das novas formas de propriedade reconhecidas pela Constituição, de acordo com os pesquisadores do programa de extensão brasileiro que realizaram a análise do projeto em curso, “Destaca-se o fato de que a proposta mantém a propriedade socialista dos meios de produção, uma vez que setores centrais da economia cubana continuariam sob controle do Estado.” (DESSOTTI, 2017, p. 142). Entretanto, a propriedade capitalista, na nova Constituição cubana, tende a transformar-se “num direito absoluto”, estável, “protegida em todo mundo pelas leis pela polícia e pelos tribunais” (Pachukanis, 1998, p. 73), pela primeira vez desde a Revolução em 1959. Em vista disso, é importante salientar que “A propriedade capitalista é, no fundo, a liberdade de transformação do capital de uma forma para a outra, a

²⁶⁶ O artigo 1 da Consituição Cubana aprovada afirma: “*Cuba es un Estado socialista de derecho y justicia social, democrático, independiente y soberano, organizado con todos y para el bien de todos como república unitaria e indivisible, fundada en el trabajo, la dignidad, el humanismo y la ética de sus ciudadanos para el disfrute de la libertad, la equidad, la igualdad, la solidaridad, el bienestar y la prosperidad individual y colectiva.*”

liberdade de transferência do capital de uma esfera para outra, visando obter o maior lucro possível sem trabalhar”. (*Ibid.*, p. 84)

Assim, o reconhecimento da propriedade privada em Cuba, bem como dos direitos fundamentais aos sujeitos, constitui-se como um momento fundamental para a instituição e regulamentação do trabalho autônomo (*cuentalpropista*) e dos investimentos estrangeiros que vem ocorrendo no país nas últimas décadas. Desse modo, a superestrutura jurídica constitui-se enquanto fenômeno objetivo, onde a subjetividade jurídica, como princípio formal de liberdade, igualdade e autonomia da personalidade, não é apenas “um meio dissimulatório e um produto da hipocrisia burguesa”, “mas antes um real processo de transformação jurídica das relações humanas, que acompanha o desenvolvimento da economia mercantil e monetária (...) e que engendra profundas e múltiplas modificações de natureza objetiva”. Embora Pachukanis afirme a forma jurídica como expressão burguesa do domínio das classes, está atento para as relações de produção que conformam o sistema de abstrações para além das determinações políticas e superestruturais da sociedade: “(...) a propriedade não se torna o fundamento da forma jurídica a não ser enquanto livre disponibilidade dos bens no mercado. É, então, aí que a categoria de sujeito cumpre seu papel de expressão geral desta liberdade.” (Pachukanis, 1988, p. 69). Segundo o autor:

Marx mesmo salienta (...) que as relações de propriedade que constituem a camada fundamental e mais profunda da superestrutura jurídica, se encontram em contato tão estreito com a base, que surgem como sendo as “próprias relações de produção” das quais são a “expressão jurídica”. O Estado, ou seja, a organização do domínio político de classe, nasce no terreno de dadas relações de produção e de propriedade. As relações de produção e a sua expressão jurídica formam aquilo que Marx chamava de, na sequência de Hegel, a sociedade civil. A superestrutura política e, notadamente, a vida política estadual oficial constituem um momento secundário e derivado. (Pachukanis, 1998, p. 52)

Todavia, em meio às mudanças na Constituição enquanto reconhecimento e regulamentação das novas formas do direito privado e de propriedade no país, de acordo com as conversas que tivemos em trabalho de campo com alguns cubanos, os pontos mais discutidos nos CDRs e em reuniões da sociedade civil foram os que versavam sobre a possibilidade de casamento de pessoas do mesmo sexo. Além da polêmica que a temática engendrou, foi possível observar residualmente em campo a forma religiosa que tal discussão assumiu e a oposição que

o direito de matrimônio entre pessoas do mesmo sexo gerou.

Foto 1



Foto 1: “Estou a favor do desenho original – A família como Deus a criou. Genesis 1:27” (tradução livre) Mariel. Por Ana Sylvia Maris Ribeiro, maio de 2019.

Foto 2



Foto 2: “Estamos a favor do desenho original – A família como Deus a criou. Todos os demais são contra o natural. Dois iguais não fazem casal, cometem pecado. (Gen 1:27) 'E criou Deus ao homem a sua imagem, a imagem de Deus o criou. Macho e fêmea os criou.’” (tradução livre). *Vedado*. Por Ana Sylvania Maris Ribeiro, abril de 2019.

Algumas casas, em mais de uma cidade cubana, apresentavam um cartaz ou imagem fazendo menção à oposição ao casamento homossexual. A grande maioria de cubanos com quem conversamos durante o campo demonstrou alguma preocupação com essa pauta, com afirmações sobre família e o rechaço à possibilidade do Estado regulamentar a adoção de crianças por parte de casais do mesmo sexo. Pela repetição dos dizeres “desenho original” e da passagem bíblica que apresenta a desaprovação divina de tal direito, é possível pensar na participação da igreja, do fetichismo religioso, por traz da oposição expressa. A religiosidade pentecostal, nesse aspecto, assumiu a frente no rechaço à homossexualidade em Cuba, historicamente praticada como política de Estado.

É preciso ressaltar que a forma social capitalista não envolve somente a perspectiva categorial da propriedade e do direito como momentos intrínsecos à produção de valor, mas também outros momentos da reprodução social obscurecidos enquanto contradição em processo que conformam a totalidade como patriarcado produtor de mercadorias. Nesse sentido, Scholz (2008) procura estabelecer a conexão entre a “contradição em processo” – movida pela dinâmica da dissociação valor, como contexto basilar fragmentário e contraditório no âmbito da totalidade concreta – e o colapso do capitalismo. Para tanto, tem em conta os “processos de asselvajamento no contexto das tendências de desestatização na periferia”.

Após o processo de consulta popular, o direito ao matrimônio enquanto “união voluntária entre duas pessoas” foi modificado pela incorporação do capítulo III “*Las familias*”, no terceiro Título que versa sobre “*Fundamentos de la política educacional, científica y cultural*”, no qual o artigo 82 institui que

El matrimonio es una institución social y jurídica. Es una de las formas de organización de las familias. Se funda en el libre consentimiento y en la igualdad de derechos, obligaciones y capacidad legal de los cónyuges. La ley determina la forma en que se constituye y sus efectos. Se reconoce, además, la unión estable y singular con aptitud legal, que forme de hecho un proyecto de vida en común, que bajo las condiciones y circunstancias que señale la ley, genera los derechos y obligaciones que esta disponga. (Constitución de la República de Cuba)

Nesse sentido, a união estável passou a ser reconhecida, mas a possibilidade de matrimônio entre pessoas do mesmo sexo teve ainda que passar por um novo referendo popular que garantiu sua aprovação²⁶⁷. Ademais, a família passa a ser reconhecida e protegida pelo Estado como a “*célula fundamental da sociedade*”. O capítulo “*Las familias*” afirma em seus artigos (83 a 89), entre outras deliberações, que o Estado, a sociedade e a família são responsáveis por garantir o direito dos jovens, idosos, pessoas com necessidades especiais e a igualdade entre todos seus membros. Já os direitos das mulheres ficaram por conta do capítulo IV “*Ciudadanía*”, especificamente no artigo 43.²⁶⁸

Diante da crise mundial e das novas contradições que o reconhecimento do direito privado de propriedade acarreta à sociedade cubana, o direito das mulheres e daqueles considerados outros, minorias, são barganhados politicamente no sentido de se conservar criticamente a contradição da sociedade produtora de mercadorias como patriarcado.

Por fim, outra alteração significativa da Constituição, após consulta popular, que se

²⁶⁷ Em setembro de 2022 foi aprovado por referendo popular o novo “Código das famílias” em Cuba. Esse dispositivo legal está em conformidade com a nova Constituição e garante, dentre outros aspectos, o direito reprodutivo e de matrimônio de casais do mesmo sexo. Para mais informações ver: [Autoridades de Cuba destacan aprobación del Código de las Familias - Prensa Latina \(prensa-latina.cu\)](https://www.prensa-latina.cu/2022/09/26/autoridades-de-cuba-destacan-aprobacion-del-codigo-de-las-familias). Disponível em: <https://www.prensa-latina.cu/2022/09/26/autoridades-de-cuba-destacan-aprobacion-del-codigo-de-las-familias>. Acessado em 28 de setembro de 2023.

²⁶⁸ARTÍCULO 43. *La mujer y el hombre tienen iguales derechos y responsabilidades en lo económico, político, cultural, laboral, social, familiar y en cualquier otro ámbito. El Estado garantiza que se ofrezcan a ambos las mismas oportunidades y posibilidades. El Estado propicia el desarrollo integral de las mujeres y su plena participación social. Asegura el ejercicio de sus derechos sexuales y reproductivos, las protege de la violencia de género en cualquiera de sus manifestaciones y espacios, y crea los mecanismos institucionales y legales para ello. (Constitución de la República de Cuba)*

distingue do texto do projeto original da Constituição aprovada, foi o retorno do termo comunismo, primeiramente no item “Convencidos” do “Preâmbulo”, o qual afirma que “*Cuba no volverá jamás al capitalismo como régimen sustentado en la explotación del hombre por el hombre, y que solo en el socialismo y en el comunismo el ser humano alcanza su dignidad plena*”. (*Constitución de la República de Cuba*). Posteriormente, no Artigo 5 da constituição o termo aparece novamente, atrelado ao reconhecimento do PCC como “força política dirigente superior”, bem como as bases teóricas que fundamentam o Partido:

El Partido Comunista de Cuba, único, martiano, fidelista, marxista y leninista, vanguardia organizada de la nación cubana, sustentado en su carácter democrático y la permanente vinculación con el pueblo, es la fuerza política dirigente superior de la sociedad y del Estado. Organiza y orienta los esfuerzos comunes en la construcción del socialismo y el avance hacia la sociedad comunista. Trabaja por preservar y fortalecer la unidad patriótica de los cubanos y por desarrollar valores éticos, morales y cívicos. (Constitución de la República de Cuba)

Segundo Lenin, no período de transição socialista para a sociedade comunista, a “ditadura do proletariado” se constrói a partir da organização de vanguarda dos oprimidos em classe dominante para o esmagamento dos opressores e não apenas como um alargamento da democracia. Em vista disso, o sentido da vanguarda organizada é a restrição de liberdade dos opressores, enquanto exploradores capitalistas com intuito de libertar a humanidade da escravidão assalariada:

A democracia para a imensa maioria do povo e a repressão pela força da atividade dos exploradores, dos opressores do povo, por outras palavras, a sua exclusão da democracia – eis a transformação que sofre a democracia no período de transição do capitalismo ao comunismo. (LENIN, 2007, p. 107)

Assim, a permanência da descrição estatal como “Estado socialista de direito” e sua coexistência institucional com o horizonte do comunismo, como orientação social cubana, aparece como uma das formas de expressão dos impasses e contradições vividas por esta sociedade nos últimos anos. Pachukanis discute como essa forma do direito seria ainda necessária na primeira fase do socialismo, segundo sobretudo a concepção de Lênin sobre o

período de transição para o comunismo, em que “traços essenciais do direito privado burguês” seriam necessários à superestrutura jurídica” (Pachukanis, 1988, p. 10).

[...] as sobrevivências da troca de equivalentes na esfera da distribuição, que subsistirão igualmente numa organização socialista de produção (até a passagem para o comunismo evoluído) obrigarão a sociedade socialista a se confinar, momentaneamente, “no horizonte limitado do direito burguês”, tal como Marx o previra. (Pachukanis, 1988, p. 10-11)

Nesse sentido, Pachukanis aponta, segundo Marx em sua Crítica ao programa de Gotha, que no período de transição para o comunismo, as relações humanas permanecem no “horizonte limitado do direito burguês”, num sistema social em que os meios de produção pertencem a toda sociedade, representada na figura do Estado proletário (Pachukanis, 1998, p. 27):

Enquanto a relação entre os produtores individuais e a sociedade continuar mantendo a forma da troca de equivalentes, esta relação manterá igualmente a forma do direito, uma vez que “pela sua natureza, o direito só pode consistir no emprego de uma mesma unidade de medida” (Pachukanis, 1998, p. 27)

Segundo Sánchez, em artigo escrito para o jornal *Granma*, embora a nova Constituição cubana – levando em conta as mudanças que ocorreram nas últimas décadas na economia do país, bem como o ajuste ao “difícil cenário internacional” - reconheça a propriedade privada e suas combinações com a propriedade socialista, constituindo assim “propriedades mistas”, o Estado cubano visa a acumulação de riquezas pela sociedade cubana, todavia regulando e limitando a sua concentração. De acordo com esta acepção, o resultado da acumulação de riquezas não viria da expropriação interna entre os cidadãos cubanos, mas do exterior, como formas de angariamento de divisas em que não haveria concentração de riqueza porque “não tiraria as riquezas de ninguém”, já que concentrar “supõe um processo em que algo se desloca de vários lugares para só um de muitos outros”. (SÁNCHEZ, 2018). Segundo o autor:

Da Economia Política mais elementar é sabido que a contradição entre a cada vez maior socialização do trabalho e a cada vez maior concentração do capital (riqueza) criada com ele é a dinâmica de funcionamento do capitalismo e uma sociedade que se pretende seja alternativa a este não deveria limitar a acumulação de riquezas, mas sua concentração porque se supõe que nesse processo de

concentração alguém (muitos) vai perder e o socialismo deve ser uma sociedade sem perdedores e para isso é essencial o papel do Estado e suas políticas como redistribuidor da riqueza criada por todos os atores econômicos, inclusive os de propriedade privada, sem cair no paternalismo e no igualitarismo que já sabemos por experiência própria o dano e as deformações que produz. (SÁNCHEZ, 2018)

Seguindo essa lógica de pensamento, além de reconhecer o lugar do Estado socialista como regulador da concentração de riquezas da população e de instituições, a nova Constituição passa a reconhecer e fomentar os investimentos estrangeiros na Ilha. Segundo o artigo 28, o Estado promove e oferece garantias para o investimento estrangeiro, como elemento importante para o desenvolvimento econômico do país, com base na proteção e uso racional dos recursos humanos e naturais, bem como no respeito à soberania e independência nacional. Fica a cargo da lei estabelecer o que está relacionado ao desenvolvimento do investimento estrangeiro no território nacional (*Constitución de la República de Cuba*).

4.4 - O trabalho *cuentapropista* e o turismo em Cuba

Interferência VIII

*Na saída do aeroporto José Martí, em Havana, além de diversos carros particulares que vinham buscar os viajantes cubanos que saíam pela porta da frente do aeroporto, havia também uma fila de táxis, carros novos, pintura padronizada, condutores uniformizados parados na rua da frente do aeroporto. Descobri que estes são táxis oficiais, que cobram em CUC, e integram uma empresa cooperativa que surgiu em 2010, impulsionada sobretudo após 2014, com a privatização deste serviço. O governo Cubano, naquele momento, transformou os funcionários condutores das empresas estatais de táxis em trabalhadores *cuentapropistas*. Os cubanos dificilmente utilizam esse serviço, pois tem um preço considerado “criminoso” do ponto de vista da economia local.²⁶⁹*

Peguei um táxi oficial com Angelo, por 20 CUCs barganhados, até o Cerro. Quando soube que era do Brasil, ele colocou Alexandre Pires cantando pagode em espanhol para eu

²⁶⁹Segundo os cubanos com quem conversamos, muitos serviços e mercadorias destinadas ao consumo turístico apresentam um preço exorbitante para os salários e até mesmo para a remuneração média dos *cuentapropistas*, o que levou Margarida a qualificar esses serviços de “criminosos” para a sociedade cubana, já que também costumam cobrar em dólares para atender os cubanos.

ouvir. Disse que adorava o Brasil, que nunca havia saído de Cuba, mas que, se pudesse, o primeiro país que ele visitaria seria o meu, que já o conhecia através das novelas brasileiras. Falei pra ele ir, porque o que a novela mostrava era mentira. Me respondeu que agora era impossível, pois as coisas estavam muito difíceis, me confessou que tem dois filhos adolescentes e mais um sobrinho, que vive com ele, que comem muito²⁷⁰ e que não está fácil ganhar dinheiro. Falei que como cuentapropista deveria ser mais fácil conseguir dinheiro, e Angelo respondeu: “Você viu a fila de táxi parada no aeroporto?”. Numa clara menção ao aumento da concorrência e a conseqüente queda da remuneração nos últimos tempos, conforme me declarou.

Anotações de campo, abril de 2019.

Diante da crise do Período Especial e da necessidade de implementar medidas jurídicas e trabalhistas que possibilitassem o ingresso de divisas ao país por meio do turismo, em setembro de 1993, o governo cubano emitiu o Decreto-Lei 141 introduzindo o emprego autônomo no país. Mais de uma centena de pequenos negócios no setor de serviços foram abertas pelos trabalhadores autônomos, quase 25 anos depois de todos os bares e restaurantes da iniciativa privada terem sido fechados em março de 1968 (GOTT, 2006, p. 327), com a chamada “ofensiva revolucionária”, conforme abordamos anteriormente.

O trabalho autônomo ora era permitido (como na segunda metade da década de 1970), ora proibido, dependendo da crise e das possibilidades de acumulação por parte do Estado. Embora a proibição e liberação dos serviços e trabalhos autônomos até o Período Especial fossem justificados politicamente segundo os valores socialistas implementados pela Revolução Cubana, é preciso observar criticamente o controle da acumulação individual exercido pelo Estado Cubano frente aos desafios postos pela crise que alcança novos patamares de reprodução na década de 1970.

Após um período de nova centralização política e econômica vivida por Cuba a partir de 1986, com o plano de “retificação” do socialismo posto pelo governo Castro diante da crise anunciada pelas reformas soviéticas, em 1993, o trabalho autônomo foi mais uma vez liberado, mas em dimensões até então nunca experimentadas:

Foi dada permissão para cabeleireiros, bombeiros hidráulicos e mecânicos trabalharem legalmente por conta própria. No final de 1995, mais de 200 mil

²⁷⁰ A frase que Angelo utilizou para reforçar o problema da comida foi “Se a *libreta* dá um pão, eles comem três cada um”. A *libreta* fornece um pão diário a cada cubano.

cubanos estavam registrados como autônomos, mais de 5 por cento da força de trabalho, e em junho de 1996 o governo publicou uma lista de 40 outras atividades que estariam abertas a transações. (GOTT, 2006, p. 327)

A crise do trabalho, neste momento, aparece em Cuba como a incipiência dos salários estatais em remunerar minimamente a reprodução social dos trabalhadores e de suas famílias. Tal fato empurrou uma grande quantidade de cubanos, sobretudo em Havana, para o trabalho autônomo, uma vez que este poderia ser pago em dólar, ou seu equivalente interno CUC. Todavia, pela primeira vez esses trabalhadores enfrentavam uma economia fortemente tributada, já que o Estado exigia que esses trabalhos fossem prontamente registrados e taxados (*Ibid.*).

Segundo informações que obtivemos no trabalho de campo, os trabalhadores *cuentalpropistas* têm que pagar, como imposto direto, 10% dos seus ganhos ao mês, além de um valor mensal pela licença, que varia segundo o tipo de serviço, táxi, aluguel de casa, *paladares* etc. Se o trabalhador *cuentalpropista* tiver um negócio com algum funcionário, ele também paga uma *propina*²⁷¹ por cada trabalhador contratado. Também têm que pagar uma taxa mensal para a previdência e assistência social, cerca de 80 CUPs. Além disso, devem pagar um valor anual, uma espécie de imposto sobre rendimentos, que pode chegar a 6.000 CUPs²⁷² por ano, para uma pessoa que aluga uma suíte a 30 CUCs ao dia, por exemplo. A cooperativa de táxi, no caso relatado acima, ainda tem que arcar com a compra dos carros novos, mediada pelo Estado, e com a manutenção dos veículos, uma vez que o carro, como meio de produção, é importado e tem seu uso regulamentado pelo Estado, sendo seus custos repassados aos trabalhadores pela cooperativa.

No início dos anos 2000 a atividade autônoma, após ter se expandido na década precedente, foi novamente reduzida. O Estado Cubano interveio na economia afim de controlar a concentração de renda nas mãos dos trabalhadores autônomos, diante dos desdobramentos da expansão do capital fictício no país, decorrente dos acordos com a Venezuela e China, principalmente. A posição do Estado cubano oscila constantemente sobre a permanência das atividades privadas, no entanto, desde 2011 foi instituído o trabalho autônomo como *cuentalpropismo*, sendo considerado não mais como uma medida econômica emergencial e sim “como algo importante na construção de seu novo modelo econômico”, enquanto busca pela atração de capital estrangeiro (PASCHOAL, 2017, p. 99). De acordo com Paschoal:

²⁷¹Tipo de imposto.

²⁷²80 CUPs correspondiam, em 2019, a pouco mais de 3 dólares e 6.000 CUPs, cerca de 250 dólares.

O *cuentapropismo* é um termo utilizado para designar o setor não estatal do mercado de trabalho que, atualmente, abrange mais de duzentas atividades licenciadas. (...) Devidamente licenciados, eles são donos e funcionários de restaurantes e pequenas hospedarias, vendedores de roupas, artesãos, fotógrafos, cabeleireiros, reparadores de produtos eletrônicos... A lista se alonga entre outras funções, que empregam cerca de 520 mil trabalhadores. (PASCHOAL, 2017, p. 99)

Em 2016, os trabalhadores autônomos, agora instituídos como *cuentapropistas*, somavam cerca de 520 mil trabalhadores, correspondente a 10% da população economicamente ativa cubana. Em 2010, a porcentagem de trabalhadores autônomos correspondia a 3% da PEA (*Ibid*). Tal crescimento é acompanhado por políticas econômicas empreendidas pelo Estado cubano sistematicamente, na última década, para fomentar o trabalho autônomo no país

[...] existem livros e cds com dicas de como gerenciar um empreendimento; houve ampliação das atividades licenciadas; foi criado um sistema de seguridade social para atender aos *cuentapropistas*; o Código del Trabajo passou a reconhecer o trabalho por conta própria e a estabelecer alguns direitos básicos para o funcionamento dessa atividade (PASCHOAL, 2017, p. 102).

Desde que o *cuentapropismo* passou a ser fortemente incentivado no país com as diretrizes aprovadas pelo Partido Comunista de Cuba em 2011, um número crescente de cubanos tem se tornado trabalhador por conta própria, como foi dito. A segunda década do século XXI foi marcada pela proliferação de salões de beleza, cafés, restaurantes e arrendamentos de casas e quartos destinados ao setor turístico. Além destes serviços citados, há uma série de outros pequenos negócios, como a venda de roupa usadas, sapateiros, chaveiros, recarga de isqueiros, pequenos consertos de eletrodomésticos, celulares e eletrônicos, que estão sendo oferecidos, às vezes em locais oficiais destinados a essas atividades, mas na maioria das vezes nas ruas ou nas portas das casas e pequenos estabelecimentos. As fotos 3, 4 e 5 mostram distintos lugares em Havana destinados a atividades de trabalhadores *cuentapropistas*. A foto 6 mostra um anúncio de barbearia que estava prestes a inaugurar:

Foto 3



Foto 3: Em Havana, são comuns locais compartilhados por pessoas com suas pequenas oficinas. Nesta foto, observamos uma pequena oficina de gravação de couro que divide o espaço com um sapateiro e um chaveiro. Por Ana Sylvia Maris Ribeiro, *Centro Habana*, maio de 2019.

Foto 4



Foto 4: O entregador de jornal – o *Granma* – em frente a um salão no piso térreo de um edifício residencial que abriga diversas pequenas oficinas de *cuentapropistas*: amolador de facas e tesouras, chaveiro, conserto e recarga de isqueiro, sapateiro e pequenos concertos em geral. Por Ana Sylvia Maris Ribeiro, *Cerro*, maio de 2019.

Foto 5



Foto 5: Esta foto mostra um lugar destinado a tendas de venda de roupas e sapatos por *cuentapropistas* registrados. Por Ana Sylvia Maris Ribeiro, *Centro Habana*, maio de 2019.

Foto 6

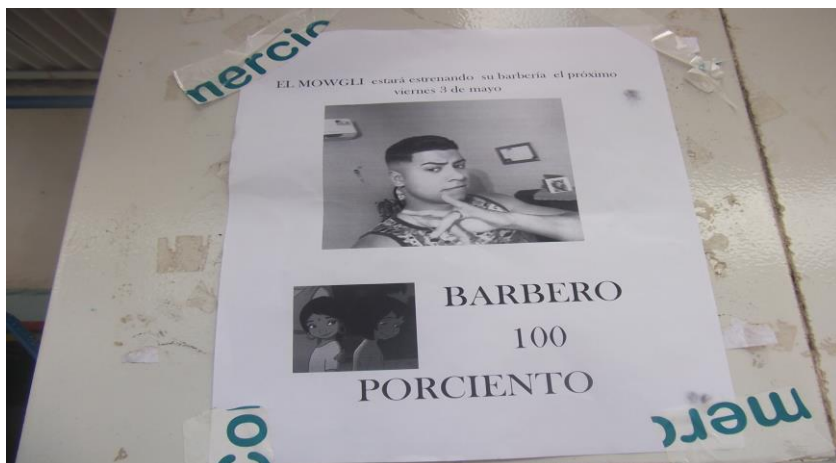


Foto 6: Anúncio de abertura de barbearia em data próxima. “*EL MOWGLI* estará estrenando su barbería el próximo viernes 3 de mayo”. Por Ana Sylvia Maris Ribeiro, Mariel, abril de 2019.

Os serviços dos *cuentapropistas* são destinados tanto à população local quanto aos turistas, embora o pequeno comércio, reparos em geral e salões de beleza atendam sobretudo aos cubanos. A porcentagem de jovens trabalhando no setor vem crescendo de modo que, muitos profissionais aposentados, das áreas de saúde e educação, por exemplo, seguem trabalhando, por conta das baixas remunerações da aposentadoria e também devido a pouca procura por trabalho em determinados setores assalariados. De acordo com o *Granma*, o déficit de profissionais no setor da educação é preocupante (MOLINA, 2019, p.1).

Em maio de 2019, na província central de Cienfuegos, conhecemos Hugo, que se formou em Ciências da Computação pela Universidade de Santa Clara, mas trabalhava em um restaurante na cidade capital da província, devido ao baixo salário pago a profissionais em empresas. Trabalhando como garçom de um restaurante que atende a turistas, era registrado como *cuentapropista*, assim como o proprietário do estabelecimento, também cubano. Afirmava que ganhava mais como garçom do que trabalhando em sua área profissional, embora trabalhasse muito mais horas por dia e mais dias por semana do que trabalharia em qualquer empresa estatal, segundo nos contou.

Em Mariel, conhecemos Laura, uma mulher que tinha um bebê de quatro meses e estava

de licença maternidade. Ela trabalhava em Havana antes de ter sua filha, numa empresa de software. Seu salário, segundo ela mesmo nos disse, era de 430 pesos (CUPs)²⁷³ mensais, mais ganhos por produtividade, podendo alcançar de 1200 a 1300 CUPs²⁷⁴ ao mês. Como sua família e sua casa encontram-se em Mariel, enquanto trabalhava nessa empresa vivia com mais cinco pessoas, também funcionários da empresa, em um apartamento disponibilizado por esta em Havana. Entretanto, após o período de licença maternidade, não pode mais voltar a morar no apartamento da empresa, porque eles não admitem crianças, mesmo os filhos das funcionárias. A licença maternidade segundo a lei cubana garante até um ano de afastamento da mãe do trabalho. Entretanto, durante este ano, a mulher recebe apenas o equivalente a 60% do salário médio recebido no ano anterior, pago em parcelas, ou de uma única vez. Em vista disso, Laura está buscando alternativas para voltar ao trabalho quando sua licença maternidade acabar. A primeira possibilidade que nos contou é alugar um apartamento em Havana para ela e a filha morarem. Um aluguel de apartamento em Havana, segundo sua informação, para um cubano, está entorno de 60 a 80 CUCs mensais, custo demasiado alto para somente seu salário cobrir, o que a levaria a procurar alguém para dividir o apartamento e o aluguel. Outra possibilidade que está cogitando seria ir e voltar todos os dias de Mariel para Havana²⁷⁵ e, durante o tempo fora, pagar à sua vizinha para que cuide de sua filha, já que ficaria mais tempo fora do que o funcionamento do *círculo infantil*²⁷⁶.

Os motivos descritos como responsáveis pelo crescimento do *cuentapropismo* em Cuba apontam principalmente para a diferença de remuneração entre esta atividade e os salários pagos pelo setor estatal. Segundo a psicóloga Daybel Pañellas que investigou o setor na segunda década do século XXI, “os piores salários no *cuentapropismo* são até seis vezes maiores do que a remuneração de um profissional no setor estatal” (PASCHOAL, 2017, p. 102). Ademais, a diminuição, desde a década de 1990, dos produtos oferecidos na *libreta* de racionamento, que costumam durar menos do que 15 dias, também aparece como questão fundamental.

Embora o trabalho *cuentapropista* pareça economicamente mais atrativo em relação ao trabalho assalariado estatal, em razão dos altos impostos, intensa burocracia e constante filas

²⁷³430 CUPs equivaliam em 2019 a pouco mais de 17 dólares.

²⁷⁴ Laura ganhava de 48 a 52 dólares ao mês, em preços convertidos.

²⁷⁵ A distância deste trajeto pode variar de 40 a 55 quilômetros, a ser percorrido diariamente. Em 2019 existiam os chamados “caminhões”, que funcionam como coletivos, realizando esse trajeto diversas vezes ao dia, por 5 CUPs, a partir do terminal *Paralelo Playa*, relativamente distante da área central da capital. Havia também táxi coletivo que faziam o mesmo trajeto por 30 CUPs. A viagem demora de 40 minutos a uma hora, de uma cidade a outra.

²⁷⁶ Círculo infantil é o correspondente a creche, aqui no Brasil.

nos bancos, muitos cubanos, em nossa viagem à Ilha entre abril e maio de 2019, antes da pandemia de COVID 19, afirmavam pensar em desistir do *cuentapropismo* ou já terem desistido, como por exemplo, Margarida.

Estivemos hospedados na casa de Margarida em abril de 2015. Na ocasião, ela alugava dois dos três quartos de seu apartamento situado no *Vedado*. Um deles com uma cama de casal e o outro com três beliches, ou seja, um quarto compartilhado. Era a reserva de aluguel de quarto mais barata, disponível na época por um único *site* da internet que reunia não muitas opções de *renta*²⁷⁷, num lugar bem situado, próximo ao centro de Havana.

Margarida é psicóloga de formação, e trabalhou como professora universitária na *Universidad de La Habana* por 20 anos. Morou durante 5 anos em uma cidade planejada próxima a capital da antiga União Soviética, entre a década de 1970 e 1980, pois seu ex-marido era cosmonauta e realizava seu treinamento lá. Seu filho mais velho atualmente vive em Moscou com esposa e filho. Após o retorno ao país, se separou e, com os filhos adultos, permaneceu sozinha no apartamento. Com a intensificação das mudanças no sentido da liberalização do trabalho *cuentapropista*, em 2011, somada ao baixo salário recebido como professora universitária²⁷⁸, renunciou a seu trabalho na *Universidad de La Habana* e tornou-se autônoma, alugando parte de sua casa para estrangeiros. Na época, tinha uma amiga que trabalhava limpando sua casa.

Em 2019, buscamos sua habitação antecipadamente pela internet, entretanto, embora o número de *sites* ofertando uma grande quantidade de serviços de *renta* em Havana, e em outras cidades cubanas, tenha aumentado, a casa de Margarida aparecia sem disponibilidade de dormitórios. Mesmo alugando outra habitação, agora num bairro mais afastado do centro, fomos visitá-la no *Vedado*. Quando chegamos ao seu apartamento ela não estava, não havia ninguém em casa. No caminho até a *Avenida 23*, a encontramos, de sombrinha aberta sob o sol de quase meio-dia, caminhando na calçada em nossa direção. Estava vindo de *Habana Vieja*²⁷⁹, onde acabara de se inscrever numa oficina de psicologia funcional, com práticas de meditação que visavam a recolocação profissional de profissionais da área. Contou-nos que tinha dado um tempo do negócio de *renta*, sem, todavia, encerrar sua conta nos *sites*. Nos disse que com 65

²⁷⁷*Renta* é o nome que se dá à atividade de aluguel de quarto de casas particulares.

²⁷⁸Em Cuba, há um quadro que estabelece a remuneração média de acordo com o nível e função de cada cargo do funcionalismo público. Um trabalho considerado de nível superior, como a docência universitária, dentro de uma instituição pública de ensino e pesquisa paga cerca de 40 dólares mensais.

²⁷⁹Centro histórico de Havana.

anos estava cansada de sair e pegar fila quase todo dia nos bancos ou em *Cadecas*²⁸⁰ da cidade e de, ao mesmo tempo, ficar presa em casa por conta do negócio. Seu filho e a família estavam de férias em Cuba e planejavam ficar três semanas em sua casa e, ademais, teria o curso, então não tinha expectativa de voltar ou quando voltar para o *cuentapropismo*. Em 2020 veio a pandemia e Margarida não só não reabriu mais o negócio, como se foi do país em 2021, no intuito de viver com seu filho e a família em Moscou.

À inscrição do serviço de hospedagem em *sites* especializados depende, para os *cuentapropistas* cubanos, de um cartão de crédito de algum banco no exterior. Na prática isso ocorre quando o *cuentapropista* tem algum parente ou conhecido vivendo em outro país, ou ainda algum contato de pessoa que disponibiliza esse serviço de maneira informal visando alguma remuneração. A partir do cartão de crédito que possua bandeira de operadoras financeiras internacionais, tais como *Visa*, *MasterCard* e *Elo*, por exemplo, a pessoa em Cuba pode cadastrar sua habitação num *site* especializado e reservar o serviço, em que o cliente geralmente efetua o pagamento com antecedência pelos meios virtuais.

Para esse dinheiro chegar nas mãos do arrendador em Cuba, antes da unificação monetária em 2021, havia pelo menos quatro possibilidades mais utilizadas: a pessoa no estrangeiro transferia o dinheiro para uma conta individual de um cubano em algum banco estatal nacional e, mediante o pagamento de uma taxa, que era maior se o depósito fosse feito em dólar estadunidense, era feita a transferência convertida em CUC para a conta cubana; outra possibilidade muito utilizada era a transferência de dinheiro via *Western Union*²⁸¹, que além de cobrar uma taxa fixa de transferência, esse dinheiro deveria ser declarado formalmente ao Estado cubano, de modo a pagar o preço da conversão do valor em CUC, que no caso do dólar era cobrado mais 10% sobre o preço de conversão, como todas as transações que envolviam essa moeda; há ainda a situação em que o parente ou conhecido deixa o cartão estrangeiro diretamente nas mãos das pessoas em Cuba, de modo que esta possa sacar qualquer quantia, dependendo de sua cobertura no país de origem, direto dos caixas eletrônicos do Banco Metropolitano; e, por fim – mas não esgotando a miríade de possibilidades encontradas pelos cubanos para realizar transações financeiras frente ao bloqueio – a remuneração pelo serviço

²⁸⁰ *Cadecas* são casas de câmbio espalhadas por Havana e por todas as cidades de Cuba. Nas *Cadecas*, os estrangeiros conseguiam trocar dinheiro estrangeiro por CUC e CUP e vice-versa. Os cubanos podiam, por sua vez, trocar CUC por CUP ou vice-versa. Com a Tarea Ordenamiento em 2021 e a unificação monetária as *Cadecas* se esvaziaram e muitas fecharam, uma vez que o mercado paralelo passou a apresentar preços mais vantajosos de câmbio. Retomaremos o assunto mais adiante.

²⁸¹ Com sede nos Estados Unidos, A *Western Union* é uma empresa multinacional que oferece serviços financeiros internacionais. Ela funcionou no país até 2020, quando encerrou suas operações na ilha. Em 2023 anunciou sua reabertura, no entanto, em seis meses, nenhuma agência voltou efetivamente às operações no país.

mediado pelo cartão é feita por pessoas que realizam o transporte de valores pessoalmente de um país a outro, seja em viagens programadas, seja ocasionalmente, de acordo com o que eles chamam de serviço de “mula”.

Como instituição financeira nacional e estatal, os bancos de Cuba articulam as transações financeiras estrangeiras e nacionais, cobrando tarifa e certa taxa de juros por isto. Além de mediar o sistema de pagamentos dos salários, os bancos oferecem serviços de abertura de contas bancárias, poupanças e empréstimos sobretudo para *cuentapropistas*²⁸². Possui uma ampla rede de caixa eletrônicos, principalmente em Havana, no entanto, as filas não só para utilizar os caixas, mas principalmente para entrar no banco, são longas e diárias:

Foto 7



Foto 7: Fila para utilizar os serviços do *Banco Metropolitano*. Uma funcionária dá orientações a um usuário na porta do estabelecimento. Por Ana Sylvia Maris

²⁸²Dependendo de planos nacionais de créditos liberados pela Assembléia Popular, como em 2014.

Ribeiro, abril de 2019.

Os caixas eletrônicos do *Banco Metropolitano* estavam, até 2020, habilitados para operar, além dos cartões de contas nacionais, os cartões de créditos de estrangeiros que possuíssem bandeiras internacionais, para realizar principalmente saques e consultas. Somente os cartões estrangeiros possuem essas bandeiras. Internamente, o sistema financeiro cubano não está habilitado para ofertar o serviço de operadoras internacionais de crédito à população.

Nesse sentido, o bloqueio estadunidense que atualmente opera em Cuba é, sobretudo, financeiro, de modo que impossibilita uma livre circulação de dinheiro virtual entre as pessoas e negócios na Ilha, circulação que ainda sim se realiza no país segundo uma clivagem social marcada principalmente pelo turismo e pela emigração de parte da população. Não havia máquinas operadoras de cartão de crédito e débito em quase nenhum estabelecimento turístico, situação muito diferente do Brasil e demais países centrais. O acesso ao cartão de crédito estrangeiro, que é também internacional, permite que grande parte do serviço de aluguel de quartos e suítes (compartilhados ou não) em casas privadas – a chamada *renta* – ganhe projeção no meio virtual e se realize segundo a forma turística do mercado internacional atual.

O turismo internacional em Cuba se realiza desde a década de 1990 mediado pelas agências turísticas nacionais e internacionais, com hospedagem em hotéis, passeios de barcos, festas noturnas, visita à produção de tabaco etc., algumas opções de pacote oferecidos com enfoque sobretudo em “atrativos caribenhos”²⁸³. Este tipo de turismo, mais “tradicional” e de alto luxo, permanece recebendo boa parte das inversões do país, graças também aos investimentos estatais diretamente no setor²⁸⁴ e às recentes concessões para investimento de capital estrangeiro²⁸⁵. Ademais, o Estado cubano tem investido e desenvolvido cursos técnicos e profissionalizantes na área de hotelaria e turismo, principalmente nos últimos 15 anos, para atender a este setor de alto padrão. Uma parte dos cursos de requalificação profissional, tal como o que Margarida havia se inscrito, tem aparecido também para incrementar este setor, oferecendo serviços especializados de massagens, *reike*, meditação, terapias alternativas, produção orgânica etc., com intuito de direcionar uma parte dos trabalhadores complexos, já

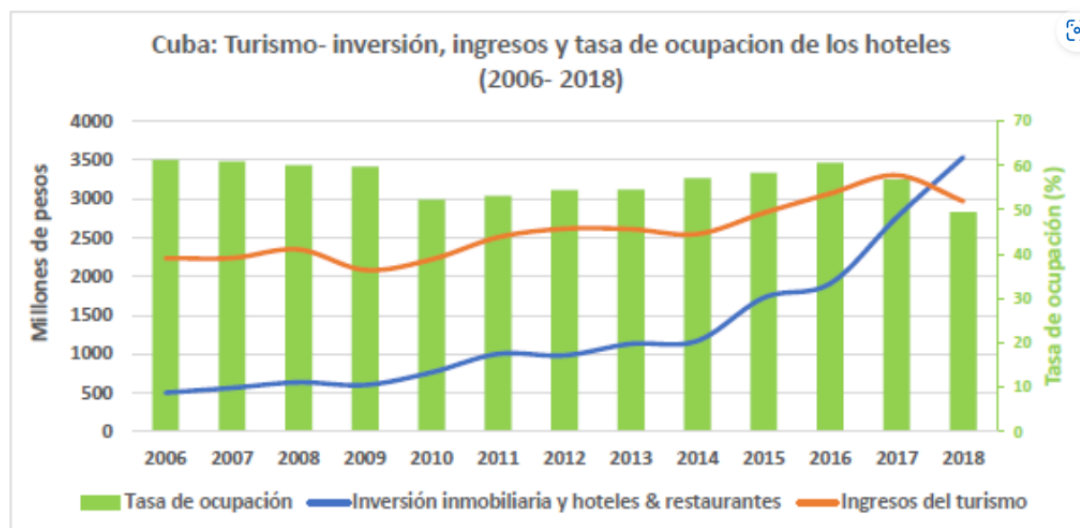
²⁸³Turismo que oferecem “sol e praia”, além de shows de música e diversão noturna. O turismo realizado nas ilhas do Caribe, assim como em praias do México, Colômbia e outros países da América Central, ofertam esses atrativos de forma muito semelhante no mercado mundial.

²⁸⁴Uma rede considerável de hotéis é, ou exclusivamente estatal, ou sistema de *joint venture* entre o Estado e alguma rede hoteleira estrangeira. Entretanto, nos últimos anos passaram a operar também hotéis totalmente estrangeiros.

²⁸⁵Como a legalização das novas formas de propriedade e investimento estrangeiros aprovados na nova Constituição.

aposentados ou não, também para o setor turístico, direta ou indiretamente. O gráfico 2, dentre outros fatores, demonstra os investimentos crescentes no setor turístico cubano de 2006 a 2008:

Gráfico 2



Fuente: ONEI. *Anuario Estadístico de Cuba 2018*, Tabla 15.14 – Tasa de ocupación media anual de los establecimientos de alojamiento, Tabla 15.15 – Ingresos asociados al turismo internacional, y Tabla 12.7 – Volumen de inversiones por clase de actividad económica. Se utilizaron las tablas equivalentes de otras dos ediciones del *Anuario Estadístico de Cuba*: 2015 y 2011.

Gráfico 2: Disponível em <https://elestadocomotal.com/2020/05/23/recuperando-el-turismo-en-medio-de-la-mayor-crisis-economica-global-desde-1929-un-viaje-sin-mapas/>. Acessado em 28 de setembro de 2023.

Entre 1915 e 1930 o turismo correspondia a um terço dos ganhos na balança comercial cubana, ficando apenas atrás das exportações de tabaco e açúcar (OLIVA, 2015, p. 42). Após uma queda no setor, com a crise de 1929 e a depressão econômica mundial, a atividade retomou o crescimento, sobretudo após a Guerra Mundial, atingindo seu auge em 1957, com a entrada de 275 mil turistas no país. Essas cifras acompanharam, em certo sentido, o crescimento do turismo em nível mundial (Ibid).

Com a Revolução, acabou o turismo estadunidense no país, que representava 90% do total, cessando praticamente quase todo turismo internacional na Ilha, restrito apenas ao bloco soviético e à atividade interna. (Ibid.). Após seu ressurgimento na década de 1990, impulsionado pela crise do socialismo real e fim da União Soviética, em 1999, representava 43% dos ganhos econômicos do país. Em 2013, Cuba recebeu cerca de 2 milhões de turistas atingindo novo recorde no setor (Oliva, 2015, p. 43). Para Oliva, a atividade nas últimas décadas se converteu em um elemento estrutural da economia cubana (Ibid).

O turismo é visto por muitos estudiosos como uma nova forma de redistribuição da riqueza mundial, promotora de transferências de renda direcionadas à muitos países pobres, sendo o Caribe um destino privilegiado no setor (ibid). Entretanto, para o economista cubano Pedro Monreal (2020), e parte da mídia independente cubana, o Estado vem privilegiando o investimento turístico, a despeito da importante diminuição de entrada de turistas no país, que vem ocorrendo desde 2017, além da diminuição da taxa de ocupação dos quartos e vagas de hotéis. A época de ouro do turismo cubano, de acordo com Monreal (2020) foi entre 2012 e 2016, durante o segundo mandato de Barack Obama e as aproximações promovidas entre Cuba e Estados Unidos.

É importante salientar que desde 2012, os bancos estatais de Cuba ofereceram alguns programas de créditos para quem desejava abrir seu próprio negócio. Boa parte das pessoas que se tornaram *cuentalpropistas*, nos últimos anos, mantém um trabalho no funcionalismo público, principalmente as pessoas mais velhas, aposentadas ou não. Às vezes, o negócio é da família e sempre há um ou mais membros assalariados que exerce dupla jornada, como falaremos adiante. Quando estivemos no país em abril de 2015, conhecemos Carmen, chefe da biblioteca do hospital pediátrico de Cienfuegos. Em 2014 ela e sua irmã haviam contraído um empréstimo, de cerca de 10.000 CUPs cada, para reformar os quartos da casa para poderem alugar. Ao retornarmos a Cuba em 2019, soubemos que a irmã dela conseguiu terminar a reforma, mas não aluga nenhuma parte da casa; agora divide o quarto um pouco mais confortavelmente com os filhos. Já Carmen não conseguiu terminar a reforma, ficou um pedaço por finalizar, sem piso e acabamento. Faltou dinheiro e cimento.

O exemplo de Carmen versa sobre uma forma de turismo que aparece como promessa de atividade rentável e que se expandiu criticamente em Cuba há pouco mais de 10 anos. O aluguel de habitações particulares para os turistas existe no país desde a década de 1990, mas foi reconhecido e mais bem regulamentado desde 2008 – 2009, primeiro atrelado a passeios turísticos no interior e litoral do país, agenciados por empresas turísticas oficiais ligadas ao Estado. Posteriormente, em 2011, o arrendamento de habitações passa a ser liberado em Havana, principalmente, e em outras cidades turísticas, sendo um serviço amplamente difundido e legalizado a partir de 2014. Em vista disso, em 2011 aparecem os primeiros anúncios de *renta* de habitações cubanas na internet, mas só em 2014 é que esse serviço passa a poder ser reservado e pago pelos meios virtuais, através de sites especializados: no início, apenas um site apresentava essa possibilidade, hoje há pelo menos três muito utilizados.

Em 2015, Margarida tinha em sua casa um computador russo que utilizava com o

serviço de internet discada, que então vigorava no país. Mas mesmo com a internet de baixa capacidade para a época, ela conseguia fazer as reservas e transações pela rede, utilizando-se do cartão de crédito de seu filho. Hoje o sistema de acesso à internet melhorou no país, conforme abordamos no capítulo 3, mas a distinção entre ter acesso ao cartão de crédito estrangeiro, ao meio financeiro internacional, e não ter essa possibilidade, já dava sinais do abismo entre aqueles que possuíam acesso ao crédito internacional e o restante da população que não dispõe desse meio. Tal abismo se aprofundou com a Tarea Ordenamiento e invenção dos cartões de MLC (*Moneda Librementemente Convertible*), conforme abordaremos no próximo item. Aqueles que não têm acesso ao crédito internacional mediando seu serviço por *sites*, reservas e pagamentos virtuais, devem entrar na concorrência do mercado por outros meios, em clara desvantagem.

Em 2019 era bastante comum nos terminais de ônibus provinciais e nacionais cubanos encontrarmos tanto idosos oferecendo suas próprias casas e habitações para alugar, quanto outras pessoas tentando agenciar a casa de terceiros: um intermediário que faz “negócios” para os proprietários das casas mediante o recebimento de uma porcentagem por cada negócio fechado. Nas cidades turísticas cubanas ainda é comum a presença de jovens que realizam essa atividade e outras correlatas, como agenciar e acompanhar o turista a restaurantes, passeios, festas etc.²⁸⁶ Fora de Havana é mais difícil encontrarmos habitações na internet para alugar. Em cidades pouco turísticas, quase não há esse serviço disponível pela internet, mesmo que seja oferecido pessoalmente.

O crescimento dessa forma de turismo se realiza atrelada à forma mundial de “autonomização” dessa atividade. Nesse sentido, com o desenvolvimento dos mais variados serviços e possibilidades de pagamento oferecidos pela internet, o turista não precisa mais comprar um pacote turístico em uma agência especializada, podendo planejar autonomamente, ou com recurso de outros *sites* especializados em informações de viagens, suas férias e outras atividades turísticas. Pela internet é possível reservar, nos dias de hoje, tanto suítes luxuosas em hotéis de bandeira estrangeiras e/ou nacionais, quanto quartos compartilhados, sobretudo em Havana. No caso, os quartos compartilhados correspondem ao turismo de “mochileiros”, bastante comum e reconhecido nos últimos anos no país.

O turismo de mochileiros cresceu, antes da pandemia, em ritmo aparentemente mais acelerado do que o turismo familiar e de alto luxo na Ilha. É constituído por pessoas que viajam sozinhas, em casal ou em pequenos grupos, com mochilas grandes próprias para o deslocamento dos viajantes. Geralmente os mochileiros viajam para várias províncias e cidades da Ilha,

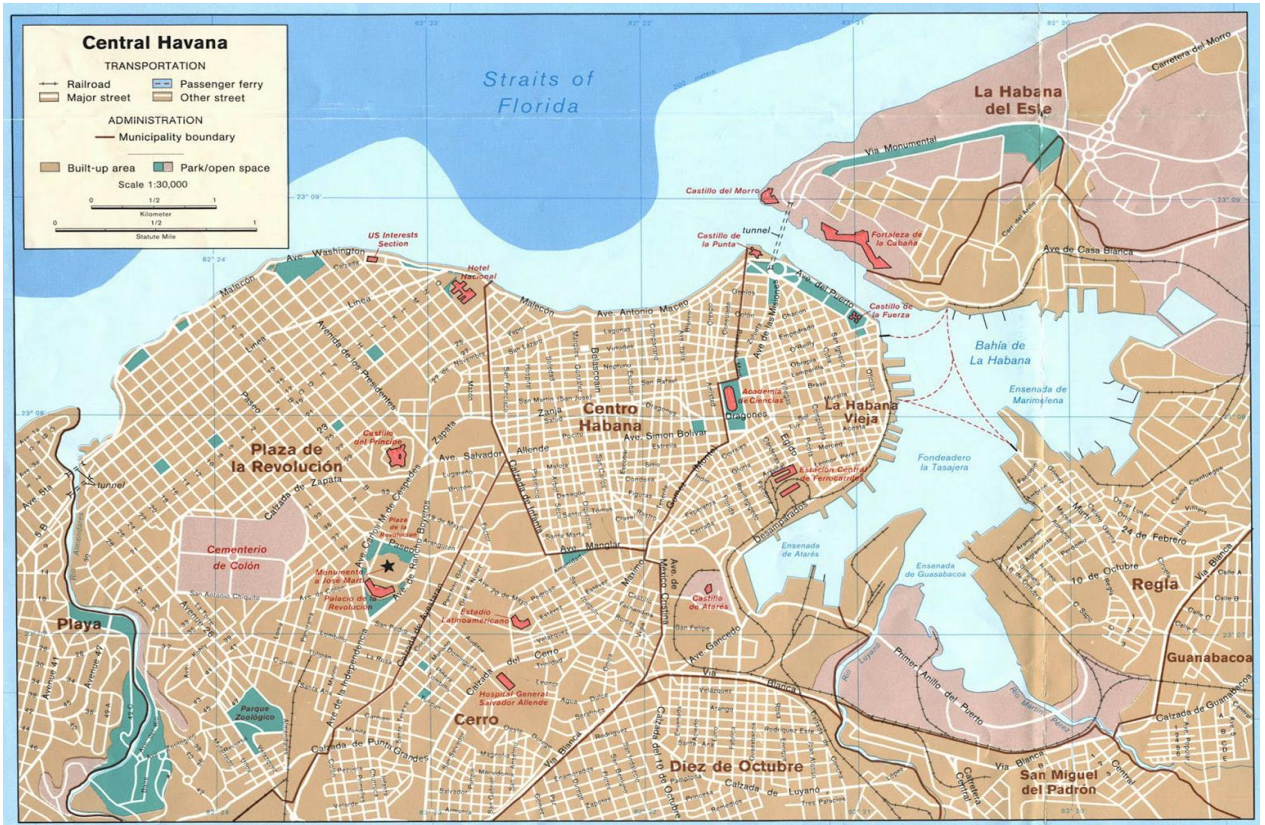
²⁸⁶Discutiremos sobre essas atividades mais à frente.

utilizando desde os serviços mais especializados, pagos em CUCs, de transporte, comida, passeios etc., aos mais simples, que se reproduzem atendendo sobretudo a população cubana, pagos em CUPs, como ônibus, táxis coletivos, pequenos cafés etc.

Aqueles que conseguem anunciar sua hospedagem pela internet têm a possibilidade de oferecer quartos compartilhados, com alguns beliches, a preços mais baratos por pessoa, como em *hostels* que existem ao redor do mundo. Quem não tem como realizar o anúncio e reserva prévia, geralmente possui suítes ou quartos para família (com uma cama de casal e um beliche, por exemplo) e não podem alugá-los de forma compartilhada entre estranhos. E tampouco aceitam alugar o quarto inteiro para uma pessoa cobrando o preço de um quarto compartilhado. Muitas vezes esses *cuentrapropistas* acabam com a habitação vazia e, em vista disso, muitos já estavam desistindo de oferecer esse serviço ou pensando em encerrar a atividade em 2019, uma vez que uma parte dos impostos, como a licença, tem de ser paga, tendo recebido turistas ou não. Esse é o caso de Dolores, que vive em Mariel. Antes de discutirmos sobre esse exemplo, gostaríamos ainda de considerar alguns aspectos sobre a concorrência em relação à atividade turística de hospedagem.

Pesquisamos com antecedência uma hospedagem em Havana, com intuito de permanecer no local durante quase todo o período de trabalho de campo na cidade. Escolhemos o lugar mais barato que apareceu nos *sites*, um quarto compartilhado com três beliches, no bairro *Cerro*. Geralmente, as mesmas hospedagens são oferecidas por diferentes *sites-aplicativos*, com pequena variação de preço, segundo a taxa de operação do *site*. O quarto ficava em um apartamento do nono andar de um edifício situado em frente a uma praça importante do bairro, ao lado de um estádio de beisebol. *Cerro*, por sua vez, faz divisa com o bairro chamado de *Centro Habana*, uma espécie de centro expandido da capital. Nesse sentido, nos encontrávamos relativamente próximo ao centro, cerca de 15 minutos de ônibus e 45 minutos caminhando, aproximadamente 4 quilômetros. Os bairros principais de Havana podem ser vistos no mapa a seguir:

Mapa 2



Mapa 2: Bairros Centrais de Havana. Disponível em <https://mapasblog.blogspot.com/2012/09/mapas-de-havana-cuba.html> , acessado em junho de 2019.

Embora próximo ao centro para os padrões das metrópoles latino-americanas, nas áreas próximas ao *Cerro* havia, em 2019, bem menos habitações para se alugar, principalmente as que se encontravam disponíveis na internet.

Mapa 3



Mapa 3: Quartos para alugar em Havana, segundo o Airbnb.
Disponível em <https://www.airbnb.com.br/s/Havana—Cuba> acesso em junho de 2019.

O quarto compartilhado que alugamos fazia parte de um apartamento de dois quartos, sala, cozinha e banheiro também compartilhados, que pertencia a Luan. Luan morava com seus pais no apartamento de cima, no décimo andar, que possui uma configuração maior. Neste mesmo edifício, havia dois outros apartamentos que alugavam quartos, de outros moradores. Os apartamentos neste prédio – que tem 13 andares e foi construído na década de 1970 – têm pelo menos quatro tipos de configurações e tamanhos distintos segundo a face do prédio em que se encontra.

Luan trabalhava como engenheiro de telecomunicações em uma importante empresa estatal. Em 2016 iniciou o negócio de *renta* quando sua irmã foi morar na Espanha. Seu pai é médico cirurgião aposentado e sua mãe é bióloga química que trabalha no setor estatal industrial de refinaria de óleos vegetais. Seu negócio disponibiliza, diariamente, seis camas em quarto compartilhado e mais três lugares (uma cama de casal e uma de solteiro) em um quarto privado. Durante o cerca de um mês que permanecemos nesta habitação, sempre tinha gente hospedada. Às vezes com a capacidade toda ocupada, às vezes com apenas dois ou três hóspedes, mas sempre com turistas estrangeiros: europeus, canadenses, e em menor número mexicanos, argentinos e asiáticos, do Japão e de Taiwan, principalmente. Luan reclamou que mesmo estando sempre com hóspedes, o movimento caiu muito no último ano (2019), pois antes era comum o apartamento estar sempre cheio e ter que às vezes dispensar quem chegava de última

hora requisitando habitação, segundo ele.

Embora relativamente mais distante do centro e das atrações turísticas do que a maioria das habitações oferecidas em sites especializados, por oferecer um dos preços mais baratos do mercado individualmente²⁸⁷, com essa opção de quarto compartilhado anunciado e com possibilidade de reservas prévias, sua condição nesse mercado se distinguiu de boa parte das pessoas que alugavam suas casas antes da pandemia de COVID 19. Ademais, Luan georreferenciou os principais lugares onde se comer, as *Cadecas*, as principais linhas de ônibus e táxis coletivo, para o centro, para o Vedado, para o aeroporto e para o terminal interprovincial, de modo que, para cada turista, entregava um mapa fornecendo informações fundamentais sobre a moeda, serviços etc, para que este pudesse se deslocar pela cidade mesmo sem falar Espanhol. Assim que o turista mostrava interesse em reservar sua habitação, Luan já iniciava uma conversa, em espanhol ou em inglês, pelo *chat* dos aplicativos e *sites* explicando como chegar à sua casa e com instruções básicas de como viajar pelo país. Nesse sentido, embora reconhecendo que a atividade diminuiu nos últimos tempos, estava conseguindo manter o negócio e extrair alguma remuneração deste.

Outro ponto que Luan diz garantir a segurança e confiabilidade dos turistas no serviço que oferece, é o fato de manter uma câmera na sala, cozinha e corredor – os lugares comuns do apartamento que aluga – com transmissão e gravação das imagens que podiam ser assistidas de seu apartamento no piso de cima.

Muitas casas particulares a serviço do negócio turístico estavam permanecendo sem hóspedes durante longo período do ano, após 2017. Isso ocorreu sobretudo com quem não tinha a possibilidade de se cadastrar em um *site* especializado e também devido à grande aumento da oferta de suítes e quartos para alugar nos últimos anos. A liberação da compra e venda de casas no país impulsionou um mercado imobiliário em Havana e outras importantes cidades turísticas, como Trinidad, por exemplo, caracterizado pela compra de casas por cubanos que moram em outros países (nos Estados Unidos, principalmente) para transformá-las em *hostels* com cara de casa particular cubana. Geralmente, algum conhecido ou parente cuida da limpeza e da entrega e controle das chaves enquanto o negócio é gerido a partir do *site* e com recursos financeiros internacionais. Uma quantidade crescente destes casos tem aparecido em Cuba, principalmente em Havana. Diante dessa realidade, a concorrência tem se tornado mais intensa e muitos cubanos que têm apenas a própria casa para alugar, tendo que agenciá-la por formas não

²⁸⁷A habitação no quarto compartilhado no apartamento de Luan custava cerca de 4 dólares por noite, pago antecipadamente pelo site – aplicativo e, 6 dólares sem reserva, pago na hora.

virtuais, já não estava conseguindo resistir muito tempo no mercado.

Em Cienfuegos, capital da província de mesmo nome, cidade média importante do ponto de vista cultural do país, ficamos

hospedados em uma suíte que não era anunciada na internet. Sua proprietária, Isabel e seu esposo Armando são naturais de Cienfuegos e compraram essa casa com a possibilidade de alugar uma suíte, há cerca de quatro anos. A casa está situada num lugar privilegiado, ao lado da praça central da cidade, onde há museus, casas de músicas, centro culturais, cafés e sinal de *wifi* da praça que irradia para os edifícios do entorno e até mesmo para sua casa. Eles compraram e reformaram a parte superior da casa para alugar, de modo que permaneceram morando no piso térreo. Disseram-nos que nos dois primeiros anos não alugavam a suíte, que em realidade possui duas camas de casal, um banheiro e uma cozinha com geladeira, por menos de 30 CUCs, mesmo que para uma pessoa sozinha, porque precisavam pagar a reforma. Mas com a relativa queda do movimento, agora aceitam alugar o quarto todo para uma pessoa por 10 CUCs por noite.

O casal contou das dificuldades que tiveram com mochileiros sozinhos que os esperavam dormir para levar acompanhantes para o quarto, situação proibida segundo a legislação que rege os arrendamentos, sendo os donos responsabilizados com a aplicação de multa e sanções a possíveis infrações de pessoas não cadastradas que pernoitarem na habitação. Preocupavam-se, nesse sentido, com a prostituição que ocorre na cidade e com a possibilidade de serem responsabilizados por tal infração. Ao saberem do quarto compartilhado, com beliches e câmera nas áreas comuns de nossa experiência de hospedagem em Havana, ficaram realmente empolgados com a possibilidade de transformar o caráter de seu negócio, uma vez que quase a totalidade de habitações disponíveis para alugar na cidade segue o padrão de suítes privadas, mas cada vez mais o que a cidade recebe são mochileiros que viajam sozinhos ou acompanhados de somente mais uma pessoa. Reconheceram que tinha apenas um conhecido que estava começando o negócio com quarto compartilhado, então explicamos do recurso ao cartão de crédito estrangeiro e a reserva prévia da hospedagem. No dia seguinte, um pouco antes de partirmos em direção a Santa Clara, Isabel estava entrando em contato pelo *whatsapp* com um sobrinho que mora em Londres, na tentativa de conseguir o empréstimo do número do cartão para se cadastrar no site de hospedagens.

Interferência IX

Em um dos pontos mais visitados de Habana Vieja, numa rua estreita onde se encontra um bar muito pequeno, mas muito conhecido pela música ao vivo, pelo mojito tradicional e pelo fato de ter sido muito frequentado por Hemigway em décadas passadas, conheci José e James. Ambos trabalham em uma espécie de quiosque, na mesma rua do famoso bar. James faz os drinks e atende as mesas e José ajuda no atendimento e gerencia James e o quiosque. O pequeno balcão onde são feitos os mojitos, daiquiris e cuba-libres tem a configuração de um navio pirata, com peças antiquárias distribuídas nas paredes e nos barrios que funcionam como mesa, objetos que chamam atenção dos turistas e que leva José a repetir frequentemente que ali, tudo está à venda, além das bebidas.

James tem 19 anos, terminou a escola regular e trabalha todos os dias no quiosque das onze horas da manhã até onze, meia noite, uma da manhã, dependendo do dia da semana. Mora em Marianao, bairro localizado depois do Cerro. Às vezes tira uma folga, mas não tem dia certo. José disse que começa a trabalhar todos os dias às oito horas da manhã, comprando coisas para o quiosque, fazendo o trabalho de contabilidade etc. Abre o quiosque às dez da manhã e às dezoito horas vai para seu outro trabalho que é gerenciar e atender uma pequena loja de doces localizada em um parquinho de crianças que existe a cinco quadras do quiosque. Ambos os estabelecimentos pertencem a mesma pessoa, “um grande amigo de infância”, nas palavras de José. Segundo este último, o dono do estabelecimento e ele são vizinhos desde criança em Habana Vieja, nas ruas mais próximas à estação de trem. Então, José trabalha das 8 às 18h no quiosque e depois das 18h às 20h na loja de doces do parquinho, substituindo o pai do proprietário do estabelecimento, que abre a loja as 10h da manhã e nela trabalha até José chegar. Depois de fechar a loja, José ainda passa no quiosque para saber do movimento, se estiver tranquilo, vai pra casa e James e o proprietário fecham o quiosque, se estiver movimentado, ainda fica lá mais um tempo auxiliando no atendimento. Afirmou que agora é comum um proprietário cuentapropista ter mais de um empreendimento, sobretudo quando são em ramos diferentes, como o caso dos lugares nos quais trabalha e que possui o mesmo dono: um quiosque na rua que vende bebida alcóolica e uma lojinha de doces e refrigerantes em um parquinho de crianças. Disse ainda que o proprietário não trabalha em nenhum dos dois locais porque anda muito ocupado em abrir um terceiro negócio, não me disse qual.

Anotações de campo, maio de 2019.

Conforme afirmamos em outro momento, a caracterização do trabalho *cuentapropista* engloba tanto o funcionário de um estabelecimento privado quanto o seu proprietário, assim, *cuentapropista* é o funcionário e é também o patrão. Em Havana há proprietários cubanos que possuem mais de um estabelecimento e isso foi inclusive objeto de discussão na aprovação da nova Constituição cubana, cujo texto original permitia apenas um estabelecimento privado por pessoa.

O setor autônomo que apresenta mais controversas em relação a sua implementação e taxaço, até os dias atuais, são os bares e restaurantes privados conhecidos como *paladares*. Segundo Gott,

O termo *paladar* veio de uma telenovela brasileira exibida na televisão cubana nos anos 1990, *Vale Tudo*. A heroína, que migrava do interior do Rio de Janeiro, ganhava a vida vendendo sanduíches na praia. O seu empreendimento teve tanto sucesso que ela acabou abrindo uma rede de restaurantes chamada *Paladar*. Bares e restaurantes fizeram tanto sucesso em Cuba que quase imediatamente Castro ordenou fechá-los, embora tenham sido ressuscitados outra vez dois anos depois, com uma legislação mais severa. (Ibid. p. 328)

A polêmica entorno dos *paladares* relaciona-se com a alta capacidade de concentração de dinheiro, tanto em *peso* quanto em dólares, que esses empreendimentos têm em Cuba, sobretudo em Havana. E não só dinheiro, as discussões e consulta popular acerca da nova Constituição se deparou com essa problemática, no sentido de regulamentar sobre a quantidade de estabelecimentos desse tipo que cada trabalhador autônomo poderia ter. Desde 1993, se fortalecendo em 2011, com os *Lineamientos de la política económica y social del Partido y la Revolución*, foi estabelecido a possibilidade de apenas 1 (um) empreendimento para cada trabalhador autônomo, mas durante as discussões sobre a nova Constituição, constatou-se que em Havana já havia *cuentapropistas* donos de três paladares, que estavam se organizando no sentido de pressionar o governo para a liberação de mais de um empreendimento por *cuentapropista*. Agora é possível registrar legalmente três empreendimentos em nome de uma única pessoa. No entanto, pelo fato de uma boa parte dos empreendimentos funcionar como negócio familiar, está se tornando comum uma mesma família ter mais de três empreendimentos.

Em vista da baixa remuneração do trabalho assalariado e dos altos impostos e dificuldades formais do trabalho *cuentapropista*, muitos cubanos, sobretudo jovens, exercem atividades informais, ou ainda, trabalham formalmente como assalariado ou *cuentapropista*

algumas horas do dia e, no restante, ou concomitantemente ao trabalho, exercem alguma atividade informal. Tais atividades são chamadas de “negócios”.

Os “negócios” mais comum, como já dissemos anteriormente, envolvem o agenciamento de turistas para os serviços de *paladares*, hospedagem, táxis e diversão noturna. Em geral, os “negociantes” ficam nas ruas próximas aos estabelecimentos, em que já possuem algum tipo de acordo com o proprietário, oferecendo insistentemente determinado serviço ao turista. Uma vez aceito, conduz o turista ao estabelecimento recebendo algum valor ou porcentagem do proprietário pelo agenciamento do cliente. Outro tipo de negócio que soubemos através do trabalho de campo é o contrabando de mercadorias trazidas do exterior, sobretudo do Panamá. Mas esta forma de negócio realiza-se discretamente, entre os próprios cubanos, a partir de pessoas que tem contatos com estrangeiros ou que viajam para fora do país por algum motivo. Geralmente os contrabandos são de mercadorias eletrônicas, como celulares, computadores, *tablets* etc. Mas não só...

Interferência X

Depois de três conduções, uma vã e dois ônibus, porque me informaram errado sobre o lugar que teria de descer (em realidade podia ter pego somente a vã e um ônibus) cheguei quase ao extremo de Playa. Como era antes do horário combinado, aproveitei para dar uma andada pelo bairro, mesmo com o sol queimando. Bairro rico, cheio de mansões onde funcionam embaixadas e algumas sedes de instituições que eu não sei bem quais são. Próximo ao horário marcado, vou até o endereço. Toco o interfone da mansão, digo que tenho horário marcado, a secretária me deixa entrar, oferece café e água e me pede que aguarde. Tô nervosa, não sei se é brasileiro ou cubano e nem direito o que perguntar a ele. A secretária me acompanha até a sua sala no andar de cima. Deu uma batidinha na porta, abriu, ele estava ao telefone e fez uma menção com a cabeça para eu me sentar, sem, todavia, finalizar a chamada. Falava ao telefone com um “portunhol” pior do que o meu. Tentava importar uma espécie de placa elétrica para o sistema de climatização de sua casa, que comportava três aparelhos de ar-condicionado e que havia queimado. Disse que já havia feito uma importação com eles antes, para comprar os próprios aparelhos de ar e que sua secretária sabia dos valores. Precisava disso rápido porque sua família viria visitá-lo. Depois de dizer que não aceitava pagar 200 dólares pela importação, afirmou que ligaria depois e desligou o telefone. Olhou pra mim, me estendeu a mão, nos apresentamos e a primeira coisa que me disse foi que não autorizava a divulgação de

nada do que ele dissesse para mim, porque informações oficiais teriam de ser requisitadas com antecedência ao governo cubano.

Anotações de campo, abril de 2019.

Uma parte dos negócios informais realizados em Cuba está atrelado diretamente ao trabalho formal de quem o exerce, como no caso acima. A pessoa utilizou-se de sua posição profissional e formal na sociedade cubana para facilitar a importação de um item que não existe no mercado interno para vender. Ademais, compras pessoais de artigos diretamente do exterior é praticamente impossível por vias formais e legais cubanas, até 2020, uma vez que seu sistema financeiro não possibilita pagamentos *online*, utilização de transações com cartão de débito e crédito, e o Estado tem oficialmente o monopólio sobre os trâmites internacionais de importação e exportação.

A prática de fazer negócios utilizando o próprio trabalho parece ser uma constante em diversos níveis do tecido social, desde os cargos públicos mais altos até os mais comuns, e também entre funcionários de empresas não estatais, em recente operação na Ilha. No caso descrito acima, a pessoa não visava extrair dinheiro da negociação, mas um benefício próprio, uma vez que, por sua posição internacional, seu salário encontra-se muito acima da média cubana. Dessa maneira, a escassez que lhe aparece do regime não é de dinheiro, como meio de pagamento, mas de mercadorias. Entretanto, além de benefícios pessoais, os negócios servem principalmente para fornecer ou complementar renda a uma determinada pessoa. Longe de pretendermos realizar uma crítica moralizante desse aspecto, gostaríamos de pontuar sua prática como determinação necessária à reprodução social marcada pelo colapso da circulação econômica e social planejada. Nesse sentido, a realização de “negócios” como a subversão formal da norma do trabalho se generaliza como forma social crítica, que aparece como a possibilidade de aumento de renda ou algum benefício direto de consumo.

Interferência XI

Fazia tempo que queria ver a companhia de balé cubana. Custa caro, 30 CUCs²⁸⁸, mas mais barato do que uma apresentação no Brasil, certamente. Ontem passei na frente do teatro e me demorei um pouco mais olhando para o cartaz, tentando entender que peça seria apresentada. Uma moça também apareceu e ficou ao meu lado olhando. Assim que viu nós

²⁸⁸ O equivalente, na época, a 30 dólares.

duas admirando o cartaz, a senhora que trabalha na bilheteria se levantou e veio em nossa direção. Nos convidou a assistir ao balé e eu respondi que era caro e não tinha esse dinheiro em mãos. Perguntou se nós duas queríamos assistir ao balé e a moça prontamente respondeu que sim. Então disse que poderia fazer um desconto para nós e vender as duas entradas por um total de 40 CUCs. Eu só tinha 10. A moça (depois descobri que era espanhola), disse que me emprestava 10 CUCs e que no dia da apresentação eu poderia pagá-la. Eu aceitei. Juntamos o dinheiro e pagamos. A senhora da bilheteria nos levou até o interior do teatro, deixou que nós duas visitássemos o museu no salão contíguo, de graça, deixou também que víssemos um trequinho do ensaio dos bailarinos. Depois nos alertou para o fato de que no dia seguinte, o dia da apresentação, quem estaria na bilheteria seria sua irmã Lurdes e que deveríamos entregar o bilhete para ela e entrar em tal fila. Nos explicou muitas coisas e eu não estava muito entendendo, até que nos entregou os ingressos. Eram ingressos para cubanos, não para turistas, e estava escrito que custavam 30 CUPs²⁸⁹ cada.

Anotações de campo, maio de 2019.

Desse modo, assistimos ao balé e não fomos as únicas “beneficiadas” por negócios feitos pelos funcionários da bilheteria: assim que começou o balé muitas pessoas começaram entrar e ocupar diversos lugares vazios, conduzidos por funcionários. Posteriormente descobrimos que há uma cota de ingressos gratuitos para estudantes secundaristas, idosos, entre outros que, se não preenchidas, são vendidas informalmente aos cubanos por 20 CUPs.

Em Mariel conhecemos Maria, que trabalhava no setor de limpeza em uma das empresas da “Zona Franca”²⁹⁰. Maria recebe almoço e uma merenda diária em seu trabalho. No entanto, por fazer a limpeza diária da cozinha, sempre tem acesso a merendas a mais. A merenda consiste em uma lata de refrigerante e um sanduíche de presunto e queijo. Todos os dias ela leva uma merenda para casa e vende ao preço de 1 CUC para Dolores, sua vizinha, que guarda a merenda na geladeira para seu filho levar para a escola no dia seguinte, pois a escola, segundo esta última, só dá almoço durante o período integral que os alunos lá permanecem, e a merenda da cantina da escola é mais cara e de pior qualidade.

Por fim, um tipo de negócio comum em Havana e em cidades turísticas é a prática conhecida popularmente como *jinete*²⁹¹. *Jinetear* é uma forma de enganar para tirar proveito

²⁸⁹ O equivalente, na época, a 1 dólar e 05 centavos.

²⁹⁰ Os cubanos chamam de Zona Franca a Zona Econômica de Desenvolvimento (ZED) de Mariel.

²⁹¹ *Jinete* vem do verbo espanhol *jinetear*, também existente em português como *ginetear*, que significa, em termos gerais, conduzir, montar um cavalo.

financeiro do turista. Segundo Pablo, um médico que conhecemos em uma exposição de arte em Havana, o *jinete* é realizado, em geral, por indivíduos que se aproximam de turistas sozinhos e em pequenos grupos se apresentando como “amigo”, que pode levá-lo(s) aos melhores lugares da cidade ou promover-lhe(s) alguma situação exclusiva e vantajosa. Em dado momento nesse processo, intermedia algum serviço cobrando dez vezes mais do que custaria para os próprios turistas, por exemplo. Disse ainda que isso é uma prática quase “cultural” dos cubanos, no sentido de intentar extrair o máximo de vantagem na relação com o turista. No entanto, percebemos que tal prática “cultural” ocorre sobretudo nas cidades e em locais de atividade turística. Nas áreas rurais, afastadas dos grandes centros, geralmente, aceitar dinheiro de turista, mesmo que por meio de um favor prestado, é um demérito para vários indivíduos, conforme nos contou Vincenzo, um italiano que dizia ter rodado lugares muito pouco turísticos da Ilha atrás de rinhas de galo.

Vicenzo nos contou que em determinada ocasião, dormiu na casa de um senhor que criava galos, que morava na zona rural da província de Oriente. Quando foi se despedir e oferecer alguns CUCs ao senhor, este não aceitou de nenhuma forma. Ele então enfiou o dinheiro no bolso de uma calça que estava secando no varal da casa do senhor.

A prática da rinha de galos é ilegal em Cuba, assim como a de cachorros, mas ocorre muito em várias cidades e zonas rurais do país, movimentando um volume considerável de dinheiro de apostas.

4.5 - A liberação da compra e venda de imóveis no país

Hoje conheci Mônica e sua neta Lola. Mônica é uma senhora que deve ter cerca de 60 anos, não perguntei sua idade. Estavam sentadas na calçada em frente da Bodeguita del Medio. Parei ali e me sentei ao lado delas para fumar um cigarro e descansar do sol forte. Enquanto fumava aproveitei para fazer algumas anotações em meu caderno. Então Mônica, que fumava também, me perguntou que cigarro estava fumando e eu respondi que era cigarro de palha. Começamos uma conversa. Ela me apresentou Lola, sua neta que estava ao lado. Uma criança de sete anos. Disse que Lola tinha uma irmã gêmea que havia ficado em casa assistindo televisão.

Mônica oferecia sempre uma caneta para os turistas assinarem no muro já todo assinado por outros turistas, em troca de qualquer quantia. Lola comia batatinhas chips dada por um turista que passou. A senhora me contou que estava ali na rua porque sua filha, mãe

das gêmeas, havia sido presa por vender produtos de limpeza na rua sem autorização. “Cinco anos de prisão”, repetia ela indignada. Disse que, na verdade, morava em Santiago de Cuba, que tem uma casa lá e que teve de vir pra cá para ficar com as netas quando a filha foi presa. Já estava há um mês aqui, segundo ela. Afirmou que precisava de 25 CUCs para voltar à Santiago com as netas e que não tinha esse dinheiro, por isso tinha de ficar aqui. Estava hospedada na casa de uma amiga de 80 anos que morava próximo dali. Perguntei se ela recebia aposentadoria ou alguma ajuda social do Estado para enfrentar essa situação. Ela argumentou que não recebe aposentadoria porque trabalhou muito tempo no campo e que nenhum serviço do Estado pode ajudá-la porque seu endereço não está registrado em Havana e sim em Santiago, então os funcionários dizem que não podem fazer nada por ela e nem pelas crianças. Afirmou ainda que sua amiga também não recebe aposentadoria e que ela que está ajudando a por comida na mesa, porque compra, chega na casa e cozinha pra todo mundo. Quando perguntei sobre o pai das meninas, me respondeu que ele tinha ido aos Estados Unidos há alguns meses e que nunca mais havia dado notícia. Foi por isso que sua filha, professora de Educação Física de uma escola em Santiago, desistiu do trabalho e foi tentar ganhar mais no comércio informal de Havana, para tentar sustentar as duas filhas ainda crianças, e acabou presa.

Depois de um tempo, me disse que se tivesse 15 ou até mesmo 10 CUCs, sairia dali na hora e iria com as netas para o terminal de ônibus para tentar voltar a Santiago. Me perguntou se eu não tinha uma roupinha pra dar para elas e às meninas. Reclamou que os turistas não lhe davam nada, só para os velhos que bebem na rua. Disse que já tinha visto um turista dando uma nota de 10 CUCs para um bêbado.

Lola não dizia nada, só olhava para mim com os olhos bem abertos e a boca semiaberta, por grande parte do tempo em que sua vó e eu conversamos.

Anotações de campo, maio de 2019.

Algum tempo depois de conversarmos com Mônica, descobrimos que as passagens de ônibus para cubanos pela companhia estatal são cobradas em CUPs, bem mais barato do que o preço cobrado pela companhia de ônibus que atende aos turistas (Viazul). Nesse sentido, o preço das três passagens (da Mônica e das duas netas) sairia bem mais baixo do que o valor que Monica estava nos pedindo inicialmente. Ademais, existem outras formas ainda mais baratas de se viajar pelas cidades e províncias da Ilha: há um sistema de “caminhões”, muito utilizado pelos cubanos e também por nós, que cobram geralmente em CUPs, com cadeiras de plástico

para sentar – ou mais precário, com tábuas de madeiras que servem como bancos coletivos – com saídas diárias em lugares específicos de Havana, em direção a diversas cidades do país; há a prática de carona, também utilizada por nós, em que as pessoas se concentram em locais específicos da cidade, geralmente na entrada de rodovias, para esperar ônibus e caminhões, de viagens ou de transporte de trabalhadores, principalmente, que conceda carona, de graça ou por algum valor em CUP.

Nossa preocupação em explicar as formas de se viajar por Cuba, formal e informalmente, reside na possibilidade de Mônica estar nos *jineteando* de alguma forma ao contar sua história. Entretanto, independentemente das possíveis invenções que haja em seu relato, Mônica nos abriu as portas para o entendimento de um processo social em curso atualmente em Cuba e ao mesmo tempo invisível aos estrangeiros, sobretudo turistas.

Cerca de uma semana depois que conhecemos Mônica, tivemos a oportunidade de visitar um *hogar de niños*²⁹² em Havana. Localizado em *Miramar*, bairro nobre da cidade, a instituição mantém 24 crianças e adolescentes entre meninos e meninas. Uma parcela considerável das crianças está ali por razões parecidas: a família vendeu a casa em que moravam para que um membro, geralmente o pai ou irmão mais velho, pudesse sair do país em direção aos Estados Unidos, principalmente. Depois essa pessoa não dá mais notícia, seja porque não conseguiu entrar em outro país – muitos emigram para Nicarágua, Panamá e outros países e tentam chegar aos Estados Unidos atravessando fronteiras a pé – seja por abandono, enfim, a questão que emerge desse contexto é que a mulher acaba na rua com os filhos. Muitas mulheres são presas, como no caso da filha de Mônica, ao tentar realizar algum trabalho sem registro e sem autorização; outras permanecem na rua enquanto o Estado recolhe as crianças nessa situação.

Segundo informações que obtivemos da enfermeira e das educadoras do *hogar*, nesses casos, cada vez mais frequente, o Estado procura outros familiares na tentativa de encontrar alternativas para que as crianças nem fiquem na rua e nem tenham que ir para a instituição. Os primeiros que se buscam são os avós, mas segundo o que elas nos informaram, é cada vez mais comum os avós não quererem ou não terem condições de ficar com as crianças, uma vez que muitos idosos também estão sendo ou expulsos de suas casas pelos filhos – que em geral vivem com eles e põem também a casa a venda – ou já moram com muitos familiares na mesma casa, devido a algum processo envolvendo venda de imóvel, sem ter como receber mais os netos.

Nesse sentido, a história que Mônica nos contou sobre o porquê estava na rua tentando

²⁹²Casa de acolhimento infanto-juvenil, uma espécie de orfanato.

conseguir algum dinheiro em tais condições, condiz com uma realidade social que vem se processando em Cuba em decorrência da recente liberação de compra e venda de imóveis no país e da crise que impulsiona esse processo.

Nas ruas e avenidas de Havana e de outras cidades cubanas encontramos diversas placas de vende-se, em casas e apartamentos, em distintas condições. Além de placas anunciando a venda, há também imóveis que estão sendo anunciados para alugar, principalmente para fins comerciais, porém em menor quantidade, como pode ser observado nas fotos 8 e 9.

Foto 8



Foto 8: Casa a venda em *Cerro*, Havana. Por Ana Sylvia Maris Ribeiro, maio de 2019.

Foto 9



Foto 9: Espaço para alugar para fins comerciais. Por Ana Sylvia Maris Ribeiro, *Centro Habana*, maio de 2019.

Interferência XII

Ontem fui tomar um suco com Carlos, um rapaz que estava trabalhando na montagem e desmontagem do palco e equipamentos utilizados na homenagem feita ao aniversário da vitória cubana de Playa Girón, na avenida 23 com a 12. Em dado momento, depois de um pequeno silêncio na conversa, Carlos começou a me falar de sua casa que estava para vender, em Marianao, um bairro mais distante do centro de Havana. Começou a me descrever a casa: 3 quartos, 2 quintais, um banheiro, uma casa grande por 20.000 CUCs. De início fiquei um pouco confusa com essa declaração espontânea e desconectada da parte dele. Depois comecei a pensar que ele poderia estar oferecendo a casa para eu comprar.

Anotações de campo, abril de 2019.

Em conversa informal com alguns professores universitários em maio de 2019, um deles me disse que tem gente pagando de 80 até 100 mil dólares por uma casa em Havana. Muitos dos compradores, segundo o mesmo professor, são cubanos que vivem nos Estados Unidos ou em outros países, mas há também estrangeiros que estão realizando compra direta de imóveis.

Confirmou, ainda, nossa percepção de que muitas famílias estavam vendendo a casa para sair de Cuba, principalmente para ir para os Estados Unidos, país que apresenta uma rede de imigrantes cubanos bem consolidada²⁹³. Ao mesmo tempo, o Estado cubano vem desenvolvendo uma série de políticas públicas na tentativa de conter o que vulgarmente se chama de “gentrificação”, segundo pontuou.

Um dos professores afirmou que não há “gentrificação” em Cuba porque não há uma oposição e contrato direto entre o capital e os moradores: o Estado socialista realiza todo o planejamento e mediação da compra e venda de imóveis de *Habana Vieja* com o auxílio da *Oficina del Historiador*, órgão responsável pelo estudo e gestão de edifícios históricos, entre outras atribuições.

Uma das políticas públicas para conter o processo de expulsão dos moradores do centro que tivemos contato, foi um asilo, construído numa movimentada rua de *Habana Vieja* entre lojas e restaurantes turísticos:

Foto 10

²⁹³ Segundo o *Migration Policy Institute*, em 2021, o censo estadunidense revelava que cerca de 1,3 milhões de cubanos viviam no país (a maioria no estado da Flórida), aproximadamente 10% da população cubana. Disponível em: <https://www.migrationpolicy.org/article/inmigrantes-cubanos-en-los-estados-unidos#:~:text=es%20el%202021..45.3%20millones%20de%20inmigrantes%20estadounidenses>. Acessado em 28 de setembro de 2023.



Foto 10: Asilo recentemente construído em *Habana Vieja*. Por Ana Sylvia Maris Ribeiro. Abril de 2019.

Foto 11



Foto 11: Detalhe da placa caracterizando o projeto que construiu o Asilo. Por Ana Sylvia Maris Ribeiro, abril de 2019.

Foto 12

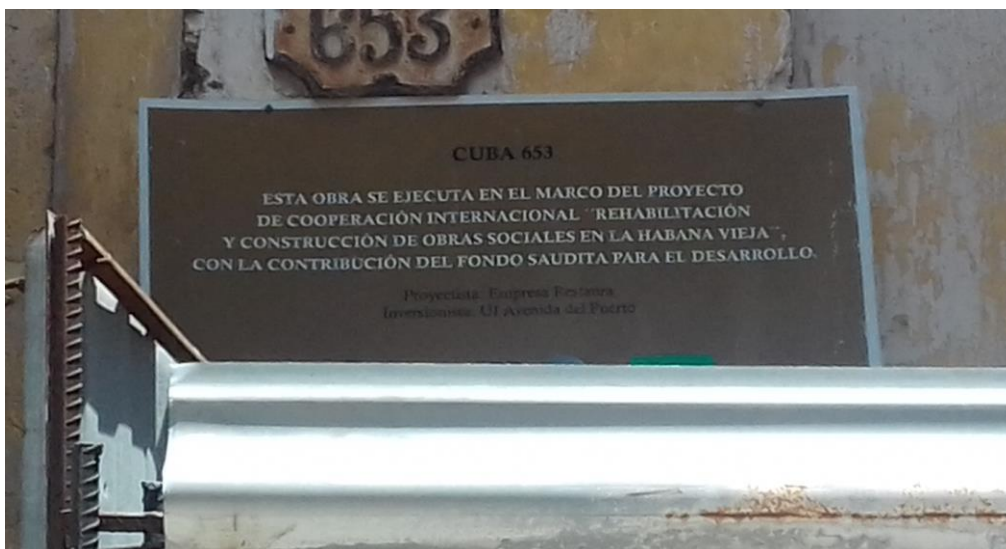


Foto 12: Placa presente em um prédio em reconstrução em *Habana Vieja*: “Esta obra se executa no marco do projeto de cooperação internacional 'Reabilitação e construção de obras sociais em *Habana Vieja*', com a contribuição do fundo saudita para o desenvolvimento” (tradução livre). Por Ana Sylvia Maris, abril de 2019.

Ainda em caráter experimental, a “Comunidade provisoria de Plaza Vieja” visa abrigar idosos moradores e antigos moradores de *Habana Vieja*, de modo que a experiência sirva de modelo para se empregar em outros bairros da cidade, caso “tenha êxito”, segundo nos informou um trabalhador voluntário da instituição.

Na foto 10, observamos uma placa presente em uma das numerosas reconstruções e reformas em curso atualmente no bairro histórico. Notamos que alguns destes projetos tem utilizado recursos financeiros estrangeiros atrelados ao planejamento social e territorial cubano, além dos investimentos para fins turísticos que ocorre de maneira intensa em diversos prédios espalhados pela capital.

4.6 - Investimentos estrangeiros em Cuba

A expansão do turismo no país foi a solução encontrada pelo governo fidelista para dar conta da crise emergencial do Período Especial. Espanha, França e Canadá foram os primeiros países que estabeleceram parcerias internacionais com Cuba no intuito de financiar a atividade turística por meio da criação de *joint ventures*²⁹⁴. A permissão para tais investimentos foi uma das primeiras mudanças, realizada enquanto emenda constitucional, que modificou o

²⁹⁴O sistema de *joint venture* regulamentado pelo governo cubano em 1992, estabelecia a possibilidade de acordos entre empresas estrangeiras e o Estado cubano na qualidade de empresa estatal (GOTT, 2006, p. 326).

monopólio do Estado em relação à propriedade do capital e do trabalho. Em 1992, “uma empresa estrangeira podia possuir até 49 por cento do consórcio, contratar executivos estrangeiros, ficar isenta da maioria dos impostos e repatriar os lucros em moeda forte. O número de *joint ventures* pulou de 2 em 1990 para 112 em 1993”. (GOTT, 2006, p. 326).

Em março de 2014 foi aprovada a Lei 118, que estabelece novas diretrizes acerca dos investimentos estrangeiros. De acordo com Dessotti, em citação à referida Lei;

O investimento estrangeiro no país se orienta à diversificação e ampliação dos mercados de exportação, o acesso a tecnologias avançadas, a substituição de importações, priorizando a de alimentos. Do mesmo modo, a obtenção de financiamento externo, a criação de novas fontes de emprego, a captação de métodos gerenciais e a vinculação do mesmo com o desenvolvimento de encadeamentos produtivos, assim como a mudança da matriz energética do país mediante o aproveitamento de fontes renováveis de energia (2017, p. 143)

Nesse sentido, os investimentos estrangeiros não são mais apenas voltados para o setor turístico, podendo assim ser efetuados em todos os setores econômicos cubanos, “exceto nos serviços médicos, educacionais e ligados a defesa do país” (*Ibid.*). Desde então, são admitidas três modalidades de participação do capital estrangeiro: empresas mistas (associações entre o capital nacional e o estrangeiro, é a modalidade mais utilizada na ilha); contratos de associações econômicas internacionais (empresa estatal cubana associada a empresa estrangeira, sem criação de uma personalidade jurídica); e as empresas totalmente de capital estrangeiro (*Ibid.*, p. 144).

Os contratos de associações econômicas internacionais são contratos de risco – aquele em que o contratante (empresa estatal cubana) se preserva de qualquer responsabilidade pelo eventual insucesso da negociação, assumindo o contratado (empresa estrangeira) todos os riscos – para a exploração de recursos naturais não renováveis, construção, produção agrícola, administração hoteleira, produtiva ou de serviços e prestação de serviços profissionais. Já a admissão de empresas totalmente estrangeiras envolve processos burocráticos mais complexos relacionados à construção e estabelecimento de infraestrutura industrial (*Ibid.*). Os investidores estrangeiros podem apresentar um projeto a partir de uma “Carteira de Oportunidades” lançada pelo governo cubano anualmente. Segundo Dessotti:

Na Carteira de Oportunidades de Investimentos Estrangeiros 2016-2017, lançada pelo Ministério de Comércio Exterior e Investimentos Estrangeiro de

Cuba, são apresentadas 395 oportunidades de investimentos, nos seguintes setores da economia: minerais (13), açucareiro (13), comércio (7), energia renovável (23), petróleo (87), turismo (114), agroalimentar (76), biotecnologia e medicamentos (15), saúde (3), construção (10), audiovisual (3), transporte (10), hidráulico (5) e indústria (16). (DESSOTTI, 2017, p. 145)

Embora na Carteira de Oportunidades apresentada pelo Estado exista uma cota variável de oportunidades de investimentos, o setor turístico permanece sendo a modalidade que mais atrai o capital estrangeiro. Segundo o economista Omar Everleny, em 2016 “existiam 27 empresas mistas e 76 contratos de associação econômica de dezessete grupos estrangeiros no setor de turismo em Cuba” (*Ibid.*p. 145). Contudo, para que ocorra qualquer tipo de investimento estrangeiro em Cuba, é necessária a mediação da contratação da força de trabalho pelo Estado cubano, além da aprovação e tributação específica para cada modalidade de investimento definida pela legislação e pelo Conselho de Ministros, como formas de regulação estatal do capital:

Para que o investimento estrangeiro aconteça, é necessária a autorização do Conselho de Ministros ou da Administração Central do Estado. Outro mecanismo de controle é a forma de contratação dos trabalhadores das empresas mistas. Eles devem ser contratados por entidades empregadoras propostas pelo Ministério do Comércio Exterior e Investimento Estrangeiro e autorizadas pelo Ministério do Trabalho e Seguridade Social. (...) as empresas de capital estrangeiro, as empresas mistas e os acordos econômicos internacionais são tributados de acordo com a legislação específica de sua atividade, podendo ser isentas de alguns impostos nos primeiros anos de atividade ou no período de recuperação dos investimentos. Existe também a possibilidade de isenções de acordo com os setores considerados essenciais para o país, o que representaria uma seletividade dos investimentos. As propostas de investimento são encaminhadas ao Ministério de Ciência, Tecnologia e Meio Ambiente, que avalia sua viabilidade no que diz respeito ao desenvolvimento sustentável. (*Ibid.*)

4.7 - A criação da ZED e o porto de Mariel

A criação da Zona Especial de Desenvolvimento (ZED) em Mariel encontra-se no contexto das transformações da política econômica cubana em relação aos investimentos estrangeiros, tendo em vista uma modernização dos setores industrial, infra estrutural e de serviços de Cuba. Situada a cerca de 45 quilômetros a oeste de Havana, na década de 1980 a cidade de Mariel já era considerada uma cidade industrial cubana, com um importante porto, a maior fábrica de cimento da Ilha, um estaleiro e uma usina termoeletrica (GOTT, 2006, p. 300). Estas estruturas ainda se encontram em funcionamento nas áreas mais antigas da cidade.

Foto 13



Foto 13: Placa em frente a fábrica de cimento de Mariel. Por Ana Sylvania Maris Ribeiro, maio de 2019.

Foto 14



Foto 14: Central Termoeletrica Máximo Gomez. Empresa de capital 100% cubano responsável pela geração e distribuição de energia para o sistema nacional. Por Ana Sylvia Maris Ribeiro, maio de 2019.

Em parceria firmada com o governo brasileiro em 2009, por meio de financiamentos provindos do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES), o porto de Mariel passou por uma importante reforma e modernização. As obras do porto foram realizadas, em sua maioria, pela *Odebrecht*²⁹⁵, sendo que a primeira fase do projeto foi inaugurada em 2014, com um investimento inicial de 680 milhões de dólares por parte do BNDES. Nesse sentido, o BNDES financiou empresas brasileiras para realizarem parte das obras e fornecerem os insumos necessários para se modernizar o principal porto do país. Entre as principais reformas, consta a construção de infraestrutura que tornou o porto capaz de receber imensas embarcações de águas profundas, os chamados navios *Post-Panamax*²⁹⁶.

²⁹⁵ Empreiteira brasileira que atuou em várias obras públicas no Brasil e no exterior, cujo presidente foi condenado pela operação “Lava-Jato”, em 2015, por sistema de corrupção e fraude.

²⁹⁶ Navios de grandes dimensões, superior ao admitido para se atravessar o Canal do Panamá, que permite realizar economias de escala no transporte marítimo. A modernização do porto estava programada para ocorrer em consonância com as obras de construção do Canal da Nicarágua, quando o governo russo deu declarações de retomar e financiar este projeto que existe desde a época colonial hispânica. No entanto, com a guerra da Síria e a crise na Nicarágua, o governo russo não prosseguiu com a execução do projeto. Informações em [Nota sobre financiamento à exportação de serviços \(bndes.gov.br\)](#). Disponível em:

Foto 15:



Foto 15: Imagem do porto de Mariel. A modernização do porto financiada pelos investimentos brasileiros pode ser observada pela construção dessas quatro gigantescas estruturas capazes de alçar grande número de contêineres e suportar as maiores embarcações da atualidade. Por Ana Sylvania Maris Ribeiro, maio de 2019.

Junto às obras de modernização do porto, o governo cubano criou um regime especial de tributação da Zona Especial de Desenvolvimento (ZED) Mariel em dezembro de 2013, por meio do Decreto Lei 313, cujos objetivos eram

[...] promover a infraestrutura necessária para estimular as exportações, promover a substituição de importações, impulsionar os projetos de alta tecnologia e gerar novos postos de trabalho. As empresas estabelecidas nessa zona recebem tratamento especial no que diz respeito a impostos e contribuições, além de simplificação nos trâmites aduaneiros” (DESSOTTI, 2017, p. 146)

Popularmente chamada de “zona franca” pelos habitantes de Mariel, a Zona Econômica

de Desenvolvimento é um território contíguo ao porto, podendo ser vista de frente pelos moradores da cidade, que se encontram do lado oposto da baía.

Foto 16



Foto 16: Imagem da ZED de Mariel. É possível perceber um extenso território constituído por dunas e restingas e algumas poucas construções. Por Ana Sylvia Maris Ribeiro, maio de 2019.

O desenvolvimento da ZED de Mariel representa uma grande aposta do governo para atrair investimentos estrangeiros. A expectativa era que a modernização do porto, somada ao regime especial de tributação, convertesse a região “em um ponto fundamental para o comércio entre Ásia, Europa, América do Sul e Central, caribe e América do Norte”. (DESSOTTI, 2017, p. 146). A Zona Especial de Desenvolvimento Mariel, possui uma área de 465,4 quilômetros quadrados cobertos de vegetação e representa “uma plataforma idônea para ser a sede do maior parque industrial do Caribe e da América Central”²⁹⁷. De acordo com Dessotti,

Na primeira etapa, conforme informações da diretoria do escritório da ZED, além do desenvolvimento de infraestrutura para o parque industrial, o governo esforçou-se na captação de investimentos nos setores de biotecnologia e farmacêutico, informática, comunicação e outros ramos das indústrias tradicionais, que são deficitários no país. Na Carteira de Oportunidades de

²⁹⁷Opinião do Partido Comunista de Cuba expressa no *Granma* em janeiro de 2017. Ver mais em <http://pt.granma.cu/cuba/2017-01-05/mariel-exemplo-tangivel-de-modernizacao>. Acessado em 28 de setembro de 2023.

Investimentos Estrangeiros 2016-2017 são apresentadas 24 oportunidades de Investimentos estrangeiros na ZED, distribuídas nos seguintes setores: comércio (1), biotecnologia e medicamentos (13), construção (1) e indústria (8). Conforme Ladyrene Pérez, dos 22 projetos instalados na ZED Mariel, oito estão em operação, alguns de caráter temporário e outros de modo definitivo (2017, p. 147).

Em 2016 a ZED de Mariel possuía 22 empresas “usuárias”, sendo que apenas oito dessas empresas encontravam-se em efetiva operação, estando as outras em fase de implementação. Quatro dessas empresas são 100% cubanas (de transporte, logística, bancária e de biotecnologia); três eram empresas mistas, com capitais do Brasil, Holanda e Espanha (correspondendo a indústria de cigarros, Souza Cruz, de obras e infraestruturas e de logística hoteleira, respectivamente aos países); uma empresa, de logística, firmada a partir de acordo econômico internacional entre Cuba e França e 14 empresas de capital estrangeiro: quatro espanholas (alimentícia, sistemas construtivos, financeira e pinturas); duas mexicanas (alimentícia e pinturas); duas belgas (transporte e logística e eletrônica); duas brasileiras (engenharia de construção e transporte e logística); uma holandesa (logística); uma Vietnamita (indústria e painéis); uma francesa (engenharia e construção) e uma sul coreana (de dispositivos médicos) (Ibid. p. 148-149)

No entanto, esse panorama mudou em 2018, e a ZED já contava com 34 projetos industriais aprovados, a maior parte de capital 100% estrangeiro (19), sendo dois projetos de acordo econômico internacional, cinco de capital 100% cubano e oito de capitais mistos. Espanha e França são os países de origem da maior parte desses investimentos (FLECK, abr. 2018).

Interferência XIII

Dolores me mostrou onde era a zona franca, do outro lado da baía azul de Mariel, um areal enorme, com algumas poucas construções ao lado do porto. Me apresentou um amigo, Sandro, que conhecia uma pessoa que trabalha em uma das empresas. Sandro me falou que ele não poderia me levar lá, que era proibido gente de fora, ou mesmo carros e motos ficarem circulando pela zona sem autorização. O amigo não poderia me atender no dia, porque estava regularizando uns papéis fora da cidade. Quando Sandro saiu, conversei com Dolores e ela me disse que uma alternativa era tentar pegar um táxi coletivo até a entrada da zona franca, que

eu mesma não imaginava como ou o que seria. Comecei a caminhar na direção que ela me indicou para pegar a condução, até que cheguei numa parada de ônibus no começo da estrada que leva até o outro lado da baía. Perguntei para um senhor como eu fazia para chegar na zona franca e ele me disse para tomar um ônibus e pedir para descer na alça do pontilhão. Fiz isso. Foi rápido. Quando desci, a estrada continuava através do pontilhão e tinha uma alça de acesso que dava para uma outra estrada, a qual levava à zona franca. Comecei a caminhar na estrada que fazia a curva de acesso e, em poucos minutos, passou uma vã, eu fiz sinal pedindo carona e a vã parou.

Entrei na vã e cumprimentei o senhor que dirigia e uma moça que estava no banco da frente. Sem falar nada, em menos de dez minutos a vã deixou a moça e eu no único local onde aparentemente havia empresas, sem nos cobrar nada. Ventava muito, o vento mais forte que já senti, e ainda vinha com golpes de areia. Mesmo naquelas condições, havia um constante fluxo de pessoas andando próximo às empresas e do centro de negócios mais para cima, o “Pelicano”. Pessoas que desciam de carros e pegavam caronas com outros carros ou caminhões e pessoas que saíam das empresas. Havia também um tráfego constante de caminhões, que passavam com areia e com materiais de construção. Me aproximei da empresa mais da ponta, que era cubana: CEDA (Centro de Elaboración e Distribución de Alimentos) que funcionava junto com a SLM (Serviços Logísticos de Mariel). Além destas, havia ainda uma empresa com bandeira espanhola – Hotel SA, Food Service, junto a Profood – Magic Drinks e 7x7; outra chamada Richmeat – Planta processadora e, mais ao fundo, próximo à entrada do porto, há o TCM (Terminal de Contenedores de Mariel S.A.). Há ainda uma empresa sendo construída que não tem nenhuma referência.

Anotações de campo, maio de 2019.

Foto 17



Foto 17: Entrada do porto de Mariel. Ao fundo à esquerda está o *TCM* – Terminal de Containers de Mariel. Por Ana Sylvia Maris Ribeiro, maio de 2019.

Foto 18



Foto 18: *Richmeat* – *Planta Procesadora Mariel*. Empresa mexicana. Por Ana Sylvia Maris Ribeiro, maio de 2019.

Foto 19

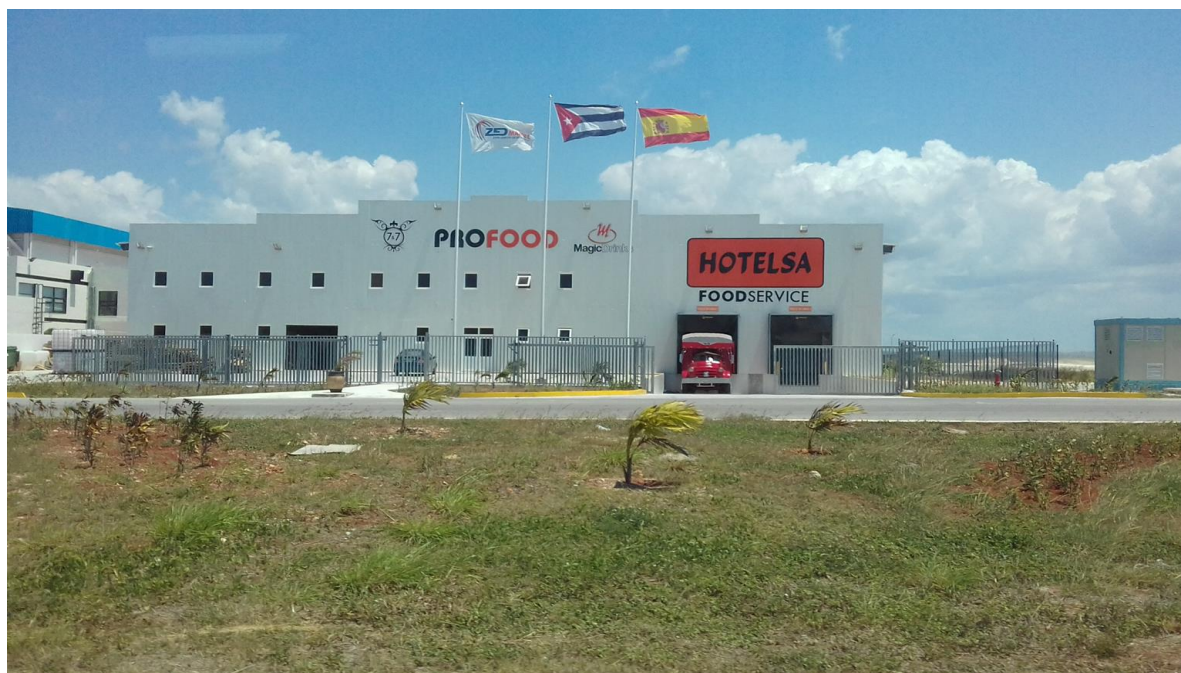


Foto 19: *Profood* e correlatas 7x7 e *Magic Drinks*. *HotelSA Foodservice*. Por Ana Sylvia Maris Ribeiro, maio de 2019.

Foto 20



Foto 20: *CEDA* (*Centro de Elaboración e Distribución de Alimentos*). Empresa cubana. Por Ana Sylvia Maris Ribeiro, maio de 2019.

Foto 21



Foto 21: Empresa em construção na ZED Mariel. Por Ana Sylvania Maris Ribeiro, maio de 2019.

Foto 22



Foto 22: Casal caminhando em direção à obra. Ao fundo, observa-se as estruturas da *HotelSA*, *Richmeat*, *CEDA* e a estrutura do Porto. Por Ana Sylvania Maris Ribeiro, maio de 2019.

Foto 23



Foto 23: Centro de negócios *Pelicano*. Por Ana Sylvia Maris Ribeiro, maio de 2019.

Foto 24



Foto 24: Caminhões transitando pelas vias da ZED de Mariel. Por Ana Sylvia Maris Ribeiro, maio de 2019.

O TCM é o *Terminal de Contenedores de Mariel*, isto é, o terminal de containers do porto. O TCM está ligado à ECM Mariel (Empresa de Construcción y Montaje). Criada em 2014, a empresa cubana é especializada em serviços relacionados com o desenho, engenharia, construção civil e montagem de obras²⁹⁸.

Já a *Richmeat* é uma empresa S.A. Mexicana, dedicada ao processamento e embalagem de carnes. Instalada no começo de 2015, esta empresa de capital 100% estrangeiro foi a primeira

²⁹⁸<http://www.ecmmariel.cu/es/contenido/quienes-somos>, acesso em 29 de junho de 2019.

em nível internacional a obter aprovação do Estado cubano para a inversões na ZED²⁹⁹. Em 2019 ela ainda se encontra em fase de investimento, começando a operar em fevereiro de 2021³⁰⁰.

A *Profood* teve aprovação para operar em Mariel em março de 2015 e atualmente encontra-se em operação na produção de sucos e bebidas para o comércio hoteleiro. É uma empresa espanhola de capital 100% estrangeiro.³⁰¹

O Centro de Processamento e Distribuição de Alimentos (CEDA) foi concluído em outubro de 2018, um ano e um mês após ter aberto, equipado com sistemas de alta tecnologia, com alto grau de automação. Segundo o *Granma*, o CEDA tem capacidade para produzir 10 mil refeições por dia e o mesmo número de lanches e “sua origem foi motivada pelo aumento da demanda por alimentos, essencialmente para a força de construção que ali trabalha”³⁰².

Em 2019, segundo informações fornecidas pelo *site* da ZED, havia 19 empresas em operação na Zona. Além da Profood, da termoelétrica e do TCM, havia quatro empresas de logísticas (uma totalmente cubana, uma de economia mista entre Cuba e Espanha, uma de associação econômica internacional entre Cuba e França e a última Belga, de capital 100% estrangeiro); Uma empresa de produção de alimentos (de capital misto entre Cuba e Suíça); Uma de produção de artigos de limpeza e asseio (*Unilever*, como capital misto entre Cuba e Países Baixos); Duas de serviços financeiros e bancários (uma de capital 100% cubano e outra de capital misto entre Cuba e Espanha); Quatro empresas de construção, engenharia e produção de algum tipo de material de construção (Uma 100% chinesa, um 100% de capital português, uma 100% francesa e uma mista entre Cuba e Espanha); Uma empresa de eletrônica, com capital 100% belga; Uma 100% de capital mexicano de produção de pinturas; uma de aluguel, reparo e manutenção de equipamentos pesados, de capital 100% estrangeiro dos Países Baixos; e, por fim, uma de equipamentos de andaimes e plataformas elétricas de acesso para serviços e manutenção de industrial e construtiva (de capital 100% estrangeiro – Espanha).

Além da *Richmeat*, a ZED possuía mais 23 empresas em processo de investimento, segundo informações de seu *site*. A Zona é dividida em setores. De acordo com o *Granma*, os novos setores a serem desenvolvidos a partir de 2019 são: setor b (atividades na área industrial

²⁹⁹<https://www.elfinanciero.com.mx/empresas/mexicana-richmeat-la-primera-empresa-autorizada-en-cuba>, acesso em 29 de junho de 2019.

³⁰⁰ INAUGURADA LA PLANTA DE RICHMEAT DE CUBA EN LA ZED MARIEL | Zona Especial de Desarrollo Mariel. Disponível em <https://www.zedmariel.com/noticias/inaugurada-la-planta-de-richmeat-de-cuba-en-la-zed-mariel>. Acessado em 28 de setembro de 2023.

³⁰¹<http://www.zedmariel.com/es/profood-service-sa>, acesso em 29 de junho de 2019.

³⁰²<http://pt.granma.cu/cuba/2019-01-14/presidente-diaz-canel-visita-o-maior-empreendimento-estabelecido-ate-o-momento-na-zona-especial-de-desenvolvimento-de-mariel>. Acesso em 29 de junho de 2019

e logística), setor g (indústrias de materiais de construção e outras bases produtivas) e setor h (desenvolvimento do turismo)³⁰³.

Em 2023, o site da ZED Mariel não apresentava mais informações detalhadas sobre as empresas em fase de projeto ou funcionamento na zona. Apenas cifras: 64 negócios aprovados, 21 países, \$3200 MM; 9721 empregos diretos, 11 multinacionais³⁰⁴. Desses 64 negócios aprovados, 20 estão em processo de implantação, além disso, segundo entrevista da diretora-geral da ZED Ana Teresa Igarza Martínez à BBC News Brasil, 50% da área de 465 Km² da ZED está vazia (SANCHES, 2023). A estrutura construída com base nos investimentos e créditos brasileiros, para receber navios Post ou New Panamax, nunca recebeu um navio deste tipo, desde sua inauguração³⁰⁵.

Interferência XIV

Comecei a me aproximar da CEDA na tentativa de conversar com alguém e saber mais. Quando eu subi a escada principal até as portas de acesso ao prédio, apareceu o segurança. Expliquei para ele que era pesquisadora do Brasil e que fui lá pra conhecer a ZED. Ele me olhava com um ar de espanto e deboche, mas foi educado todo tempo. Me falou que era impossível eu conseguir falar com alguém sobre a fábrica e a zona franca porque aquilo ali era só um lugar de produção, não tinha ninguém pra me explicar, receber e tal. Para isso, eu teria que ter me comunicado com a direção antes, por e-mail, todos aqueles processos formais e demorados que a oficialidade de Cuba exige. Falei que tudo bem, que ia tentar ir ao centro de negócios Pelicano, então ele ainda tentou me desestimular falando que eu precisava de autorização prévia. Não me deixou nem tirar foto. Fui caminhando, estava muito sol e muito vento. As rajadas de areia aumentavam conforme subia a estrada construída na duna que leva até o ponto mais alto, onde está o Pelicano; como centro de negócios, pensei, talvez tivesse um ambiente mais receptivo. Mas não consegui chegar. O vento forte foi me deixando com medo de caminhar e ser arrastada. Ao mesmo tempo via outras pessoas caminhando e esperando caronas.

Comecei andar então para o lado da rotatória, onde tinha gente. Foi quando vi uma

³⁰³<http://pt.granma.cu/cuba/2019-01-14/presidente-diaz-canel-visita-o-maior-empreendimento-estabelecido-ate-o-momento-na-zona-especial-de-desenvolvimento-de-mariel>. Acessado em 28 de setembro de 2023.

³⁰⁴ Informações disponíveis em: Zona Especial de Desarrollo Mariel | Una puerta abierta al mundo (zedmariel.com). <https://www.zedmariel.com/index.php/>. Acessado em 28 de setembro de 2023.

³⁰⁵ SANCHES, M. Porto de Mariel: com área 50% vazia, cubanos esperam ajuda de 'irmão' Lula para atrair empresas brasileiras - BBC News Brasil. 15 de setembro de 2023. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/articles/c80y2grzpnqo>. Acessado em 28 de setembro de 2023.

moça saindo do carro e caminhando em direção a estrada de saída da ZED. Apertei o passo, me aproximei dela e puxei assunto perguntando se ela trabalhava por ali. Ela me respondeu que ainda não. Se chamava Rosa. Me apresentei. Afirmou que desde setembro do ano passado estava tentando trabalhar numa empresa que fica do outro lado da ZED. Disse que estava vindo quase um dia sim e um dia não para ver se conseguia trabalho no setor de RH de uma empresa alimentícia, com pagamento de salários, sua pós-graduação técnica foi nessa área. Tinha apresentado um projeto de trabalho, passou por entrevista e pelos trâmites legais, o projeto foi aprovado, mas hoje esperou o dia todo para ser atendida pra ouvir que agora eles não estão contratando. Rosa falou que já trabalhou numa outra empresa na Zona Franca, uma construtora espanhola que não existe mais, trabalhava como merendeira. Porém, teve que sair para conseguir terminar o curso de pós-graduação na área de Recursos Humanos, para ver se conseguia um emprego melhor. Apontou que mesmo como merendeira de uma empresa dali, ganhava muito mais do que como professora de artes de educação básica. Disse ainda que tinha um total de oito formações diferentes. Enquanto terminava este último curso, voltou a dar aula numa zona rural próxima dali, onde comprou uma casa. E agora estava assim, pegando carona todos os dias até a ZED na esperança de conseguir o emprego.

Afirmou que os empregados das empresas da ZED ganham até dez vezes mais do que o salário regulamentado pelo Estado, que a maioria dos funcionários dali são de distritos rurais como o seu: Cabañas, Guanajay, Q. Hacha. Disse-me que em Mariel moram as pessoas que trabalham nas indústrias mais antigas, como a de cimentos e a termoelétrica. Ao olhar a empresa em construção que estava próxima do lugar onde tentávamos pegar outra carona, disse que ali todos estavam trocando saúde por dinheiro porque trabalham todos os dias das 7 horas até as 16h, embaixo de sol, direto. Afirmou que quase todas as pessoas passam por um processo parecido com o seu para conseguir trabalhar lá, a não ser aqueles que têm “padrinhos”.

Rosa apontou em direção ao centro Pelicano e afirmou que atrás da duna onde este se encontra há empresas sendo construídas com capital chinês, brasileiro e espanhol, uma inclusive de beneficiamento de café³⁰⁶. Disse ainda que muitas empresas estrangeiras não passam da fase de aprovação e investimento em projetos industriais e isso piora porque a importação de vários insumos está diminuindo, inclusive a de alimentos. Quando perguntei por que as importações estão diminuindo tanto e porque muitas empresas não chegam à fase de

³⁰⁶ Posteriormente descobrimos que esta indústria de beneficiamento de café em fase de construção é 100% de capital cubano.

operação, me respondeu: “Porque el gobierno no le gusta pagar”.

Anotações de campo, maio de 2019.

Por ser uma Zona setORIZADA, nos aproximamos de apenas um setor, provavelmente o alimentício, sem, todavia, vislumbrarmos no horizonte as outras áreas construídas. Por apresentar uma base salarial que descola da estabelecida ao funcionalismo público cubano, os empregos nas empresas da ZED são altamente concorridos, obrigando os aspirantes a funcionários a passar por um longo processo de insistência e espera, pelo menos àqueles que não possuem alguém que os indiquem para determinado cargo, conforme nos contou Rosa.

Segundo artigos da imprensa brasileira, o Brasil emprestou, de 2009 a 2014, cerca de 682 milhões de dólares para as obras de modernização do porto Mariel³⁰⁷. Ademais, Cuba também foi contemplada com os recursos públicos brasileiros do Programa de Financiamento à Exportação – Equalização (Proex), um empréstimo de 107 milhões de dólares. Segundo Cestaro:

Na modalidade de “equalização”, o Proex foi utilizado para baixar as taxas de juros pagas pelo governo de Cuba. Por lei, o governo pode ingressar com dinheiro público – por meio de títulos do Tesouro – no banco para que essa taxa caia, no máximo, a 2,5 pontos percentuais³⁰⁸.

Nesse sentido, o empréstimo foi contraído junto ao BNDES e o Proex é liberado com a mediação do Banco do Brasil. No entanto, segundo Neder, “Os financiamentos do BNDES ao exterior são cobertos pelo Tesouro, via Fundo de Garantia à Exportação (FGE), que custeia o Seguro de Crédito à Exportação (SCE)”³⁰⁹; já o Proex constitui um crédito a “fundo perdido”, uma vez que não conta com nenhum sistema financeiro de seguro.

De acordo com Cestaro, tecnicamente o Proex pode não ser considerado um simples

³⁰⁷Sobre o assunto, ver: <https://www1.folha.uol.com.br/mercado/2018/12/governo-desembolsa-r-23-mi-para-cobrir-um-calote-de-cuba-no-bndes.shtml> ; <https://g1.globo.com/economia/noticia/2018/12/21/cuba-da-calote-de-us-6-milhoes-no-brasil-diz-agencia.ghtml>. Acessado em 28 de setembro de 2023. <https://economia.estadao.com.br/noticias/geral,venezuela-e-cuba-tem-r-2-3-bi-em-atraso-com-bndes,70002778793>. Acessado em 28 de setembro de 2023.

³⁰⁸CESTARO, Heitor. Ministério confirma gasto a fundo perdido para Cuba (porto de Mariel) <https://heitorcestaro.jusbrasil.com.br/noticias/122185527/ministerio-confirma-gasto-a-fundo-perdido-para-cuba-porto-de-mariel>. Acessado em 28 de setembro de 2023.

³⁰⁹NEDER, Vinicius. Venezuela e Cuba têm R\$ 2,3 bi em atraso com o BNDES. Disponível em <https://economia.estadao.com.br/noticias/geral,venezuela-e-cuba-tem-r-2-3-bi-em-atraso-com-bndes,70002778793>. Acessado em 28 de setembro de 2023.

“subsídio”, pois visa igualar os juros brasileiros aos dos bancos estrangeiros. Assim, seria uma medida importante do ponto de vista macroeconômico para aumentar as exportações e melhorar a balança comercial brasileira, razão pela qual o recurso tem sido utilizado também com outros países. Contudo, desde setembro de 2018, a imprensa brasileira vem anunciando o atraso no pagamento das parcelas referidas à dívida contraída pelo Estado cubano do BNDES, além de não estar honrando com os compromissos referente ao Proex.

A dívida de Cuba com o BNDES começou a acumular em junho de 2018 quando o país passou a pagar menos do que o acordado segundo as parcelas do empréstimo. De junho a agosto deste ano, Cuba pagou 4 milhões de dólares para cobrir parcelas mensais que custavam cerca de 10 milhões de dólares cada. Em setembro de 2018, o Brasil enviou uma missão diplomática à Havana para renegociar a dívida. Os representantes do país explicaram que Cuba passava por problemas financeiros, inclusive por conta da passagem do furacão Irma, que os obrigou a destinar o dinheiro para reconstrução de casas e abrigos no país. Em vista disso, os representantes cubanos ficaram de enviar uma carta com uma proposta de escalonamento da dívida, e não o fizeram até a visita do presidente Lula ao país, em setembro de 2023.³¹⁰ Em dezembro de 2018, além da dívida com o BNDES, que somava 26 milhões de dólares, Cuba também havia deixado de pagar o Banco do Brasil pelo financiamento à exportação de alimentos concedido pelo Proex, uma dívida que totalizava 45 milhões de euros em novembro de 2018.

Segundo Neder, Cuba não é o único país que não estava pagando as parcelas da dívida com o BNDES: Venezuela e Moçambique também estavam na mesma situação, e juntos os três países deviam cerca de 2,3 bilhões de reais em dívidas atrasadas em abril de 2019. Os financiamentos do BNDES ao exterior são cobertos pela União, isto é, pelo Tesouro, através do Fundo de Garantia à Exportação (FGE), que custeia o Seguro de Crédito à Exportação (SCE). Por conta dos atrasos desses três países, o BNDES já foi indenizado em um total de R\$ 1,3 bilhão³¹¹.

³¹⁰ Informações disponíveis em: <https://www1.folha.uol.com.br/mercado/2018/12/governo-desembolsa-r-23-mi-para-cobrir-um-calote-de-cuba-no-bndes.shtml>. Acessado em 28 de setembro de 2023. O presidente brasileiro viajou a Cuba em 15 de setembro de 2023 para participar da reunião do G77 + China, “o principal foro de cooperação dos países em desenvolvimento dentro do sistema ONU”, segundo site oficial do planalto brasileiro. Disponível em: <https://www.gov.br/planalto/pt-br/acompanhe-o-planalto/noticias/2023/09/presidente-viaja-para-cupula-em-cuba-e-assembleia-da-onu-nos-eua>. Acessado em 28 de setembro de 2023. Durante a curta estadia no país, Lula se reuniu com Díaz-Canel para avaliar a dívida de Cuba com o Brasil, e as possibilidades de retomada dos investimentos brasileiros para fortalecer as exportações ao país caribenho. Nenhuma cifra foi divulgada até o momento.

³¹¹ Os dados disponíveis são de abril de 2019: <https://economia.estadao.com.br/noticias/geral,venezuela-e-cuba-tem-r-2-3-bi-em-atraso-com-bndes,70002778793>. Acessado em 28 de setembro de 2023.

Em vista disso, os empréstimos do Brasil à Cuba estão suspensos desde dezembro de 2018³¹². Entretanto, desde então, o governo cubano tem comprado alimentos de empresas brasileiras pagando à vista, mas numa quantidade inferior à estabelecida pelas metas que compõem os planos anuais de desenvolvimento do Estado socialista.

Segundo análises presentes na mídia internacional, os investimentos estrangeiros ainda são insuficientes para o crescimento econômico do país. De acordo com Omar Everleny Pérez Villanueva, pesquisador cubano, ao considerar os investimentos estrangeiros realizados em Cuba, a partir de 2011, não só na ZED de Mariel, afirma:

[...] existem em torno de 250 empresas estrangeiras em associação com o governo cubano, e o investimento estrangeiro representa apenas 0,5% do PIB do país. São contratos de administrações de hotéis e também em outros ramos, como petróleo, níquel, bebidas, tabaco e alimentação (DESSOTTI, 2017, p. 147)

Os motivos da capacidade ociosa da ZED, anos após a inauguração da primeira fase da modernização do porto e da infraestrutura industrial, apareciam relacionados ao “controle excessivo do Estado sobre a atuação deste capital”, além da necessidade de modernização do sistema bancário e, por fim, o bloqueio econômico estadunidense ao país. (*Ibid*). Além disso, o bloqueio ainda dificulta as relações do país com o resto do mundo, segundo economistas cubanos:

O bloqueio tem consequências amplas e estruturais. Desde 2001, algumas empresas de alimentos e bebidas dos Estados Unidos estão autorizadas a vender seus produtos para Cuba, mas a compra de produtos cubanos segue proibida até hoje por decretos estadunidenses (Santos (org), 2017, p. 235).

De acordo com Frei Betto, a mediação do Papa Francisco, que esteve em Cuba em setembro de 2015, foi fundamental ao início da aproximação entre o país e os Estados Unidos. O ex-presidente dos Estados Unidos, Barack Obama, adotou uma série de medidas

³¹²Em entrevista ao *Estadão/Broadcast* em março de 2019, o então presidente do BNDES Joaquim Levy disse que “acabou a política de emprestar para governos estrangeiros”, já que “foram feitos empréstimos por motivação política e que hoje não estão sendo pagos”, algo que “a população nunca apoiou”. Disponível em: <https://economia.estadao.com.br/noticias/geral,venezuela-e-cuba-tem-r-2-3-bi-em-atraso-com-bndes,70002778793>. Acessado em 28 de setembro de 2023.

para se reaproximar de Cuba, sobretudo ao reatar as relações diplomáticas entre Washington e Havana, rompidas desde 1961. Contudo, dois pontos decisivos à normalização dos laços bilaterais ainda não foram dados, segundo Frei Betto: o primeiro diz respeito à suspensão do bloqueio em diversos aspectos econômicos e o segundo, que havia sido prometido pelo ex-presidente estadunidense e “esquecido” pelo seu sucessor, está relacionado à devolução da base naval de Guantánamo a Cuba. (Santos (org), 2017, p. 20).

As dificuldades em relação a reaproximação dos dois países estão postas principalmente no “*lobby* da oposição cubana sobre a política estadunidense, que pressiona Washington a recrudescer o bloqueio e, assim criar mais dificuldades em Cuba, fragilizando o Partido Comunista com o objetivo de derrubá-lo e retornar à ilha se apropriando de suas riquezas” (LOURENÇO et.all., 2017, p. 86-87). Uma camada dos cubanos endinheirados que saíram do país durante a Revolução, ou mesmo nas décadas posteriores, constituíram importantes empresas e associações nos Estados Unidos, principalmente na Flórida, em Boston e New Jersey. Essa camada realiza sistemática pressão sobre o governo norte-americano, visando o ressarcimento e indenização do patrimônio perdido com a Revolução e sob o governo dos irmãos Castro (GOTT, 2006). No entanto, empresários estadunidenses têm atuado no sentido de considerar a ilha como “uma fonte de lucro para suas empresas, como as do ramo da agricultura, dos medicamentos e do turismo. Esses interesses mercantis podem limitar a hostilidade do governo estadunidense” (LOURENÇO et.all., 2017, p. 87). Todavia, o bloqueio estadunidense ainda aparece como obstáculo à concretização dessa perspectiva, do ponto de vista da política nacional (*Ibid*).

Em 2019, além da diminuição e dificuldade de se adquirir diversos produtos alimentícios, em alguns lugares, como Cienfuegos, por exemplo, já não havia combustível suficiente para realizar todas as viagens programadas dos ônibus intermunicipais, o que dificultava enormemente a vida de moradores de áreas rurais, ou mais afastadas, que trabalham na cidade. Ademais, tanto Havana, como outras cidades do país, já apresentavam problemas de queda de energia diariamente, em decorrência da diminuição do petróleo importado da Venezuela e defasagem das plantas energéticas cubanas.

O bloqueio estadunidense é apontado como principal responsável pela situação economicamente crítica do país. Navios que atracam em Mariel, ou em qualquer porto cubano, antes de desembarcarem nos Estados Unidos, são multados; grupos empresariais que comercializam ou estabelecem relações diretas com Cuba podem ser multados ou receber sanções, como a suspensão de contrato com os Estados Unidos, esta última medida tem ocorrido

e ameaça sobretudo os bancos internacionais e financeiras. Mesmo assim, muitas empresas, sobretudo de capital espanhol, seguem sua relação com Cuba, apesar das ameaças.

Em 2 de maio de 2019 foi posta em funcionamento a Lei norte americana Helms-Burton que possibilita a abertura de processos de reparação dos cubanos exilados nos Estados Unidos. A aplicação do Título III desta lei permite que cubanos que vivem nos Estados Unidos processem as empresas que registraram lucro em Cuba, graças às empresas e terras nacionalizadas depois de 1959. Essa Lei foi aprovada em 1996, no entanto, seus dispositivos haviam sido sistematicamente suspensos pelos presidentes estadunidenses, de modo a não causar atritos no comércio internacional e junto a seus aliados. Todavia, o governo de Trump não seguiu a política dos governos anteriores e aprovou sua aplicação. No mesmo dia que entrou em vigor, Federica Mogherini, alta representante da União Europeia para Assuntos Exteriores e Política de Segurança, anunciou que a União Europeia ia reagir à medida:

A UE considera que a aplicação extraterritorial de medidas restritivas unilaterais é contrária ao direito internacional e recorrerá a todas as medidas adequadas para abordar as consequências da aplicação da Lei Helms-Burton, incluindo seus direitos na OMC e o uso do estatuto de bloqueio da UE³¹³.

Junto a liberação desta Lei, o governo de Donald Trump reduziu também a quantidade de valores que podiam ser transferidos à Cuba e proibiu a realização de excursões em grupo dos Estados Unidos ao país. Ao mesmo tempo, entre abril e maio de 2019, assistimos a inauguração de vários voos diários entre os países, principalmente a implantação de um voo diário de Santiago de Cuba à Miami, por uma importante companhia aérea norte americana. Embora o bloqueio norte americano seja acusado de ser o grande responsável pela crise econômica e de abastecimento de Cuba, é possível pensar que há outros elementos implícitos nesse movimento de crise que apontam para processos de crise no interior de outros países.

4.8 - O fim da dupla moeda e a *Tarea Ordenamiento*

Em 1993, durante o Período Especial, afim de enfrentar o crescente mercado ilegal de dólares que ingressavam na economia cubana através do turismo e de remessas de dinheiro

³¹³ Disponível em:

https://www.em.com.br/app/noticia/internacional/2019/05/02/interna_internacional,1050561/uepromete-reagir-a-aplicacao-da-lei-americana-helms-burton-sobre-cuba.shtml, acessado em julho de 2019.

vinda de emigrantes cubanos, por meio do Decreto-Lei 140, o governo de Cuba admitiu o dólar como moeda cubana no intercâmbio de bens e serviços relacionados sobretudo ao turismo, ao mesmo tempo que seguia com o *peso* cubano no pagamento de salários, compras de mantimentos e transações internas ao governo, como o pagamento de impostos (GOTT, 2006, p. 327). Até então, era crime obter divisas, e os primeiros *jineteros* eram aqueles que começaram a vender dólares ilegalmente nas ruas de Cuba, no começo do Período Especial. Era o início da política de dupla moeda, que resultou na coexistência do CUC, a moeda conversível cubana, com o CUP, o chamado *Peso* cubano, que perdurou até dezembro de 2020. Sobre a assunto, Haubrich escreve:

Implantada em 1994, a dupla moeda é hoje, segundo alguns cubanos, um problema maior que o bloqueio, pois faz os preços dispararem. A segunda moeda, o CUC, é emparelhada com o dólar, e tinha por objetivo fazer com que o turismo – um dos principais motores da economia cubana desde os anos 1990 – trouxesse mais divisas ao país. Foi criada em 1994 e circulou juntamente com o dólar até 2004, quando tornou-se a única moeda de turismo.” (HAUBRICH, 2013)

O CUC era a moeda cubana lastreada no dólar. Até abril de 2005, 1 CUC equivalia a 1 dólar. Entretanto, o governo admitiu pequenas flutuações no câmbio, que levaram a uma “desvalorização” do dólar frente ao CUC, que chegou à variação de 1 CUC equivaler a 1,08 dólares. Com isso, em março de 2011 o CUC foi atrelado ao dólar novamente na proporção de 1 para 1, todavia submetido, a partir de novembro desse mesmo ano, a uma taxa de cerca de 10% em sua conversão. Em 2019, a taxa permanecia sob o dólar, que naquele momento custava 0,97 CUC. Segundo Carvalho, esse esquema conferia uma “dolarização parcial institucionalizada” da economia cubana, uma vez que não se permitiu completamente a troca da moeda nacional pela estrangeira e, ao taxar a conversão para a moeda nacional, o Estado mantinha supostamente a utilização desses dólares para o “atendimento de necessidades sociais coletivas” (2017, p. 157).

Em contrapartida, a conversão de CUC para CUP, realizava-se na proporção de 1 para 24, ou seja, nas *Cadecas* se recebia 24 pesos para cada CUC convertido. Entretanto, os serviços e mercadorias cobrados em pesos, calculavam 1 CUC em 25 pesos, para a conversão, sendo que, desse modo, as pessoas recebiam menos convertendo o CUC em CUP do que tinham de pagar no mercado em transações que envolvesse este último. Em cidades que circulavam muitos CUCs, os estabelecimentos chegavam a considerar a conversão em 1 para 23 ou 1 para 22, aos

serviços pagos em CUCs que eram, em realidade cobrados em CUP. Nesse sentido, havia um mecanismo interno de concorrência entre as duas moedas, uma vez que a economia em peso representava os preços subsidiados pelo Estado e sobrevivia também do ágio na conversão em CUC. Assim, ao mesmo tempo que os estabelecimentos buscavam dólares na forma de moeda convertível, intensifica-se uma busca pela moeda nacional, uma vez que ela permitia acessar, de alguma forma, os preços subsidiados praticados pelo Estado³¹⁴.

Contudo, em novembro de 2020, o Estado cubano anunciou uma série de medidas de política econômica chamada de *Tarea Ordenamiento*. As transformações advindas dessa reforma começaram a ser implantadas em 1 de janeiro de 2021 e está constantemente sendo “reordenada” desde então. Dentre as medidas implicadas à *Tarea* está a retirada do subsídio dos preços dos itens que compõe a cesta básica de alimentos e produtos de primeira necessidade, historicamente instituída pelo Estado cubano como forma de política social. O Estado mudou a forma socialista de manejar esses itens básicos, retirando o pagamento direto aos produtores, que em muitos casos ocorriam na forma de salários, transformando-os em cooperativas estatais e não estatais e, a partir daí, pré-estabelecendo preços fixos a ser pago à produtores e para estoques. Há ainda uma série de outras medidas regulamentadas que sinalizam uma espécie de descentralização estatal em vários setores – principalmente trabalhista –, ao mesmo tempo com controle de preços. Assim, o preço de todos os itens da *libreta* que custavam entorno de 10 a 20 *pesos* por pessoa (dependendo se é criança, idoso ou enfermo, que tem direito a mais itens) passou a custar, em 2021, de 150 a 200 *pesos* por pessoa. Ou seja, a chamada *canasta básica* só de alimentos e produtos de limpeza aumentou dez vezes de preço no ano de 2021, acompanhando mais ou menos o aumento de preço do salário-mínimo. É preciso dizer que nem todas as faixas salariais e nem todos os tipos de salários públicos sofreram tal aumento, alguns subiram quatro vezes mais e outros subiram duas vezes e meia e algumas poucas categorias chegaram a ter um aumento de nove vezes em relação ao salário anterior³¹⁵. Entretanto, além desse aumento, houve um crescimento geral nos preços de serviços públicos, na razão de dez vezes para mais, como água, luz, transporte, gás e impostos sobre as mais variadas

³¹⁴ “A vida é muito mais barata em peso”, “quando tenho peso, gasto menos” afirmações que ouvimos muitas vezes de diferentes cubanos durante o trabalho de campo.

³¹⁵ Para mais informações sobre o assunto, ver “*Lo que debe saber sobre los nuevos salarios, tributos, pensiones y prestaciones de la seguridad social*”, disponível em <http://www.cubadebate.cu/noticias/2020/12/12/lo-que-debe-saber-sobre-los-nuevos-salarios-tributos-pensiones-y-prestaciones-de-la-seguridad-social-video/>. Acessado em 28 de setembro de 2023.

transações³¹⁶. Junto ao aumento dos preços e “retirada dos subsídios excessivos e gratuidades indevidas”³¹⁷ veio também o aumento da escassez, sobretudo de alimentos. Ouvimos muitos cubanos dizerem que foi o próprio Estado que causou a inflação e a crise de abastecimento.

O aumento astronômico dos preços em geral empurrou para o âmbito de uma economia monetarizada a compra de itens e pagamento de taxas que até então detinham preços simbólicos. Fora da cota básica de compra determinada pelo Estado, esses itens agora ressuscitaram como mercadorias desgovernadas, na forma da hiperinflação dos preços, sobretudo no mercado paralelo. Agora é preciso trabalhar mais, ou arranjar outras formas de acessar muito mais dinheiro, para adquiri-las. Ao mesmo tempo, a produção interna de alimentos e outras mercadorias vem caindo drasticamente pelo menos desde 2020, junto a outros indicadores econômicos, devido principalmente à pandemia e a pragas e tormentas tropicais, segundo justificou o governo³¹⁸. Tal situação aumenta ainda mais a dependência de Cuba em relações às exportações, justamente quando o frete de contêiner de mercadorias por navio disparou no mundo todo³¹⁹.

Os desdobramentos da crise em Cuba, não descolados dos processos de crise mundial, levou o país, em 2021, ao colapso. As medidas estatais parecem ter criado ou acelerado tal processo, segundo a opinião de muitas pessoas com as quais conversamos. A pandemia afetou substancialmente o setor turístico, principal atividade econômica responsável pela entrada de divisas em Cuba. Esse setor apresentava sinais de queda desde 2017, com a entrada de Trump na presidência dos Estados Unidos e a drástica diminuição da onda de estadunidenses que recém haviam começado a viajar ao país, com a aproximação feita por Obama. Sem contar que, nesse momento, as economias latino-americanas também experimentavam o momento de crise fundamental do capital segundo diversos matizes, com queda de produção, aumento de

³¹⁶ Alguns serviços e mercadorias passaram mais de vinte anos custando o mesmo preço – preços subsidiados – dado os baixos salários pagos em Cuba. O Estado cubano, por meio da anunciada Tarea Ordenamiento, reajustou o preço das mercadorias em 2021, em novos preços “não subsidiados”. O pão diário, oferecido pela libreta, passou de 0,05 centavos de peso, para 1 peso, como um dos exemplos de aumento de preço que superou 10 vezes, o aumento máximo do salário-mínimo. O exemplo do aumento do preço do pão é emblemático no sentido de mostrar que o que antes era um produto oferecido praticamente de graça (1,5 peso ao mês), ressuscitou como mercadoria que mobiliza alguma monetarização, ainda que baixa (agora o pão diário custa 30 pesos ao mês).

³¹⁷ Expressão repetida por autoridades cubanas em relação as transformações implementadas pela *Tarea Ordenamiento*. Para mais informações, ver: <http://www.cubadebate.cu/especiales/2021/05/05/cuatro-meses-de-ordenamiento-monetario-en-cuba-ajustes-y-correcciones/>. Acessado em 28 de setembro de 2023.

³¹⁸ Para mais informações sobre o assunto ver: VALDIVIA, A. *Siete hitos economicos que marcaron 2020 en Cuba*, disponível em <https://eltoque.com/siete-hitos-economicos-que-marcaron-2020-en-cuba>. Acessado em 28 de setembro de 2023.

³¹⁹ Sobre o assunto, ver: BARRÍA, C. 'Nunca vi algo assim': a escassez global de produtos que ameaça o mundo e o seu bolso. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-58209471>. Acessado em 28 de setembro de 2023.

desemprego e, por vezes, golpes políticos. Houve promessas, esforços e investimentos, públicos, privados e internacionais, para expandir o turismo em Cuba nos últimos 10 anos, com uma breve abertura para o gigante mercado estadunidense, mas houve um recuo. Recuo que foi transmitido largamente pela narrativa estatal como as 243 medidas de reforço do bloqueio dos EUA contra Cuba, durante o governo Trump. Uma das propostas eleitorais de Biden ao concorrer à presidência era rever essas medidas. Depois de eleito ele respondeu por meio de porta-voz da Casa Branca que “Cuba não era prioridade”³²⁰.

A queda do turismo, mesmo antes da pandemia, foi um fator fundamental para a diminuição de ingresso de divisas no país, e impossibilidade do Estado cubano em sustentar o sistema de preços subsidiados e a dupla moeda. Segundo relatos de campo, desde o final de 2019 as casas de câmbio cubanas (CADECAS) já não estavam convertendo CUC em dólar, alegando que não havia dólar em efetivo para o câmbio. A crise e a pandemia em 2020 e o fim prático da livre conversão monetária, revelaram que tanto o *peso* cubano, quanto o CUC, eram dinheiro de “*Monopoly*”³²¹, isto é, dinheiro sem valor, circulando numa economia interna em que pouco se produz e que há pouca coisa a se comprar, mas que necessita pagar suas importações a dólares, a maioria a vista. Assim, em novembro e dezembro de 2020, quando foi anunciada a nova política econômica intitulada de *Tarea Ordenamiento*, a unificação da moeda apareceu como um dos pontos mais polêmicos, uma vez que de tempos em tempos o Estado cubano anunciava a necessidade e projeto para a execução de tal medida, mas nunca dizia ao certo quando... e o quando foi a partir de janeiro de 2021, no momento em que já não dava mais, no momento de crise mundial e maior crise da história de Cuba, que superou o *Período Especial* em vários aspectos, como escassez e enquanto experiência de sofrimento e desalento.

A maioria dos países que mantiveram por um tempo um regime de dupla moeda, passaram por transições monetárias³²², transitando em direção à moeda mais forte, mais próxima ao dólar. É preciso dizer que na década de 1990, quando o Estado brasileiro instituiu o real como moeda, as mudanças na política econômica do país seguiram o caminho da chamada “agenda neoliberal”, segundo conhecidas análises marxistas, com privatizações, desindustrialização, cortes em investimentos sociais etc., que aparentemente estabilizou a economia monetária a custo do aumento da desigualdade social, com estagnação e queda da

³²⁰ Para mais informações, ver: “Mudar política sobre Cuba não é prioridade para Biden, diz porta-voz”. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/efe/2021/04/16/mudar-politica-sobre-cuba-nao-e-prioridade-para-biden-diz-porta-voz.htm>. Acessado em 28 de setembro de 2023.

³²¹ Expressão corrente entre os cubanos para se referirem a própria moeda. “Monopoly” é um jogo chamado no Brasil de “banco imobiliário”, conhecido por apresentar todo um sistema de dinheiro de brincadeira, além de compra, venda e pagamentos sobre propriedades e bens da cidade.

³²² Como a transição que ocorreu no Brasil no princípio da década de 1990, com o plano real, por exemplo.

produção interna, financeirização e ficcionalização da economia no Brasil e em outros países que adotaram tais medidas. Mas o Estado cubano fez o caminho aparentemente inverso, suprimiu o CUC e manteve o *peso* numa razão fixa em relação ao dólar: 24 pesos por 1 dólar. Tais medidas, diziam em reportagens e em mesas redondas televisionadas, diferentemente das decisões de caráter neoliberal, visavam não deixar ninguém desamparado e nem abandonar os mais vulneráveis à própria sorte³²³. Entretanto, a política e as boas intenções socialistas rápido mostraram seus limites: nos primeiros meses de 2021 o mercado paralelo e ilegal de dólar explodiu, dobrando rapidamente o preço do dólar negociado nas ruas e especialmente em grupos de *Telegram*. Junto com o aumento exorbitante do preço do dólar no mercado paralelo³²⁴ houve uma disparada no preço das mercadorias negociadas por fora dos escassos mercados das empresas e grupos estatais cubano.

Antes da unificação monetária promovida pela *Tarea Ordenamiento*, uma das principais questões que assombrava o cotidiano dos cubanos que contatamos, em relação à dupla circulação monetária, era o fato da moeda convertível, o CUC, apresentar-se demasiadamente forte em relação ao *peso* cubano, moeda na qual os trabalhadores recebiam seu salário pago pelo Estado. Nesse sentido, além das dificuldades postas pelos salários baixos – proporcionados pela remuneração estatal em *peso* cubano (em média, o equivalente de 18 a 40 dólares mensais) –, e os preços altos dos bens de consumo, mais próximos da economia dolarizada, a compra de alimentos não subsidiados pela *libreta* dificilmente era garantida pela quantia recebida mensalmente em salário. Com a *Tarea Ordenamiento*, a partir 2021, essa situação se agravou com a retirada do subsídio de vários itens e serviços oferecidos pelas empresas estatais.

4.9 – Mercadoria e dinheiro em Cuba: a "luta" cotidiana pelo acesso a bens de consumo

Interferência XV

Finalmente, depois de muito caminhar com mochila pesada embaixo de sol quente, achei

³²³ Sobre o assunto ver: *Ordenamiento monetario: en Cuba nadie quedará desamparado*, disponível em: <http://www.acn.cu/actualidad/73972-ordenamiento-monetario-en-cuba-nadie-quedara-desamparado>. Acessado em 28 de setembro de 2023.

³²⁴ A plataforma multimídia independente El toque publica diariamente a cotação do dólar, euro e do MLC no mercado paralelo, segundo dados extraídos das ofertas e demandas por divisas expressas em grupos de *Telegram*. Para se ter uma ideia da escalada do preço do dólar no mercado paralelo cubano, em 9 de junho de 2021 o câmbio paralelo girava em torno de 1 dólar = 75 pesos. Em 9 de junho de 2023 1 dólar já estava sendo negociado a 200 pesos. Informações em: [Tasas de cambio | elTOQUE](https://eltoque.com/tasas-de-cambio-de-moneda-en-cuba-hoy#informal-calculadora). Disponível em: <https://eltoque.com/tasas-de-cambio-de-moneda-en-cuba-hoy#informal-calculadora>. Acessado em 28 de setembro de 2023.

um quarto para alugar em Mariel. O primeiro lugar que vi, não tinha ninguém, nem hóspedes e nem proprietários; a segunda casa estava com o quarto ocupado; até que numa ruazinha atrás da igreja, me indicaram a casa de Dolores.

Dolores mora com o filho de 10 anos numa casa em que, há três meses, começou a alugar o quarto. A casa é do tio do esposo de sua mãe, que atualmente mora em Havana e trabalha como cuentapropista fazendo faxina em casas que também alugam quartos. Segundo Dolores, sua mãe ganha 5 dólares por cada casa que limpa e com esse dinheiro a ajuda de vez em quando. Afirmou que em três meses que começou o negócio do aluguel, só teve três hóspedes e que eu era a quarta. Não tinha cartão de crédito estrangeiro então não tinha como anunciar sua casa na internet. Em vista disso e das altas taxas que tem de pagar pela manutenção formal do negócio, estava pensando em parar com a atividade. A princípio pensou que iria receber muitos hóspedes que viriam para trabalhar na zona franca esporadicamente, mas isso não estava acontecendo. Pensava que a escassez de hóspedes seria também porque não tinha muitos contatos, na cidade e nem na zona franca, que pudessem indicar sua casa para quem viesse de fora.

Faz dois anos que Dolores mora com seu filho em Mariel. Ela e sua família são de Camagüey. A mãe saiu há mais tempo da cidade e foi morar em Havana com o esposo. Ela veio para Mariel quando se separou e seu “padrasto” arrumou essa casa para ela morar com o filho, já que o tio está bem velhinho e mora com ele e a esposa em Havana. Antes de começar a alugar o quarto da casa, disse que fazia “negócios”: já vendeu roupa, já cuidou de criança, e sempre declarou menos do que ganhava para o Estado para conseguir sobreviver. De acordo com que contou, o pai da criança, que continua morando em Camagüey, dá 10 dólares ao mês para ajudar com as despesas do filho. Mas ela afirmou que esse dinheiro não dá nem para cobrir as despesas com a merenda da criança durante o mês, já que com isso ela gasta um dólar diariamente³²⁵, menos de fim de semana. Nesse sentido, confessou que seus maiores gastos são com comida, principalmente carne e ovos, e está sofrendo com a escassez de alguns elementos que vem faltando muito em Cuba. A carne certamente é o seu pior problema porque, nos mercados e bodegas³²⁶, há dias só tem carne de porco e sua religião não permite comer a carne deste animal. Perguntei de que religião era. Ela me respondeu que era muçulmana e que só não usava o véu no cabelo porque a sociedade cubana é muito preconceituosa e não estava preparada para aquilo. Perguntei se havia alguma mesquita em Mariel e ela disse que não, só

³²⁵Comprando de sua vizinha que trabalha numa empresa da ZED, conforme explanamos anteriormente.

³²⁶Locais que oferecem os itens da *libreta* para a população.

uma em Havana. Disse que se converteu ao islamismo por meio de seu atual esposo que está agora na Espanha.

De acordo com o que Dolores nos informou, Samir, seu atual esposo, é natural do Iêmen e passou 10 anos em Cuba, estudando medicina e trabalhando como médico residente. A princípio tinha uma bolsa de estudos de seu país, mas em 2015 o Iêmen entrou em guerra e as coisas ficaram mais difíceis para ele aqui. Seu irmão também veio para Cuba estudar, pouco tempo depois dele. Quando Dolores veio morar em Mariel, Samir era médico residente do hospital da cidade. Logo se conheceram e se casaram, segundo os rituais islâmicos realizados pelo próprio Samir, que a ensinou sobre o Alcorão, assim como as rezas e prática religiosas. Assim, Samir e seu irmão moraram durante quase dois anos na casa com Dolores e seu filho. Dolores tecia frequentemente muitos elogios a seu esposo e me disse que sentia muita saudade dele pois, há cerca de três meses, Samir e o irmão tinham embarcado para a Espanha e estavam lá na condição de refugiados. Com isso, têm a intenção de conseguir, a médio e longo prazo, um visto de permanência no país.

Dolores disse que seu esposo e o irmão saíram de Cuba por conta das dificuldades do país e pelo fato da medicina ser pouco remunerada aqui. Me falou que seu marido andava muito deprimido e se sentido humilhado com as condições do hospital e de sua profissão que vinham se deteriorando progressivamente. Disse que as condições de trabalho de um médico estavam muito ruins e que eles estavam sofrendo inclusive com a falta de comida no hospital. Um exemplo disso foi o fato de ter que merendar pão com óleo e chá durante várias noites. Até que um dia tinha leite para eles tomarem e ele descobriu que era o leite destinado à alimentação das mulheres grávidas que havia sobrado e que a direção resolveu dar aos médicos. Ela afirmou que ele estava muito indignado com toda essa situação de Cuba, sobretudo com o fato de não ter comida nem para comprar. Então resolveu partir. Perguntei se ela tinha a intenção de algum dia ir à Espanha também, mas ela respondeu que não sabia, que tudo isso era muito difícil, que para ela sair do país seria necessário um vínculo formal entre ela e o esposo, no entanto a família dele é muito religiosa e conservadora, o que deixa Samir reticente em relação a formalização da união dos dois. Não sabia quando ia vê-lo novamente, porém falava o tempo todo com ele por whatsapp.

Dolores me mostrou um quartinho no fundo da casa que está construindo. Disse que seu esposo ajudou muito nessa construção, mas que no momento ela estava parada por conta da falta de cimento. Falei para ela que não entendia a falta de cimento, já que em Mariel havia uma fábrica disso. Ela me respondeu que realmente não tinha, que geralmente chega uma vez

por semana nas lojas especializadas e que, desde madrugada, já se forma uma fila de gente esperando a loja abrir pra comprar; o mesmo que ocorre com as bodegas. E quando tem cimento, é caro e tem uma cota que cada um pode comprar, não dá pra comprar tudo o que precisa de uma vez para terminar a reforma. Afirmou ainda que sua situação não é pior porque agora na sua casa só moram ela e o filho, mas ela recebe itens básicos referentes a cinco libretas: a dela, a de seu filho, a da sua mãe, a do seu esposo e do irmão que foram para a Espanha. Desse modo, ela consegue se alimentar minimamente sem faltar arroz e feijão, pelo menos.

Anotações de campo, maio de 2019.

O Estado cubano tem o monopólio da importação e distribuição de alimentos no país, assim como das mercadorias consideradas meios e bens de produção. O cimento é uma dessas mercadorias cuja circulação não é determinada pelo mercado, mas pelo planejamento Estatal. Nesse sentido, a princípio não compreendíamos por que em alguns lugares tinha cimento e havia obras de reformas e construção a todo vapor, inclusive obras particulares, como em Playa Larga e Playa Girón, por exemplo, e em outros, como na cidade de Mariel, onde se localiza a fábrica de cimento, não havia disponível para a compra. Na ZED Mariel parece não faltar cimento, no entanto, Dolores acredita que as empresas trazem os materiais de construção do estrangeiro. De qualquer forma, em cidades turísticas, como a que citamos, parece haver maior disponibilidade de cimento do que naquelas que não tem esse aspecto como atrativo ou como promessa de retorno.

Segundo Dolores, materiais de construção, medicamentos e comida já estavam em falta no país em 2019. Estava preocupada porque o filho tinha dor de garganta há dias e não havia antibiótico, nem nos hospitais e nem nas farmácias. Muitas pessoas reclamavam, em várias cidades que visitamos, turísticas ou não, que desde o começo do ano de 2019 também não estão distribuindo preservativos e são raros os lugares que se encontrava esse produto para vender. Esses itens sempre chegam em Mariel em dias determinados, sempre as segunda ou sexta-feira. Em vista disso, começa a se formar filas de madrugada em frente a bodegas, farmácias e lojas de materiais de construção, onde frequentemente ocorrem brigas entre as pessoas.

Uma das primeiras mercadorias que começou a faltar em decorrência da dívida e perda de crédito de Cuba com o Brasil foi arroz; depois começou a faltar óleo de soja, milho, e o pior de tudo para aqueles com quem conversamos, frango.

A *libreta* é um mecanismo do governo cubano para garantir mercadorias essenciais a preços irrisórios aos cubanos e residentes, como no caso de Samir e seu irmão, estudantes e depois profissionais no país. Ela surgiu desde o início da Revolução e, no período de parceria com a URSS, chegou a envolver mais de trinta itens, como produtos de limpeza, papel higiênico e variados laticínios. Hoje em dia os itens da *libreta* estão restritos a: sete libras de arroz; meia libra de feijão, meia libra de óleo, uma libra de açúcar branco e uma libra de açúcar mascavo; cinco ovos, uma libra de sal, uma libra de café e um pão diário. Todos esses itens são disponibilizados por mês para uma pessoa adulta. Para crianças de até um ano é distribuído leite em pó específico para alimentação de bebês. Para crianças de um a sete anos, além destes itens ainda há a distribuição de leite fresco diário. Para crianças de sete a treze anos é disponibilizado um litro de iogurte de soja por semana, além dos itens comuns e, os enfermos e grávidas também recebem duas libras de leite em pó. Quando Samir e o irmão foram pra Espanha, deixaram suas *libretas* com Dolores, que conseguia adquirir esses bens a mais.

De todos os itens oferecidos pela *libreta*, geralmente o único que consegue cobrir o consumo mensal individual por inteiro é o arroz, os demais têm de ser comprados em mercados por preço bem mais elevado do que o da *libreta*. Com pouco mais de 10 CUPs era possível adquirir todos os itens da *libreta*, quando disponíveis.

Quando começou a faltar arroz brasileiro nas bodegas, em 2019, o Estado cubano arrumou outro fornecedor mundial, o Vietnã, que passou a exportar arroz para o país desde então. Ouvimos muitas pessoas reclamando do arroz vietnamita, por ser mais “sujo” e de pior qualidade do que o brasileiro, mas em 2019 essa alternativa parece ter resolvido o problema da escassez de arroz. Com o óleo de soja se passou algo parecido, depois de um período de extrema falta, Cuba tem importado também óleo vegetal russo, além do brasileiro que agora representa uma menor quantidade no mercado cubano. Ainda antes da pandemia, o pior problema de abastecimento em Cuba seguia sendo a carne, principalmente de frango.

A carne bovina não está disponível em mercados e bodegas cubanas desde a década de 1990. Entretanto, a parceria com o Brasil nos últimos anos vinha garantindo o abastecimento de frango até então. Em visita nossa prévia ao país, em 2009 e 2015, era comum observarmos, mesmo em Havana, as pessoas criando animais – galinha, porcos e patos, principalmente – nos quintais das casas. Entretanto essa prática diminuiu muito pois não há mais alimento para dar aos animais, nem ração a base de soja, nem milho e nem mais resto de comida, conforme nos informou Dolores e outras pessoas com as quais conversamos.

Peixes e frutos do mar também são difíceis de se encontrar em mercados cubanos.

Embora Cuba seja uma Ilha, a pesca de arrasto é restrita como atividade às empresas estatais, que separam e congelam os produtos para venda. Esses produtos frescos podem ser obtidos apenas por meio de pescadores individuais, que pescam a vara e vendiam em CUC, com preços considerados caro para o salário médio cubano. Em todos os lugares que visitamos do país a falta de carne parece assombrar o cotidiano das pessoas. Vários *paladares* por Havana, e em outras cidades, só tinha carne de porco para vender, já que Cuba apresentava ainda uma grande criação de suínos. As prateleiras vazias, como forma conhecida do socialismo real e cubano desde a década de 1990, se generaliza até mesmo nos mercados modernos recém-construídos na capital do país:

Foto 25



Foto 25: Prateleira de congelados vazias em supermercado localizado em *Miramar*, bairro nobre de Havana. Por Ana Sylvia Maris Ribeiro, maio de 2019.

Foto 26



Foto 26: Prateleira de carnes vazia em mercado de Playa, Havana. Além de não haver carnes, também não há laticínios, considerados básicos pelas pessoas, para se vender, tais como manteiga e queijo. Por Ana Sylvia Maris Ribeiro, maio de 2019.

Foto 27



Foto 27: Pessoas na fila esperando para comprar frango no mercado de *Miramar*, região nobre de Havana. Por Ana Sylvia Maris Ribeiro, maio de 2019.

Foto 28



Foto 28: Pessoas na fila para ser atendida em mercado em Cienfuegos. Por Ana Sylvia Maris Ribeiro, abril de 2019.

Foto 29



Foto 29: Pessoas na fila em bodega de Mariel. Por Ana Sylvia Maris Ribeiro, maio de 2019.

Segundo Kurz, a economia de escassez é o resultado lógico do socialismo real (1993, p. 119). A escassez, de acordo com o autor, se generaliza como forma econômica “que penetra todos os setores e determina a vida social e individual”. Nesse sentido, desenvolve-se uma forma necessária de concorrência negativa entre as empresas, entre os trabalhadores, entre as

regiões (Ibid.):

As empresas concorrem com o Estado na absorção dos lucros e nas cotas do plano, as empresas, os ramos e as regiões concorrem entre si na obtenção de fundos e material, os produtores e os consumidores concorrem nos preços e valores de uso dos bens. (Ibid).

Em vista disso, o controle da circulação econômica exercida pelo Estado cubano através dos planos e planejamentos estatal e territorial não suprime a concorrência própria à forma capitalista, mas a inverte no processo social como “rivalidade abstrata entre as instâncias sociais e os indivíduos” (Ibid, p. 120). Assim, a função da concorrência como impulso para aumentar constantemente a força produtiva do trabalho foi eliminada, sem que tivesse se eliminado a concorrência em si.

Enquanto a economia de escassez se manifesta por parte das empresas como concorrência negativa e acumulação de material em parte inútil, em parte açambarcado, apresenta-se ela por parte do consumo individual como pobreza geral, como subconsumo progressivo das massas. Pois a produtividade baixa e estagnante conduz necessariamente a salários analogamente baixos. (KURZ, 1993, p. 123-124)

Nesse sentido, as prateleiras vazias dos mercados e as longas filas postas ao cidadão como consumidor não é uma exclusividade de Cuba, mas antes foi uma realidade comum a todos os antigos países socialistas. Kurz chama atenção para a identidade lógica existente entre a crise de superprodução dos países capitalistas e a crise como escassez nos países socialistas: ambas estão fundadas na lógica de exploração do trabalho e sua crise, no entanto, uma aparece como crise de superprodução e a outra como de subconsumo.

De fato, a identidade da crise e da restrição tanto da produção quanto do consumo é evidentemente inerente ao sistema do trabalho abstrato, como tal; sua manifestação oposta, invertida, marca apenas a diferença entre a lógica estatista e a monetarista dentro das mesmas categorias básicas. De acordo com isso, a dinâmica da concorrência e o revezamento flexível de monetarismo e estatismo, no Oeste, implicam também a alternância dinâmica de prosperidade e crise, enquanto o congelamento estatista do Leste tinha que conduzir ao

congelamento subsequente da crise, na forma de economia de escassez permanente e estagnante. (KURZ, 1993, p. 123)

A escassez em Cuba aparecia em 2019 no cotidiano dos cubanos principalmente na forma de alimentos e materiais de construção, itens cuja circulação e comercialização é diretamente determinada pelo planejamento estatal. Após a pandemia, em 2022, a escassez atingiu praticamente todas as mercadorias de consumo corrente: medicamentos, eletrodomésticos, gasolina, lâmpadas, materiais de construção, enfim, uma infinidade de coisas que ora aparece, ora desaparece dos mercados. A ausência dos produtos no mercado vem acompanhada, nos últimos anos, de um processo inflacionário muito criticado pela população. Na falta de alguns itens básicos assegurados pela *libreta* e distribuídos pelas bodegas, o indivíduo, na qualidade de consumidor, deve recorrer ao mercado, na esperança de encontrar o alimento na circulação dolarizada. Entretanto, é comum, como já foi discutido anteriormente, a ausência de itens básicos até mesmo nos mercados que vendem em divisas – principalmente carnes e laticínios – o que força, aqueles que têm dinheiro, à busca de produtos no mercado ilegal. Tal fenômeno conduz a uma “acumulação de procura solvente que não se pode realizar”, que se expressa como um “excedente de dinheiro cada vez mais perigoso entre as pessoas privadas”, caracterizando assim, um potencial inflacionário “ao lado da enorme dívida pública devida ao aumento forçoso das subvenções”. Esse processo ameaça toda reforma de preços ditadas pelo Estado, em que o baixo valor do dinheiro cubano (o peso) não se manifesta nos preços, mas sim em sua inutilidade, por conta da ausência de bens no mercado (KURZ, 1993, p. 126).

Os “negócios” realizados pelos cubanos, conforme explicitamos anteriormente, reflete em certa medida os mecanismos encontrados por estes para acessar dinheiro ou outros bens de consumo; uma prática comum aos antigos países socialistas e que se perpetua em Cuba atualmente, intimamente atrelada ao turismo, principalmente porque é para este setor que o planejamento estatal direciona boa parte da produção e importação do país.

No país inteiro, principalmente nos últimos anos, tudo é passível de ser vendido, cada vez mais por vias formais, burocráticas e legais, mas também no mercado paralelo, que nem sempre é necessariamente ilegal. Um economista cubano nos disse que algumas transações estão no espectro do “alegal”, ou seja, não há uma proibição específica sobre a atividade, mas eventualmente “o Estado pode fazer da sua vida um iogurte”³²⁷: confiscar seus bens, aplicar multas, prisões e fechar seu negócio, se for caso. Durante a pandemia de COVID 19 diversos

³²⁷ Ditado popular em Cuba.

grupos abertos no *Telegram* passaram a servir como meio ativo de compra e venda de variados tipos de mercadorias (alimentos, remédios, roupas, geladeiras, casas, celulares etc.), dinheiro (dólares, euros, dólares mexicanos e canadenses) e troca direta de produtos em espécie.

Interferência XVI

Segundo dia em Havana, após o isolamento³²⁸: consegui comprar 4 libras³²⁹ de coxa e sobrecoxa congeladas de frango no mercado que vende em moeda nacional, situado na esquina do apartamento que aluguei em Cerro, Havana. Analisando o pacote depois de comprado, vi que a origem do produto era Atlanta, EUA, mas foi embalado e exportado por uma empresa de Singapura. Violeta, mãe de Luan – donos do apartamento que aluguei e moradores de outro apartamento próprio no mesmo edifício, no andar de cima – me avisou sobre a venda de frango. De sua janela, no corredor do 13º andar, pude ver a fila que já ocupava o quarteirão inteiro. Falaram para eu levar, além do dinheiro, o passaporte. (...) Estava sol, já era quase 11 horas da manhã quando entrei no último lugar da fila. “Último?” Era a interrogação que se ouvia de cada recém-chegado, que perguntava em voz alta para os presentes afim de saber atrás de quem se “posicionar”. Obviamente a fila não era “indiana”. A concentração de pessoas ocupava metade da rua e as pessoas disputavam as poucas sombras – do muro alto e das distanciadas árvores – da paisagem que revela traços de antiga zona industrial. Violeta e Luan chegaram um pouco depois e se juntaram a mim na fila. Eles e os demais presentes traziam consigo o “carnê” de identificação, principal documento cubano de pessoa física. A fila então começou a ser organizada por duas pessoas, uma delas vestia um colete escrito “Policia”. Perguntei à Luan se aquelas pessoas eram policiais e ele me respondeu que não, que em geral essas pessoas alocadas para organizar as filas são agentes do Ministério de Interior. Os agentes pediam que as pessoas se posicionassem uma atrás da outra para que seu carnê fosse escaneado. Segundo Violeta, o uso do escâner serve para garantir que as pessoas que compram naquele mercado sejam residentes daquele município. O escaneamento também serve para que as pessoas realizem apenas a compra de uma cota da mercadoria oferecida por dia. (...) Assim que os agentes começaram a escanear os carnês, começou a primeira briga, por conta de lugar

³²⁸ De março a novembro de 2021, com o agravamento da pandemia de COVID-19, o governo cubano instituiu a quarentena obrigatória para todos aqueles que desembarcassem de voos vindos do exterior. Os estrangeiros e cubanos não residentes em Cuba tinham de cumprir o período de isolamento obrigatório, de 5 a 7 dias, em hotéis do Estado, sob protocolos rígidos de segurança.

³²⁹ Cuba utiliza o sistema de peso equivalente ao dos Estados Unidos, o qual tem como padrão a libra. 1 libra = 453 gramas.

e posição na fila. Depois de muitos gritos, dos agentes e das pessoas que esperavam para comprar o frango, a fila triplicou de tamanho, com as pessoas se posicionando uma atrás da outra para receber os “turnos” (senhas). Naquele dia, para a compra de frango, foram liberadas 150 senhas a princípio, dependendo a liberação de mais senhas da chegada de um caminhão com novo carregamento, no período da tarde. Não sei se nesse dia o caminhão voltou. Quando chegou a minha vez de mostrar o documento para ser escaneado, mostrei meu passaporte e os agentes me olharam espantados. A agente vestida com o colete da polícia pediu para eu esperar e saiu. Momentos depois vi que ela conversava com um homem de óculos escuros. Depois de poucos instantes, voltou e me deu uma senha. 83.(...) desde que cheguei à fila, até a hora de sair do mercado com o pacote de frango na mão, se passaram quase duas horas. Meus vizinhos me disseram que dei sorte, pois a espera foi relativamente rápida em comparação a filas em dias anteriores. Além disso, me disseram também que dei sorte porque que fazia uns 20 dias que não aparecia frango para vender. As 4 libras de frango me custaram 73 pesos. Fiz as contas no câmbio oficial cubano, cerca de 3 dólares. No câmbio paralelo, na rua, isso dá 1,5 dólares.

Anotações de campo, abril de 2021.

Durante a pandemia de Covid 19, comprar comida e itens de uso cotidiano em Cuba ficou ainda mais difícil. As pessoas enfrentavam muitas horas de espera em filas para acessar as diferentes "modalidades" de mercados estatais existentes no país, seja sob sol forte ou chuva intensa. Nem todas as pessoas encontravam-se em condições físicas e sociais de enfrentar tal situação para acessar a bens de consumo considerados básicos.

Como país socialista, a forma das pessoas acessarem mercadorias e bens de consumo em Cuba apresenta diferenças marcantes em relação aos países capitalistas, conforme exploramos no capítulo 2, com as transformações econômicas e sociais promovidas pela Revolução. Tais diferenças respondem a pelo menos duas problemáticas fundamentais: Por um lado, desde a Revolução, houve a preocupação de Fidel e dos dirigentes governamentais em não deixar as necessidades básicas da população serem sanadas pelos mecanismos tradicionais e "cegos"³³⁰ de mercado, que visam como objetivo último o lucro e acumulação de capital

³³⁰ Processos "cegos" e mecanismos que se passam "às costas" dos sujeitos produtores de mercadorias são expressões que Marx usa em "O capital" para dizer sobre a forma contraditória com que a mais valia se realiza e se reproduz no cotidiano, como diferenciação entre preço e valor, e imposição da exploração abstrata de tempo de trabalho enquanto fim em si mesmo do capital. Nesse sentido, por mais que o processo capitalista passe pela

privada, excluindo aqueles que não podem pagar pelo consumo. Por outro, com o fim da URSS – e derrocada do socialismo real pelo mundo – Cuba perdeu seus principais parceiros comerciais e rede de relações internacionais que sustentavam seu precário sistema financeiro, ficando assim totalmente vulnerável em relação ao bloqueio norte americano e à hegemonia internacional do dólar.

Nesse sentido, desde o fim do chamado Período Especial e início do século XXI, existem em Cuba ao menos três "modalidades" principais de mercados estatais, ou centros de vendas normatizados de mercadorias. O primeiro e mais importante deles são as chamadas "bodegas". Situadas em praticamente todos os bairros das diferentes cidades cubanas, é na bodega que a população consegue comprar os itens da *libreta*. Até dezembro de 2020, com pouco mais de 10 CUPs (aproximadamente 50 centavos de dólar, segundo o câmbio oficial da época), era possível adquirir todos os itens, quando disponíveis, conforme expomos anteriormente. Em decorrência das transformações recentes da economia cubana – em direção ao reconhecimento e regulamentação do trabalho autônomo e de formas de propriedade particular – impulsionadas principalmente com os *Lineamientos de la política económica y social del Partido y la Revolución*, aprovados em 2011 no VI Congresso do PCC, a *libreta* passou a ser encarada como um mecanismo obsoleto diante dos aparentes avanços econômicos, tendo seus itens diminuídos e seu fim próximo anunciado. Entretanto, com a pandemia de COVID 19, a necessidade de manutenção dessa política pública se reafirmou com força frente à crise e, dessa maneira, novos itens voltaram a ser incorporados. Essa retomada e arranque da *libreta*, porém, se consolidou criticamente com a reforma econômica intitulada *Tarea Ordenamiento*, em vigor desde janeiro de 2021.

Depois de comprar a cota estabelecida pela *libreta* nas bodegas – que não garante a totalidade do consumo mensal individual e familiar – a alternativa para acessar mercadorias pagando em moeda nacional são as *tiendas en moneda nacional*. A interferência XVI descreve a experiência da compra de frango em um mercado deste tipo. Neles são vendidas mercadorias com preços superiores aos da bodega, mas ainda sim regulados e subsidiados segundo uma política social distributivista. Antes da pandemia, esses mercados aceitavam tanto peso quanto o CUC. A grande questão em relação a essa rede de mercados em moeda nacional é a escassez pela qual é acometida, que na pandemia tornou-se dramática. O exemplo da *tienda* presente no relato é emblemático: em 2019 – outro momento em que estivemos em trabalho de campo no

consciência das pessoas, estas não têm controle dos resultados da produção, seja precisando ofertar seu tempo como mão de obra no mercado de trabalho para acessar dinheiro, ou ainda esperando uma remuneração segundo seu capital inicial investido, o que poderá não ocorrer (MARX, 1985, 1988).

país – esse mesmo mercado tinha bebidas (refrigerante, cerveja, rum e água com gás) além de alguns enlatados, fraldas, itens de higiene e algumas "confituras" (biscoito, salgadinhos e petiscos) permanentemente para vender. Ao retornarmos ao país em 2021, esta *tienda* tinha apenas poucos enlatados e água com gás em suas prateleiras. O restante das mercadorias, que no período de pandemia variava basicamente entre carne de frango, salsicha, carne processada (de ave e peru, o chamado *picadillo*), sabão em pó, rum e óleo de soja, chegava, uma ou duas vezes por semana cada item, sem uma frequência pré-estabelecida, gerando as longas filas e situações narradas na interferência. Produtos como fraldas descartáveis, itens de higiene e alguma *confitura* são ainda mais raros de aparecer nesses mercados.

Para lidar com a escassez de mercadorias sob o pressuposto da distribuição igualitária dos produtos, é instituída pelas redes estatais de *tiendas en moneda nacional* uma cota individual de cada mercadoria a ser comprada. Dependendo do produto, conforme maior necessidade e demanda, como a carne de frango e o óleo de soja, só se podia comprar uma cota por mês. No relato introdutório, a cota do dia era quatro libras de frango por pessoa. Só conseguimos comprar carne novamente neste mercado três semanas depois, duas libras de *picadillo*.

Além das bodegas e mercados em moeda nacional, existe outro tipo de mercado, mais abastecido, mas que atualmente só é possível comprar com divisas. Nesses mercados é aceito cartão de crédito internacional com bandeira VISA e MASTERCARD, ou um cartão de MLC (*Moneda Libremente Convertible*), na prática um cartão de débito do Banco Nacional de Cuba. Com a unificação monetária e supressão do CUC como moeda física, aqueles que tinham dólares ou outras moedas estrangeiras em mãos, ou ainda que recebem divisas do estrangeiro mandadas por parentes ou amigos, poderiam abrir uma conta em MLC em um banco cubano e receber um cartão que lhe possibilita fazer compras nos mercados estatais que antes vendiam em CUC e que a partir de janeiro de 2021 passaram a vender em MLC³³¹. Assim, as contas bancárias em MLC são "alimentadas" apenas por divisas: dólares, mas também euros, libras e dólares canadenses e mexicano, não sendo possível abrir e operar uma conta dessas com pesos cubanos. Os mercados que antes operavam em CUC, que era um dinheiro físico que qualquer um no país podia acessar pela conversão de pesos ou divisas, realizada através de CADECAS, passou a ser inacessível àqueles que não tivessem divisas em mãos ou para depósito desde o estrangeiro. Esses mercados já eram os que tinham mais tipos de mercadorias para vender, e em

³³¹ Foi programado um prazo de 6 meses em que os estabelecimentos ainda aceitariam o CUC, mas ouvimos muitas reclamações sobre a transição não estar sendo cumprida e a maioria das lojas só aceitarem MLC antes dos 6 meses estipulados.

maior quantidade, antes da pandemia e da unificação monetária, em relação aos mercados que vendem em peso. Agora, determinadas mercadorias praticamente desapareceram dos mercados em moeda nacional e só há nos mercados que vendem em MLC, quando há, porque estes últimos também passam por grave crise de abastecimento. Sem contar as longas e intermináveis filas para entrar nesses mercados, sobretudo durante a pandemia.

As cadeias de lojas das empresas estatais CIMEX e Caribe – esta última chamada até 2018 de TRD (*Tiendas Recaudadoras de Divisa*) – são exemplos de estabelecimentos cuja venda é feita em MLC, tanto de itens alimentícios, de higiene e artigos para casa, quanto eletrodomésticos, eletrônicos e materiais de construção (estes últimos quando disponíveis). As filas para acessar esses mercados também eram gigantescas no período da pandemia, quase sempre superiores às filas das bodegas e mercados em moeda nacional.

Uma parcela considerável da população não tem acesso aos mercados em MLC, uma vez que não possuem parentes ou contatos no exterior que lhes mandem divisas ou nenhum tipo de negócio relacionado, direta ou indiretamente, ao turismo. Ademais, por conta dos horários de trabalho, indisposição física e outros motivos, diversas pessoas não conseguem enfrentar todas as filas. Além de passar muitas horas nelas, como os produtos são vendidos item a item nos mercados em moeda nacional, conforme a disponibilidade do dia, as pessoas passam muitos dias do mês submetidas a essa forma para acessar a maior parte das mercadorias consideradas básicas. Sem acesso a esses mercados, as coisas têm que ser compradas no mercado paralelo.

Durante a pandemia, muitas pessoas que antes trabalhavam autonomamente com turismo, fizeram da realidade e necessidades das filas um “modo de vida”³³². São os chamados “*coleros*” – que ganham dinheiro para guardar ou vender lugares na fila –, e os “*acaparadores*”, os quais passavam o dia todo comprando o que conseguiam, ou ainda desviando mercadorias em esquemas ilegais, para vender em grupos de *Telegram*, ou mesmo nas ruas, a um preço cada dia mais elevado.

No dia 10 de junho de 2021 foi anunciado através de uma Mesa Redonda com as ministras presidenta e vice presidenta do Banco Central cubano, junto ao diretor geral do Ministério das Relações Exteriores de Cuba, transmitida em cadeia televisiva nacional, a suspensão temporária da aceitação de depósitos em dólares em efetivos pelos bancos cubanos,

³³² Modo de vida” foi a expressão que ouvimos muito nas diversas conversas estabelecidas nas filas durante nossa última estadia em Havana (em 2021). Era usada para dizer sobre o modo como outras pessoas haviam encontrado para “ganhar” dinheiro diante da queda do turismo e fechamento de estabelecimentos de consumo e entretenimento.

a partir do dia 21 de junho³³³. Ou seja, as pessoas teriam, a partir daquele momento, 10 dias para depositar seus dólares no banco para transformá-los em MLC (os bancos abririam nos finais de semana para atender essa demanda). Segundo os participantes da Mesa Redonda a medida seria necessária por conta da “queda do valor de uso” do dólar em Cuba, uma vez que, devido a medidas de reforço do bloqueio econômico, o sistema bancário cubano estava com dificuldades para conseguir depositar no exterior os dólares em efetivo arrecadados no país. Outras divisas seguiram sendo aceitas normalmente. Importante salientar que, em geral, quase ninguém saca dinheiro das contas bancárias em MLC, porque isso significa “perder dinheiro”, já que os bancos convertem em peso de acordo com o câmbio oficial, que é muito defasado em relação ao câmbio paralelo informal. O mesmo ocorre com a compra de dólares nas CADECAS.

Antes do anúncio de tal medida, a impressão que dava é a de que, como não havia quase dólares em efetivo entrando no país, os mesmos dólares estavam circulando internamente há meses, passando de mão e mão entre as pessoas, segundo várias transações de compra e venda, e aparentemente se “autovalorizando” nessa dinâmica. A “fome” por dólares em Cuba já passou por várias fases, mas desde a retirada do imposto de 10% que havia na conversão do dólar para o CUC em maio de 2020, essa “fome” voltou e em 2021, com a supressão do CUC, passou a corroer o processo social. A poupança em dólares é fundamental àqueles que desejam sair do país, mas também àqueles que já saem com uma certa frequência e voltam cheio de mercadorias para vender³³⁴. Além disso, com a supressão do CUC, o dólar voltou a ter a função ilegal e informal de dinheiro como meio circulante em Cuba, tal como nos primeiros anos do *Período Especial*, tanto como meio de compra de determinadas mercadorias importadas como celulares, tablets, eletrodomésticos, motos etc. quanto para comprar casas e apartamentos. Entretanto, nos últimos meses, até bebidas e alimentos estão sendo vendidos a dólares.

Com a divulgação da suspensão, muitas pessoas correram aos bancos para depositar seus dólares nas contas em MLC. Mas outras, correram para trocar no mercado paralelo os dólares que tinham por *peso*, pois o preço do dólar começou a baixar na mesma noite em que

³³³ Informações disponíveis em: <http://www.cubadebate.cu/noticias/2021/06/10/directivos-del-banco-central-de-cuba-y-de-la-cancilleria-comparecen-en-la-mesa-redonda/>. Acessado em 28 de setembro de 2023.

³³⁴ O caso mais frequente de cubanos que viajam para fora do país e retornam são de pessoas com dupla cidadania, principalmente norte americana e hispânica. Entretanto Moscou tem sido um destino muito procurado nos últimos anos pelos que não têm dupla cidadania, mas possuem passaporte e economias, principalmente porque não exige visto de entrada para cubanos. Algumas mercadorias só entram em Cuba por meio desses viajantes.

foi noticiada a suspensão. Várias pessoas possuem dólares enviados por parentes e amigos do exterior e dependem desse dinheiro para conseguir se alimentar o mês inteiro, quando o salário e os itens da *libreta* acabam. E a última coisa que as pessoas fazem com dólares em mãos é convertê-los em peso nas CADECAS, já que isso também significa “perder dinheiro”. Após o dia 21 de junho de 2021, com a efetivação da medida, o preço do dólar se estabilizou brevemente no mercado paralelo a 60 pesos, em média. Ao mesmo tempo se intensificou a compra e venda de transferências de MLC entre contas por aplicativo³³⁵.

Algumas pessoas com as quais estabelecemos relações ao longo do trabalho de campo disseram que a motivação e a forma como foi executada a medida de suspensão dos depósitos de dólares em efetivo foi para concentrar o máximo de dólares que estava circulando em Cuba, em um período curto, em mãos do Estado, para que este pudesse pagar parte da sua dívida com o Clube de Paris e assim conseguisse reabastecer os mercados em MLC com mercadorias importadas. O que se sabe é que o vice-primeiro-ministro cubano esteve na França entre os dias 9 e 11 de junho, e em reunião com representantes do Clube de Paris³³⁶. Também era visível que os mercados em MLC ficaram semanas sem serem abastecidos, até o final de junho, quando voltou a receber mercadorias.

Em 10 de abril de 2023 os bancos cubanos voltaram a receber depósitos em dólares, com a revogação da Resolução 176/2021. Segundo informações apresentadas pelo Cubadebate, a reanimação do turismo no país e a recuperação paulatina das atividades produtivas e de serviços permitiam o retorno dos depósitos em dólares, ainda que a pressão econômica imposta pelo bloqueio continuasse³³⁷.

Na tentativa de combater o mercado paralelo, já que a institucionalização dos mecanismos privados de revenda é um “luxo que Cuba não pode se dar”³³⁸ (segundo o discurso oficial), o Estado cubano, junto a centros universitários e de pesquisa tecnológica, desenvolveu aplicativos para escanear os documentos das pessoas, com intuito de aumentar o controle sobre a circulação de mercadorias e garantir uma “distribuição igualitária”. No caso dos mercados em moeda nacional, conforme relatado na interferência XVI, o escaneamento serve para garantir

³³⁵ Através do mercado paralelo as pessoas conseguem movimentar sua conta em MLC, comprando e vendendo transferências pagas em *peso*. Dessa forma o MLC também tem um câmbio oficial e um paralelo, informal.

³³⁶ Informações disponíveis em: <http://www.cubadebate.cu/noticias/2021/06/11/cuba-y-acreedores-del-club-de-paris-ajustan-deuda-de-mediano-y-largo-plazos/>. Acessado em 28 de setembro de 2023.

³³⁷ Disponível em: <http://www.cubadebate.cu/noticias/2023/04/10/se-aceptaran-nuevamente-dolares-en-efectivo-en-los-bancos-e-instituciones-financieras-no-bancarias/>. Acessado em 28 de setembro de 2023.

³³⁸ Sobre o assunto, ver: <http://www.cubadebate.cu/especiales/2022/10/18/cola-cu-ii-de-la-utopia-a-la-practica-y-el-papel-de-los-lcc-fotos/>. Acessado em 28 de setembro de 2023.

que cada pessoa acesse apenas uma cota restrita de mercadorias que chegam de tempos em tempos – em seu município de registro –, e não circule por outros mercados de moeda nacional espalhados pela cidade atrás das mesmas mercadorias. Alguns mercados em MLC também passaram a utilizar o escaneamento, sobretudo com o aplicativo COLA.CU, com cotas mais flexíveis, mas ainda sim com objetivo de evitar "coleiros" e "acaparadores". Entretanto, segundo a imprensa oficial, como o aplicativo de escaneamento é manejado por pessoas, isso não tem garantido totalmente o fim de desvios e revenda ilegal de mercadorias.

Uma alternativa institucional de compra que se intensificou na pandemia foi a venda online de mercadorias, tanto em moeda nacional quanto em divisas e em MLC. No entanto, as mercadorias em moeda nacional também se esgotam rapidamente das *tiendas* online, sem contar os problemas no aplicativo de vendas (que para de funcionar constantemente com o alto número de acessos) e o alto custo para se acessar a internet em Cuba. Já as compras online em MLC e em divisas apresentam queixas principalmente em relação aos altos preços cobrados pelas mercadorias e pouca diversidade disponível.

Além dos tipos de mercados mencionados, há em Cuba outros pequenos equipamentos de vendas. São os chamados "agros" – *mercados agropecuarios estatales* (MAE)³³⁹ - além de *carretilleros*, pequenas cafeterias e *carnicerias* particulares que, embora não passem por um sistema de cotas e controle das quantidades vendidas, também sofrem com o problema de escassez, desabastecimento e aumento estrondoso dos preços. Uma das medidas institucionais que tem sido tomada nos últimos meses em relação a esses setores é a flexibilização dos preços normatizados – ditados pela *Tarea Ordenamiento* – de determinadas mercadorias. Todavia tal medida traz consigo um encarecimento nunca antes visto de produtos de consumo corrente e produção local como, por exemplo, a carne de porco³⁴⁰.

A crise de escassez observada no auge da pandemia vinha dando sinais de intensificação pelo menos desde 2019 – com o recrudescimento do bloqueio estadunidense e com os

³³⁹ Os chamados "agros" são uma espécie de "sacolões" estatais que fornecem frutas, legumes, verduras e algumas poucas mercadorias produzidas pelas cooperativas agrícolas, como molho de tomate, por exemplo. Já os *carretilleros*, são vendedores particulares de gêneros agrícolas em carrinhos de mão. As *carnicerias*, por sua vez, correspondem a pequenos açougues particulares.

³⁴⁰ Desde a reforma de preços a carne de porco encareceu, no mercado paralelo, e depois desapareceu, junto com o fechamento de várias *carnicerias* particulares que não estavam conseguindo se manter com os novos preços estipulados. Com a flexibilização do preço fixo de venda, a carne de porco reapareceu nas *carnicerias* particulares reabertas, mas assumiu o preço em que vinha sendo vendida no mercado paralelo, o que impossibilitou o consumo de boa parte da população. Sobre o assunto, ver: <https://noticiascubanas.com/2021/08/18/el-adios-a-los-precios-topados-cuba-prueba-a-medias-laformula-vietnamita/>. Acessado em 28 de setembro de 2023.

desdobramentos da crise de conjuntura energética³⁴¹ – e, infelizmente, não parece estar próxima de ser superada, pelo contrário. Além do aumento do preço da comida e itens básicos à reprodução social cotidiana, com a mediação ditada pela *Tarea Ordenamiento*, houve um crescimento geral nos preços de serviços públicos, na razão de dez vezes para mais, como água, luz, transporte, gás e impostos sobre as mais variadas transações³⁴².

Interferência XVII

Ontem eu fui visitar Maria, em Centro Havana. Encontrei com ela na fila da bodega, na rua da sua casa. Estava esperando para comprar arroz. Maria me contou que compra os itens da libreta pouco a pouco, mesmo quando tem mais de um item disponível. Isso porque, com o Ordenamiento as coisas ficaram muito cara e seu salário, mesmo com o aumento, não alcança para comer todos os dias, então, quando chega as coisas na bodega ela já gastou tudo. Além de funcionária da limpeza numa instituição estatal de comércio, Maria também faz faxina, esporadicamente, em duas casas. O dinheiro da faxina, muitas vezes, garante a comida do dia, para ela e seu filho. Mesmo assim, seus rendimentos são poucos e ela já chegou a vender um ou outro item da libreta para garantir a comida “inteira” do dia. Ela me disse que há um mês ficou doente dos nervos e não pôde sair pra fazer faxina em nenhuma das casas. Isso resultou que ela e seu filho ficaram quase uma semana comendo pão vendido pela libreta, além de alguns poucos que ela conseguiu comprar por fora, e tomando água com açúcar.

Anotações de campo, dezembro de 2022.

Com a pandemia e a unificação monetária, nos primeiros meses de 2021, o mercado paralelo e ilegal de dólar explodiu, dobrando rapidamente o preço do dólar negociado nas ruas e especialmente em grupos de *Telegram*. Junto com o aumento exorbitante do preço do dólar

³⁴¹ A crise de conjuntura energética foi o nome que o presidente de Cuba deu na situação de retorno dos apagões em várias partes do país, em 2019. Sobre o assunto, ver: <http://www.cubadebate.cu/noticias/2019/09/11/presidente-diaz-canel-informa-nuevas-medidas-ante-situacion-energetica-de-cuba/>. Acessado em 28 de setembro de 2023.

³⁴² Alguns serviços e mercadorias passaram mais de vinte anos custando o mesmo preço – preços subsidiados – dado os baixos salários pagos em Cuba. O Estado cubano, por meio da anunciada *Tarea Ordenamiento*, reajustou o preço das mercadorias em 2021, em novos preços “não subsidiados”. O pão diário, oferecido pela *libreta*, passou de 0,05 centavos de peso, para 1 peso, como um dos exemplos de aumento de preço que superou 10 vezes, o aumento máximo do salário mínimo. O exemplo do aumento do preço do pão é emblemático no sentido de mostrar que o que antes era um produto oferecido praticamente de graça (1,5 peso ao mês), ressuscitou como mercadoria que mobiliza alguma monetarização, ainda que baixa (agora o pão diário custa 30 pesos ao mês).

no mercado paralelo houve uma disparada no preço das mercadorias negociadas por fora dos escassos mercados das empresas e grupos estatais cubano. O aumento astronômico dos preços em geral empurrou para o âmbito de uma economia monetarizada a compra de itens e pagamento de taxas que até então detinham preços simbólicos. Fora da cota básica de compra determinada pelo Estado, esses itens agora ressuscitaram como mercadorias desgovernadas, na forma da "hiperinflação" dos preços, sobretudo no mercado paralelo. Agora é preciso trabalhar mais, ou arranjar outras formas de acessar muito mais dinheiro, para adquiri-las. Ao mesmo tempo, a produção interna de alimentos e outras mercadorias vem caindo drasticamente pelo menos desde 2020, junto a outros indicadores econômicos, devido principalmente à pandemia e também a pragas e tormentas tropicais, segundo justificou o governo³⁴³. Tal situação aumenta ainda mais a dependência de Cuba em relação às exportações.

A combinação de escassez e encarecimento astronômico das mercadorias e serviços tem tornado o cotidiano cada vez mais insuportável. Os questionamentos e reivindicações em relação à forma monopolística segundo a qual a política interna aparentemente controla a circulação de dinheiro e mercadorias, ressentido, desde antes da pandemia, uma série de pequenos proprietários, muitos só da sua força de trabalho, e comerciantes, impossibilitados de reproduzir e expandir seus negócios, ou mesmo impossibilitados de se reproduzir como trabalhador não estatal. Outro motivo de ressentimento cotidiano é a presença de tecnologia ultramoderna no controle da circulação de mercadorias contrastando com a escassez de produtos básicos e pouco manufaturados.

Embora o discurso oficial afirme que os mercados em MLC não trazem prejuízos à população cubana, uma vez que as divisas captadas são revertidas em benefícios sociais, os mercados em MLC nos sinalizam a dimensão interna da produção de desigualdades³⁴⁴ em Cuba, que se dá principalmente entre pequenos proprietários e aqueles que recebem divisas de pessoas no exterior, dos que não recebem e têm apenas sua própria força de trabalho para vender no país. E há ainda aquelas pessoas que não têm condições nem de se vender como força de trabalho. Essas desigualdades não estão livres de uma clivagem de gênero e racializada. Os mercados em MLC representam o absurdo social da forma mercadoria e do dinheiro que o socialismo cubano não conseguiu superar enquanto monopólio estatal, recrudescendo, em vários aspectos, a digestão do sofrimento da economia capitalista centralmente comandada. Tal

³⁴³ Para mais informações sobre o assunto ver: VALDIVIA, A. *Siete hitos economicos que marcaron 2020 en Cuba*, disponível em <https://eltoque.com/siete-hitos-economicos-que-marcaron-2020-en-cuba>. Acessado em 28 de setembro de 2021.

³⁴⁴ Sobre o assunto, ver: <https://www.bc.gob.cu/noticia/gobierno-cubano-informa-nuevas-medidas-para-las-ventas-de-mercancias-en-mlc/783>. Acessado em 28 de setembro de 2023.

absurdo aparece como um dos principais alvos de crítica popular, fato que veio à tona com os protestos de 11 de julho de 2021.

Em 4 de agosto de 2022 o governo cubano – respondendo à necessidade de se obter divisas e aos ditames do câmbio informal que passou a organizar paralelamente a economia – passou a comprar as divisas em mãos da população ao preço de 120 pesos por dólar³⁴⁵. Com essa medida, o câmbio oficial (de 1 dólar = 24 pesos) manteve-se apenas para transações e pagamentos de taxas internas. Entretanto, a formalização de um novo câmbio paralelo para compra de dólares não estancou a desvalorização do peso no mercado real, fato que provocou, durante o ano de 2022, a aceleração da subida de preços das mercadorias no mercado paralelo e também nos mercados que vendem em MLC. Mercadorias como a bandeja com 30 ovos, por exemplo, que em abril de 2021 era negociada em Havana no mercado paralelo ao preço que variava entre 150 e 400 pesos, passou, em janeiro de 2023, a variar entre 1800 e 2500 pesos. Não só os ovos, praticamente todas as mercadorias de consumo cotidiano tiveram um aumento de preço entorno de 1200%. Em vista disso, o aumento salarial promovido pela *Tarea Ordenamiento* foi “engolido” sem que houvesse um novo reajuste: O salário-mínimo alçado a 2100 pesos pela reforma econômica, que em 2021 equivalia formalmente a cerca de 87,5 dólares, passou a valer, com o novo câmbio, apenas 17,5 dólares, quase o mesmo que valia antes da *Tarea Ordenamiento*, quando os preços de várias mercadorias e serviços públicos, todavia, eram subsidiados. Ou seja, durante 2022, ano de controle da pandemia e supostamente retomada da economia, a população cubana empobreceu, perdendo drasticamente poder de compra.

Com o agravamento da crise, em outubro de 2022, o governo cubano retomou uma política estabelecida na pandemia, após os protestos de 11 de julho, de entrega e venda de módulos de comida e detergente à população que tivesse a *libreta* em mãos e associada a um núcleo familiar³⁴⁶. No entanto, a partir dessa retomada, os mercados em moeda nacional, exemplo de estabelecimento descrito no início desse artigo, deixou de vender mercadorias há quem não tivesse associado a um núcleo familiar na cidade de residência: Na prática isso significa que não só estrangeiros não podem mais comprar nesses mercados, mas pessoas de outras províncias que vivem em Havana (migrantes internos), por exemplo, também não. Esse tipo de medida tem agravado a crise alimentar e econômica em Cuba, na medida em que força

³⁴⁵ Sobre o assunto, ver ¿Cómo se implementará el nuevo mercado cambiario en Cuba? (+ Video) | Cubadebate. Acessado em 28 de setembro de 2023.

³⁴⁶ Sobre o assunto, ver Detalles de la canasta familiar normada, la entrega de módulos y materiales de la construcción | Cubadebate. Disponível em: <http://www.cubadebate.cu/noticias/2022/10/04/detalles-de-la-canasta-familiar-normada-la-entrega-de-modulos-y-materiales-de-la-construccion/>. Acessado em 28 de setembro de 2023.

a realização do consumo pago em MLC (divisas), ou ainda, no mercado paralelo super precificado. A desagregação dos núcleos familiares tem aumentado enormemente nos últimos anos graças à migração (externa e interna). O agravamento da crise econômica e social cubana tem gerado constantes mudanças na forma de circulação e realização de mercadorias no país, bem como a relação contraditória com o dólar e a pressão que este exerce no mercado interno.

Interferência XVIII

Hoje de manhã fui à casa de Yari bater uma maionese com seu mixer, para ter o que passar nos pães que consegui comprar ontem de um “carretillero” em Centro Havana. Yari me contou de sua infância e juventude poupadora, em que não podia viver “para o dia”, tinha que economizar e assim os filhos também o fazem. Disse que com 13 anos fazia unhas e cobrava 15 pesos. Desde os 7 anos diz que começou a economizar moedinhas e com 15 fez sua festa de debutante com suas economias. Com 17 anos comprou um par de sapatos soviéticos que duraram até pouco tempo, segundo ela. Me contou ainda que quando trabalhava – e isso se passava com todos que trabalhavam em empresa ou no serviço público – ganhava uma espécie de vale para comprar “roupas de presença”. Não é dinheiro vivo, é um saldo que se podia comprar em “tendas” especializadas de “presupuesto” do Estado, algo como lojas laborais. Nunca conseguia comprar nada de roupa para si, porque nada lhe servia, mas comprava uma camisa para o marido, sapato para os filhos etc. Nos últimos anos já não havia mais roupas, não havia mais quase nada nessas lojas, mas havia xampu e desodorante. Disse que antes de se aposentar comprou 3 galões de xampus e 6 desodorantes, no começo de 2020, e desde então não precisou mais comprar esses itens, porque sempre tem produtos estocados. Tinta de cabelo, detergente, sabonete etc., segundo Yari, nunca lhe falta, porque “no se puede vivir el día”, disse-me em tom professoral. Disse ainda que o dinheiro da renda, do quarto de sua casa que ela aluga, deixa guardado para alguma emergência, se acaso a geladeira ou o televisor quebrar, por exemplo, ou ainda se tiver que fazer uma viagem às pressas. Além da filha que mora na Espanha, ela tem tias e um irmão que vivem em Camaguey e pensa neles.³⁴⁷ Me confessou que teve que emprestar dinheiro ao irmão algumas vezes, que ele, diferente dela, está sempre “viviendo el día” e não consegue economizar. Disse que sua filha está desempregada

³⁴⁷ Atualmente, além da filha que continua a viver em Barcelona, em fevereiro de 2023 seu outro filho emigrou, junto à esposa grávida, para o Chile.

e por isso não recebe mais nada dela, nem recarga de celular, mas Leda, sogra de sua filha e sua amiga e vizinha, sim recebe uma mesada do filho.

Anotações de campo, junho de 2021.

A falta de um comércio atacadista e mecanismos de importações que não passe pela relação direta com o Estado dificulta especialmente aqueles que querem produzir ou só vender qualquer coisa em Cuba, desde pequenas confeitarias particulares a lojinhas de produtos eletrônicos. Além disso, a dificuldade na questão jurídica e prática de se montar ou legalizar uma chamada micro, pequena ou média empresa em Cuba é o eixo central nas falas de pessoas que estão tentando se organizar para conhecer os mecanismos possíveis para viabilizar o processo nos últimos anos, muitas discussões mediadas por grupos de *Telegram*

As micro, pequenas e médias empresas em Cuba são chamadas pela sigla MIPYMES. A existência dessas formas de propriedade, produção e comercialização foram aprovadas pela Nova Constituição (2019) e vem sendo regulamentadas desde então. Em setembro de 2021 foram aprovadas as 35 primeiras MIPYMES (32 privadas e 3 estatais)³⁴⁸ e, em outubro de 2022, foi publicado nos meios oficiais o edital de solicitação de abertura de empresas, por meio de inscrição em plataforma digital e apresentação de projeto de funcionamento³⁴⁹. As solicitações podem ser feitas por empresas de propriedade privada ou estatal, novas ou já existentes, que vinham funcionando sob a regulamentação do trabalho *cuentapropista*, a qual permite a contratação de até 3 funcionários. De acordo com o Ministério da Economia e Planificação, até julho de 2023, já haviam sido aprovadas 8.774 micros, pequenas e médias empresas em Cuba³⁵⁰. As MIPYMES em geral aceitam múltiplas formas de pagamento: pesos em efetivo, divisas – dólares e euros (o troco sempre é dado em peso) – e Transfermóvil³⁵¹,

³⁴⁸ Informações disponíveis em <https://www.cubatrade.org/blog/2021/9/30/gkve0fr68iwam1uqjjuyymneav9rke>. Acessado em 28 de setembro de 2023.

³⁴⁹ Informações disponíveis em Creación y constitución de MIPYMES en Cuba | Trámites en Cuba (cubatramite.com). Disponível em: <https://www.cubatramite.com/creacion-y-constitucion-de-mipymes-en-cuba/>. Acessado em 28 de setembro de 2023.

³⁵⁰ Informações em: ¿Cómo funcionan las Mipymes en Cuba y por qué generan tanta controversia? (vozdeamerica.com). Disponível em: <https://www.vozdeamerica.com/a/como-funcionan-mipymes-cuba-7159880.html>. Acessado em 28 de setembro de 2023. Sobre os números oficiais relacionados as MIPYMES, ver: [Listado de MIPYMES y CNA hasta 22.06.23.pdf \(gob.cu\)](https://www.mep.gob.cu/sites/default/files/Documentos/Archivos/Listado%20de%20MIPYMES%20y%20CNA%20hasta%2022.06.23.pdf). Disponível em: <https://www.mep.gob.cu/sites/default/files/Documentos/Archivos/Listado%20de%20MIPYMES%20y%20CNA%20hasta%2022.06.23.pdf>. Acessado em 28 de setembro de 2023.

³⁵¹ Transfermóvil é um aplicativo desenvolvido pela ETECSA em conjunto com os bancos cubanos: Banco Popular de Ahorro (BPA), Banco de Crédito y Comercio (BANDEC) e com o Banco Metropolitano (BANMET). Esse

que operam tanto com contas em moeda nacional quanto em MLC. Das mais de 8 mil MIPYMES em funcionamento em 2023 na ilha, 22,1% correspondem a empresas destinadas a gastronomia e alojamento, 20,1% à serviços de construção e 19,1% à manufatura, produção e venda de alimentos e bebidas. O restante das empresas se dedica a serviços e comércio em geral³⁵².

Entre 2022 e 2023, a aprovação de MIPYMES amenizou um pouco a escassez de determinados produtos no país. No entanto, os preços praticados nessas lojas, mesmo cobrados em moeda nacional, tornam as mercadorias disponíveis praticamente inacessíveis à cerca de 40% da população que não tem acesso a divisas e depende quase que inteiramente do salário ou pensões do Estado para sobreviver³⁵³. O salário médio em Cuba corresponde a cerca de 5000 pesos mensais, o equivalente a 20 dólares, segundo o mercado paralelo de divisas em agosto e setembro de 2023. Ao mesmo tempo, a presença de outras formas de comércio popular, a despeito do constante aumento do preço das mercadorias que vem acompanhando o aumento do preço do dólar no mercado paralelo, “regulou” o preço de alguns produtos que apresentavam ascensão meteórica desde a pandemia. Esse foi o caso do litro de óleo de soja que, depois de atingir o preço de 1500 pesos no mercado paralelo a princípio de 2023, passou a ser vendido, seis meses depois, por 700 ou 800 pesos nas diferentes MIPYMES do país. Algo parecido se passou com a cerveja³⁵⁴.

A grande questão que acomete as nascentes MIPYMES em Cuba, principalmente as menores, é a falta de um comércio atacadista no país ou ainda mecanismos de importação que consigam superar os entraves postos pelo bloqueio estadunidense e pela burocracia cubana. Além disso, comenta-se que muitas dessas empresas foram abertas por militares que gozam de certos privilégios e segredos de Estado, seguindo mais ou menos os mesmos passos da

aplicativo permite fazer transferências a outras contas e pagamentos de tarifas estatais. O Transfermóvil, conforme apontamos, serve para movimentar contas em pesos e em MLC. Para mais informações, ver: <https://d-cuba.com/transfermovil>. Acessado em 28 de setembro de 2023.

³⁵² Informações em: ¿Cómo funcionan las Mipymes en Cuba y por qué generan tanta controversia? (vozdeamerica.com). Disponível em: <https://www.vozdeamerica.com/a/como-funcionan-mipymes-cuba-/7159880.html>. Acessado em 28 de setembro de 2023. Sobre os números oficiais relacionados as MIPYMES, ver: [Listado de MIPYMES y CNA hasta 22.06.23.pdf \(gob.cu\)](https://www.mep.gob.cu/sites/default/files/Documentos/Archivos/Listado%20de%20MIPYMES%20y%20CNA%20hasta%2022.06.23.pdf). Disponível em: <https://www.mep.gob.cu/sites/default/files/Documentos/Archivos/Listado%20de%20MIPYMES%20y%20CNA%20hasta%2022.06.23.pdf>. Acessado em 28 de setembro de 2023.

³⁵³ A cifra de 40% da população que não tem acesso a divisas é estimada por economistas independentes cubanos: “(...) *expertos estiman que el 40 % de los 11 millones de cubanos en la isla no tiene acceso a dólares, que están disponibles principalmente a través de remesas desde el extranjero o en empleos en el turismo.*” Disponível em: <https://www.vozdeamerica.com/a/como-funcionan-mipymes-cuba-/7159880.html>. Acessado em 28 de setembro de 2023.

³⁵⁴ Esses exemplos foram observados em campo nas nossas duas últimas viagens à Cuba, em janeiro e julho de 2023, respectivamente.

constituição do conglomerado militar GAESA³⁵⁵, durante o Período Especial.

Dentre aqueles que buscam manter ou abrir um negócio, ou trabalhar por conta própria, a presença do Estado aparece enquanto entraves burocráticos e tecnológicos (como, por exemplo, o aplicativo de cadastramento estatal que não funciona), castradora e aproveitadora de transações econômicas e comerciais, combinada a denúncias de desvios, corrupção interna e sistemas de apadrinhamento. O risco desses pequenos proprietários e comerciantes de pagarem multas e verem seu negócio confiscado e fechado no decorrer do processo, ao recorrer ao mercado paralelo em busca de mercadorias e matérias-primas, por exemplo, é grande. Assim, a forma como o Estado aparentemente maneja a economia é vista como antieconômica. O enorme controle das formas de acumulação de capital e de dinheiro que o Estado exerce em relação aos proprietários privados é a forma histórica do socialismo cubano que a Nova Constituição e a abertura das MIPYMES prometeram, de alguma forma, mover.

No entanto, em agosto de 2023, diante da falta de peso em efetivo em caixas eletrônicos e bancos do país, o governo cubano lançou uma política de “bancarização” da economia. A chamada “bancarização” envolve uma série de medidas, que visam reduzir o fluxo de dinheiro em espécie em diversas transações de pagamento e compra e venda de mercadorias no país. Uma das medidas mais polêmicas é a que estabelece um limite de 5 mil pesos para transações em espécie entre os diferentes “atores econômicos”. Transações acima desse preço, de acordo com o artigo 4 da Resolução 111/2023, devem ser realizadas por meio de transferência entre contas bancárias, via celular, possibilitadas pelo uso dos aplicativos Transfermóvil e ENZONA, ou ainda por terminais de ponto de venda (máquinas de cartão de débito e crédito

³⁵⁵ GAESA é a sigla de *Grupo de Administración Empresarial S.A.*, um conglomerado empresarial controlado pelas *Fuerzas Armadas Revolucionarias* de Cuba. As informações sobre esse conglomerado são de difícil acesso, sendo veiculadas principalmente pela mídia independente. Segundo a BBC Mundo, a GAESA é formada pelas principais empresas estatais cubanas, dentre elas: “*Grupo de Turismo Gaviota (hoteles, agencias de viajes, alquiler de autos); Tecnotex y Tecnoimport (importaciones y exportaciones); TRD Caribe (supermercados minoristas de venta en divisa); Unión de Construcciones Militares y la Inmobiliaria Almest; Zona de Desarrollo Integral Mariel; Almacenes Universales (servicios portuarios, aduaneros y transporte)*”. Nesse sentido, o grupo controla parte considerável do mecanismo de retenção das divisas vindas do exterior, por meio da empresa turística e através de remessas a residentes, uma vez que essas divisas são convertidas em MLC pelos bancos cubanos e são majoritariamente gastas nas lojas TRD, controladas pelo conglomerado. Informações em [¿Qué es Gaesa, el consorcio empresarial de los militares de Cuba señalado por Donald Trump y cuál es su peso en la economía de la isla? - BBC News Mundo](https://www.bbc.com/mundo/noticias-america-latina-40298131). Disponível em: <https://www.bbc.com/mundo/noticias-america-latina-40298131>. Acessado em 28 de setembro de 2023. Sobre a constituição do conglomerado no Período Especial: “(...) *el gobierno liderado entonces por el fallecido expresidente Fidel Castro permitió el emprendimiento privado en algunos sectores de los servicios y la entrada al capital extranjero. En ese contexto, el Grupo de Administración Empresarial, SA (Gaesa), - un consorcio militar - tuvo y mantiene un rol clave en la administración de tiendas, hoteles y otras operaciones comerciales. No existe transparencia en la forma en que estos negocios son administrados ni el Estado ofrece información sobre licitaciones o protocolos que rigen estos negocios*”. Disponível em: <https://www.vozdeamerica.com/a/como-funcionan-mipymes-cuba-/7159880.html>. Acessado em 28 de setembro de 2023.

que operam com os bancos cubanos e com cartões de bandeiras internacionais). Além disso, as “pessoas naturais”, não vinculadas ao trabalho *cuentapropista* ou à MIPYMES, ficam sujeitas ao limite de 80 mil pesos por operação (cerca de 320 dólares, segundo cambio paralelo de setembro de 2023) e até 120 mil pesos mensais (entorno de 480 dólares). O saque em caixa eletrônico, por sua vez, fica restrito a pessoas que não possuem ou trabalham em negócios particulares, que tem suas contas bancárias vinculadas a salários estatais, pensões e poupanças³⁵⁶. Dessa maneira, os saques realizados por trabalhadores *cuentapropistas* e donos de MIPYMES devem ser programados e ocorrer nos caixas internos aos bancos, segundo agenda e disponibilidade de dinheiro efetivo nas instituições bancárias.

Em vista disso, o processo de bancarização visa incluir a mediação dos bancos cubanos em todos os trâmites financeiros do país, sobretudo aqueles impulsionados com a liberalização das MIPYMES. No entanto, esta tentativa de controle interno financeiro, contraditoriamente, vem provocando o processo inverso no mercado e circulação monetária do país: grande parte das MIPYMES e dos serviços *cuentapropistas* estão aceitando somente pagamento em efetivo – pesos, dólares ou euros – em suas transações com o público em geral. Os novos empresários cubanos alegam falhas constantes na rede de internet, na plataforma digital e no sistema financeiro nacional para justificar tal medida. Nesse sentido, a escassez do peso como moeda sonante, como meio de pagamento direto, fez com que essa moeda também fosse vendida no mercado paralelo de divisas, assumindo um preço mais alto do que o peso que tramita nas transferências bancárias. A figura 3 demonstra a cotação do mercado paralelo de divisas em Cuba, no dia 2 de outubro de 2023, segundo a plataforma multimídia independente *El toque*, a qual emite diariamente a cotação das diferentes moedas que são negociadas informalmente no país³⁵⁷:

Figura 7

³⁵⁶ Sobre o assunto ver: Preguntas y respuestas sobre las acciones de bancarización de las operaciones - Banco Central de Cuba (gob.cu). Disponível em: <https://www.bc.gob.cu/noticia/preguntas-y-respuestas-sobre-las-acciones-de-bancarizacion-de-las-operaciones/1787>. Acessado em 28 de setembro de 2023.

³⁵⁷ A cotação realizada por *El toque* se baseia na média de preços em que as divisas são negociadas diariamente em grupos do *Telegram*. Para mais informações ver: Tasas de cambio | elTOQUE. Disponível em: <https://eltoque.com/tasas-de-cambio-de-moneda-en-cuba-hoy>. Acessada em 7 de outubro de 2023.

TASA REPRESENTATIVA DEL MERCADO INFORMAL DE DIVISAS EN CUBA		
1 EUR 	255.00 CUP	1.16 MLC
1 USD 	250.00 CUP	1.14 MLC
1 MLC  <small>USD en saldo de cuenta bancaria</small>	220.00 CUP	-
1 CUP  <small>efectivo</small>	1.02 CUP <small>transferencia</small>	-

ESTABLECIDA: 10/2/2023 7:00 AM CUBA VIGENTE: 10/2/2023

@eltoquecom eltoque.com

Figura 7: Taxa de câmbio no mercado paralelo e informal de divisas, referente ao dia 2 de outubro de 2023, segundo *El toque*. Disponível em: <https://eltoque.com/tasas-de-cambio-de-moneda-en-cuba-hoy#informal-historico>. Acessado em 2 de outubro de 2023.

Dessa maneira, o peso cubano em efetivo passou a ser também vendido, por meio de transferência bancária, nos grupos de *Telegram* e ruas do país, junto a outras divisas, tal como representado na figura 3. Embora o código penal cubano preveja a privação de liberdade entre dois e cinco anos àqueles flagrados vendendo divisas no mercado informal³⁵⁸, isso não impediu a generalização dessa prática no mercado e circulação monetária do país.

Ao mesmo tempo que a quantidade de MIPYMES em Cuba está aumentando, a regulamentação do trabalho dos *cuentalpropistas*, que vinha avançando no sentido da formalização do trabalho não estatal desde 2011, vem sofrendo invertidas legais pelo menos desde 2017, com a impossibilidade de diversas profissões se regulamentarem, enquanto profissões livres e autônomas. Alguns setores têm questionado tais invertidas e denunciando a forma autoritária com que o Estado trata do assunto, principalmente arquitetos, jornalistas e artistas, conforme abordamos no capítulo 3, mas não só: com eles há também aqueles que sofrem e denunciam o problema da criminalização de vendedores ambulantes, de pequenos serviços na esfera da circulação e de outras formas que não passam diretamente pelo controle do Estado. Ressentimento, humilhação e raiva são sentimentos presentes nas falas das pessoas que compõem uma castrada “camada média” cubana, jovem, pluralizada, fragmentada e empobrecida, que se sente em risco e não vislumbra perspectivas de se reproduzir diante das

³⁵⁸ Sobre o assunto ver: Sanciones a la venta ilegal de divisas en el Código Penal de Cuba (directoriocubano.info). Disponível em: <https://www.directoriocubano.info/panorama/sanciones-a-la-venta-ilegal-de-divisas-en-el-codigo-penal-de-cuba/>. Acessado em 2 de outubro de 2023.

repressões e controle impostos pelo Estado cubano.

A noção de “camada média” que estamos considerando não está relacionada aos termos das classes sociais no sentido marxista tradicional. Antes, procuramos nos aproximar da noção criticamente elaborada por Scholz (2008), principalmente em texto “O ser-se supérfluo e a angústia da classe média”. Essa aproximação caminha no sentido de reconhecer que o movimento da contradição em processo capitalista produz historicamente a negação das classes em termos de trabalhadores e burguesia, tanto nos países capitalistas, quanto na economia centralizada pelo Estado, como é o caso do socialismo cubano. Nesse aspecto, as camadas médias não são definidas em termos de renda ou forma positiva de identidade social, mas por processos contraditórios de individualização e concorrência, que caracterizam a reprodução social sob a forma crítica da mercadoria e do dinheiro. Tal constituição social negativa é permeada de ideologia e fetichismo pequeno burguês, próprios à uma sociedade de pequenos proprietários, mesmo composta em maior parte por detentores somente de sua força de trabalho.

Nesse âmbito, o Estado aparece simbolicamente no imaginário psicossocial muitas vezes como arcaico e feudal, constituído por uma classe que se põe acima do restante da população, já que as empresas estatais cubanas são geridas pelos militares e altos dirigentes do PCC (Partido Comunista de Cuba). Essas prematuras camadas médias estão constantemente sob o risco de despromoção social, que em Cuba pode significar, em linhas gerais: não conseguir abrir ou legalizar um negócio próprio; ver seu negócio fechado pelo Estado; ter de trabalhar em empresa ou serviço público ganhando salário baixo ou mínimo, como única forma de renda; ter de trabalhar em serviços e no mercado paralelo enquanto trabalhador ilegal; suprimir ainda mais suas possibilidades de consumo; ver as remessas de divisas de familiares e amigos serem inviabilizadas como capital e consumo, sendo captadas pelo Estado; ser multado; ser preso; ter de emigrar do país. Além disso, o problema da escassez de alimentos assola aparentemente a todas as pessoas com quem nos relacionamos no trabalho de campo, em alguns casos como clara sensação de fome, em outros como flagrante restrição alimentar.

Em 2019 escutei de um jovem médico cubano que “a classe média cubana, médicos, professores, gente estudada que é a espinha dorsal desse sistema, não aguenta mais”. Nesse momento ninguém tinha a dimensão real dos desdobramentos da crise em Cuba e do capitalismo mundial. O alto nível de formação e qualificação acadêmica e profissional oferecidos pelo sistema público de ensino cubano há muito não produz mais encantamento – entre muitos jovens estudantes e também entre já formados – diante da crise do trabalho, que

em Cuba não aparece como desemprego estrutural, mas enquanto baixos salários pagos pelo Estado. Muitos anos antes da *uberização* aparecer como “socio-lógica”³⁵⁹ da crise do trabalho nas chamadas democracias capitalistas, em que uma infinidade de profissionais desempregados passou à condição de motoristas precarizados, em Cuba já era comum encontrar uma pessoa formada em medicina trabalhando como taxista ou uma engenheira formada trabalhando como atendente no quiosque da praia. O processo de modernização de Cuba ocorrido com a revolução de 1959 se concentrou sobretudo na construção de uma estrutura de formação de trabalhadores complexos, a qual, como todos os fatores críticos de uma sociedade posta pela valorização do valor, se desdobrou historicamente como crise de superprodução.

O aprofundamento da desigualdade econômica entre os cubanos é o ponto nevrálgico que sempre surge nas discussões estatais acerca da regulamentação do *cuentapropismo* e mais recentemente em relação às MIPYMES, aparecendo como justificativa para o Estado cobrar altos impostos, proibir o acúmulo de mais de um negócio por pessoa etc. (*Ibid*, p 103). Ademais, uma parcela da população cubana parece estar ascendendo a essa suposta “camada média”, na medida em que possui família no exterior, detém empreendimento ou pequeno negócio, bens de consumo eletrônicos, acesso a viagens internacionais etc.

O trabalho *cuentapropista* e a liberação das MIPYMES acabam por favorecer aqueles que já gozam de melhores situações econômicas no país, sobretudo pelas famílias que, desde a década de 1990, recebem dinheiro de parentes no exterior ou ainda que podem utilizar mecanismos financeiros externos, como cartões de crédito. Outro ponto apontado como problemático no trabalho e setor privado em expansão, é que o *cuentapropista* pode ser tanto o dono quanto os funcionários do empreendimento, assim como o público-alvo pode ser tanto turistas quanto cubanos, sendo que a legislação que regulamenta o trabalho no setor é a mesma para ambos os casos. Além disso, o *cuentapropismo* aparece como trabalho predominantemente masculino, uma vez que muitas mulheres permanecem empregadas em setores que abarcam trabalhos complexos, como técnicas e profissionais altamente qualificadas, submetidas, entretanto, aos baixos salários do setor estatal, o que torna as formas da dissociação de gêneros ainda mais recrudescidas e particulares ao contexto cubano (*Ibid.*).

³⁵⁹ Expressão utilizada pela professora dra. Amélia Luisa Damiani no seminário “A teoria das catástrofes e a Produção do Espaço” (realizado no Departamento de Geografia da FFLCH em 2018) para referir-se à *uberização* enquanto “socio-lógica” da produção do espaço.

4.10 - Crise de superprodução e exportação de trabalhadores complexos

Interferência XIX

Ontem seu Ramon me mostrou fotos de sua juventude e me contou sobre sua história. Nasceu em uma finca, perto de Havana. Estudou medicina, se especializou em cirurgia, fez missão dentro do país, em Holguín por 2 anos, além de Etiópia e Iêmen. Seu Ramon tem 80 anos e continua trabalhando como médico cirurgião em um hospital em Havana. Segundo ele, ainda não está aposentado porque, além da aposentadoria ser muito baixa, não há médicos para substituí-lo: atualmente há só ele e mais duas médicas no hospital, uma dermatologista e uma anestesista que vem apresentando problemas psiquiátricos, mas continua trabalhando porque não há mais médicos para substituí-los. Devido à falta de insumos – inclusive sedativos – estão realizando apenas cirurgias simples no hospital. Muitos médicos formados na sua área, que permanecem no país e que possuem família no exterior, deixaram de trabalhar por conta dos baixos salários, péssimas condições de trabalho e falta generalizada de insumos nos hospitais. Ele disse que não pensa em sair do país, nem pra visitar seus filhos no exterior, pois isso seria uma dor de cabeça, já que seu passaporte, como de todos os médicos cubanos, é regulado.

Anotações de campo, julho de 2023.

Interferência XX

Para minha grata surpresa, Soraia, a senhora que está nos hospedando em Santiago de Cuba, fala português e ficou muito feliz quando soube que eu era brasileira. Ela trabalhou 3 anos no programa mais médicos em Fortaleza, disse que morava na praia de Iracema. Entre muitas conversas deliciosas que tivemos, ela me contou que o governo federal brasileiro pagava 10 mil reais pelo seu trabalho, sendo que ela ficava com pouco menos de 3 mil, o resto ficava para o governo cubano. Por sorte, a secretaria de saúde do estado do Ceará lhe pagava mais 3 mil reais, somando assim a quantia de quase 6 mil reais, o que lhe permitia viver confortavelmente e ainda enviar dinheiro a seus familiares em Cuba. Atualmente Soraia

trabalha como médica plantonista de um hogar materno³⁶⁰ em Santiago de Cuba. Disse que tem muita saudade do Brasil, e que voltaria com certeza ao país se abrisse um novo programa para médicos cubanos, mas ela acredita que isso não vai mais acontecer, mesmo com a volta de Lula à presidência.

Anotações de campo, janeiro de 2023.

Segundo Oliva (2015, p. 32), em 2008 mais de 30.000 médicos cubanos ofereciam serviços em 70 países do mundo. Em 2006, o dinheiro obtido com a exportação de serviços médicos chegou a 28% do total de exportações da ilha, superando os ingressos advindos do turismo e da exportação de níquel. De 1961 a 2014, Cuba enviou 113.585 profissionais de saúde a 103 países, além de promover bolsas de estudos na área a estudantes estrangeiros (Ibid.).

Oliva explica que o investimento interno cubano na área da saúde se intensificou já na década de 1960, por conta do déficit de profissionais que a acentuada imigração e “fuga de cérebros” dos primeiros anos da Revolução provocou. De acordo com o autor, entre 1959 e 1962, mais da metade dos médicos residentes em Cuba se foi do país, ficando apenas cerca de 3 mil profissionais em Cuba (OLIVA, 2015, p. 32). Nas duas décadas que se seguiram, foram realizados massivos investimentos em formação universitária, de tal modo que, na década de 1980, a quantidade de médicos formados superava a requerida pelo sistema de saúde do país. Oliva qualifica esse feito como “boom” médico, e de profissionais da saúde, que continuaram sendo formados pelas universidades cubanas, mesmo após atingir a cifra de 90 mil médicos na Ilha em 2016, estabelecendo o país em primeiro lugar no mundo em relação ao número de médicos a cada 1 mil habitantes³⁶¹. Para o autor, isso representa um “capital humano” que o país aplica em benefício próprio e em benefício de países aliados.

Os acordos com a Venezuela na primeira década do século XXI – tanto o Convenio Integral de Cooperação quanto a ALBA – foram fundamentais, segundo Oliva, na geração de respaldo financeiro que permitiu a expansão da “diplomacia médica” cubana (Ibid). Embora Cuba mantenha a política de exportação de serviços médicos nos últimos anos, sobretudo em

³⁶⁰ Hogar materno são casas de acompanhamento de mulheres que apresentam gravidez ou situação social de risco. Existem em praticamente todos os municípios do país.

³⁶¹ Segundo dados do anuário estatístico de Cuba de 2020, produzidos pela ONEI, em 2016 o sistema de saúde cubano contabilizou mais de 90 mil médicos e, em 2020, mais de 103 mil (Anuário Estatístico, ONEI, 2021, p. 379). Isso significa que em 2020, havia 1 médico para cada 108 habitantes em Cuba, cerca de 9 médicos a cada 1 mil habitantes, estatística que coloca o país como primeiro colocado mundial em relação à quantidade de médicos por habitante desde 2018, segundo dados do Banco Mundial compilados por “Our World in Data”, disponível em: <https://ourworldindata.org/grapher/physicians-per-1000-people>. Acessado em 18 de agosto de 2023.

relação à Venezuela, a participação de tais serviços vem perdendo importância no montante das exportações do país, frente a mecanismos financeiros de captação de divisas pelo Estado, como, por exemplo, a exportação de serviços de telecomunicações (recargas de celulares) e intermediação, através das contas e lojas em MLC, de remessas vindas de cubanos que vivem no estrangeiro. Internamente, a escassez de insumos e a evasão de médicos dos hospitais e policlínicos nos últimos cinco anos, principalmente devido aos baixos salários, apontam para os aspectos contraditórios da crise enquanto superprodução e escassez de trabalhadores complexos em Cuba. Escassez que, nesse caso, está relacionada não à falta de médicos, mas à falta de capacidade aquisitiva e produtiva (valor) que remunere esses profissionais, mantendo-os mobilizados para o trabalho.

4.11 – Os aspectos catastróficos da reprodução social cubana, ou, a catástrofe como forma de reprodução social

Interferência XXI

Ontem Vitor tomou um carro para Havana as 21 horas para embarcar na lancha artesanalmente construída rumo aos Estados Unidos. Vai sair na semana da lua cheia, parece, uma lancha com doze pessoas, catorze homens e duas mulheres. Vitor passou o dia em casa, fazendo trabalhos domésticos de última hora, como construir uma porta de telha de Eternit para substituir a de madeirite que havia antes, na tentativa de tornar a casa um pouco mais segura sem a sua presença. Além disso, foi trocar a lâmpada de fora da casa por uma mais econômica de modo que pudesse permanecer acesa por mais tempo. Ainda fritou peixe numa fogueira improvisada no terreno da casa e jantamos todos juntos. Esteve com a família todo o tempo, parecia feliz, embora ansioso. Brincou de falar português e nos pediu, a Alícia e a mim, que ficássemos mais um dia na casa, fazendo companhia a sua esposa e filhos. Comeu, se banhou, pegou seu chapéu estilo sombreiro e um saco branco de treliça desses de semente, no caso, de arroz vietnamita... no momento, não contou nada a sua mãe que tinha planos de ir para os Estados Unidos, disse apenas que ia tomar rum com os amigos em Contramaestre... saiu caminhando por sua pequena parcela de terra contígua a casa, de terra arada, mas sem plantio, em direção ao muro do cemitério onde mantém uma cadeira posta para atravessá-lo e chegar mais facilmente na rodovia. Subiu na cadeira e pulou o muro do

cemitério no escuro, somente sob a parca luminosidade da lua crescente. Alícia, e eu estávamos fora da casa e acompanhamos essa triste cena até que Vitor desaparecesse no escuro do cemitério. Alícia me contou que dentro do saco branco de arroz que Vitor levava nas costas tinha um casaco e mais uma muda de roupa e – como único suposto equipamento de segurança dessa perigosa empreitada – a câmara de pneu do trator da família, que ficou parado e desfalcado na frente do terreno da casa. Saiu quase sem dinheiro e sem saber uma palavra em inglês... a única coisa que consegui lhe falar poucas horas antes de partir, enquanto fritava os peixes para nossa janta, foi perguntar-lhe se estava certo dessa decisão, que ainda estava em tempo de desistir, e que tudo bem, isso não seria visto como perda ou fracasso por sua família, porque pelo menos ele não colocaria a própria vida em risco. Mas Vitor me respondeu que a decisão já estava tomada e que em Cuba a vida dele seria isso que eu vi, e daí pra pior. Avaliei rapidamente sua vida material pelo pouco que estive ali e cheguei à conclusão de que o que estava deixando para trás não era pouco: Uma casa simples, mas própria, com uma pequena parcela de terra para plantar, uma família, uma esposa dentista que ainda estava em licença maternidade e dois filhos. Aqui não tem água encanada e Vitor trabalhando como artesão tampouco tem renda fixa, mas tem mais coisas do que muita gente que eu conheço, no Brasil e em Cuba. Apesar disso, avaliei também que sonhos e ilusões não entram nesse cálculo materialista... sua realidade lhe parecia pouca, miserável (em suas próprias palavras), e sem esperança. Saiu e deixou a família do jeito que estava, quase sem dinheiro, sem arroz, sem feijão, com pouco açúcar e óleo e poucas carnes no congelador – somadas deviam dar entorno de um quilo – que Alícia e eu compramos dias atrás.

Anotações de campo, janeiro de 2023.

Segundo Gott (2006, p. 390), o primeiro êxodo em massa de cubanos ocorreu em 1959, no início da Revolução, em 1959, quando 75 mil pessoas, entre partidários do governo Batista e a elite política, deixaram o país. Nos anos seguintes, a emigração massiva continuou. Entre 1960 e 1962 saíram cerca de 190 mil pessoas, entre profissionais liberais e técnicos de diferentes áreas (ibid.). De acordo com o autor, muitas famílias abastadas de Cuba, embora tivessem apoiado a Revolução durante a guerrilha, não aceitaram sua guinada socialista no ano de 1962. O autor aponta também que cerca de 14 mil crianças cubanas foram enviadas à Flórida sozinhas, entre 1961 e 1962, “numa ponte aérea que ficou conhecida como ‘Operación Pedro Pan’”, coordenada pela igreja católica, com apoio do governo dos Estados Unidos (ibid. p. 242). O medo da “doutrinação comunista” e o envio de crianças a campos de trabalho forçado na União

Soviética apareceram como justificativa para a emigração infantil, disseminada entre os pais e a instituição religiosa (ibid.).

Com a crise dos mísseis em outubro de 1962, os voos entre Cuba e os Estados Unidos foram totalmente suprimidos e a emigração para esse país caiu bruscamente, uma vez que só poderia ocorrer via embarcações ilegais e perigosas, fato que não impediu um número considerável, mas desconhecido, de pessoas de se lançarem ao mar (ibid.). Em setembro de 1965, Fidel Castro anunciou que a partir de outubro daquele ano, o porto de Camarioca, a oeste de Varadero, ficaria aberto “para as embarcações dos exilados cubanos que quisessem ir buscar a seus parentes” (ibid. p. 243). Após pouco mais de um mês e incontáveis naufrágios e mortes, cerca de 5 mil cubanos partiram do porto de Camarioca e desembarcaram na Flórida (Ibid. p. 244). Em dezembro desse ano iniciou os chamados “voos da liberdade”, baseado em um acordo entre Castro e o então presidente dos Estados Unidos Lyndon Johnson, que estabelecia dois voos diários, cinco dias por semana, do aeroporto de Varadero à Miami. Tais voos ocorreram até abril de 1973, sendo essa rota interrompida pelo presidente Nixon (OLIVA, 2015, p.75). Durante esses quase oito anos, pouco mais de 260 mil cubanos emigraram para os Estados Unidos por essa via (Ibid.).

O êxodo de Camarioca ratificou uma forma de controle dos termos da emigração em Cuba, que perdurou até o Período Especial: os exilados perderiam suas casas, propriedades e pertences, inclusive roupas e objetos pessoais, sendo expropriados e confiscados pelo Estado³⁶². Ademais, aqueles que tivessem passaporte e manifestassem formalmente o desejo de migrar, a partir de janeiro de 1966, seriam despedidos dos postos de trabalho que ocupavam e teriam de trabalhar no campo, seja na safra de açúcar ou em outros trabalhos agrícolas, enquanto estivesse tramitando legalmente a saída do indivíduo do país, que poderia durar de um a três anos (MADERO, 2022, p. 413). Segundo Madero, as granjas e locais que recebiam os aspirantes a emigrantes eram chamados de “*campamentos para apátridas*”, no qual os homens enviados a tais locais foram popularmente apelidados de “Los Johnson” (em referência ao presidente dos Estados Unidos) e as mulheres receberam a alcunha de “Jacquelines” (em referência a

³⁶² Sobre a expropriação dos emigrantes, Madero escreve: “*La Ley N. 989 del 5 de diciembre de 1961 autorizaba al Estado cubano para que confiscara, además de las casas, todos los bienes de las personas que se marchaban del país. Así lo justificaba una publicación de los CDR en 1964: Ante la agresión económica del imperialismo norteamericano y el cese de las exportaciones a Cuba por parte del Gobierno de los Estados Unidos, comienzan a escasear determinados artículos que los que abandonaban el país vendían. Creando una especulación en detrimento de la economía popular, pues los que los adquirían los revendían a precios elevadísimos. Los que se iban perdían prácticamente todos los derechos y eran sometidos a extremo control. Sus nombres pasaban a engrosar una gran lista negra. Sobre ellos caía todo el peso del Estado revolucionario. No podían regalar, traspasar a familiares, ni vender ninguna de sus propiedades o pertenencias*” (2022, p. 419).

Jacqueline Kennedy) (ibid.).

Por outro lado, a emigração de cubanos aos Estados Unidos foi impulsionada pela Lei de Ajuste Cubano³⁶³, aprovada em 3 de outubro de 1966 pelo presidente Johnson. Neste momento, a lei “concedia residência automática a todos os cubanos sem documentos que desembarcassem em solo norte-americano” (GOTT, 2006, p. 244).

A segunda onda migratória começou em abril de 1980, após um acidente ocorrido na embaixada do Peru em Havana: um micro-ônibus com 12 pessoas a bordo invadiu o terreno da embaixada em busca de asilo político. Durante a invasão, um guarda cubano que atuava na segurança da embaixada morreu. O embaixador do Peru se negou a entregar os solicitantes de asilo, como era seu direito, então o governo cubano retirou a segurança nacional da embaixada. Sem vigilância, as pessoas passaram a se concentrar no edifício e terreno de propriedade da embaixada. Em poucos dias, cerca de 10 mil cubanos encontravam-se nas dependências da embaixada solicitando refúgio e asilo (GOTT, 2006, p. 300). O governo organizou, junto a centros de trabalhos e organizações estudantis, marchas e manifestações de rechaço aos solicitantes de asilo situados na embaixada do Peru (Ibid.). Com intuito de enfrentar a crise que apareceu com a invasão da embaixada peruana, o governo cubano autorizou, tal qual transcorrido no porto de Camarioca em 1965, a saída do país de todos aqueles que assim o desejassem, dessa vez através do porto de Mariel. Assim, entre abril e outubro de 1980, cerca de 125 mil cubanos saíram de Mariel em direção aos Estados Unidos (OLIVA, 2015, p. 75). Sobre as manifestações de rechaço e repúdio incitadas por Fidel Castro e pelo governo cubano em relação aos aspirantes a emigração, Madero escreve:

Los actos de odio o “de repudio” van a ser considerados aquí dentro de un marco más general de violencia colectiva, organizada y consentida por el Estado cubano, para garantizar su hegemonía y manejar la crisis generada por el éxodo del Mariel. Se trata (...) de un tipo específico de violencia política que se diferencia de la empleada por otras dictaduras latinoamericanas. Si bien es cierto que en Cuba no hubo desapariciones masivas y asesinatos, como en otros países de la región, no debe subestimarse el impacto que ha tenido en los miles de personas que han sido sometidas a este tipo de violencia, desde el éxodo del Mariel hasta la actualidad. Muchas de las víctimas o testigos de esos ataques los definen como prácticas de horror y barbarie.

³⁶³ Sobre a Lei de Ajuste Cubano, ver páginas 221, 222.

[...]

Los actos de repudio que se organizaron en 1980 forman parte de un proceso histórico de producción de enemigos políticos. Se articularon sobre la base de una retórica nacionalista que conjugó nociones biopolíticas y discursos de animalidad, que deshumanizaba, representaba como especies peligrosas a los miles de personas que querían abandonar el país. En ese momento la homofobia volvió. (MADERO, 2022, p. 433-434)

Madero chama atenção para a violência direcionada àqueles que queriam deixar o país, associada ao processo histórico de produção de inimigos políticos internos, pela Revolução. Nesse sentido, o autor relaciona a retórica nacionalista aos discursos de desumanização e à homofobia estatal como forma de garantir a hegemonia do Estado diante da crise que atingia o país. Já Lefebvre (2009, p. 143) aponta que as contradições tanto do capitalismo como do modo de produção estatista, “convergem para a crise”, que vai além do aspecto econômico. A emigração em massa de uma camada da população é uma forma de manifestação da crise de reprodução social cubana, sob o imperativo do trabalho extensivo e compulsório, que já demonstrava sua obsolescência histórica enquanto produção de valor, no princípio da década de 1980. Uma vez estabelecido o sistema de trabalho forçado, enquanto obrigatoriedade de trabalho voluntario e critério para aquisição e ascensão social no socialismo cubano, a dinâmica histórica das relações de dissociação valor como contradição em processo conduziu à criação de novos “outros”, culpabilizados pela crise e estagnação econômica. Nesse caso, os novos “outros”, não eram tão “novos” assim, sendo que a aspiração à emigração já era condenada em Cuba desde a década de 1960. Contudo, para Oliva (2015, p. 75), o êxodo de Mariel marca a passagem do predomínio das motivações políticas, que levaram à saída de milhares de cubanos do país, para as motivações econômicas – às vezes ideologicamente disfarçadas –, que passam a prevalecer na década de 1980 em diante. Com essa elaboração, Oliva nos abre um caminho para refletir sobre a transformação dos sentidos da crise em Cuba.

A Teoria das Catástrofes anunciada por Lefebvre (2009), fundamentado no teorema criado pelo matemático Rene Thom, por sua vez, nos oferece a possibilidade de pensar a mudança, a transformação da forma de reprodução social cubana a partir de suas crises e rupturas. Nesse sentido, podemos pensar como as formas de reprodução social e sobrevivência em Cuba vão sendo “superadas” negativamente por formas mais complexas, que envolvem o capital em sua forma financeira e fictícia, sobrepondo o trabalho, como momento necessário no acesso ao dinheiro e à reprodução social mediada por mercadorias. Ao mesmo tempo, a

orientação e o desvio dessa teoria nos permitem inferir sobre as formas de crise e degeneração do Estado socialista cubano ao longo das três últimas décadas, principalmente na manutenção de serviços gratuitos e preços subsidiados necessários à reprodução social cubana supostamente fora da mediação direta das categorias do capital.

No final da década de 1970, Gott (2006, 298-299) aponta para uma série de negociações que ocorreram entre o serviço secreto de inteligência cubano, liderado por Fidel Castro, com um destacado banqueiro de Miami, Bernardo Benes, aliado ao governo Carter. No bojo dessas negociações, que envolviam a liberação de prisioneiros políticos em Cuba, o governo revolucionário passou a permitir a visita de cubano-americanos à parentes na ilha. Em 1979, segundo Gott (2006, p. 299), 10 mil cubanos residentes nos Estados Unidos puderam viajar pela primeira vez à Cuba desde o princípio da Revolução, em cerca de seis voos diários que se estabeleceram nesse ano.

Com a nova abertura de voos dos Estados Unidos à Cuba, e com o objetivo de atender uma camada pequena de diplomáticos internacionais que viviam no país, o governo abriu suas primeiras lojas com vendas em dólares, em 1979, no aeroporto de Havana. Conforme aponta Gott, nessas lojas os “exilados em visita” podiam comprar presentes a suas famílias, uma vez que não eram permitidos transporte de pacotes, sendo a bagagem restrita, por conta do risco de bomba e atentado nos aviões (2006, p. 299). Entre 1979 e o final de 1980 “Cuba recebeu mais de 100 milhões de dólares de visitantes (...) e se beneficiaria imensamente das remessas ao longo das décadas seguintes.” (GOTT, 2006, p. 299). Segundo Valenti (2022, p. 41), essa forma de comércio seguiu funcionando durante toda década de 1980, e “apenas turistas podiam frequentar estas lojas, sob pena de detenção aos cubanos que tentassem ter acesso a elas, uma vez que estavam impossibilitados de portar divisas estrangeiras”.

Se, por um lado, a migração massiva de Mariel em 1980 se constituía como expressão da crise social cubana, por outro, o governo revolucionário já estava criando mecanismos institucionais e sociais que permitissem a captação estatal de dólares provindos dos exilados. O êxodo de Mariel se diferenciava da onda migratória anterior, principalmente em dois aspectos: em relação aos ganhos reduzidos provindos das expropriações dos migrantes, uma vez que boa parte dos exilados que partiram pelo porto de Mariel ocupavam “prisões, centros de detenção e hospitais psiquiátricos” (GOTT, 2006, p. 299); a abertura e desenvolvimento de canais para envio de remessas aos que ficaram.

Assim como Lefebvre (2009), poderíamos nos perguntar: de qual crise social cubana estamos falando? Entre o final da década de 1970 e começo de 1980, a economia cubana ainda

estava vinculada ao bloco soviético e gozava de certa vantagem nos termos da troca de mercadorias e subsídios financeiros. Podemos apontar, como já anunciamos anteriormente, a crise de valorização, como impossibilidade de exploração abstrata e rentável da força de trabalho, de modo a reproduzir a sociedade, segundo seus próprios termos. Mas a crise atinge outros níveis e dimensões que compõem a reprodução social. Nesse sentido, Lefebvre elabora a noção de estado crítico, para além de um instante, de um momento transitório, um estado que se “normaliza”, “distinguindo-se pouco da não-crise” (2009, p. 138). No modo de produção estatista, que caracterizaria o sistema cubano, o autor afirma que o estado crítico “não provém nem do econômico tomado à parte, nem do político isolado a título de instância”, seu ponto de partida seria social, isto é, as relações que sustentam e reproduzem as condições de vida da sociedade civil. Assim, o estado crítico “iria do econômico ao político”, sendo sua origem e efeitos sentidos sobretudo na família, na escola, nas “relações entre as pessoas”, nos “valores”, “normas” e “ideologias” (ibid. p. 145). Segundo Lefebvre:

O estado crítico tem sua origem e, sobretudo, seus efeitos não nas organizações ou instituições, mas nas relações que sustentam essas instituições: a família, a escola, as relações entre as pessoas, os “valores”, as “normas”, as “ideologias”. Esmagada, encurralada entre o político e o econômico, essa vasta região sofre de um mal crônico. Nos USA e nos países ditos capitalistas, o econômico tende a dissolver as relações sociais outras que as relações de produção, redirecionadas, reproduzidas como tais pela ação do Estado. Na URSS, e nos países ditos socialistas, é ao contrário o político, fetichizado, levado ao absoluto por uma estratégia global, que ataca o social e que esmaga as relações sociais outras que as relações de produção, também reproduzidas (2009, p. 145).

Lefebvre afirma, dessa maneira, que nos países socialistas a dimensão política predomina de forma fetichista sobre outras relações, pressionando e atacando as relações sociais para além das relações de produção. Para o autor, no modo de produção estatista, a crise é utilizada politicamente “para ocultar o estado crítico”, isto é, se ressalta ideologicamente um aspecto pontual da crise com intuito de esconder a permanência do “estado crítico” que caracteriza o cotidiano nesses países (ibid. p. 146).

Em 1993, em plena crise identificada como Período Especial em Cuba, decorrente do colapso da URSS e do socialismo real nos países europeus, a estratégia da captação estatal de

divisas por meio de lojas com vendas em dólares se generalizou, e o serviço passou, pela primeira vez, a ser brindado também a cubanos, uma vez que o porte e as negociações internas em dólares foram descriminalizados. Segundo Valenti (2022, p. 42), em agosto de 1993 o governo cubano criou “as chamadas *Tiendas Recaudadoras de Divisas* (TRD), que seriam mecanismos de acumulação de divisas mediante pagamento exclusivo em dólar pela população cubana”. A autora pontua que essas lojas são pertencentes ao Sistema Empresarial das Forças Armadas Revolucionárias – FAR, conforme abordamos anteriormente, sendo que os preços nelas praticados “eram 240% superiores às das lojas comuns”, o que caracterizava uma política econômica distributivista, uma vez que as divisas arrecadadas eram reinvestidas em áreas sociais (ibid.).

Com a eliminação da proibição da posse de dólares pelos cubanos se potenciou os mecanismos institucionais de captação de divisas não só pelas lojas TRD, como também por meio dos envios de remessas desde o exterior, com a estabelecimento de um cambio fixo de 25 pesos por dólar. Segundo Oliva, tais medidas de liberação possibilitaram um boom de envios de remessas, que passaram a ser processadas pelos bancos cubanos, mas também por outras formas clandestinas de operações, mediante ao pagamento de altas comissões (2015, p. 39). De acordo com dados trazidos pelo autor, na primeira década do século XXI, mais de 1,3 milhões de cubanos encontravam-se radicados nos Estados Unidos. Oliva calcula que a cifra total de emigrantes se aproxima de dois milhões de cubanos, sendo que “80% de los emigrados radica en Estados Unidos, un 8% en España y resto en otros países” (ibid.). Sobre o envio de dinheiro proveniente de cubanos emigrados, Oliva afirma:

Las remesas que envían estos cubanos a sus familiares en la isla constituyen una de las fuentes de más peso en el vital ingreso de divisas. En el año 2005 el 81% de los envíos procedía de Estados Unidos y el 53% en el 2009. En iguales fechas los radicados en España enviaron el 12% y el 23% de remesas respectivamente. La cantidad promedio recibida en cada envío fue de unos \$150 con una frecuencia de 6 u 8 veces por año. Las remesas enviadas de estos emigrados oscilaron al redor de los \$ 900.000.000 anuales en 2009 y años anteriores. La cantidad puntual no se conoce pues no todos los envios siguen la via oficial registrada estadisticamente (OLIVA, 2015, p. 39-40).

Oliva descreve, dessa maneira, a importância que o envio de dinheiro desde o estrangeiro assume na estrutura da economia cubana após o colapso da União Soviética.

Ainda na década de 1990, mais especificamente em agosto de 1994, ocorreu a terceira grande onda migratória de cubanos, conhecida popularmente como *crise dos balseros*. O número de balsas e embarcações improvisadas que saíam de Cuba em direção aos Estados Unidos vinha aumentando progressivamente desde 1990, por conta da crise econômica que assolava o país: “467 em 1990; 2.203 em 1991, 2.548 em 1992; e 3.656 em 1993” (GOTT, 2006, p. 335). Em 5 de agosto de 1994, após uma tragédia marcada pela colisão entre um barco sequestrado e um rebocador da polícia cubana que tentava enquadrá-lo, “uma multidão enfurecida de várias centenas de pessoas se juntou no Malecón, o esplêndido e decadente bulevar ao longo da praia” (Ibid.). Fidel e as autoridades convocaram rapidamente uma contramanifestação com milhares de pessoas, e ele mesmo caminhou pela multidão concentrada no Malecón, em encontro com os contestatários. Esse evento, chamado popularmente de Maleconazo, foi o maior protesto ocorrido em Cuba desde a Revolução, antes de 11 de julho de 2021. Após os protestos, o governo cubano anunciou que as autoridades não iriam mais intervir nas tentativas de saídas clandestinas, sendo permitida a partida de todos que desejassem (OLIVA, 2015, p. 75). Não se sabe ao certo quantas pessoas apelaram a essa perigosa via, mas estima-se que centenas de pessoas morreram durante a crise dos balseros (ibid.). Cerca de 35 mil pessoas conseguiram atravessar com êxito e estabelecer-se nos Estados Unidos, mesmo com a suspensão, decretada pelo governo de Clinton, do direito automático de asilo aos cubanos vigente até então, segundo a Lei de Ajuste Cubano (GOTT, 2006, p. 336).

O governo de Clinton recrudescer o bloqueio após o ocorrido, limitando o envio de dólares ao país por vias legais, que estava estimado em 500 milhões de dólares ao ano, de acordo com fluxos dos anos anteriores (ibid. p. 337). Além disso, anunciou “o fim das permissões de viagens concedidas a membros da família e a pesquisadores acadêmicos” cubanos e o aditamento da política dos “pés secos, pés molhados” (Ibid.). Em contrapartida, para pôr fim à crise foi assinado um acordo, negociado pelo chanceler cubano Ricardo Alarcón, que estabelecia a concessão de 20 mil vistos por ano a cubanos que quisessem migrar, em troca do retorno da fiscalização à migração ilegal, por parte do governo de Cuba (ibid. p. 336). O acordo não chegou a ser cumprido e, em 1998, já havia 541 mil cubanos inscritos no programa de emigração, esperando pelo visto (OLIVA, 2015, p. 76). Além dos Estados Unidos, a Espanha aparece como segundo país mais procurado como destino dos emigrantes cubanos (ibid.).

Durante o governo de Barack Obama, embora a emigração de cubanos para os Estados Unidos tenha se intensificado, com a aproximação entre os dois países, o presidente estadunidense, antes de deixar o poder, decretou o fim da política dos “pés secos, pés

molhados”. Nesse sentido, a Lei de Ajuste Cubano continua em vigor, mas esse complemento, aprovado por Clinton em 1995, foi encerrado em 2017. O governo cubano e analistas internacionais acusavam a medida aprovada por Clinton de incentivar a migração ilegal de cubanos. De 1995 a 2017, os veículos de imprensa e ONGS internacionais calculam que cerca de 650 mil cubanos emigraram para os Estados Unidos³⁶⁴. Em 2015, 43.159 cubanos chegaram ao país, entorno de 78% a mais do que em 2014. Em 2016 esse número se elevou para cerca de 63 mil³⁶⁵.

No entanto, com a entrada de Trump na presidência dos Estados Unidos em 2017, uma série de medidas provocaram um retrocesso nos acordos bilaterais ensejados por Obama, inclusive em relação à questão migratória. Tais medidas implicaram sobretudo na redução dos voos entre países, lentidão e redução do processamento de vistos, além da restrição de remessas à familiares cubanos em mil dólares trimestrais. De acordo com *U.S. Department of Homeland Security*, mesmo com as restrições postas pelo governo Trump, o número de emigrantes cubanos permaneceu alto, com brusca queda apenas em 2019: em 2017 chegaram aos Estados Unidos 64.749 cubanos; em 2018, 75.159; e em 2019, o número de cubanos que ingressaram no país caiu para 39.580³⁶⁶.

Durante a pandemia de COVID 19, a emigração de cubanos continuou por vias ilegais e perigosas, por mar e terra. Após os protestos de 11 de julho de 2021, o governo cubano iniciou um processo de negociações com o governo da Nicarágua, que envolvia ajuda humanitária e acordos comerciais e migratórios. Em novembro de 2021, parte desses acordos foi efetivado com a liberação de vistos e suspensão da exigência de permissão de entrada de cubanos na Nicarágua³⁶⁷. Depois disso, diante da crise econômica agravada com a pandemia e a drástica diminuição do turismo, além do aumento da repressão e perseguições políticas, a emigração para os Estados Unidos, sobretudo por rotas arriscadas, atingiu cifras estrondosas, estabelecendo a catástrofe como forma de reprodução social em Cuba.

³⁶⁴ Informações disponíveis em: Cifras y datos de la migración cubana en Estados Unidos y el mundo (cnn.com). Disponível em: <https://cnnespanol.cnn.com/2021/07/19/cifras-datos-migracion-cubana-estados-unidos-mundo-orix/>. Acessado em 28 de setembro de 2023.

³⁶⁵ Informações disponíveis em: Obama acaba com medida que dá residência aos cubanos que chegam aos EUA | Internacional | EL PAÍS Brasil (elpais.com). Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2017/01/12/internacional/1484257647_081706.html. Acessado em 28 de setembro de 2023.

³⁶⁶ Informações disponíveis em: La emigración cubana hacia los Estados Unidos de 1860 a 2019: un análisis estadístico y comparativo (openedition.org). Disponível em: <https://journals.openedition.org/etudescaribeennes/21355#tocto2n13>. Acessado em 28 de setembro de 2023.

³⁶⁷ Informações disponíveis em: Nicarágua libera visto para cubanos - 23/11/2021 - UOL Notícias. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/afp/2021/11/23/nicaragua-libera-visto-para-cubanos.htm>. Acessado em 28 de setembro de 2023.

De dezembro de 2021 a novembro de 2022, de acordo com dados da alfandega e guarda costeira estadunidense, 270 mil cubanos chegaram aos Estados Unidos. Em outras palavras, em pouco menos de um ano, 2,4% da população cubana – de aproximadamente 11,1 mil habitantes – emigrou para esse país³⁶⁸. A mais recente onda migratória superou em número e em tempo todos os outros eventos de êxodo massivo ocorridos em Cuba, desde o princípio da Revolução, fenômeno que todavia encontra-se em curso. Mesmo sob o risco de detenções e deportações, previstos nos acordos migratórios entre o governo cubano e estadunidense, sob a direção de Biden, a migração cubana não dá sinais de estacamento. Em maio de 2022, o presidente dos Estados Unidos anunciou medidas de relaxamento às restrições impostas a Cuba durante o governo anterior, dentre elas, o restabelecimento de voos comerciais para várias províncias cubanas, a suspensão da restrição de remessas e envio de divisas ao país e a retomada do processo e concessão de vistos a cubanos, suspenso desde 2018³⁶⁹. Além disso, o governo estadunidense tem impulsionado programas para migração legal – não só em relação à Cuba, mas também voltados à Venezuela e Haiti – que envolve também a permissão de entrada de cubanos via “Parole”³⁷⁰, articulados a processos de reunificação familiar, emprego e estudo³⁷¹.

Segundo Lefebvre (2009, p. 145), na medida em que a crise avança para além do econômico, ela “tende a se tornar uma crise total” que “ameaça o Estado, o do modo de produção estatista, sua estrutura, seu funcionamento”. Qual é a ameaça representada pela crise total? A de uma catástrofe, de acordo com o autor (ibid.). Entretanto, a própria Revolução, enquanto transformação e salto qualitativo das relações de produção, segundo Lefebvre, leva a uma crise revolucionária de reprodução como momento da catástrofe³⁷². A diferença entre a

³⁶⁸ Informações disponíveis em: Cuba: 4 razões que explicam a histórica emigração da ilha aos EUA em 2022 - BBC News Brasil. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-64113084>. Acessado em 28 de setembro de 2023.

³⁶⁹ Informações disponíveis em: EUA aliviam restrições a Cuba – DW – 17/05/2022. Disponível em: <https://www.dw.com/pt-br/eua-aliviam-restri%C3%A7%C3%B5es-a-cuba/a-61822078>. Acessado em 28 de setembro de 2023.

³⁷⁰ O “Parole” é um dispositivo jurídico estadunidense que permite a entrada de estrangeiros sem o visto em mãos, mediante a processos de reunificação familiar, estudos ou empregos. Durante nosso último trabalho de campo na ilha, em julho de 2023, conhecemos famílias cubanas que conseguiram sair por esse mecanismo, através do pagamento de terceiros que passaram a oferecer o serviço da documentação necessária para o encaminhamento do pedido e processo de “Parole.” Conhecemos ainda pessoas que foram roubadas, uma vez que pagaram para iniciar o processo e, depois do pagamento, que varia de 5 a 10 mil dólares, o contato “desapareceu do WhatsApp”. Ou seja, essa via de migração legal também está se constituindo como negócio ilegal no país, sendo que muitos cubanos identificam esse processo enquanto “legalização do coioite”, não obstante o risco de golpe e roubo seja grande.

³⁷¹ Informações disponíveis em: Article: Inmigrantes cubanos en los Estados Unidos | migrationpolicy.org. Disponível em: <https://www.migrationpolicy.org/article/inmigrantes-cubanos-en-los-estados-unidos>. Acessado em 28 de setembro de 2023.

³⁷² Lefebvre (2009, p. 148) escreve: “A crise revolucionária: caso limite. Ela perturba ou rompe as relações entre a terra, o trabalho, o capital (os investimentos) e mesmo a forma mercantil e suas relações. Um salto qualitativo

catástrofe como momento de constituição da Revolução em Cuba, nas décadas de 1960 e 1970, e a reprodução catastrófica, enquanto momento do colapso da Revolução e crise fundamental do capitalismo no século XXI, reside na impossibilidade dessa nova forma catastrófica de estimular qualquer tipo de invenção ou saída à reprodução social cubana que passe pela exploração produtiva e rentável de trabalho abstrato. A ruptura experimentada com a Revolução cubana como processo de modernização periférica produziu a formação e qualificação de uma ampla camada de trabalhadores complexos no país, bem como a produção científico cultural em diversas áreas do conhecimento, sobretudo na saúde, desenvolvimento técnico militar, e todas as contradições que o desenvolvimento das forças produtivas-destrutivas promove. A crise fundamental do capital enquanto impossibilidade de valorização do valor – e processo de “dessubstancialização” de suas categorias das relações de exploração de trabalho abstrato – aprofunda a experiência de sofrimento cotidiana de digestão das contradições postas à reprodução. A saída, o horizonte, que se coloca como forma possível de manutenção e melhora das condições de reprodução mediadas por mercadoria e dinheiro de uma camada crescente da população, diante da crise do trabalho produtor de valor, e da retirada dos subsídios de preços pelo Estado cubano, é catastrófica: a emigração, principalmente ilegal, por vias que arriscam a vida daqueles que se submetem à travessia.

O pote de ouro no final do árduo e potencialmente mortal arco-íris da atual emigração cubana é representado pelas possibilidades de trabalho e consumo que podem ser viabilizadas pelas redes de cubanos emigrados, estabelecidos principalmente nos Estados Unidos, mas também, em menor grau, em outros países como Espanha, Canadá, Servia e Rússia. Dessa maneira, a crise econômica e de reprodução social cubana, que se acirrou durante a pandemia de COVID 19 em 2020 e 2021, impulsionou a desagregação dos núcleos familiares e do tecido social, direcionando a camada mais jovem da população à emigração, sobretudo aos Estados Unidos, principalmente por vias ilegais e arriscadas, conforme vemos demonstrando. Segundo dados da *Havana Consulting Group*³⁷³, em 2022, foram registrados 23.996 ingressos de

torna-se inevitável. O modo de produção (o MPE portanto) é alcançado. É o fim da acumulação do capital, da reprodução das relações. De produção e de dominação. Uma luta mortal se desencadeia. As relações sociais não são mais reprodutíveis. A subjetividade revolucionária (a consciência política, como se diz) emerge e cresce. É o momento da catástrofe, mas também da invenção de novas relações. Um outro modo de produção surge e uma outra forma de organização social – ou ao menos a sociedade civil e política morre. É a catástrofe, jamais estudada como tal, ainda que freqüentemente anunciada pelo marxismo apocalíptico (Rosa Luxemburgo e outros). Em suma, na crise revolucionária se rompem as cadeias de equivalências: com a lógica da mercadoria, aquela da reprodução e da separação, aquela do exercício de um poder exterior e superior à sociedade (civil)”.

³⁷³ *Havana Consulting Group* é uma empresa de consultoria com foco no mercado e economia cubana articulado ao *Laboratorio de ideas Cuba Siglo XXI*, sediada em Miami. Disponível em: <https://cubasiglo21.com/cuba-gaesa-y-el-colapso-del-regimen/>. Os dados de emigração veiculados pelo relatório do grupo pode ser encontrado em:

cubanos aos aeroportos estadunidenses, por vias legais, 224.607 entradas ilegais de cubanos por postos de fronteiras terrestres dos Estados Unidos e cerca de 7 mil chegaram pela ilegal e arriscada via marítima. Parte dos migrantes cubanos que percorrem vias terrestre conseguem visto para o México desde Cuba, conseguindo, assim, embarcar em voos para o país e posteriormente atravessar a fronteira para os Estados Unidos a pé. No entanto, desde a suspensão da necessidade de visto de entrada, muitos cubanos estão embarcando para a Nicarágua e de lá iniciam uma jornada de mais de 5 mil quilômetros, através de Honduras, Guatemala e México, até chegar à fronteira sul dos Estados Unidos. Muitos conseguem ajuda financeira de parentes e amigos do exterior para emigrar, outros, vendem suas casas e todos seus pertences para lograr a travessia. Os números da emigração cubana são incertos e não oficiais, mas não deixam de denotar a magnitude do fenômeno.

Se a emigração massiva da população jovem cubana por vias ilegais e perigosas representa a forma “renovada” da crise no país, experimentada como catástrofe social, as remessas de dinheiro enviadas pelos emigrados estabelecidos no exterior representam, muitas vezes, a única possibilidade de reprodução social de um número cada vez maior de familiares que ficam no país, alimentados por aqueles que sobrevivem à catástrofe. As remessas de divisas provindas de emigrados a seus familiares cubanos estão entre as principais fontes de ingresso do governo (MADERO, 2019, p. 490), sendo captadas pelo Banco Internacional de Cuba e por grande parte das empresas estatais cubanas – ETECSA, *Tiendas Recaudadoras de Divisas*, CUPET-CIMEX³⁷⁴ entre outras – controladas pelo conglomerado econômico militar GAESA. Segundo o relatório produzido pelo *laboratorio de ideas Cuba Siglo 21*, de 2016 a 2022 o conglomerado GAESA teve um crescimento astronômico em relação ao controle econômico e financeiro de empresas e bancos cubanos: em 2016, o conglomerado controlava pouco mais de 22% da economia e 8% das finanças do país; em 2022 o grupo passou a controlar mais de 77% da economia e 95% das finanças do país, graças, sobretudo, ao controle do *Banco Financero Internacional S.A.*, assumido pelo grupo no final de 2016³⁷⁵. Contudo, a rede estatal de comércio e serviços, mesmo as lojas em MLC, são acometidas periodicamente de escassez de produtos, e as empresas privadas – as MIPYMES, muitas montadas com dinheiro de cubanos emigrados – vem aparecendo como alternativa para a compra de determinados produtos, por

<https://drive.google.com/file/d/1D5AMrJDI0P4nLX2yDsHVwjYK0JLbwqA/view>. Acessado em 28 de setembro de 2023.

³⁷⁴ A CUPET-CIMEX é a rede estatal cubana de postos de gasolina. Ela foi incorporada ao conglomerado GAESA em 2010. Informações disponíveis em: <https://cubasiglo21.com/cuba-gaesa-y-el-colapso-del-regimen/>. Acessado em 28 de setembro de 2023.

³⁷⁵ Informações disponíveis em: <https://cubasiglo21.com/cuba-gaesa-y-el-colapso-del-regimen/>. Acessado em 28 de setembro de 2023.

aqueles que podem pagar a preços dolarizados. A chamada “bancarização” surgiu como tentativa estatal de algum controle financeiro das divisas que circulam por fora das empresas do grupo GAESA, sobretudo pelas MIPYMES, mas tais medidas vem apenas recrudescendo os termos da reprodução social em direção à reprodução catastrófica.

De acordo com dados do *laboratorio de ideas Cuba Siglo 21*, veiculados pela imprensa independente cubana, em 30 anos os emigrados cubanos enviaram ao país mais de 52 bilhões de dólares, e 50 milhões em bens de consumo³⁷⁶, quantia maior do que qualquer empréstimo oferecido à Cuba após o colapso da União Soviética. Tamanha quantia de dólares não foi suficiente para impedir o colapso da Revolução cubana, enquanto processo de modernização periférica. Além disso, tais remessas se converteram nos últimos anos, junto ao setor turístico, que não deixou de receber investimentos mesmo durante a pandemia³⁷⁷, em mecanismo e promessa de captação de divisas futuras, por parte do Estado cubano. Essa é a face catastrófica da reprodução social cubana nos últimos anos, cuja economia tornou-se dependente da produção de capital fictício alhures, direcionados ao país cada vez mais segundo uma lógica de auxílio na manutenção de familiares e residentes cubanos, uma vez que o setor turístico, como principal setor “produtivo” do país, não vem se desenvolvendo conforme o esperado desde antes da pandemia. Conforme apontamos anteriormente, diante da economia mundial financeirizada e ficcionalizada, a economia cubana se vê impedida de alavancar sua economia interna via créditos internacionais, seja por conta do bloqueio estadunidense, ou ainda pela incapacidade de saldar suas dívidas com diversos países, inclusive com o Brasil. Ademais, internamente sua estrutura produtiva e energética encontra-se desfalcada e obsoleta, assim como os sistemas de saúde e educação – historicamente anunciados como “logros” da Revolução – vêm sofrendo com a falta de materiais e investimentos, com notável perda de qualidade.

O conglomerado GAESA, mesmo composto por empresas socialistas, se autonomizou dos supostos objetivos igualitários da Revolução, conforme demonstra a continuidade de investimento em hotéis e grupos turísticos nos últimos anos, em detrimento dos gastos e orçamento dedicado a áreas sociais, que constituíram historicamente a modernização periférica cubana enquanto processo Revolucionário. No entanto, o discurso oficial segue apelando à solidariedade internacional na busca de créditos e na tentativa de derrubada do bloqueio

³⁷⁶ Informações disponíveis em https://diariodecuba.com/economia/1695138743_49847.html. Acessado em 28 de setembro de 2023.

³⁷⁷ Segundo o veículo de imprensa independente *El toque*, os investimentos no setor turístico no ano de 2021 foram 12 vezes maiores do que os investimentos somados em pecuária, agricultura e pesca em Cuba. Informações disponíveis em: <https://eltoque.com/turismo-para-que-la-empecinada-apuesta-del-gobierno-cubano>. Acessado em 28 de setembro de 2023.

estadunidense, que continua aparecendo como principal responsável pela crise econômica e social cubana.

Os momentos de emigração massiva de cubanos ao longo do governo revolucionário, até a crise dos balseros em 1994, serviram historicamente como forma do governo acabar com a oposição interna e, ao mesmo tempo, aliviar a pressão econômica gerada pela crise do trabalho e de valorização no país. No entanto, nos últimos anos, o processo migratório se tornou uma necessidade interna catastrófica de reprodução social cubana, frente à crise fundamental do capital e colapso da modernização capitalista em nível mundial. Mas esse movimento de emigração ilegal e expectativa de envio de remessas, além de correr o risco de não se concretizar em vários níveis, é um processo sujeito à crise e expansão fictícia das economias estrangeiras, sobretudo estadunidense.

Considerações Finais

“A aquel hombre le pidieron su tiempo
para que lo juntara al tiempo de la Historia.

Le pidieron las manos,
porque para una época difícil
nada hay mejor que un par de buenas manos.

Le pidieron los ojos
que alguna vez tuvieron lágrimas
para que contemplara el lado claro
(especialmente el lado claro de la vida)
porque para el horror basta un ojo de asombro.

Le pidieron sus labios
resecos y cuarteados para afirmar,
para erigir, con cada afirmación, un sueño

(el-alto-sueño);

le pidieron las piernas,
duras y nudosas,
(sus viejas piernas andariegas)
porque en tiempos difíciles

¿algo hay mejor que un par de piernas
para la construcción o la trinchera?
Le pidieron el bosque que lo nutrió de niño,
con su árbol obediente.
Le pidieron el pecho, el corazón, los hombros.
Le dijeron
que eso era estrictamente necesario.
Le explicaron después
que toda esta donación resultaría inútil
sin entregar la lengua,
porque en tiempos difíciles
nada es tan útil para atajar el odio o la mentira.
Y finalmente le rogaron
que, por favor, echase a andar,
porque en tiempos difíciles
ésta es, sin duda, la prueba decisiva”.

En Tiempos Difíciles - Heberto Padilla

As categorias capitalistas estão presentes em Cuba de forma particular, mediadas contraditoriamente pelo monopólio do Estado socialista, principalmente no âmbito da circulação do capital, mas não só. A crítica à forma autoritária, violenta, burocrática e aparentemente antieconômica do Estado cubano, por um lado, e a crítica ao bloqueio estadunidense e ao imperialismo, por outro, dominam o debate sobre o país e polarizam opiniões. Enquanto isso, a crítica à forma contraditória e fantasmagórica em que o dinheiro, o trabalho e o patriarcado determinam a reprodução social, numa sociedade produtora de mercadorias, vai sendo jogada por terra nas disputas pela interpretação da crise do socialismo em Cuba.

Diante do monopólio estatal que aparentemente domina os diferentes momentos da circulação do capital, a subversão formal da circulação de mercadorias e dinheiro se generaliza como prática de reprodução econômica e social em Cuba, e é a partir dessa subversão que grande parte das pessoas encontram sustento. Além disso, a liberdade reclamada por diversas camadas da população cubana é legítima e condizente a uma sociedade formada por pequenos

proprietários, que lutam pelo direito de vender mercadorias sem o controle do Estado, ou ainda, vender sua própria força de trabalho aonde lhe for mais vantajoso.

Ao se constituir como “Estado socialista de direito”, segundo a nova Constituição cubana de 2019, pela primeira vez o país reconhece o cidadão como sujeito jurídico de direitos, não apenas o sujeito coletivo, como classe trabalhadora, segundo os preceitos do marxismo leninista da antiga legislação de 1976. Esta nova forma jurídica fundamenta-se na relação de igualdade formal entre proprietários de mercadorias que, por sua vez, se constitui como pressuposto da noção individualizada de cidadão. O momento jurídico é parte da contradição categorial do capital necessária à reprodução colapsada da sociedade enquanto patriarcado produtor de mercadorias. No entanto, segundo a forma contraditória entre o reconhecimento dos cidadãos como sujeitos de direitos e o socialismo como monopólio estatal, a cidadania se põe como horizonte formal a ser perseguido, e que não contempla a todos, uma vez que o acesso a mercadorias está cada vez mais determinado por remessas de divisas enviadas por cubanos emigrados.

O direito a oposição interna e à crítica também surgiu como um dos importantes sentidos dos protestos do dia 11 de julho de 2021. Após esse marcante evento, no ano de 2022, o Observatorio Cubano de Conflictos³⁷⁸ registrou 3.400 pequenos protestos e levantes em todo país, em decorrência principalmente dos prolongados períodos sem energia elétrica e escassez de alimentos e medicamentos.

Fora do contexto da última bolha financeira e ficcionalizada que impulsionou momentaneamente as economias latino-americanas na primeira década do século XXI, a gestão estatal da crise da forma social capitalista adquire status de barbárie social mundo a fora, com aprofundamento das desigualdades em diversos níveis, processos de expropriações, encarceramento em massa, e em alguns casos, como no Brasil, políticas abertas de extermínio de populações vulnerabilizadas e destruição ecológica. A produção interna de desigualdades sociais, principalmente nos últimos anos, bem como a forma repressiva de administrar a crise, sinalizam que o Estado socialista cubano não é um outro do capitalismo ou uma solução para sua crise. Além disso, as mudanças na legislação do país em direção ao mercado, ao reconhecimento da propriedade privada, de empresas não estatais, do trabalho autônomo, entre outros, indicam a relação entre o Estado cubano e processos econômicos críticos de caráter universal. Inclusive o Estado não tem meios de atuação na sociedade que não passe pela

³⁷⁸ O Observatorio Cubano de Conflictos é um projeto independente e autônomo da sociedade civil cubana apoiado pela Fundación para los Derechos Humanos em Cuba. Disponível em <https://observatoriocubano.com/2022/11/01/cuba-589-protestas-octubre/>. Acessado em 28 de setembro de 2023.

violência e pelo dinheiro, mundialmente socializados cada vez mais como capital fictício. Contra a suposta ameaça capitalista ao socialismo cubano, o PCC se reserva o direito de autuar capitalistamente no exercício de sua própria manutenção, enquanto Estado totalitário, cujos setores e subsídios sociais encontram-se cada vez mais degradados.

É em Cuba que se pode perceber mais nitidamente a crise, uma vez que o trabalho e a força de trabalho aparecem como custo a ser gerido socialmente pelo Estado, mesmo com os baixos salários, que a reforma de preços não logrou alterar. Pouco mais da metade dos trabalhos públicos compõem diretamente as contas do chamado *presupuesto estatal* (orçamento interno), enquanto o restante dos trabalhadores do setor está a cargo das empresas estatais cubanas, que também enfrentam dificuldades em saldar seus pagamentos. Além dos trabalhos públicos nos setores necessários à reprodução social do sistema, educação, saúde, limpeza, administração etc., nas contas do *presupuesto estatal* também entram as pensões e benefícios concedidos àqueles que não podem trabalhar³⁷⁹. A contradição em processo do desenvolvimento histórico das forças produtivas mundiais e do patriarcado levou à expansão de setores considerados improdutivos do ponto de vista da valorização do valor, mas necessários à reprodução social geral. Em Cuba, assim como na maioria dos países, grande parte dos trabalhos em tais setores são ocupados por mulheres, que realizam extenuantes rotinas de dupla socialização, no trabalho e em casa, com os afazeres necessários à reprodução social da família (SCHOLZ, 2008). Ademais, nesse movimento negativo da contradição, camadas cada vez maiores da população tornam-se supérfluas, do ponto de vista da valorização do valor. O Estado cubano historicamente assumiu, além do monopólio da circulação de mercadorias, a manutenção desses setores sempre ameaçados economicamente, como conquistas do socialismo e da Revolução e como formas de investimento social de formação e reprodução da força de trabalho. A crítica ao caráter patriarcal e destrutivo que a reprodução social assume nesse contexto se perde diante da naturalização do trabalho como ontologia social e do reconhecimento da família e do Estado como configuração social fundamental.

Os preços subsidiados de serviços públicos e mercadorias de primeira necessidade, que historicamente caracterizaram o socialismo cubano, entram em crise e são em parte suprimidos com a política econômica ditada pela *Tarea Ordenamiento*. Dessa maneira, o regime de

³⁷⁹ Informações disponíveis em <http://media.cubadebate.cu/wp-content/uploads/2020/12/goc-2020-ex68.pdf>. Acessado em 28 de setembro de 2023.

dolarização parcial em que viviam os cubanos desde o Período Especial é estrangulado com a unificação monetária em 2021 e com a generalização da venda em MLC, restrita a operações financeiras e bancárias alimentada exclusivamente por divisas. Cuba atravessa, assim, uma dolarização forçada e ao mesmo tempo mascarada pela mediação do estado socialista em relação à circulação do capital, nas operações financeiras e de consumo. Tal movimento tem conduzido à produção de novas desigualdades em Cuba, não só em relação aos rendimentos individuais e familiares, como também em relação à forma catastrófica de reprodução social a que estão submetidas uma camada crescente da população cubana.

Diferentemente das democracias capitalistas em que o desenvolvimento das forças produtivas torna camadas cada vez maiores da população em mão de obra supérfluas, sendo o desemprego a principal expressão da negatividade da forma social, em Cuba, principalmente durante a pandemia de COVID 19, o próprio trabalho é exposto como mecanismo de controle e absurdo social. Caminhando por Havana em 2021, todos os dias observava homens e mulheres, funcionários de cinemas, teatros, parques e instituições públicas, que estavam fechados por conta da pandemia, ou mesmo em lojas e mercados estatais que já não têm nada para vender, sentados durante horas em seus postos de trabalho, já sem nenhum trabalho a fazer. A sensação do “nada” e do “sem sentido” dessa forma foi inevitável. Quando perguntei a uma das atendentes de um pequeno mercado estatal, que só tinha três latas de alcachofras em conserva para vender há dias, qual a justificativa que o encarregado superior dava para ela continuar “trabalhando” com a loja praticamente vazia, ela me respondeu, depois de tentar desconversar: “O socialismo não espera só que você trabalhe, espera que você se sacrifique”. Na época, tal sacrifício correspondia à humilhação e ao risco de ser contaminado por COVID ao pegar ônibus lotado ou ao se deslocar todos os dias para chegar ao local de trabalho e passar o dia todo sem fazer nada, em contato com outras pessoas. Mas havia também o sacrifício do trabalho pesado e das muitas horas extras que os profissionais da saúde tinham de realizar nos hospitais e centros médicos lotados pela pandemia. Ou ainda o sacrifício dos trabalhadores da construção civil que, durante e após a pandemia estão tendo que trabalhar muitas horas seguidas em obras públicas atrasadas, com escassez de material e de mão de obra, afugentada pelas duras condições de trabalhos e baixos salários. No entanto, a exploração física e sacrifício do trabalhador não significa a exploração abstrata de trabalho no sentido de produção de mais-valia, uma vez que tal relação pressupõe um nível de produtividade média pautada pelo desenvolvimento das forças produtivas do capital global. Nesse sentido, o culto à lógica sacrificial do trabalho e do dinheiro não é uma especificidade do socialismo cubano,

há muito ele é profetizado pelas democracias capitalistas com requintes concorrenciais, meritocráticos e racistas, agora ainda sob a forma de empreendedorismo individual.

A crise e as contradições do capital em Cuba ameaçam a perspectiva socialista e social-democrata presentes em diversas análises marxistas que têm como horizonte a ser atingindo uma “sociedade de camadas médias a ser eternamente satisfeita pelo consumo de mercadorias”³⁸⁰. O encantamento com a Revolução cubana, proferido ainda hoje por parte do marxismo tradicional, é um tipo de “razão sangrenta” (KURZ, 2002), sustentada como ideologia de modernização capitalista, cujo terror encontra-se oculto frente as proclamadas conquistas históricas da Revolução e à pretensa coerência conferida pelo trabalho considerado ontológico. Não obstante, a forma de acesso ao dinheiro e às mercadorias em Cuba passa cada vez menos por relações internas de trabalho e assalariamento, destacando o caráter crítico e obsoleto desta forma histórica no atual momento de crise fundamental do capital. Nesse aspecto, a espetacularização das relações sociais “socialistas”, do bloqueio estadunidense e da própria Revolução, tornou-se prerrogativa para a tentativa de acesso ao capital fictício mundial, na forma de créditos internacionais, por parte da economia cubana dominada pelo monopólio estatal empresarial gerido pelas Forças Armadas do país.

A reprodução catastrófica cubana e o colapso da Revolução, como modernização capitalista periférica, apontam para o limite interno absoluto da reprodução do capital enquanto lógica histórica de valorização do valor, como sujeito automático da mais-valia reacoplada a si mesmo, por meio da exploração abstrata e rentável da força de trabalho. A reprodução social cubana, assim como do restante dos países, encontra-se presa às formas categoriais do capital, que conformam a realidade como totalidade capitalista. A forma catastrófica de reprodução social cubana, como particularidade posta na relação com a totalidade capitalista, se reproduz na fragmentação do tecido social. Os fragmentos não podem ser lidos como superação positiva dessa forma, mas sim a partir de seu caráter destrutivo, efetivo ou em potencial. O colapso da modernização não resulta no desaparecimento das categorias do capital que mediam as relações entre a particularidade e a totalidade: ao contrário, a mediação da mercadoria, do dinheiro, do trabalho e do patriarcado permanece e se transmuta, conforme procuramos discutir nessa pesquisa, como forma necessária à reprodução social cada vez mais recrudescida e catastrófica, do ponto de vista da experiência de digestão do sofrimento vivido cotidianamente pelos

³⁸⁰ Parafraseamos aqui Pitta, que se aprofunda nessa questão em seu artigo: “O Crescimento e a crise da economia brasileira no século XXI como crise da sociedade do trabalho. Bolha das commodities, capital fictício e crítica do valor-dissociação”. Disponível em: http://www.obeco-online.org/fabio_pitta.pdf. Acessado em 28 de setembro de 2023.

cubanos. Em outras palavras, a abolição do capitalismo como lógica histórica baseada na valorização do valor não garante a emancipação social de suas categorias, uma vez que a relação cega de socialização como dependência reificada permanece enquanto constrangimento social, mesmo na era da dessubstancialização do capital.

Referências bibliográficas

ALFREDO, A. Negatividade e a crítica à crítica crítica: sobre espaço tempo e modernização. CIDADES, v.6, n.10, 2009.

_____, Crise imanente, abstração espacial. Fetiche do capital e sociabilidade crítica. Terra Livre, São Paulo/SP, Ano 26, v.1, n. 34, p. 37-62 Jan-Jun. 2010.

ARÚS, M. C. La moda, la revolución cubana y el hombre nuevo. Watson Institute. Brown University. 2019. Disponível em <https://watson.brown.edu/clacs/events/2019/maria-cabrera-arus-la-moda-la-revoluci-n-cubana-y-el-hombre-nuevo-fashion-cuban>. Acessado em 3 de setembro de 2023.

AZNAREZ, J. J. Cuba aposta no porto de Mariel. El País, Economía, 20 abril 2014. Disponível em: <http://brasil.elpais.com/brasil/2014/04/17/economia/1397757176_763538.html>. Acessado em 12/11/2016.

CARRAZANA, A. G. Uma história, um presente, um futuro: desafios da nova geração e o valor da Revolução. Revista Caros Amigos, edição especial: desafios de Cuba, ano XIX, n. 79, p. 09-12, março de 2016. DIARIO LIBRE. La Habana Vieja en obras. Diario Libre, Ciudad, Havana, 29 dez 2015. Disponível em: <<http://www.diariolibre.com/noticias/ciudad/la-habana-vieja-en-obras-BL2269102>>. Acessado em 14/12/2016. DEBORD, G. Sociedade do espetáculo. Rio de Janeiro, Contraponto, 1997.

CEZAR MISKULIN, S. A POLÍTICA CULTURAL NA REVOLUÇÃO CUBANA: as disputas intelectuais nos anos 1960 e 1970. **Caderno CRH**, [S. l.], v. 32, n. 87, p. 537–548, 2019.

FERNANDES, F. Da guerrilha ao socialismo: A revolução Cubana. São Paulo, Expressão Popular, 2007.

_____, PRADO JR, C. Clássicos sobre a revolução brasileira. São Paulo, Expressão Popular, 2007b.

FELLET, J. 20 meses após inauguração, porto _brasileiro gera frustração. BBC Brasil, Mariel, 12 outubro 2015. Disponível em: <http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2015/10/151007_porto_mariel_cuba_jf_rb>. Acessado em 14/11/2016.

FIDELIS, N. Theotônio dos Santos: —O destino de Cuba passa pelo de toda América Latina. Revista Caros Amigos, edição especial: desafios de Cuba, ano XIX, n. 79, p. 16-19, março de 2016.

GAUDEMAR, J. P. Mobilidade do trabalho e acumulação do capital. Lisboa, Estampa, 1977.

GROSSMANN, H. La ley de la acumulación y del derrumbe del sistema capitalista: Una teoría de la crisis. México: Siglo veinteuno, 1979.

GOMES, H. A Geografia e suas implicações no subdesenvolvimento do Terceiro Mundo. Boletim Paulista de Geografia, São Paulo, Associação dos Geógrafos Brasileiros, n.59, p. 43-

58, número especial: Geografia e Imperialismo, outubro de 1982.

LACOSTE, Yves. *Geografia – isso serve, em primeiro lugar, para fazer a guerra*. Campinas: Papyrus, 1988. 240p.

MANDEL, E. *Capitalismo tardio*. 2ª ed. São Paulo, Nova cultural, 1985.

PORTO-GONÇALVES, C. W.; AZEVEDO, N. A geografia do imperialismo: uma Introdução. *Boletim Paulista de Geografia*, São Paulo, Associação dos Geógrafos Brasileiros, n. 59, p. 23-42, número especial: Geografia e Imperialismo, outubro de 1982.

GOTT, R. *Cuba: uma nova história*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 2006.

GUEVARA, E. *Textos econômicos para a transformação do socialismo*. São Paulo, Edições Populares, 1982.

GUTIÉRREZ, Pedro Juan. *El nido de la serpiente. Memorias del hijo del heladero*. Ediciones Unión. Villa Clara. 2016.

HARVEY, D. *O novo imperialismo*. São Paulo, Edições Loyola, 2004.

_____. *O enigma do capital*. São Paulo, Boitempo, 2011.

HAUBRICH, A. As atualizações do modelo cubano: abertura ao capitalismo ou reforma socialista? *Sul21*, Porto Alegre, 5/mar/2013. Disponível em: <<http://www.sul21.com.br/jornal/as-atualizacoes-do-modelo-cubano-abertura-ao-capitalismo-ou-reforma-socialista/>>. Acessado em 16/11/2016.

INSTITUTO ENVOLVERDE. Uma zona econômica inaugura o desenvolvimento em Cuba. *Envolverde - Jornalismo e Sustentabilidade*, 28/01/2014. Disponível em <<http://www.envolverde.com.br/ips/inter-press-service-reportagens/uma-zona-economica-inaugura-o-desenvolvimento-em-cuba/>>. Acessado em 11/11/2016. KONDER, L. *As ideias socialistas no Brasil*. São Paulo, Editora Moderna, 2001.

KURZ, R. *O duplo Marx*, 2005. Disponível em: <http://www.obeco-online.org/rkurz8.htm>. Acessado em 27 de setembro de 2023.

KURZ, R. A ascensão do dinheiro aos céus. 1995. *Revista Krisis*, n. 16-17, 1995. Disponível em: <<http://obeco.planetaclix.pt/rkurz101.htm>>. Acessado em 11/01/2017.

_____. *O colapso da modernização: da derrocada do socialismo de caserna à crise da economia mundial*. 3ª ed. São Paulo, Paz e Terra, 1993.

_____. *Cinzena é a árvore dourada da vida e verde é a teoria: o problema da práxis como evergreen de uma crítica truncada do capitalismo e a história das esquerdas*. 2007. *Revista EXIT! - Crise e Crítica da Sociedade das Mercadorias*, n. 4, 2007. Disponível em: <<http://www.obeco-online.org/rkurz288.htm>>. Acessado em 23/11/2016.

_____. Poder mundial e dinheiro mundial: crônicas do capitalismo em declínio. Rio de Janeiro, Editora Consequência, 2015.

LEFEBVRE, H. Posição: contra os tecnocratas. São Paulo, Editora Documentos, 1969.

_____. A vida cotidiana no mundo moderno. São Paulo, Editora Ática, 1991.

LUXEMBURG, R. A acumulação do capital. São Paulo, Abril Cultural, 1985.

LENIN, V. I. Imperialismo – fase superior do capitalismo. São Paulo: Global, 1979.

_____. O Estado e a Revolução. São Paulo: Expressão Popular, 2007.

MARX, K. O Capital: crítica da economia política. Livro II (volume II). (Série Os economistas). 2ª ed. São Paulo, Nova Cultural, 1985.

_____. O Capital: crítica da economia política. Livro III, tomo I (volume IV). (Série Os economistas). 2ª ed. São Paulo, Nova Cultural, 1986.

_____. O Capital: crítica da economia política. Livro I, tomo I (volume I). (Série Os economistas). 3ª ed. São Paulo, Nova Cultural, 1988a.

_____. O Capital: crítica da economia política. Livro I, tomo II (volume I). (Série Os economistas). 3ª ed. São Paulo, Nova Cultural, 1988a.

_____. O Capital: crítica da economia política. Livro III, tomo II (volume V). (Série Os economistas). 3ª ed. São Paulo, Nova Cultural, 1988c.

_____. O manifesto do partido comunista. Crítica ao Programa de Gotha. São Paulo: Pocket, 2006.

_____. Teorías sobre la plus valia. 2ª ed. Cidade do México, Ediciones Quinto Sol, 1969.

_____. Grundrisse. Rio de Janeiro, Boitempo, 2011.

MENEGAT, M. A crítica do capitalismo em tempos de catástrofe. O giro dos ponteiros do relógio no pulso de um morto. Rio de Janeiro: Consequência, 2019.

MOLINA, V. La escuela, alma y vida de la Revolución. Granma. Año/ 61 de la Revolución, Viernes 26, abril de 2019.

OLIVEIRA, F. Crítica à Razão Dualista/ O Ornitórrinco. São Paulo, Boitempo, 2003. 150p.

OLIVEIRA, Vanessa de Souza. O Panorama da Internet em Cuba e uma Análise da Chegada do Google na Ilha. In: Revista de estudos e pesquisa sobre as Américas. Volume 13, nº 3, 2019. Brasília. P. 135-174.

PACHUKANIS. A Teoria geral do direito e marxismo. 1ª ed. São Paulo: Acadêmica, 1988.

PASCHOAL *Apud.* Santos (org). O empreendedorismo está crescendo em Cuba? Cuba no

século XXI: dilemas da revolução. Elefante editora. São Paulo, 2017.

PITTA, F. T. As transformações na reprodução fictícia do capital na agroindústria canavieira paulista: do Proálcool à crise de 2008. 2016. (Doutorado em Geografia Humana) - Faculdade de Filosofia Ciências e Letras, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016.

_____. O Crescimento e a crise da economia brasileira no século XXI como crise da sociedade do trabalho. Bolha das commodities, capital fictício e crítica do valor-dissociação”. Disponível em: http://www.obeco-online.org/fabio_pitta.pdf. Acessado em 28 de setembro de 2023.

PRIMI, L. Avida na ilha. Revista Caros Amigos, edição especial: desafios de Cuba, ano XIX, n. 79, p. 13-15, março de 2016.

POSTONE, Moishe. Time, Labor and Social Domination: a Reinterpretation on Marx Critical Theory. Cambridge University Press, 1993.

RIBEIRO, A. S. M. “Vai crédito hoje?”: do “curto-circuito” ao blackout da reprodução crítica do capital fictício em São Paulo. 2015. (Mestrado em Geografia Humana) - Faculdade de Filosofia Ciências e Letras, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015.

RODRIGUEZ, J. M. M. et al. La gobernabilidad socialista de los espacios litorales: el caso de ciudad de la Habana, Cuba. GEOUSP- Espaço e Tempo, São Paulo, n. 26, p. 159-168, 2009.

SANTOS. M. Geografia, Marxismo e Subdesenvolvimento. Reflexões sobre a Geografia. São Paulo, Associação dos Geógrafos Brasileiros – Seção São Paulo, p. 81-96, 1980.

SANTOS, Milton. **Por uma Geografia Nova: da crítica da Geografia a uma Geografia Crítica**. 3ª edição. São Paulo: HUCITEC, 1986.

SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização – do pensamento único à consciência universal**. Rio de Janeiro: Record, 2006.

SANTOS, Et alli.(Org). Cuba no século XXI: dilemas da revolução. 2017.

SCHOLZ, R. Forma social e totalidade concreta: na urgência de um realismo dialético hoje. 2009. Revista EXIT! - Crise e Crítica da Sociedade da Mercadoria, n. 6, 2009. Disponível em: <<http://obeco.planetaclix.pt/roswita-scholz12.html>>. Acessado em 23/01/2017.

SCHOLZ, R. Cristóvão Colombo Forever: para a crítica das actuais teorias da colonização no contexto do Colapso da modernização. 2008. Disponível em: http://www.obeco-online.org/roswitha_scholz24.htm. Acessado em 5/07/2019.

_____. A nova crítica social e o problema das diferenças. 2004. Disponível em http://www.obeco-online.org/roswitha_scholz3.htm . Acessado em 5/07/2019.

SEVERSON, K. Americanos fazem —corrida ao ouro orgânico| em solo cubano. The New York Times, 27/06/2016. Disponível em: <<http://noticias.uol.com.br/internacional/ultimas-noticias/the-new-york-times/2016/06/27/americanos-fazem-corrida-ao-ouro-organico-em-solo-cubano.html>>. Acessado em 9/11/2016.

SOUSA, R. G.; MACHADO, A. L.; RODRIGUEZ, N. P. La Geografía en la Universidad Cubana: logros, dificultades y desafíos de la enseñanza de una ciencia comprometida con el desarrollo económico y social de una sociedad en transformación. *Anales de Geografía de la Universidad Complutense*, Madrid, v. 29, n. 1, p. 203-19, 2009. Disponível em:

<<http://revistas.ucm.es/index.php/AGUC/article/viewFile/AGUC0909120203A/30812>>. Acessado em 09/01/2017.

O ESTADO DE S. PAULO. Cuba autoriza investimentos de empresas na zona especial de Mariel. *O Estado de S. Paulo*, Internacional, Havana, 14 julho 2015.

Disponível em:
<<http://internacional.estadao.com.br/noticias/geral,cuba-autoriza-investimentos-de-empresas-na-zona-especial-de-mariel,1725238>>. Acessado em 12/11/2016.

ONEI - OFICINA NACIONAL DE ESTADÍSTICA E INFORMACIÓN DA REPÚBLICA DE CUBA. Disponível em ível em: <<http://www.one.cu/>>. Acessado em 25 jan 2017.

OLIVA, J M. F. Cuba año 2025. Cuba año 2025. Ensayo histórico-social. Premio Casa de las Américas. Fondo editorial Casa de las Américas, 2015 – 205 p.

RIBEIRO, A. S. M. “Vai crédito hoje?”: do “curto-circuito” ao blackout da reprodução crítica do capital fictício em São Paulo. 2015. (Mestrado em Geografia Humana) - *Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas*, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015. 213p

RIBEIRO, A. S. M. (2022). Da unidade terrestre à totalidade capitalista: um ensaio crítico da geografia. *Boletim Paulista De Geografia*, 1(107), 96–120.

Toledo, C. de A., Boechat, C. A., & Heidemann, H. D. (2012). VINTE ANOS DE UM GRUPO DE ESTUDOS DO LABUR – CRISE E CRÍTICA DO SISTEMA FETICHISTA PRODUTOR DE MERCADORIA E DA MODERNIZAÇÃO RETARDATÁRIA BRASILEIRA. *Revista Do Departamento De Geografia*, 154-170. <https://doi.org/10.7154/RDG.2012.0112.0009>

UNIVERSIDADE DE LAHABANA; FACULTAD DE GEOGRAFÍA. Doctorado en Ciencias Geograficas. Sítio eletrônico. Disponível em < <http://www.geo.uh.cu>>. Acessado em 22/01/2017.

VASCONCELOS, J. S. Acumulação socialista originária e o debate econômico da transição em Cuba. *Leituras de Economia Política*, Campinas, n. 19, p. 21-49, dez. 2011.

VASCONCELOS, Joana Salém. História agrária da revolução cubana: dilemas do socialismo na periferia - 1. ed. São Paulo: Alameda, 2016.

VÁZQUEZ, K. Manual para comprar casa em Cuba. *El País*, Internacional, 13 out 2015. Disponível em:

<http://brasil.elpais.com/brasil/2015/10/12/internacional/1444657339_346883.html>. Acessado em 31/01/2017.

Demais sites acessados

Acervo histórico de Maggie Blanck, disponível em <http://maggieblanck.com/BrooklynRedHook/Pioneer.html>, acessado em 3 de setembro de 2023.

Gaceta Oficial publica resolución que autoriza comercialización de carne bovina, leche y derivados | Cubadebate. Disponível em: <https://www.mep.gob.cu/sites/default/files/Documentos/Gaceta%20Oficial%20publica%20resoluci%C3%B3n%20que%20autoriza%20comercializaci%C3%B3n%20de%20carne%20bovina.pdf>. Acessado em 3 de setembro de 2023.

[DISCURSO PRONUNCIADO POR EL COMANDANTE FIDEL CASTRO RUZ, PRIMER SECRETARIO DEL COMITE CENTRAL DEL PARTIDO COMUNISTA DE CUBA Y PRIMER MINISTRO DEL GOBIERNO REVOLUCIONARIO, EN EL ACTO CONMEMORATIVO DEL XI ANIVERSARIO DE LA ACCION DEL 13 DE MARZO DE 1957, EFECTUADO EN LA ESCALINATA DE LA UNIVERSIDAD DE LA HABANA, EL 13 DE MARZO DE 1968.](http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/1968/esp/fl130368e.html) Disponível em <http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/1968/esp/fl130368e.html>. Acessado em 3 de setembro de 2023.

Conducta impropia Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=4KoqvBuk9mc&t=9s>. Acessado em 18 de setembro de 2023.

Población Opina - Libre Acceso. Canal Habana. Ciber Cuba, 23 de julho de 2022. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=507v_Yao0Nc. Acessado em 18 de fevereiro de 2023.

Mapa de los 15 municipios de La Habana. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/262591391_Efectividad_de_formulaciones_de_insecticidas_para_el_control_de_adultos_de_Aedes_aegypti_en_La_Habana_Cuba/download. Acessado em 11 de abril de 2023.

Instituto Cubano de Radio y Televisión. TELEVISIÓN CUBANA. Disponível em: <https://www.icrt.gob.cu/tv/>. Acessado em 16 de maio de 2023.

Instituto Cubano de Radio y Televisión. RADIO CUBANA. Disponível em: <https://www.icrt.gob.cu/radio/>. Acessado em 16 de maio de 2023.

CUBADEBATE. Directorio Prensa. Disponível em: <http://www.cubadebate.cu/prensa-cuba/>. Acessado em 16 de maio de 2023.

Instituto Cubano de Radio y Televisión. TELEVISIÓN CUBANA. Disponível em: <https://www.icrt.gob.cu/tv/>. Acessado em 16 de maio de 2023.

CUBADEBATE. Consejo Editorial. Disponível em <http://www.cubadebate.cu/editores/>. Acessado em 16 de maio de 2023

Lineamientos de la política económica y social del Partido y la Revolución disponíveis em <http://www.cuba.cu/gobierno/documentos/2011/esp/1160711i.pdf>. Acessado em 3 de setembro de 2023.

Somos Continuidad. Portal Provincial de Ciego de Ávila, Cuba. Disponível em: <https://www.ciegodeavila.gob.cu/es/otras-direcciones-provinciales/planificacion-fisica/informaciones-planificacion-fisica/833-somos-continuidad#>. Acessado em 16 de abril de 2023

“Mudar política sobre Cuba não é prioridade para Biden, diz porta-voz”. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/efe/2021/04/16/mudar-politica-sobre-cuba-nao-e-prioridade-para-biden-diz-porta-voz.htm>. Acessado em 10 de junho de 2023.

Cuba usa harina de arroz para hacer embutidos y condimentos (directoriocubano.info). https://www.directoriocubano.info/actualidad/cuba-usa-harina-de-arroz-para-hacer-embutidos-y-condimentos/?__cf_chl_tk=I7H2QL4fqHZtGTfHMyeHymzFIbNpGsZboKEwv4GUKdo-1686614208-0-gaNycGzNDBA. Acessado em 3 de setembro de 2023.

Utilización De Harina De Arroz En Mortadela (researchgate.net). https://www.researchgate.net/publication/318887914_Utilizacion_De_Harina_De_Arroz_En_Mortadela. Acessado em 3 de setembro de 2023.

<https://www.ecured.cu/ETECSA#Historia>. Acessado em 20 de junho de 2023.

¿Qué pasa con la conexión?: Etecsa responde. Cubadebate. Disponível em: <http://www.cubadebate.cu/noticias/2023/02/01/que-pasa-con-la-conexion-etecsa-responde/>. Acessado em 27 de setembro de 2023.

ETECSA: <https://www.etecsa.cu/es/promocion-cuenta-nauta>. Acessado em 27 de setembro de 2023.

¹Autoridades de Cuba elogian avance de cable submarino hasta Martinica | Cubadebate. Disponível em: <http://www.cubadebate.cu/noticias/2023/01/10/llega-a-martinica-cable-submarino-emp-orange/>. Acessado em 27 de setembro de 2023.

Manifiesto San Isidro, disponível em: https://www.14ymedio.com/cultura/Manifiesto-San-Isidro_CYMFIL20180917_0001.pdf. Acessado em 27 de setembro de 2023.

De la intervención policial en San Isidro a la protesta en el Ministerio de Cultura: 48 horas históricas en Cuba | elTOQUE. Disponível em: <https://eltoque.com/de-la-intervencion-policial-en-san-isidro-a-la-protesta-en-el-ministerio-de-cultura-48-horas-historicas-en-cuba>. Acessado em 28 de setembro de 2023

Lula em Cuba: Escassez econômica, êxodo migratório e repressão ameaçam ditadura castrista - Estadão (estadao.com.br). Disponível em: <https://www.estadao.com.br/internacional/lula-em-cuba-escassez-economica-exodo-migratorio-e-repressao-ameacam-ditadura-castrista/>. Acessado em 28 de setembro de 2023.

Luis Manuel Otero Alcántara: autoridades de Cuba irrumpen en la vivienda del artista opositor que realizaba una huelga de hambre y lo trasladan a un hospital - BBC News Mundo. Disponível em <https://www.bbc.com/mundo/noticias-america-latina-56966449>. Acessado em 29 de outubro de 2023.

Artista dissidente cubano recebe alta após 29 dias hospitalizado | Mundo | G1 (globo.com). <https://g1.globo.com/mundo/noticia/2021/05/31/artista-dissidente-cubano-recebe-alta-apos-29-dias-hospitalizado.ghtml>. Acessado em 28 de setembro de 2023.

Captura de tela (24'14'') do vídeo referente ao programa *Noticero Estelar*; transmitido no dia 3 de maio de 2021. Disponível em rede social oficial do Cubadebate: <https://www.facebook.com/cubadebate/videos/210464970601296>. Acessado em 21/05/23.

<http://mesaredonda.cubadebate.cu/noticias/2021/06/03/hoy-en-la-mesa-redonda-ensayos-clinicos-estudios-e-intervencion-sanitaria-con-candidatos-vacunales-cubanos/>. Acessado em 28 de setembro de 2023.

<http://www.cubadebate.cu/noticias/2021/08/25/cuba-reporta-8-637-nuevos-casos-de-covid-19-y-96-fallecidos-video/>. Acessado em 28 de setembro de 2023.

Pesquisa feita segundo dados diários fornecidos pelo Ministerio de Salud Pública de Cuba, disponível em <https://salud.msp.gob.cu/>. Acessado em 2 de novembro de 2021.

Patria y Vida. Videoclipe disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=pP9Bto5lOEQ>. Acessado em 28 de setembro de 2023.

Patria o muerte por la vida. Resposta artística ao pop rap criado após o evento de 27 de novembro de 2020. Este último está disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=Xu4Huw3i-IE>. Acessado em 28 de setembro de 2023.

<https://www.prisonersdefenders.org/2022/04/07/1204-prisioneros-politicos-en-cuba-en-12-meses-presos-politicos/>. Acessado em 28 de setembro de 2023.

<https://noticiascubanas.com/2021/08/18/el-adios-a-los-precios-topados-cuba-prueba-a-medias-la-formula-vietnamita/>. Acessado em 28 de setembro de 2023.

Informações transmitidas em artigo do Cubadebate, disponível em: </noticias/2022/06/24/informan-sobre-proceso-penal-donde-fueron-juzgados-los-ciudadanos-luis-manuel-otero-alcantara-y-maikel-castillo-perez/>. Acessado em 28 de setembro de 2023.

Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=TVornWcWTAgt=17s>. Acessado em 28 de setembro de 2023.

LIMA, 2021 - 'Lei da mordaza': as novas normas em Cuba que criminalizam quem fala mal do governo nas redes sociais - BBC News Brasil . Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-58280506>. Acessado em 28 de setembro de 2023.

Informações disponíveis em: <http://www.cubadebate.cu/especiales/2021/08/23/la-constitucion-y-el-decreto-ley-35-de-las-telecomunicaciones-primera-parte/>. Acessado em 28 de setembro de 2023.

RIBEIRO, A. S. M. Sobre os protestos de 11 de julho em Cuba: Primeiras reflexões sobre a crise a partir do trabalho de campo, 2021. Disponível em: https://www.academia.edu/60882193/Sobre_os_protestos_de_11_de_julho_em_Cuba_Primeiras_reflexoes_sobre_a_crise_a_partir_do_trabalho_de_campo

Convenio Integral de Cooperación entre la República d Cuba y la República Bolivariana de Venezuela. Disponível em: <https://docs.venezuela.justia.com/federales/leyes-internacionales/convenio-integral-de-cooperacion-entre-la-republica-d-cuba-y-la-republica-bolivariana-de-venezuela.pdf>. Acessado em 13 de agosto de 2023.

Prensa Latina. Venezuela-Cuba: unidos a 22 años del Convenio Integral de Cooperación. Disponível em: <https://www.prensa-latina.cu/2022/10/30/venezuela-cuba-unidos-a-22-anos-del-convenio-integral-de-cooperacion>. Acessado em 15 de agosto de 2023.

Preços de petróleo, volatilidade e incerteza econômica – 1ª Parte - Cenários Energia - Petróleo (editorabrasilenergia.com.br). Disponível em: https://cenariospetroleo.editorabrasilenergia.com.br/precos-de-petroleo-volatilidade-e-incerteza-economica-1a-parte/#_ftn1. Acessado em 28 de setembro de 2023.

Programa Mesa Redonda, de 22 de agosto de 2022. Disponível em <https://www.youtube.com/user/mesaredondacuba>. Acessado em 28 de setembro de 2023.

Centrales flotantes turcas en Cuba, otro asunto «estratégico» del que poco se sabe | elTOQUE. Disponível em: <https://eltoque.com/centrales-flotantes-turcas-en-cuba-otro-asunto-estrategico-del-que-poco-se-sabe>. Acessado em 28 de setembro de 2023.

Projeto da nova Constituição cubana. Disponível em: [http://www.granma.cu/file/pdf/gaceta/2018_07_25%2021_10%20Tabloide%20Constituci%C3%B3n%20\(sin%20precio\)%20B&N.pdf](http://www.granma.cu/file/pdf/gaceta/2018_07_25%2021_10%20Tabloide%20Constituci%C3%B3n%20(sin%20precio)%20B&N.pdf). Acessado em 3 de setembro de 2023.

Autoridades de Cuba destacan aprobación del Código de las Familias - Prensa Latina (prensa-latina.cu). Disponível em: <https://www.prensa-latina.cu/2022/09/26/autoridades-de-cuba-destacan-aprobacion-del-codigo-de-las-familias>. Acessado em 28 de setembro de 2023.

Disponível em <https://elestadocomotal.com/2020/05/23/recuperando-el-turismo-en-medio-de-la-mayor-crisis-economica-global-desde-1929-un-viaje-sin-mapas/>. Acessado em 28 de setembro de 2023.

Bairros Centrais de Havana. Disponível em <https://mapasblog.blogspot.com/2012/09/mapas-de-havana-cuba.html>, acessado em junho de 2019.

Quartos para alugar em Havana, segundo o Airbnb. Disponível em <https://www.airbnb.com.br/s/Havana—Cuba> acesso em junho de 2019.

Migration Policy Institute. Disponível em: <https://www.migrationpolicy.org/article/inmigrantes-cubanos-en-los-estados-unidos#:~:text=es%20el%202021.45.3%20millones%20de%20inmigrantes%20estadounidenses>. Acessado em 28 de setembro de 2023.

Nota sobre financiamento à exportação de serviços (bndes.gov.br). Disponível em: <https://www.bndes.gov.br/wps/portal/site/home/imprensa/noticias/conteudo/nota-sobre-financiamento-a-exportacao-de-servicos>. Acessado em 28 de setembro de 2023.

Opinião do Partido Comunista de Cuba expressa no *Granma* em janeiro de 2017. Ver mais em <http://pt.granma.cu/cuba/2017-01-05/mariel-exemplo-tangivel-de-modernizacao>. Acessado em 28 de setembro de 2023.

¹<http://www.ecmmariel.cu/es/contenido/quienes-somos>, acesso em 29 de junho de 2019.

<https://www.elfinanciero.com.mx/empresas/mexicana-richmeat-la-primera-empresa-autorizada-en-cuba>, acesso em 29 de junho de 2019.

[INAUGURADA LA PLANTA DE RICHMEAT DE CUBA EN LA ZED MARIEL | Zona Especial de Desarrollo Mariel](https://www.zedmariel.com/noticias/inaugurada-la-planta-de-richmeat-de-cuba-en-la-zed-mariel). Disponível em <https://www.zedmariel.com/noticias/inaugurada-la-planta-de-richmeat-de-cuba-en-la-zed-mariel>. Acessado em 28 de setembro de 2023.

<http://www.zedmariel.com/es/profood-service-sa>, acesso em 29 de junho de 2019.

<http://pt.granma.cu/cuba/2019-01-14/presidente-diaz-canel-visita-o-maior-empreendimento-estabelecido-ate-o-momento-na-zona-especial-de-desenvolvimento-de-mariel>. Acesso em 29 de junho de 2019

<http://pt.granma.cu/cuba/2019-01-14/presidente-diaz-canel-visita-o-maior-empreendimento-estabelecido-ate-o-momento-na-zona-especial-de-desenvolvimento-de-mariel>. Acessado em 28 de setembro de 2023.

Informações disponíveis em: Zona Especial de Desarrollo Mariel | Una puerta abierta al mundo (zedmariel.com). <https://www.zedmariel.com/index.php/>. Acessado em 28 de setembro de 2023.

SANCHES, M. Porto de Mariel: com área 50% vazia, cubanos esperam ajuda de 'irmão' Lula para atrair empresas brasileiras - BBC News Brasil. 15 de setembro de 2023. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/articles/c80y2grzpnqo>. Acessado em 28 de setembro de 2023.

<https://www1.folha.uol.com.br/mercado/2018/12/governo-desembolsa-r-23-mi-para-cobrir-um-calote-de-cuba-no-bndes.shtml> ; <https://g1.globo.com/economia/noticia/2018/12/21/cuba-da-calote-de-us-6-milhoes-no-brasil-diz-agencia.ghtml>. Acessado em 28 de setembro de 2023.

<https://economia.estadao.com.br/noticias/geral,venezuela-e-cuba-tem-r-2-3-bi-em-atraso-com-bndes,70002778793>. Acessado em 28 de setembro de 2023.

CESTARO, Heitor. Ministério confirma gasto a fundo perdido para Cuba (porto de Mariel) <https://heitorcestaro.jusbrasil.com.br/noticias/122185527/ministerio-confirma-gasto-a-fundo-perdido-para-cuba-porto-de-mariel>. Acessado em 28 de setembro de 2023.

NEDER, Vinícius. Venezuela e Cuba têm R\$ 2,3 bi em atraso com o BNDES. Disponível em <https://economia.estadao.com.br/noticias/geral,venezuela-e-cuba-tem-r-2-3-bi-em-atraso-com-bndes,70002778793>. Acessado em 28 de setembro de 2023.

<https://www1.folha.uol.com.br/mercado/2018/12/governo-desembolsa-r-23-mi-para-cobrir-um-calote-de-cuba-no-bndes.shtml>. Acessado em 28 de setembro de 2023.

<https://www.gov.br/planalto/pt-br/acompanhe-o-planalto/noticias/2023/09/presidente-viaja-para-cupula-em-cuba-e-assembleia-da-onu-nos-eua>. Acessado em 28 de setembro de 2023.

<https://economia.estadao.com.br/noticias/geral,venezuela-e-cuba-tem-r-2-3-bi-em-atraso-com-bndes,70002778793>. Acessado em 28 de setembro de 2023.

<https://economia.estadao.com.br/noticias/geral,venezuela-e-cuba-tem-r-2-3-bi-em-atraso-com-bndes,70002778793>. Acessado em 28 de setembro de 2023.

https://www.em.com.br/app/noticia/internacional/2019/05/02/interna_internacional,1050561/uepromete-reagir-a-aplicacao-da-lei-americana-helms-burton-sobre-cuba.shtml, acessado em julho de 2019.

“*Lo que debe saber sobre los nuevos salarios, tributos, pensiones y prestaciones de la seguridad social*”, disponível em <http://www.cubadebate.cu/noticias/2020/12/12/lo-que-debe-saber-sobre-los-nuevos-salarios-tributos-pensiones-y-prestaciones-de-la-seguridad-social-video/>. Acessado em 28 de setembro de 2023.

<http://www.cubadebate.cu/especiales/2021/05/05/cuatro-meses-de-ordenamiento-monetario-en-cuba-ajustes-y-correcciones/>. Acessado em 28 de setembro de 2023.

, A. *Siete hitos economicos que marcaron 2020 en Cuba*, disponível em <https://eltoque.com/siete-hitos-economicos-que-marcaron-2020-en-cuba>. Acessado em 28 de setembro de 2023.

BARRÍA, C. 'Nunca vi algo assim': a escassez global de produtos que ameaça o mundo e o seu bolso. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-58209471>. Acessado em 28 de setembro de 2023.

“Mudar política sobre Cuba não é prioridade para Biden, diz porta-voz”. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/efe/2021/04/16/mudar-politica-sobre-cuba-nao-e-prioridade-para-biden-diz-porta-voz.htm>. Acessado em 28 de setembro de 2023.

Ordenamiento monetario: en Cuba nadie quedará desamparado, disponível em: <http://www.acn.cu/actualidad/73972-ordenamiento-monetario-en-cuba-nadie-quedara-desamparado>. Acessado em 28 de setembro de 2023.

[Tasas de cambio | elTOQUE](https://eltoque.com/tasas-de-cambio-de-moneda-en-cuba-hoy#informal-calculadora). Disponível em: <https://eltoque.com/tasas-de-cambio-de-moneda-en-cuba-hoy#informal-calculadora>. Acessado em 28 de setembro de 2023.

<http://www.cubadebate.cu/noticias/2021/06/10/directivos-del-banco-central-de-cuba-y-de-la-cancilleria-comparecen-en-la-mesa-redonda/>. Acessado em 28 de setembro de 2023.

<http://www.cubadebate.cu/noticias/2021/06/11/cuba-y-acreedores-del-club-de-paris-ajustan-deuda-de-mediano-y-largo-plazos/>. Acessado em 28 de setembro de 2023.

<http://www.cubadebate.cu/noticias/2023/04/10/se-aceptaran-nuevamente-dolares-en-efectivo-en-los-bancos-e-instituciones-financieras-no-bancarias/>. Acessado em 28 de setembro de 2023.

<http://www.cubadebate.cu/especiales/2022/10/18/cola-cu-ii-de-la-utopia-a-la-practica-y-el-papel-de-los-lcc-fotos/>. Acessado em 28 de setembro de 2023.

<https://noticiascubanas.com/2021/08/18/el-adios-a-los-precios-topados-cuba-prueba-a-medias-laformula-vietnamita/>. Acessado em 28 de setembro de 2023.

<http://www.cubadebate.cu/noticias/2019/09/11/presidente-diaz-canel-informa-nuevas-medidas-ante-situacion-energetica-de-cuba/>. Acessado em 28 de setembro de 2023.

VALDIVIA, A. *Siete hitos economicos que marcaron 2020 en Cuba*, disponível em <https://eltoque.com/siete-hitos-economicos-que-marcaron-2020-en-cuba>. Acessado em 28 de setembro de 2021.

<https://www.bc.gob.cu/noticia/gobierno-cubano-informa-nuevas-medidas-para-las-ventas-de-mercancias-en-mlc/783>. Acessado em 28 de setembro de 2023.

¿Cómo se implementará el nuevo mercado cambiario en Cuba? (+ Video) | Cubadebate. Acessado em 28 de setembro de 2023.

Detalles de la canasta familiar normada, la entrega de módulos y materiales de la construcción | Cubadebate. Disponível em: <http://www.cubadebate.cu/noticias/2022/10/04/detalles-de-la-canasta-familiar-normada-la-entrega-de-modulos-y-materiales-de-la-construccion/>. Acessado em 28 de setembro de 2023.

<https://www.cubatrade.org/blog/2021/9/30/gkve0fr68iwam1uqjjuymnmeav9rke>. Acessado em 28 de setembro de 2023.

Creación y constitución de MIPYMES en Cuba | Trámites en Cuba (cubatramite.com). Disponível em: <https://www.cubatramite.com/creacion-y-constitucion-de-mipymes-en-cuba/>. Acessado em 28 de setembro de 2023.

¿Cómo funcionan las Mipymes en Cuba y por qué generan tanta controversia? (vozdeamerica.com). Disponível em: <https://www.vozdeamerica.com/a/como-funcionan-mipymes-cuba-/7159880.html>. Acessado em 28 de setembro de 2023.

[Listado de MIPYMES y CNA hasta 22.06.23.pdf \(gob.cu\)](https://www.mep.gob.cu/sites/default/files/Documentos/Archivos/Listado%20de%20MIPYMES%20y%20CNA%20hasta%2022.06.23.pdf). Disponível em: <https://www.mep.gob.cu/sites/default/files/Documentos/Archivos/Listado%20de%20MIPYMES%20y%20CNA%20hasta%2022.06.23.pdf>. Acessado em 28 de setembro de 2023.

<https://d-cuba.com/transfervovil>. Acessado em 28 de setembro de 2023

<https://www.vozdeamerica.com/a/como-funcionan-mipymes-cuba-/7159880.html>. Acessado em 28 de setembro de 2023.

[¿Qué es Gaesa, el consorcio empresarial de los militares de Cuba señalado por Donald Trump y cuál es su peso en la economía de la isla? - BBC News Mundo](https://www.bbc.com/mundo/noticias-america-latina-40298131). Disponível em: <https://www.bbc.com/mundo/noticias-america-latina-40298131>. Acessado em 28 de setembro de 2023.

Taxa de câmbio no mercado paralelo e informal de divisas, referente ao dia 2 de outubro de 2023, segundo *El toque*. Disponível em: <https://eltoque.com/tasas-de-cambio-de-moneda-en-cuba-hoy#informal-historico>. Acessado em 2 de outubro de 2023.

Sanciones a la venta ilegal de divisas en el Código Penal de Cuba (directoriocubano.info). Disponível em: <https://www.directoriocubano.info/panorama/sanciones-a-la-venta-ilegal-de-divisas-en-el-codigo-penal-de-cuba/>. Acessado em 2 de outubro de 2023.

Our World in Data”, disponível em: <https://ourworldindata.org/grapher/physicians-per-1000-people>. Acessado em 18 de agosto de 2023.

Cifras y datos de la migración cubana en Estados Unidos y el mundo (cnn.com). Disponível em: <https://cnnespanol.cnn.com/2021/07/19/cifras-datos-migracion-cubana-estados-unidos-mundo-orix/>. Acessado em 28 de setembro de 2023.

Obama acaba com medida que dá residência aos cubanos que chegam aos EUA | Internacional | EL PAÍS Brasil (elpais.com). Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2017/01/12/internacional/1484257647_081706.html. Acessado em 28 de setembro de 2023.

La emigración cubana hacia los Estados Unidos de 1860 a 2019: un análisis estadístico y comparativo (openedition.org). Disponível em: <https://journals.openedition.org/etudescaribeennes/21355#tocto2n13>. Acessado em 28 de setembro de 2023.

Nicarágua libera visto para cubanos - 23/11/2021 - UOL Notícias. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/afp/2021/11/23/nicaragua-libera-visto-para-cubanos.htm>. Acessado em 28 de setembro de 2023.

Cuba: 4 razões que explicam a histórica emigração da ilha aos EUA em 2022 - BBC News Brasil. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-64113084>. Acessado em 28 de setembro de 2023.

Article: Inmigrantes cubanos en los Estados Unidos | migrationpolicy.org. Disponível em: <https://www.migrationpolicy.org/article/inmigrantes-cubanos-en-los-estados-unidos>. Acessado em 28 de setembro de 2023.

EUA aliviam restrições a Cuba – DW – 17/05/2022. Disponível em: <https://www.dw.com/pt-br/eua-aliviam-restri%C3%A7%C3%B5es-a-cuba/a-61822078>. Acessado em 28 de setembro de 2023.

Havana Consulting Group Disponível em: <https://cubasiglo21.com/cuba-gaesa-y-el-colapso-del-regimen/>. Os dados de emigração veiculados pelo relatório do grupo pode ser encontrado em: <https://drive.google.com/file/d/1D5AMrJDI0P4nLX2yDsHVwj1YK0JLbwqA/view>. Acessado em 28 de setembro de 2023.

<https://cubasiglo21.com/cuba-gaesa-y-el-colapso-del-regimen/>. Acessado em 28 de setembro de 2023.

https://diariodecuba.com/economia/1695138743_49847.html. Acessado em 28 de setembro de 2023.

<https://eltoque.com/turismo-para-que-la-empecinada-apuesta-del-gobierno-cubano>. Acessado em 28 de setembro de 2023.

O Observatorio Cubano de Conflictos Disponível em <https://observatoriocubano.com/2022/11/01/cuba-589-protestas-octubre/>. Acessado em 28 de setembro de 2023.

<http://media.cubadebate.cu/wp-content/uploads/2020/12/goc-2020-ex68.pdf>. Acessado em 28 de setembro de 2023.